

















JOSE RICARDO

1 EDUARDO

Rio

6 DE OUTUBRO 1913

→







Rio de Janeiro, Quinta-feira, 9 de Maio de 1895.

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA  
ANNO . . . . . 48\$000  
SEMESTRE . . . . . 25\$000  
AVULSO 1\$000  
Escritorio, Rua Ouvidor 115

# A CIGARRA

HEBDOMADARIO

Il est hyver; danse, fainéante.  
Appren des bestes, mon ami.

Baif.

Redacção de *Olavo Bilac*, ilustrações de *Julião Machado*

Administração de *Manoel Ribeiro Junior*

Que é isto?

Um circumspecto naturalista, ageitando sobre o nariz os oculos graves, diria logo, com a sua fanhosa voz de oraculo: « Cigarra? insecto da ordem dos Hemipteros, da familia dos Cicadarios: tem tres olhos, antenas providas de seis articulações, um órgão musical situado na base do abdomen: nas femeas, esse órgão musical... » (\*) E iria por diante, assoalhando uma erudição capaz de metter inveja ao dr. Emilio Göeldi.

Um burguez severo, homem pratico, agarrado á terra como uma hera a um muro, diria, dando á face um ar prophético: « Cigarra? um bichinho incommodo, e tolo, que durante o verão apunhala os ouvidos da gente... De resto, animal de vida immoral e desregrada: auctores serios dizem que quando acaba o verão, se vê obrigada a pedir esmolas á formiga. » E, passando das cigarras aos homens, acharia meio de fallar do cambio, e de blasfemar contra os partidarios do recuo forçado.

Um poeta, com o olhar babado de ideal, e a voz quebrada de soluços, suspiraria: « Oh! a cigarra! alma do estio! voz saudosa da tarde! garganta verde da matta! tambem o coração do poeta canta até estourar... »

(\*) Estas informações são extrahidas da obra *The Cigale*, do sabio William Shorchman, chegado ao Brasil na comitiva de Pedro Alvares Cabral em 1500.







Nós, porém, e o publico, só queremos saber que *A Cigarra* é um jornal illustrado, que não tem programma nenhum e terá muitos assignantes. Esta cigarra vae cantar emquanto para isso houver forças; e as forças não faltarão emquanto o dinheiro chover dentro d'este escriptorio, como já está chovendo.

Amigos! o tempo dos romantismos passou. Póde-se amar, ao mesmo tempo, o *calembourg* e o *paté de foie gras*, as facecias de Gil Blas de Santilhana e as apolices da divida publica, os bellos olhos de uma mulher e o seu dote. Nós estimamos a propriedade: no dia em que tivermos casa propria e uma tiragem de 200.000 exemplares, nem por isso nos consideraremos incompatibilizados com a Graça e a Alegria, fontes perpetuas do rejuvenescimento.

Os casos de cantoras, que, como a Candiani, acabam n'um casebre de Santa Cruz ou alhures, depois de haverem embasbacado gerações de melomanos, pertencem á Historia Antiga. Se Deus nos ajudar e as notas do banco da Republica continuarem a cahir nas mãos do nosso caixa, nós, fugindo de imitar a cigarra de Lafontaine, que,

.... ayant chanté  
tout l'été,  
se trouva fort dépourvue  
quand la bise fut venue,

poderemos mesmo socorrer todas as formigas do universo, pagando-lhes em bem o mal que uma d'ellas fez á nossa veneranda ascendente da fabula.

Para realisar esse risonho ideal, começa esta *Cigarra* a desprezar o exemplo da outra, que só no estio cantava. Abre o seu grito, justamente quando, nos jardins, estão abrindo as primeiras camelias do



Não sei se houve mais alguém que tivesse, ha dias, saudade do papo de tucano que o imperador punha ao peito, quando ia abrir as camaras. Agora, não ha imperador, não ha papo, não ha coches de gala, não ha fardas verdes com folhagem de ouro; ha uma simples mensagem, lida seccamente por um secretario.

inverno, e, no S. Pedro de Alcantara, estão abrindo os primeiros *duetos* da estação lyrica. Quando chegar o tempo quente (ó almas presagas! volvamos os olhos para Cambuquira!...) *A Cigarra* fará o que fez no tempo frio.

Ah! na vida das cigarras, como na vida dos homens, a natureza faz saltos (quem foi o homem futil que disse o contrario?) Hoje, as cantoras zombam das maldições e das prophecias do velho Lafontaine. E' que, no tempo d'esse conselheiro Acacio dos animaes, ainda não haviam raiado no horizonte da vida theatral estas duas miraculosas invenções: os principes russos, que casam com as Patti, e o xarope de Jatahy que remenda as cordas vocaes das Irene Manzoni. A botica do Honorio e a aristocracia do Volga são as companhias de seguro de voz, a que recorrem as cigarras estrompadas pelo abuso do garganteio.

Mas *A Cigarra* espera ficar donzella, para eterna furia da Russia, e livre do Jatahy, para furia eterna da botica. Casará platonicamente com o favor publico, e, graças a uma rigorosa hygiene matrimonial, (leia-se: graças a uma despotica administração do Manoel Ribeiro), atravessará invernos e verões, estridulando e cantando.

Parece que não é preciso dizer mais nada: *A Cigarra* quer dar mais do que o que promete. Abram-nos espaço a fulgurante *Noticia*, a velha sempre moça *Revista* e o altivo e bello *D. Quixote*. Para todo o mundo ha logar debaixo do sol e... dos quarenta e oito mil réis de assignatura annual.

Deus me livre de ter saudade do imperador: mas, ai de mim! não posso deixar de ter saudade do papo de tucano!

Porque? porque a cousa (desengavetemos dois velhissimos chavões) tinha o sal da oportunidade e tinha côr local. Parecia-me bello e adequado á circumstancia o uso de ir um tucano abrir uma assembléa de periquitos: a solemnidade se revestia assim de um certo caracter zoologico; —dir-se-ia a abertura de uma exposição de ornithologia. Mas tudo passa n'este valle de lagrimas!

Emfim, é de esperar, — tal é a gravidade da situação — que as camaras não sejam este anno aviarios pacificos, mas jaulas de animaes ferozes. O interesse será maior. No horizonte das discussões já

se desenham vagamente garras afiadas como navalhas, prêsas agudas como punhaes. Tanto melhor para a galeria. O povo do Rio de Janeiro em 1895, na era d' *A Cigarra*, é o mesmo povo de Roma em 60, na era de Nero: quer pão e divertimentos, *panem et circenses*. O pão diminue cada vez mais de volume e aumenta cada vez mais de preço: de sorte que essa primeira parte da aspiração popular já vae custando

a ser satisfeita. Restam os divertimentos: esses não faltarão, uma vez que as duas arenas da rua da Misericórdia e do Campo de Sant'Anna começarem a funcionar.

Atenção! de lapis em punho, e ouvido alerta, inauguremos esta chronica politica!

L. F.



Todo o mundo diz que maio é o mez das flores. Já sei. Mas que valem flores? Flores nascem ahi, a cada canto da cidade, em terreiros de estalagens como em parques de palacios, em grandes vasos de faiança nobre como em sujas telhas de trapeiras réles. Flores não fallam, flores não amam, flores não beijam, flores não enganam, como mulheres... E mez das mulheres é que Maio é, — este mez em que, no Rio, começa a gente a sentir a delicia infinita de viver e a ância infinita de amar.

Ao meio-dia, dos arrabaldes longinquos começam os bonds a transportar para a rua do Ouvidor bandos de demonios trefegos, dando aos beijos do sol *toilettes* em que um vivo arco-iris se desdobra, azas de leques palpitando amorosamente, chapéos tufados de rendas e de plumas, tremendo e offegando no ar como grandes passaros captivos. Mez das mulheres... Todos os armarinhos, ás trez da tarde, se enchem de um quente aroma feminino, que entontece e allucina; sapatinhos lepidos, dentro de cujos ninhos macios se agitam pequeninos pés impacientes, batem, saracoteiam entre as cadeiras desarrumadas; nos balcões, sob o olhar tantalico dos caixeiros, as peças de seda rugem, machucadas por mãos que valem mais que todos os teares da China e do Japão; quando e quando, duas amigas se reconhecem: então, as sedas cahem desprezadas, e ha pela sala o vago rumor de beijinhos rapidos... E os caixeiros alongam olhos famintos... Meu Deus! os manicomios devem estar cheios de caixeiros de armarinho, levados á loucura pela embriaguez fulminante d'esse espectáculo!

Mez das mulheres é que Maio é!

Eu, chronista d'esta folha em que o lapis voluptuoso de Julião Machado vae tratar com tanto carinho as curvas dos corpos dessas encantadoras inimigas do meu sexo, quero dar-lhes esta primeira chronica. Tambem, não tenho feito outra cousa, nestes primeiros dias de maio, senão olhal-as. Houve na semana passada manhãs frias e nevoentas, tardes enfarruscadas, retalhadas de bategas de agua: e a rua do Ou-

vidor ficou triste... apenas marmanjos patinando na lama, com os narizes rôxos engrossados pelo coryza, e os pescoços duros congestionados pela angina. Mas não desesperei: não achando mulheres na rua do Ouvidor, fui á rua de Gonçalves Dias, e deixei-me ficar no saguão da Photographica Brasileira, a namorar os retratos. Ha por aquellas paredes carinhas gordas e ridentes, de queixos redondos, em que se adivinham covinhas avelludadas, sepulturas de beijos, cheias de pó de arroz; faces finas e fidalgas, de olhos dominadores e labios frios; rostos espertos, cheios de uma frescura de quatorze annos, em que, sob a formosura acabada da mulher, percebe-se ainda a innocencia e a travessura da creança; e—porque não as mencionar tambem? — faces cheias e animadas, de quarentonas, fructos sazonados, a que o esplendor fecundo do outono dá uma belleza repousada e firme. Ah! os retratos tambem não fallam, bem sei! mas, em dias de chuva, é preciso que os olhos da gente se contentem com o que acham...

E a chuva passou. Agora, o céo vae talvez sorrir por todó o mez, na sua glória de esmalte novo. A noites, polvilhadas de estrelas, de um frio que chama o sangue ás faces, vae forçar as frequentadoras do lyrico ao uso das mantas nobres, do largos capuzes, sob cuja espuma alvissima de rendas e de pelles os olhos brilham com um novo fogo. E... Mas não, tenho interesse nenhum em dizer que outras cousas suaves e deliciosas trarão comsigo as tentadoras noites de maio...

Digo-vos sómente que vou ficar fóra da politica, dos negocios, de tudo. Podem todos os Traipús do Norte e do Sul cahir com fracasso e reerguer-se com lustre! Pódem as ruas alargar-se ou não, á vontade dos partidarios do recúo ou dos partidarios do *statu quo*! Que os noticiarios arfem, carregados de casos de adulterios, de sangue, de roubo, de guerra! Que os cabos telegraphicos se reforcem e desenferugem, transmittindo noticias espantosas, grèves, terremotos, crises, revoluções, amores escandalosos de Oscar Wille e lord Alfred, constipações do rei da Hespanha, pneumonias do duque de Orléans, torcicollis de Felix Faure, rheumatismos de Muley Pachá



Domingo de inverno. Como é doce a meia luz do quarto! Como é quente o aconchego da cama... quando os casacos ainda estão na alvorada do amor! Longe, um sino de igreja canta... E a noite apaixonada se prolonga, invade o dia, vai por elle a dentro, povoada de beijos.

Mas, quando o habito já esfriou os primeiros transportes, só ha um meio de poder ficar na penumbra suave da alcova, sem tédio: é ler *A Cigarra*,

O bom despertar faz o bom dia. Ler jornaes politicos... que horror! Conversar sobre arranjos de casa... shoking! Ler a *Cigarra*! Ler a *Cigarra*! Isto é um jornal feito para bellos olhos e para almas finas. Tambem, se todas as senhoras brasileiras não mandarem assignar *A Cigarra*, poder-se-ha, sem susto, afirmar que a gratidão desapareceu para sempre da face da terra!



Domingo de inverno



# DE PROMPTIDÃO





OS QUE CANTAM

Chorônica Teatral

Theatro S Pedro  
ESTREIA DA  
Companhia Lyrica

Time is money  
Tradução.

As horas custam dinheiro.  
Daqui a RAZÃO PORQUE  
A EMPRESA RESUMIU 24  
horas em 8. De resto  
São as horas de tra-  
balho.  
FEZ UMA ECONOMIA E  
Um.. Symbolo.



VIVAM  
EDMA SERRA.

Com o cambio a 9 a va Tenor  
Perigoso

EMBRAR  
DUM FALSO  
D'ENTÃO.

ASALHA:  
NÃO ha meio de  
se ser um ARCHIMEDES SÉRIO  
com lyricos ASSIM

SE NÃO QUEBRA OS PRAIOS  
E SE NÃO FURA o Bombo  
é porque absolutamente  
não pode

REFLEXÃO. DUMA DAMA RETIRADA SENA:  
UMA DANÇA des horas, apenas! NÃO SABEM  
o que é trabalhar!



carraspanas do Grão Mugol, crises hystericas do imperador Guilherme, indigestões da rianha Victoria. Que a Europa se conflagre ! que a Asia se deixe inundar ! que a Africa, torrada á secca, se desfaça em pó ! Que tenho eu com o resto do mundo ? O mundo para mim é a rua do Ouvidor, radiante viella por onde passa, em ondas que cantam, o rio da belleza humana !

Maio é o mez das mulheres ! Ah ! quem tivera, senhoras do meu destino, donas do meu passado, do meu presente e do meu futuro ! cem olhos para olhar-vos, cem almas para adorar-vos, cem vidas para servir-vos !

São duas horas. E eu a perder tempo !— Julião ! vê aquella morena que alli vae... uma nuvem de aromas rolá em torno d'ella, acompanhando o hymno de seu passo leve... E aquella, Julião ! e aquella loura, cuja bocca se abre e offusca, como uma rosa sanguinea... E aquella... e aquella... e aquella... E todas ellas ! e todas ellas ! Ai ! vida dos meus peccados ! para que precisa o Rio de Janeiro de tanta mulher bonita ! ?

FANTASIO.

## A PROMPTIDÃO

Sou um homem serio ; tenho cincoenta e seis annos de idade ; sou casado ; alimento mulher, tres cunhadas, oito filhos ; sou porteiro de uma repartição publica. Mas não pensem que nasci para tão baixo mister. A Fortuna, que é céga e irresponsavel, atira uma porção de analphabetos para as altas posições, e a mim, homem possuidor de lettras, amante das artes, conhecendo de cór todos os poetas classicos da França e de Portugal, atirou-me, com mulher, cunhadas e filhos para o gráo mais baixo da administração publica. Mas, apesar disso, apesar da idade e das dividas, sou um homem alegre. Mesmo porque o governo passado me fez justiça, dando-me honras de major, pelos serviços que prestei durante a revolta á causa legal, abrindo e fechando todos os dias a porta de uma repartição em que ninguem entrava e de onde ninguem sahia. Feita a minha apresentação, começo.

Na fabula *Les femmes et le secret* de Lafontaine (\*), um marido, querendo experimentar a discrição da consorte, diz-lhe que, depois de sentir dóres terriveis, ...puzera um ovo.

E recommenda-lhe segredo : « olha, filha ! se contas isto a alguem, fico eu na aldeia com uma reputação de gallinha ! » Mas a discreta consorte guarda tão bem o segredo, que, antes do pôr do sol, toda a aldeia sabe que o fecundo senhor poz, não um ovo, mas cem ovos, cinco mil ovos, um Himalaya de ovos. Pena é que um traductor habil não traduza esse apologo, adaptando-o ao Rio de Janeiro, e dando-lhe este titulo mais adequado : *Os fluminenses e o boato*. Dois soldados brigaram, n'uma rua equivocada, em que se cultivam o amor e o vispora baratos. D'ahi a pouco, dizia-se que dois pelotões se haviam entrechocado. Mais tarde, corria que a lucta não fôra entre dois pelotões, mas entre dois regimentos. E quando a população acordou, na manhã seguinte, soube, com espanto, que os quartéis estavam conflagrados ; que as instituições se haviam desmoronado como casas velhas ; que, nas

ruas, juncadas de cadaveres, rolavam rios turbidos de sangue. E' que ao desenvolvimento do boato no Rio de Janeiro, basta uma noite : deem-lhe uma noite, e vêl-o-hão, aberto em galhadas fantasticas, em moitas espessas, crescer, alastrar, cobrir a cidade, como uma floresta fabulosa...

Eu, quando essas terriveis noticias me atordoaram o ouvido, abalei para a rua. Vi que os quartéis não estavam conflagrados : nenhuma bomba do Corpo de Bombeiros rondava as casernas ; vi que as instituições andavam lepidas e frescas, com muito boas cores nas faces e muita firmeza nas pernas ; e, no que diz respeito a cadaveres, só encontrei na rua os meus, que são os mortos mais pacientes e resignados que conheço. Uma só cousa anormal havia na cidade : a promptidão. Promptidão da armada, promptidão do exercito, promptidão da guarda nacional, promptidão do corpo de bombeiros, promptidão de tudo,— até mesmo da industria e do commercio, que, não podendo trabalhar em paz, a todo o momento preparam as malas, prontas para uma viagem ao Cairo, a Malta, a Nazareth, ao Egypto, ( quando chegarás tu, ó cysne da Judia ? ).

E logo, convencido de que a promptidão era para inglez vêr, voltei á casa, afim de me revestir das insignias de major honorario e correr em defesa da patria. A mulher, as cunhadas e os filhos, quando me viram fardado, abriram n'um choro longo, dissuadindo-me da empreza. Eu, porém, muito serio, atalhei : Que hei de fazer, senhoras ? que hei-de fazer, meninos ? sou tambem obrigado a ficar de promptidão ! » E sahi, com uma coragem digna da mãe dos Gracchos. E já na porta, ainda ouvi a voz de minha mulher, dizendo entre gemidos : « Vejam vocês este homem : só em casa é que nunca fica assim ! »

Felizmente, acabou a promptidão ; felizmente, porque já não sou homem para essas safarascadas. Volto á minha porta de secretaria e á leitura dos meus classicos.

SERAPIÃO FAGUNDES

A CIGARRA, com vivo e sincero jubilo, registra o reaparecimento da CIDADE DO RIO, o brilhante jornal de José do Patrocínio. Ao lado desse grande mestre da imprensa fluminense, estão agora Dermeval da Fonseca, uma das mais completas organizações jornalisticas do nosso tempo, o joven artista da palavra escripta Carlos Dias, o nosso distincto collega da *Noticia* José Barbosa, e outros, e outros, e outros... Com esse pessoal de campanha, pôde-se antever o esplendor da batalha em que a *Cidade do Rio* se empenha.

A *Cigarra* publicará no seu segundo numero uma pagina inedita de *Coelho Netto*, com illustrações de Julião Machado.

Tambem podemos assegurar que em um dos proximos numeros, *A Cigarra* brindará os seus leitores com uma pagina desenhada por *Belmiro de Almeida*.

A pagina central do proximo numero :

A PALAVRA FOI DADA AO HOMEM...

( COMO ELLES AS SEDUZEM )

\* Decididamente faz-se um consumo extraordinario de Lafontaine nesta folha !  
(NOTA DA RED.)



# A POLICIA E OS DIABETICOS

Sente-se um homem *apertado*, á sahida do theatro e procura um mictorio.



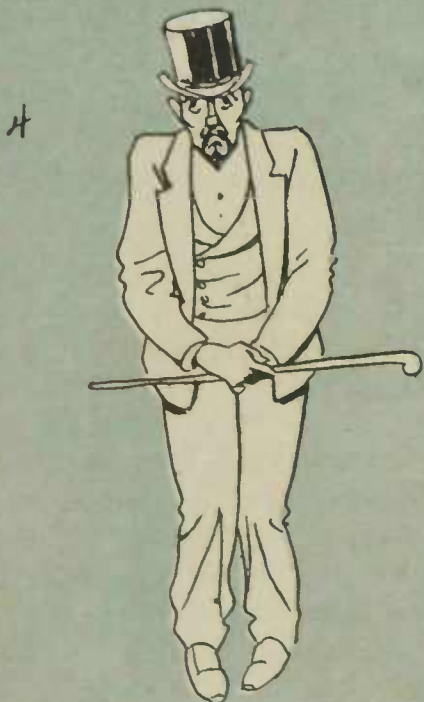
Nada da direita.



Da esquerda, nada!



Supplica ao Céu e como não conhece particularmente o Santo encarregado de proteger os que sahem do theatro *apertados* promette uma be-xiga de porco a todos os santos indistinctamente.



Entretanto o aperto augmenta e como do Céu nenhum mictorio desce.



Elle...



Mas um zelador da moral publica intima-o a parar e a verter 10\$000 que elle não tem...



7

Vae então, como as vezes só a presença d'um revolver produz effeitos revulsivos — o zelador commenta: peor a emenda que o soneto.



J. M. A. 1920



CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

ANNO (52 numeros) . . . . . 48\$000  
SEMESTRE (26 . . . . .) . . . . . 25\$000

AVULSO 1\$000  
Escritorio, Rua Ouvidor 115

# A CIGARRA

Redacção de *Olavo Bilac*,

HEBDOMADARIO illustrado por *Julião Machado*

Editor e proprietario — *Manoel Ribeiro Junior*

ANNO I

Rio de Janeiro, Quinta-feira, 16 de Maio de 1895.

N. 2

## A CIGARRA

Quando, na quinta-feira passada, comecei a cantar, houve um reboiço nesta amada cidade.

Entrei pelas redacções dos jornaes, andei de mesa em mesa, acariciada. Disseram-nos cousas tão amaveis, em noticias tão meigas, que a minha voz treme ainda, commovida: as cigarras não são ingratas e duras como as formigas!

Na rua do Ouvidor, pousei sobre o chapéo alto dos homens serios; esvoacei em torno da cabelleira perfumada das senhoras; dansei sobre o ventre dos capitalistas; metti-me em rodas de artistas e de poetas. E o meu grito alto e fino cantou em todos os ouvidos. Creança malcreada, perturbei negocios, desfiz namoros, atralhei *rendez-vous*, apasiguei conflictos, monopolizei a attenção publica. Na Bolsa, interrompi transacções: um corretor, que jogava na baixa, perdeu o negocio porque ouviu o meu canto em vez de ouvir a cotação dos titulos. Na camara, o sr. Glicerio deixou de responder a um aparte do sr. Serzedello, porque me viu pairando sobre a cabeça d'esse joven pae da patria. E os paes de familia, que me compraram para divertimento da sua gente, escandalisaram a cidade, levando-me comsigo nos bonds, porque o meu grito alto e fino, cantando em todos os ouvidos, dominava o tinir das campainhas, o esturpido das patas, o rumor das conversações, e abria, n'aquella humida tarde de chuva, uma nesga de azul e de sol, de alegria e de saude...

Estou satisfeita! Aqui vae, ó publico! aqui vae, ó imprensa! sobre as minhas azas trefegas, polvilhadas de ouro, todo o meu agradecimento, n'um longo beijo, chuchurreado e sincero.





O resultado de todo esse successo foi que me esgotaram a edição em tres dias: e—palavra de honra!—a edição não era pequena. Algumas almas incontentaveis escreveram-me cartas chorosas, em que, entre amabilidades e elogios, duas accusações serpeavam, como dois áspides entre rosas. Perguntaram-me: «Porque és tão cara, *Cigarra*? *Cigarra*, porque és tão pequena?» Oh! futilidade humana! essas duas accusações são como nuvens que se desfazem ao mais debil sopro de vento.

Eu não me dou mais barato, porque só a minha *toilette* engole, como um oceano, rios e rios de dinheiro. Peçam preços modicos a quem usa chitas e cassas réles: eu só me sinto a gosto, quando me envolvo n'estas sumptuosas sedas da

China, n'estas vaporosas vendas de Malines, n'estes cheirosos linhos de Liverpool... Eu sou para quem póde, meus senhores!

Quanto a ser pequena, isso que tem? Sou leve, mas valho o triplo do meu peso em ouro. De resto, o recente processo de nullidade de casamento, de que tanto tem fallado o *Jornal do Brasil*, veio exuberantemente provar (exuberantemente é um adverbio que não diz muito bem com o caso) que o volume muitas vezes engana. Desconfie do volume!

E, ainda uma vez, saíem que vos amo, ó jornaes, que me acolhestes com abraços e phrases doces! ó publico, que me acolheste com beijos e notas de mil réis!

*Obrigada!* *A Cigarra*



Meu Deus! para que o paginador d'*A Cigarra* não se queixe de mim, tenho de soltar a rédea ao estylo e escrever esta chronica a toda a brida, em 13 de maio, n'um dia feriado, no doce dia em que se commemora a redempção de toda uma raça.

Fosse eu um homem menos dado ao cumprimento do dever e estaria a esta hora, longe d'aqui, em qualquer fazenda do interior, vendo, no terreiro afestado de folhagens de mangueiras e cheio da palpição das flammulas festivas, desenrolar-se a cobra viva de um *batuque* de pretos, esse *cotillon* dos pobres trabalhadores da roça. Mas que digo eu? no Brazil já não ha *batuques*, como já não ha escravos... Os proprios pretos raros, que ainda nos restam, disfarçam cuidadosamente a escuridão da pelle, sob camadas prudentes de pó de arroz. Hoje, as roças estão cheias de allemães rubros, de italianos cabelludos e de chins amarelados. Nos dias de festa, os colonos brancos dansam, ao som de philarmonicas roucas, umas valsas macabras que estão tão longe, ai! de mim! do encanto primitivo e simples do *batuque*, essa melancolica dança barbara, em que os pretos, com os pés nus, sacudidos á cadencia triste do *chique-chique*, esqueciam as amarguras do eito, batendo freneticamente a terra, essa mesma terra em que as suas pobres mãos se magoavam rasgavam, e em que o seu pobre sangue cahia, em borbotões, espirrando á ponta dos chicotes de couro cru!... Não ha mais *batuques*! não ha mais escravos! e é mesmo de crer que em nenhuma fazenda se commemore o Treze de Maio, porque, em geral, os fazendeiros ainda não perdoaram a essa data a perda do commercio negro, que ella lhes causou.

E, se não ha mais *batuques*, consola-te, alma afflicta de chronista! não lucrarias muito com um passeio ás fazendas, e melhor é que passes este dia de gloria nacional entregue a meditações graves.

Veamos! eu bem poderia demorar a attenção em casos politicos... poderia fallar do *Lyrice*, arriscando criticas anticipadas sobre a grande *troupe* que ahi vem, trazida pelo Sr. Freitas Brito, e que, a augurar pela procura que tem tido a assignatura aberta na bella Ourivesaria dos bellos Couceiro & Brito, vae ter espectaculos concorridissimos... poderia desfazer-me em elogios sobre a formosissima revista *O Major* do meu querido amigo, tambem major, Arthur Azevedo, poderia... Mas, perdoai-me! o caso do casamento escandaloso, que, ao cabo de vinte e um annos de realisado, ainda não era o que se póde chamar um verdadeiro casamento,—attrahe a minha penna, como uma sanguessuga, chupando-me toda a chronica.

Um escandalo grande, n'uma tempestade de commentarios, desabou sobre a cidade, quando se espalhou por ella a estupenda noticia. Houve homens que, tapando olhos e ouvidos, pediram á terra que se abrisse para engolilos. Senhoras de idade, ao bafo desse pavoroso successo, acenderam velas a Santa Barbara, e tremeram longamente, como arvores ao sopro de um tufão.

Um juriconsulto do meu conhecimento ponderou: — «é preciso reformar o processo do matrimonio! ninguem compre vinho sem primeiro proval-o!» E consta-me que o Dr. Viveiros de Castro, com um gesto largo de desespero, bradou: «O manes de Lacassagne e de Ferri! porque não demorei eu mais um pouco a publicação dos meus *Attentados ao pudor*?!»

Reflectindo bem sobre o caso, com o escrupulo e a attenção que me merecem estes complicados problemas sociaes, acho que não ha razão para tanto barulho. De que se queixa esta senhora, ó povos alarmados?! Destrinchemos a questão...

Houve um tempo em que a fortuna me sorriu. Vi-me senhor de um pequeno capital (não se espantem!) e entreguei-o a um homem habil, pedindo-lhe que o fizesse render. Ao cabo de tres annos, não achei mais nem o rendimento, nem o capital, nem o homem. Foi então que (isto é a pura verdade, almas incredulas!) vendo-me pobre, dediquei-me a este ignobil officio de escrever chronicas. Claro é que tenho o direito de me queixar do depositario infel, não é assim?

Mas a senhora, que é um dos principaes personagens d'este drama domestico, não está nas mesmas condições. Unindo-se a um homem sério, entregou-lhe o seu capital. Ao cabo de vinte e um annos, o homem, com uma lealdade que não teve o meu depositario, entrega-lhe o capital, intacto e perfeito, tão intacto e tão perfeito como quando o recebeu, á face de Deus e dos homens... De que se queixa a senhora?



Não se póde queixar de não receber juros, porque, quando entregou o capital ao depositario, não lhe pediu que o fizesse vender... De que se queixa então?

Diz-me-hão talvez que sophismo, e que esse capital é um d'aquelles, que a gente tem muito gosto em perder. Mas, perdão! eu, philantropo e philosopho, não posso admittir que se ponham capitaes pela janella fóra. Nomeiem-me já um curador para essa perdularia senhora! O Estado é o tutor nato dos menores e dos loucos. Como? tolerar-se-á que, com a sua queixa, uma senhora abra tão deploravel precedente?

De que se queixa esta senhora, ó povos alarmados?! queixa-se de ter posto o seu capital em uma caixa economica, e de o receber sem alteração, tendo-o durante annos reservado dos varios perigos que, em geral, correm os capitaes d'esse genero — perigos serios, como o de incendio, o de extravio, e mesmo o de arrombamento! Que necessidade!

Decididamente, o mundo anda de pernas para o ar! Volto á minha idéa primeira: porque não fui passar este dia na roça? Na roça, ao menos, as almas são simples e os costumes são claros... Não se veem por lá estas complicações...

*Tantasia*



(FRAGMENTO INEDITO)

Os belluarios, tintos de sangue, talhavam rezes diante dos curros das feras, cavados nas rochas e defendidos por uma grade forte de varões de ferro; quando os eunuchos appareceram trazendo, quasi de rastros, Tamat que chorava supplicante e medrosa.

Os tigres iam e vinham com rugidos soturnos; os leões sentados, olhavam sobranceiramente escancarando a bocca immensa e vermelha em bocejos nervosos; as hyenas, agachadas, passando as patas por entre os varões, uivavam de vez em vez, o pello hispido, os olhos fuzilantes.

Com o apparecimento inesperado dos eunuchos, os belluarios, abandonando as facas sobre as lages ensanguentadas, deixaram, por instantes, o serviço, curiosos do espectáculo que lhes offereciam os escravos sanhudos que arremettiam arrastando a concubina quasi desfallecida. Como ainda não houvesse grande claridade, dois d'elles levantavam brandões, e as largas espadas que traziam relampejavam á luz vermelha dos fachos resinosos. Mudos, como eram, avançaram para os belluarios mostrando a escrava, e logo apontando as jaulas onde as feras esperavam o repasto da manhã.

— Piedade! Piedade! implorava Tamat, de rojo, agarrando-se ás pernas dos eunuchos que insistiam, grugulhando, para que os belluarios a tomassem.

— Para as feras? indagou um d'elles, negro da Ethiopia, alto e forte, limpando ao biceps do braço nú a lamina da faca de carnear. E os eunuchos acenavam com as cabeças, com alegria frenetica de canibae, apontando as jaulas. O ethiope voltou-se para os companheiros com um sorriso mau e todos olhavam; alguns, menos crueis, pareciam commovidos, contemplando a nudez virginal da moça egypcia: mas os eunuchos insistiam com regougos e gestos, para que se cumprisse a ordem do sacerdote, e o negro tranquillamente, friamente adiantou-se, espetando a faca no dorso de um novilho morto, de cujo ventre aberto, sanguineo, pendiam os intestinos e a fressura, e tomou nos braços alentados o corpo fragil de Tamat. A escrava, soluçando, beijava-o para commovel-o; agarrou-se-lhe fortemente ao pescoço e o negro teve um momento de indecisão sentindo o contacto da pequena bocca na pelle aspera do seu rosto; mas os eunuchos, freneticos, agitando os braços, excitavam-no; e o belluario caminhou para a jaula que lhe ficava fronteira, onde um casal de leões, em aconchego de amor, dormia ainda. Dois belluarios, armados de lanças, avançaram para junto da jaula, enquanto um outro fazia correr o fecho da pesada porta de ferro. Os animaes, ao fundo, mal descerravam as palpebras.

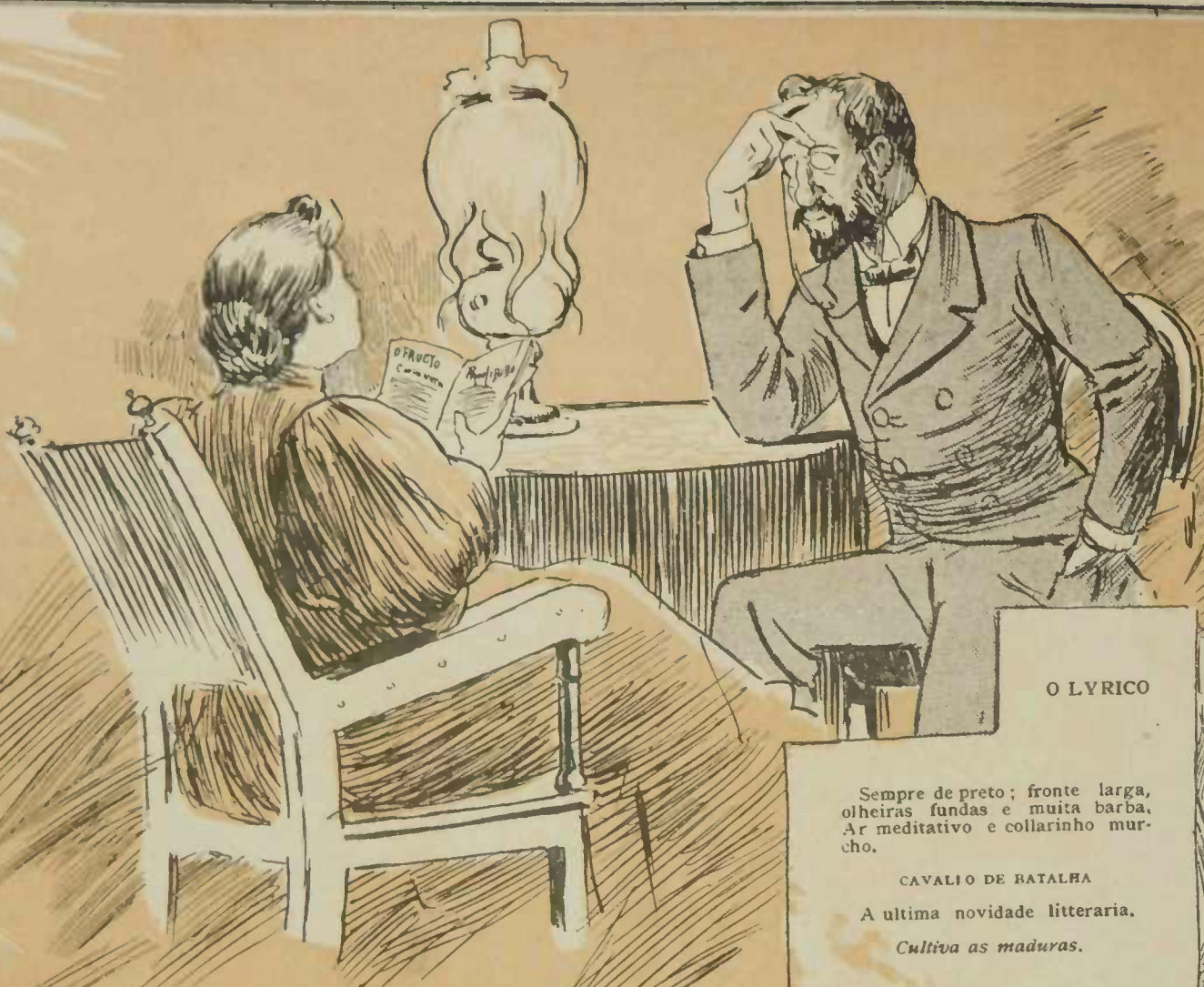
Houve um grande silencio, os proprios eunuchos desabridos aquietaram-se. Tamat, nos braços do ethiope, rolava os olhos cheios de afflicção e seus gritos repercutiam agudamente, agitava-se, esperneava, e foi necessario que mais um homem avançasse, tomando-lhe os pulsos frageis, para que o

ethiope, agarrando-a pela cinta, a introduzisse na jaula violentamente. E a porta cahiu pesadamente, com estrondo. Belluarios e eunuchos esperavam em silencio. Tamat ergueu-se vivamente, lançou um derradeiro olhar aos homens, e atirando-se para as grades da jaula forçou-as, com raiva. Subitamente, como se sentisse as feras, voltou-se, e, de costas, agarrou-se aos varões; as suas mãos pequenas, de vez em quando, desprendiam-se, mas logo procuravam os ferros, incertas, tremulas, tacteando. Ouvia-se-lhe o bater precipite dos dentes.

Os animaes, como se estranhassem aquelle desusado espectáculo, deitados, immoveis, olhavam a escrava. Vio-se-lhe o peito ondular, e toda ella tremia a ponto de se lhe dobrarem as pernas de instante a instante; e, de costas como estava, os braços abertos sobre as grades, parecia uma crucificada. Por fim o leão ergueu-se; os eunuchos ulularam, vendo-o esticar-se preguiçosamente, corcovear o dorso liso, bocejar com rugido surdo, e d'olhos altos, fitos na escrava, caminhar com lentidão. Tamat, como se quizesse guindar-se, esforçava-se por suspender o corpo e chorava, um choro tremulo, dizendo por entre o choro, como se falasse a homens: "Não! Não! Não!" E o leão, vagaroso, farejando, avançava. Alcançou as grades e esteve indifferente a olhar, ao longe, a verdura do parque; por fim levantou os olhos e ficou a contemplar o corpo lindo. Tamat tremia convulsivamente, em estrebuchos. A fera deitou-se, pousando a enorme cabeça entre as patas: mas a leoa, como enciumada, rasteira e perfida desencantou-se, e saltou por cima do macho estacando, encolhida, diante de Tamat, que soltou um grito agudissimo. O leão poz-se de pé e fez frente á femêa, defendendo a presa. As duas feras mediram-se e os olhos fulvo de ambas elevaram-se para o corpo da victima; mas a leoa esgueirou-se agachada, o rabo de rastro, e passou, rugindo, acorçando-se adiante, arrepiada, rugindo, os olhos em Tamat, como se visse n'ella uma rival.

O leão voltou-se ostensivamente, levantou uma pata e, n'um galão, poz-se de pé, agarrando as grades, juntando o seu corpo doirado ao corpo intacto da escrava como n'um connubio. A leoa, d'um salto, atirou-se á anca do leão e n'outro salto fugiu; e houve, no mesmo instante, um grito forte e rapido, e o corpo de Tamat debateu-se um momento. Desprenderam-se-lhe os braços e um jorro de sangue escorreu pelo peito louro do leão, que baixava, levando o corpo molle entre as presas. A leoa aproximou-se de rastro e as duas feras, enquanto os eunuchos saltavam grugulhando, n'uma alegria barbara, deitaram-se—o leão com o corpo frio entre as patas, rosnando, e rosnando tambem a leoa, em frente. Por fim o leão, como se raspasse, rasgou com a pata o ventre virgem e, levantando a cabeça, rugiu victoriosamente; a leoa, vendo-o d'olhos altos, abocanhou a gorja e





**O VENTUROSO**  
 Foi solidario, hoje é comunalitario. Brilhantes no peito, brilhantes sobre o ventre, brilhantes nos punhos, brilhantes nos dedos... Carteira recheada e laral, cerebro vazio e difficil.

**CAVALLO DE BATALHA**  
 Dinheiro, dinheiro, dinheiro, Cultiva a casa de pensão.

**O LYRICO**

Sempre de preto; fronte larga, olheiras fundas e muita barba. Ar meditativo e collarinho murcho.

**CAVALLO DE BATALHA**  
 A ultima novidade litteraria. Cultiva as maduras.



**O MUNDANO**

Correcto no fato. Muito viajado e possuidor de meia duzia de phrases.—duas em francez, duas em inglez, uma em allemão e outra nacional.

**CAVALLO DE BATALHA**  
 A walsa a tres tempos e a descripção do Bois de Boulogne. Cultiva o dote.



AVRRA  
 APRA  
 PARA...  
 (COMO ELLES SEDUZEM)



**PROSO**

commanditario. Brilantes sobre o ventre, brilhantes nos dedos... eil, cerebro vasio e

**CAVALLO DE BATALHA**

o, dinheiro, dinheiro, casa de pensão.



**O TENOR DE BALCÃO**

O seu maior desgosto é não ter nascido com voz para o teatro. Ai, o Pimpini no Fausto! Como elle recorda com admiração e com inveja o Pimpini. Mas canta ao balcão e orgulha-se da sua labia.

**CAVALLO DE BATALHA**

A alvura dos dentes (diante das frequezas ri de tudo) e a languidez do olhar quando lhes pergunta: *é tudo quanto deseja?* Não quer ver as meias de seda? *Festas um sortimento completo de estofos para o inverno. Nem espartilhos?* Despachamos hoje uma caixa com ligas d'um gosto inteiramente novo...

Cultiva a... hypothese.



**O SERIO**

Os seus negocios dão-lhe um ar d'um homem preocupado—dizem uns, outros dizem que o seu ar preocupado lhe dá um ar de homem de negocios—(que entretanto o impõe ás bailarinas do Lyrico).

Só canta no inverno.

**CAVALLO DE BATALHA**

Uma companhia que vae fundar para exploração do Pão d'Assucar. Palavras, palavras, palavras...

Cultiva os maillots.

NIÃO VAGANDO

AVRA  
Foi dada ao  
HOMEM  
ARA...  
"CANTAR"

EM)

COMO ELLE



n'um safanão separou do tronco a formosa cabeça da concubina egypcia.

Os eunuchos urravam e os belluarios, afiando as facas nos bordos das lages, voltaram a talhar as rezes, emquanto as feras trincavam tranquillamente.

Das torres longinquoas vinham os toques matinaes da annunciação de Osiris.

*Coelho Netto*

## A POLITICA



E foi um dia, um homem enfermo. Soffria principalmente de anemia. Faltava-lhe sangue: (no caso a que vae ser applicado este apologo, sangue quer dizer dinheiro.) Tinha perdido sangue demais, o desgraçado: não só porque os fuzilamentos e os degolamentos lh'o haviam abundantemente extrahido pelas boccas das feridas, como porque as emissões, claras ou clandestinas, lhe haviam applicado processos novos de phlebotomias violentas. E o homem, pallido e exsangue, já com as pupillas perdidas na contemplação da morte, agonisava.

E como o estado do homem fosse realmente grave, a familia, vendo-o ás portas da morte, reuniu, para salvá-lo, um conclave de mais de duzentos medicos (nova observação: no caso a que se vae applicar este apologo, medico quer dizer deputado.)

Reuniram-se os medicos. E olhem que não foi sem difficuldade! porque, antes que elles se achassem em numero sufficiente para o inicio das deliberações, muitos dias correram: e o homem, pallido e exsangue, com as pupillas já perdidas na contemplação da morte, agonisava; e a familia intervinha, sollicita: «doutores! não acham que se deve chamar um padre para confessar o doente?» Mas os doutores, muito dignos, retorquiam: «esperem! ainda não temos numero para deliberar!» Por fim, sempre se arranjou numero: e o homem, pallido e exsangue, com as pupillas já perdidas na contemplação da morte, agonisava. Arranjou-se numero: mas arranjar numero não era nada! arranjar um presidente é que era tudo! Sim! porque uma commissão de mais de duzentos medicos não podia medicar um doente, sem que um director-geral, fiel da balança consultiva, se encarregasse de manter a ordem da conferencia e dar homogeneidade aos debates clinicos! E o homem, pallido e exsangue, já com as pupillas perdidas na contemplação da morte, agonisava...

Começaram então a arranjar um presidente.

— Proponho fulano! bradou o deputado... perdão!—bradou o medico X.—Não pôde ser! clamou o medico Y.—E' uma provocação! berrou o medico Z.—E os fuzilamentos do Paraná? estridulou o medico N.—E a anti-diphtheria do dr. Roux? bramiu o medico M.—E os clysteres de Clertan? reclamou o medico O.—E o homem, pallido e exsangue, já com as pupillas perdidas na contemplação da morte, agonisava...

E a familia a chorar! «Senhores! olhem que o homem morre! dêem-lhe remedio, com presidente ou sem presidente, mas dêem-lhe remedio!» E os medicos, olhando as senhoras que se desfaziam em lagrimas: «não pôde ser, minhas senhoras! não pôde ser, minhas senhoras! tudo, menos isso! que morra o doente! mas que se eleja o presidente! nós fazemos questão de ter um presidente! sem presidente não ha cura possivel!» E o homem, pallido e exsangue, com as pupillas já perdidas na contemplação da morte, agonisava. E a discussão continuava. Agora, palavras asperas ferviam, trocavam-se doestos grossos.

Todos queriam um presidente: mas cada um queria o seu... E o homem, pallido e exsangue, com as pupillas já perdidas na contemplação da morte, agonisava...

E' possivel que algum mal-intencionado queira applicar este apologo á camara dos deputados, que, chamada a salvar o Brasil moribundo, antes de lhe receitar qualquer cousa, perdeu uma semana inteira a brigar para saber que homem teria de presidir o tratamento...

Protesto desde já! São calumnias! todo o mundo sabe que *A Cigarra* não faz politica!

LF



Creio que não ha muita gente da minha opinião. Não gosto de lyrico barato: eu abominaria o *paté-de-foie-gras*, se elle, em vez de custar os olhos da cara ao consumidor, estivesse ao alcance de todos os estomagos economicos. Bem sei que muitas vezes uma companhia me pôde dar por tres centos de réis musica peor do que a que, por trescentos mil réis, me daria outra qualquer. Mas, tenho isto na massa do sangue: gosto de gastar dinheiro. Entre um máo tenor que canta á razão de cincoenta mil réis por nota e um bom tenor que se estrompa toda uma noite a cantar de graça,—prefiro, sem hesitar, o primeiro, tal é o poder de seducção do ouro. Depois, ha muita gente que, sob o pretexto de que uma companhia é barata, se permite a semcerimonia de ir ouvir a *Gioconda* ou o *Fausto*, em veston e calça clara... Shoking!

Venha, pois, a troupe de Freitas Brito. Venham as noites elegantes constelladas de adereços fabulosos, de *toilettes* millionarias. O dinheiro fez-se para ser gasto. E nós, brazileiros temos a especialidade de descobrir e inventar dinheiro; e inventá-lo emos e descobri-lo emos, mesmo quando o cambio desça a 0,—delicioso futuro, que, segundo o deputado Erico, já vem perto. Venha a troupe Freitas Reis, e o diabo leve quem chora miseria!



O *Major*... Seria ridiculo vir eu agpra, dizer o que é a nova revista do meu bello Arthur, quando todo o Rio de Janeiro já foi applaudil-a. Arthur dá a tudo quanto faz representar (mesmo quando se trata de uma bambochata) um cunho litterario. D'ahi vem o facto singularissimo de se juntarem, a applaudir-lhe as revistas de anno, o chato publico brutalhão que ama as pernas finas e as chalaças grossas, e o publico delicado que ama os bellos versos.

No *Major*, por exemplo, ha scenas feitas, é verdade, de proposito, para o mesmo publico que delira com as graças do autor Machado e com as cantigas da actriz Pepa. Mas, ouçam-me aquelle prologo! ouçam-me aquelle prologo! e digam-me se da cabeça de muitos poetas podem sahir aquelles versos faceis, expontaneos, de uma sobriedade deliciosa, mas trabalhados com um esmero de forma genuinamente parnasiana..

Tambem,—isto é um jornal que não tem medo de dizer o que pensa: *A Cigarra* é um insecto de uma franqueza a toda a prova; —tambem, as revistas que por ahi apparecem, de outros auctores, são massudas como um discurso politico ou tolas como litteratura de collegio.

Victorioso Arthur! deixa que *A Cigarra*, acariciando-te a bella face com as suas azas amigas, te entorne dentro do ouvido tres beijos chilreados e alegres...

Puck.



*A Cigarra* tem o dever de confessar a sua gratidão a todas as amaveis pessoas, que vieram ao seu escriptorio deixar cartões de visita e de cumprimentos. E deve ainda agradecer publicamente os esforços, não só do habilissimo Sr. Porta, chefe lithographo, como de todo o corpo typographico das acreditadas *Officinas gráficas Bevilacqua*, esforços a que o primeiro numero do jornal deveu em grande parte o seu brilho.

*A Cigarra* no seu proximo numero (n. 3) publicará uma pagin inedita de **Lulú Senior (FERREIRA DE ARAUJO)** com desenhos de **Julião Machado**.

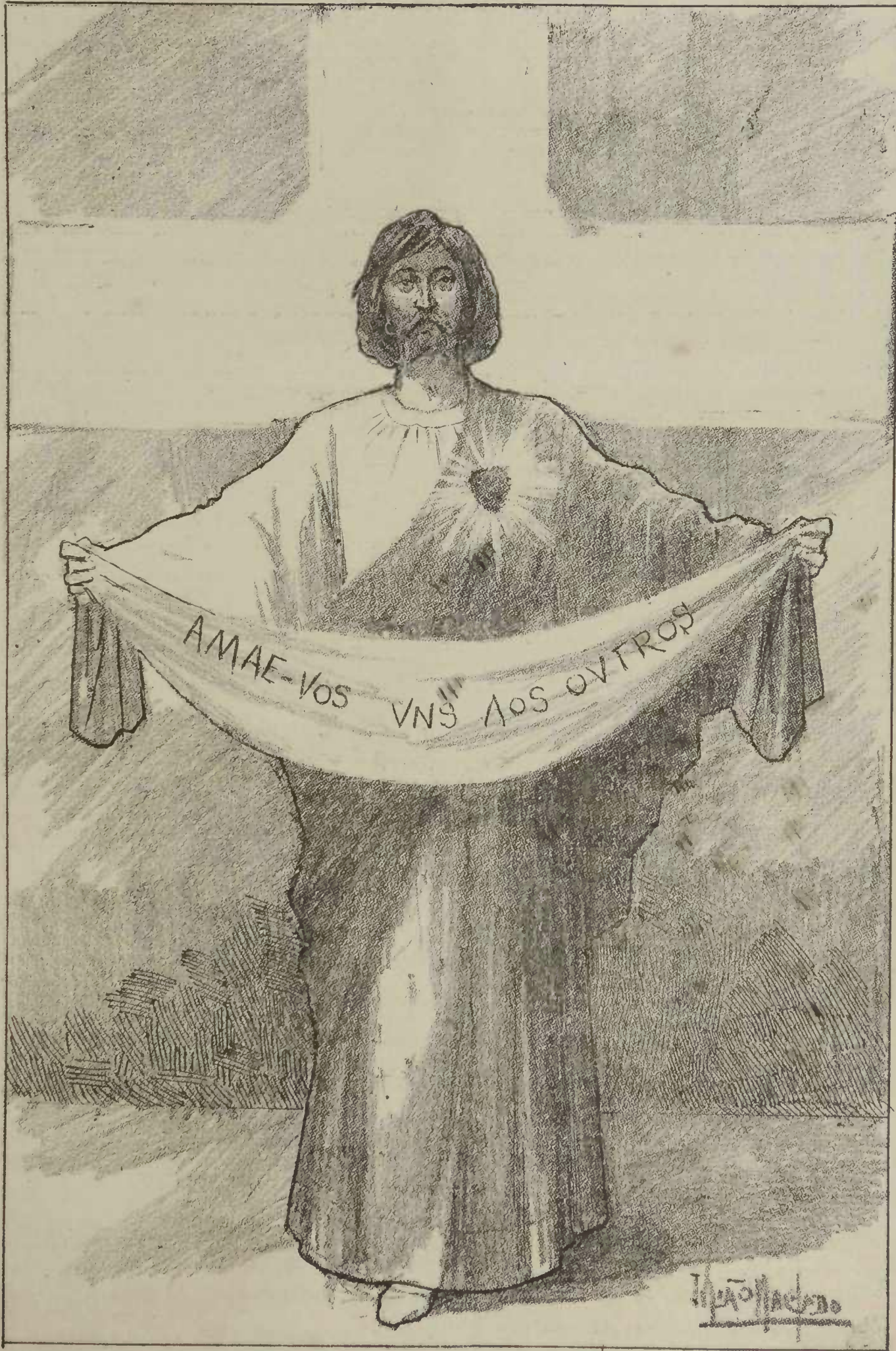
A pagina central do proximo numero:

A PSYCHOLOGIA DAS BOTAS



# 13 DE MAIO

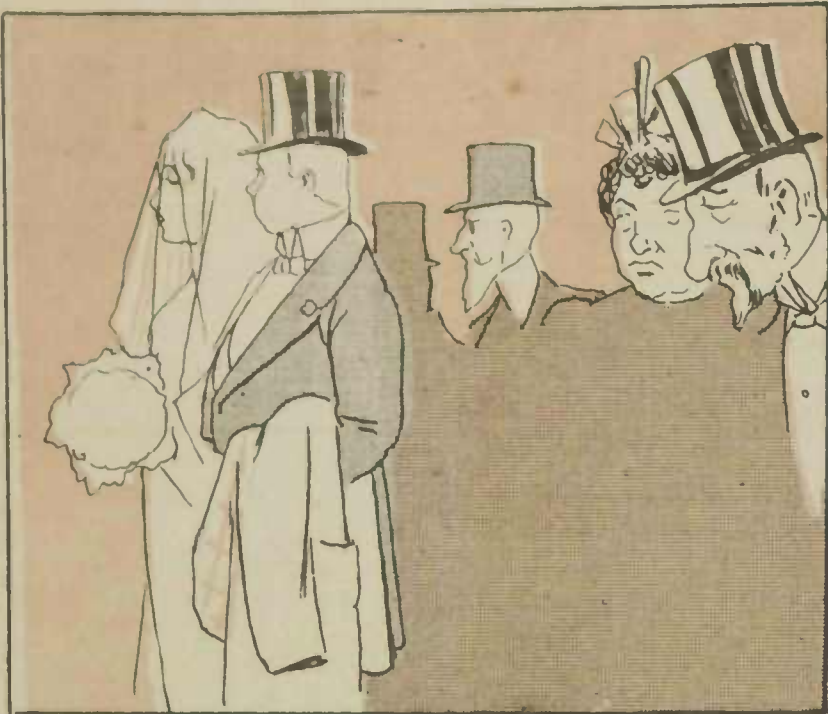
PARA O GRANDE JORNALISTA JOSÉ DO  
PATROCÍNIO



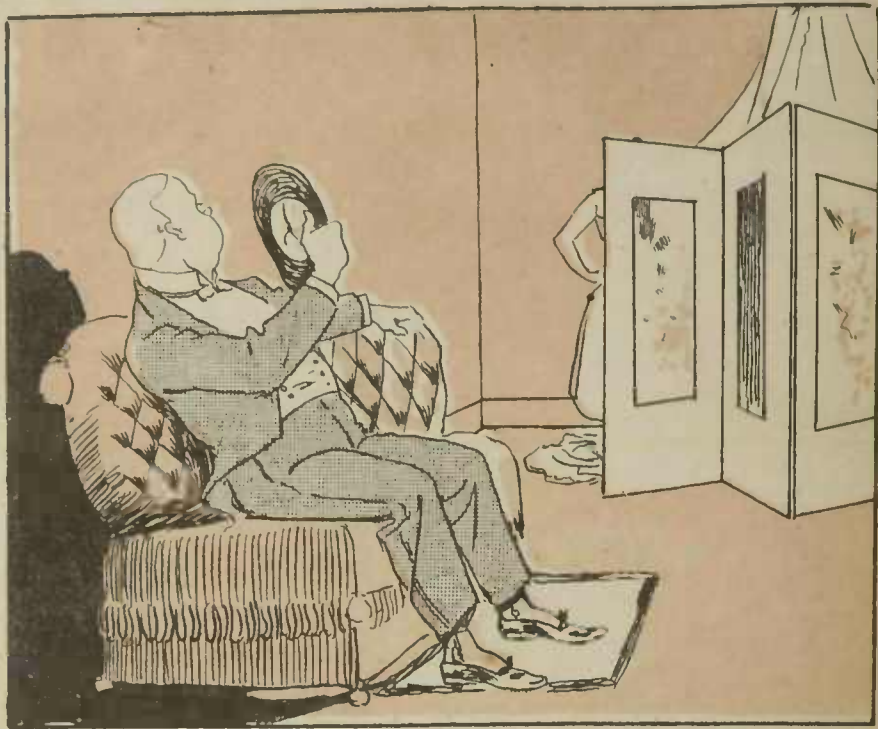


# " VINTE ANNOŞ DEPOIS " — PERDÃO, VINTE E UM

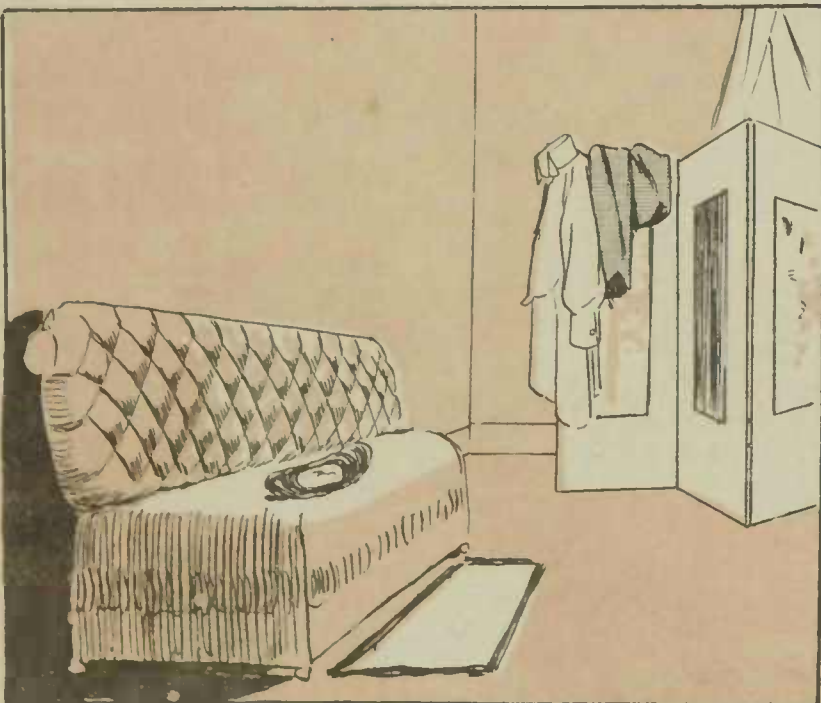
ROMANCE HISTORICO-PSYCHO-PHYSIOLOGICO-NATURALISTA EM SEIS CAPITULOS



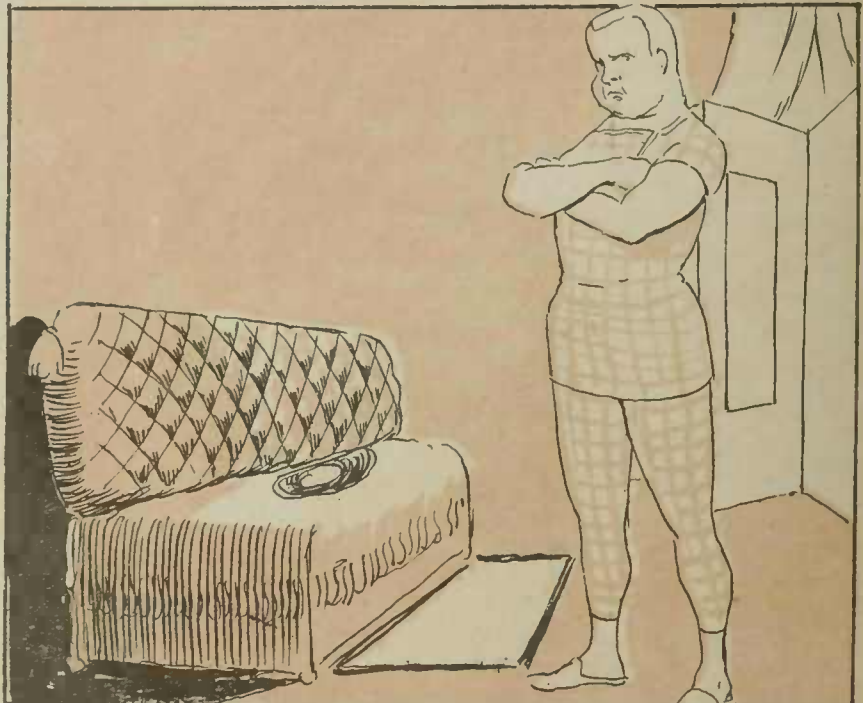
• Casamento de amor, de pura inclinação •



— Enfiu, seuls !



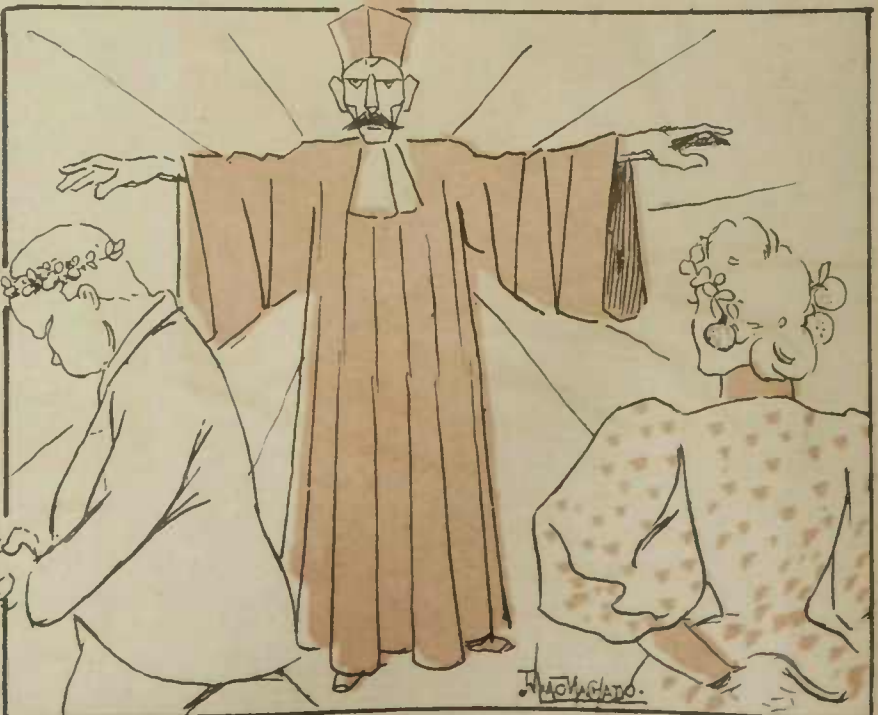
.... ( ).... ( ).... ( )....?.... ( )...!



— Quem disse que *querer é poder*, foi Napoleão, não fui eu !



Ella — Viver, que massada !  
Elle — Viver, que entalação !



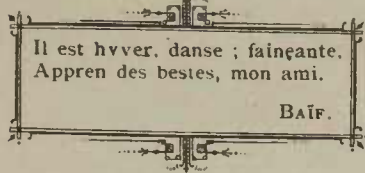
Vinte e um annos depois  
Flôr de lorangeira para dois, se fazem favor !



CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

ANNO (52 numeros) . . . . . 48\$000  
 SEMESTRE (26 . . . . .) . . . . . 25\$000  
 AVULSO . . . . . 1\$000  
 NUMEROS ATRAZADOS . . . . . 1\$500

Escriptorio, Rua Ouvidor 115



# A CIGARRA

Redacção de *Olavo Bilac*,

HEBDOMADARIO illustrado por *Julião Machado*

Proprietario — *Manoel Ribeiro*

ANNO I

Rio de Janeiro, Quinta-feira, 23 de Maio de 1895.

N. 3

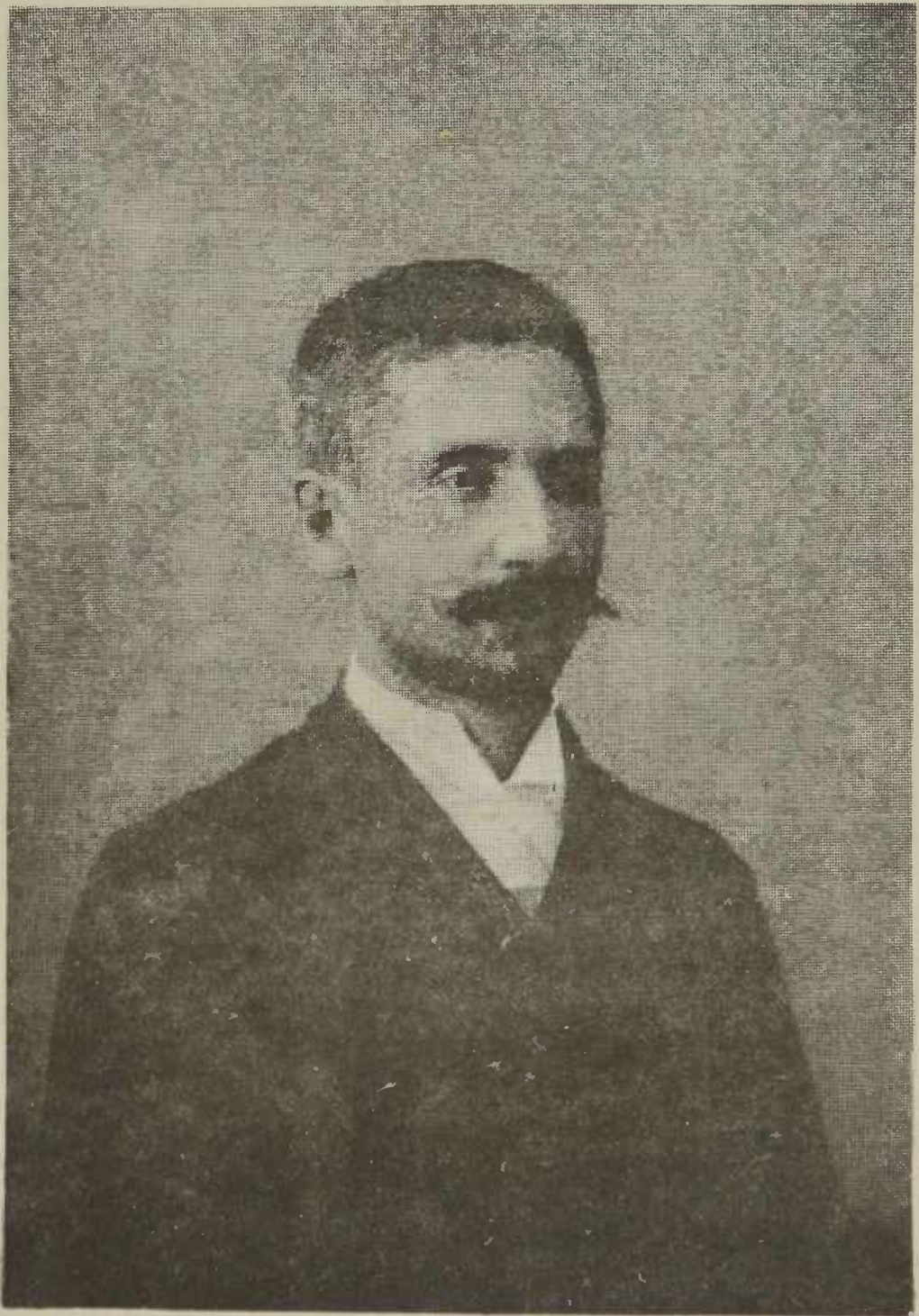
## A CIGARRA

PARA oficialmente reatar em Lisboa as relações diplomaticas do Brasil e Portugal, em boa hora o governo da Republica escolheu um brasileiro, em torno de cujo nome se pudessem reunir todas as sympathias. O Dr. Assis Brasil representa dignamente o Brasil-moço, o Brasil-republicano, no que elle tem de mais puro.

No tempo da monarchia, a palavra e a penna do joven diplomata, ao serviço de um talento fecundo e de um character sem jaça, deram á propaganda um contingente notavel de esforços e de dedicações.

A sua politica não foi nunca uma mistura de enthusiasmos irreflectidos, de palavras ôcas e de ambições disfarçadas. Venceu pelo estudo e pelo trabalho, como pensador, como homem de letras, publicando livros enquanto muitos se desmanchavam em banalidades historicas, e mantendo uma coherencia, rara nestes tempos, entre o que pregava e o que praticava.

Portugal acaba de recebê-lo com enthusiasticas manifestações de estima: é que mesmo entre os homens de letras na nação irmã já o nome de Assis Brasil era conhecido e admirado, muito antes de n'elle ter querido o nosso governo incarnar o proprio nome e a propria honra da Republica Brasileira. Publicando o seu retrato justamente na occasião em que o Rio de Janeiro recebe com saudações o ministro de Portugal, — *A Cigarra* presta homenagem ao alto merito do illustre brasileiro.



O DR. ASSIS BRAZIL

Ministro e enviado extraordinario da Republica Brasileira em Portugal





Bemaventurados os ignorantes, porque d'elles serão as felicidades da terra!

E só lhes prometto essas, porque já a Santa Madre Igreja lhes assegurou, com palavras que não voltam atrás, a posse futura das outras, as do céu, as da convivencia com o Senhor Deus, as que sómente se alcançam quando a alma, livre do estado de sitio da vida, começa a fruir as delicias e as garantias da amnistia da morte.

Ah! ignorar tudo! ser como o caramujo, que, — enquanto as tormentas da existencia se desencadeiam e estrondam sobre a sua fragil carapaça, — fecha-se dentro d'ella, com uma indiferença de deus, e dorme feliz, alheio de tudo, no seio da sua innocencia e da sua suprema ignorancia!

Imaginae que acabam os meus olhos de cair sobre esta pequena e suggestiva noticia: « Segundo um jornal inglez, ha muitos milhões de chinezes que ainda não sabem que uma guerra cruenta se deu entre a China e o Japão. » ... Imaginae commigo a felicidade d'esses milhões de homens amarells, mettidos no centro da Asia, entregues pacificamente ao trato dos arrozaes, com o corpo exclusivamente dado ás tadigas da lavoura e a alma dada exclusivamente á meditação das palavras de Coniucio, vivendo na absoluta ignorancia das cousas do Occidente, mergulhados na contemplação de grandes idolos extravagantes, não cogitando do que, pelo resto da face da terra, fazem homens de sobrecasaca e chapéo alto, e senhoras enluvasadas, e soldados municidados, e poetas arrebeatados, e politicos loquazes, e chronicistas de figado impertinente... No littoral, o Pavor andou, de cidade em cidade, de porto em porto, marchando á frente dos batalhões e das frotas de guerra do Mikado. Soldados chinezes, — tal era o medo que os avassalava diante do inimigo, — degolavam-se. O Imperador da China, n'um accesso de furia, encolerisado pelas victorias do Japão, esbofeteou a Imperatriz; e a Imperatriz acabrunhada pela dura affronta d'essa tapona conjugal, suicidou-se; os mandarins, com os rabichos arrepiados de susto, davam a alma e a sabedoria ao diabo; os cruzadores chinezes, despedaçados a avalanches de metralha, iam para o fundo do mar; a figura de Yamagata, augmentada pelo fulgor da legenda que o acompanhava, cobria com a sua formidavel sombra toda a Mandchuria; e, por fim, as tropas do Japão ditaram á China as condições aviltantes de uma paz vergonhosa... Mas, no interior da China, muitos milhões de homens amarells, de olhos amendoados amortecidos pelas visões do opio, ignoram ainda que todas essas calamidades tenham desabado, n'uma praga cerrada, sobre a terra sua... Oh! felizes! felizes os ignorantes!

De uma vez, no interior de Minas, lá muito para dentro, n'uma cidade primitiva, em que os intendentes municipaes, em dias de festa, ainda convergam pesadas casacas verdes com botões grossos de latão, encontrei um homem sereno, de doce figura, e de calmo viver patriarchal, que me deu hospitalidade, recebendo-me, como Abrahão, á porta da sua casa rustica, e lançando-me gravemente a sua bênção, com um gesto largo e nobre da mão espalmada no ar. Por esse tempo, a revolta custoliana enchia esta adorada cidade de S. Sebastião de uma nuvem de balas koropachek e de uma nuvem de policias secretas: e eu andava, pelas serras liberrimas, procurando tambem gozar um pouco da divina e suave ignorancia, a que a Igreja promette a bemaventurança do reino do céu.

E posto á mesa em companhia do meu hospedeiro, diante do prato de parro tosco em que as couves e os feijões fumegavam, na sala humilde, dentro do grande silencio d'aquella roça apartada, comecei logo a sentir que a Igreja não

mente, porque, sem pensar no que longe d'alli se passava, uma paz ineffavel, mais do que da terra, me inundou o coração.

De repente, estrepitou á portada o tropel de um cavallo. Era mais um viajante que pedia hospedagem. Reconheci logo, sob aquelle guarda-pó espalhafatoso, um caixeiro-viajante. Entrou, abancou-se, e desatou a comer e a fallar, com uma grande abundancia de queixos e uma notavel pobreza de senso. Disse que a esquadra revoltada ia bombardear o Rio... chegava de lá... aquillo estava um horror!... O nosso hospedeiro abria para o homem uns olhos dilatados e pavidos; a sua longa barba patriarchal tremia, como sacudida por um vento de espanto. E, não se podendo conter, perguntou:

— Mas, então, querem botar abaixo o nosso imperador? O cometa teve uma risada escarninha: « — Qual imperador, homem! ha mais de quatro annos que não temos d'isso por lá! »

O patriarcha gemeu: « Não temos mais imperador!... » e ficou acabrunhado, chato, como se sobre elle o tecto hou esse desabado com vigamentos e tudo.

O' doce! ó soberana! ó sempre virgem ignorancia! Que me custava, a mim, que sou da mesma carne e dos mesmos ossos que formavam o corpo de Santo Antão, ir para o recolhimento de uma Thebaida qualquer mergulhar a alma, cançada de tantos boatos e de tantas intrigas, na fonte pura de um esquecimento perpétuo!...

Vede bem se ha tormento igual a este, ó almas ingenuas, que já escaes no Reino do Senhor, e que, lá de cima, entornaes olhares desdenhosos para o que de miseravel se agita, neste valle de complicações!...

A gente vive por aqui a esperar de hora em hora um estado de sitio, uma guerra, um *krak*.

Na camara, já se clamou em altos brados que é preciso fazer a guerra não sei bem a quem. A guerra!... que dirás tu d'essa opinião, no dia em que os clarins chamarem a postos todos os filhos d'esta patria, no dia em que me vires de Comblain á tiracollo e lyra dependurada na casuarina que fica em frente á nossa casa, prompto a ir derramar o meu rico sangue por um paradoxo — que dirás tu, doceamada, cujos olhos quebrados de amor não podem passar sem os meus beijos, cujos ouvidos avidos de louvores, não podem passar sem os meus versos?!... A guerra! o cambio a 0, a libra a 240\$000! E ter de ouvir tudo isso, e, — entre dois abraços e entre dois gemidos, á noite, á hora — em que mais doces se trocam as confidencias de amor, — tremer, julgando já ouvir á porta o bater imperioso da patrulha do recrutamento!...

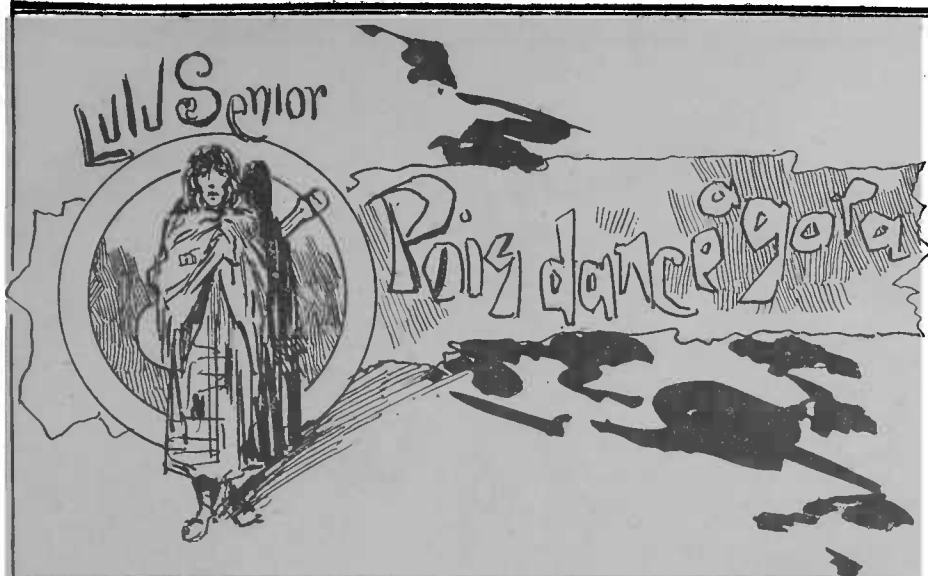
Oh! não ignorar que todas essas cousas andam no ar, vel-as, cheiral-as, palpal-as, e ter de vir para a rua do Ouvidor com uma grande rosa no peito e uma grande indiferença no rosto, e um ar de quem acha que tudo vae muito bem...

Porque não nascemos nós no interior da China, amada minha?! Eu plantaria arroz e tu bordarias paraventos fantasticos; e, á noite, á meia luz de uma lanterna maravilhosa em que disformes dragões e passaros disformes se cruzassem, dormiríamos tranquillos, nos braços um do outro, sonhando!...

Emfim, como não ha outro remedio, amemo-nos assim mesmo! Vamos! um beijo para começar! que valem boatos? outro beijo! que importa a guerra? outro beijo! que temos nós com tudo isso? outro beijo!... outro beijo! Pois que essa guerra ahi vem, deixa-me fazer provisão de beijos para a campanha, enquanto os outros fazem provisão de coragem e de cartuchos!...

FANTASIO.





Estou aqui, estou a commungar na mesa do reverendo Padre Erico, o sacerdote magno do divorcio. Não que me torne apostolo d'essa ideia.... mas vou commungar com elle na questão do cambio.

Cambio é preocupação de formiga, e, se Lulu collabora na *Cigarra*, Lulu tem de cantar e mandar ao diabo o mealhinho das economias.

Que venha para cá o Sr. Ennes de Souza com o seu *vintem poupado vintem ganho*. Que tenho eu com isso, eu, collaborador da *Cigarra*? Creio que o conselho foi seguido por todas as formigas d'esta terra, pois que vintem é cousa que já se não vê. Quem desse hoje um vintem a um pobre, correria o risco de levar com elle na cara. Um vintem! o que quer a caridade que um pobre faça com um vintem?! Até das contas da venda o vintem sumiu-se. Tudo se faz agora pelo menos aos tostões.

E no andar em que vão as cousas, o nickel está ahí está a sumir-se também, porque, no fim, o nickel sempre vale alguma cousa.

Será então o reino da nota de cinco tostões.

Que importa que o cambio vá a zero?— disse Sr. Erico na camara.

Pois o publico não percebeu que o illustre deputado disse isso depois que appareceu *A Cigarra*? e que a sua doutrina já é effeito da nossa propaganda? Com tal mestre, toda a camara vae cantar; e quando, lá mais para diante, o Sr. Rodrigues Alves fôr bater á porta do Judeu dos Reis, que neste fim de seculo é o successor do Rei dos Judeus, o banqueiro londrino perguntar-lhe-á:

— O que fez o Congresso brasileiro n'esta ultima sessão?

— O Congresso cantou o hymno do Sr. Castilhos...

— Ah! cantou? pois danse agora! mas não conte commigo para pagar a musica...



### Aperte

Abre este parenthesis no teu riso, *Cigarra*!

Qual de vós, num desses raros momentos em que um homem se pôde considerar intensamente e completamente feliz, já não desejou morrer, no proprio instante em que a felicidade attinge o seu grão maximo de intensidade? Morrer suffocado pela alegria, estrangulado pela ventura, fulminado de prazer! O Rio de Janeiro assistiu, na semana passada a uma dessas mortes deliciosas.

Carmo Gentil, que longos mezes penára na Detenção, foi levado ao Jury. Ahí, ouviu elle, do banco dos réos, desenrolarem-se a accusação e a defeza: viu-se acabrunhado por um promotor, exalçado por um defensor, alternativamente descomposto e louvado. Por fim, o conselho deliberou: E o presidente declarou-o absolvido por unanimidade, limpo de toda a culpa. Metteram-no de novo no carro, e levaram-no de novo á Detenção, e deram-lhe a sua roupa, e apontaram-lhe a porta da rua. Elle, á porta da casa maldita, deixou-se cahir sobre um banco, estatelado. Um guarda impaciente veio sacudil-o: «—Então? pôde ir embora! está livre!..» Carmo Gentil vacillou sobre o banco, e cahiu no chão, sem movimento, morto.

Oh! morrer num desses raros momentos em que o homem se pôde considerar intensamente e completamente feliz!...



Tenho ido ao senado. Tenho ido á camara. Acreditem que não vou lá, porque me interessem altamente as scenas asperas de que essas duas casas de parlamento têm sido theatro, nem porque haja muito cousa a aprender na explanação das doutrinas ou na elegancia de phrase dos illustres Paes da Patria. Aquillo tudo não passa ainda de um ensaio geral. Oradores novatos experimentam as armas, terçando-as no vacuo, preparando-se para o ataque. Oradores já experimentados matam a saudade da tribuna, saudade que os agoniou longo tempo na melancolia do ostracismo ou na amargura do xadrez. No Lyrico, os frequentadores das torrinhãs que chegam cedo de mais ao theatro, quando a sala ainda escura e vazia tem uma penumbra e uma resonancia de templo, ouvem, ás vezes, por traz do panno abaixado, escalas isoladamente trinadas, dós de peito espaçados, tosses pigarreadas com que os cantores desembaraçam a garganta; depois, do bojo de um violino sae um gito fino; um *basso* solta um suspiro cavo; um flautim deixa fugir uma serie de guinchos; —e peitos de metal de instrumentos e peitos espartilhados de cantoras se ensaiam todos, dando á sala uma animação, que não é ainda a animação do espectáculo, mas que já faz um barulho notavel.

E' o que se está dando na camara e no senado. Os jornaes, é verdade começam a tomar a serio as discussões. Que tolice! Pensam que o discurso do deputado X. foi pensado, medido, preparado de vespera?— não ha tal! aquillo foi uma clarimeta que se desintupiu. Pensam que a oração do deputado Y. foi dita com a consciencia do cantor que vê a saia cheia, a comel-o com os olhos? não ha tal! aquillo foi um tenor que gartanteou nos bastidores.

Por isso, tenho ido á camara, não para ouvir, mas para vêr. Sento-me allí, feliz na digestão do almoço, e, não tendo mais que fazer, ponho-me a pensar que sou o sr. Arthur Rios, e projecto varias reformas para a organização material e moral da assembléa. Porque estou convencidissimo, por exemplo, de que aquelle systema de bancadas não está de accordo com as necessidades do nosso temperamento meridional. As bancadas são apertadas: um deputado não sae nem entra sem se atralhar nas pernas dos vizinhos. Porque não se acaba com tamanha atropellação? A prova de que os representantes da Soberania Nacional não amam aquillo, é que quasi sempre as bancadas estão vazias: todos se agglomeram junto á mesa do presidente, como consumidores junto ao balcão de uma confeitaria; depois, saem para a sala dos chapéus, vão



N<sup>o</sup> uma noite fria e escura  
 jogavam junto à lareira  
 uma bisquinha caseira  
 o prior e o padre evra.

Mas visto veio a Sobrinha  
 do prior a perguntar  
 se queriam para ceiar,  
 o lombo assado ou galinha.

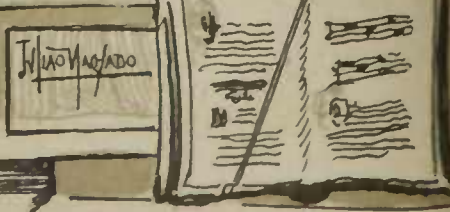
O evra por desfastio  
 e tambem por manha antiga  
 quiz ver como era o feitio  
 da perna da rapariga

Mas o prior que percebeu  
 a grave inconveniencia  
 disse: tenha paciencia -  
 quem triumpho agora, sou eu!

SANCTES DA GAMA.

# NOTA

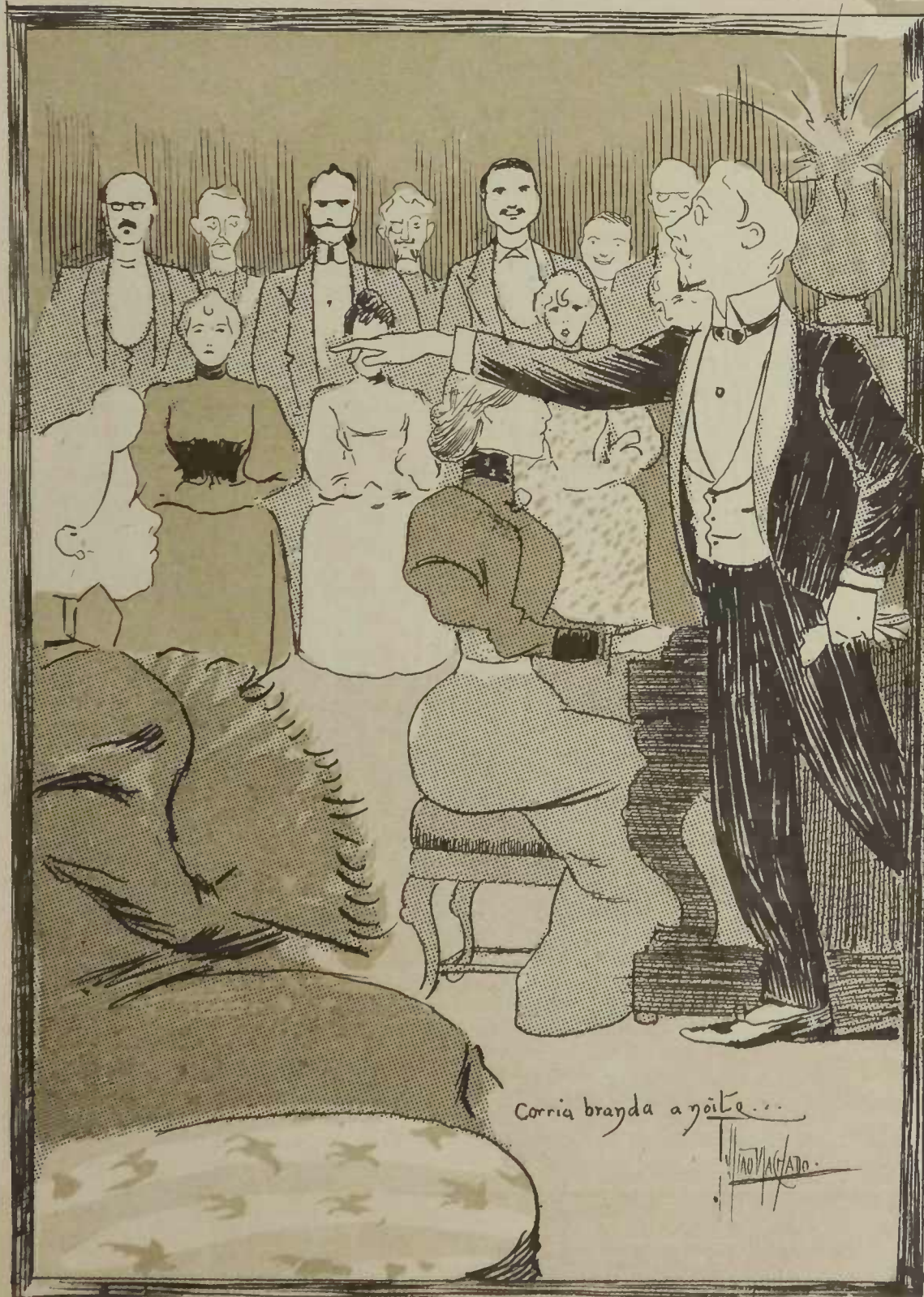
# ALEGRIA





Quero cumprir o meu dever saudando o sr. Thomaz Ribeiro, desejando-lhe as boas vindas, publicando o seu retrato e prestando assim homenagem ao estimável homem de letras, em boa hora escolhido pelo governo portuguez para o representar no Brasil.

Além disso devo - porque esse acontecimento é a nota da semana - registrar as festas com que o illustre diplomata está sendo acolhido. Em mais de um piano, as melopéas chorosas dos recitativos, ha tanto tempo adormecidos no olvido, resurgem, arrastando languidamente pelas téclas azas de gaze e neve, abeberadas de mel. Os poetas de sociedade, saltam já com uma elegancia lyrica para o meio da sala, fitam no tecto os olhos scismadores, dão aos labios um sorriso melancolico, e, entre as senhoras que se extasiam e os homens que põem sobre a orelha a mão em concha, começam:



Corria branda a noite...

W. V. AGUIAR

WELCOME!



• Corria branda a noite.. o Tejo era sereno

A aragem mandou-me um beijo  
Que nos meus labios tomei...

Isso é uma calamidade, bem sei. As cigarras não são românticas: o seu grito estridente é antes um toque de clarim que um suspiro de cythara. Não amo trinados piegas: filha das matas, amo o alto rumor da natureza, rajadas de vento que estrondam entre arvores fortes, cachoeiras selvagens que povoam de echos as serras. Mas é mesmo por isso que amo o poeta do D. Jayme. O sr. Thomaz Ribeiro não tem culpa de que lhe profanem os versos com acompanhamentos de piano. A sua musa, nobre e canóra, possui, quando quer, a envergadura das aguias. Se ás vezes celebra os olhos quebrados das mocinhas lisboetas, já disse em versos de largo folego o estridor das batalhas, e, de corda de carvalho á frente, já, como o divino Aédo dos *Luziadas*, cantou a glória da sua terra e da sua gente.

Bem vindo seja o poeta! sobre a sua frente respeitavel, deixo cahir um dos meus beijos mais sinceros.

A Cigarra.



ao buffet, voltam, tornam a sahir. Quando tem de haver alguma votação, os tympanos clamam em vão; em vão o presidente clama e se esbofa; e em vão o amavel sr. Coelho Lisboa, com uma grande tira de papel á mão, recita a lista interminavel cinco, seis vezes, repetindo e repisando cada nome...

Eu, se fosse o sr. Arthur Rios, daria um golpe nos costumes parlamentares: mandaria desmanchar as bancadas, e daria á sala o aspecto gracioso e fresco de uma sala de palestra. A mesa presidencial ficaria ao centro. Em torno d'ella, pequeninas mezas — em que os deputados pudessem tomar o seu café, as suas notas e mesmo o seu cópo de leite ou o seu grog, — se agrupariam, como mesas de botequim.

Os oradores fallariam de pé ou sentados, sem chapéo ou com chapéo na cabeça, á vontade, como conversam quando estão cá fóra, pois, para salvar a patria da bancarrota ou da guerra civil, não é preciso que um homem se ponha solemnemente de pé, com a sobrecasaca abotoada e o braço estendido, como o amigo Dias Braga quando representa a alta comedia, dando á voz inflexões forçadas e forçadas posições á cabeça. Pois o cerebro de um homem sentado trabalha com menos clareza do que o cerebro de um homem levantado? que é que tem o... cerebro com as cadeiras?

Essa modificação material da assembléa traria consigo uma modificação moral de grande vantagem: suprimiria a parolagem. Um homem que diz a sua opinião entre dois goles de café, com a bengalla na axilla e a cartola na cabeça, não escolhe adjectivos, não recapitula *in mente*, antes de soltar no ar como uma revoada canora o seu periodo, as lições todas que um professor futil lhe impingiu na aula de rhetorica e poetica.

Um deputado castilista, fallando com essa sem cerimonia, diria seccamente, quando quizesse descompôr o federalismo: «Gumercindo era um bandido!» e mais nada. Mas fallando de pé, com a frente banhada de clarões e a voz palpitante de tremitos, leva meia hora a dizer essa injuria. Um federalista diria em tres palavras: «Quero a paz!» em vez de transportar para a enunciação d'essa vontade tão natural, tão simples, todos os exempls de historia que a collecção *Larousse* póde fornecer a um moço de memoria fresca.

Ah! se eu fosse o sr. Arthur Rios!

Emfim, Deus sabe o que faz. Pode ser que, se os deputados tallassem, discutissem e deliberassem sobre os orçamentos da nação com a mesma naturalidade com que um bom pae de familia discute, delibera e falla sobre o orçamento domestico, é provavel que o povo se convencesse de que isso não era trabalho merecedor de um pagamento de 75\$000 por dia.

E isso seria uma calamidade, porque eu, que aqui estou, apezar d'estes grandes ares de desinteresse e de independencia, ainda não perdi a esperança de ser deputado. Mais vale ser criticado á razão de setenta e cinco mil réis por dia do que criticar á razão de... Perdão! não quero dizer quanto *A Cigarra* me paga por estas luminosissimas sandices!

L. F.



Sómente no proximo numero (n. 4), poderá dar *A Cigarra* a promettida pagina *Psychologia das botas*. A grande cópia de assumptos de actualidade forçou a honesta *Cigarra* a não cumprir a sua promessa. Mas ninguem perde por esperar o que é bom.

Marques Guimarães (Joaquim Augusto Marques Guimarães) cujo retrato dará no proximo numero *A Cigarra*, está ha pouco tempo no Rio de Janeiro. E' um dos mais illustres artistas da moderna geração portugueza. O catalogo dos seus quadros já é grande, — e o artista conta apenas 36 annos de idade. Antigo alumno da Academia de Bellas Artes do Porto, comos cursos de Pintura, Esculptura e Architectura Civil, foi premiado com diploma de distincção em todos os cinco annos de cada um desses cursos, e obteve todos os premios honorificos e pecuniarios da Academia.

Foi discipulo do estatuario Soares dos Reis. Logo no dia immediato ao do fallecimento desse professor, substituiu-o na regencia da aula de esculptura.

Trabalhou em collaboração com esse estatuario na estatua de Affonso Henriques. Muitos dos seus trabalhos de esculptura para a Bolsa do Commercio de Lisboa e outros edificios mereceram medalhas em diversas exposições artisticas. Encheria grande espaço a enumeração de todos os seus quadros: para apenas citar os mais notaveis, entre telas historicas, de genero, paysagens e retratos, são dignos de admiração — *Christo no Tumulo*, *A partida de Vasco da Gama para a India*, *A tragedia do Calvario* (premio da Academia), *A medição do vinho novo*, *Passagem de Comboio*, etc.

### Theatros.

A primeira representação dos *Pontos nos ii* com os seus pequenos tumultos provocados pela orientação politica da peça, veio mais uma vez provar que não ha, no theatro, genero mais absurdo que o das revistas.

Não se concebe como póde um escriptor fazer litteratura com a historia de seu tempo, com os factos da vespera, sem mostrar a sua opinião: isto é, — sem se arriscar a merecer a pateada de metade da platéa para merecer os applausos da outra metade. No Rio de Janeiro é raro o homem de letras que não é jornalista: isso explica-se pelo facto de ser a litteratura de jornal muito mais rendosa que a litteratura de livro. Como jornalista, o homem de letras não póde evitar a politica, n'um tempo em que toda a população, incluindo os carregadores e as creanças de mama, tem paixão partidaria. E o fazedor de revistas de anno, tendo de historiar no theatro acontecimentos, em que, como jornalista, foi obrido a ter uma opinião e a representar um papel, — ha de forçosamente subordinar a essa opinião a critica dos factos que historia: Assim, o jornalista X., que foi florianista durante a revolta, fabrica fatalmente uma revista que é a apothese do florianismo: e o jornalista Z., que teve sympathias pelos revoltosos, se não faz francamente a apothese da setembrada, nem por isso deixa de carregar a mão na caricatura dos adversarios.

Mas, o público, quando, á noite, compra a sua cadeira ou o seu camarote, não o faz com a mesma intenção com que de manhã compra uma gazeta politica. O público vai ao theatro para se divertir e não para saber a opinião partidaria do revistographo. Mais ainda: o publico apenas quer ouvir musica jovial, ver pernas de bailarinas, admirar scenographias de luxo e dilatar o baço e a alma, rindo e folgando.

Que importa ao publico que os typos que entram na peça sejam ou não sejam conhecidos seus? Absolutamente nada.

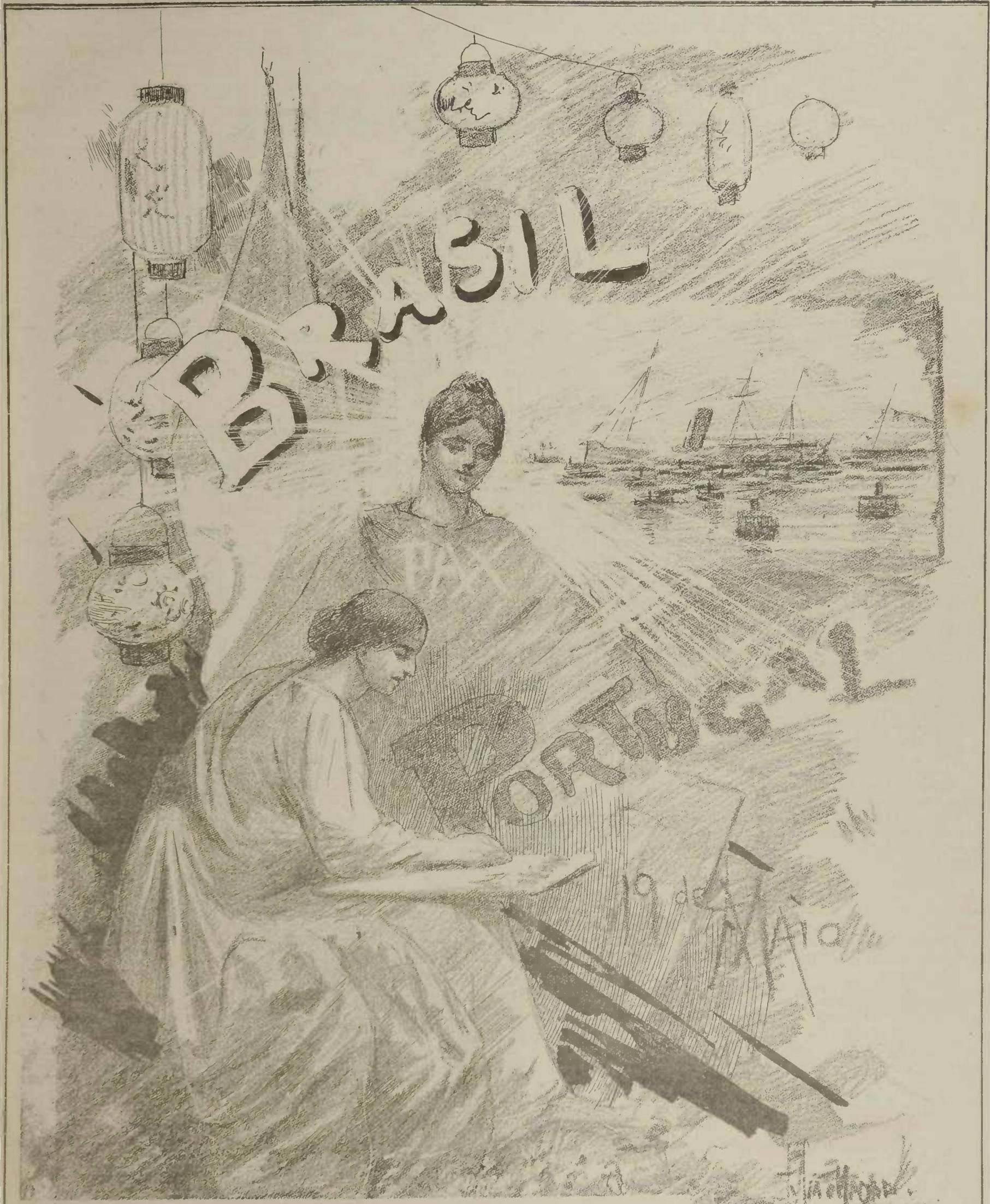
Querem a prova disso? Aqui a têm: ainda não houve revista fluminense que obtivesse o ruidoso successo do *Tim-tim* ou da *Gran-Via*, duas tolas revistas europeas inteiramente extranhas á vida carioca.

A actualidade do enredo não entra, pois, com um grande contingente para o exito da revista. E, sendo assim, o escriptor que na sua peça faz politica, manifestando-se com parcialidade sobre luctas, cuja recordação perdura e cujas feridas sangram ainda, — lança mão, para captar o applauso publico, de um expediente imprófico, que, quando mais não faça, estraga a noite de metade da platéa, reavivando-lhe magoas e odios adormecidos, irritando-a, e obrigando-a a arrepende-se de ter pago tão caro um desgosto.

Com todos os diabos! abaixo a politica no theatro! Pois já não basta que a tenhamos em tudo mais, na rua, em casa, no jornal, no livro, no botequim, no bonde? Arre!

Puck.





19 de MAIO de 1895

*[Handwritten signature]*  
L. A. G. S.

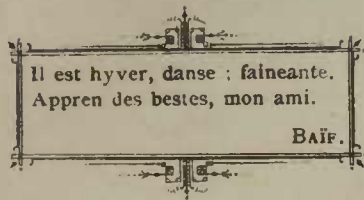


# A POESIA NA CAMARA



O deputado Erico recitou á Camara versos de Thomaz Ribeiro. Felizmente para a Camara porque S. Ex. podia ter-lhe recitado versos seus.





# A CIGARRA

## CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

ANNO (52 numeros) . . . . . 48\$000  
SEMESTRE (26 . . . . .) . . . . . 25\$000  
NUMERO AVULSO. . . . . 1\$000  
— ATRAZADO. . . . . 1\$500

Escritorio, Rua Ouvidor 115

HEBDOMADARIO illustrado por *Julião Machado*

Redacção de *Olavo Bilac*,

Proprietario — *Manoel Ribeiro*

ANNO I

Rio de Janeiro, Quinta-feira, 30 de Maio de 1895.

N. 4

## A CIGARRA

Para que, em qualquer ponto d'este vastissimo paiz, algum infeliz mortal não se queixe de nó, dizendo ignorar as condições em que os habitantes da terra podem assignar *A Cigarra*, aqui vão claramente explicadas essas condições.

*A Cigarra* publica-se todas as quintas-feiras, illustrada, colorida, em edição de luxo. O texto inclue chronicas, fantasias, contos, poesias. Assigna-se em todas as livrarias e agencias de jornaes, e no escritorio da empreza, rua do Ouvidor 115. O assignante receberá, *gratualmente*, todos os supplementos e numeros extraordinarios da folha. O pagamento é sempre adiantado; as assignaturas terminam em 30 de junho e 31 de dezembro. Anno, cinquenta e dois numeros, 48\$000; semestre, vinte e seis numeros, 26\$000; oito mezes, até 31 de dezembro, 32\$000. Quem obtiver *dez* assignaturas *quites*, terá direito a *uma* assignatura *gratuita*. Os agentes terão grandes vantagens, tanto para as assignaturas como para a venda avulsa.

*A Cigarra* é a primeira publicação d'este genero que apparece no Brasil. Dizemol-o, sem receio de contestação. Terminada a assignatura, os assignantes colleccionando os 52 numeros da folha e os supplementos, ficarão possuindo um grande volume de mais de 420 paginas, em que estará feita a critica litteraria, politica e artistica do anno.



O CONSELHEIRO THOMAZ RIBEIRO

MINISTRO DE PORTUGAL NO BRAZIL





**C**HA poucos dias, assistindo á inauguração do *Prudo Brasileiro*, entreguei a alma a um sonho radiante. E, enquanto a multidão se apinhava em torno da arena batida de sol, admirando os *gentlemen-riders-stepple-chases*, eu, afastado, voei em pensamento para outro clima e para outra idade.

O céu era o mesmo, de um azul lavado e fresco. Mas a arena dilatou-se. Era um immenso quadrado, cercado de porticos simples. Fora da área dos jogos, ficavam as piscinas de marmore: um barulho de agua corrente cantava no ar. Homens de carne moça, de fortes musculos robustecidos pelo exercicio violento,—gente alimentada diariamente com um punhado de azeitonas e uma sardinha—sahiam nus do banho, desvendados á luz os corpos apollíneos, untavam a pelle de oleos aro-

máticos, esfregavam-se com almofaças de dentes de ferro, e, em trez saltos felinos, chegavam á arena.

Sobre os degrãos dos palanques, a multidão esperava em silencio, a cabeça descoberta, os pés em sandalias de couro, com uma simples tunica sobre o corpo. No centro, os juizes, coro dos de louros, n'uma attitudo de deuses, deixavam cahir, arrastados no pó, os largos mantos de purpura. E um arauto, junto d'elles, esperava o nome do vencedor, para o annunciar, pela fantarra da sua voz retumbante, á assembléa, á cidade e á gloria.

\*\*\*

A principio, eram as corridas a pé, derredor do estadio. Pés firmes batiam a areia, n'uma cadencia triumphal. E uma nuvem de poeira cobria aquella massa humana que voava... Depois, carruagens leves, tiradas por cavallos em pello, abalavam-se n'um estridor de patas e de ferragens entrechocadas. Depois, a multidão se agitava, esmagava-se, pisava-se, applaudindo: e o exercicio do Pentathlo começava.

Os atletas firmavam-se em pontas de pés, encurtavam o corpo, preparando-o para o salto, contrahiam todos os extensores, e, de repente, como arcos dobrados violentamente que se distendem, destacavam-se do sólo com a força e a impetuosidade de molas de aço, e arrojavam-se gloriosamente para o céu. E a sua ascensão material enthusiasmava a multidão: os espectadores viam n'ella a subida da sua raça para a perfeição divina, para o seio do Olympo, para a alegria da immortalidade.

Os escravos traziam então os discos de metal e os dardos. Biceps de bronze inchavam em braços de marmore. As garróchas finas e agudas partiam, silvando, zunindo, e cravavam-se no alvo, com uma palpação de todas as suas plumas.

E o rumor claro dos discos vibrava no ar.

E, subitamente, dois moços, grandes e bellos, mediam-se com os olhos, estirando os braços apertados em braçães de couro, e amplexavam-se. Um grande silencio ancioso pairava sobre o circo. E nessa mudez completa da multidão, ouvia-se o resfolego dos luctadores, cujos dois corpos estreitamente unidos oscillavam. Os ossos estalavam: o chão da arena tremia ao peso d'aquelle combate de semi-deuses. E quando um d'elles cahia, banhado em suor, offegando sob o joelho do

vencedor,—para o limpido azul do céu deslumbrante subia, como o bramir de uma tempestade, a aclamação da assembléa. O nome do heróe, repetido por dez mil boccas, voava aos confins da joven Grecia: e, empunhando um ramo de oliveira, o vencedor dos jogos olympicos caminhava em triumpho para a sua cidade natal.

Acompanhavam-no avidamente os meus olhos. Levado aos nombros dos meus concidadãos, elle sorria, já com um reflexo da immortalidade na face. E um pouco da sua gloria me tocava, porque a minha raça era glorificada n'elle...

\*\*\*

Ai! era tudo um sonho!... Vi-me, ás subitas, sentado n'uma cadeira austriaca, com o pescoço entalado n'um collarinho alto...

E a multidão, que alli estava, usava umas sobrecasacas compridas e negras como sotainas, e umas cartolas altas e lustrosas como chaminés. As senhoras, com cinturas finissimas,—vestidos muito estreitos nos pés e muito largos nos hombros,—pareciam funis emborcados. As suas mangas, amplas e descommunaes, fluctuavam ao vento: cada menina pallida parecia carregar aos hombros dois formidaveis presuntos de seda. Então um grande desanimo me cahiu sobre a alma, e desconsolado, fui com o Julião tomar um refresco.

Foi effeito do refresco? Não sei. Mas o desanimo cessou. Calmo, sorrindo, voltei para o meu logar, e, livre de sonhos absurdos, assisti ao resto do spectaculo, entregue a reflexões praticas, mais proprias da alma de um carioca de mil oitocentos e noventa e quatro, com o cambio a 8 e uma guerra civil de quatro annos de idade.

\*\*\*

Meu Deus! cada róca com o seu fuso, e cada seculo com os seus exercicios. O culpado d'esses sonhos, d'essas saudades anciosas que o jornalismo fluminense de hoje, de vez em quando, diz sentir pela rija educação physica dos tempos heroicos,—o culpado dessa mania é Sr. Ramalho Ortigão que vive a fazer, em livros e artigos, a apologia da gymnastica.

Em primeiro logar, amigos, a gente grega, como eu mesmo já o lembrei no principio d'esta chronica, alimentava-se com uma sardinha e um punhado de azeitonas, vestia-se com uma sobria tunica de linho, e morava em casas pobres em que o vento e a chuva entravam sem cerimonia. Que era a vida n'aquelle tempo? era a gymnastica, era a guerra, era o canto, era a lavoura, e mais nada!

Apanhem me um honesto burguez d'estes desventurados tempos modernos. O homem é empregado publico: o emprego rende-lhe duzentos mil réis. Mas o desgraçado tem oito filhas que precisam de marido: querem vestir-se, querem piano, fitas, teteias, theatros. E o infeliz, mesmo arranjando para a noite qualquer trabalho supplementar com que se estrompe a ganhar a vida, não consegue, no fim do mez, pagar todos os seus compromissos. Mettam agora na cabeça d'esse burguez a convicção de que, para viver muito, o exercicio physico é indispensavel: mandem-n'o perder, de manhã, duas horas em gymnastica de quarto,—de tarde, outras duas em corridas a pé,—de noite, outras duas em velocipedia. E digam-me que tempo lhe ficará para ganhar o pão de cada mez.

O' nescios! o problema capital da vida não é viver muito: é viver! não é ter saude: é ter dinheiro! não é ser bello: é comer!

\*\*\*

E, por isso mesmo, o *sport* moderno é admiravelmente bem concebido: dá de comer a quem se emprega n'elle, e diverte a quem tem tempo e dinheiro para se divertir.

Não fujaamos ingratamente á influencia do seculo em que Deus nos atirou ao mundo. Não queiramos voltar á serenidade do tempo antigo, porque, complicados e molles como somos, fariamos uma triste figura, se déssemos em atletas e gymnastas.

Sabei que, por mim, desisto da empreza. Se me mettesse a desenvolver os musculos, á força de exercicios violentos e de sobriedade de mesa,—não teria, com certeza, dentro de pouco tempo, uma corça de louros á frente, mas uma corça de saudades sobre o caixão. Mais ainda: se para conquistar o coração de uma d'essas adoraveis creaturas que estavam



no *Prado Brasileiro*, e que persisto em achar deliciosas com os seus vestidos em funil e as suas mangas de presunto,—se para lhes conquistar o coração, me fosse agora preciso, como antigamente, fazer proezas physicas, lutar n'um circo aberto, n'ú da cintura para cima, tomar cidades de assalto, ganhar batalhas, destroçar exercitos,—sabei! eu preferiria viver isolado na terra, n'um celibato forçado, sem saber que sabor tem um beijo...

Nós não somos feitos para essas façanhas, amigos! Contentemo-nos com o que o seculo nos dá. E, em materia de *sport*, limitemo-nos a apostar n'este ou n'aquelle corredor, n'este ou n'aquelle cavallo, n'este ou n'aquelle pelotari. A idade heroica foi a dos jogos olympicos. A idade moderna é a dos jogos de *poules*.

E eu prefiro perder dinheiro, vendo correrem os outros,—a ganhá-lo, correndo eu, para que os outros me vejam.

### Fantasio.



Saudemos o frio, namorados!

Saudemos o frio. Já ahí vem junho, o doce mez em que o amor sabe melhor, no aconchego das alcovas fechadas e quentes como ninhos.

Amo junho! Em junho, no inverno, as mulheres são felizes...

No verão, a vida das mulheres se passa ao sol, a um sol indiscreto e escandaloso, que não sabe ou não quer encobrir os estragos da idade,—um sol que realça a menor ruga da pelle, o menos branco dos cabellos brancos.

Mas, no inverno, como as mulheres são felizes! Quasi todo o tempo em casa, na penumbra deliciosa das alcovas, ou no theatre, á luz do gaz que disfarça as rugas e escurece nos cabellos os fios de prata da velhice.

Oh! na penumbra deliciosa das alcovas, que importa que a pelle, tão saborosa ao toque dos labios, tenha aqui ou alli um pequeno encarquilhamento, uma pequena arranhadura, uma insignificante ruga, que é como a unhada implacavel do implacavel tempo?

*Pour réparer des ans irréparable outrage*— não ha nada como a falta de luz... Os labios não veem... Que importa que um pecego tenha pequeninas manchas na pelle, se, no escuro, os labios apenas sentem o delicioso contacto do seu pello suave e o sabor da sua polpa capitosa?

Amo junho! Em junho, os homens são mais felizes.

O que olhos não vêem, coração não sente. Rugas que se não avistam, não desilludem o coração...

Amo junho! Sob as dobras das *bôas* felpudas, sob a brancura das pelles caras, as faces femininas teem um novo encanto; os labios, com o frio, ficam mais vermelhos; como que os olhos negros ficam mais negros... E os olhos azues, os olhos azues! esses ficam tambem mais azues, porque parece que todo o azul desterrado do céu, que se cobre de nevoas, vem refugiar-se dentro d'elles,—abyssos infinitos de turqueza, dentro dos quaes a alma do amante, allucinadamente, erra ás tontas, em busca do seu ideal fugido!...

Amo junho! Em junho, a propria natureza, como moça bonita que é, tira proveito das capas de neblinas com que se cobre: o verde suave das collinas resplandece mais, n'uma meia tinta delicada, dentro dos nevoeiros; a agua dos rios canta mais, quando a roça o bando errante dos vapores gelidos; e as proprias flôres, as mesmas rosas rubras, que junho herdou de maio, ficam mais bellas, pela madrugada, quando o orvalho lhes atira sobre o carmezim das petalas uma chuva de perolas e topazios...

Saudemos o frio, namorados! Por que, com o frio, as almas ficam rijas para o trabalho e os corpos ficam rijos para as batalhas do amor!

Amo junho! amo o doce mez frio, em que o amor é mais agradável, no aconchego das alcovas fechadas e quentes como ninhos!...

3



Um dos ultimos sonetos do poeta Dias da Rocha Filho, fallecido ha pouco tempo na Parahyba do Sul:

« O vinho bom, que o espirito aviventa  
E o embebe de um torpôr voluptuoso,  
No mesmo frasco um philtro venenoso  
Perfido tem, que as ancias accrescenta.

Do homem, mais vivo, á idéa se apresenta  
Algum transe remoto e doloroso:  
Eis porque fujo ao nectar perigoso,  
Que os corpos vence e as almas ensanguenta.

Sei de um vinho, porém, que purifica  
Intimamente; amansa e tonifica,  
A um tempo, o corpo gangrenado e exsangue...

A tua bocca é a dorna immaculada,  
Por onde eu sôrvo a ardente, a prolongada  
Embriaguez do espirito e do sangue...

A *Cigarra* deve o original d'essa formosa composição a um obsequio da familia do mallogrado moço, que tão fundas saudades deixou entre os seus companheiros de letras.





Uma photographia de  
Emilio Biel, do Porto.

Testemunho de admiração de  
VIAO VAGADO

MARQUES GUIMARAES

Distinto pintor portuense actualmente no Rio de Janeiro



# A CAPITAL AO SOL



e ao voltar a primeira esquina recebe de cavalheiros distinguídos  
intimação para se pôr à fresta

Sabe um homem para a rua



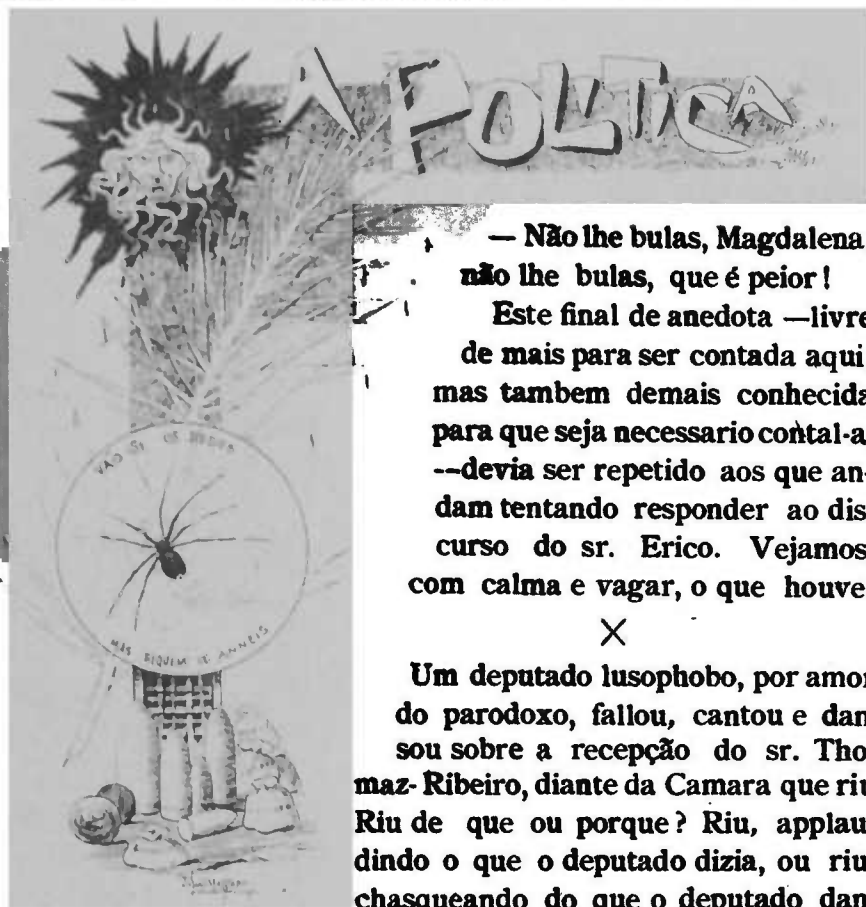
— A camisola também, sim; tudo! Vamos, rápido!



É entra-se no xadrez por... ofensas à moral

J. M. G. A. B. O.





— Não lhe bulas, Magdalena, não lhe bulas, que é peor!

Este final de anedota — livre de mais para ser contada aqui, mas também demais conhecida para que seja necessario contal-a, — devia ser repetido aos que andam tentando responder ao discurso do sr. Erico. Vejamos, com calma e vagar, o que houve.

X

Um deputado lusophobo, por amor do paradoxo, fallou, cantou e dançou sobre a recepção do sr. Thomaz-Ribeiro, diante da Camara que riu. Riu de que ou porque? Riu, applaudindo o que o deputado dizia, ou riu, chasqueando do que o deputado dançava? E' difficil decidir, porque no

riso de uma camara ha muitas cousas de que não sonha a nossa vã philosophia. Em todo o caso, a Camara, no primeiro dia, limitou-se a rir.

Mas, depois, o presidente da Camara, logo em começo da sessão, houve por bem declarar que a mesa não era solidaria com as opiniões do deputado Erico. Primeiro erro! Que a mesa não era solidaria com a cousa já se sabia, porque já se sabia que a mesa não podia ter perdido o juizo...

Depois, o sr. Zama, tratando dos negocios politicos da Bahia, veio declarar que o povo bahiano também não era solidario com a lusophobia do sr. Coelho. — Segundo erro! que tem o povo bahiano com o caso? O sr. Erico é de Cabo Frio, não é da patria das mangas... que necessidade tinha o sr. Zama de ressuscitar o lamentavel incidente?

Depois, o dr. Lopes Trovão, por cuja palavra inspirada o paiz, de bocca aberta e ouvidos escancarados, ha tantos annos espera, decidiu-se a fallar... nos corredores na Camara e na rua do Ouvidor, ameaçando Portugal de arrebental-o com meia duzia de paginas de Oliveira Martins. Foi mais uma bella occasião que o togoso tribuno perdeu de ficar calado, — porque as turbas anciosas ficaram sabendo que a voz tão anciosamente esperada era, não brado de leão, mas miado inoffensivo de gato.

Depois... Ah! depois, na secção livre do *Jornal do Comercio*, começaram a apparecer artigos gravibundos, em que patriotas exaltados aqueciam a questão, pedindo ao sr. Thomaz Ribeiro que voltasse para Portugal, dando-se por mortalmente offendido. Ha quem diga que os autores d'esses artigos eram, não portuguezes, mas *eriquistas* disfarçados, que procuravam envenenar o caso, provocando a colonia... E' possivel! Conheci um amator de barulho, que usava de processo equal. Quando se queria divertir no carnaval, ia a qual-quer theatro, e provocava uma briga na platea. A briga pegava, desenvolvia-se, alastrava. Quando já havia vinte pessoas engalfinhadas, o amavel provocador subia ás torrinhas, e de lá arremessava cadeiras sobre os combatentes, para dar animação ao combate...

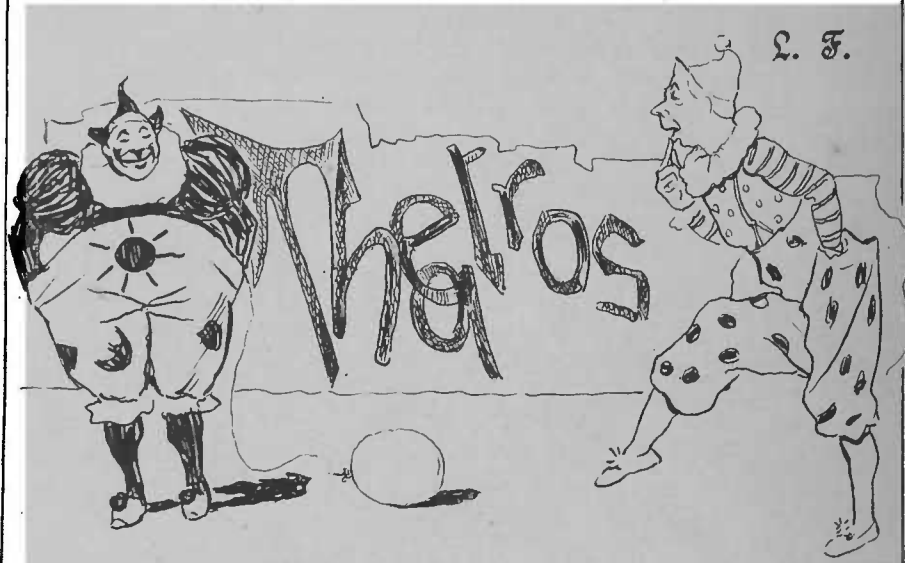
Depois... Ah! depois a mocidade das escolas interveio. A mocidade precisa de agitação, de pilheria, de escandalo. Já lhe não bastam as galerias do *Lyrice*, nem as vaias aos

calouros... E eil-a dividida em trez grupos: uns protestam contra o sr. Thomaz Ribeiro; outros protestam contra o protesto; outros, finalmente, protestam contra o protesto dos primeiros e contra o contra-protesto dos segundos, entendendo que a mocidade academica não tem nada que fazer no meio dessa moxinifada...

Ah! santo Deus! que tanto barulho por tão pouca cousa! O incidente já estaria morto, se a imprensa o esquecesse, se os animos exaltados se submettessem a uma ducha de bom senso, se eu mesmo, que aqui estou querendo dar provas de muito juizo, estivesse escrevendo sobre outro assumpto, em vez de concorrer para engrossar a *reclame* ruidosa, que tanto agrada ao espectacular sr. Erico.

Notae bem quantos dias já correram sobre o caso. Depois do discurso famoso, já o Sr. Thomaz Ribeiro visitou o sr. Carlos de Carvalho, já foi visitado por elle, já foi ao Jardim Botanico, já adoeceu, já se restabeleceu. O incidente já devia estar esquecido e desculpado. Desculpado, sim, porque a gente, que o explorou, vive d'isso: vive de fazer escandalo, de gritar, de perturbar a vida dos que trabalham. Para que se ha de privar tanta gente dos seus meios de vida?

Tudo isso prova que o Rio de Janeiro ainda não é Pariz. Aqui, um pequenino factó avulta, vive, como um Mathusalem, por semanas e semanas a fio. Oh! por quem sois, acabemos com isto! Civilisemos-nos!



Emquanto a municipalidade não levanta o nivel do Theatro Nacional, subordinando artes e artistas ao regimen edificante do ponto, do papelorio, da promoção, da aposentadoria, e das outras inestimaveis usanças das secretarias do serviço publico, — a população fluminense vae roendo o que lhe dão.

Mas, felizmente, Novelli ahi está. Antes da Pacini e da Darclé, o grande Novelli vae pisar o palco do *Lyrice*, dándonos Shakespeare e Dumas, Cossa e Sardou. Isto quer dizer que a gente, que não vae ao theatro apenas para ver canellas magras de *cabotines* e esgares simianos de *cabotins*, vae ter noites cheias, noites de arte, de verdadeira arte.

*O Aquidaban*. Terceira revista de anno. Dizem que também esta tem politica a dar com um páo. Ainda ha poucos dias, na Camara, o sr. Medeiros de Albuquerque revoltando-se contra a amnistia proposta no Senado, perguntava com grandes ares tragicos: « Sr. Presidente! quando tratará o Congresso de discutir e approvar os actos do governo do benemerito marechal? »

Já o sr. Medeiros não tem motivo para renovar a sua anciosa pergunta. O Congresso já não tem necessidade de discutir os actos do benemerito. Os revistographos encarregaram-se de discutil-os e enaltecel-os ou condemnal-os, com um enthusiasmo tocante, mais proprio de congressistas que se autores dramaticos.

*Such.*

No proximo numero (n. 5): uma poesia inedita de Luiz Murat: — « Alma dolente. »



As attitudes languidas, o abandono chic, o morbido fulgor dos olhos humidos, tornavam-na desejada de quantos d'ella se aproximavam; principalmente dos que, por uma concessão mais ampla, podiam sentar-se nos pequeninos *puffs* ou, mais humildemente, nos almofadins onde costumavam repousar, unidos, os miudinhos pés da caprichosa.

Alvaro conseguira a sua *sympathia*. Tornou-se o preferido, não porque fosse o mais bello, mas porque sabia colorir com tal requinte a palestra, era tão interessante a contar, dizia com tal expressão e com tão prodiga abundancia de imagens, que ouvi-lo era o mesmo que escutar a leitura de um livro bem composto, rico de estylo, variado, elegante, pittoresco. Emma dizia que o seu tedio desannuviava-se sempre que lhe apparecia o amavel conversador, trazendo-lhe uma descripção de passeio, uma paisagem, um caso tragico, uma nova poesia ou, á falta de assumpto, os seus principios, as suas theorias.

N'essa noite discutiam amor. Emma, mollemente caída sobre o divan, as mãos no collo, a cabeça derreada sobre ouvia sorrindo as palavras do excentrico:

— Não sou dos que se impressionam facilmente. Tenho amado; seria estulticie querer passar por invulneravel e o meu coração não foi mergulhado no Lethes. Tenho amado: tenho, por vezes cedido á seducção; mas o que me attrae, o que me fascina, não é o todo feminino... eu sou um doente, sou um doente, sou victima d'essa molestia lubrica, que o doutor Laurent classifica sobre o nome de fetichismo. E' assim que tenho visto os olhos mais bellos sem emoção, sem interesse: acho-os divinos, mais logo os esqueço por outros, azues ou negros, indifferentemente. Boccas admiraveis têm adormecido sobre a minha bocca, cabellos opulentos me têm envolvido... e eu, com tristeza afirmo, saio de todas essas provas... imperturbado e frio. E, todavia, não sou um hyperboreo, tenho um coração tropical, mais ardente que a canicula, e, quando me abraço, o sopro de insanica que por elle passa é mais quente que o kansim das areias da Lybia. Mas essa furja amorosa apenas irrompe em mim quando vejo um palmo de perna, bem ajustada á fina meia preta, roliça e... Mas lá começo a exaltar-me... só com a lembrança. Fico louco, perdidamente louco.

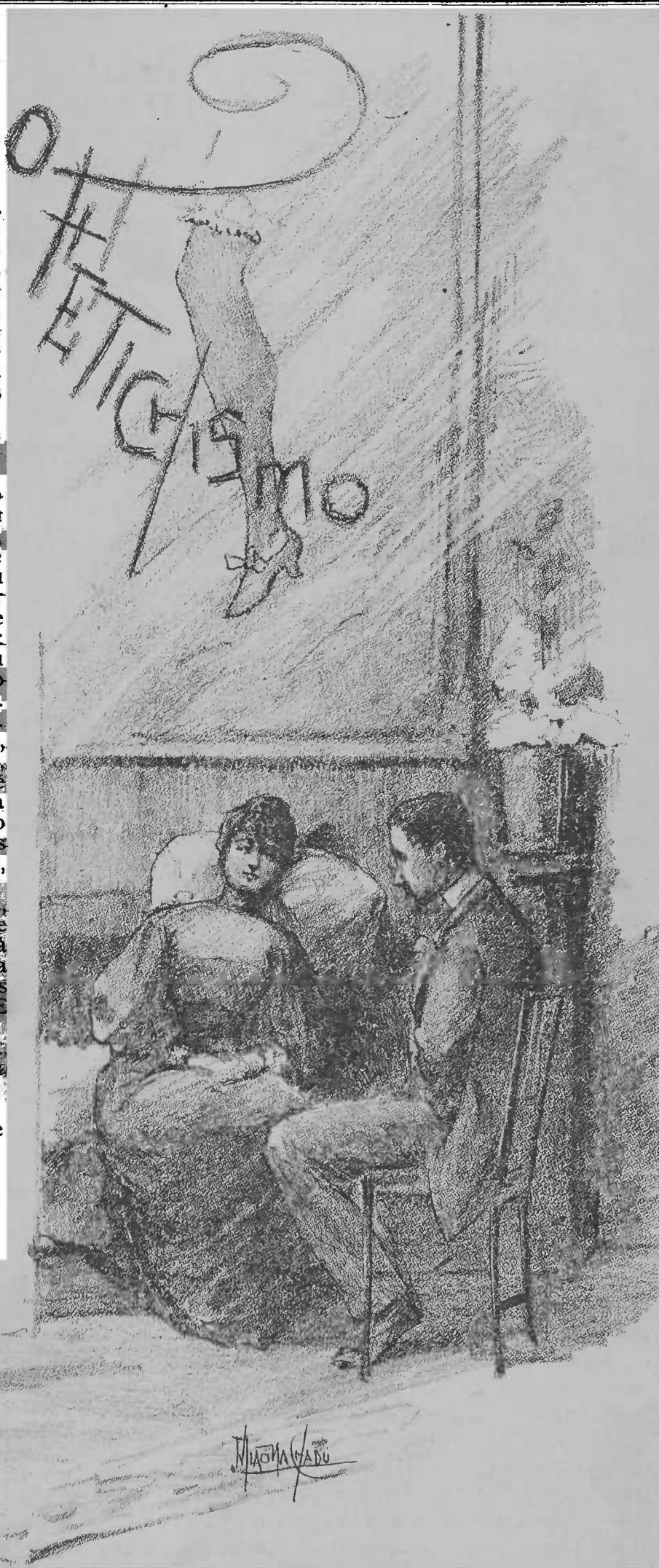
— E' extravagante. Então prefere a tudo... disse Emma, movendo-se no divan, mas, de tal geito que o vestido se lhe arregaçou de modo que a renda da fimbria ficou quasi á altura das ligas cõr de perola que realçavam sobre a meia preta muito justa, sem uma ruga. Alvaro escancellou os olhos allucinados: e ella, risonha, indagou, fitando-o: — E para que lhe dá a loucura, senhor Alvaro?...

Que havia de responder o pobre louco? Para que havia a caprichosa, de provocar o desvairado? Culpa... Que culpa podia ter o responsavel, o delirante?

Quando tornaram os dois á realidade, Emma, arquejante compondo os lindos cabellos, disse:

— Decididamente fazes jús a uma camisola de força...

Caliban.



## A PSYCHOLOGIA DAS BOTAS

Devem os leitores estar lembrados de que ha dois numeros lhes promettemos uma pagina sobre a *Psychologia das botas*. Desistimos da empresa, porque depois de varias noites gastas em consultar alfarrabios e de varios dias consumidos em entrevistar philosophos, chegámos á conclusão de que as botas não teem psychologia.



# MISTER WILLIAM NOS FENIANOS

O MAXIXE A' INGLEZA



J. MACHADO.





CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

ANNO (52 numeros),	48000
OITO MEZES (até ao fim deste anno)	32000
SEMESTRE (26 numeros),	25000
NUMERO AVULSO,	1000
SUPPLEMENTO,	500
NUMEROS ATRAZADOS	10500
SUPPLEMENTOS ATRAZADOS	10000

Escriptorio, Rua Ouvidor 115

# A CIGARRA

HEBDOMADARIO illustrado por *Julião Machado*

Redacção de *Olavo Bilac*,

Propriedade de *Manoel Ribeiro*

ANNO I

Rio de Janeiro, Quinta-feira, 6 de Junho de 1895.

N. 5

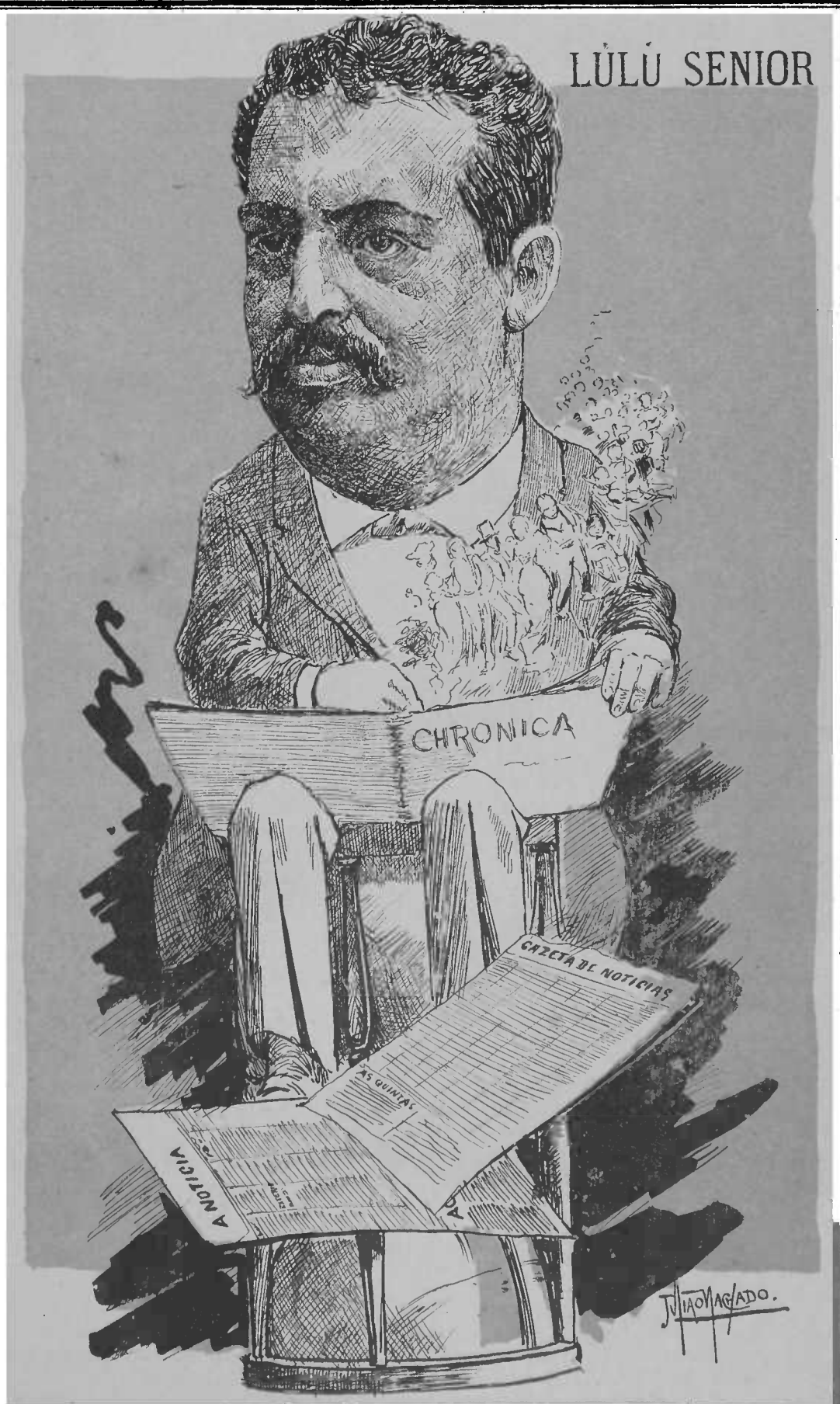
## CIGARRAS E FORMIGAS

Com a *charge* de Lulú Senior inauguramos n'este numero a secção *Cigarras*. N'esta secção archivará *A Cigarra* as seguintes figuras de artistas, escriptores, musicos, esculptores, actores, *cigarras* emfim :

Machado de Assis, José do Patrocinio, Coelho Netto, Henrique Chaves, Martinho Garcez, Joaquim Nabuco, Luiz Murat, Andrade, Bernardelli, Rocha, José Barbosa, Ramiz Galvão, Dermeval da Fonseca, José Mariano, Figueiredo Coimbra, Medeiros de Albuquerque, Thomaz Ribeiro, Arthur Azevedo, Angelo Agostini, Aluisio Azevedo, Salamonde, Guanabario, Eugenio de Magalhães, Nilo Peçanha, Belmiro, Carlos Dias, Adelina Lopes d'Almeida, d. Francisca Julia da Silva, etc., etc.

Alternadamente, daremos a secção *Formigas*, galeria de commerciantes, politicos, financeiros, diplomatas :

Conde de Figueiredo, dr. Prudente de Moraes, dr. Piza e Almeida, conde Sebastião de Pinho, Mme. Guimarães, Manoel Ribeiro, Visconde de Guahy, Candido Sotto Maior, Barão Drumond, Madame Elisa Dreyffus, Silva Cotta, A. de Siqueira, Visconde Ferreira d'Almeida, Freitas Brito, barão do Alto Mearim, Juca Florista, Celestino da Silva, Visconde de S. Luiz de Braga, Visconde de Carvalhaes, Luiz Canedo, Azevedo Ferreira, Cambyaso, Julio Braga, Paul Frontin, Carlos Sampaio, Barão d'Oliveira Castro, Leon Decaps, dr. Francisco Portella, Luiz de Rezende, etc.







Dentro da alma de cada um de nós, — mesmo dentro de certas almas alpestres e duras como as rochas inacessíveis, — ha uma flor pequenina que não morre nunca, a flôr de ouro do Sonho. Vergastem-n'a os sóes da puberdade, sacuda-a o fecundo trabalho outonal da idade madura; sitem-n'a com as suas cadeias de gelo as tristezas do inverno, — a crysantema do Sonho não morre. E quando a gente se quer fazer pratica, procurando cerrar os olhos ao devaneio, para não perder de vista o lado chato da vida, — a florzinha de ouro tem um riso escarninho:

« Desgraçado! não conseguirás sepultar-me sob a alluvião indecente das tuas baixezas. Arroja-te á politica: faze do teu caracter um saltimbanco, afestoa-o de guizos, enfarinha-o, arremessa-o á arena suja, para gaudío da galeria, expõe-o á venda n'uma rotula devassa! Atira-te ás especulações! come ouro, Moloch da Bolsa! estorce-te e arrebeta de uma indigestão de libras esterlinas! Procura dar pasto aos teus vicios, no leito das mais baixas ou das mais altas mulheres, na borra dos vinhos e no sarro ascoso do fumo e do opio! Mergulha a tua carne traca no bamburral da vida! Vive! e emporcalha-te, miseravel! — No fundo da tua alma, eu ficarei, sempre-viva, dando um toque da graça divina á tua immoralidade! »

E ah! que doce mez para o sonho é este mez das fogueiras e do frio! Os trez santos de junho, — Santo Antonio, o casador das moças, S. João, o precursor de Jesus e São Pedro, o porteiro do céu, — são os mais alegres da folhinha. Por uma gentileza fidalga, (porque é preciso notar que no céu, mais do que na terra, a boa educação é uma qualidade muito apreciada) os trez barulhentos padroeiros de junho deixam passar, antes da sua, a festa da suave Maria. E, quando Maio succumbe; quando sobre as festas mariannas os órgãos deixam cair, como uma chuva de flôres, as suas ultimas notas festivas; quando, confessadas e commungadas, as virgens, com o olhar banhado de gloria pelo reflexo do corpo do Senhor que as visitou, celebram na ultima procissão, victoriosa e branca, a suprema graça da Mãe de Jesus, — então, Santo Antonio, S. João e S. Pedro acordam, e tomam conta do céu e da terra.

E agora os vereis!

Santo Antonio, um meridional carinhoso e alegre, nascido na cidade de marmore e granito, plantada sobre o caes do Sudré á beira mar, — Santo Antonio, tão amigo das creanças que, depois de ver Jesus morrer aos trinta e tres annos, pediu-lhe que tornasse a ficar pequenino para que elle o pudesse trazer sempre ao collo, — Santo Antonio mette-se entre as onze mil virgens, desde o dia primeiro do mez, e, presidindo esse congresso de Puras, começa a deferir os requerimentos que lhe enviam da terra as moças ávidas de casamento.

Oh! que trabalho! que trabalho! ha tanta rapariga solteira n'este valle de celibatarios! o cambio está tão baixo! os viveres estão tão caros! ha tão pouca gente que se anime

a fazer familia! Os requerimentos chegam ao céu aos milhares, ás enchentes, aos bilhões de bilhões de remessas. Em cada repique de sino que sobe da terra, vão, equilibrados nas azas cantantes das badaladas, turbilhões de votos ardentes, de pedidos afflictos, de exigencias. Todas as moças querem marido!... E Santo Antonio, n'uma dobadoura, não tem mãos a medir. Algumas das supplicantes, cansadas de esperar, passam uma corda pelo pescoço d'uma effigie do santo e arremessam-na ao fundo escuro e frio de um poço... Mas, Santo Antonio, suado e offegante, entre as suas onze mil virgens, não tem tempo para se zangar com essa impertinencia.

E as onze mil virgens, entre risadas claras, (ah! ninguém imagina que claro, que vibrante, que harmoniosissimo som teem as risadas do céu!) dizem, para gracejar com o Casto Lisboa: « Bom santo! bom santo! vê que favor te fazemos nós, ficando no céu! vê que ventura o não precisar a gente de marido n'esta abençoada mansão! aqui estamos onze mil solteiras que não te importunamos, bom santo! »

E Santo Antonio, (que alegre Bemaventurado que é aquelle meridional!) ri tambem: « ao trabalho, meninas! ao trabalho! olhem que celebrô este anno o meu centenário, e quero dar á terra uma porção extraordinaria de maridos! »

\*\*\*

S. João, esse, desde o dia primeiro, põe todo o céu de pernas para o ar. Quando o Padre Eterno, na sua cathedra de vapores de ouro e prata, cochila, cansado e velho, acubrunhado ao peso da sua eternidade, — o Precursor vae ansiosamente perguntar-lhe ao ouvido: « Senhor! quando chega o meu dia, Senhor? » — « E o Senhor extremunhado: « Cedo chegará, João, descança! » E o discipulo: « Ah! Senhor! quando chegar o meu dia, ficarei tão contente, que arrasarei o mundo! » E Deus fica murmurando consigo mesmo: « Eu te ensinarei, Exaltado! »

S. João vae d'alli a todos os Santos, dizer-lhes os projectos que affaga, e contar-lhes como, com uma pyrotechnia maravilhosa, conflagrará, para celebrar o seu dia, a morada dos Homens. E quando S. Prudente lhe diz que esse projecto é sanguinario, o Precursor lhe retorquê com desprezo: « Calla-te para ahi, pacato! tu és como um prudente da terra, que bem quer a paz, mas não a faz! »

Chega afinal a vespera do grande dia. O Senhor, que bem sabe de quanto João é capaz, procura, na sua Infinita Sabedoria, o meio de salvar a terra da explosão da alegria do Beato. E obriga-o a ler de fio a pavio toda a collecção da *Revista do Instituto Historico*. S. João adormece, como um santo de chumbo, e só acorda d'ahi a 48 horas, quando o seu dia passou. Acorda, esfrega os olhos, consulta a *folhinha Laemmerl* que está pregada n'uma das paredes do céu, e fica desesperado: « Senhor! Senhor! que crueldade a vossa! Pois está es ripto que nunca verei o meu dia, Senhor? »

E o Senhor, com um riso malicioso que lhe illumina as barbas brancas, diz, com bonhomia: « Paciencia, João! Saberás que o melhor da festa é esperar por ella, Exaltado! »

\*\*\*

S. Pedro, esse, tem uma alegria mais calma, e, sobretudo, menos ameaçadora para os habitantes da terra.

O Pae da Igreja, — vendo que os homens apezar de toda a sua maldade original, não o esquecem, e arruinam-se em balões, em bichas da China, em batatas e carás, para glorificar-o, — faz a vista grossa para os peccados do mundo... Assim, todos os santos, no primeiro dia de Junho, dizem logo: « Vae entrar este mez muita gente para aqui! » E' que o Velho Santo fica de uma condescendencia sem limites. Quando um maçon bate á porta do céu, S. Pedro procura dar á face um ar de indignação, e brada: « Pois você tem a coragem de querer entrar no céu, seu hereje? não entra, pedreiro-livre! não entra, patife! » E dá-lhe as costas, mas deixa a porta aberta... por descuido. O maçon entra e, quando dão por elle, já o veem com azas de escumilha nos hombros, tocando cythara ao lado de Santa Engracia.

Dizem que foi no mez de junho que Lovelace, graças a essas vaidades de S. Pedro, conseguiu entrar na Mansão da Luz. O grande Santo deixou-o passar, perdoou-lhe os peccados, purificou-o, e disse-lhe entre dois sorrisos: « Agora veja lá o que vae fazer, seu devasso! olhe que aqui dentro ha virgens a dar com um paul... Se faz qualquer asneira... lembre-se do exemplo de Abeilard... »



Como não hão-de os trez santos de junho amar este mez, em que a terra consome fortunas em polvora e papel de côr, para se recommendar á sua protecção e á sua benevolencia?

Ha quem diga que os santos, que brincam com os planetas como nós brincamos com as bolas de bilhar, não chegam a vêr os balões radiantes, que mandámos ao céu enfiados pela fumarada do piche...

Tolos! em verdade vos digo que os tres Padroeiros da Pyrotechnia dão mais attenção aos nossos aerostatos de papel que ao Anel de Saturno e aos Satellites de Jupiter. Cada um faz o barulho que pôde: Deus faz barulho com as trovoadas, e nós com as cartas de bichas; a intenção é que é tudo, neste particular como em todos os outros.

Depois, é tão bom imaginar que as nossas preces não se perdem! é tão bom sonhar que, realmente, ha santos alegres que não odeiam o mundo...

Sonhos de junho! flores de ouro das almas! abri-vos e fulgurae, pondo o correctivo de um pouco do aroma celeste sobre as emanções mephiticas da estrumeira da vida!...

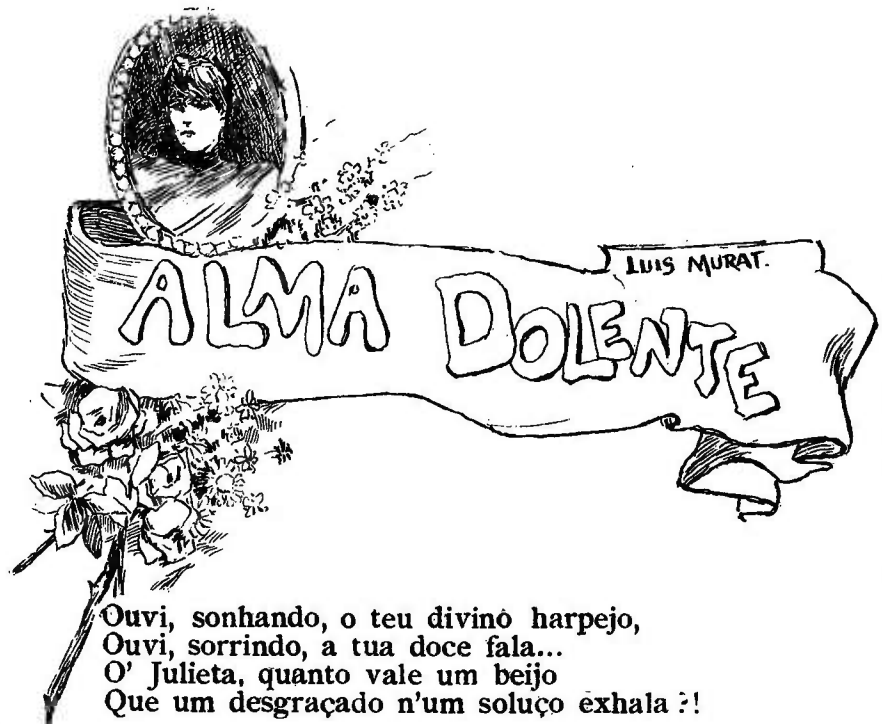
*Fantasio.*

### O EDEN-LAVRADIO



Da bilheteria ao salão do theatro a distancia é tamanha, que o espectador compra o bilhete e, quando vae apresental-o ao porteiro, ouve com espanto a seguinte declaração:

— Perdão! este bilhete era para o spectaculo de hontem!...



Ouvi, sonhando, o teu divinó harpejo,  
Ouvi, sorrindo, a tua doce fala...  
O' Julieta, quanto vale um beijo  
Que um desgraçado n'um soluço exhala?!

Sou a tristeza da tarde,  
A voz da brisa, que passa;  
Bem sei que sou um covarde,  
Tem dó da minha desgraça!

N'uma saudade desmaiada e triste  
Lanço aos espaços funerarios a alma,  
E o atro oceano, que aos meus ais resiste,  
Murmura ao longe: « Teu martyrio acalma!

Calma não tem quem padece,  
Nem quem um leito procura:  
O coração fortalece  
Na sua propria amargura.

Como deixar de amar, sonhos enganadores?  
Como deixar de crêr, se a vida é um sonho apenas  
Que acorda a lyra e faz desabrochar as flôres,  
Que incende o peito e faz embrandecer as penas?

Na tristeza em que me arrasto  
Minh'alma foge com ella.  
Procuro-a—o céu é tão vasto  
E no céu ha tanta estrella!...

No murmurio da aragem que suspira  
Uma canção, ignota, entre os sylvedos?  
No terno canto que na matta expira,  
Entre ninhos dulcisonos e ledos?...

Dizei-me, sagrados numes,  
Onde está minha senhora,  
Com todos os seus perfumes,  
Chorando ou sorrindo, agora?

Alma saudosa que ao romper do dia  
O coração desfazes em gemidos,  
Ouve essa casta e errante melodia  
Que atravessa os sertões adormecidos.

Ouve-a, que, ouvindo-a, teu peito  
Generá mais brandamente,  
Como deslisa no leito  
Tranquilla e mansa corrente...

A saudade me absorve a alma inteira, e desperta  
Um funereo torpor nos meus queixosos annos,  
E lança-me, mal sóbe a luz da tarde incerta,  
Sobre vastos areaes, oceanos sobre oceanos...

Dizes-me, emtanto, que escute  
A voz que o mysterio encerra.  
Quem ha que mais do que eu lucte  
Para ser feliz na terra?

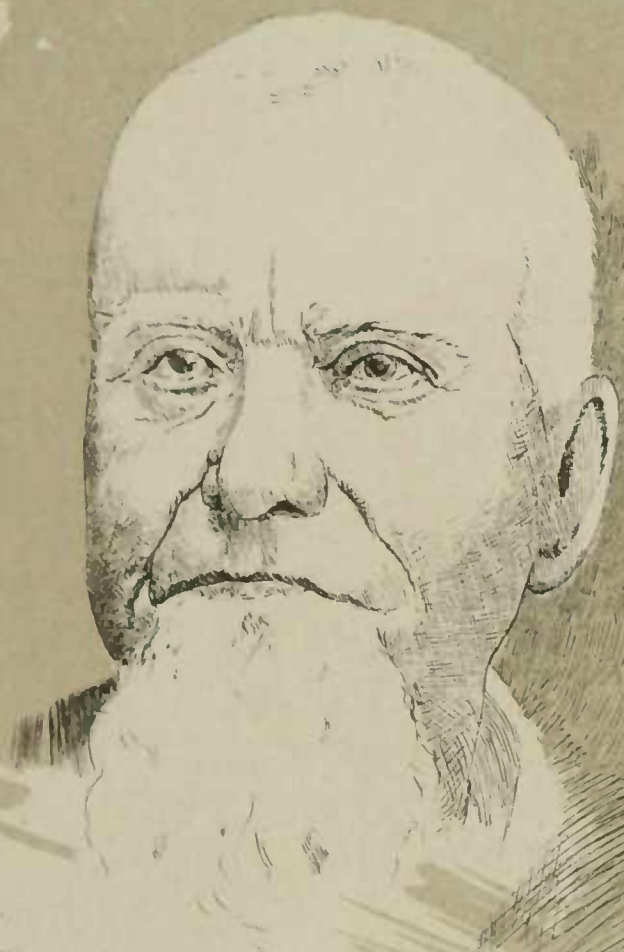
*Luis Murat.*

A Revista Illustrada, no seu numero de sabbado ultimo, além de amaveis referencias a esta folha, deu no texto um bellissimo retrato do nosso Julião Machado. A Cigarra beija affectuosamente o Pereira Netto e o Luiz de Andrade, agradecendo-lhes a fineza fidalga.



# SALDANHA MARINHO

SALDANHA MARINHO, a quem já a patria agradecida conferiu, em vida, o titulo de PATRIARCA DA REPUBLICA, continua, depois de morto a dirigi-la, porque o BRASIL guardará piedosamente a memoria da sua PROBIDADE e do seu CIVISMO.



FALLECIDO NO DIA 28 DE MAIO



ERMETE NOVELLI

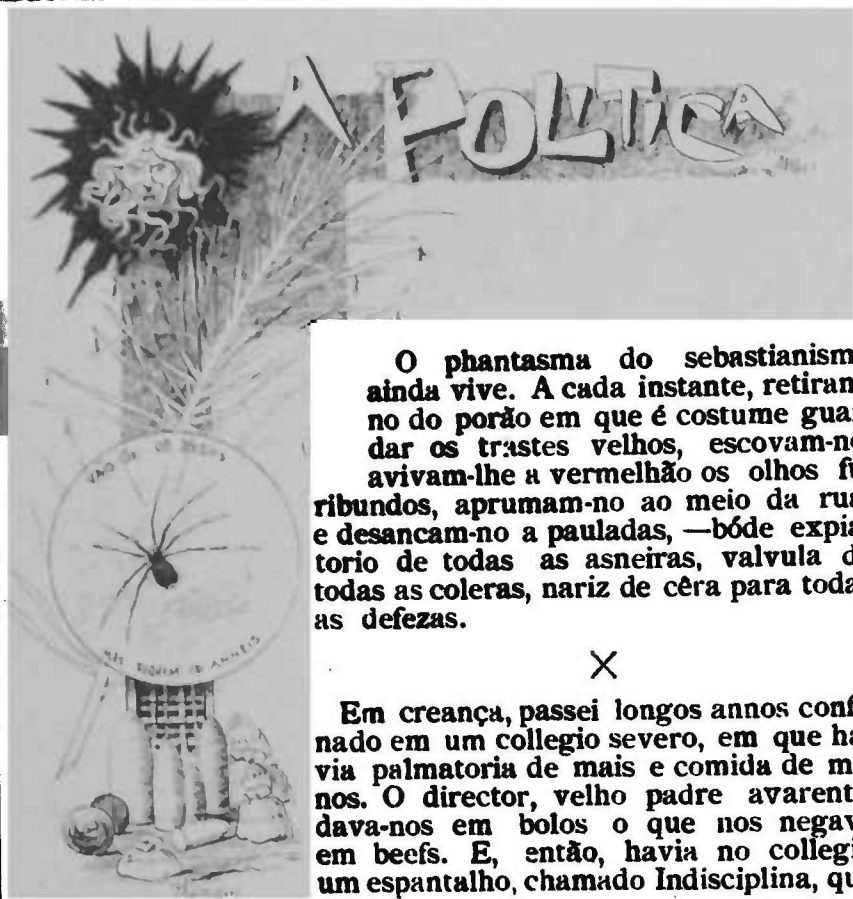
Homenagem d' A CIGARRA ao grande artista, em cujo talento encontram a mesma genial interpretação: o supremo Lyrismo de Shakespear e a suprema Ironia de Moliere

A Cigarras

J. MACEDO







O phantasma do sebastianismo ainda vive. A cada instante, retiram-no do porão em que é costume guardar os trastes velhos, escovam-no, avivam-lhe a vermelhão os olhos fúribundos, aprumam-no ao meio da rua, e desancam-no a pauladas, —bóde expiatorio de todas as asneiras, valvula de todas as coleras, nariz de cêra para todas as defezas.

X

Em creança, passei longos annos confinado em um collegio severo, em que havia palmatoria de mais e comida de menos. O director, velho padre avarento, dava-nos em bolos o que nos negava em beefs. E, então, havia no collegio um espantalho, chamado Indisciplina, que

fazia o mesmo papel que hoje faz na politica o Sebastianismo. Para todas as queixas, para todas as reclamações, para todos os pedidos, havia esta solução summaria e inappellavel: - Indisciplina! dê cá a mão! » E o reclamante, com a mão inchada, habituava-se a venerar e a temer essa Potencia sobre-humana, essa invisivel e impalpavel Indisciplina, que sobre todas as injustiças, sobre a fome e a sede, sobre as suppressões da transpiração e sobre as deficiencias da ração, pairava. —inatacavel e temerosa.

Se um de nós, cahindo de fraqueza ou de febre, ia ao superior, —elle sacava do bolso a fêrula negra, de jacarandá, em que cinco olhos pequeninos se abriam symetrica e escarinhamente:

- Que ha, meu filho?
- Padre-mestre! com licença de Vossa Reverendissima, o que ha é que o pão do almoço não chegou para todos, e...
- Indisciplina! dê cá a mão!
- Padre mestre! dentro do feijão havia um rato...
- Indisciplina! dê cá a mão!
- Padre-mestre! as janellas do dormitorio estão quebradas... constipei-me... tenho muita febre...
- Indisciplina! dê cá a mão!

E no ar modorrento do salão de estudo, os bolos troavam como uma tempestade.

X

Assim, o Sebastianismo. Se um homem se rebella contra a deshumanidade com que se matou gente inoffensiva, clama-se contra elle, apontando-o ao odio jacobino,—como se o ideal da Republica fosse o assassinato fria e premeditadamente posto em pratica.

Se um senador quer saber em que cousas foi gasto o dinheiro do Thesouro, vem o mundo abaixo com a grita dos jacobinos: Sebastianismo!

Se o commercio diz que, com o cambio a zero, será obrigado a fechar portas e burras, ahi vem o clamor ultrarobesperriano: A' força o sebastianismo-ladrão!

E quem nega o seu apoio incondicional ao leão de Cambuquira é um monarchista perigoso, que ameaça as instituições. Desgraçadas instituições que têm medo de que haja um governo, capaz de zelar o dinheiro e a vida de cada um de nós!

Mas, ha poucos dias, o commercio, — que é quem mais carrega com a pécha de sebastianista — prestou á memoria veneranda de Saldanha Marinho a mais simples e ao mesmo tempo a mais commovedora homenagem jámais prestada á memoria de um chefe politico. Não houve casa commercial que não puzesse a meio pão a bandeira nacional. E mais ainda: entre as bandeiras da Republica, viam-se todas as bandeiras estrangeiras, tambem piedosamente enlutadas. Alguem encommendou essa homenagem ao Commercio?

Depois, é preciso notar que o grande e puro homem, sobre cujo tumulto todos os corações republicanos choraram,

foi o primeiro a clamar,— como os chamados sebastianistas de hoje,— contra a politica de arruaça, de esbanjamento e de violencia com que os pedreiros da Democracia do fusilamento consolidaram a Republica. Pouco antes de 10 de abril, pouco antes d'essa tragi-comedia, em que collaboraram fraternalmente Florianos e Custodios, Serzedellos e Glycerios, — Saldanha Marinho, em carta dirigida á redacção d'*O Combate* e que nas collecções d'esse jornal figura, disséra que o benemerito marechal de Cambuquira detinha illegalmente nas mãos o poder.

E já a sua voz sagrada, em que oitenta annos de honra e de amor da justiça fallavam, declarara que não era aquella a Republica sonhada pela sua grande alma...

X

Ah! o Sebastianismo!... Meus senhores! sómente

*As creanças tem medo á noite, ds horas mortas  
Do papão que as espera, hediondo, atraas das portus...*

L. F. •

Livros novos, annunciados para o mez de Junho, e que *A Cigarra* indica ao bom gosto dos seus leitores: *O Rei Phantasma*, romance de Coelho Netto; *Livro de uma sogra*, romance de Aluizio Azevedo; *Alma alheia*, contos de Pedro Rabello; *Alma Primitiva*, contos de Magalhães de Azeredo.

Os Srs Deputados. por dentro.



— Não votes 'contra' não? Sua necessidade temos nós de arranjar inimigos...?

*A Cigarra*, no seu segundo numero, agradeceu publicamente ás pessoas que, pelo correio, lhe enviaram felicitações. Corre-lhe agora o dever, para não ser ingrata, de tambem agradecer ás pessoas que, em affabilissimas cartas anonymas, a têm descomposto a proposito do incidente Erico. Isso, amigos! isso! descomponham-nos, mas leiam-nos!



## VEDADA.

Tu és para mim como uma cidade maravilhosa, defendida por muralhas altíssimas. E, em torno d'essas muralhas, eu ando rodando, rodando, de noite e de dia, palpando essas pedras que me ensangüentam as mãos.

— Cidade do amor! cidade da luz! quando me abrirás, piedosa, as tuas portas?

Rompe a manhã. Um dilúvio de fogo invade o céu. E emerges resplandecendo, n'um desalinho matinal, do banho de chammãs do sol. E eu, misero! e eu, louco! apenas posso, de baixo, avistar ansiosamente os cimos das tuas arvores gloriosas, sacudindo a folhagem á carícia da luz.

— Cidade do bem! cidade do amor! quando me abrirás, piedosa, as tuas portas?

Sol a pino. Rumorejas, vozeias, na agitação do trabalho e da vida. E eu posso apenas, de baixo, ansiosamente, eu, louco! eu, misero! ver elevarem-se, radiando, as agulhas esbeltas das tuas torres orgulhosas, em torno das quaes se desfia sereno o vôo das andorinhas errantes.

— Cidade do amor! cidade da luz! quando me abrirás, piedosa, as tuas portas?

Tarde. Novas purpuras rolam no céu. Vibra o staccato suave da voz das ultimas aves. Uma poeira cinzenta fluctua no ar. Approxima-se a noite. Uma estrella fulgura, pallida, sobre ti, dominando-te toda, como se fosse o meu sonho, a espiar-te. E a noite cêa, silenciosa, desenrolando sobre o teu socego a onda clara da via-lactea.

— Cidade do bem! cidade do amor! quando abrirás, piedosa, as tuas portas?

Silencio. Treva. N'um ultimo suspiro, n'um ultimo esprequiçamento voluptuoso, adormeces... E eu, louco! eu, misero! collo o ouvido á muralha de pedra, para te ouvir o calmo offego no somno. E um desespero angustioso me cresce na alma, e sobe-me aos olhos uma enchente de lagrimas, e ruge-me o sangue nas veias, e recomeço a rodar, a rodar, furioso e esfaimado, em torno d'essas muralhas, como um lobo feroz em torno de um aprisco...

— Cidade da luz, quando me abrirás as tuas portas? quando me abrirás as tuas portas, cidade do amor?

THEATROS



Não veio a companhia lyrica. E' o primeiro anno este, em que o Rio de Janeiro, desesperado, ousa confessar em voz alta que está pobre, arrebatado, « na espinha ».

A arrebatção não começou agora. Já ha um bom par de annos que, a *haute-gomme* faz prodigios de economia dentro de casa, para poder manter cá fóra uma certa apparencia de prosperidade. Corta-se um prato no *menu* do jantar, reduz-se o numero de *toilettes* mensaes, passa-se do *Grand Chambertin Royal* ao modesto *Bordeaux Lupipe*, — para conservar o *coupe* e a parrelha ingleza. Este anno, ao que parece, a corda estala, de tão esticada que está. Valha-nos S. Pedro, já que S. Paulo não nos acóde.

E Novelli? O publico não terá ao menos dinheiro para se dar o regalo da audição do phenomenal artista? Novelli...

Perdão! antes de mais nada, deixem-me abrir um paréntesis.

Vicente Reis deu ao palco do Sant'Anna uma outra revista sua. E' a *Bicharia*, revista de trimestre. Graças a Deus, esta não tem muita politica... E, depois, corre-me o dever de achal-a muito bem feita. O amavel Vicente não esqueceu *A Cigarra*, cuja figura é gentilmente incarnada na sra. Villart. Acho na *Bicharia* um defeito: devia chamar-se *A Cigarra*, e ser toda consagrada a exalçar a formosura e a galhardia desta adorada folha, de que eu sou o *Sarcey à la minute*.



Emfim, assim como está, não está mal: tem graça leve, e é feita com talento. *A Cigarra* agradece ao joven Reis a sua amabilidade.

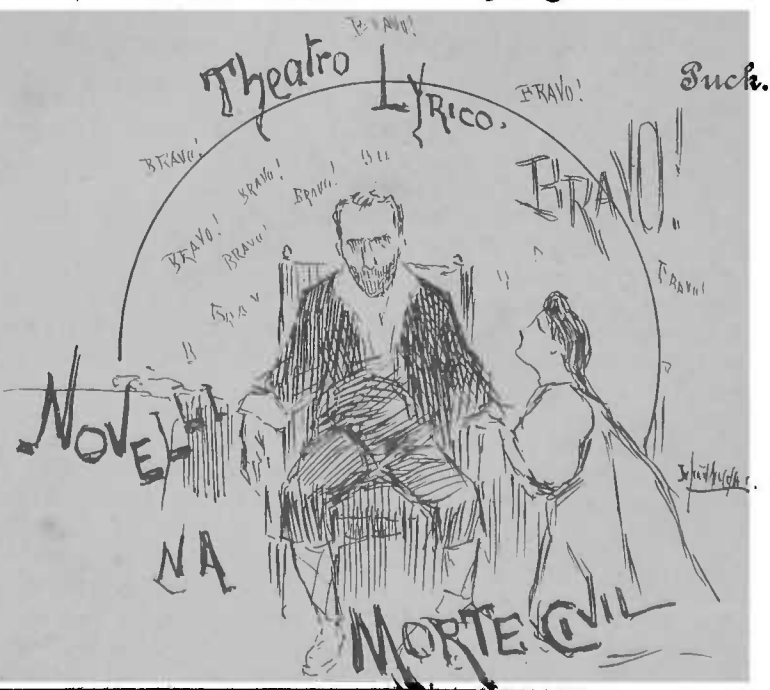
A proposito: sei que o meu caro Moreira Sampaio já entregou ao *Eden* a sua revista de anno *Rio Nô*, em que tambem, ao que me consta, se faz á *Cigarra* uma espantosa reclame...

Mas o espaço desta columna é pequeno e Ermete Novelli é Grande. Fallemos d'elle quanto antes! fallemos quanto antes do prodigioso artista, que actualmente honra e illumina com a sua presença o palco brasileiro. Já o vimos no *Papa Lebonard* de Aicard, na *Morte civil*, de Giacommetti, e no *Luz XI* de Delavigne. O grande Novelli apparece-nos agora maior, mais sobrio, mais verdadeiro, mais humano.

Mas, nessas peças, ainda o artista não revela todos os seus extraordinarios recursos. Em breve, quando o seu talento se mover á vontade dentro do genio de Shakespeare e de Molière, quando o ouvirdes rugir a colera de Othello e o virdes apertar os cordões da bolsa de Harpagon—comprehendereis que Ermete, vindo ao Rio de Janeiro, faz á nossa relaxada e burgueza cidade mais do que um favor: uma esmola.

Não sei já qual foi o chronista que aconselhou ao actor Martins, director do Theatro Normal da Fdilidade, que não perdesse uma só das recitas de Novelli. Eu reeditaria esse conselho, se não tivesse medo de magoar o sr. director Martins.

Porque esse propecto actor é hoje qualquer cousa como ministro e secretario de Estado dos Negocios do Theatro e uma dolorosa experiencia, de xadrez e de desterro, me tem ensinado a não dar conselhos aos que governam.





# OS PAES DOS NOSSOS NETOS



- Também não vai ao curso, hoje?  
- Não posso! Tenho de ir derrubar o ministério!





# A CIGARRA

## CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

ANNO (52 numeros),	48000
OTTO MEZES (até ao fim deste anno)	32000
SEMESTRE (26 numeros),	25000
NUMERO AVULSO,	1000
SUPPLEMENTO,	500
NUMEROS ATRAZADOS,	10500
SUPPLEMENTOS ATRAZADOS,	10000

HEBDOMADARIO illustrado por *Julião Machado*

Redacção de *Olavo Bilac*,

Propriedade de *Manoel Ribeiro*

Escriptorio, Rua Ouvidor 115

ANNO I

Rio de Janeiro, Quinta-feira, 13 de Junho de 1895.

N. 6

## O CASO D'ESTA SEMANA

**F**ALA-SE ainda, que farte, de Novelli e dos seus muitos papeis, genialmente interpretados. Mas, até agora, mesmo sem exclusão de Shylok, o papel em que o grande Ermete mais tem arrebatado a platéa do *Lyrice*, é o de Luiz XI, o sinistro rei amo e amigo de Comines, que se encarregou de lhe historiar a vida.

Ha quem pense que Casimir Delavigne carregou um pouco as tintas de que se serviu para, no drama, nos pintar a tremenda personalidade d'esse rei extravagante. De facto, um dos mais vibrantes escriptores deste seculo, Paul de Saint Victor, deus do estylo e princepe da critica, rehabilitou, perante a Historia, o real filho de Carlos VII.

A *Cigarra* quiz, no interesse dos seus muitos milhares de leitores, elucidar esse ponto, e decidir se, realmente, Luiz XI foi aquelle monstro, meio macaco e meia hyena, que Delavigne sonhou e Novelli interpreta.

Pois bem. Depois de aturados estudos, chegámos á conclusão de que a criação de Delavigne é perfeita e a interpretação de Novelli é magistral:

Luiz XI foi aquillo mesmo!

E sabeis porque, cidadãos?

— Porque n'aquelle tempo ainda não tinham sido descobertas as maravilhosas aguas de Caxambú, que, regularizando as funcções digestivas, influem beneficentemente sobre o moral. Se Luiz XI frequentasse a *Casa Postal*, rua do Ouvidor, n. 78, deposito de aguas de Caxambú, dos admiraveis charutos Pedro Murias, perfumarias, e objectos de *toilette*,— outro teria sido o seu caracter, como homem e como rei. Abençoada Casa Postal! Abençoados Miguel Lopes & Irmão!

CONDE... DE MONTE CHRISTO

## FORMIGAS



"Les bons comptes font les bons amis."

"Les bons comptes font de bonnes amies."





Creio que n'este contracto tacito que fizemos, eu e o publico, ficou-me o direito de escolher á vontade os assumptos, não?

Ora bem! Quero hoje, com uma gravidade de jurisconsulto, occupar esta pagina com uma centena de linhas ponderosas, em que se discuta o complicadissimo caso das Faculdades Livres de Direito. E' devo, antes de tudo, revelar um segredo, — magua occulta que me rõe a existencia, carcinoma hediondo que, dia a dia, se apossa das mais secretas, das mais profundamente reconditas fibras do-meu ser.

\*\*\*

A principio, em menino, o titulo de Doutor me sorria no futuro, como uma esperanza e uma gloria. Os Hebreus, no captiveiro, *sobolarios que vão por Babylonia*, não sonhavam com igual febre a doce Terra Prometida, a maravilhos Chanaan em que, para lenir as amarguras do longo exilio, deveriam achar deliciosos riachos de leite e de mel.

Quando um medico passava por mim, os meus olhos de creança comiam a pedra verde, a grande esmeralda que elle trazia ao dedo, dentro de um circulo de brilhantes, n'um aro grosso, em que duas cobras se enlaçavam. Depois, ai! de mim! perdi a esperanza...

O mestre Machado de Assis tem um conto, em que a esperanza do protagonista, que vai pedir dinheiro a um amigo, vae descendo e minguando, desde a fabulosa quantia de vinte contos até a ninharia de cinco mil réis. E o mestre explica como a ambição do misero, — aguia altiva em começo, roçando com as azas os cumes dos mais altos desejos, se transformara tristemente n'uma pobre franga rasteira, mariscando e bicando a estrumeira de um quintal.

Assim eu. Do ardente desejo de ser doutor, desci ao mais modesto, mas não menos ardente desejo de ser bacharel. Oh! simples bacharel, sem borla, sem capello, sem theses, mas com annel! mas com diploma! mas com titulo! mas com canudo!

E ahi vieram outra vez as complicações da vida, e outra vez me esfarraparam o sonho. Ir a S. Paulo ou ao Recife, que desarranjo! Cursar cinco annos uma Academia, que loucura! — Com que dinheiro comeria eu, durante esse tempo todo?...

Cheguei a pensar em ser um simples rábula, um humilde procurador de causas... Ha muita gente que tem subido ás mais altas posições, não sendo outra cousa... Mas houve uma revolta na minha vaidade: rábula não é titulo digno! ainda se soasse bem ao ouvido!...

E acabei por, desconsolado, abandonar o meu sonho: deixei-o finar-se como um phtysico, pouco a pouco, á feição de uma candeia que se apaga á mingua de azeite.

\*\*\*

Mas um dia, abrindo um jornal, tive um sobresalto que me estreceu o coração dentro do peito. O governo approvára os estatutos de uma Faculdade Livre de Direito, instal-

lada aqui mesmo, nesta cidade, dentro da circunferencia em que se agitam os meus interesses, os meus negocios, os meus amores, os meus prazeres, as minhas obrigações... Dei vida nova ao meu sonho, levantei-o como um Lázaro do fundo da cova da desillusão, dei-lhe um banho de sol e de fé. E deliberei fazer-me bacharel.

Apenas, não quiz ser o primeiro. Esperei que outros passassem antes de mim. Foi o meu grande erro. A modestia em que me tenho imbecilmente embrulhado tem sido a causa mais séria dos meus desgostos. As violetas, com a sua humildade, escondidas no tapiz anonymo da relva, estão expostas a todas as injurias do tempo e da creação: não ha bota de homem que as não esmague sem piedade, como não ha gato que não esguiche sobre ellas uma injuria liquida. Ao passo que as palmeiras, arrogantemente levantadas no ar, affrontando as estrellas com empafia, zombam dos proprios temporaes, e riem, como mulheres esbeltas e vaidosas que são, dos homens e dos bichos que andam cá por baixo... Ai! eu ainda hei de morrer, não de molestia, mas de modestia, — uma vez que não ha meio de tirar da alma este grande defeito...

\*\*

Assim, esperei. E comecei, com cuidado, a indagar do que se passava no interior da Faculdade Livre. E vae, de repente, apparece outra Faculdade, tambem Livre e tambem de Direito. Desconfiei: era esmola de mais para um pobre tão pobre...

Mas, começaram a sahir dellas duas bachareis a granel, como uma ninhada de ratos. Não havia semana em que as duas fecundas escolas não atrassem ao Fóro quatro duzias de homens formados.

\*\*

Conheci um moço que ganhava a sua vida como caixeiro de botequim. Travei relações com elle, um dia em que me veio pedir, com interesse, que lhe escrevesse uma carta á familia:

— Então, não sabe escrever?

— Nem ler.

Escrevi a carta, assombrado de tão espantosa falta de instrucção, e passei um anno sem vêr o meu conhecido. Ao cabo d'esse anno, fui ao jury e vi-o, na tribuna da defeza, agitando gravemente no ar a mão espalmada, em cujo indicador fuzilava um formoso rubi. Houve um desmoronamento dentro de mim. Que era aquillo, Deus de Misericordia? Esperei que o homem acabasse a sua arenga, vi-o descer da tribuna, abraçado e felicitado por varios collegas, e aproximou-me:

— Então? formou-se?

— E' verdade! custou-me um pouco, mas emfim...

\*\*

Depois, uma senhora do meu conhecimento, mãe de varios filhos pequenos, disse-me um dia:

— Olhe: Este é o mais velho, tem dez annos. Quero vêr se aos doze está formado em direito...

Todas estas cousas calavam profundamente no meu espirito, e dentro d'elle germinavam. Não quiz perder mais tempo, e animei-me.

Então, começaram a apparecer nos jornaes umas noticias mysteriosas: «Consta que nos relatorios dos fiscaes das Faculdades livres fazem-se graves revelações» ou «diz-se que o sr. ministro do interior vae providenciar para que se cumpram á risca os estatutos das faculdades livres», ou etc., etc.

Revelações graves?

E sahi á cata de informações. Que horriveis, que indesculpaveis irregularidades se podem dar dado no governo d'aquellas machinas de fazer bachareis?

Versões desencontradas choveram sobre a minha alma anciosa. Nada apurei. O que sei é que receio e sinto no ar uma catastrophe. Vida minha! se fecham as faculdades livres, onde irei adquirir o cubicado diploma?

Ha quem diga (é esta a versão mais corrente) que o curso de sciencias sociaes e juridicas se faz alli tão á pressa, que varios concidadãos já se têm formado no curto espaço de tempo que vae, n'um dia só, do almoço ao jantar. Mas onde o inconveniente d'isso? Eu já vim de Ouro Preto aqui em 14 horas, porque vim pela estrada de ferro. Tiradentes



veio em mais de dois mezes, porque veio a pé. Deixamos por isso de fazer a mesma viagem?

Objectar-me-ão que, com essa espantosa celeridade, uma creança de mamma viverá brevemente no collo materno com um rubi de bacharel ao dedo. Que tem isso? Ha tantos casos de precocidade!... Olhem: Goethe escreveu o *Fausto* aos vinte annos. Pascal, o profundo — tão profundo, que acabou vendo sempre aberto deante de si um abysmo que era talvez a imagem da sua propria profundidade,—Pascal, aos doze annos, era um grande mathematico; aos dezeseis, escreveu o *Tratado dos conicos*; aos dezenove descobriu que a natureza tem horror ao vacuo... Isto é Historia, meus senhores: está no *Larousse*, que é a fonte anciã e respeitavel da minha erudição.

Que inconveniencia pôde haver em que o Rio se encha de advogados-meninos?

Seja tudo pelo amor de Deus! o que ha é que, lá no alto, no livro do Destino, está escripto que eu nunca serei bacharel! Morrerei virgem desta investidura gloriosa...

No Lyrico A saída do "Inventor de Vinte e Quatro"

Fantasio.



Um bello partido! O doti todo um libras...

De carne? Convinha-me a rapa se ainda houvesse  
Stylohs.

## A CIGARRA

—Ballada—

No proximo numero (n. 7) vamos fazer aos leitores d'A *Cigarra* um presente régio. JULIO REIS— o notavel musico brasileiro— compoz expressamente para a nossa folha uma delicadissima BALLADA PARA PIANO.

Esse trecho musical, que é uma das mais bellas producções do fecundo talento de JULIO REIS, vae, estamos certos, popularisar-se. Prepare-se o Rio de Janeiro para admirar-o, e convença-se de que A *Cigarra* é a mais bella, a mais luxuosa, a mais artistica revista das duas Americas e do resto do mundo.

## Terra rima

I

NOITE ainda, quando ella me pedia,  
Entre dois beijos, que me fosse embora,  
Eu, com os olhos em lagrimas, dizia:

« Espera ao menos que appareça a aurora!  
Que suave calor ha no teu ninho,  
E que treva e que frio ha lá por fóra!

Como queres que eu vá, triste e sósinho,  
Casando ao frio e á treva do meu peito  
A treva e o frio que ha pelo caminho?...

Ouves? é o vento... é um temporal desfeito...  
Rugem bategas de agua... Tem piedade!  
Exilado da alvura do teu leito,

Succumbirei de amor e de saudade!  
Espera! até que o dia resplandeça,  
Aquece-me com a tua mocidade!

Sobre o teu collo deixa-me a cabeça  
Repousar, como ha pouco repousava...  
Amemos-nos! Espera que amanheça!

E ella abria-me os braços. E eu ficava.

II

JÁ manhã, quando ella me pedia  
Que do seu claro corpo me affastasse,  
Eu, com os olhos em lagrimas, dizia:

« Que pressa a tua! olha a manhã que nasce!  
Como queres que o amor que nos transporta  
Se ostente á vista de quem quer que passe?

Ah! não me digas que isso pouco importa!  
Que dirão todos, vendo-me apressado,  
Tão cedo assim sahir a tua porta,

— Vendo-me exausto, pallido, cançado,  
E todo pelo aroma do teu beijo  
Escandalosamente perfumado?

Não assoalhemos este amor sem pejo!...  
Espera! Até que o sol desapareça,  
Beija-me a bocca, mata-me o desejo!

Sobre o teu collo deixa-me a cabeça  
Repousar, como ha pouco repousava...  
Amemos-nos! Espera que anoiteça!

E ella abria-me os braços... E eu ficava.

Olavo Bilac



# Santo Antonio



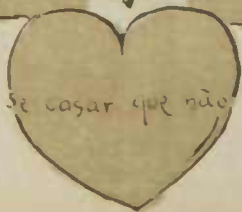
GRATIDÃO DE VICENCIA AUGUSTA 1865

GRATIDÃO DE QUITERIA LILLI

GRATIDÃO DE GERTRUDES L. - A S<sup>o</sup> ANTONIO Por ter concedido um genro.

Oração para homens.

S<sup>o</sup> Antonio, permiti que eu não case, se casar que não oseeja, se o for que o não saiba, e se o souber...  
peção me fale P.N.A.M.





# THEATRO LYRICO



*Handwritten signature*

OLGA GIANNINI





Mas, n'um dia, tia Michaela veio, ella propria, recebel-o á entrada. O Jerónimo parou, surprezo, indagando com os olhos. E tia Michaela explicou o que havia.— « O Leopoldo, aquelle magrinho, que estivera lá no dia dos seus annos... Ah! não conhecia? Pois, coitado! Fôra-se... Bexigas! — « Bexigas! — « E' verdade; bexigas! » Era o sexto, n'uma semana. O Jerónimo estremeceu de terror; dominou-se, porém. « Mas, e a Margaridinha? » Tia Michaela tranquillizou-o. Estava no sitio do Leopoldo. Fôra pela manhã, para ajudar a gente de casa. Era preciso haver lá quem tivesse um bocado de sangue-frio. Os outros, coitados! tinham perdido a cabeça. O Jerónimo despediu-se: voltaria depois.— « Sabbado, ella já ha de estar ahí. Tenha paciencia! » Teria paciencia. E foi embora. Luzes brilhavam longe. Anoitecia. O Jerónimo levava como um presentimento no coração.

Não voltou mais. A Margaridinha chegou logo na sexta-feira, á tarde. Esperou-o até alta noite. Nada. Esperou-o no sabbado, dia inteiro, noite inteira. Nada. Apenas, n'aquella noite lugubre, tia Michaela veio da rua, a chorar. Talvez chegasse no domingo. Esperou-o. Rompeu o sol; veio a tarde, frigida tarde de inverno. E nada. A Margaridinha esperava á porta, apoiada á cancella.

Nuvens pardacentas iam-se amontoando pelo céu. Pe-neirava um chuvisco. E, subito, do alto, d'entre barrancos, aos solavancos, pelo tortuoso caminho, — violentamente puxada por duas bestas e forcejando por ganhar a estrada, branca de areia—surdiu uma antiga, uma arruinada caleça, sem toldo. De um a outro lado, sobre os assentos, estremecia, oscillava um caixão. Oleados resguardavam-n'o do tempo. E, logo atraz, vinham a galope dois cavalleiros.

O céu fez-se mais negro. Chovia agora. A Margaridinha sentiu que alguma cousa se lhe enroscava no coração. Era como uma cobra má que o tivesse agarrado de subito.

Estalava o chicote no ar. O carro galgou a estrada, de um pulo. As rodas chiavam na areia, rapidas, ao rapido trote das bestas. Homens descobriam-se ao vél-o. E tia Michaela, que vinha a entrar da rua, ajoelhou-se religiosamente.

— Coitado do Jerónimo! — disseram na casa vizinha.

A Margaridinha apolou-se mais á cancella:

— Ah! meu Deus! — soluçou, dolorosa, angustiadamente.

Só. Faltava-lhe o chão. A' garganta subiam-lhe, n'um bolo, toda aquella magua, toda aquella agonia, toda aquella dôr. O carro passou. Do caixão mal fechado, evolava-se, ficava um máo cheiro espalhado pelo ar.

— Siá dona, reze por elle! — gritaram.

Chovia mais forte. Lagrimas rebentavam em fio, das arvores, sobre a areia. A Margaridinha ficou, apoiada á cancella, com um tremulo, nervoso rictus nos labios, sem se rir, sem chorar, sem chorar, sem se rir...

*Pedro Rabello*

O trecho de prosa de Pedro Rabello, que hoje publicamos, pertence ao seu livro *Alma alheia*,—que será dentro em breve tempo exposto á venda.

## A SOMBRA DO AMOR

Philetas, o bom velho, sou eu, meus filhos, eu mesmo, que muitas arias cantel para essas nymphas e fiz, não poucas vezes, soar a fructa aos ouvidos deste deus Pan que aqui está. Grande armento dantes apascentei, e agora o que alhures vi e ouvi contar-vos venho. — LONGUS.

« — Os laranjaes cobriam-se de flores, disse Philetas ao casal que o ouvia attento, os laranjaes cobriam-se de flores. Vós que andaes entre ramas e silvados deveis saber das estações pelas flores—quando a anemona desabrocha é o viçoso tempo da colheita, e, se as abelhas cercam as laranjaes, dizeis sorrindo — é primavera.

Os laranjaes cobriam-se de flores, quando, por um caminho desses montes, fui levando, a cantar, os meus bois mansos. Por entre a murta alpestre avenas concertavam, e d'uma banda e d'outra da ribeira, que esparze o choro das nymphas prisioneiras, baliam bandos de carneiros alvos.

Moço e árdego, mas, nesse tempo, namorado, subi ás penhas crespas para olhar o vilar em que vivia quem me fazia andar compondo idyllios — e foi junto á caverna de um zagal, no hirsuto monte, que ouvi contar o que vos conto agora. Pegureiros havia nesse tempo que se travavam longos dias em desafios lyricos — qual descantava os olhos da pastora formosa, qual descrevia as scenas da aldeia natal; um desfazia em eglogas saudades e amores, outro narrava fabulas heroicas. Mas o que ides ouvir ouvi de um velho que sabia, de cór, cantos de aédos e repetia silvos de rapsodos. Eis o canto que ouvi no crespito monte:

« Tinham os deuses prados e montanhas; nos rios claros nayades moravam; nereidas glaucas viviam no mar verde e nos carvalhos dos bosques hamadryadas; flores, ninhos, cavas, brenhas, tudo tinha o seu deus patrono e amigo; sómente o coração sem deus ficara. Jupiter, commiserado, fez que nascesse o amor da Formosura.

E Amor nasceu formoso.

Reuniram-se os deuses junto ao berço, e cada qual fez presente ao deus nascido de um dote precioso.

Será eternamente infante, disse Jupiter. E o Amor, filhos meus, nunca envelhece.

Que differença vai de uma namorada a uma criança, filhos meus? que diz, que faz, que pensa o namorado? balbucia, beija, e sonha, e outra idéa não tem que amar não seja... e quantas loucuras faz, quantas concebe!

Deu-lhe Marte a bravura, Mercurio a astucia, Apollo o ardor e o engenho e a graça, Phebe a meiguice, a intrepidez Poseidon, azas as pombas brancas, que tiravam a quadriga de Venus. Pallas as flexas, o carcaz Bellona. Só as Horas não foram ao berço novo; eis porque Amor as horas não conhece.

Juno, porém, que não fallara, disse, recebendo das mãos do deus Vulcano o presente que ao infante destinava:— A tua sombra, Amor! — e sobre o berço deixou cahir a dadiva do artifice.

Eil-o a correr os corações humanos. Penetra, e logo todo o ser exulta—nem dóe a cicatriz que as settas abrem, nem o pranto, que a dor d'alma nos tira, faz com que as settas amaldiçoemos.

Bemdito seja o amor que nos tortura!

Mas que resaibo deixa o amor nas almas!

Onde elle chega e pára a Sombra pára, elle irradia e a Sombra entenebrece, e o coração que o abriga satisfeito ha de abrigar a Sombra que o persegue. A setta aligeira que desfere o arco vai pelos ares, mas a Sombra segue-a... e a ferida de Amor mais dóe por isso.

Direis agora para que eu vos diga: Que Sombra é essa que não deixa Amor?



Daphnis olhava ingenuamente: e o velho, tomando o seu alforge e a fruta e o baculo:

— E' o Ciume, o Ciume, disse, o Ciume, a sombra do Amor que as almas entristece.

E foi-se, por entre os laranjaes em flor, soprando a fruta como um deus silvestre.

Anselmo Ribas.



Já tive as orelhas em fogo, recebendo uma aspera reprehensão. Disseram-me que isto é uma folha rissonha, para cujas columnas não se deve trazer o clarão sangrento e o écho feroz das batalhas que se ferem lá fóra. Santo Deus! quando a *Cigarrá* me encarregou desta secção, não quiz com certeza que eu viesse para aqui desmanchar-me em versos lyricos. Não posso fazer politica como *Fantasio* faz chronica, passando pela semana como gato por brazas, especulando com as phrases, illudindo o leitor, e escolhendo dos assumptos justamente aquelles que menos lhe possam angariar uma sóva, ou, pelo menos, uma dessas sedutoras descomposturas que andam tão em moda pela imprensa...

Mais valeria então substituir esta secção por uma outra, de modas ou de *sport*. Comtudo, o publico exige politica. A opinião deste collaborador d'*A Cigarrá* é ardentemente reclamada pelas almas que se preocupam com o futuro da patria. Que hei de eu fazer? Sabei! esta columna é o chão em que Santo Estevam se estendeu para receber as pedradas do martyrio. Cantem-me embora as pedras sobre as costas! sou obrigado a sorrir, e a pedir mais pedras, achando-as, por amor do dever, mais leves e mais acariciadoras do que petalas de rosas.

×

O que ha de novo e de interessante é a questão da amnistia, que cahiu por um voto.

No Senado, teve ella apostolos de palavra de fogo, paladinos que não temeram as iras do Jacobinismo triumphante.

Mas, já não resta, em coração nenhum, um raio só de esperanza. Já todo o mundo sabe que, se fôr novamente proposta, a amnistia será negada. Na camara, contam-se os raros votos que lhe seriam dados. E' uma questão vencida. Os exilados continuarão a soffrer, os revoltosos continuarão a bater-se, o cambio continuará a degradingolar, e nós continuaremos a... pensar em outra cousa. Que delicia de tempo!

×

Tanto fallaram em Sebastianismo, que o Sr. Andrade Figueira tomou a cousa a peito. Diz-se, (diz-se não sei com que fundamento), que S. Ex. vae fundar um jornal monarchista. Como empreza, a cousa vae ser estupendamente rendosa. O jornal vender-se-á ás dezenas de milheiros, porque o publico fluminense, avido de agitações politicas, já está cheirando na ideia uma formidavel campanha opposicionista,— e a opposição é o fraco deste, como de todos os povos.

Como propaganda, a cousa vae ser sem duvida um triumpho completo para a Republica. Todo o mundo vae ver o que é o ideal monarchista. E, se agora ha tanta gente que tem ou finge ter medo do espectro de papo de tucano, esse medo desaparecerá, quando os medrosos virem o papão sentado a uma mesa de pão, como qualquer de nós, empunhando

uma caneta commum, e ennegrecendo um réles e vulgarissimo papel almasso.

×

E, depois, que descanso para nós todos! Hoje, se não approvamos e defendemos calorosamente todas as violencias, somos sebastianistas, e apanhamos bordoadas de criar bicho.

Apparecendo uma folha monarchista, será ella a encarregada de receber o peso da colera jacobina; e descansaremos nós... Não é sem tempo, amigos! temos as costas chagadas e a alma atrapalhada. Só ha uma cousa que se não póde adquirir com o habito: é o amor da pancada. Não podemos mais!

Por isso, desta obscura columna peço de joelhos ao sr. Andrade Figueira que não demore o apparecimento do seu jornal. Venha esse orgão monarchista, pelo amor de Deus e da Republica! Todos os republicanos, estou certo, juntam as suas supplicas á minha, fazendo da minha voz o vehiculo das suas mais ardentes aspirações. Já estamos tão cançados de ser sebastianistas!...

L. F.



Novelli, o Grande, depois de minha ultima chronica, deu-nos a *Familia Pont Biquet*, que é uma fabrica de risadas, em que o seu poderoso talento encontra efeitos phenomenaes de arte alegre e a comedia *A Tia de Carlos*; o *Kean*, o velhissimo *Kean* que figura no repertorio de todos os actores, o cançadissimo *Kean* que o Rio de Janeiro já viu ser interpretado de varios modos e por varios artistas, desde Salvini até... até... não sei quem; e deu-nos Shakespeare, em duas peças extraordinarias: o *Mercador de Venesa* e a *Féa amansada* (*The taming of the shrew*). Dizer que o seu trabalho na interpretação d'essas duas peças do divino mestre é assombroso,—equivale a dizer uma banalidade. Além d'isso, o numero d'*A Cigarrá* está cheio; basta enviar d'aqui a Novelli um ardente *Bravo!*

⊗

Está cheio o numero, bem sei: mas não quero deixar de fazer uma pequenina réclame ao beneficio da actriz Balbina Maia, beneficio que se dá hoje no *Apollo* com o *Major*, a bella revista do Arthur.

⊗

Atè quinta-feira. Vou applaudir Novelli.



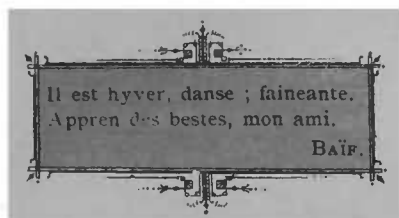


# A FÉRA AMANSADA

NÃO CONFUNDIR COM A DE SHAKESPEARE







# A CIGARRA

## CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

ANNO (52 números) . . . . .	480000
OITOMEZES (até ao fim deste anno) . . . . .	320000
SEMESTRE (26 números) . . . . .	250000
NUMERO AVULSO . . . . .	10000
SUPPLEMENTO . . . . .	500
NUMEROS ATRAZADOS . . . . .	10500
SUPPLEMENTOS ATRAZADOS . . . . .	10000

Escritorio, Rua Ouvidor 115

HEBDOMADARIO illustrado por *Julião Machado*

Redacção de *Olavo Bilac*,

Propriedade de *Manoel Ribeiro*

ANNO I

Rio de Janeiro, Quinta-feira, 20 de Junho de 1895.

N. 7

## A CIGARRA

**ENCONTRARÃO** os leitores n'este numero (pags. 2 e 8) o cumprimento de duas promessas: a promettida **BALADA DA CIGARRA** que devemos ao distinctissimo compositor **Julio Reis**, e a promettida pagina de **Belmiro de Almeida**,—o nosso distinctissimo pintor, que com um grande talento cultiva a caricatura.

Quem é, no desenho de **Belmiro**, que hoje damos, o caricaturado? Responda a universalmente reconhecida perspicacia dos leitores d'*A Cigarra*.

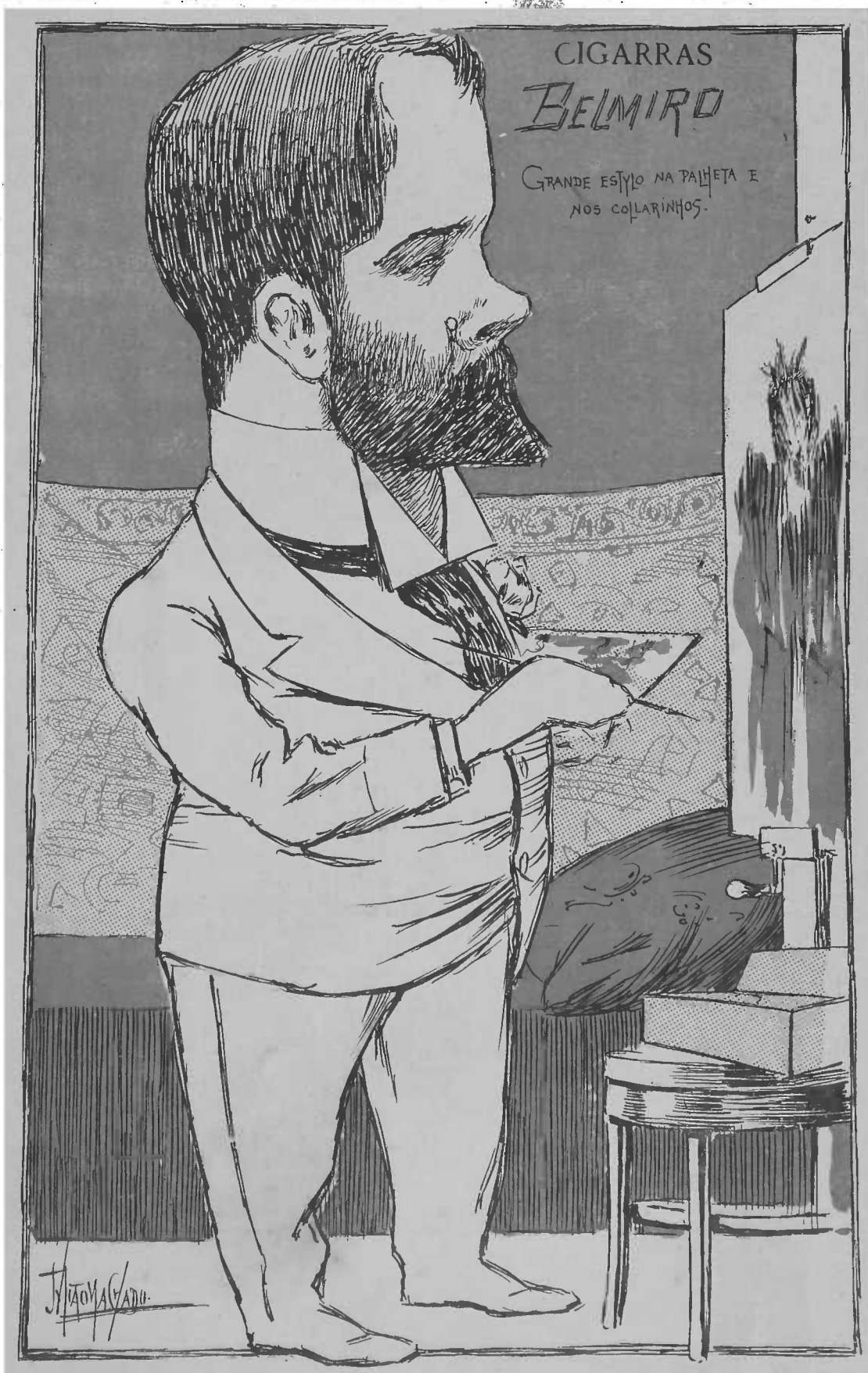


No proximo numero (n. 8) publicaremos um admiravel trecho *inedito* do illustre romancista nacional **Aluizio Azevedo**. E' um fragmento do seu novo romance *Livro de uma sogra*, actualmente no prélo, e ainda inteiramente desconhecido do publico.

Essa pagina *inedita* é admiravel de observação e de estylo. Já vê o publico que *A Cigarra* o está presenteando com a collaboração dos mais illustres representantes da litteratura e da arte do Brazil.



*A Cigarra* tem recebido exemplares de varias publicações recentes. Não temos por ora espaço que chegue para a analyse dos livros que nos são enviados. Mas, como Deus é grande e o favor publico é o seu propheta, esperamos dentro em pouco ter inauguradas á larga, na folha augmentada, todas as secções indispensaveis á boa organização de uma publicação deste genero.





## TYPOS DA RUA DO OUVIDOR



Do cambio emblema parece  
Do João Bruno a cartolinha :  
Quanto mais o cambio desce  
Tanto mais ella definha.



**D**IZEM que esta folha tem commetido a gravissima falta de não se occupar bastante com as altas questões, que de perto entendem com a grandeza moral e material do Brasil. Não dizem isto em voz alta. Dizem-n'o á socapa, traiçoeiramente, querendo intrigar *A Cigarra* com a posteridade. Entretanto, em outra columna da folha, todas as quintas-feiras, o meu collaborador L. F. (iniciaes que mal disfarçam o nome illustre de um illustre escriptor, que foi varias vezes eleito deputado durante o regimen passado) costuma escrever sobre *A Politica* estiradas e gravibundas ponderações, que súaam patriotismo e irradiam bom senso... Mas, ao fundar *A Cigarra*, nós já sabiamos que não nos faltariam detractores. Que importa? um verso de Schiller nos

consola: quando os cães ladrarem á tua passagem, fica sabendo que ladram só porque passas a cavallo!»

Dizem que *A Cigarra* se desmancha em risos estridulos, quando a patria se desmancha em sustos e lagrimas... Que reis ter a prova de que não descuramos os interessès vitæes da Republica? Lede-me.

\*\*\*

Ha dias recebi a seguinte carta, impressa em fôrma de circular:

« Exm. Sr.—Para que V. Exa. se digne responder: 1.º Está de pleno accordo com as disposições do artigo 3.º e seus paragraphos, da Constituição Federal, que preceitua sobre a mudança da capital da União para o planalto central do Brasil? 2.º Qual das denominações prefere para a capital projectada: *Cabralia* ou *Brasilia*, como já têm sido indicadas? 3.º Julga accetivel a denominação: *Goyaz*? 4.º Se nenhuma das acima, qual a que entende dever ser dada, como mais expressiva, sob o ponto de vista ethnographico, e como mais esthetica quanto á sua construcção philologica? Queira V. Exa. endereçar a sua resposta á redacção do *Diario de Noticias*, subscripta ao signatario —*Henrique Silva*.»

Sei que varios cavalheiros, como eu directores da opinião publica, receberam egual convite. E, agora, vêde: eu poderia responder ao signatario da consulta em carta particular, privando assim o publico da ineffavel delicia de ser edificado com as minhas luzes... Mas, ao contrario, vou responder pela *Cigarra*, em publico e raso, pondo assim o meu voto e a minha opinião ao alcance do criterio dos nossos innumerables assiguantes.

N'este simples facto de se occupar *A Cigarra* com o magno problema da mudança da Capital Federal, já vae a affirmacção do muito que nos merecem os interessès publicos, — não acham? Outro homem fosse eu, menos cheio de patriotismo, e trataria da mudança da capital do Japão ou da mudança da capital da Senegambia...

\*\*\*

Mas, ainda não é tudo. Se eu não sentisse arder dentro de minha alma,—constantemente alimentada pelo azeite sacro



do nativismo, — a lampada inapagavel do amor da patria, tomara a deliberação de ir procurar o meu interlocutor Henrique Silva, para lhe dizer, mais ou menos, o seguinte :

\* Amigo Henrique ! Bem sei que você é goyano, e que ama Goyaz, e que julga de transcendental importancia este caso de mudança de capital. Bem sei tambem que sou brasileiro, e que amo o Brazil, e que de importancia transcendental julgo o supracitado caso. Mas, enfim, não foi você quem descobriu o Brasil... Nem eu, amigo, nem eu ! Dizem uns que foi Cabral, dizem outros que foi Pinson : o meu caro e illustre Capistrano, que, na materia, é autoridade incontestavel e incontestada, resolve a pendencia, dizendo que *foram os hespanhaes que descobriram o Brasil, porque Cabral viu terra mais de meiado de Abril, e Pinson a viu em fevereiro* ; diz que essa é a solução chronologica ; mas, que, *sociologicamente fallando, os descobridores do Brasil foram os portugueses*. Mas, amigo Henrique, o que é certo é que o descobridor não fui eu ! Ora, quem descobriu o Brasil que o ature... acho melhor que você mande os seus quesitos a Cabral ou a Pinzon, e que d'elles exija a solução do magno problema...

Pois bem ! não commetterei tamanho crime. Responderei a Henrique, com varios compendios em cima da mesa e com a mão na consciencia.

\*\*\*

Mas, começarei pelo segundo quesito, deixando o primeiro para o fim.

Se prefiro *Cabralia* a *Brasilia*, ou *Brasilia* a *Cabralia* ? Não prefiro nenhuma, senhor !

*Cabralia*, porque ? A dever o nome da nova capital rememorar a gloria do descobridor, mais aceitavel seria o hediondo nome de *Pinsonia*, pelas razões a que acima alludi. Já a America assim se chama imprópriamente, com injustiça grande para a gloria de Colombo.

Se julgo aceitavel a denominação de *Goyaz* ? Nunca, senhor !

Goyaz é um nome que condecora todo um Estado e um Estado grande, impenso, feracissimo, riquissimo, poderossissimo. Se é preciso absolutamente dar um nome á cidade, porque lhe dar um nome velho ? Novos nomes a novas cidades, senhor ! Já a joven capital de Minas, em Bello Horizonte, por uma grande tolice governamental, chama-se... Minas ! Minas, capital de Minas, — que horror !

Qual então a denominação que prefiro ?

\*\*\*

Nada mais facil do que descobrir bellos nomes, bellos e adequados. *Paschoalia* seria formosissimo. Quando a frota cabralina avistou a terra brasileira, celebrava-se a bordo a festa da Paschoa, — festa da concordia e do amor. *Paschoalia* não ficaria bem como denominação á grande cidade, em que todas as raças confraternisaram pelo trabalho ?

Outra ideia : porque não ressuscitar o velho nome de *Veru Cruz*, em má hora abandonado pelo de Brasil ?

Consta-me que o general Couto de Magalhães, consultado ha tempos sobre esta mesma questão, propoz um nome indigena, arrezvado e feio, que não me ficou preso á memoria : felizmente, porque ainda me lembro de que era uma palavra medonha... como tudo quanto é caboclo.

\*\*\*

E vamos ao quesito primeiro.

Se estou de accordo com o art. 3º da Constituição ? Mas, está claro ! eu estou de accordo com toda a Constituição, do primeiro artigo ao ultimo, — mesmo porque a falta do meu accordo não conseguiria mudar-lhe, já não digo uma linha, mas uma simples, uma desgraçada, uma pobre entrelinha... Por não estar de accordo com a Constituição, anda uma porção de gente no sul a saltar cochillas e a comer polvora : não tenho geito para essas cavallarias altas. Estou de accordo, sim, senhor !

Se o planalto da Formosa é lindissimo, se estão tratando de lá fazer uma cidade modelo, se é preciso povoar e desenvolver o interior do Brazil, — como não hei-de querer que se mudem para o coração de Goyaz os deputados, os amanuenses, os senadores, os chefes de secção, os continuos e os ministros de Estado ? Ah ! eu sou tolerante ! a moderação e o amor da justiça e da razão são os tapetes que forram o fundo do meu character. Carioca da gemma, nascido em plena e viva rua do Ouvidor, não cuideis que o planalto da For-

mosa me faça inveja. Mesmo sem camaras, sem palacio da Presidencia e sem amanuenses, o meu Rio de Janeiro não teme a concurrencia da vossa Cabralia ou Paschoalia ou Vera Cruz ou Goyaz.

Tereis palacios de marmore, parques de luxo, avenidas, e boulevards, cartuagens e restaurantes... Mas, ó infornados ! não tereis o mar, e não tereis as nossas mulheres d'aqui, estas divinas e coquettes fluminenses, que são as mulheres mais elegantes da America.

Ide-vos todos para a vossa Formosa : deixae-me a mim com a minha Feia. Amo-a assim mesmo, amo as suas ruas finas, torcidas e sujas como intestinos, amo as suas immundicies e os seus vicios, os seus horrores de cortezã precoce, a sua futilidade, a sua paixão pelo mexerico e pelo boato, os seus arrebiques de gaiteira, os seus medos, os seus calçamentos esburacados, as suas casas ignobeis e c. r. as, — amo-a sobre todas as cidades, e sobre todas as cousas, — pelo mar que a beija e pelas mulheres que a enchem !

\*\*\*

Que tenho eu com a Cabralia ou Brasilia ou Paschoalia ? Não deixarei, por essa nova amante, toda vestida de novo, ensaiada para as festas e os prazeres da vida, — a minha velha amante, filha de Mem de Sá, beila matrona ardente e apaixonada, tão conhecida dos meus olhos e do meu coração, — e em cujo collo me cahiu o umbigo, ao nascer, e em cujo collo peço a Deus que me caia o corpo, á hora da morte.

Ah ! estou de pleno accordo com o art. 3º da Constituição, Sr. Henrique ! Mude-se a Capital para Goyaz ou para o Amazonas : tanto melhor para a patria, que ficará possuidora de mais uma grande e deslumbrante cidade. Mas, não contem com a minha presença por lá ! D'aqui, do seio do meu amado Rio de Janeiro, não sahirei nunca mais, senão... para a Gloria.

\*\*\*

Vou dormir. Tenho a consciencia á larga e o coração inundado de jubilo. Accusavam-me de ligar pouca importancia aos interesses da terra natal, e vinguei-me, dedicando a esses interesses uma pagina compacta.

Das almas nobres a nobreza é esta !

*Fantasio*

## Chiromante

Duas horas da tarde. Uma penumbra doce enchia a doce alcova de Emma. Lá fóra chovia. Os pingos de agua estalavam, estalavam frequentes, rapidos, sobre as vidraças abaixadas. Emma, sentada no pequenino sofá de seda azul, entregava aos meus beijos as suas pequeninas mãos cor de leite, em cuja brancura as veiasinhas corriam como traços de saphyra. E eu, de joelhos, beijava essas mãos cor de leite, e a cada pingo de agua, que estalava sobre as vidraças abaixadas, um beijo meu estalava sobre a pelle cheirosa d'essas duas obras-primas de carne...

(Como vêem, este começo de conto promete... Ah ! meus amigos ! que há de fazer um homem, senão procurar o aconhego de uma alcova azul, — quando chove, quando as ruas estão cheias de uma lama grossa, quando nenhuma mulher sae de casa, quando só ha pela cidade marmanjos que correm, com as calças arregaçadas, carregando ás costas os immensos guarda-chuva abertos, bamboleantes, humidus, lustrosos, como formidaveis cogumelos negros ?)

E, pois, beijava eu as mãos de Emma, apaixonadamente. Apaixonadamente, é um modo de dizer, — porque, a fallar verdade, já eu estava cansado d'essa occupação platonica...

Por mais bellas, por mais cheirosas que sejam as mãos de uma mulher, a gente, depois de as haver beijado durante meia hora, sente a necessidade de passar das mãos ás faces, aos cabellos, aos olhos, á bocca, á brancura das espaldas



# A OBSESSÃO DAS GORDAS OU A HERANÇA MORBIDA

Apontamentos para um drama ibsiniano psychopatha em trez actos



As damas recheadas  
dificultavam-lhe a comprehensão  
dos mysterios do t-a-be.

Attenção e respeito. As bonicas gordas o interessavam



Uma vez  
alguem que  
fêz muito  
nossa  
esta vez



As curvas gordas prescreviam - nio



Um celebre medico de Paris consultado, declarou:  
um vicio atavico - culpa dos paes. até posso re-  
ceitar. (50 francos, o preço do tableto)



(Catastrophe.)

Uma capital com o pai  
que entre lágrimas de arrependimento  
revela: tua mãe pesava 255 kilos.

Monólogo do terceiro acto:  
até saber unáscor para amar ao mundo  
mãe pauca mais forte! Mãe pauca mais forte!



# AH! A POLICIA NÃO É UM MYTHO !





à curva deliciosa do seio... Chega mesmo a ser uma injustiça clamorosa limitar-se a gente a beijar mãos, quando tantos outros bocados do corpo da mulher amada reclamam, com ciúme, a homenagem dos nossos lábios...

Por isso, já não era apaixonadamente que eu beijava as mãos de Emma: era desconsoladamente, desesperadamente, com o desconsolo e o desespero de um homem esfaimado, que, tendo diante de si todo um banquete lauto, se vê obrigado a só comer os *hors-d'œuvre*, — insossos rabanetes, pifias azeitonas, magros caviars...

Emma, porém, estava implacável. Quando os meus lábios insubordinados queriam abandonar os *hors d'œuvre* por um prato mais sustancial, — um tapinha rápido, um tapa inofensivo, mas energico, chamava os rebeldes ao sentimento das conveniências. E a chuva batia contra as vidraças abaiçadas. E fazia frio. E eu já não podia mais commigo...

Então, Emma, para operar uma diversão, e furtar-se ás minhas exigências, começou a fallar de espiritismo, de occultismo e de chiromancia.

— Acreditas na chiromancia, queridinha? perguntei, curioso...

— Oh! acredito! acredito!...

E a sua voz dizia isto com um certo respeito, com o respeito com que todas as mulheres fallam do desconhecido, do miraculoso, do ultra-humano...

E, dando-me de novo as mãos:

— Examina-as tu! tu que sabes lêr nas almas, como poeta que és, — deves também saber ler nas mãos... Examina-as! vê o que dizem as linhas do meu character, do meu temperamento, das minhas qualidades, dos meus defeitos! Que mão tenho eu? util? philosophica? artistica? elementar?

— Tens a mão linda! tens a mão formosa! tens a mão encantadora! é tudo quanto vejo...

— Não gratejes! Examina-as!

N'esse momento, uma idéa me atravessou o cerebro como um relampago. Perdoa-me tu, ó Eliphaz Levi! perdoai-me vós todos, ó chiromantes, ó esoteristas, ó occultistas do mundo todo! — eu não podia mais commigo... a fome apertava...

Dei á physionomia um ar de suprema gravidade, uma circumspeção de physionomia de *augur* romano, — e puz-me a examinar as mãosinhas de Emma, as duas pequeninas obras primas de carne, de uma suave côr de leite, veiadadas de traços de saphira. E, depois de tres minutos de exame:

— Oh! filha! tens aqui uma linha terrivel... Que linha feia, meu amor! aqui, aqui... olha! E' a linha da insensibilidade, da indiferença, da frieza de carne e de alma em materia de amor... Quem tem esta linha na mão é incapaz de amar, é incapaz de querer bem, é um bloco de marmore, sem nervos, sem coração, sem alma!

— E' mentira! é mentira! exclamou ella, batendo o pé, com raiva.

— E' verdade! exclamei eu, com convicção. E accrescentei, com emphase:

— Tu és incapaz de amar! tu és incapaz de querer bem!

— E' mentira, porque te amo! é mentira porque te quero bem! não acredito em feitiçarias! Isso é mentira, porque te amo! porque te amo! porque te amo!

— Não! — bradava eu, como um propheta — és incapaz de amar! a chiromancia não mente! és incapaz de querer bem! tens a linha da indiferença! a chiromancia não mente!

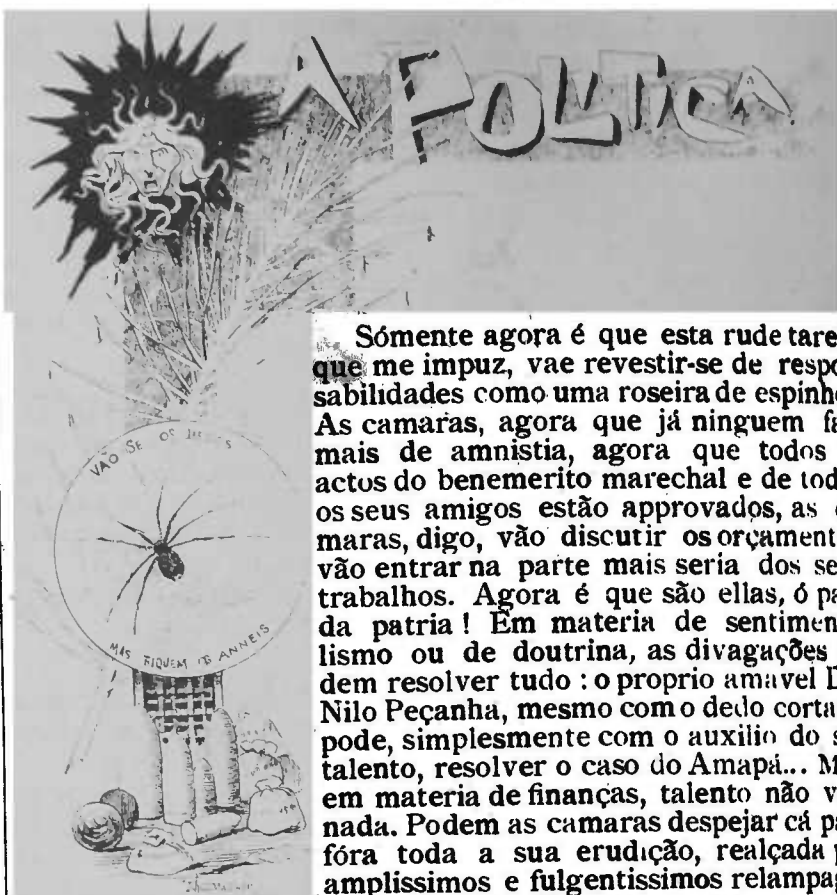
— Mente! mente! hei de provar-te que mente! hei de provar-te que sou capaz de amar!

E enlaçando-me o pescoço nos braços, collou os seus lábios nos meus, n'um beijo longo, apaixonado, delirante.

Contra as vidraças, a chuva continuava a bater... Que doce penumbra enchia a doce alcova de Emma!...

E, d'ahi a minutos, a chiromnomia estava formalmente desmentida.

*Fantasio*



Sómente agora é que esta rude tarefa, que me impuz, vae revestir-se de responsabilidades como uma roseira de espinhos. As camaras, agora que já ninguém fala mais de amnistia, agora que todos os actos do benemerito marechal e de todos os seus amigos estão approvados, as camaras, digo, vão discutir os orçamentos, vão entrar na parte mais seria dos seus trabalhos. Agora é que são ellas, ó paes da patria! Em materia de sentimentalismo ou de doutrina, as divagações podem resolver tudo: o proprio amavel Dr. Nilo Peçanha, mesmo com o dedo cortado, pode, simplesmente com o auxilio do seu talento, resolver o caso do Amapá... Mas, em materia de finanças, talento não vale nada. Podem as camaras despejar cá para fóra toda a sua erudição, realçada por amplissimos e fulgentissimos relampagos de genio: dinheiro não se faz com discursos.

X

Onde iremos buscar dinheiro, ó povos? Ha dias, ouvi de um senador, a quem se pedia o meio de salvar o Thesouro dos pavores da bancarrota, esta desconsoladissima declaração: «Que é que se ha de fazer?... eu nem certeza tenho de receber o meu subsidio!...»

E aqui é que está o ponto mais grave da questão.

Que não haja dinheiro para pagar os juros das apolices... vá lá! porque, emfim, as apolices são credores descendentes, que não nos mandarão penhorar os cacarécos por causa dos juros não pagos...

Que não haja dinheiro para pagar á Inglaterra os juros da nossa divida, vá lá ainda! porque a Inglaterra é archimillionaria: e, além disso, a Inglaterra, se quizer usar de medidas violentas, improprias de tão rico e tão delicado credor, o mais que póde fazer é penhorar as Estradas de ferro e Alfandegas, sem ousar fazer mão baixa sobre as nossas mobilias e as nossas roupas de uso particular.

Mas, que não haja dinheiro para pagar o subsidio... só em pensar n'isso arrepiam-se-me as carnes e o cabello.

Não havendo subsidio, não haverá Camaras, porque ninguém está disposto, n'este fim de seculo egoista, a trabalhar de graça, para o bispo ou para a patria.

Não havendo camaras, não haverá politica, porque é n'aquellas duas casas de palração e paradoxo que reside a propria essencia da politica.

E, não havendo politica, não haverá esta secção, não haverá L. F., — não haverá *Cigarra*, porque esta secção é a vida d'*A Cigarra*. Vêdes d'ahi a nuvem negra que se aproxima, prenhe de tantas e tão lamentaveis desgraças?

X

E, não haver remedio! e não haver remedio para isto!

O sr. Serzedello Correia, que deve conhecer bem a situação porque já fulgurou na casa da rua do Sacramento como o Leroy Beaulieu da terra, deus soberano das Finanças, Sacerdote supremo dos orçamentos, — o sr. Sezerdello já indicou remedio. Mas, que remedio!

Quer S. Ex. que, além de apertadas e extraordinarias economias, faça o governo suspender todas as obras em andamento. Que obras? A obra mais seria e mais cara que estamos sustentando é a obra da consolidação do governo do meigo Julio de Castilhos no Rio Grande do Sul, — governo angelico e doce, — tão doce e tão angelico que até parece que é a propria Clotilde de Vaux quem está administrando os



pampas e as cochilhas gaúchas. Como parar essa obra, desatinado mancebo? não vês tu que, na opinião da parte sã do paiz, (isto é: na opinião do Deocleciano Martyr), a consolidação do castilhismo é a consolidação da Republica?

E, a não ser essa obra, não vejo outra que possa com vantagem real ser suspensa.

Ah! se isto de governar paizes fosse o mesmo que dirigir pedreiros e carpinteiros, se ser presidente da Republica fosse o mesmo que ser mestre de obras,—o conselho do joven deputado pelo Districto Federal (talvez senador dentro em pouco, hein?) seria um conselho genial.

Não veem, alli assim no cães da Lapa, as obras da Maternidade? Encetou-as a Santa Casa com um *entrain* admiravel. Mas, como faltasse dinheiro, suspendeu-as: e salvou-se do *krak*. Sim! mas o sr. Castilhos não é Maternidade! se suspendem as obras do sr. Castilhos, a Republica arrisca-se a morrer... de volvo.

Por isso, não concordo com o alvitre lembrado pelo sr. deputado.

Não digo que todo elle seja máu. A parte que se refere a economias apertadas é realmente aceitavel. E vou lembrar outra cousa.

Porque não salvamos o Thesouro por meio de subscrição nacional? Cada um de nós dará o que puder. Os ricos darão muito, os pobres darão pouco. Jesus disse que o vintem da viuva valia mais que o ouro dos opulentos. Experimentemos. Que cada brasileiro dê cincoenta por cento do que ganha: o sacrificio não é grande. Nem ha nunca sacrificio, quando se trata de correr em auxilio da mãe patria.

Assim, eu, que ganho duzias de mii réis, darei ao Thesouro meias duzias de mil réis. Os paes da patria, que ganham contos, darão meios contos. Os fornecedores do sul, que ganham milhões, darão meios milhões. E verão quanto lucra o Thesouro...

O conselho vae de graça. Eu, para servir a patria, não preciso de ser pago para isso. Nasci com a vocação do sacrificio. Tanto, que, se para salvar o Rio Grande, o governo resolver nomear-me governador de lá,—Eu me curvarei a essa dolorosa obrigação.

Porque, enfim, além da vocação do sacrificio, confesso que sempre tive outra vocação: a de gastar muito dinheiro. E dizem que, no que diz respeito a isso, o governo do Rio Grande é uma delicia!



O grande successo theatral dos sete dias passados foi a representação do drama de Ibsen, *Os Espectros*, por Novelli.

Não sei qual é o titulo da peça na lingua original. O que sei é que em francez o drama chama-se *Revenants*.

*Espectros*, como titulo, não dá absolutamente idéa do que é a assombrosa creação do grande Ibsen.

O publico —oh! espanto!— encheu o theatro. Tambem, aquella grande multidão, nos intervallos, desmanchou-se em tolices commentando a peça.

Ouvi de um sujeito esta critica, tão summaria quanto imbecil: —Isto é plagio de Zola!...—

Outro, revoltado pela terrivel e humana verdade que Ibsen põe em scena, exclamava que aquillo era litteratura pornographica.

Mas, ao lado d'esses, dentro da turba ignorante, havia na platéa todos os finos espiritos do Rio de Janeiro que pensa.

A curiosidade era grande. Pela primeira vez, em nossa terra, se ia representar Ibsen,—o creador scandinavo cujo talento ha pouco surgiu, como um relampago, inopinadamente rasgando um novo horisonte á arte dramatica.

Ibsen, quasi nada conhecido aqui, passa por ser um decadente, um symbolista, como Maeterlink,—na opinião dos nossos nephelibatas junqueirianos, que lhe querem fazer a injuria de chamal-o chefe.

Ibsen é simples, claro, transparente, como um poeta antigo. Não ha na sua *maneira* as decantadas sub-suggestões e meias-tintas da nova escola, que, em geral, servem apenas para encobrir a inopia de idéas dos sacerdotes do novo crédo.

Não houve, na platéa do *Lyrice*, na memoravel noite de sabbado, um só espectador, por mais ignorante e mais fraco de espirito, que não comprehendesse aquelle admiravel estudo da miseria humana, tratado por Ibsen,—não com a fria crueldade de um analysta, mas com a divina bondade de um compassivo.

Não contaria eu aqui nenhuma cousa nova, se contasse o enredo dos *Espectros*: já todas as folhas diarias o contaram, já o publico que lê o conhece de cór. Tambem, dizer que Novelli é um actor phenomenal, seria cousa de uma banalidade desesperadora.

Vinha talvez a pélo dizer que não me pareceu aquelle um dos melhores papeis do artista. Novelli gritou, em varias scenas, talvez mais do que devia...

Mas, que diabo! é o seu temperamento... E, depois, só é proprio de mesquinhos espiritos andar fallando das manchas do sol para deprimil-o, ou andar n'um esplendido roseiral catando os caramujos que o profanam. Applaudamos, pois, sem restricções, o grande Novelli!

—II—

Antes dos *Espectros*, representára Novelli o *Nero* de Pietro Cossa. O *Nero* é um dramalhão mal feito. Já, dentro d'esse pessimo papel de protagonista, vi eu o assombroso Emanuel dar-se torturas inenarraveis para tentar ser natural.

Depois dos *Espectros*, tivemos, na segunda-feira *Um Drama Novo*, peça moderna, de interesse altamente dramatico, em que Ermete impressiona vivamente a platéa.

Que vamos ter agora? O espirituoso A. das quadrinhas d'O Paiz pediu a Novelli uma nova representação do *Rapto das Sabinas*. De accôrdo. Mas, que não fiquem esquecidos o *Hamlet*, o *Othela*, o *Rei Lear*, o *Tartufo*, e, (attende á minha supplica, ó Novelli!) o admiravel *Mercadet* de Balsac, que Emanuel fazia tão bem...

Um ultimo pedido: não será possivel ao bello Ermete dar-nos *Pae* de Streindeinberg, se é o que tem no seu opulento repertorio?

—III—

Nos outros theatros, que ha de novo? revistas, revistas, revistas... Valha-nos o actor Martins, a cujo cuidado estão hoje entregues as cousas theatraes desta terra! No emtanto dizem que o egregio (perdão, Parlagrecco!) director do theatro Normal da Municipalidade não tenciona excluir do seu programma esse genero... Não digo nada, porque não me quero comprometter. Se se zanga commigo o actor Martins, vae-me por agua abaixo a esperanza que tenho de ainda vêr em scena uma peça em que trabalho ha trinta annos, e com a qual, se Jupiter me ouvir as preces, hei-de desbancar Eschylo e Sophocles.

—IV—

O *Aquidaban*... Não vi nem ouvi essa peça. Dizem que o autor gosta muito d'ella.

Buck.





*Andante dolcissimo* *Ballada.* *Julio Rios*

*Piano*

*con amore*

*Andante* *Tempo* *Andante*

*Allegro* *ritardando* *animato*

*Tempo* *dim. f* *con amore*

*appassionato* *ritardando* *con amore*

*ritardando* *diminuendo* *dolce* *ritardando*

*Ad. - - -*

The musical score is written in black ink on a light background. It consists of multiple staves of music, including a piano introduction and several sections of a ballad. The notation includes various musical symbols such as notes, rests, and dynamic markings. The piece is titled 'Ballada' and is by 'Julio Rios'. The tempo and mood markings include 'Andante dolcissimo', 'Andante', 'Tempo', 'Allegro', 'ritardando', 'animato', 'con amore', 'appassionato', 'diminuendo', and 'dolce'. The score concludes with a double bar line and the instruction 'Ad. - - -'.





CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

ANNO (52 numeros)	48000
OITOMEZES (até ao fim deste anno)	32000
SEMESTRE (26 numeros)	25000
NUMERO AVULSO	1000
SUPPLEMENTO	500
NUMEROS ATRAZADOS	10500
SUPPLEMENTOS ATRAZADOS	10000

Escriptorio, Rua Ouvidor 115

# A CIGARRA

HEBDOMADARIO illustrado por *Juliao Machado*

Redacção de *Olavo Bilac*,

Propriedade de *Manoel Ribeiro*

ANNO I

Rio de Janeiro, Quinta-feira, 27 de Junho de 1895.

N. 8

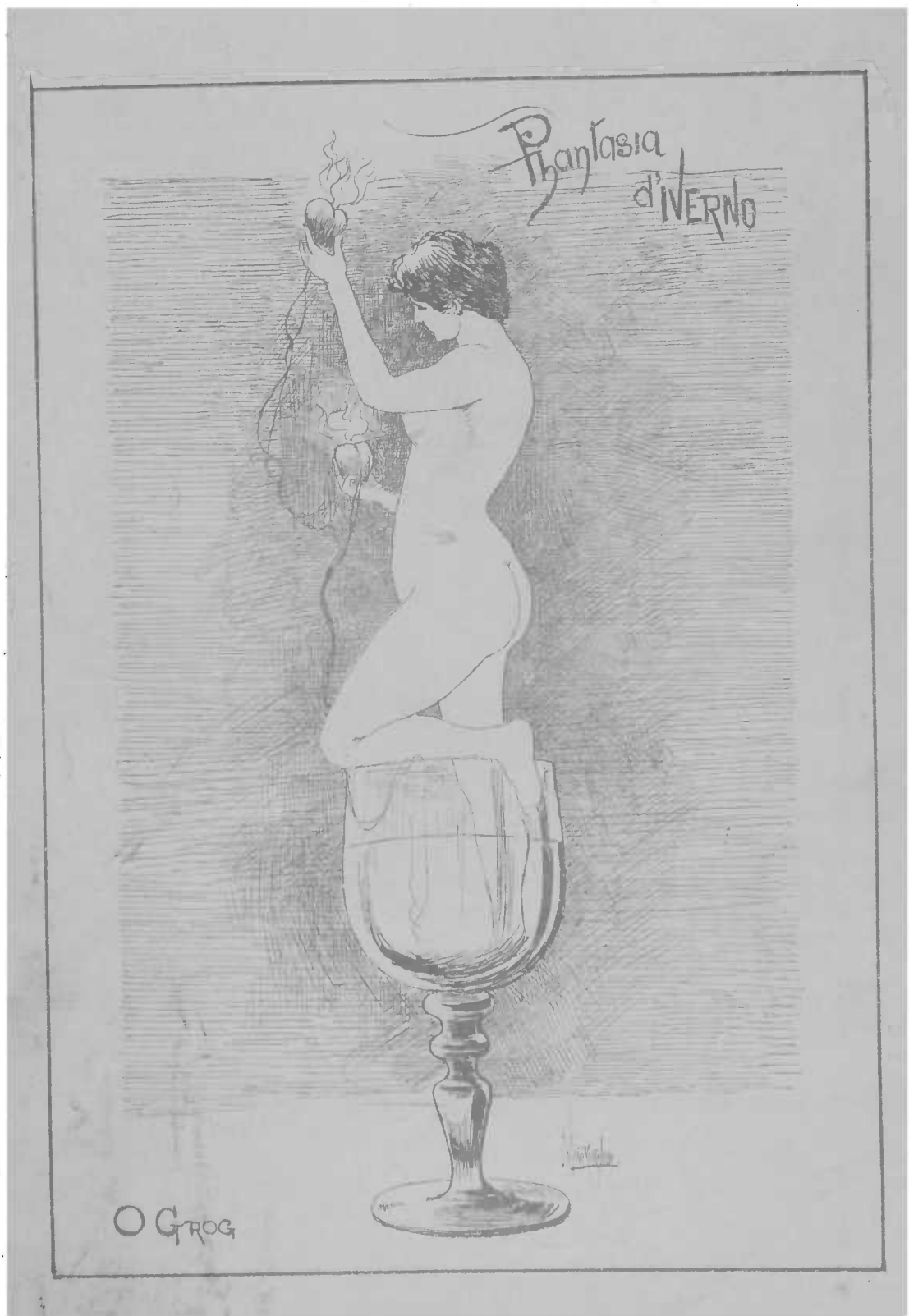
## A CIGARRA

Desde o nosso apparecimento, não houve ainda um só dia em que não recebessemos pelo correio, não só da capital como de varios pontos do interior, cartas de collegios, clubs, sociedades litterarias e musicaes, bibliothecas, etc., pedindo-nos a remessa gratuita d'*A Cigarra*.

Ora, quem sabe como é cara a impressão no Brasil deve imaginar que somma de esforços exige a manutenção de uma folha como esta, nos primeiros tempos de sua existencia. Enviamos *A Cigarra*, gratuitamente, ás principaes bibliothecas e aos principaes jornaes do Brasil. Se do mesmo modo fossemos enviar a todas as pequenas folhas que formigam nos Estados, nem o quintuplo da nossa tiragem chegaria para attender a tantos pedidos. E é preciso ainda contar com os amigos d'*A Cigarra*, que descobriram, para demonstrar a sua amizade, este meio facil: não lhe dar dinheiro a ganhar.

Acabemos com isso! *A Cigarra* só é enviada gratuitamente ás principaes bibliothecas, aos principaes jornaes e aos principaes homens de letras do paiz. Mas, para que ninguem se queixe de nós, aqui repetimos o que já foi dito.

Ha um meio commodo, facil, natural, delicioso de obter uma assignatura gratuita da mais bella publicação illustrada do Brasil — é obter quatro assignaturas quites. Basta enviar á administração o importe das quatro assignaturas e o endereço dos quatro assignantes, para ter o direito de admirar de graça *A Cigarra*.







**Q**UERO hoje, senhoras minhas, dedicar toda esta chronica aos vossos interesses, como já ao vosso louvor e á vossa adoração dediquei toda a minha vida—tão pequena (aí de mim) para tão grande amor!...

Quando penso em vós, noto que, se ha muita gente para vos amar, ha pouca gente para vos defender. Em geral, os homens, quanto mais amam as mulheres, mais as accusam. Não ha homem casado que não deblatere cá fóra contra o que chama os horrores do casamento. Não ha um genro que não acabrunhe as sogras ao peso das mais tremendas maldições que jámais sahiram de bocca humana. Não ha pae que se não queixe amargamente das contas que as filhas fazem no armario. Em summa, preci-

snes de advogados, senhoras minhas!

Todos os vossos adoradores fogem á responsabilidade da adoração, quando chega o momento, em que além de ter, para cantar vos, mente ás musas dada,—se faz preciso ter, para servir-vos, braço ás armas feito.

E assim, constantemente alimentada pela ingratidão, vae crescendo essa odiosa campanha de diffamação que vos offende. Basta! Eu, *desfacedor de agravios, enderecador de tuertos, amparo de las donzellas, padre de las viudas, vencedor de las batallas, y assombro de los gigantes*,—saio a campo, de penna em riste, cavalheiro do Amor.

Senhoras minhas! vingae-vos, gastando ainda mais dinheiro! Saqueae os armarios e os joalheiros, deitae abaixo todas as prateleiras dos armazens de modas,—gastae, senhoras minhas, gastae dinheiro sem conta nem consideração. Para que é que as minas de ouro palpitam? para que é que os teares da China rumorejão? para que é que os rios rolam diamantes?—gastae, senhoras, gastae! Que paes e irmãos, maridos e filhos, arruinados e quebrados, conheçam, emfim, o vosso poder, e comprehendam que as religiões precisam da pompa do culto externo.

O egoismo das calças desce, ás vezes, a degrãos infamissimos. Ha sujeitos que se gabam de ter amado cem mulheres... de graça. Que abjecção! Que maior consolo que o de ir a gente parar a Fernando de Noronha, só para que o seu idolo, sumptuosamente posto ao fundo de um tabernaculo radiante, resplandeça, arreado de ouros e pedrarias, na eterna gloria de sobrehumano fausto?

Para verberar o vosso amor do luxo, não faltam chronistas (e notae que a raça dos chronistas, a começar por mim, é a raça mais amorosa e a mais digna de amor que conheço!) não faltam chronistas que emprestem a essa propaganda ma'vada a sua penna e o seu espirito. Ainda ha poucos dias, *Garruche, d'O Pais*, ridicularisou as mangas de presunto, que usaes actualmente. Pensaeis que o poeta ache feias as mangas, só porque

em cada manga d'aquellas  
caibam trinta... da Bahia?

Puro engano! o poeta, como homem e advogado dos homens que é, revolta-se apenas... contra a grande quantidade de fazenda que gastaes para a confecção dos vossos *presuntos*. Avareza, senhoras minhas, avareza! Nós somos todos uns avarentos... Lembrae-vos do que Hamleto diz a Ophelia: Eu mesmo, que vos fallo, sou passavelmente honesto, e entretanto... Sou orgulhoso, vingativo, ambicioso... Nós somos todos uns avarentos, Ophelias minhas! ide! ide para um convento!...

\*\*\*

Para um convento, não! ide para os armazens de modas... Vingae-vos!...

Porque a culpa é vossa, e das vossas condescendencias, e da vossa cordura. Deixaes que os homens vos dominem, e que vos supprimam, de um em um, esses pequeninos nadaes que são os attributos essenciaes da vossa belleza e da vossa gloria.

Consentis primeiro que vos recusem a carruagem. Dizem-vos que o cambio está mau, que a alfafa está pela hora da morte, que é muito difficil arranjar cocheiros e grooms, e com essas e outras razões de Harpagon, condemnam-vos a andar a pé...

Andar a pé! A pé, por estas ruas esburacadas, cheias de lama e lixo! a pé, por estes parallelipedos réles! a pé!...

O poeta Raymundo, n'um assomo lyrico, acha que nada é mais bello do que vêr uma bonita mulher, em dia de chuva, molhando os pés nas poças de agua:

Vaes, e molhas-te, embora os pés levantes...

— Par de pombos, que a ponta delicada

Dos bicos mettem na agua, e, doudejantes,

Bebem nos regos cheios da calçada...

Pois sim! Isso póde ser bonito em verso, mas é horrroso em prosa. Pés não são pombos: são pés! Pés que se molham,—resfriam-se, pés que se resfriam—causam defluxos. E toda essa poesia de pombos, que bebem nos regos cheios da calçada, acaba n'isto: um par de botas sujas de lama e um nariz grosso e róxo de coryza.

\*\*\*

Depois, feita essa primeira concessão, estaes perdidas! De concessão em concessão, chega-se á escravidão.

Ultimamente, no *Lyrico*, tenho observado uma cousa revoltante.

Porque é preciso que o saibaes: no *Lyrico*, enquanto estaes olhando para Novelli, eu estou olhando para vós. Gosto muito de Shakespeare, gosto muito de Novelli, mas gostó ainda mais de mulheres bonitas.

Pois bem: tenho notado que mostraes actualmente uma pobreza dolorosa de *toilettes*. Sempre os mesmos vestidos, que horror! A mulher bonita que se préza, é incapaz de usar duas vezes o mesmo vestido, minhas senhoras! O vestido, uma vez usado, dá-se á creada, minhas senhoras!

Um vestido velho sobre o corpo é mais feio do que uma nodoa sobre a reputação ou um remorso sobre a consciencia. Antes morrer! antes ser feia! antes ter uma espinha na ponta do nariz! Uma mulher compromette-se mais, apparecendo em publico com um vestido usado, do que com um amante usado ou novo.

Eu, por mim, não posso admittir isso! Que quereis? Vivo de vos contemplar e de vos admirar. E' preciso que não me desgosteis, dando-me aos olhos esse cruel espectáculo, que me enche as noites de insomnia e a alma de desillusões. Basta, minhas senhoras! isso não póde continuar! E' preciso iniciar um movimento forte de reacção contra esse crime.

\*\*\*

E o meio é este: dominar os pais; dominar os maridos; obrigar-os á boa comprehensão do que vos devem, em amor, em vestidos, em obediencia e em joias; metter-lhes na cabeça, á força de persuasão, a ideia de que os homens se fizeram para viver derreados ao peso da canga e as mulheres derreadas ao peso do luxo. Empregae todos os vossos recursos!



Recorrei primeiro aos meios brandos: ao sorriso, á lagrima, ao beijo, á supplica. Se esses meios não bastarem, ide aos outros: ao arrufo, á rixa, á suspensão das garantias conjugaes. ao estado de sitio domestico, ás imprecações, á... Mas, já deveis saber, melhor do que eu, o que a gente faz, quando perde a calma nestes casos!

Fazei o que quizerdes, comtanto que eu vos veja bellas e ricas, bem vestidas e bem calçadas, dentro de carruagens atreladas á Daumont. Este é que é o caso.

\*\*

Dir-me-ão os interessados, para provar que sou suspeito,— que não sou marido nem pae.

Que tem isso? Ah! malvados! eu, se fosse marido ou pae, não daria conselhos: daria exemplos!

*Fantasio.*



(FRAGMENTO)

Leandro pediu a sua exoneração do emprego publico na mesma semana do casamento.

Este foi num sabbado, ás cinco horas da manhã, sem pompas e sem ruido; era nada mais que o meio de coonestar o namoro de Leandro com minha filha. O seu estado de noivos continuava por bem dizer como dantes; simplesmente, já desposados, gosavam de mais liberdade entre si, e poderiam, á sorrelia, ir mais longe nos seus galanteios. Quiz, intencionalmente, crear-lhes um transitivo periodo de beijos furtados e desejos mal contidos. Isso era necessario. Seria preferivel essa iniciação da sexualidade a deixal-os, conforme o costume, promiscuamente encerrados n'uma alcova, durante muitos dias seguidos.

E' torpe lançar na mesma cama, sem transição, um rapaz e uma donzella, que horas antes se tratavam ainda com certa cerimonia e só se amavam por palavras, olhares e sorrisos. O salto é muito brusco; ha de fatalmente perturbal-os. Reinará sempre mais vexame do que felicidade entre o casal, que se vê duramente entalado na decantada lua de mel.

Não penso, todavia, com o Conde de Tolstoï que o noviciado do amor seja analogo ao noviciado do vicio de fumar, e produza no iniciante as mesmas nauseas e os mesmos incommodos; males terriveis, que os pacientes, não obstante, disfarçam em ambos os casos, sem coragem para dizer francamente que a lua de mel é uma repugnante tortura, e que o fumar não merece as honras de um bello prazer. Não! o amor é natural, e por isso não deve causar nauseas, no começo, como no fim. A lua de mel, consoante nossas praticas, é que não é natural, e deve constanger tanto a noiva como o noivo. Ella fica mortalmente ferida no seu ingenito decoro de mulher, e no seu congenial pudor de donzella; e elle, naturalmente ainda mais timido que a sua companheira de supplicio, pois todo o homem, em questões de amor, é sempre mais timido que qualquer mulher, soffre revoltado pelo grosseiro e aggressivo papel de verdugo, que tem de representar contra uma virgem, pela qual, no seu enlevo de amante, daria a vida se fosse reclamada.

Além disso, nas cruentas vicissitudes do iniciamento conjugal, revelam-se na esposa naturaes manifestações que, por decoro, devem ser escondidas aos olhos de todo e qualquer homem, ainda mesmo que seja este o proprio consorte.

E' preciso, em honra da moral e do respeito á natureza, que a consumação do amor, venha, não ex-abrupto, mas como o fatal e ultimo elo de uma deliciosa e progressi a cadeia de ternuras; é preciso que ella seja a extrema nota de um crescendo de beijos; é preciso que esse momento supremo chegue naturalmente, chamado por todo o corpo, reclamado por todos os sentidos, e não decretado friamente por uma lei sacramental, n'uma situação adrede preparada pela familia dos noivos. Para que tão transcendente destino physiologico se cumpra, sem detrimento do pejo femil e da dignidade virginal, é indispensavel que os dous agentes não tenham, no acto, absoluta consciencia, nem a menor preocupação de o consumarem; é preciso que o seu arroubo amoroso haja chegado á loucura, depois de vibrada toda a escala de caricias, e lhes roube, nesse subito instante delicioso, a luz do julgamento e da razão; e que os dois, na insania do seu desejo, sem juizo para reflectir, sem olhos para ver, esquecidos de tudo e cada um de si mesmo, se confundam n'um só desvairamento de volupia, e só acordem do seu transporte, e só dêem accordo do seu espirito, depois da ampla consumação carnal.

A crise amorosa, levada pelas caricias ao auge do desejo, attinge ás proporções do delirio; e esse delirio, essa momentanea inconsciencia dos actos praticados, é o véo providencial com que a natureza esconde, castamente, no supremo instante da victoria da carne, a nudez do homem aos olhos da mulher, a nudez da mulher aos olhos do homem.

Sem esse véo, que os envolve e os occulta á vergonha um do outro, o primeiro amor de uma donzella fica tão prostituido como esses frios amores, que os libertinos compram no regaço das perdidas. Ao contrario do que disse S. Matheus, no versiculo 28 do seu livro, e com o que Tolstoï fecha o seu duro libello nihilista contra a propagação da especie, todo o contacto carnal, que não vier precedido de um desejo inventivel, é immoral e vicioso. E, pois, todo o enlaço de sexo, produzido exclusivamente pela fatalidade dos instinctos, sem intervenção absoluta da vontade moral, não é obra da creatura, é sim da natureza, ou de Deus, e como tal deve ser respeitavel e sagrado, seja elle na vida dos homens, ou na vida dos brutos, ou na vida das plantas, ou, quem sabe? na vida dos astros!

Haverá cousa mais repugnante e mais estúpida do que esse velho costume de preparar a cama dos noivos? e cobri-la de flores, e cercal-a de obscenos cuidados? E mais: depois de um baile, depois de escandalosas formulas e cerimonias, em que entram véos brancos, e grinaldas de flores symbolicas; e depois da vexatoria exposição das duas victimas a todos os olhares e intimos juizos dos convidados, conduzir a pobre noiva, toda paramentada, para o quarto que lhe destinam, para o tóro do defloramento, no meio de um ceremonial de palavras e gestos, trocados entre madrinhas e padrinhos; e depois — abandonal-a ao noivo, de quem se presume não haja nunca recebido uma caricia sensual; e deixal-os a sós, presos na mesma alcova, forçosamente distrahdos do seu desejo, a olharem-se um para o outro, sem ter nenhum o que dizer, que não seja affectado e banal; ella a tremer, intimidada pelo desconhecido e pelo terror do que a espera; elle constrangido e afflicto, por sentir-se fóra dos seus habitos regulares e longe do seu bem estar, e tendo de despir-se, alli mesmo, defronte de uma virgem e deitar-se com ella na mesma cama, e, afinal, tomal-a convencionalmente nos braços, emquanto a paciente, com toda a lucidez do seu espirito, entanguida e sarapantada de susto, em vez de pensamentos de amor, em vez do apocrypho « *Enfin seuls* », só rumina e babuja entre dentes esta phrase ridicula e medrosa: « É agora! »

Então, haverá cousa mais repulsiva e mais barbara, do que isso?

Ainda hoje me doem amargamente no coração as angustias que soffri, na minha primeira noute de casamento, e juro, não obstante, que amava muito meu marido, e que, muito e muito, o desejei antes, nos meus enganosos sonhos de felicidade. Mas, quando me vi a sós com elle, fechada no mesmo quarto, o meu desejo unico foi fugir e pedir soccorro.

Toda aquella indecorosa encenação de amor; todo aquelle ceremonial de que cercaram o meu thalamo; todo aquelle desusado e insociavel luxo de que sobrecarregaram o apo-





BANQUETE oferecido  
 a  
**THOMAS RIBEIRO**  
 pelo  
**JORNAL DO COMMERCIO**

A Cigarra não conseguiu tra-  
 zer mais croquis porque não al-  
 ternativa: jantar e não fazer  
 croquis ou fazer croquis e não  
 jantar — preferiu jantar. Tingo-  
 mbuco e, talvez, compêndio. Ollas  
 pauca que até hoje ainda não  
 se prova que não sejam estas  
 duas as ocupações d'algum  
 que foi convidado a banque-  
 tar-se: comer e ouvir discurs-  
 sos.  
 O meu maracá — sabias de-  
 humar — a la Thomas Ribeiro  
 até que se apresenta que  
 o Symbolo já é do domínio  
 das cozinhas. Ollas... sabias!  
 + Cigarra



# HAMLET, O TELHUDO

De como se prova que Hamlet tinha telha

(POR UM LEITOR ASSIDUO DE SHAKESPEAR)



Criança ainda ouviu as mais severas reprovções por duvidar do latim.



Mais tarde, na idade em que manda aos ninhos, tentou incutir no espirito de Laertes a duvida sobre a existencia dos melros.



Foi depois da morte do pai que elle variou de todo e que começou a andar desbarçada e hippuete a pretexto de andar de lucto.



Atte requir multissim a bibliotheca real por nos encontrar nos li-vros sentos - palavras (!) (E preciso lembrar que ain-da não existiam os li-vros de cheques, o que a-ria umso atenuante)



De tanto repetir a Ophelia que acabou para um concerto



Deu com ella em floresta... maluca.



Quando um amigo inquiria da sua saude im-bingia-the um instrumento de vento e pedia - the que tocasse o... God save the Queen.



Tinha, em rubros, peccadelos que foi do - tenho com muita razão...



É - para concluir - espejava-se indecemente nos salbés em mo- tis de receita particular. No principio? Ora de tudo isto não dá a um assiduo leitor de Shakespear o di- reito de dizer desassombadamente que Hamlet era um telhudo - mas sei que lhes fidec.

Nicolau Coisa (barba)

Pela exactidão da copia

J. MOVAQADO.



sento, illuminado por uma lampada de vidro azul; e o luxo affectado e espectacular da cama, e o luxo intencional de rendas e fitas na camisa que me vestiram, e os calculados perfumes que me puzeram no corpo; tudo isso, tudo me sobre saltava e me fazia nervosa. De mais, o ar de Virgilio tambem me constrangia; elle não tinha nessa occasião as suas mancinhas simples, o seu ar franco e sympathico de bom rapaz; estava até esquelado, desajeitado, procurando disfarçar o seu invencivel embaraço.

A verdade é que nós sentiamos corridos e vexados, comparando assim, um de frente do outro, naquella isolagem de alcova, mais que os dous criminosos do paraizo, no momento do peccado capital. Prenderam-nos alli dentro, para que? Para uma coisa inconfessavel e ridicula, desde que não era naturalmente provocada pelos transportes da nossa mocidade, posta em jogo pelo amor. Não tinhamos palavras um para o outro. Virgilio, todavia, cahio-me aos pés, beijou-me as mãos e agradeceu-me com bonitos termos—aquella felicidade que lhe era, afinal, concedida depois de tanto de seada.

Aquella felicidade! mas eu sentia perfeitamente que tudo isso, affirmado por elle nessa occasião, não era sincero; dizia-o para dizer alguma coisa, para dar qualquer solução aquella scena difficil; e o que eu lhe respondi foi tão falso como o que elle me mentio. Se eu lhe pudesse fallar com franqueza, se não fosse offender-o confessar-lhe a verdade, dir-lhe-ia que, naquelle momento, o meu desejo era só, e só, que elle se retirasse da minha presença; dir-lhe-ia que, naquelle instante, tudo desejava, menos fazer a consumação carnal do amor que eu lhe dedicava.

E percebi claramente que Virgilio ia lançar-se nos meus braços, não por impulso do seu amor, aliás forte e verdadeiro, mas porque era essa a sua obrigação de noivo; percebi claramente, e affianço, que, se elle pudesse saltar por cima dessa noite difficil, sem tocar-me no corpo, e acordar no dia seguinte já familiarisado commigo, e já desopprimido do constrangimento que a nós ambos vexava—acceitaria essa graça como um presente do céu. E, no entanto, ia se despindo, affectando um grande empenho em achar-se ao meu lado, na cama...

Pobres de nós! começamos a mentir um para o outro desde o primeiro dia do nosso consorcio!

Aluizio Azevedo.



O CASO mais serio é o de Pernambuco.

Conheci um homem a quem deram a tarefa de administrar uma fazenda. Estabeleceu-se elle na sua administração, comprou um vergalho, um Diario, um Razão, um cofre de ferro, e começou vida nova. Os tempos correram. Assim como o uso do cachimbo faz a bocca torta, tambem o uso do poder faz as almas cegas. O meu homem habituou-se tanto a fazer gyrrar os dinheiros, a sovar os escravos, a vender os cafés, a assignar os cheques, a descontar as lettras, que acabou por suppor que tudo aquillo,—dinheiros, escravos, cafés, cheques e lettras,—era seu, muito seu, exclusivamente seu.

Quando lhe vieram reclamar a administração que lhe tinham confiado, o homem esbravejou: « Não entrego! isto é meu! » E só sahiu d'alli com as costas moidas a páu...

×

O sr. Barbosa Lima, governador de Pernambuco, habituou-se a ser governador. E já não ha quem o convença de que isto de governos perpetuos é cousa que nem mesmo o velho Pedro II teve. O inclito capitão aboletou-se alli, como em sua casa. Tirem-n'o, se são capazes!

Pernambuco que ha de fazer? Já se foi o tempo em que um vate inflammado podia, com razão, clamar ao velho e bravo leão do Norte:

« Pernambuco, errica a coma!  
Agacha-te um pouco e toma  
O peso do Paraguay! »

Pois, sim! o sr. Barbosa Lima não é Paraguay. E para evitar que o leão se possa agachar um pouco, mandou-lhe escoral-o com tres mil bayonetas.

Ah! eu, se fosse presidente da Republica, compraria vinte exemplares do *Don Quixote*, de Cervantes, e mandaria-os-ia de presente aos governadores de todos os Estados da União.

Porque ha alli um capitulo—o que conta *el rematado fin del gobierno de Sancho Pansa*,—que é digno de estudo aturado...

×

Digam-me: que rei, que princepe, que administrador governou jamais seu estado com o alto sentimento de justiça, o entranhado amor da lei, a profunda sabedoria, a malteravel bondade e a inexcedivel probidade, com que Sancho Pansa, investido do governo da Barataria, se pôz a dirigir os negocios de sua ilha phantastica?

A allucinação do amo,—cuja alma de heróe bracejava, anciosa e sedenta, tentando romper os laços que a prendiam aos tempos sem poesia e sem bravura em que vivia,—fizera entrevêr ao espirito acanhado do escudeiro, a perspectiva da fortuna e da gloria, do orgulho e do fausto que cercam os governos supremos. Na terra bruta daquella espirito, o sonho germinou e cresceu. E, através dos jejuns prolongados e das caminhadas longas, da aldeia natal á Serra Morena, da Serra Morena ás bodas de Camachó, das bodas de Camachó á caverna de Montesinos, da caverna de Montesinos á Barataria,—essa esperança alentava Sancho em cima do seu burro fiel, dando-lhe ás costas resignação bastante para soffrer as pauladas, e á alma cegueira bastante para não



vêr a loucura do amo. A principio, a sua fome de dinheiro, (que não é para espantar em um moço de cavalha-riças, quando a vemos todos os dias tão grande em gente da melhor especie,) levou-o a desejar que os habitantes da ilha fossem negros, para que mais facilmente pudessem ser vendidos a dinheiro á vista.

Mas, uma vez investido do poder, a sua honestidade apparece pura, o seu bom senso apparece rutilante. E já é Salomão quem governa a ilha, tal se manifesta a sua sabedoria, até que desilludido e moido de pancadas, vendo tão mal empregada a sua boa vontade, e tão mal recompensado o seu amor, Sancho Pansa, abraçado ao seu burro, e regando-lhe a cabeça com um chuvaireiro de lagrimas sinceras, resolve abandonar o governo.

X

E' então que Cervantes põe na bocca do malfadado escudeiro a mais bella phrase do livro, — uma phrase que é todo um codigo de preceitos administrativos, toda uma Biblia de probidade governamental. O mordomo da Barataria faz vêr a Sancho que os governadores nunca abandonam o governo sem prestar contas da sua administração. E Sancho, indignado, protesta:

— Que contas, velhaco? Só o duque meu senhor m'as pôde pedir: e a elle lh'as darei eu, uma vez que vou d'aqui encontrar-o. Tanto mais quanto, sahindo eu como saio d'estes reinos mais pobre do que entrei, nũe com uma mão atraz e outra adiante, — não é mister que diga mais nada, para dar a entender que governei como um anjo!

Curva-se o mordomo a essa razão suprema. E, delicadamente, pergunta a Sancho se necessita de dinheiro para a viagem. Ao que elle responde: «Dê-me vossa mercê um pouco de cevada para o meu burro e um pouco de queijo para mim: que, quanto ao mais, basta-me á graça de Deus!»

X

Bem Pansa! honesto Sancho! *Sancho hermano!* *Sancho christiano!* — como o chamava D. Quixote! Como os governadores de hoje são differentes!

Porque os governadores de hoje, Sancho, não saem do governo nem a páo! Tu sahiste, e sahiste com uma mão atraz e outra adiante. E' verdade que sahiste sem prestar contas, mas sahiste! — e isso é o que o Sr. Barbosa Lima não quer fazer nem á mão de Deus Padre, nem á mão do Congresso!

Esfalfou-se o Sr. Martins Junior, que, apesar de tambem ser poeta, pôde bradar a vontade, quanto quizer, a Pernambuco que erice a coma: Pernambuco já não tem coma! Pernambuco está calvo!



— Não me diga porque me compromette!  
— Não sei.

# Theatros

E' impossivel deixar de fallar de Novelli e do Hamlet. Eu, palavra de honra! preferiria fallar de outra cousa, porque tenho medo de ir contra a opinião do resto do mundo civilisado.

A imprensa, a *uma voce*, deliberou dar a Novelli o titulo de *unico interprete de Hamlet*. E, se me metto a discordar desse consenso unanime dos jornaes, arriscame a ser posto para fóra da classe. E, fóra d'ella, que sara de mim?

Mas, o dever antes de tudo, alma timida! confessa em voz alta que não gostaste nada do trabalho de Novelli, — o que não quer dizer que Novelli deixe de ser um grande actor, e mesmo, quem sabe? o maior actor deste mundo e dos outros.

Pois está confessado. Não gostei do trabalho de Novelli!



Porque? Não sei.

Tambem não sei dizer porque não gosto dos quadros do sr. Facchinetti. Não entendo de pintura, não conheço côr, sou myope, sou estrabico, — e não tenho, portanto, nenhuma competencia para critica de pintura. Mas, não gosto dos quadros do sr. Facchinetti, —ahi está: ao passo que gosto de muitos outros quadros, de muitos outros pintores.

Pôde ser que Novelli tenha monopolisado a sciencia de interpretar Shakespeare.

Pôde mesmo ser que Shakespeare, ao escrever *Hamlet*, já estivesse pensando no grande actor, que duzentos e setenta e nove annos depois de sua morte, viria mostrar ao Rio de Janeiro o que é pôr em scena o príncipe da Dinamarca. Tudo pôde ser: mas, eu não gostei...

Creio que é o meu direito. Não ha plateas: ha espectadores. Nem todos os espectadores têm os mesmos nervos, a mesma maneira de comprehender e sentir uma obra de arte,

E tenho vontade de dizer aos collegas que descompoem aquelles que não gostaram de Novelli: — amigos! como não quereis que eu tenha o direito de discordar da vossa opinião no tocante ao trabalho de Novelli, quando, no tocante ao proprio trabalho de Shakespeare, um tantos sujeitos—Taine, Voltaire etc. (que não valem tanto como nós, mas sempre valem alguma cousa) não conseguiram chegar a accôrdo perfeito?



O que complica sempre a interpretação de *Hamlet* é a preocupação que os actores têm de *fazer novo*. Cada actor que apparece quer fazer cousa differente da que fez o actor que o precedeu. Sendo assim, ha sobre a mesma peça uma infinidade de interpretações, dadas á escolha do espectador, como, no genero reposteiro, ha, nas casas de tapeçarias, amstras diversas que o freguez examina á vontade. Ha quem goste de reposteiros vermelhos. Eu não gosto. Prefiro os reposteiros côr de havana. Ainda uma vez: não acham que é o meu direito?



Parece que não. Parece que sou obrigado a gostar da maneira Novelli, por bem ou por mal. No Rio de Janeiro, agora, não se pôde mais discutir, nem sobre arte, nem sobre nada. Os animos ficaram quentes, guardaram o calor dos bombardeios, —depois da revolta.

Quem não gosta de Novelli é burro!



Pois eu não gosto. Sou burro? paciencia...

Such.



# O BALÃO INDIRIGIVEL







# A CIGARRA

## CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

ANNO (52 numeros).	480000
OITOMESES (até ao fim deste anno)	320000
SEMESTRE (26 numeros)	250000
NUMERO AVULSO.	10000
SUPPLEMENTO.	500
NUMEROS ATRASADOS	10500
SUPPLEMENTOS ATRASADOS	10000

Escriptorio, Rua Ouvidor 115

HEBDOMADARIO illustrado por *Julião Machado*

Redacção de *Olavo Bilac*,

Propriedade de *Manoel Ribeiro*

ANNO I

Rio de Janeiro, Quinta-feira, 4 de Julho de 1895

N. 9

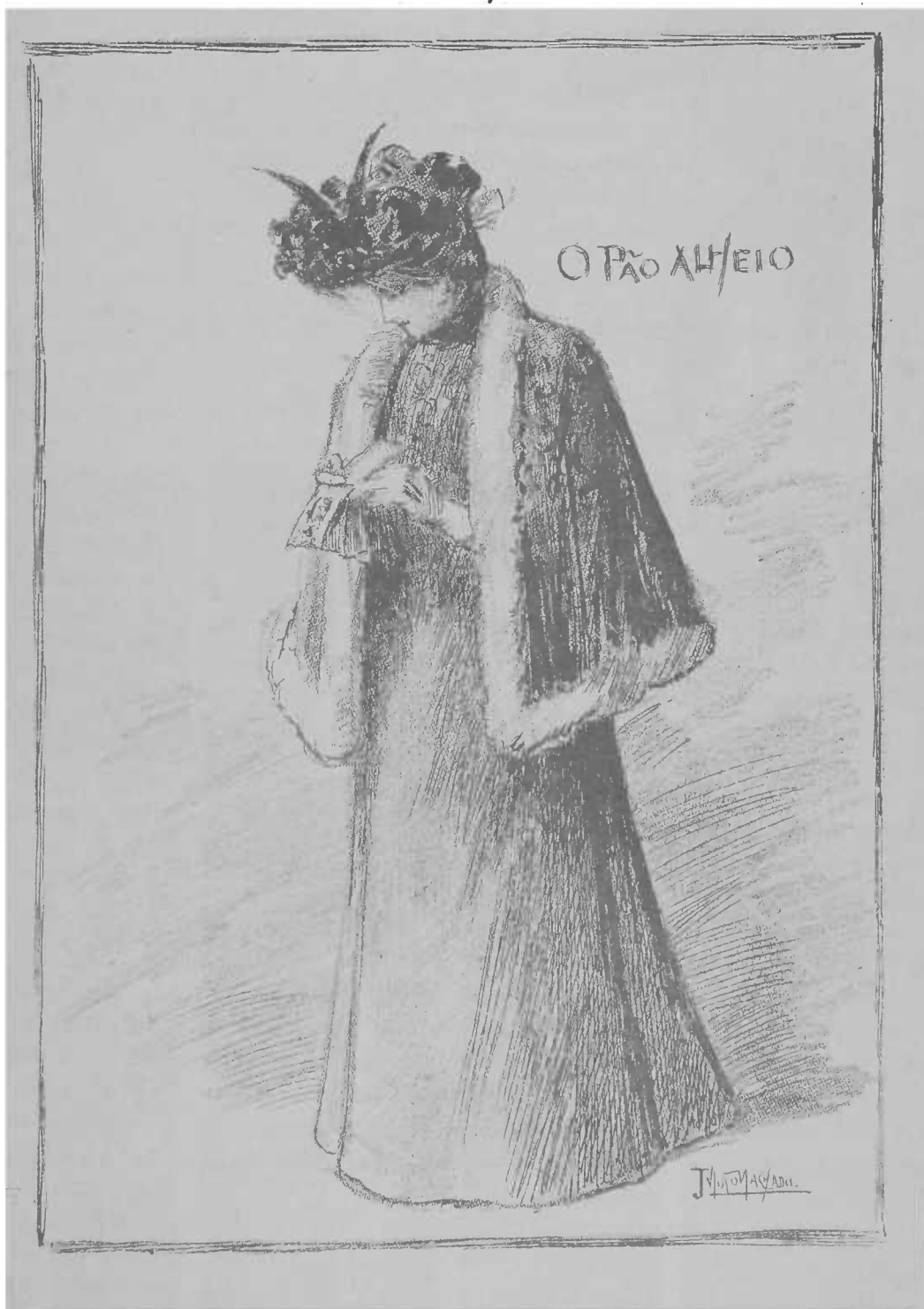
## A CIGARRA

Desde o nosso apparecimento, não houve ainda um só dia em que não recebessemos pelo correio, não só da capital como de varios pontos do interior, cartas de collegios, clubs, sociedades litterarias e musicas, bibliothecas, etc., pedindo-nos a remessa gratuita d' *A Cigarra*.

Ora, quem sabe como é cara a impressão no Brasil deve imaginar que somma de esforços exige a manutenção de uma folha como esta, nos primeiros tempos de sua existencia. Enviámos *A Cigarra*, gratuitamente, ás principaes bibliothecas e aos principaes jornaes do Brasil. Se do mesmo modo fossemos envia-la a todas as pequenas folhas que formigam nos Estados, nem o quintuplo da nossa tiragem chegaria para attender a tantos pedidos. E é preciso ainda contar com os amigos d' *A Cigarra*, que descobriram, para demonstrar a sua amizade, este meio facil: não lhe dar dinheiro a ganhar.

Acabemos com isso! *A Cigarra* só é enviada gratuitamente ás principaes bibliothecas, aos principaes jornaes e aos principaes homens de lettras do paiz. Mas, para que ninguem se queixe de nós, aqui repetimos o que já foi dito.

Ha um meio comodo, facil, natural, delicioso de obter uma assignatura gratuita da mais bella publicação illustrada do Brasil: — é obter quatro assignaturas quites. Basta enviar á administração o importe das quatro assignaturas e o endereço dos quatro assignantes, para ter o direito de admirar de graça *A Cigarra*.







**A** PRESENÇA de um grande telepatha nesta cidade devia ser actualmente aproveitada por quantos se interessam, no Rio de Janeiro, pelas sciencias occultas. Não sei bem como é o nome do cavalheiro que por ahi anda a penetrar os pensamentos alheios. E' um nome russo, cuja terminação em *off* já traz em si um grande mysterio, como tudo quanto é russo.

\*\*\*

O tempo dos prestidigitadores e dos illusionistas passou. Antigamente a platéa fluminense contentava-se com pouco. O illusionista apresentava-se com as mangas arregaçadas, a casaca folgada,—de modo a poder conter sob as suas abas fortes algumas duzias de surpresas e de illusões,—e começava a discursar diante do publico attonito, n'uma lingua arrevesada, em que os barbarismos se atropellavam, e que auxiliava grandemente, por pouco comprehensivel que era, as habilidades do prestimano. O homem pedia um chapéo, sacudia-o no ar com furia, olhava fingindo espanto o seu bojo, e desatava a tirar de lá um turbilhão de cousas varias—pombos que batiam azas assustadas no ar pesado da sala, tontos, cégados pela luz, atordoados pelo zum-zum do povo; fitas interminaveis, de varias cores, desdobrando-se n'um arco-iris vivo; caçarolas, cheias de peixes fritos, bocaes de vidro em que peixinhos vermelhos rabeavam; laranjas, creanças vivas;—que sei eu? todo um mundo. Apareceu aqui um, (como se chamava mesmo? tinha eu os meus doze annos de idade...) appareceu aqui um, que, de dentro de uma pobre e magra cartola, chegou a tirar um grande homem gordo, apenas um pouco menos gordo que o senador Abreu. As platéas deliravam. Havia por essas maravilhas um enthusiasmo louco.

\*\*\*

Onde vae esse tempo, santo Deus!... As platéas no Brasil educaram-se prodigiosamente, e estão hoje franca e definitivamente civilisadas... se bem que ainda não sabem lêr, escrever e contar. Não sabem lêr... mas, isso que importa? O que faz a civilização das massas não é o derramamento da instrução primaria: é o desenvolvimento da esperteza.

\*\*\*

E a esperteza hoje em dia está consideravelmente desenvolvida no Rio de Janeiro. Dir-me-ão que isso não é verdade, porque ainda ha gente, filha d'aqui, mais que muito habituada a conviver com gatunos e bilontras, e que, apesar disso, é diariamente victima do archi-estafado e do ultra — conhecido *conto do vigario*.

Mas isso é mais uma prova do que digo. Não é de admirar que ainda haja quem acredite no *conto do vigario*: o que admira, o que assombra, o que levanta os creditos da esperteza nacional é haver ainda quem o ponha em pratica, em novas variantes, com recursos engenhosos, dando-lhe vernizes que o restauram, aproveitando para efeitos originaes esse velhissimo processo, que já era naturalmente conhecido dos gatunos do tempo de Mem de Sá, — nosso venerabilissimo avô.

Nós somos agora de uma esperteza espantosa. Os meninos, quando nascem, já olham maliciosamente para as parteras, com olhos cheios de perguntas indiscretas. Pois, ainda ha pouco tempo, não nasceu no Brazil uma creança, que, quatro horas depois de vinda ao mundo, já fallava como qualquer de nós?

\*\*\*

Por causa justamente desse desenvolvimento da malicia e da finura das massas, e que já ninguem supporta os prestidigitadores.

Agora os occultistas, os telepathas, os suggestionadores, os remechedores dos segredos alheios,—esses fazem um successo phenomenal, captivam-nos a attenção, monopolizam-nos os applausos.

Oh! esses homens, grandes e poderosos como Deus, que a leguas de distancia, pelo telegrapho immaterial da vontade, transmittem ordens, curam molestias, descobrem crimes, desnudam consciencias,—pondo a alma dos outros em fraldas de camisa, á fresca, sem pudor, sem recato!...

Como não ha-de o povo admirar-os sem restricções, se eu mesmo, eu, descrente como um rochedo, tremo diante d'elles, vagamente atemorizado por esse poder sobrehumano? Mas, esses prescrutadores do espirito humano fazem-me ainda mais inveja do que medo. Que bom deve ser poder mergulhar o olhar, pelo olhar de uma mulher querida, até o fundo do seu pensamento, até o fundo do seu amor!

Vê se me entendes, tu que d'aqui a pouco lerás esta chronica...

\*\*\*

Emfim, este sujeito, meio italiano meio russo, que por ahi anda a fazer suggestões, talvez me possa dizer que não lhe dá ventura essa faculdade de adivinho. Ha tanta cousa na alma de uma mulher! Para que hei-de eu ter vontade de conhecer os teus pensamentos occultos, bella esphyngue que os Edipos da psychologia moderna interrogam em vão? Se eu conhecesse todas as tuas perfidias, todas as tuas pequeninas maldades,—teriam por acaso mais sabor os teus beijos, seria eu mais feliz?

Não! fiquem os charlatães do hypnotismo com as suas feitiçarias... Não quero que me ensinem o meio de conhecer o fundo dos pensamentos alheios. Para me desconsolar, para me dar o nojo da vida, já me basta saber eu o que ha no fundo do meu proprio pensamento...

Fantasio.





Vou contar-lhes um caso extravagante da minha vida. E' possível que, lendo-o, encolham desdenhosamente os hombros, e digam que não valia a pena perder tanto tempo em ler tanta mentira. Mas, se eu, em vez de mascarar prudentemente os personagens do meu conto, os puzesse aqui com os seus verdadeiros nomes,—tão conhecidos!—ninguem mais duvidaria da verdade do que vou narrar.



Foi ha tres annos, talvez. Laura era viuva. Viuva e rica. Rica e formosa. E moça! moça! moça de mais, para o seu estado de viuva. O marido,—commendador e gordo,—morrera de uma apoplexia. Ella, (expliquem lá estas extravagancias do coração feminino!) amava aquelle monstro, sincera e profundamente. Chorou, desesperou-se, e fechou-se n'uma chacara do Jardim Botânico, onde, apenas de longe em longe, recebia raras visitas privilegiadas.

Eu não conhecera Mendonça,—era esse o nome do commendador defunto. Quando a sua commenda baixou á terra e o seu espirito subiu ao céo, eu viajava. Depois, por intermedio de um parente, conheci Laura e comecei a frequentar-lhe a casa, mal recebido a principio, tolerado depois. Visitei-a, apaixonei-me, e comecei a fazer-lhe a côrte, com o desembarço e a imprudencia com que costume levar a cabo esses commettimentos. Ella supportava-me, desenganando-me sempre. Lembro-me de que me disse um dia, quando eu, com mais calor, lhe contava a minha paixão:

— Meu amigo, tenha juizo! Vou dizer-lhe o que até hoje lhe occultei. Se tolero e desculpo a côrte que me faz, não vá cuidar que entrevejo a possibilidade de um dia ceder ao seu desejo... Tolerô, porque o senhor, não sei porque, me traz sempre á lembrança meu marido. Ah! descance! não digo que se pareça com elle, nem no physico, nem no moral... Mas, não sei: ha no seu olhar, ás vezes, alguma cousa do olhar do defunto!



Devem comprehender que eu, se não amasse perdidamente a viuva, teria, ouvindo tão desagradavel declaração, desistido logo das minhas pretensões...

Mas amava-a, e persisti. Assim correram mezes. Fiz-lhe versos inflammados; transformei a minha conversação, para deslumbrá-la, em uma verdadeira pyrotechnia de phrases de ouro e de conceitos rutilantes; arruinei-me em gravatas incriveis e fatos de primor; deixei de fumar; mudei de hábitos, como o cameleão muda de pelles; fiz tudo. E nada conseguí. Até que um dia...



Oh! a recordação d'aquillo ainda hoje me põe a cabelleira arripiada, de pé, rigida como uma floresta de pinheiros bravos...

Na vespera, ao despedir-me, Laura dissera: — « Venha amanhã jantar commigo, senhor apaixonado. Jantaremos sós.—Disse-lhe que iria.

Fui. Achei-a muito pallida, vestida de negro, luto pesado, um fulgor de febre nos olhos. Trocámos poucas palavras, poucas e sem interesse; fomos jantar. Notei que havia tres talheres á mesa. Laura sentou-se á cabeceira. Fez-me occupar o lugar da direita; o da esquerda ficou vasio.

O criado servia-a, servia-me, e servia o conviva ausente, collocando junto ao logar desoccupado um prato cheio, que retirava logo depois, sem que alguém o houvesse tocado. Comecei a perder o appetite. Já o peixe não me poude passar da garganta. Não pude tirar mais os olhos d'aquelle logar vasio, horrivelmente vasio,—esperando a cada momento que o garfo se levantasse por si só, e que a posta de garoupa cozida em *sauce remoulade* ou a costelleta tostada desaparecesse dentro de uma bocca invisivel. E assim, n'um silencio sinistro, interrompido apenas pelo tinir dos talheres, comendo automaticamente, como n'um banquete de phantasmas, atravessei o supplicio d'aquelle jantar até a sobremesa.

A' sobremesa, a viuva, cuja mão tremia, explicou:

— Espanta-se? é que no dia de hoje, ha sete annos, o defunto casou commigo... Todos os annos elle vem, neste dia abençoado, e janta aqui. Sinto-o no ar, quasi que o vejo, ouço-lhe a respiração, e as suas soças arranham-me a face. Quiz que o senhor assistisse hoje ao nosso jantar de anniversario. Oh! não imagina! os seus olhos estão hoje brilhando justamente, positivamente, como os d'elle! Vamos para a sala, vamos...



Quiz levantar-me e não pude. Dentro em mim passava-se uma cousa que não sei dizer. Parecia-me que estava mudando de alma...

Consegui erguer o corpo da cadeira, por um esforço terrivel. Puz-me a andar, cambaleando.

A minha alma estava pesada, burgueza, opaca. Sentia no nariz uma titillação exquisita, como a de quem está com vontade de tomar rapé. Na ante-sala, olhando um esplendido quadro de Foss, não cogitei de admirar a perfeição e a doçura do seu colorido, mas comecei a imaginar quanto teria elle custado... Na sala, a viuva reclinou-se a um canapé. Fui á sacada e debrucei-me sobre o jardim.

Havia luar. A' claridade livida, as araucarias se balançavam, como espectros esguios.

Passavam sombras vagas, correndo sem rumo pelas alamedas. Vozes cochichavam na penumbra. Era uma noite de mysterio e pasmo, scenario digno de um drama de Maeterlink ou de Ibsen. Voltei para onde estava Laura. Ella olhava para mim fixamente, com uns olhos largos, compridos, desvairados.

Sentei-me junto della. Não sei como, ousei beijá-la. Deilhe na bocca um beijo grave, circumpecto, comedido, um verdadeiro beijo de commendador... E ella, enlaçando-me o pescoço com os braços, murmurou:— Ah! Mendonça!...

Meus senhores! lembrem-se de que Mendonça era o nome do defunto!...



Mas, naquelle momento, não estranhei que ella me chamasse Mendonça. Porque todo eu me sentia Mendonça, todo eu me sentia commendador, todo eu me sentia marido.

E, como ella continuasse a abraçar-me e a beijar-me, procurando com os dedos côr de rosa, nas minhas faces raspadas, as ausentes suissas do defunto, toda tremula de desejo, toda sacudida de amor, toda desfeita em caricias,—fiz conscienciosamente até o fim o meu papel de Mendonça, com ordem, com calma, sem explosões amorosas de poeta, com o methodo de um commendador, para quem os negocios de amor são tão serios como os negocios bancarios. Ella, pela paixão que lhe cantava nos labios e pelo clarão que lhe ardia nos olhos, nem parecia estar abraçando um defunto...



Não me recordo bem do resto. Quando acabou o nosso extase, Laura voltando a si, esgazeou os olhos, deu um grande grito: — « Nossa Senhora! não é o Mendonça! » — e fugiu. Fui a um espelho, verifiquei com cuidado que não tinha suissas. Tomei o meu chapéo, e sahi furtivamente.

Nunca mais voltei ao Jardim Botânico. Com os diabos! Laura era uma bonita mulher, mais eu não estava mais disposto a mudar de personalidade...





SILVA JARDIM  
Benjamin Constant  
Theodoro da Fonseca  
SAVANHA MARINHO  
SALVANDA MAGALHAES  
Florianópolis

Florianópolis

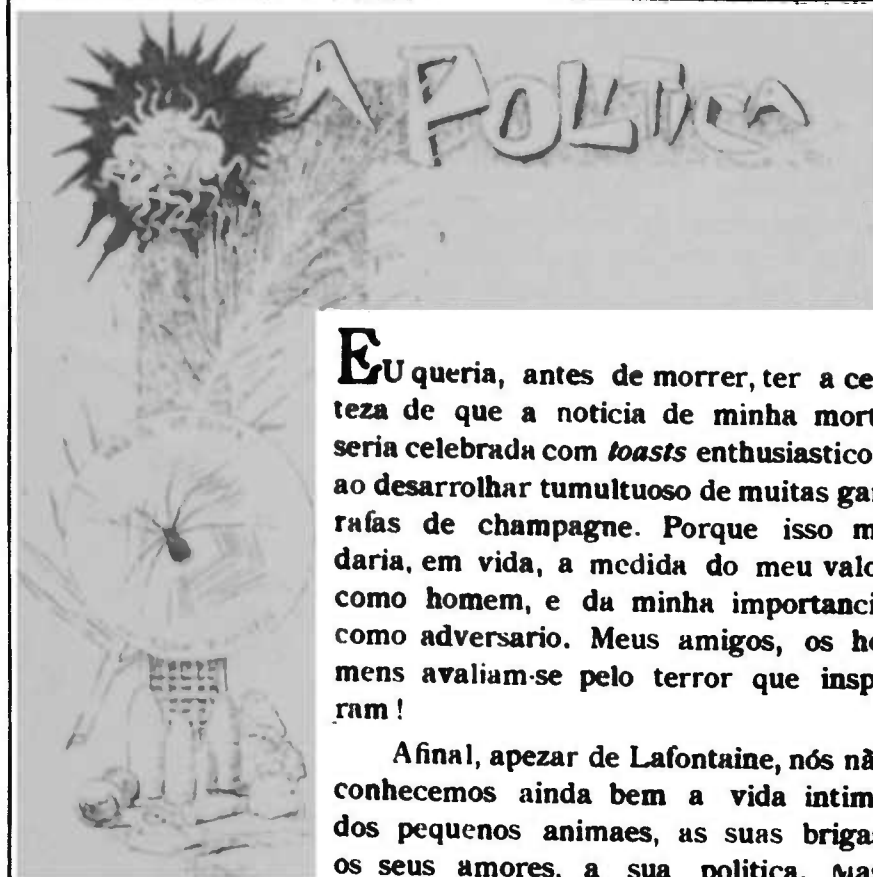


CIGARRA

# MATER DOLOROSA







**E**U queria, antes de morrer, ter a certeza de que a noticia de minha morte seria celebrada com *toasts* entusiasticos, ao desenvolver tumultuoso de muitas garrafas de champagne. Porque isso me daria, em vida, a medida do meu valor como homem, e da minha importancia como adversario. Meus amigos, os homens avaliam-se pelo terror que inspiram!

Afinal, apesar de Lafontaine, nós não conhecemos ainda bem a vida intima dos pequenos animaes, as suas brigas, os seus amores, a sua politica. Mas,

quem sabe? estou em crer que as rãs bebem champagne, no fundo dos charcos, sempre que lhes chega a noticia da morte de uma aguia.

X

Eu, por mim, não sei nem quero agora saber se o guerreiro morto em Campo Ozorio e o guerreiro morto na Divisa eram republicanos ou monarchistas. O que sei é que eram bravos. E é preciso admirar a bravura, n'um tempo em que ella anda rara como as tulipas azues. Estamos vendo um governador capitão, um governador positivista, um governador philosopho! — abalar o mundo com os bramidos do seu medo, só porque uma cozinheira, tendo lavado mal a panella em que se cozinham as fritadas governamentais de Pernambuco, escapou de mandar para o outro mundo o seu amo comilão. E logo, ai! Jesus! ao influxo do medo presidencial, o azinhavre se converte em atropina, os fios telegraphicos vibram, as Camaras palpitam, as bayonetas se entrechocam, e quasi vem o mundo abaixo com tamanho alarido.

X

Não quero dizer que eu, em identica situação, não tivesse ainda mais medo que o sr. Barbosa Lima. E' mesmo possivel que, em identica situação, eu deliberasse nunca mais comer fritada, nem de atropina, nem de camarões, nem de arsenico, nem de linguaça!

E já agora, a proposito deste caso da fritada, deixem-me dizer-lhes umas tantas cousas, que trago atravessadas na garganta, ha um punhado de dias. O que mais me espanta neste caso é a falta de correccão dos nossos homens de governo.

Os nossos estadistas não teem representação, não teem aprumo, não teem educação, não comprehendem os deveres sociaes do seu cargo.

Já eu não exigiria que um governador tivesse os collarinhos impeccaveis do sr. Carnot, as equipagens luxuosissimas do sr. Perier, as bonitas maneiras do Sr. Faure. Mas, — digam-m'o pelo amor de Deus! — onde é que já se viu um governador comer fritada?

A fritada! uma cousa amarella que, para não esfriar,

vem para a meza dentro da mesma frigideira tostada e oleosa em que foi ao fogo! uma comida capaz de empestar todo um quarteirão com o seu ignobil cheiro de banha frita! Oh! um governador comendo fritada! — que abominavel cousa!

Palavra de honra! acho que, se o sr. José Mariano não tivesse outros motivos de monta para querer apear do poder o sr. Barbosa Lima, bastar-lhe-ia este motivo: o sr. Barbosa Lima, no exercicio do seu alto cargo, dentro do seu palacio, entre os seus secretarios de Estado, — come fritada!!! Abaixo o sr. Barbosa Lima!

X

Mas, retrogrademos. Dizia eu que era capaz de ainda ficar mais assustado que o governador de Pernambuco, se diante de mim apparecesse o espectro da atropina, pulando sinistramente do seio de uma fritada.

Mas, eu sou eu. E o sr. Barbosa é o sr. Barbosa. Eu nasci medroso, e, já agora, medroso hei-de morrer. Mas, do fundo do meu medo, admiro a bravura.

Monarchistas, republicanos, socialistas — sei eu lá? — os mortos notaveis da semana passada eram bravos. *Chapeau bas!*

De resto, lá onde elles agora estão, riem com certeza do entusiasmo dos adversarios e das lamentações dos amigos. Mostrem estes a sua magua com tiros de revolver, mostrem aquelles a sua alegria com libações copiosas, — que teem os mortos com isso? Para elles já não ha politica... Lá em cima não ha a preocupação da fórmula de Governo, meus pobres amigos!

L. F.





Aqui temos no Rio de Janeiro, de volta da Europa, onde, durante sete annos, estudou musica, percorrendo os Conservatorios da Italia, da Franca e da Allemanha, o nosso illustre e bello compatriota Alberto Nepomuceno, professor do Instituto de Musica.

Nepomuceno chega-nos educado, senhor de sua arte, e já quasi celebre, porque as suas composições foram, nas rodas artisticas da Europa, acolhidas com franco entusiasmo. Brevemente, ouvir-o-emos estreiar no Instituto como organista. Entre as composições que o joven mestre vae executar neste concerto de estréa, figuram varios *lieds* allemães, e canções brasileiras, moldadas sobre versos de poetas nossos.

A *Cigarra* beija o Alberto Nepomuceno. E' preciso agora que o Brasil acolha com carinho e applauso o illustre filho, que com tanta gloria representou no estrangeiro o nome da patria.

No proximo numero publicaremos um formoso *soneto inedito* de Arthur Azevedo.

Uma senhora, doceira emerita e republicana feroz, dizia-nos na alguns dias:— Veja o senhor! *O Pais* publicou a receita de um bolo da minha invenção a que dei o nome de *Julio de Castilhos*. Tenho agora um novo podim, a que tenho vontade de dar o nome de *bolo Vespasiano*. mas receio que vejam n'isso uma allusão...



Novelli, antes de nos deixar, quiz dar-nos um presente de rei, dando-nos o *Pão alheio* de Tourgueniéff. Que drama! e que trabalho, o de Novelli! Como me faz bem poder dizer isso do grande actor, uma vez que, para não o desgostar, tinha eu resolvido não dizer uma só palavra a respeito da interpretação de *Othelo*!

Agora, felizmente, posso dizer que, no meu humilde modo de pensar, Novelli deu-nos um *Othelo* abominavel. Posso dizer isso, porque tambem posso dizer que nunca jámais algum actor, em peça nenhuma, tão profundamente me commoveu, tão extraordinariamente me revolveu o coração, como elle,— quando representou, com uma arte sobre humana, com um estupendo poder de observação, o admiravel *Kusofkin* do *Pão alheio*.

Compreendem que é impossivel, n'esta chronica theatral da *Cigarra*, dar o resumo da peça e detalhar as bellezas do trabalho do actor. Quando este numero da *Cigarra* for publicado, já Ferreira de Araujo, na *Noticia*, Arthur Azevedo no *Pais*, Henrique Chaves, na *Gazeta*,— tres mestres da critica theatral, terão dado noticia minuciosa d'essa extraordinaria recita,— da qual a minha pobre alma, torturada, angustiada, sacudida de lagrimas pela representação dos dois bellos actos de Tourgueniéff, guardará para todo o sempre uma recordação profundissima.

Tourgueniéff só era conhecido, aqui, pelas suas novellas. Pouca gente havia lido no Rio de Janeiro *O Pão alheio*. Mas esse drama é tão verdadeiro; nós, brasileiros educados no meio de scenas de escravidão, estavamos tão habituados a conhecer a crueldade fria e o implacavel orgulho dos antigos senhores de escravos negros, tão parecidos com os senhores de escravos brancos na Russia,— que, por assim dizer, a concepção de Tourgueniéff foi immediatamente apprehendida pela platéa do *Lyrico*, e o publico familiarisou-se logo, desde a scena primeira, com os caracteres dos personagens, postos em scena pelo dramaturgo russo. Que drama!— repito eu— ainda abalado por aquelle formidavel estudo da miseria humana!

E que trabalho, o de Novelli! Como elle sabe dar á alma de quem o vê e o ouve, uma piedade sem limites por aquelle pobre velho, exposto á galhofa dos moços-ricos devassos, que cospem sem dó sobre as cans do miserando parasita tudo quanto de mais vil inventou até hoje a maldade do homem! Que scena aquella, em que Kusofkin, intimado a cantar, para divertir a bebedeira dos convivas de Ivan, tenta soltar um fio de voz de creança, e pede chorando que o perdoem, porque a sua garganta—tão velha!—já não tem força para cantar!...

E que coleras sagradas lhe rugem na voz, quando elle, para impôr silencio aos malvados, diz a Ivan: « Respeita o pae de tua mulher, miseravel! »

Quando Olga Petrowna diz a Kusofkin: — « Olha-me bem em face, se és capaz, para que eu acredite que não calumnias minha mãe! »— Novelli, sob os cabellos brancos do desgraçado comedor do pão alheio, tem um olhar tão humano, tão nobre, tão altivo, tão fulminante,— que é preciso não ter coração para não chorar com o espectáculo d'aquella inenarravel desgraça...

Nos outros theatros, nada de novo, a não ser um tal Onoffroff, charlatão hypnotisador que faz *trucs* no Lucinda,— e as borracheiras, que duas companhias portuguezas, do Trindade de Lisboa e de não sei que theatro do Porto, estão representando no *S. Pedro* e no *Apollo*. Cousas que não merecem noticia.

O que merece, não só noticia, mas applauso, e applauso entusiastico, é a ideia aventada pelo nosso mestre Ferreira de Araujo de vir Novelli todos os annos ao Rio de Janeiro, afim de dar o concurso do seu talento e do seu saber á formação do nosso Theatro Nacional. O que é preciso é que a ideia não morra no berço. Meus amigos! não ha de ser com as lições de arte que nos dão as duas companhias que estão no *Apollo* e no *S. Pedro*, que conseguiremos ter actores supportaveis.

Um bom movimento! Não deixemos que Novelli saia do Rio de Janeiro, sem que o tenhamos amarrado á realização desse plano por meio de uma promessa formal.

O.



# UM FUNCIONARIO AMOROSO

Ha na estação Central da estrada de ferro um bilheteiro que aproveitando-se do seu lugar, faz a corte a quantas senhoras vão comprar bilhetes para os suburbios, passando-lhes juntamente com estes cartinhas amorosas, pedindo *rendez-vous*.

D'O Paiz.



J. V. MACHADO





# A CIGARRA

**CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA**

ANNO (52 numeros).	48000
OTOMETES (até ao fim deste anno)	32000
SFESTRE (26 numeros).	25000
NUMERO AVULSO.	1000
SUPPLEMENTO.	500
NUMEROS ATRAZADOS.	10500
SUPPLEMENTOS ATRAZADOS.	10000

Escriptorio, Rua Onvidor 115

HEBDOMADARIO illustrado por *Julião Machado*

Redacção de *Olavo Bilac*,

Propriedade de *Manoel Ribeiro*

ANNO I

Rio de Janeiro, Quinta-feira 11 de Julho de 1895

N.10

## CIGARRAS

### LA MARAGLIANO

La Maragliano, a formosa Clotilde, que tão largo successo tem feito nos palcos de opera, na Italia, é uma brasileira que, não contente com possuir dous olhos bellissimos, possui ainda uma bellissima voz.

Ha menos de 10 annos, sahiu ella de S. Paulo, — sua patria, — em busca da divina Italia. Emquanto estudou, a sua carreira foi uma longa serie de triumphos. Deram-lhe os conservatorios os seus melhores premios. E quando estreiou...

Ah! quando Clotilde estreiou, na Italia, cantando a opera de um mestre, a critica saudou-a com verdadeiro entusiasmo. E ella é actualmente uma das maiores cantoras da Italia.

Meus senhores! as brasileiras, quando dão para ser bonitas, são bonitas a valer. E, quando, sendo bonitas, dão para ter talento, então é que a gente vê o que é esta terra...

Dando hoje o retrato d'esta cigarra, (oh! uma verdadeira cigarra, filha do nosso estio, filha do nosso sol tropical!) mandamos-lhe d'aqui um punhado de flores, e uma revoada de beijos. Que a bella Clotilde, lá no meio dos seus triumphos, saiba que ha na patria quem lhe acompanhe, com applauso e orgulho, a victoriosa carreira artistica.







Ainda uma vez, vae esta chronica deixar de parte o sexo máo, o sexo pretencioso e brutal, que, por amor da politica, quebra cabeças actualmente, nas conturbadas ruas d'esta cidade. Homens, meus irmãos, ficai-vos com as vossas paixões! atolae-vos n'ellas, até o pescoço! e que Deus vos perdôe o crime de dar tão máo emprego aos dias poucos que a Natureza vos deu para o Amor e para a Arte.

Prefiro aproveitar o resto da minha existencia, mergulhando na doce contemplação das cousas que não são d'esta época maldita. Que me importa que as ideias dos outros, todas suando sangue e clamando vingança e coleras, andem a chocar-se barulhentemente? a minha ideia anda por outras bandas...

\*\*\*

Tempos abominaveis! as mesmas mulheres d'esta rua do Ouvidor, que são o maior encanto da minha alma e dos meus olhos, andam agora de luto... Oh! a côr preta! uma mulher só deveria ter o direito de se vestir de negro depois dos sessenta annos, nessa idade em que o corpo já é um frangalho e a alma uma ruina. A côr negra! mas os proprios cemiterios são verdes, da côr da esperança... os cyprestes não são negros... não são negras as lapides que cobrem a podridão da morte! os proprios claustros,—esses cemiterios de vivos—são brancos, brancos como a Candura, brancos como a Alegria!

Que é que é negro na Natureza? Creio que Deus desmancharia o mundo, com um gesto de enfado e de nojo, se se tivesse esquecido de dar á Noite a ampla faixa branca da Via-lactea... Reparae bem! mesmo quando as noites se enturvam, quando as estrellas se apagam abafadas pelos bulhões da tormenta, quando não ha luar,—os pyrilampos cá em baixo se encarregam de retalhar a treva. A natureza tem horror ao negro, como tem horror ao vacuo. E dizer que ha mulheres que se vestem de negro! Minhas senhoras! não ha razão nenhuma que justifique essa abominação! uma mulher só se veste de negro quando morre, ou quando fica velha... o que é uma outra maneira de morrer.

\*\*\*

Mas, onde estou eu? Não era para verberar o luto das fluminenses, que eu fugia da convivencia dos homens. Era

para falar de um bellissimo livro, que acabo de achar sobre a minha mesa de trabalho, n'esta funebre manhã. Lá em baixo, passam tropas, a passo lento, arrastadas á cauda de marchas funebres. A multidão remeche-se, toda vestida de negro. Uma grande melancolia pésa sobre a cidade.

Mas, folheando o volume dos *Marmores*, de Francisca Julia da Silva, fecho a alma ás tristezas da rua, e lá me vou embalado na correnteza destes versos, éras em fóra, caminho da idade de ouro, em que, na alma do mais rude dos homens, o amor do bello viçava, como uma planta sagrada.

\*\*\*

Quando li, ha pouco mais de um anno, os primeiros versos de Francisca Julia, surpreendeu-me o seu estylo. Havia alli a demonstração de um culto entranhado da Fôrma,—culto que não tem muitos sacerdotes (ai de nós!) nos dias de hoje. Em regra os escriptores, que estão agora florescendo, cuidam que, para dar progresso á lingua portugueza, basta inventar palavras como quem inventa boatos. Quanto mais estapafurdia a palavra, mais bella!—é a profissão de fé dos novos. E a gente lê cousas, capazes de dar arrepios de medo a um frade de pedra!

Em Francisca Julia, surpreendeu-me o respeito da lingua portugueza. Não que ella transporte para a sua estrophe brasileira a dura construcção classica: mas, a lingua doce de Camões, trabalhada pela penna d'esta meridional,—que traz para a arte escripta todas as suas delicadezas de mulher, toda a sua faceirice de moça,—nada perde da sua pureza fidalga de linhas. O portuguez de Francisca Julia é o mesmo antigo portuguez, remoçado por um banho maravilhoso de novidade e frescura.

\*\*\*

Depois, os seus versos não têm o falso pudor e a monotona lamuria, que, em geral, se encontram nos versos de mulheres que por ahi apparecem. Francisca Julia canta a antiga Belleza, desnudada ao sol, fulgurando, livre de véos hypocritas. De quando em quando, uma estrophe sua, como um grito de saudade e de angustia, saúda os tempcs gloriosos da Hellade; e ella pede á sua musa:



« Transporta-me, de vez, n'uma ascensão ardente,  
A' deliciosa paz dos Olympicos Lares,  
Onde os deuses pagãos vivem eternamente,

E onde, n'um longo olhar, eu possa vêr contigo  
Passarem, através das brumas seculares,  
Os poetas e os heróes do grande mundo antigo! »

Digam-me: parecem versos de moça ?

\*\*\*

Ai! meninas que passaes a vida a esfregar as téclas dos pianos molles! senhoras que vos entregaes á politica, fundando e organisando batalhões para a defeza da Republica! — porque não vos entregaes antes, como esta moça, paulista, ao trato fino e consolador da Arte?

Dir-me-eis que a Arte entristece, e que esta moça, com o ganhar o segredo da Metrificação e do Estylo, ganhou apenas uma tortura. Quem sabe? A Arte entristece quando, forçada e atormentada, é uma busca anciosa do Ideal, uma vontade louca de devassar o eterno Mystério... Mas a Musa de Francisca Julia, (ella mesma a chama *Musa impassivel*) não têm essas aspirações nevroticas. A recordação da belleza de Venus, a leitura de meia duzia de versos de Homero, a contemplação de meia duzia de relevos da esculptura grega, bastam para lhe dar a alegria de viver. Que quer ella? Quer admirar a Formosura perpetuada pela Arte:

« Branca e herculea, de pé, n'um bloco de Carrara,  
Que lhe serve de throno, a formosa esculptura,  
Venus, tumido o collo, em severa postura,  
Com seus olhos de pedra o mundo inteiro encara... »

\*\*\*

Arte calma, arte consoladora, essa. Pois se mesmo agora, a mim, que estou mettido n'estas agitações politicas, acaba ella de me dar um par de horas de extase e ventura!...

Obrigado, Francisca Julia!

*Fantasia*

## OS GRAMMATICOS

Era em 1890, em Lisboa. Um homem de raro talento e gentileza rara, artista erudito e fino, professor de Universidade, que occupa hoje alta posição no parlamento portuguez, jantara a meu lado, no *Bragança*. Eu andava curiosamente estudando Portugal, e aproveitara por isso, com avidéz, a conversa do meu illustre companheiro de mesa, que, em traços largos e rapidos, com uma admiravel precisão de critica, dava-me indicações geraes de tudo, indo da politica ás artes, dos costumes ás sciencias.

Terminára o jantar. E já nos despediamos, quando elle, gentilmente, propoz:

— Venha commigo. Vou presidir a assembléa constituinte de uma sociedade Propagadora da Instrucção. Não perderá o seu tempo: conhecerá alguns dos nossos homens de lettras.

Aceitei e partimos. Havia, na assembléa, grande numero de grammaticos: essa praga é tão commum em Portugal como no Brasil. Entre os presentes, notei um homem

forte, de cabellos basta, roupa mal cuidada, gestos espatifados. Perguntei quem era. Disseram-me o seu nome. Não o escrevo aqui, porque, apesar das legoas de mar que nos separam, póde o grammatico vingar-se de mim, fulminando a minha prosa com um dos raios da sua sabedoria suprema. E' o nome de um philologo conhecido em Portugal, como no Brasil, por varias obras.

Estava aberta a sessão. O presidente explicara o objecto da reunião, em um discurso caloroso, insistindo sobre a necessidade de derramar o ensino primario pela massa do povo portuguez. Toda a assembléa apoiou, concordando, com enthusiasmo, que essa necessidade era inadiavel e absoluta. Conveni-me, á vista d'esses bons desejos da assembléa, que d'ahi a um quarto de hora, no maximo, estaria a sociedade instalada. Enganei-me; não contava com a presença dos grammaticos.

O secretario, de pé, encetara a leitura do projecto de estatutos. Leu-se o primeiro artigo, arrastando a cauda dos competentes paragraphos, sem incidente. Mas, ao segundo artigo, notei que o philologo intonso, que ouvia attentamente, aconcheando a mão sobre a orelha, começava a dar signaes de uma agitação singular. Remechia-se na cathedra, sacudia a cabelleira, coçava a barba com frenesi. Não lhe tirei mais os olhos de cima.

Ao terceiro artigo, o homem cnegou a levantar-se, como para fallar. Mas conteve-se. Sentou-se de novo. Entregou-se de novo á sua agitação silenciosa. Mas, apenas havia o secretario iniciado a leitura do quarto artigo, quando o cabelludo grammatico, com uma voz que encheu de trovões toda a rua do Ouro, bradou: — Peço a palavra pela ordem, para lavrar um protesto!

Um espanto mudo paralysoou a assembléa. Para lavrar um protesto!... Attonito, o presidente deu-lhe a palavra. Elle pediu ao secretario que recommencesse a leitura do artigo.

E o secretario leu esta phrase, cujas palavras guardei fielmente:

— Sessões de assembléa geral, só quando forem de absoluta necessidade...

— Veja, Sr. presidente! — clamou o grammatico, levantando todo o vulto enorme, surgindo de entre as cabeças dos consocios como Adamastor de entre as aguas, e sacudindo o braço, n'um gesto que varria toda a sala, toda Lisboa, toda a Europa; — veja, Sr. presidente! até aqui, n'esta casa em que tantos luminares das lettras se reúnem, achou guardada este abuso da ellipse, que os jornalistas apressados inventaram para prejuizo da clareza das orações, para prostituição da divina forma grammatical!! Onde está o verbo d'essa oração, Sr. presidente? que fez d'esse verbo o auctor dos estatutos, Sr. secretario? porque não está esse verbo no seu logar, senhores? sim! pergunto á mesa, pergunto á assembléa, pergunto a todos os homens cultos, pergunto ao bom senso universal: onde está esse verbo, porque não puzeram ahi esse verbo?

A assembléa entreolhava-se assombrada; alguns dos assistentes abaixavam-se, examinavam o chão, a vêr se o maldito verbo se escondera debaixo das cadeiras. E o grammatico berrava, declarando que não socegaria, enquanto elle não puzessem para alli o seu verbo.

Foi uma cousa nunca vista. Por fim, o presidente declarou, conciliadoramente, que apesar de não reconhecer a necessidade da presença do maldito verbo na oração, já bastante clara sem elle, — não punha a menor duvida em reparar essa falta, para não desgostar um tão conspicuo sacerdote da Grammatica. E a sessão ia entrar nos seus eixos, quando um outro grammatico, baixinho, pallido, magro, pediu por seu turno a palavra, e, verberando as exigencias do grammatico intonso, disse-lhe alli mesmo, em plena assembléa, muito desaforo pesado.

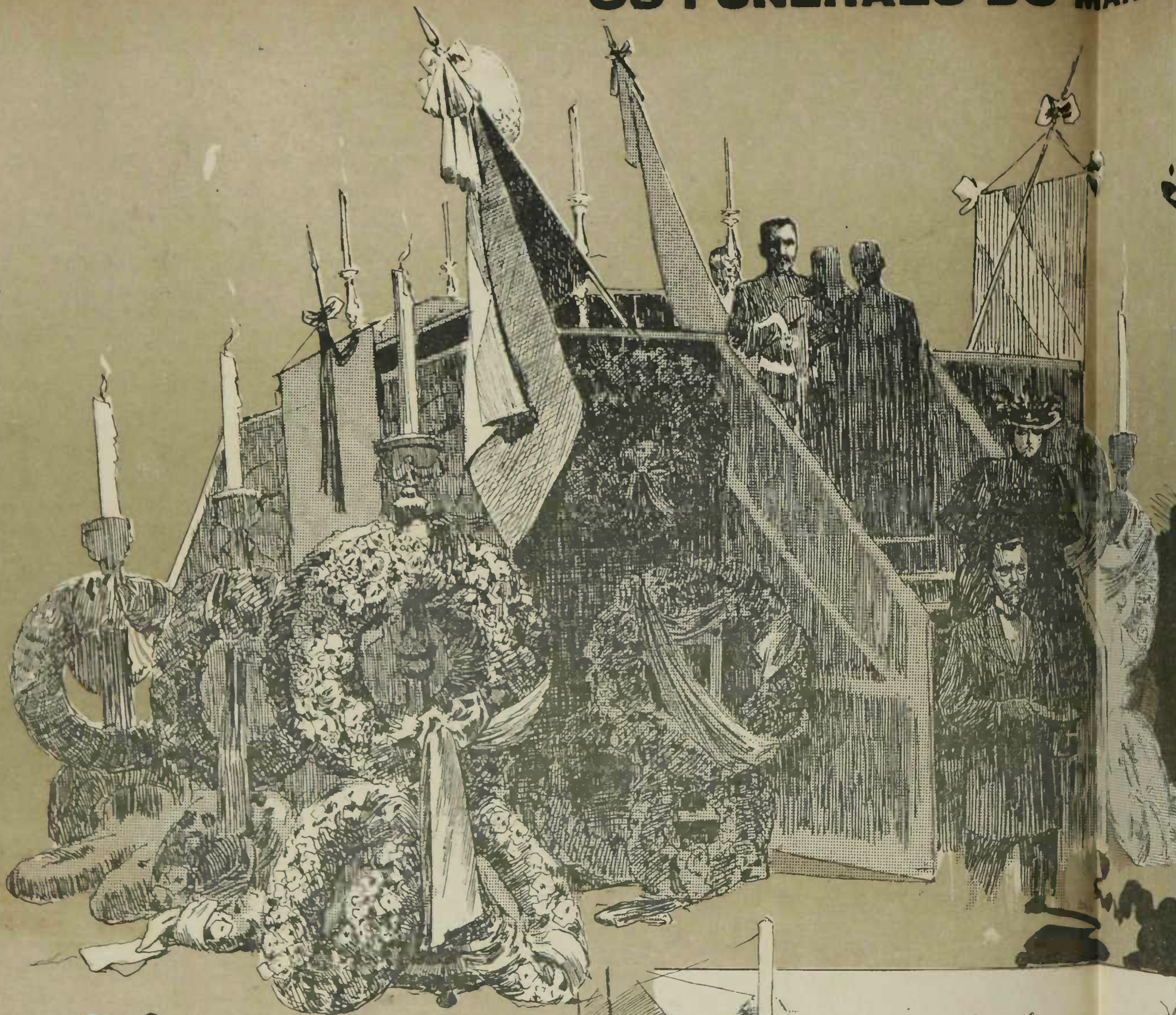
Então, todos os philologos presentes entraram na peleja. A casa vinha abaixo com a algazarra. As descomposturas estalavam e rebentavam, atordoadoras e mortíferas.

Esmurravam-se no ar preteritos-mais-que-perfeitos, engalinhavam-se interjeições, espatilavam-se adverbios, esfaqueiavam-se adjectivos. O presidente abalou pela escada, desesperado. Eu segui-o, com a alma em calefrios. E lá em cima, por longo tempo, acordando os visinhos, sacudindo o quartirão, espantando a noite, ferveu a refrega medonha, travada por causa de um verbo que ninguem sabia onde estava...

E nada se fez. Não se restituiu o verbo ao periodo, mas também não se fundou a Sociedade Propagadora da Instrucção. Pelas aldeias do Alemtejo e do Minho, como pelas



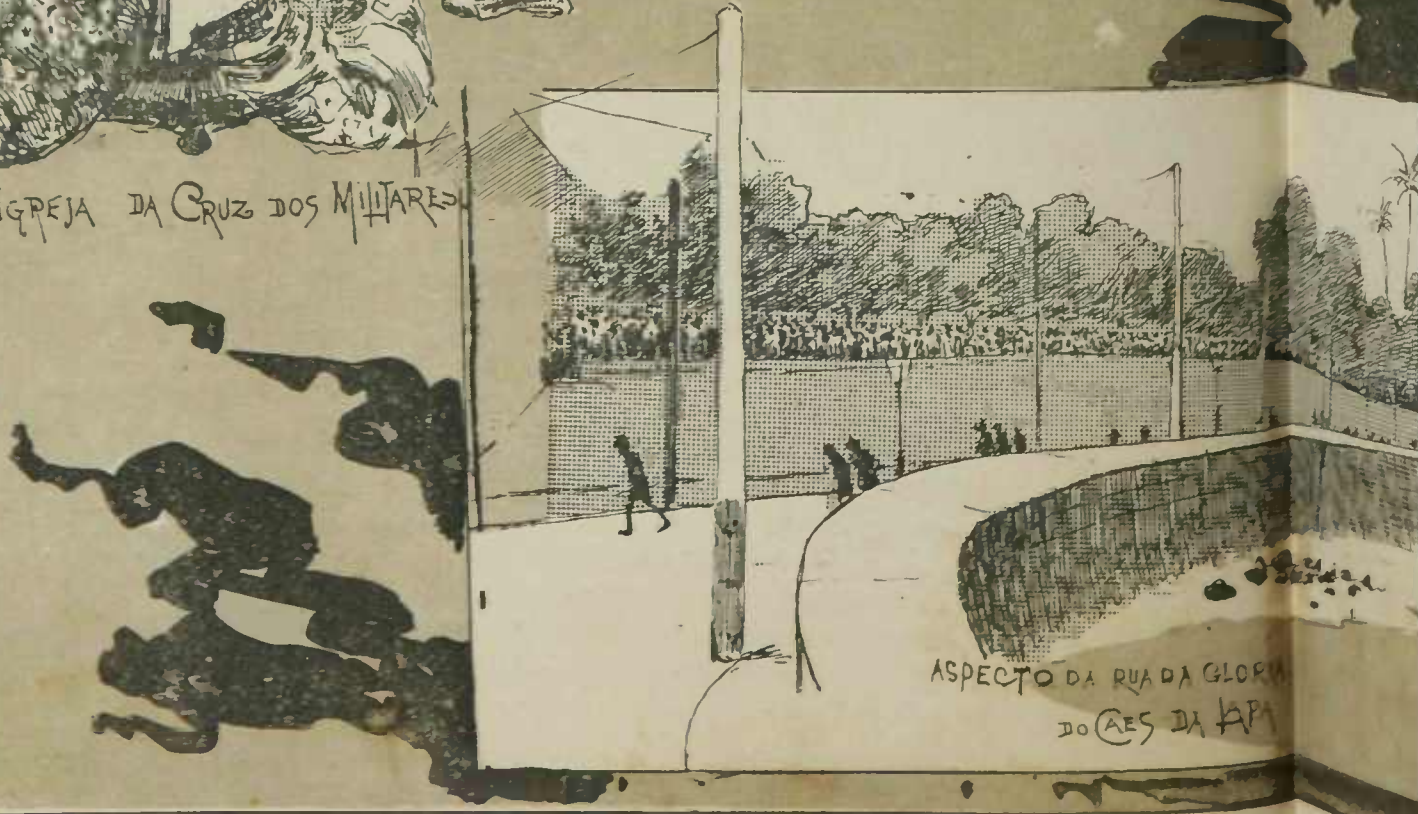
# OS FUNERAES DO MAREC



○ CATAPALCO NA IGREJA DA CRUZ DOS MILITARES



em Bico foi logo



ASPECTO DA RUA DA GLORIA DO CAES DA AP



# DO ARECHAL FLORIANO

*W*



TREGO DE RUA.  
PASSEIO PUBLICO LAPA.





nossas roças de Goyaz e Matto Grosso, o povo continuou a não saber ler e a não imaginar o prejuizo que a falta de um verbo pôde causar á sua educação. E porque?

Porque uma ellipse indignára um grammatico intransigente: capaz de não pentear os proprios cabellos, mas incapaz de despentear a mais insignificante oração...

B.

### TRISTEZAS A' BEIRA... DEFICIT, NA MUNICIPALIDADE



Hontem, terça-feira, 9 de julho, estava eu trabalhando, quando me vieram dizer que um senhor muito triste me queria fallar. Mandei que entrasse o triste. Pousei a penna, accendi um cigarro, e vi entrar a mais desconsolada figura que jámais viram meus olhos. Era um homem quarentão, decentemente vestido, correcto, de maneiras amaveis. Mas, que physionomia!

Havia nos seus olhos um tédio communicativo: aquelles olhos brilhavam, como brilha a chamma de uma lampada quasi a apagar-se. A sua barba, crescida, de quatro dias pelo menos, arrepiava-se; encolhiam-se-lhe as azas do nariz; repuchavam-se-lhe os cantos dos labios. A roupa, apesar de nova, vinha empoeirada e cheia de vincos; e o pello da sua cartola, mal assentado, tinha arranhões de revolta e de angustia. Não sei porque, vendo aquelle aspecto desolado, ardeu-me o nariz, arderam-me os olhos, e desatei a chorar.

Elle poz-se a chorar tambem,—um choro modesto, abafado, sacudido de soluços curtos. Meu Deus! que piedade me alagou o coração! Tomei-lhe as mãos, e perguntei-lhe em lagrimas:

— Que é isso? Tenha coragem! Que foi que lhe succedeu? Vamos! Diga! Perdeu toda a sua fortuna ao jogo?

— Não, senhor! não, senhor! cousa muito peor...

— Que foi, então? O alfaiate negou-lhe credito?

— Não, senhor! cousa muito peor...

— Ah! já sei! era fornecedor do exercito, e está triste com medo da paz, não é assim?

— Não, senhor! cousa muito peor...

— Leu o relatorio do ministro da Fazenda?

— Não, senhor! cousa muito peor...

— Oh! homem de Deus! morreu-lhe toda a familia?

— Não, senhor! cousa muito peor...

Santa Barbara! Cousa muito peor?! Que foi? Desem buche, com um milhão de diabos!

Então, o homem, de um jacto, como uma torre que desaba, cahiu nos meus braços. E clamou, com uma voz angustiosissima, em que todos os soffrimentos da terra choravam.

Ah! meu senhor! ah! meu senhor! eu sou... eu sou... empregado da Municipalidade!

— Oh! coitado! coitado! coitado! — gemi eu, abraçado a elle, fulminado pela revelação d'aquella grande desgraça... — Empregado da Municipalidade! mas é o meio mais seguro de morrer de fome, n'esta terra, desgraçado!...

Houve uma pausa. Depois, mais alliviado, o homem tornou: — E' exacto! morrer de fome... á força! A Municipalidade está arreventada... Enquanto não se arrecadar o imposto predial, fica a gente sem comer e sem pagar casa, ás voltas com os credores... Olhe: os cofres não teem vintem. Não ha dinheiro para pagar os conselheiros municipaes... quanto mais para pagar amanuenses e continuos!... Ai!

E levantou-se, estendendo-me a mão:

— Adeus!

— Onde vae o meu amigo? — indaguei.

— Vou para o emprego.

— Que emprego, homem? pois você ainda vae fazer trabalho que não lhe pagam?

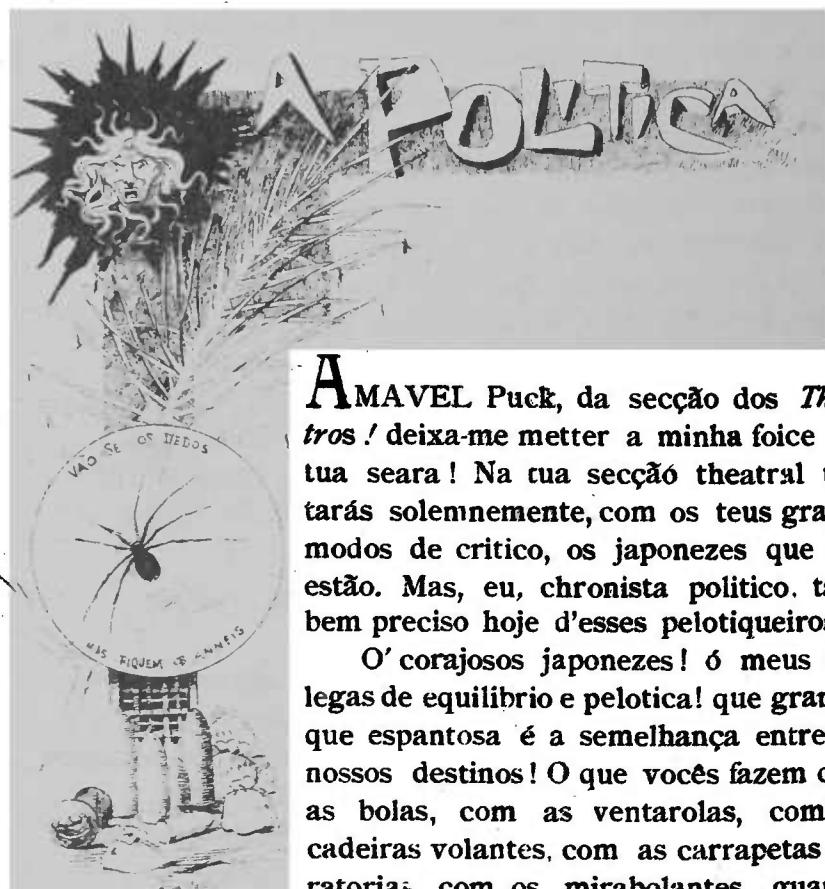
O homem, limpando os olhos, murmurou:

Ah! meu senhor! se a gente pede demissão, allegando o motivo de falta de pagamento, fica com a fama de inimiga da Republica, e vae para o xadrez.. Antes não comer e ser livre! Adeus! Eu só queria que o senhor escrevesse sobre isto um artigo, affirmando ter visto o homem mais triste da terra... Chóre, meu senhor, chóre em letra de fôrma!

E sahiu. A porta por onde elle passou desfez-se em pranto. Os degrãos da escada que elle pisou encheram-se de repuchos de lagrimas.

E eu escrevi este artigo funebre, e ainda estou aqui chorando como uma cachoeira.

O.



AMAVEL Puck, da secção dos Theatros! deixa-me metter a minha foice na tua seara! Na tua secção theatral tratarás solemnemente, com os teus graves modos de critico, os japonezes que ahi estão. Mas, eu, chronista politico, tambem preciso hoje d'esses pelotiqueiros.

O' corajosos japonezes! ó meus collegas de equilibrio e pelotica! que grande, que espantosa é a semelhança entre os nossos destinos! O que vocês fazem com as bolas, com as ventarolas, com as cadeiras volantes, com as carrapetas gyatorias, com os mirabolantes guardasões de papel, com as facas que se baralham no ar,—faço eu com os assumptos politicos. E não sei que esforço é maior: se o de vocês, equilibrando punhaes, que ao menor descuido podem ferir quem os equilibra, se eu, tratando de cousas que, á menor imprudencia, me podem render uma sóva,—quando não me rendam alguma cousa mais seria.. Mas, o nosso destino é o mesmo.

X

No theatro, quando um de vocês, no alto de uma escada oscillante, faz rodar, á ponta de um fragil bambú, toda uma montanha de cousas varias,—o espectador applaude com entusiasmo, mas não se lembra de que põe a vida em perigo quem assim o diverte. Não de outro modo, quando, depois de impressa esta *Politica*, os fluminenses a leem,—nenhum d'elles se lembra dos apuros terriveis, das colicas



dolorosíssimas em que me vejo, á hora em que venho para esta meza de trabalho como um condemnado á morte para o patíbulo.

Ah! ninguem sabe, como eu, o perigo que corre quem escreve n'estes tempos! Porque, hoje, fallar bem de alguma cousa é crime! Fallar mal, é crime! Ficar callado, é crime!

X

Eu, quando agora acordo, com os olhos ainda turvos do somno, corro aos jornaes, a vér se, nos artigos que na vespera escrevi, ha alguma cousa que me possa merecer o odio das massas e uma subsequente condemnação a lynchamento. E, á noite, quando me recoitio, apalpo cuidadosamente o meu corpo, afim de verificar se, tendo atravessado as turbas escaldadas, trago todos os meus membros nos seus respectivos logares.

X

Este agora é o destino, amigos japonezes, de quem tem a triste obrigação de escrever sobre politica. As massas não querem que se tenha uma opinião. Quem diz que é uma infamia mutilar e queimar o cadaver do inimigo morto em combate, arrisca-se a receber uma meia duzia de tiros de revolver, —cousa que não é de todo agradável. E nós com medo das massas, vivemos a executar uma alta acrobacia perigosa, que nos póde mandar de uma hora para outra fazer uma visita ao diabo. Porque, emfim, quem tem duas opiniões, desgosta dois partidos...

A chronica politica é hoje uma corda bamba. Desgraçado do chronista que não traz bem equilibrado o seu bastão regulador! desgraçado do chronista que pende para qualquer dos lados, tendo o desaforo de emittir uma opinião pessoal!

O que é preciso é dizer que Fulano morreu como um heróe, mas que Sicrano, no campo de batalha, tambem morreria como um semi-deus: que o céu é uma delicia, mas que o inferno tambem não é máu, sem fallar no Purgatorio, que tambem tem as suas boas qualidades; é preciso, emfim, ser como o camaleão:

com a cabeça dizer sim,  
com o rabinho dizer não!...

Ah! que remedio!--Andam dizendo por ahi que não tenho vergonha, porque, n'*A Politica* do passado numero d'*A Cigarra*, quiz contentar ambos os partidos, accendendo uma vela a Deus e outra ao diabo. E' verdade! e notem que ainda tenho em casa uma provisão extraordinaria de vélas, que, sendo preciso, accenderei a Mithra, a Baal, a Jove, a Tupan, a Teutatès, a Vichnou, e a todos os deuses, e a todos os diabos.

Não tenho vergonha? grande novidade! eu, se tivesse vergonha, estaria amassando barro, carpintejando páus, britando pedras, pintando casas, cozendo sapatos, fazendo qualquer cousa honesta que não fosse escrever sobre politica... Mas, se todo o mundo tivesse vergonha, quem se encarregaria de ser politico nesta terra, santo Deus?!

Não tenho vergonha! Mas façam-me o favor de dizer para que havia eu de querer ter vergonha, se passo tão bem sem ella, e se, no andar em que vou, tenho a certeza de chegar brevemente ás mais altas posições do Estado? Não tenho vergonha! mas eu, se tivesse vergonha, já teria sido fuzilado cem vezes!...

X

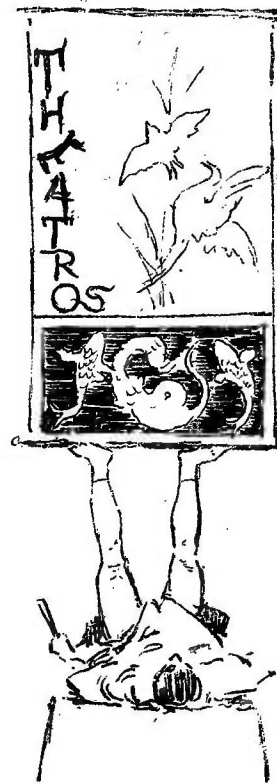
Nada! Já sei que corro terriveis perigos, dando-me ao exercicio da acrobacia politica, nesta columna d'*A Cigarra*. Mas, já agora, nasci para isto.

Tambem vocês, amigos japonezes do *Lyrico*, correm perigos incalculaveis, e arriscam-se, a cada passe de pelotica, a quebrar o pescoço. Mas é preciso ganhar a vida, não é assim? vergonha não se come; com vergonha não se paga a casa; com vergonha não se sacia a gula aspera dos creadores. Tenha vergonha quem não tiver mais que fazer... Eu, por mim, prefiro estar bem com S. Pedro e Belsebuth, e...

X

por isso tomei luto.

L. F.



Lembraes-vos ainda de que vos haviam promettido uma bella companhia lyrica para este anno? Ah! meus amigos! não quizestes desamarrar os cordões da bolsa, e ficastes sem a Darclée e sem a Pacini.

Parece que foi realmente por ironia que, em vez da companhia lyrica que desprezastes, dão-vos agora, no *Lyrico*, os espectaculos de uma companhia de pelotiqueiros, contorcionistas, equilibristas, gymnastas, malabaristas, jongleurs, voadores, aereos, funambulos, e não sei mais o que...

Emfim, o que consola a gente é que essa grande companhia Imperial Japoneza é realmente admiravel.

Raras vezes tem vindo ao Rio de Janeiro uma tão bella e tão habil sucia de subditos do Mikado. E que bom meio de passar uma bella noite! A gente encontra alli tanta cousa que se parece com a politica actual!

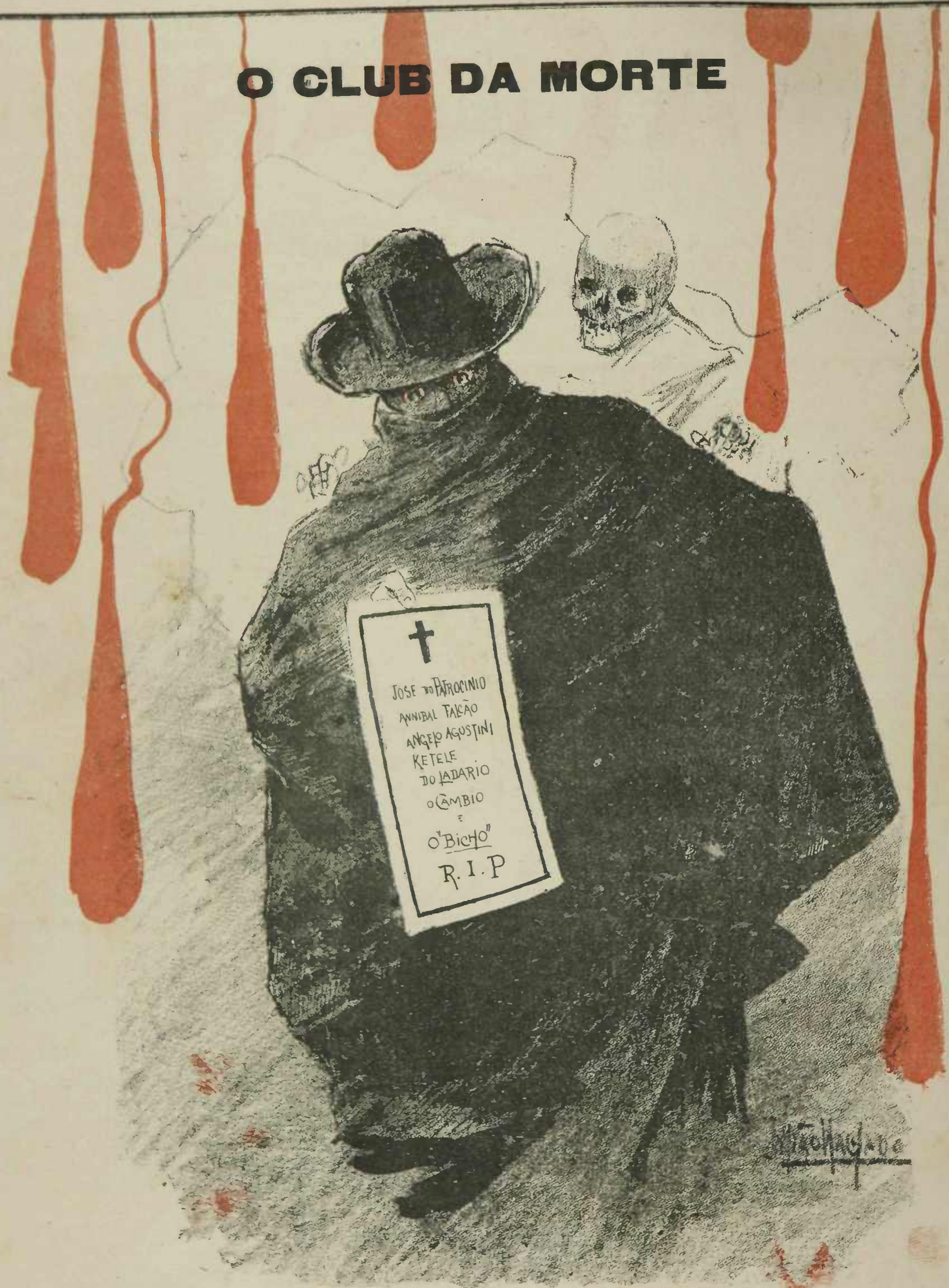
Emfim, não posso alongar-me mais sobre isto. O meu illustre collega L. F., d'*A Politica*, já me communicou que precisa muito d'estes japonezes.

Para que? Não sei. Só Deus póde saber que cousas incompreensiveis ha na cabeça de um d'estes jornalistas politicos!...

Such.



# O CLUB DA MORTE



Consta que varios cidadãos se reuniram em Club Negro, destinado a eliminar pelo punhal, pelo revolver e pelo veneno os inimigos da tranquillidade publica. Os abaixo assignados lembram timidamente a esses cavalheiros que, emquanto estão com a mão na massa, bem podem eliminar tambem alguns dos seus credores, — podendo mesmo os supplicantes fornecer secretamente ao comité uma lista dos mais implacaveis

*Clavof Bica* *Julio Kashed*



Il est hyver, danse ; faineante.  
Appren des bestes, mon ami.  
BAYE.

# A CIGARRA

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

ANNO (52 numeros) . . . . . 48\$000  
OITOMEZES (até ao fim deste anno) 32\$000  
SEMESTRE (26 numeros) . . . . . 25\$000  
NUMERO AVULSO . . . . . 1\$000  
SUPPLEMENTO . . . . . \$500  
NUMEROS ATRAZADOS . . . . . 1\$500  
SUPPLEMENTOS ATRAZADOS . . . . . 1\$000

HEBDOMADARIO illustrado por *Julião Machado*

Redacção de *Olavo Bilac*,

Propriedade de *Manoel Ribeiro*

Escritorio, Rua Ouvidor 115

ANNO I

Rio de Janeiro, Quinta-feira 18 de Julho de 1895

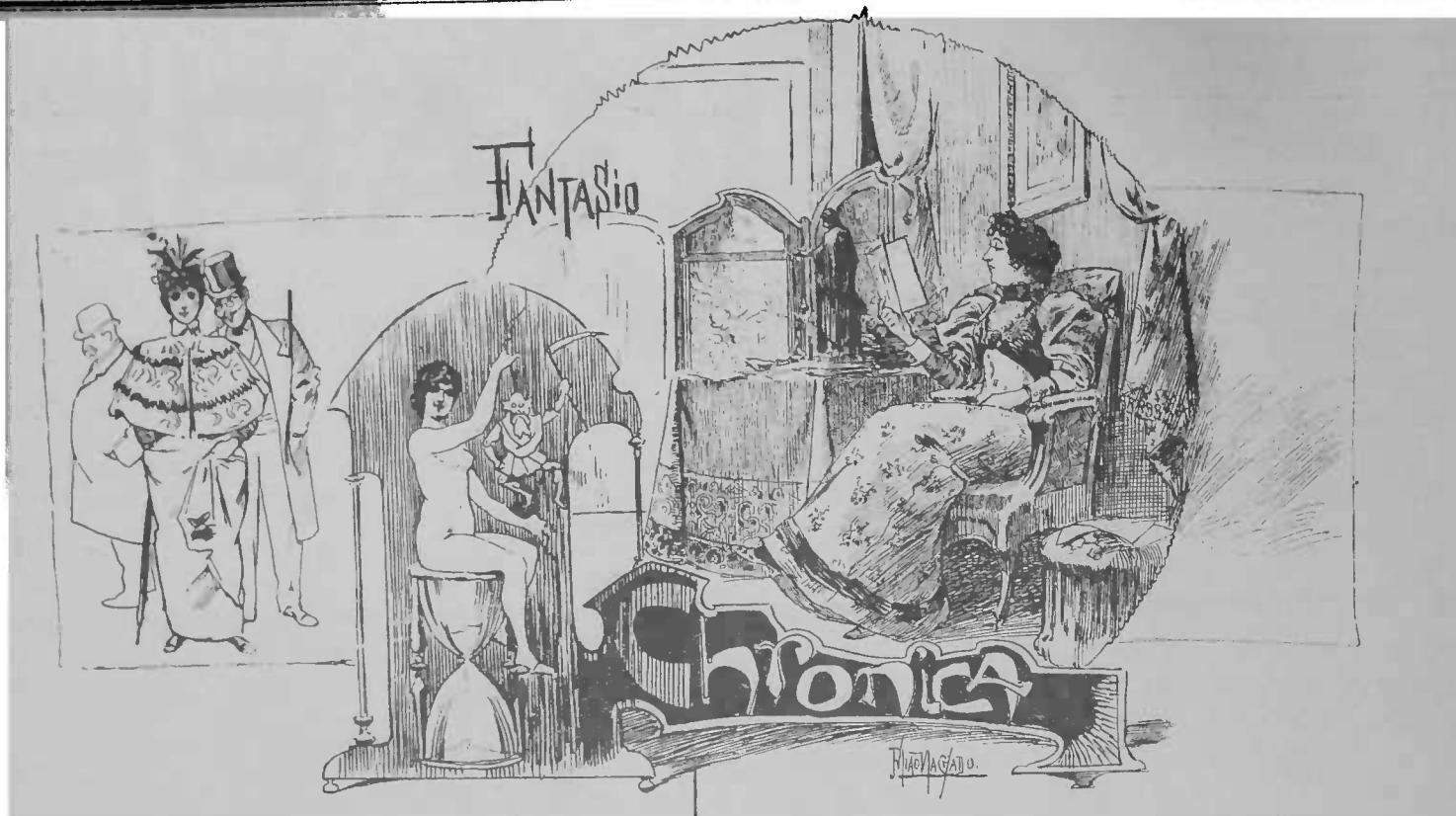
N. 11

FORMIGAS

MAYRINK







**A**S pessoas amáveis (e quantas senhoras entre ellas!) ás pessoas amáveis que teem pedido noticias da minha saúde, — receiosas de que o Club da Morte haja liquidado este chronista — devo agradecer com o coração nas mãos. Não! ainda não morri. Ainda aqui estou, abraçado á minha amada *Cigarra!*

Pobre, fraca, sobresaltada *Cigarra!* quantos sustos, quantas amarguras lhe temos nós todos causado, eu, o Julião, o Manoel, o L. F. e o Puck!

Ainda hontem, estavamos nós, melancolicamente postos derredor da nossa mesa de trabalho, — quando ella, a espartada *Cigarra*, chegou ruflando as suas azas transparentes, recortadas de reticulas de prata e ouro, e, pousando sobre o nosso grande tinteiro de crystal, ficou a olhar-nos tristemente, com os seus pequeninos olhos amorosos.

E, logo, o Julião, mirando-a, teve um gemido:

— Coitadinha! é do frío... Também como pôde esta pobresinha andar cantando, por um rude inverno como este?

O Manoel deu-lhe a beijar a ponta do dedo:

— Que tens tu, filha?

E ella, de azas colhidas ao longo do corpo, olhava-nos, e callava-se. Então, tive uma inspiração:

— Já sei, minha timida! E' a nossa politica que te assusta, não? Calla-te! não me digas que sim nem que não! vejo pelos teus olhos que adivinhei. Calla-te! vou te provar que...

\*\*\*

Mas, A *Cigarra* não me obedeceu e fallou:

— Pois é a politica! é a politica! Que mal fiz eu a vocês, para que me tirassem das altas galhadas verdes, meu berço e meu tumulo, onde eu nascia e morria cantando, nascida do verão e morta com elle? Deram-me vida nova, obrigaram-me a ficar cantando em pleno inverno, salvaram-me da morte... mas arremessaram-me á politica. Porque? porque me deram vocês a immortalidade, se tinham de prostituir a minha voz, obrigando-a a cantar sobre um pantano? Cruéis! a vida de um dia, no cimo ondeante de uma floresta, desfeita e en perfumes como um incensario, vale mais que a vida de um seculo dentro de um atoleiro! »

\*\*\*

Ai! vida minha! quem me dera a ingenuidade das cigarras! Esses pobres bichinhos imaginam ainda que possa alguém, bicho ou homem, viver hoje em dia sem pensar nas desgraças que correm! Como se um viajante, perdido por noite negra de tormenta, sob um céu desmanchado em cachoeiras e trovões, vendo em torno de si os troncos seculares das arvores estalarem aos embates formidaveis dos raios, — pudesse fechar olhos, ouvidos e pensamento a esses furores, para rimar um soneto doce!...

\*\*\*

— Que remedio descobririamos hoje, bastante forte, que nos premunisse a alma contra a infecção da politica? E como não ha de a gente perturbar-se com o que vê e com o que ouve, se não ha mais garantia nenhuma, nem para o Sonho, nem para a Vida?

E's politico? não vás á rua do Ouvidor que te quebram a cabeça! — não és politico? não vás á rua do Ouvidor que te quebram a cabeça! que és tu? podes ser o que quizeres: não vás á rua do Ouvidor, que te quebram a cabeça!

Quem ha que, nesta loucura geral, conserve a intelligencia lucida, a alma alegre e escoimada de paixões?

Pois, quando uma floresta arde, que remedio tem o pequenino arbusto, que viça dentro d'ella, senão arder tambem, senão tambem crepitar, estalar, estorcer-se e morrer?

\*\*\*

Além d'isso, como poderia qualquer um nós, para fugir da politica, aninhar-se no Sonho? O Sonho repelle as almas velhas. A nossa geração já passou a sua idade de ouro, e só difficilmente descobre agora nos labios um sorriso para saudar a natureza, e uma estrophe no coração para cantar as mulheres.

Lembras-te tu, Coelho Netto, — alma de fogo, que, para illuminar as tristezas da vida, te abrias em clarões de imagens e de estylo — dos bons tempos em que não trocarias por todas as riquezas da terra o teu ca-aco surrado e os teus periodos de ouro? Lembras-te tu, Aluizio Azevedo, dos tempos em que atravessavas a vida, de olhos e ouvidos cerrados ao barulho e ao spectaculo do mundo, porque a tua alma, carregada de sonhos, vivia fechada comsigo mesma, concentrada no



grande trabalho da gestação da tua obra? Lembras-te tu, Luiz Murat,— poeta do amor e da tristeza! — dos tempos em que, com os pés na terra e a cabeça nas nuvens, só tinhas olhos para a contemplação do teu ideal que fugia? Lembras-te tu, Guimarães Passos,— bohemio fugido de uma pagina de Mürger — dos tempos em que, com a bocca transbordando de rimas puríssimas e os sapatos cheios de remendos, passavas pela rua do Ouvidor, embrulhado na tua pobreza como n'um manto de rei? Lembras-te tu, doce Parda! Mallet, (se é que lá onde estás ainda te consentem á alma a memoria dos dias felizes do nosso amor de irmãos), lembras-te tu dos tempos em que, como um paladino antigo, Don Quichote amantissimo, sahias a campo, em defesa de todos os humildes, tendo a dourar-te a cabelleira desgrenhada a mesma luz do céo que te inundava o coração? — Onde a nossa fé, onde a nossa alegria d'esses tempos?...

Então, sim! Podiam os thronos desabar, podiam massacrar-se os partidos, que nós, quando nos dignavamos olhar para a terra, só a julgavamos merecedora de uma pilheria.

Com uma phrase, julgamos um seculo.

Com um calembour, resavamos o *De profundis* a um ministerio.

Com um trocadilho irreverente piparoteavamos uma religião.

E eramos os senhores do mundo!

Mas, para os que ainda vivem, os trinta annos chegaram, com as suas responsabilidades, com as suas ambições, com os seus egoismos, com os seus desenganos. E, aí de nós! n'esta terra feracissima, sob este sol tropical, n'esta patria em que as meninas de dez annos já teem filhos, ter trinta annos é ser velho!

Como ha de um velho merecer o agasalho do Sonho?

Que queres tu, *Cigarra*? perdoa-nos a irreverencia com que atolámos na vasa fetida da politica as tuas leves azas de tarlatana fulgida! Exposta ao publico, ficas escrava d'elle. E o publico não ama os insectos que voam: ama os que rastejam. O publico quer politica. Quer que discurses: pouco importa que discurses bem ou mal: o essencial é que discursos, com uns grandes ares de pae da patria apaixonado, atrabiliario, espalhatoso.

Ihe fôres dar paginas artisticas, em que a penna de Julião, embebida no pollen das flores e nas tintas do crepusculo, se entregue a todos os caprichos da sua fantasia ardente,—o publico mandará que vás fazer arte para a Zululandia ou para o diabo que te carregue,— a ti e a todos nós. Sacrifica-te ou morre!

Mas não! não morras! não morras! Mesmo do fundo do atascal das luctas de partido, a tua voz cantará a primavera e a aurora, as soalheiras do verão, a nostalgia do cahir da tarde, a melancolia das mattas humidas e perfumadas... Ficarás pura, filha minha, dentro da tua prostituição; e, como a flor que Rolla esmagava na sua ultima noite, poderás dizer, quando resurgires para a Virgindade:

« J'ai jetté loin de moi, quand je me suis parée,  
Les elements impurs qui souillaient ma fraîcheur! »

Não morras, *Cigarra*! que eu tambem, apezar do *Club da Morte*, ainda estou vivo. Creio mesmo que ainda estão vivos todos os vinte e sete martyres inscriptos no livro negro do Club.

Ah! é que decididamente matar é uma cousa difficil! E' pelo menos muito mais difficil que morrer...

*Fantasio.*



Tanta cousa, tanto assumpto a desafiar-te a penna e a reclamar-te a critica, pobre chronista politico! — Modera-te, resume-te, poupa espaço e palavras, e, antes de tudo, falla da pacificação.

Está feita? Far-se-á? — No dia em que for publicado este numero d'*A Cigarra*, já se de e saber alguma cousa a esse respeito. Por agora, o que sei é que já ha alguns dias não ha lançcos federalistas nem descargas castilhistas nas cochilas do Rio Grande do Sul,— porque o general Galvão (homem que d'aqui a pouco será com certeza apontado como sebastianista inimigo da Republica) e o velho general Tavares teem celebrado conferencias pacificadoras.

E' natural que queiram saber a minha opinião: nada mais justo. Sou partidario da paz? sou partidario da guerra? acredito que a boa vontade do general Galvão consiga alguma cousa? Vamos por partes.

×

Sou partidario da paz, 1º porque não sou fornecedor do exercito; 2º porque não sou soldado e, portanto, não estou ganhando soldo dobrado; 3º porque o sr. Castilhos e outros partidarios da guerra não tomaram 10.000 assignaturas d'*A Cigarra*; 4º porque sou um homem naturalmente e instintivamente pacifico. Já vêem que, quando se trata de justificar uma opinião, não sou de meias medidas: forneço logo um alqueire de razões. Mas, se todas essas razões não bastassem, haveria ainda uma de grande peso: já tenho sido preso muitas vezes por causa da guerra do Rio Grande, e quero vêr se, reinando a paz em Varsovia, quero dizer em Pelotas, posso livremente gozar do céo azul e das mulheres bonitas que Deus me deu.

×

Quanto a acreditar ou não que a paz vá nascer da conferencia dos dois generaes, — a cousa fia mais fino. Tenho medo de adiantar proposições arriscadas. Quem viver, verá. O que posso dizer, com a mão na consciencia, é que ha um meio simples e radical de acabar com esta e outras revoluções do Rio Grande: é acabar com o Rio Grande. Ah! se a nobre terra dos pampas nos fizesse o especial favor de desaparecer!... Que allivio para todos nós!...

×

Vamos a outro assumpto.

A esta hora, o meu amigo e chefe Lopes Trovão deve estar convencido da profunda verdade do proverbio arabe que diz: se a palavra é de prata, o silencio é de ouro.

Nos ominosos tempos da monarchia, quando Pedro Segundo, o Despota, comia patriotas cosinhados em canja, o meu amado chefe José Lopes fallava pelos cotovellos: e para fallar não escolhia logar: — fallava do alto dos chafarizes, do telhado das casas, do cume do Pão de Assucar, do pinnaculo dos frades de pedra. A toda a hora do dia, ou da noite, a gente ouvia de longe um brado feroz, vindo não se sabia de onde: — *sabeis porque, cidadãos?* — era o meu chefe que conflagrava as massas... Oh! que homem para fallar!

×

Que lucrou elle com isso? Nada! nada! absolutamente nada! Logo: se a palavra é de prata, essa prata não tem cotação.

Veio a Republica. O meu chefe ficou tres minutos calado: elegeram-no logo deputado ao Congresso Constituinte. E aqui foi que elle commetteu, ou antes: ia commettendo o maior erro da sua vida. Habitudo a fallar na monarchia, pensou que tambem podia fallar na Republica, e fez tres discursos, aliás brilhantissimos, que correm mundo, reunidos n'um bello folheto, com este titulo alarmante: *Lopes Trovão na Constituinte*. Foi um desastre. E sabeis porque, cidadãos?



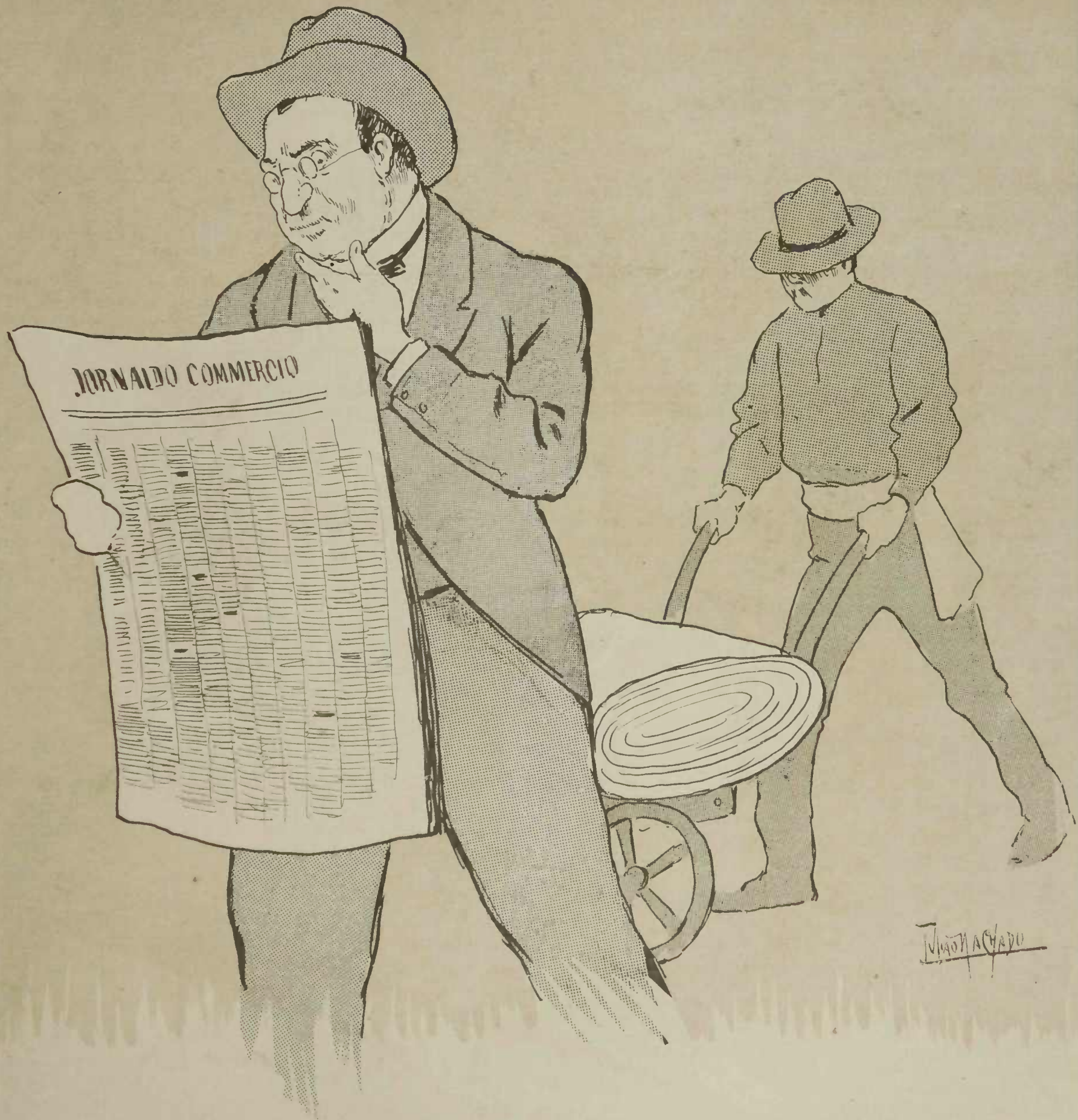
# JONGLERIES DA SEMANA



J. V. MACHADO



## UM COLOSSO



Tantas paginas por 200 réis — é realmente barato, mas para o levar para casa tenho de pagar 3\$000 de carroto. Diabo! Preciso reflectir n'isto.



Porque, desconfiados, os poderes publicos começaram a suspeitar das intenções do meu chefe: os poderes publicos não gostam de quem falla—gostam de quem calla e consente. O meu chefe, felizmente, comprehendeu a tempo que tinha commettido um erro, e recolheu-se a um silencio fecundo. Nunca mais, na Constituinte, se descerraram os seus labios; e um justo premio a tão nobre e patriótica mudez veio logo: o meu chefe foi reeleito deputado, e agora vai ser eleito senador. D'onde: se a palavra é de plaquet, o silencio é de ouro.

Ah! o sr. barão de Ladario pensa que por ser *alarido* o anagramma do seu nome, ha de subverter as instituições republicanas, fallando todos os dias? Está muito enganado! Vamos mandar para o senado o nosso chefe: e veremos quem é capaz de resistir a tão formidável mudez!...

X

Outro assumpto: bandeiras que ficam a meio páu, bandeiras que ficam no tópe, bandeiras que, não ficando nem no tópe nem a meio páu, ficam na gaveta. E' assumpto que não serve, por ser velho e por ser perigoso.

X

Outro assumpto: a polvora. Oh! a polvora! O sr. José Carlos de Carvalho tosou o sr. ministro da marinha a valer, por causa de 200 ou de 700 toneladas de polvora. S. ex. quiz por força saber para que comprou o ministro da marinha essas toneladas do terrível explosivo. Que eu saiba, ninguem deu a s. ex. resposta satisfactoria. E era tão facil!... Para que servio a polvora? Oh! sr. deputado! para os festejos de S. João...

X

Outro assumpto. Se me não falla a memoria, já tive aqui occasião de tratar do sr. Andrade Figueira, quando correu o boato de que esse pilar das instituições derrocadas, ia fundar um jornal monarchista. Agora, devo registrar, não o apparecimento d'esse jornal, mas a candidatura do mesmo respeitavel pilar á senatoria.

Cousa singular! dois candidatos, um genuinamente republicado: o meu chefe Lopes Trovão; outro genuinamente monarchista: o sr. Andrade Figueira. E ambos callados!

Então o sr. Andrade Figueira, esse, de 15 de novembro de 89 para cá, nem de leve abriu o bico. Agora mesmo, não é por elle que sabemos da sua candidatura: é por echos do jornalismo. «S. ex. resolveu acceuer a pedidos instantes de amigos seus, e apresentar-se á candidato.» Nada mais laconico e nada mais familiar. *A pedido de amigos*—como isso é commovente! Mas que amigos? os amigos ursos?

Parece que a politica é soirée intima, em que, ao fim da noite, o poeta X., a pedido de varios amigos, resolve declamar ao piaro, para divertimento das familias presentes, o seu ultimo recitativo.

Ai! lobosinho! lobosinho! bem te conheço a ti, apesar dos pés de lã com que vens!...

X

Ha muitos assumptos ainda, mas eu tenho mais que fazer. Até logo!

L. F.

## A FOLHA DE FIGUEIRA

Bosques afortunados que tão lindos corpos vistes, em plena nudez, como talvez iguaes não visse d'antes o Dodona, atravessado pelos tropeis olympicos das deusas. Aguas felizes que recebestes encantadoras virgens,— uma ainda em botão, impubere, figura onde a graça da mulher mal se esboçava nas linhas da creança, outra em viçosa maturidade, no maravilhoso desenvolvimento dos dezoito annos... aguas e bosques, permitti que eu desvende o segredo, que me sussurrou maliciosamente uma lavandisca trefega.

As roupas ficaram dependuradas dos ramos, como as nevoas que as manhãs, despindo-se, deixam nos cimos altos das montanhas, e ellas tiritando, os braços encruzados, aconchegando o seio, foram pisando a herba humida e fria até alcançarem a agua limpida que os bosques assombream.

E transidas, friorentas, arrepiadas, entraram, mergulhando logo como duas nymphas fluviaes.

As aguas sentiam-se affagadas pelos dois corpos e, como se os quizessem guardar, ao menos em imagem, copiavam-nos na diaphana corrente.

O' velhos azevieiros, que andastes a espiar Suzana, se chegasseis á beira dessas aguas, que seria dos vossos corações senis? D'ahi... talvez nelles revivesse a chamma extincta, á vista dessas formosuras mais do céu que da terra, — que só a elyseos é dada a perfeição completa.

Cabellos louros e cabelos negros, luz e escuridão; e a tréva, emtanto, era mais bella, sobre as espadas alvas, do que essa opulencia da cabelleira ardente, fulva como a chamma de um incendio. Isaura e Dulce.

Dulce, mais moça e ingenua, olhava curiosamente a companheira e comparava o seu corpo, ainda imperfeito, ao corpo esbelto e creador da outra...

Mas Dulce porque encarava tanto o corpo tenro, olhando, depois, o corpo nú de Isaura? O' candida innocencia!

— Isaura, ouve...

E que segredo falla a pequenina dona dos cabellos de ouro? Deve ser gracioso o que ella diz, porque Isaura sorri, baixando os olhos.

— Oh! Dulce, pois tu, que tanto leste os livros santos, já te não lembras do que os livros contam? que foi que fez nossa mãe Eva, quando, depois da desobediência, ouviu a voz do Eterno nas alturas? Escondeu-se, pudica; e que mais...?

— E cobriu-se com folhas de figueira.

— Pois ahí tens... o que tu vês é uma folha de figueira.

Dulce, abriu muito os olhos, espantada:

— E tu já peccaste, Isaura?

— Não, mas a Natureza agora é previdente... Desde que a gente chega á idade da gulodice, apparece a folha de figueira, com que nos havemos de cobrir aos olhos do...

Senhor.

E desata a rir ao ver o espanto da pequena Dulce.

— Mas, vamos, que estou regelada...

E tremulas sahiram d'agua, gottejantes.

Caliban.

## Theatros.

Parabens, homens avarentos! Não quizestes cobrir a assinatura da companhia Freitas Brito, mas, ainda assim, ides ter opera lyrica este anno. E opera lyrica com gargantas de ouro, entre as quaes a do Gabrieleesco, vosso conhecido antigo, tão habituado já aos vossos applausos...



Por fallar em gargantas... Já que é preciso dizer alguma cousa de novo n'esta secção theatral, vou fallar-vos de um prodigio, que ainda esta semana estreiará no *Lyrico*. Esse prodigio chama-se Leopoldo Frégoli.

Imaginae uma companhia lyrica dramatica (estreiará no dia 20), com o seguinte elenco: Prima Dona, Leopoldo Frégoli; contralto, Leopoldo Frégoli; cômprimaria, Leopoldo Frégoli; tenor-dramatico, Leopoldo Frégoli; tenor-comico, Leopoldo Frégoli; barytono, Leopoldo Frégoli; baixo, Leopoldo Frégoli; director de scena, Leopoldo Frégoli.

Espantae-vos? Tendes razão!

Mas o vosso espanto cessará, desde que saibaes que este Leopoldo Frégoli, cantor phenomenal, tem todas as vozes, mas todas (entendeis bem?) todas! todas! todas! — e faz todos os papeis, e interpreta todos os personagens, e tem um repertorio... que nunca mais se acaba!

Emfim, ide ouvil-o, e acreditareis.

Buch.





## VERSOS do Bom Tempo

Quando não vens, formosa desumana,  
 E, saudosos de ti, sem ti me deito,  
 Fica tão espaçoso o nosso leito,  
 Que me parece o campo de Sant'Anna!

Quando não vens, o' palida tiranna,  
 Torna-se lugubre o quartinho estreito...  
 Com muitas flores, flor, debalde oufeito:  
 Faltá-me a flor das flores soberana...

Se vens, e' natural que isso me apraza;  
 Mas, se não vens, tanta amargura, tanta  
 As proprias coisas sentem n'esta casa!...

E' o relógio, porém, que mais me espanta,  
 Pois, se não vens, o misero se atraza,  
 E, se vens, o ditoso se adianta!

18...?

Arthur Aguiar



# PIETÀ!..

A oitava pagina do nosso ultimo numero valeu-nos uma infinidade de cartas anonymas. Em todas ellas somos ameaçados, dizem-nos que nos quebrarão a cara, que nos partirão o braço direito, que nos comerão o figado... E' horrivel isso, senhores anonymos! Que a morte venha! tirem-nos d'este estado de duvida, porque não temos a menor quéda para Hamlet! — A duvida é milhões de vezes peor que a morte... pela ablação do figado!



Ah! as noites mal dormidas!



O receio de encontrar a morte no fundo de um refresco...



Em cada mulher que nos sorri vemos uma Dallila (modestia áparte)



Os japonezes não nos divertem...



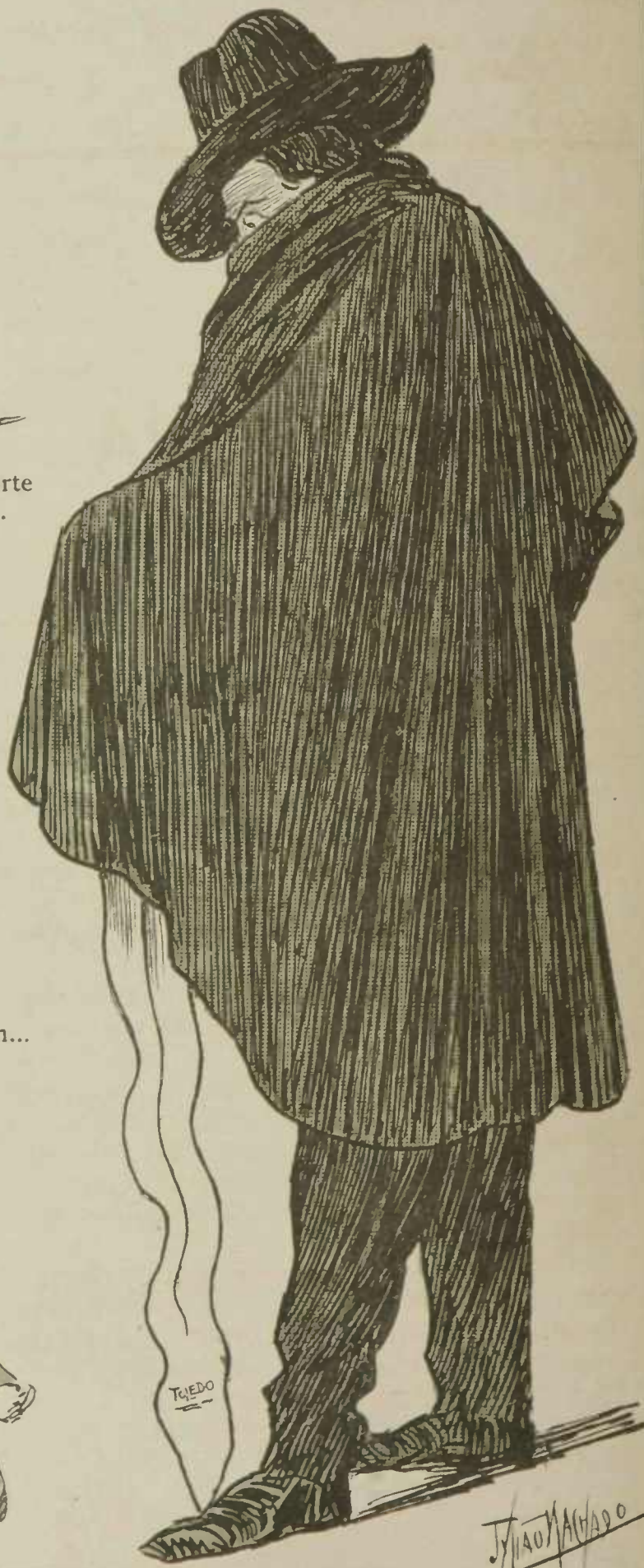
O Tim-tim massa-nos...



A vida é uma tortura! uma tortura!...



Reduzam-nos a iscas e deixem-nos em paz, senhores anonymos!



TEJEDO

J. MAUVALADO





# A CIGARRA

## CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

ANNO (52 numeros).	48000
OITOMEZES (até ao fim deste anno)	32000
SEMESTRE (26 numeros)	25000
NÚMERO AVULSO.	1000
SUPPLEMENTO.	500
NUMEROS ATRAZADOS	10500
SUPPLEMENTOS ATRAZADOS	10000

Escriptorio, Rua Ouvidor 115

HEBDOMADARIO illustrado per *Julião Machado*

Redacção de *Olavo Bilac*,

Propriedade de *Manoel Ribeiro*

ANNO I

Rio de Janeiro, Quinta-feira, 25 de Julho de 1895

N. 12

## A CIGARRA

*A Cigarra* agradece ao amavel collega *Don Quichotte* estas amaveis linhas :

« Esplendido! o n. 10 d'*A Cigarra*. A figura allegorica « O Club da Morte » com aquellas lagrimas de sangue a escorrer é estupenda de ironia humoristica. Esta pagina é assignada pelo *Olavo Bilac* e *Julião Machado*, dois verdadeiros artistas. A arma do primeiro é a penna e os seus bellos escriptos parecem desenhos. A do segundo é a penna ou o lapis e os seus desenhos parecem verdadeiros artigos litterarios. Não é preciso dizer quem os fez ; mas se não é o diabo, com certeza, foi o espirito e o humorismo que os ajuntou.

Muito desejamos que o publico auxilie, como merece, esse jornal, o unico entre nós verdadeiramente primo-irmão dos melhores que se publicam em Paris. Digo Paris, porque o espirito d'*A Cigarra* é o verdadeiro espirito Gaullez que o *Julião* trouxe consigo, mas que, forçoso é confessal-o, encontrou, ja aqui incarnado no seu companheiro, redactor *Olavo Bilac*.

Desejamos que as assignaturas chovam, como saraiva até obrigar *A Cigarra* a abrir um guarda-chuva, mas... virado em sentido contrario. E é justo que o nssso amigo *Ribeiro* encontre compensação aos seus desejos de publicar nesta Capital tão bom jornal.»

Oh ! collega !...







*Il faut qu'une porte soit ouverte ou fermée.* Isto, antigamente, era uma grande verdade. Hoje é uma tolice.

Quantas afirmações, como essa, pompeiam, firmemente plantadas no campo das conquistas humanas, durante todo um seculo, e, abaladas e derruidas no seculo seguinte, lá se vão perdidas, sem remedio...

Hoje, para os amáveis gatunos do Rio de Janeiro, que têm n'estes annos a sua idade de ouro, — não ha portas fechadas nem abertas.

Hoje, o gatuno é um ente imponderável, immaterial, como os *gnomos* da lenda: cavalgando uma gazúia tambem immaterial, (que, entre parenthesis, é apenas um symbolo, porque elles, não carecendo de abrir as portas, não precisam de gazúia) os gatunos introduzem-se pelos buracos das fechaduras, sem ruido, e fazem o que querem, dentro dos domicilios.

O cidadão, quando acorda e reconhece que está roubado, não deixa de se indignar contra o roubo, mas tambem não deixa de admirar a pericia e a limpeza com que o cobiçador da propriedade alheia realizou o seu plano.

\*\*\*

Valha-nos isso! Já é uma consolação o saber a gente que deve a sua desgraça a inimigos intelligentes.

O meu amigo e tio Orozimbo dizia-me um dia que preferia dez ladrões a um burro. E contou-me isto:

Uma noite entrou-me no jardim um salteador. Levou-me algumas plantas de valor, mas nem me sujou as alamedas nem me arreventou os canteiros. Pois, na noite seguinte, como, por descuido, ficasse aberto o portão, um burro, que andava solto pelas ruas, achou de bom gosto fazer uma visita ao meu jardim: estraçalhou canteiros, esmigalhou plantas, estourou a couces os bancos de ferro, e deu-me um prejuizo extraordinario.

\*\*\*

Pois bem! os gatunos de hoje podem ser insaciáveis, ousados, gananciosos, mas burros e grosseiros é que não são. Pelo contrario, têm uma delicadeza tocante; nem acordam a gente! E é preciso confessar que isso é altamente commodo: antes perder a fortuna que perder uma noite de somno.

Quanto a mim, toda essa reforma radical por que passou a nobre corporação dos ladrões, — outr'ora tão barulhentos e insolentes, hoje tão amáveis e respeitadores do somno alheio, — é devida á policia...

\*\*\*

« A' policia? »

A' policia, sim, á policia!

Já sei que este povo ama descompôr e desprestigiar as auctoridades attribuindo-lhes todas as desgraças, pondo-lhes ás costas todo o peso e toda a responsabilidade das calamidades publicas. O defeito é da raça, de toda a raça latina. N'esta palavrosa e tumultuosa raça latina, o amor da disciplina e do respeito á lei morreu ha muito: a característica da raça é a indisciplina. E essa característica accentuou-se consideravelmente em nós, latinos da America. A primeira exclamação que bróta dos labios de um cidadão, diante de qualquer intervenção de auctoridade, é esta: *não póde!*

Verdade é que a auctoridade vae podendo e vae fazendo o que quer. Mas o povo vae gritando que a auctoridade não póde, não póde, não póde...

Isto faz lembrar a lenda cabocla, do Compadre Sapo. Conhecem? Pois, se não conhecem, perdõem-me mais esta digressão, e leiam:

\*\*\*

Compadre Sapo estava tomando fresco no meio da estrada, quando um boi possante veio a passar por elle. E o boi, com uma delicadeza pouco frequente em bois, disse:

— Compadre Sapo! saia d'ahi, por favor, que não desejo pisal-o...

Compadre Sapo, néo-latino como era, recalcitrou:

— Não póde! não póde passar, que não deixo!

— Compadre Sapo! não me zangue, pelo amor de Deus...

E, aqui, o sapo disparou contra o boi uma tão tremenda descompostura, que nem mesmo a paciencia do boi *Apis* a supportaria com calma.

E o boi, pondo a pata sobre o Compadre Sapo, começou a a esmagal-o. Mas Compadre Sapo, suffocado, gemia sempre: não póde! não póde! não póde!

Então, um caboclo, que passava, perguntou:

— Que é isso, Compadre Sapo?



E Compadre Sapo, já quasi morto, ainda coaxou:  
— Deixe me, compadre caboclo! deixe-me, que eu estou aqui sustentando uma opinião!  
E morreu...

\*\*\*

Voltemos ao assumpto. E' á policia que devemos o providencial aperfeiçoamento e a providencial civilização da corporação dos gatunos. Porque, com a sua vigilancia, conseguiu ella amedrontal-os, obrigando-os a se transformarem em *gnomos* impalpaveis, em *sylyphos* invisiveis, em *djins* incorporeos. Que queria mais a indisciplina da raça latina?

Queria que a policia exterminasse de facto, *physica* e moralmente, os ladrões? Mas, se não houvesse mais ladrões, não haveria mais policia, desgraçados! E os estrangeiros diriam de nós com desprezo:

— Ah! aquelle Brazil é um paiz tão réles, que nem possue policia...

\*\*\*

Ainda agora mesmo, fiquei sabendo, pela leitura de um jornal, que, só com a *policia secreta* do Rio, gastou o governo, durante o mez passado, sessenta e seis contos seiscentos e sessenta e seis mil seiscentos e sessenta e seis réis... Ora, essa policia secreta é a que amedronta os ladrões, porque a outra, fardada, armada, cheia de galões de ouro, dá muito na vista e não faz nada.

Pois bem: imaginando que, por mez, cada agente secreto ganhe, termo médio, 150\$000, chegamos á conclusão de que temos na policia secreta quatrocentos e quarenta e quatro agentes e mais algumas parcelas, quero dizer: mais um quarto de agente ou mais meio agente, talvez.

Comprehendeis? Não achaes maravilhoso que com tão pequeno pessoal possa a policia obrigar os ladrões a respeitarem o somno do cidadão, roubando-o sem barulho?

\*\*\*

Por mim, confesso que acho isso prodigioso. Porque repito: antes perder uma fortuna que perder o somno.

Fantasio.

## IDYLLIO RUSTICO

Sol de Dezembro a pino, no cálido ceu azul, translucido. A terra escaldava como a chapa de um forno, exhalando um cheiro de hervas aquecidas, e no ar, tremulamente, fluía a evaporação estival do sólo resequido. A agua escassa, que escorria pelo lombo escuro das rochas cobertas de samambaias, era como o suor das pedras.

O silencio era absoluto na paisagem vasta, maravilhosamente illuminada; as arvores, immoveis, pareciam de bronze, e os bois, hypnotisados pela grande luz meridiana, modoravam tranquillos, uns á beira d'agua, entre as hervas frescas, outros em pleno campo, á luz viva.

Nem pio d'ave, nem bulicio de ramas: ouvia-se apenas, muito brando e continuado, o lacrymejo de um correjo que os agriões verdoengos escondiam.

N'um rancho, á margem da estrada branca, uma rapariga repousava preguiçosamente, e, no abandono em que se

deitára, a perna, roliça e branca, nua como a de uma *nympha* campestre, fugia seductoramente dos pannos grossos da tri-cana, deixando ver o joelho, onde havia como uma grande petala de rosa; e ella ia adormecendo, amollecida, quebrantada pela rispida canicula, quando um colono esbaforido, enxada ao hombro, o cabello empastado na fronte, appareceu praguejando contra o sol e contra a terra. Ao dar com os olhos na mulher, parou á entrada, tímido; mas, como ella levantasse a cabeça, reconheceu-a e avançou:

— Eh! Carlota!

— Eh! Manoel!

— Estás regalando o corpo á sombra?!

— Descansando um pouco. Está de rachar...

E os dois, atirando os olhos pelo céu sem nuvens:

— Que calor! — disseram.

A rapariga tinha uma cuia d'agua fresca, e ofereceu-a ao rapaz, um lindo rapaz, com effeito: lindo, forte e gracioso — olhos negros, cabellos negros, moreno. E ella, então? uma carinha de seduzir, e o que era o corpo estava a dizer a perna nua, que ia encolhendo pudicamente para que a não visse o moço. Eram da mesma aldeia, haviam chegado juntos áquellas terras e bem que buscavam trabalhar sempre no mesmo campo, para, de quando em quando, trocarem um olhar apaixonado. Manoel estirou-se no chão, resfolegando: « Que mal se podia pôr os pés nos caminhos, as pedras queimavam que nem brazas » E suspirou:

— Ah! quem me dera estar lá... Agora é o frio, hein?

O collo de Carlota ondulou com ancia e seus lindos olhos ennevoaram-se.

— E o tempo que vai tão vagaroso, hein? Quando chegará o dia de sermos um do outro...?

— Eu sei, Manoel!

— E tens cumprido a promessa?

— Como t'a jurei. Mal tiro do ganho um pouco para vestir-me. E tu?

— Tenho já o mealheiro atarracado. E, se ainda gasto alguma coisinha é porque não ha remedio...

— E em que é que gastas, Manoel?

— Ora! Em que é que gasto... p'ra que queres saber? Pôz-se a coçar a cabeça, de olhos baixos.

— Mas que tem? dize lá: em que é que gastas?

— Ora, gasto p'r'ahi a tóa. E' dinheirinho que bem podia ficar em casa e que vai p'ra outros mealheiros.

— Que outros? — e os olhos de Carlota fuzilaram. A apostar em como vens falar da saloia?

— A culpa é tua. Bem que esse dinheirinho podia nos ficar em casa. Assim como assim, tu vaes ser minha mulher...

— E porque é que lh'o dás, Manoel? Porque é que lh'o dás? Tens mais confiança na saloia do que em mim?

— Não é confiança... mas tu comprehendes que com um sol destes... a gente tem sangue, Carlota... A saloia é quem guarda o dinheiro de todos os rapazes e até dos velhos. E faz a sua maquia, faz...

E o Manoel raspava a terra sem levantar os olhos. Carlota, que o fitava, por fim disse:

— Olha, Manoel, mealheiro por mealheiro tambem eu tenho, sabes? Não quero mais que dês o teu dinheiro á saloia.

— Queres tu guardal-o?

— Pois de certo, por economia. Não vamos ser marido e mulher?

— Até juramos...

E entreolharam-se.



SIR JOHN BULL



AGUAS LIGEIRAMENTE TURVAS

Aoh! Eu tambem hade ter uma poema que começará assim:

"As armas, ó varões desprevenidos!"



RA DOIS !...



J'y suis, j'y reste! 'm'en fiche!



Espíritos silvanos, porque fazeis tamanho escandalo? E tu, capripede Pan, patrono da terra geradora, deus propicio, deus das searas maduras e dos olivaeas em fructo, tu que presides o renovamento eterno da natureza, que officias nas nupcias das cousas, que alegria é essa que te faz saltar sobre o teu pé bifurcado, saracoteando macabramente sobre as pernas lanigeras de hircipes fecundo? Que tens tu, maravilhoso Pan? Que vês no rancho, que assim te põe a alma jucunda, arreganhando as tuas feições de capro, n'um rictus hilare? Genios fluidos que andaes nas brisas, que cantaes na aragem,— que tendes, vós tambem? E tu, sol, astro pudico, porque foges do rancho cedendo o teu logar á sombra? Que ha? Que ha, faunos lascivos, para que assim babeis libidinosaemente? São suspiros... e já não permittis que as almas desabafem? Espíritos maliciosos... se alguma cousa houve, a culpa é vossa.

.....  
Piavam rolas entre os milhos, e alguém vinha cantando docemente trovas alemtejanas.

— Olha a saloia! olha a saloia! Nunca mais, juras, Manoel?

— Pelo Senhor, Carlota. Agora o meu cofre és tu. E dize: juras que d'outro não recibes nada?

— Como receber se levas comtigo a chave...

— Isso não, quero que jures, porque esses cofres abrem-se com qualquer chave...

— Pois juro... Mas vai, olha a saloia.,

E Manoel, tomando a enxada, sahiu a cantar triumphante, perdendo-se entre os milhos altos.

(Do Fructo Prohibido).

Anselmo Ribas.

## MYSTERIOSA

Como aereã visãõ leve e formosa,  
Que só aos sonhos dos amantes desce,  
Assim entre os meus olhos apparece  
A sua imagem doce e luminosa.

Tão pouco nos fallamos, que parece,  
Quando lhe vejo a fôrma vaporosa,  
Que a vejo morta, e que ella vem, chorosa,  
Pedir-me ainda a derradeira prece.

Olho-a cheia de magua e de carinho,  
Beijo-a, e o meu beijo perde-se na altura,  
Como um canóro passaro sem ninho...

E aos poucos vejo-a, muda, entre outras bellas,  
Subindo ao céo com as azas da candura,  
Coroadã de um circulo de estrellas...

Swimaraens Bassos.

## STAMBOULOFF

Ainda não cessou o pavor espalhado em todo o mundo pelos fios telegraphicos da Havas, communicando o barbaro assassinato de que foi victima Stambouloff, o ex-primeiro ministro da Bulgaria.

Stambouloff morreu no meio de agonias terriveis. Os assassinos deceparam-lhe os dois pulsos, vasaram-lhe um olho, fracturaram-lhe o craneo, e deram-lhe, em varias partes do corpo, vinte e duas punhaladas. Os ultimos telegrammas dizem que a policia de Sofia attribue o crime, não a adversarios politicos, mas a inimigos pessoas do ex-presidente do conselho bulgaro. Mas é preciso ter esquecido o que foi a politica tyrannica e sanguinaria de que era chefe Stambouloff, para acreditar n'essa versão.

Oh! o odio politico! Varios adversarios de Stambouloff, que lhe cahiram nas mãos, no tempo em que elle tinha o supremo poder, foram submettidos a supplicios atrozes. Os jornaes contaram longamente o martyrio de um moço,— tinha vinte e poucos annos! — que, feito prisioneiro, foi amarrado e exposto, durante semanas, ao padecimento da fome, e aos ultrages dos adversarios, que vinham rir da sua agonia. Agora, é o proprio Stambouloff que cae, barbaramente mutilado...

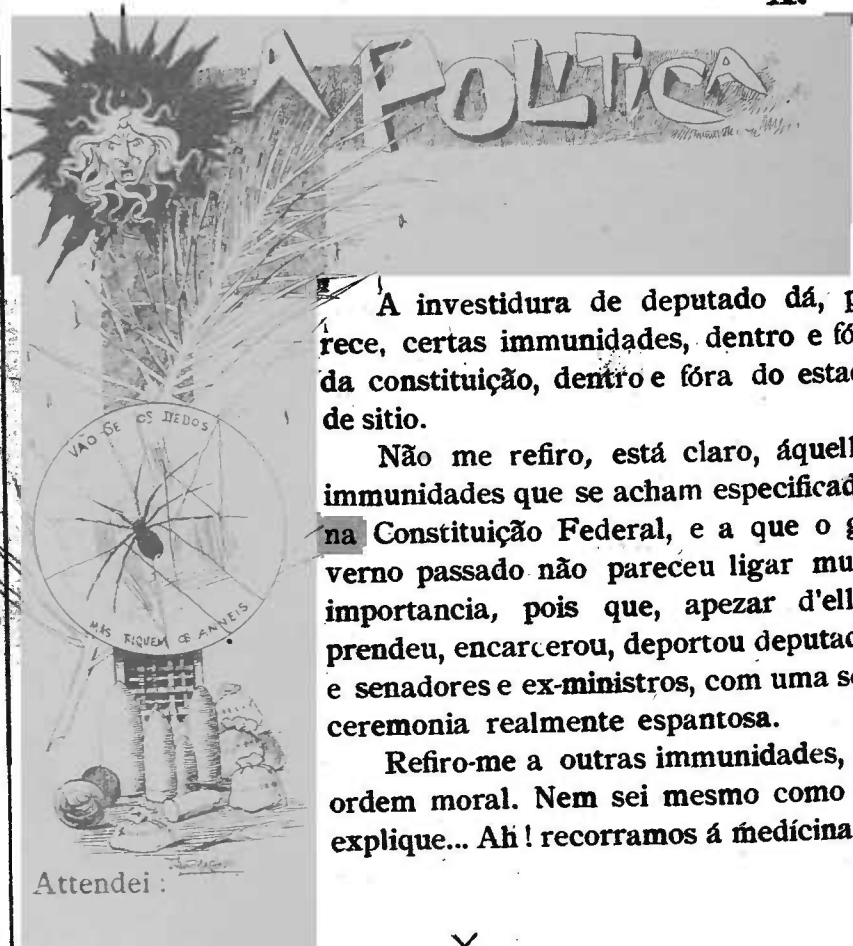
Oh! o odio politico! peor que o odio de familia... peor que o odio de raça...

Muita gente, achando que a Bulgaria fica muito longe do Brazil, encolherá os hombros diante d'este trecho de chronica, e dirá:— Que diabo temos nós com Stambouloff?...

Ah! meus amigos! o Brazil não fica assim tão longe da Bulgaria! e já se foi o tempo em que nós, brazileiros, podiamos, com a consciencia calma e o coração sem remorsos, duvidar de que, entre homens civilizados, essas atrocidades se pudessem commetter....

Oh! o odio politico!...

X.



A investidura de deputado dá, parece, certas immunidades, dentro e fóra da constituição, dentro e fóra do estado de sitio.

Não me refiro, está claro, áquellas immunidades que se acham especificadas na Constituição Federal, e a que o governo passado não pareceu ligar muita importancia, pois que, apesar d'ellas, prendeu, encarcerou, deportou deputados e senadores e ex-ministros, com uma sem cerimonia realmente espantosa.

Refiro-me a outras immunidades, de ordem moral. Nem sei mesmo como me explique... Ah! recorramos á medicina!—

X

Depois de Jenner, a pratica das vaccinações veio de progresso em progresso e de descoberta em descoberta, revolucionando a arte de curar. Jenner descobriu a vaccina contra a variola; Pasteur, a vaccina contra a raiva; Freire, a vaccina contra a febre amarella; Roux, a vaccina contra o croup; Kock, a vaccina contra a tuberculose, e, agora mesmo na Alemanha, Ramson acaba de descobrir a vaccina contra o cholera-morbus.



Sabe-se bem que, injectado um certo serum no sangue de um certo individuo, esse individuo fica *immune*, isto é, não póde ser atacado por certo agente morbigeno.

Pois bem! A investidura de deputado é uma vaccina. O diploma é um serum. O deputado, uma vez vaccinado, isto é: uma vez eleito, gósa de uma immuidade completa contra... o insulto. Comprehenderam?

X

Explicuemo-nos. Ainda na semana passada, dois deputados trocaram entre as suas respeitabilissimas pessoas, em plena sessão da camara, diante das bancadas attonitas e das galerias embasbacadas, as seguintes palavras amaveis, que vêm textualmente impressas no *Diario do Congresso* de 18 de junho:

« O deputado A.—Isso é uma conversa particular.

O deputado B.—Não admitto conversas particulares com V. Ex.; lá fóra estarei sempre prompto para ellas.»

E depois:

« O Sr. A.—Nunca pretendeu tal!

O Sr. B.—V. Ex. nega até as verdades mais claras; não lhe resta mais sequer a percepção do decoro!»

E ainda:

« O Sr. B.—... Entre mim e o deputado A (e vem o nome *por extenso*) existe um abysmo; somos verdadeiros antipodas, porque S. Ex. só está acostumado a manejar as armas da traição, da falsidade, da perfidia e da deslealdade.»

Ora, cá fóra, na vulgaridade da nossa vida de homens não-deputados, quando as cousas assim se passam,— não tardam a ferver formidaveis bofetadas, cachações freneticos, pontapés, e mesmo facadas. Pois lá dentro não ha nada disso. Porque?

Porque o diploma é um *serum*, que, injectado no sangue de um deputado, o torna insensível á injuria. Ahi está.

Dir-me-ão que a insensibilidade assim adquirida não é tão grande,— porque muitos deputados, por occasião d'essas decomposturas parlamentares, chegam a levantar-se das respectivas bancadas, muitos dispostos a se engalfinharem...

Mas não se engalfinham, meus senhores, não se engalfinham! E' cousa que nunca se viu.

X

Quem teria sido o Roux, quem teria sido o Jenner, quem teria sido o Pasteur,— quem teria sido o descobridor d'essa nova vaccina?

L. F.

Theatro Apollo  
 Amanhã 26  
 Festa do JOSÉ RICARDO  
 Os Sinos de CORNEVILLE  
 THEATRO LYRICO FREGOLI  
 TODAS AS NOITES

## THEATROS

Tivemos na sexta-feira passada a inauguração de um novo theatro, o *Nacional*, ex-*Phenix Dramatica*, na rua da Ajuda, velho campo de triumphos da empresa Heller.

Quando, abrindo os jornaes, vi o pomposo titulo do *Theatro* impresso acima do cartaz, tive um sobresalto. E exclamei: —Pois já? pois já está organizado, fundado, inaugurado o nosso futuro *Theatro Nacional*, de que é director o provector Martins? Bravo!— E comecei a ler o annuncio:

Justos céos! que assombro! o director do *Theatro Nacional* não se chama *Martins*: chama-se *Ludgero Vianna*.

Continuei a leitura. Representava-se uma peça portugueza: *A filha do sr. Chrispim*. O autor da peça é o supradito sr. Ludgero. Dos personagens que n'ella figuram, um é seralheiro de Porcalhota (cercanias de Lisboa); outro é um proprietario do Pico dos Regalados; outro é regedor da supracitada Porcalhota; outro é abbade de Ninães, aldeia do Minho; outro é... E eu embasbacado: « Santo Deus! que é que tem o *Theatro Nacional* com a Porcalhota?!...»

⊗

E ainda estou hoje no mesmo embasbacamento. Porque tiraram ao theatro o seu antigo e famoso nome de *Phenix Dramatica*? Porque lhe deram este falso e tolo nome de *Theatro Nacional*?

Não é nacional o director; não é nacional o ensaiador; não é nacional o regente da orchestra; não é nacional o scenographo; não é nacional a peça da estréa; não são nacionaes os actores; não são nacionaes as actrizes: só o titulo é que ha de ser nacional... Pilulas!

⊗

Já sei o que vão rosnar por ahi: « olá! temos agora o Puck jacobino e nativista... »

Não ha tal. Não me revolto contra o facto de ser a empresa estrangeira, servida por artistas estrangeiros, e destinada a montar peças estrangeiras. Acho mesmo isso natural, porque acho que a gente, quando não tem prata de casa, deve contentar-se com a que os visinhos de boa vontade lhe dão: quem é pobre não tem luxo.

Mas revolto-me contra a imbecilidade do nome do theatro. Porque *Nacional*? para que *Nacional*? Isto é um destampatorio!—Depois, quem organisou aquillo sabe bem, ou deve bem saber, que andam por ahi, em busca de realização, duas idéas de *Theatro Nacional*. Uma d'essas idéas já está mesmo muito adiantada, tendo já rendido um emprego ao actor Martins, o genial interprete do *Nhô Quim* e de outras peças egualmente geniaes. Porque então, com que fim se deu ao antigo theatro *Phenix*, o nome de *Nacional*?

Quem tiver tempo que os entenda! Que eu, por mim vou tratar de outro assumpto...

⊗

Foram-se os japonezes. Em compensação, temos na terra o assombroso Frégoli, o phenomenal Frégoli, que tem todas as vozes d'este mundo e dos outros. Ahi está: já que não tivemos companhia lyrica este anno, teremos ao menos este *Frégoli*, que é toda uma companhia lyrica.

⊗

Novelli volta! Novelli ahi vem! Vamos ainda applaudir Novelli!—Esta é a grande noticia da semana, e é com ella que quero fechar a minha chronica theatral d'este numero. Que melhor noticia poderia eu dar aos leitores da *Cigarra*? Novelli, de volta de S. Paulo, vae despedir-se de nós, dandonos ainda algumas noites de arte, de arte verdadeira e pura, no *Sant' Anna*, que para isso vae passar por algumas reformas.

Ah! meu Novelli! meu Novelli! bem precisados que estamos do consolo e da ventura de te ver e de te applaudir! Quanta borrhadeira está ahi a arrastar-se pelos repugnantes palcos do Rio de Janeiro! E' a *Filha do Chrispim*, é o *Porto*, é o *Homem da Bomba*, é o *Aquidaban*, é o diabo que os leve! A imbecilidade triumpho, cresce, avoluma-se, sufoca-nos como uma maré victoriosa. E, ó desgraça! o publico applaude! o publico admira! o publico enthusiasma-se! o publico delira! o publico ri! o publico nunca se divertiu tanto!

Bom proveito lhe faça!

Buck.



# Theatro APOLLO.

A NOITE DO CYRIACO.



AUGUSTA CORDEIRO  
(SANO O ERRO)

CYRIACO de

Jose Ricardo

OMESURAS

o Sr. CAPITO

BRAVO!  
BRAVISSIMO!

# SOLAR DOS BARRIGAS

J. M. N. Machado

CYRIACO CARDOSO, uma cigarra a valer, fez a sua festa com o Solar dos Barrigas. Que os Srs. Jacobinos nos consintam um conselho — ah! timidamente dado — Vão ver o Solar dos Barrigas — vão ouvir a musica graciosa e leve do CYRIACO o humorismo tão espontaneo e tão sincero do JOSE RICARDO (um dos poucos actores comicos portuguezes) a graça suggestiva da AUGUSTA CORDEIRO, vão ver enfim como todos aquelles rapazes que se movem ao gesto do seu querido maestro conseguem fazer estourar as gargalhadas n'uma sala cheia. á cunha e digam a sahida se a politica vale a pena de ser tomada a serio.





# A CIGARRA

## CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

ANNO (52 numeros) . . . . .	48000
OTTO MESES (até ao fim deste anno) . . . . .	32000
SEMESTRE (26 numeros) . . . . .	25000
NUMERO AVULSO . . . . .	1000
SUPPLEMENTO . . . . .	500
NUMEROS ATRAZADOS . . . . .	10500
SUPPLEMENTOS ATRAZADOS . . . . .	10000

Escrepção, Rua Ouvidor 115

HEBDOMADARIO illustrado por *Julião Machado*

Redacção de *Olavo Bilac*,

Propriedade de *Manoel Ribeiro*

ANNO I

Rio de Janeiro, Quinta-feira 1 de Agosto de 1895

N.13

MANOEL VICTORINO

FORMIGAS

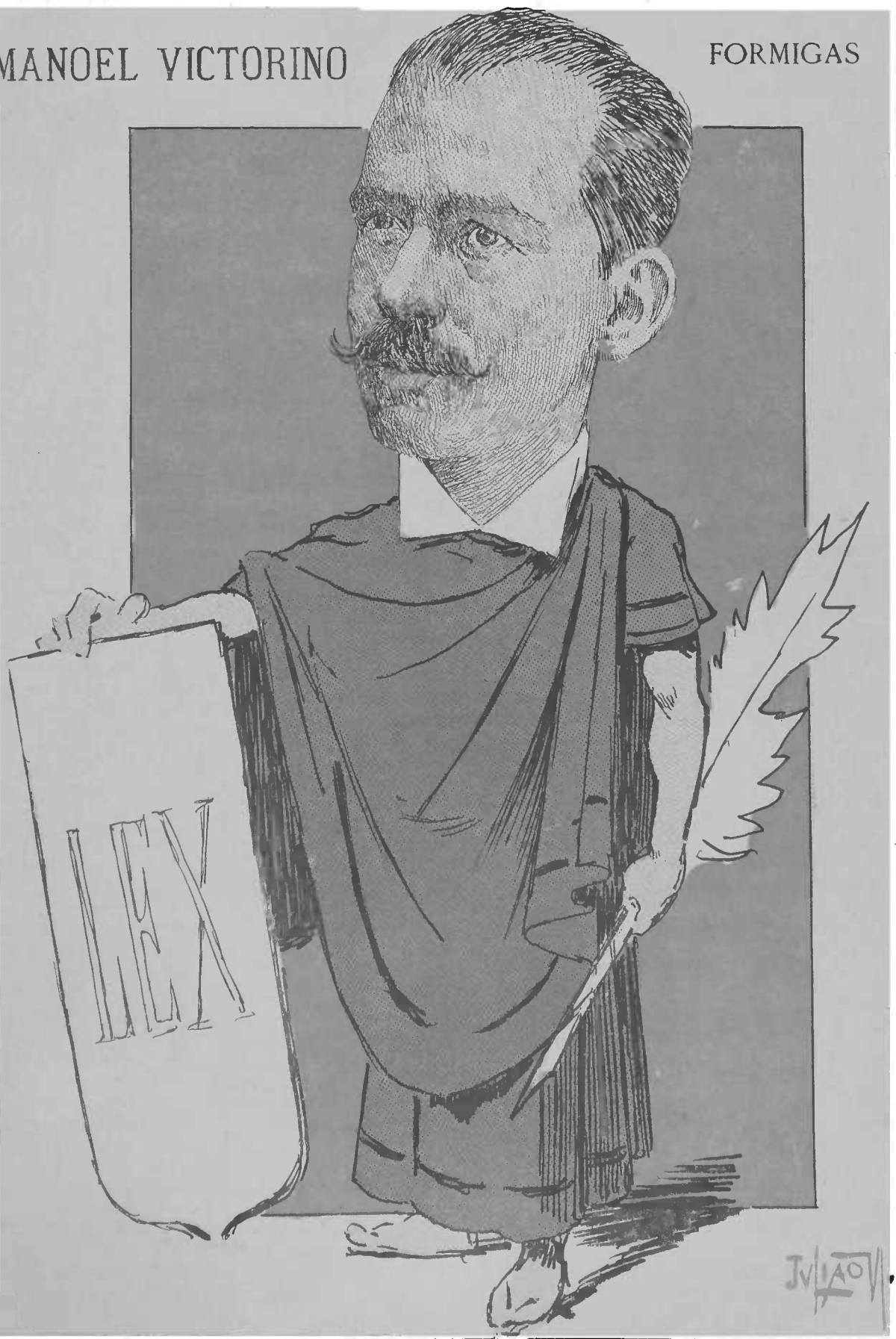
## A CIGARRA

Dando hoje o desenho do lindissimo monumento levantado pelos bahianos ao *Dois de Julho*, damos tambem o retrato do dr. Manoel Victorino Pereira, vice-presidente da Republica, a cuja iniciativa se deve a realisacção da bella idéa.

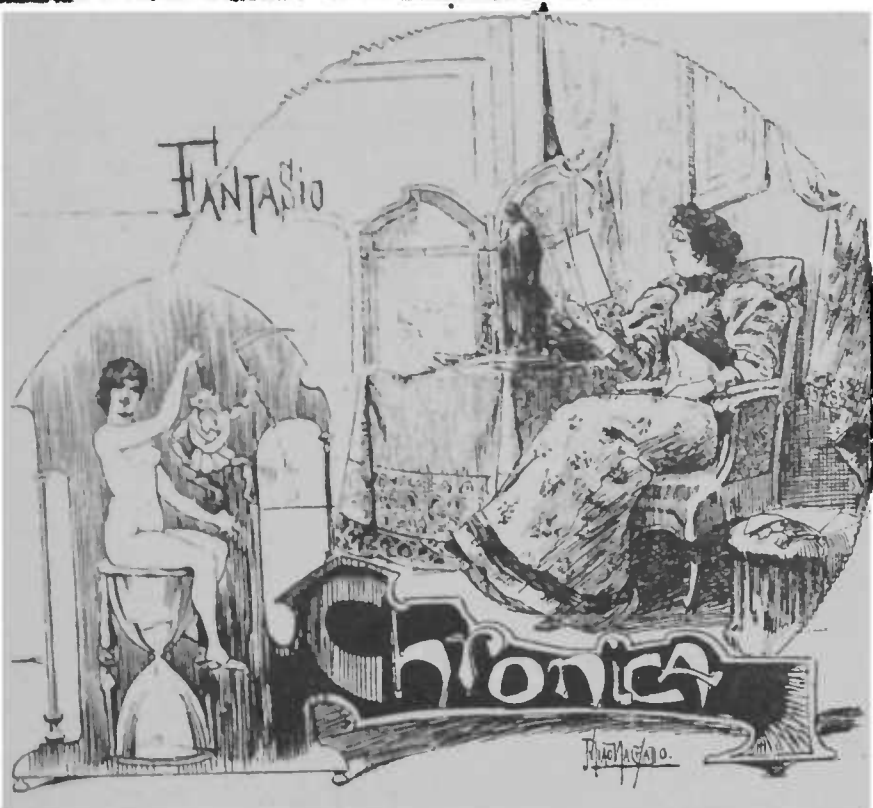
Meio *cigarra*, meio *formiga*, — cigarra pelo talento, pela educacção litteraria e artistica, pela eloquencia facil e brilhante que lhe assegura um logar notavel entre os nossos melhores oradores; e formiga pelo trabalho, pelas suas qualidades de constructor politico, de administrador sensatissimo, o dr. Manoel Victorino Pereira tinha o seu logar marcado na galeria d'esta folha.

Esta é a melhor occasião de fixar na primeira pagina d'*A Cigarra* a sua physionomia. A inauguração do monumento ao *2 de Julho* veio ainda uma vez pôr em evidencia o seu nome e lembrar o muito que a heroica Bahia deve a esse filho bem amado.

Não nos julgamos obrigados a descrever o monumento de que hoje a cidade de S. Salvador se ufana. Já toda a imprensa se referiu a elle.







Porque é que as semanas não hão de ter a sua côr própria e característica?

O nephelibatismo francez deu côr ás vogaes: o *a* é branco, o *i* é vermelho, etc., etc. Um allemão acaba de dar côr ás notas de musica, construindo um aparelho, que pinta, mas que positivamente *pinta* as partituras.

Pensando bem, acaba a gente reconhecendo que isso é menos paradoxal do que parece. De resto, segundo Nordau, o paradoxo é uma verdade incubada. Ou, fallando mais claro: o paradoxo é um embryão de verdade.

Tenho para mim que as semanas possuem positivamente a sua côr própria. Uma semana santa é roxa; uma semana de carnaval é côr de vinho; uma semana de natal é verde; as quatro semanas de maio são azues, com ramagens de ouro, como o manto de Nossa Senhora....

\*\*\*

Toda a semana passada foi verde e amarella como a nossa bandeira: e esta semana que corre vae pelo mesmo caminho, molhando-se nas mesmas tintas.

Nós só julgamos a vida pela impressão que os acontecimentos fazem em nossa alma: o patriotismo fez com que estes ultimos dias corresse aos nossos olhos, com uma côr auriverde.

Tivemos primeiro o emprestimo de 6.000.000 de libras. A influencia das grandes sommas é tal, tão soberano é o prestigio dos milhões, que todos nós estremecemos de alegria, quando soubemos que deviamos mais essa maquia gorda aos capitalistas de Londres. Já sabiamos todos que nenhuma d'essas libras viria dar um arzinho de sua graça á praça do Rio de Janeiro. Sabiamos que todas ellas ficariam por lá, bem acondicionadas no seio cauteloso das burras londrinas: as libras teem medo da febre amarella.

Mas, ainda sabendo isso, exultámos. Sabiamos mais e sabemos que quanto mais emprestimos se fazem, mais cara fica a vida, mais impostos paga quem trabalha; mas, continuamos a exultar. O ouro inglez, com o seu amarellô fulvo, casa-se tão bem ao opulento verde da nossa natureza!

\*\*\*

Depois, passada essa primeira explosão de alegria auriverde, tivemos outra.

E essa outra foram ainda os nossos amigos inglezes que nos a deram, dando-nos o caso da occupação da Trindade. Nós todos, alarmados pelo perigo, procurámos-nos, atravez das nossas dissensões, dos nossos odios, e achámos-nos, e reconhecemos-nos, e unimos-nos. E aquella bandeira brasileira que andou pelas ruas á frente de bandos populares, deu-nos bem a côr d'estes dias felizes, de revivescencia patriótica, de primavera nativista.

Mas, todos esses successos são da competencia do meu visinho *L. F.*: não preciso da politica, para provar que a semana passada teve e que a semana presente tem as cores nacionaes.

\*\*\*

Basta fallar do centenário de Basilio da Gama. Não sei se o festejarão dignamente. Receio mesmo que versos de pé quebrado e periodos de syntaxe despenteada profanem a doce commemoração do cantor do *Uruguay*.

Que importa? Nós já não estamos em 1830. Não podemos crêr com o assombroso romantico da *Mademoiselle de Ma-pin*, que uma rima pobre seja mais feia que um vicio contra a natureza. Não é preciso que a mocidade festeje Basilio da Gama com estylo: basta que o festeje com entusiasmo.

Os grandes poetas do Brasil são esquecidos, com um desamor que dóe.

Apanhem-me ahi um moço, ao acaso. Affirmo que esse moço conhece mais intimamente as *Flores do mal* de Baudelaire que o *Ijuca Pirama* do nosso divino Gonçalves Dias.

Gonçalves Dias, que é o primeiro poeta brasileiro, é o menos conhecido e o menos amado. Quem o conhece bem, conhece-o pelos seus *Cantos*: quasi ninguem lê os seus dramas. Ainda ha poucos dias, conversava eu com um homem de letras, a proposito do *Theatro Nacional* do actor Martins. Fallavamos da peça com que a companhia pretende estreiar. E, como eu lembrasse que se devia representar um drama de Gonçalves Dias, o homem de letras abriu os olhos com espanto:

— Que drama, homem? Gonçalves Dias escreveu algum drama?

Basilio da Gama é outro desconhecido. Ninguem o lê. O sr. Guerra Junqueiro, com as suas frandulagens espaventosas, é ainda o poeta popular do Brasil.

Venha, portanto, a commemoração do poeta do *Uruguay*, com estylo ou sem estylo, com versos certos ou versos errados, com o estro de fogo de Murat ou o estro de manteiga do dr. Bomsuccesso, com os periodos de marmore de Machado de Assis ou os periodos de pinho bichado de... Basta! não quero desgostar ninguem. O que quero é que se festeje Basilio.

\*\*\*

Para não sahir do terreno litterario, quero tambem fallar de Aluizio Azevedo. O seu concurso para consul do Brasil veio accentuar aos meus olhos a côr patriótica da semana. Mallet, que amava Aluizio, como um irmão mais moço pôde amar um irmão mais velho, disse-me um dia, pouco antes de morrer: «Tenho tão pouca confiança n'esta gente e n'esta terra, que já sei que Aluizio nunca será aproveitado por governo nenhum; saber escrever n'esta terra é uma mácula original de que a gente nunca mais se livra: não ha benzina que a tire.»

Em outro qualquer paiz, quem se chamasse Aluizio Azevedo, e tivesse escripto a *Casa de Pensão*, *O Mulato*, *O Homem*, *O Cortiço*, *O livro de uma Sogra* (oh! Magalhães! vem esse livro ou não vem?) *Os Mystérios da Tijuca*, *A Philomena Borges*, *Os Demonios*, e outros tantos livros em que o illustre moço tem gasto a mocidade e a saude para honrar o Brasil,—quem tivesse na sua fé de officio tantos titulos de recommendação á gratidão e ao amor de seus compatriotas, não careceria de fazer concurso para mostrar o que sabe...

Mas, emfim, foi preciso fazer concurso, e elle o fez, brilhantissimo. Resta agora que a sua nomeação venha. O illustre ministro das Relações Exteriores, que é um homem de letras, e que acaba agora mesmo de firmar a reputação do seu talento e do seu patriotismo com a luminosissima discussão do caso da Trindade, lembrar-se-á de que ninguem com mais honra para todos nós é capaz de representar em qualquer parte o nome brasileiro,—do que este trabalhador infatigavel, cujo talento tem o esplendor do nosso céu e a fecundidade sagrada e perpetua do nosso sólo.

Fantasio.

## REPORTAGEM LITTERARIA

Está prompto a ser brochado o volume da *Miragem*, romance de Coelho Netto, que o infatigavel editor Domingos Magalhães exporá a venda no começo do mez de Agosto. *Miragem* é talvez a obra mais completa, como observação e como estylo, que o fecundo escriptor tem produzido.



## A EXPULSÃO DO PARAI... PERDÃO! DO ITAMARATY



— "Ananjaras notícias com o suor do teu rosto!"

## REPORTAGEM FLUMINENSE

Decididamente teria muito que contar o reporter que se encarregasse de espionar exclusivamente o nosso mundo elegante.

Uma d'estas noites, tive a fortuna de observar o que se pôde imaginar de mais fantastico: uma comedia de sombras. Scenario: um bairro fidalgo; uma casa nobre; á frente do jardim, sobre a rua, um kiosque pequeno, claro, sobre tufos de jasmineiros, abrindo entre as folhas verdes a irradiação de uma lampada chinesa.

Onze horas de uma noite escura, de estrellas rarissimas sob a nevoa cerrada. Pela rua passava eu, mãos ás costas, charuto á bocca, philosophando. Parei, de subito, ouvindo o rumor de um beijo, vindo do kiosque.— Ah! eu conheço ás leguas o rumor de beijo!...

Partia do kiosque... era um beijo longo, demorado, lentamente chuchurreado, vagarosamente sorvido. Quiz ver... tão alto!— mas sobre o paredão de uma casa fronteira a lampada chinesa atirava indiscretamente duas sombras confundidas.

Duas. A principio, immoveis. Depois, desprenderam-se. A da esquerda começou a dar de braços. Braço para aqui, braço para alli, levantado para o céu, abaixado para o chão, puchado para o peito. Immovei a outra.

Mais braços na primeira,— braços multiplicados, rapidos, delirantes, protestando, jurando, supplicando, pedindo. E a outra quieta.

Mais braços na primeira, desesperados agora. Finalmente! — a cabeça da outra inclina-se, medrosamente: — *sim!* Some-se a primeira.

Fica a outra sosinha, quieta a principio, agitada depois, tremula, dansando na parede, nervosa agora, agora extatica, — bocca entreaberta, seio subindo e descendo, frouxa, desfallecida....

E quando a primeira, erguida de todo, subiu victoriosamente pela parede, com um tremor de triumpho no contorno, — a segunda sombra tinha as mãos colladas á face, n'um recolhimento arrependido....

X.



Os editores Cunha & Irmão trataram com o nosso grande Luiz Murat a edição do segundo volume das suas *Ondas*.— Essa opulenta colleção de versos será luxuosamente impressa em Portugal.



# O MONUMENTO 2 DE JULHO NA BAHIA

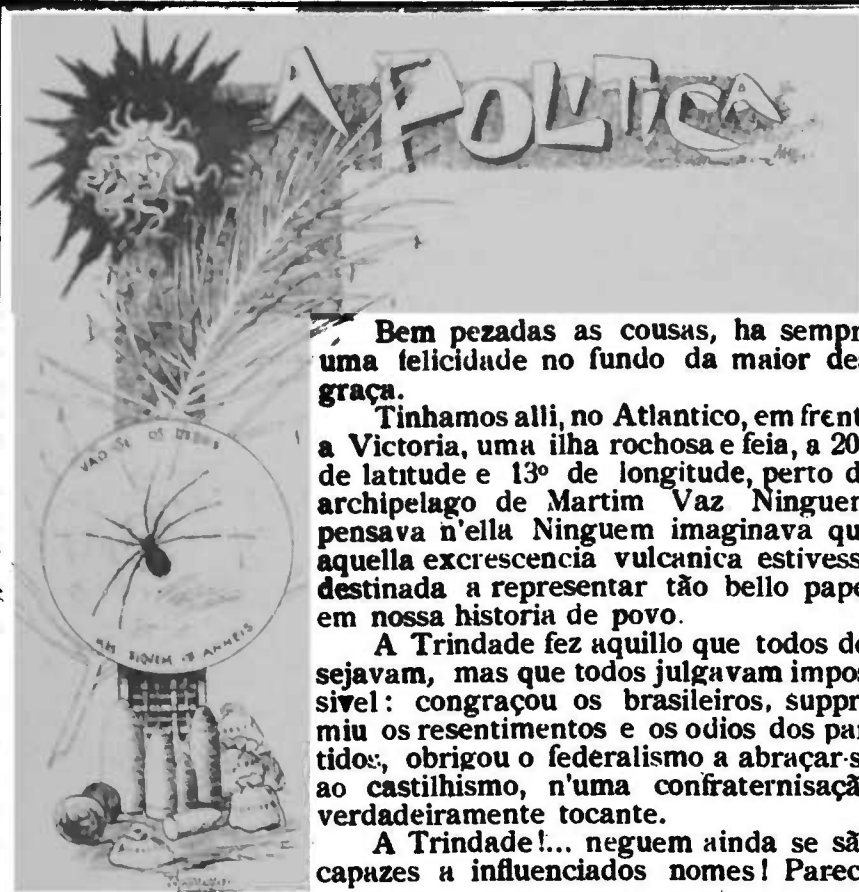






**NÃO PODE !... NÃO PODE !...**





Bem pezadas as cousas, ha sempre uma felicidade no fundo da maior desgraça.

Tinhamos alli, no Atlantico, em frente a Victoria, uma ilha rochosa e feia, a 20º de latitude e 13º de longitude, perto do archipelago de Martim Vaz Ninguem pensava n'ella Ninguem imaginava que aquella excrescencia vulcanica estivesse destinada a representar tão bello papel em nossa historia de povo.

A Trindade fez aquillo que todos desejavam, mas que todos julgavam impossivel: congraçou os brasileiros, supprimiu os resentimentos e os odios dos partidos, obrigou o federalismo a abraçar-se ao castilhismo, n'uma confraternisação verdadeiramente tocante.

A Trindade!... neguem ainda se são capazes a influenciados nomes! Parece que esse nome catholico, esse nome do mysterio basico da nossa religião, já predestinava a ilha feia e miseravel a esse doce e glorioso papel de congraçadora dos brasileiros.

X

Na quinta-feira passada, viram os meus olhos e ouviram os meus ouvidos uma cousa estu, enda.

A rua do Ouvidor vozeava, agitava-se, sacudida de clamores patrioticos. A alma nacional espanejava-se ao sol, vibrante e colerica.

Já era tempo tambem! A pobre alma nacional precisava bastante d'esse banno de ar e de sol: esteve tanto tempo escondida, minada pelo môtio!...

Mas, não é isso a cousa estupenda a que me quero referir. Retro-me a isto: chegando á rua do Ouvidor, vi a uma das janellas da *Cidade do Rio José do Patrocinio*, e ouvi o povo em baixo, a acclamar-o, a victorial-o. O tribuno da abolição tinha as mãos tremulas e o olhar molhado de lagrimas. A sua voz sahia a custo da garganta, apertada de commoção, enfraquecida pelo enternecimento.

Ah! quanto tempo passou o glorioso José afastado da popularidade! E com que estrepito atordoante, com que inesperado e embriagador arruido, com que ensurdecedor alarido de victoria, deve ter soado aos seus ouvidos,— já tão esquecidos das acclamações publicas,—aquelle *Viva José do Patrocinio*, que as massas tinham desaprendido de 15 de novembro para cá!...

E dizer que, ainda não ha um mez, aquellas mesmas massas pediam a cabeça do José, com a mesma anciedade com que um viajante esfomeado pede um beef com batatas!

Oh! ineffavel! ó sagrada! ó providencial! ó abençoada influencia da ilha da Trindade! Bastou que os inglezes fizessem mão baixa sobre aquellas rochas calvas e estereis, para que as paixões partidarias serenassem, para que os odios se acalmassem, e para que brasileiros, capazes de na vespera se entredevorarem ás dentadas, se abraçassem e se beijassem agora!

Decididamente, bem pezadas as cousas, ha sempre uma felicidade no fundo da maior desgraça. Devemos a Jonh Bull este inestimavel favor,— muito mais valioso que o favor dos seus emprestimos de milhões de libras!

X

Quem não deve estar satisfeito com os *meetings* é o proprietario do Café de Londres. Como são grandes a inconstancia e a contradictoria paixão das massas! Hontem queriam quebrar a cabeça do José, agora quebram os vidros de um café!

Pouco importa! Bem sei que houve aqui e em S. Paulo excessos,— de rhetorica e de chauvinismo. Mas sei tambem que esses excessos foram naturais. A intenção salva tudo.

Confesso mesmo que, se tivesse havido, não só vidros, mas algumas pernas e algumas caras quebradas, eu daria por bem empregadas essas fracturas: tamanha foi a alegria que me alagou a alma, vendo o meu povo carióca, a minha gente bem amada,— não mais entregue a arruaças jacobinas, mas a protestos patrioticos que affirmam o nosso caracter, demonstram a nossa força, defendem a nossa propriedade, afervoram o nosso brasileirismo, e apuram a nossa altivez! Bravo, minha gente carióca!

X

Jonh Bull pensava que podia á vontade dansar em terra nossa, com um grande dispendio de patas ferradas, a giga da depredação, o *solo ingles* da pirataria. Enganou-se. O amigo Phipps viu as cousas feias. O nosso illustre Carlos de Carvalho disse-lhe as verdades crúas e claras, e provou-lhe que aqui se conhece historia e se sabe o que é ter honra. Que a lição aproveite ao avido Jonh Bull!



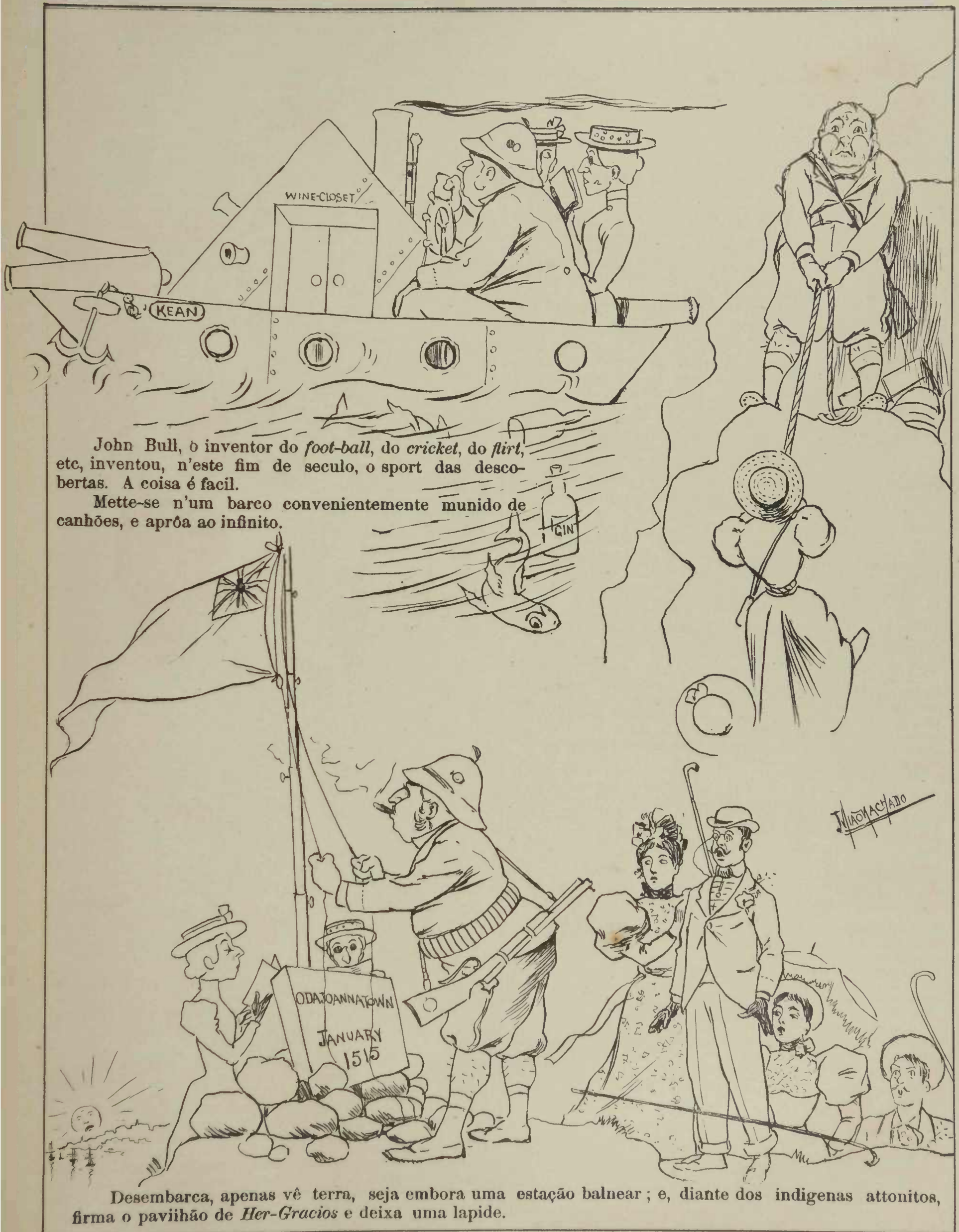
Está na terra Silva Pereira, o venerando. Ha cem annos que o Rio de Janeiro está habituado a receber periodicamente a visita do seu sympathico Silva Pereira. E cada vez o Rio gosta mais d'elle. Venha de lá esse abraço!

A festa do José Ricardo, no *Apollo*, com os *Sinos de Corneville*, foi um verdadeiro triumpho para o actor comico portuguez, que é um dos melhores que têm pisado os palcos fluminenses. A. d'O *Paiz*, não exagerou quando equalou o desempenho que José Ricardo deu ao difficillimo papel de *Gaspar*, ao que lhe dava o nosso saudoso Guilherme de Aguiar. O publico applaudiu delirantemente José Ricardo. Realmente, é difficil, senão impossivel, incarnar aquelle admiravel personagem com mais simplicidade, mais verdade, mais arte.

A *Cigarra* felicita e abraça o grande actor.

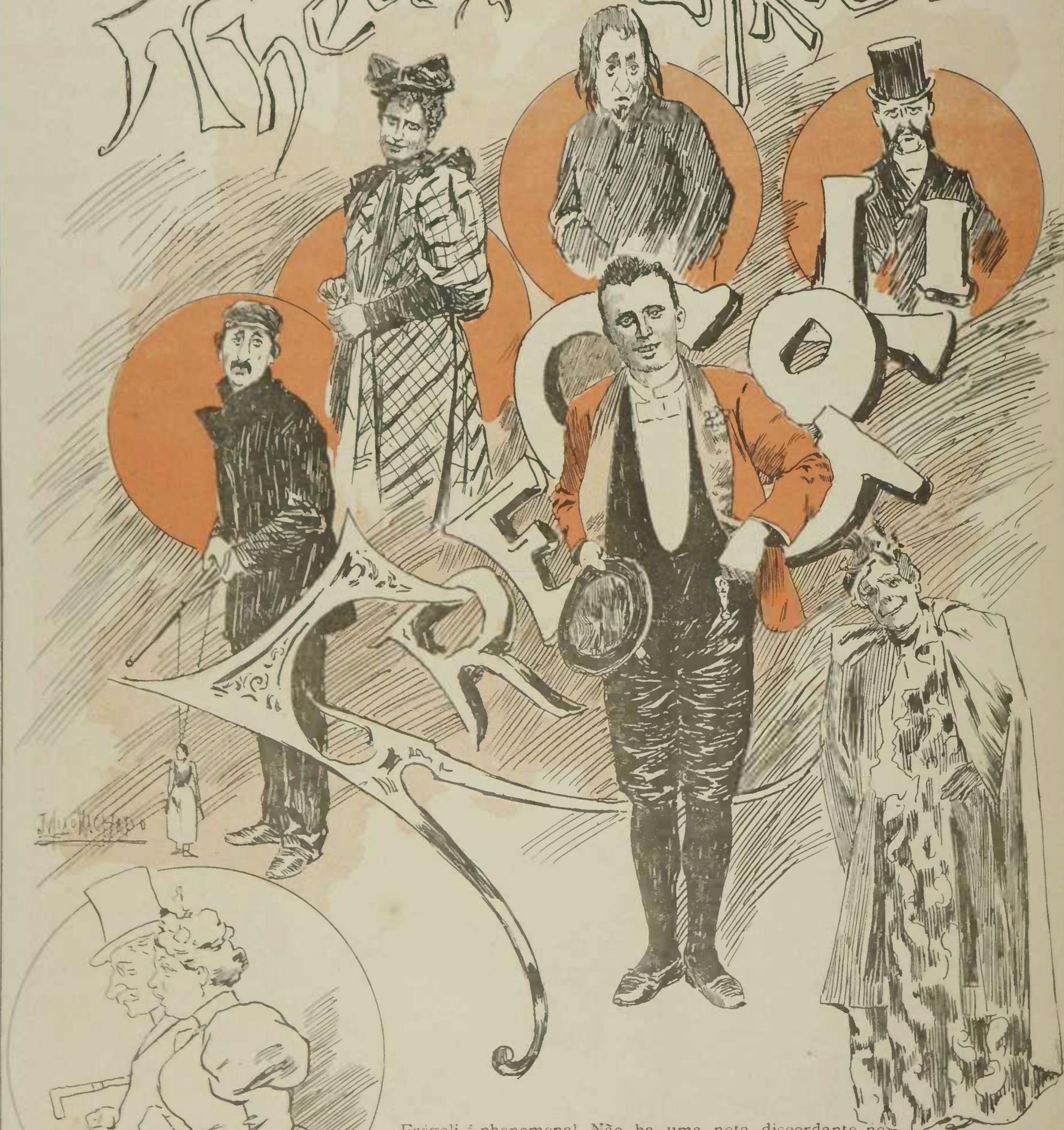
Buch.







# Theatro Lyrico



Julio Maciel

-CREDO! ATE PARECE BRUXARIA!

Frégoli é phenomenal. Não ha uma nota discordante no côro de louvores com que a imprensa fluminense recebeu o estupendo artista excentrico.

Por mim, confesso que Frégoli me diverte mais do que o Burro do sr. Alcaide. Ao menos, no Lyrico, nas peças em que apparece Frégoli, tudo é Frégoli. Ao passo que no Burro do sr. Alcaide, peça em que entra tanta cousa, não digo que tudo seja burro, mas digo que tudo é alcaide.



Il est hyver, danse ; faineante.  
Appren des bestes, mon ami.

BAIF.

# A CIGARRA

## CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

ANNO (52 numeros) . . . . .	48000
OTOMEZES (até ao fim deste anno) . . . . .	32000
SEMESTRE (26 numeros) . . . . .	25000
NUMERO AVULSO . . . . .	1000
SUPPLEMENTO . . . . .	500
NUMEROS ATRAZADOS . . . . .	1500
SUPPLEMENTOS ATRAZADOS . . . . .	1000

Escriptorio, Rua Ouvidor 115

HEBDOMADARIO illustrado por *Julião Machado*

Redacção de *Olavo Bilac*,

Propriedade de *Manoel Ribeiro*

ANNO I

Rio de Janeiro, Quinta-feira, 8 de Agosto de 1895

N. 14

## A CIGARRA

No dia 2 d'este mez, completou vinte annos de idade, a nossa formosa e querida collega, honra da imprensa brasileira, *Gazeta de Noticias*. *A Cigarra* beija e saúda Ferreira de Araujo, Ramiz Galvão, Henrique e João Chaves, Julio Braga, e toda a redacção da brilhante folha da manhã.



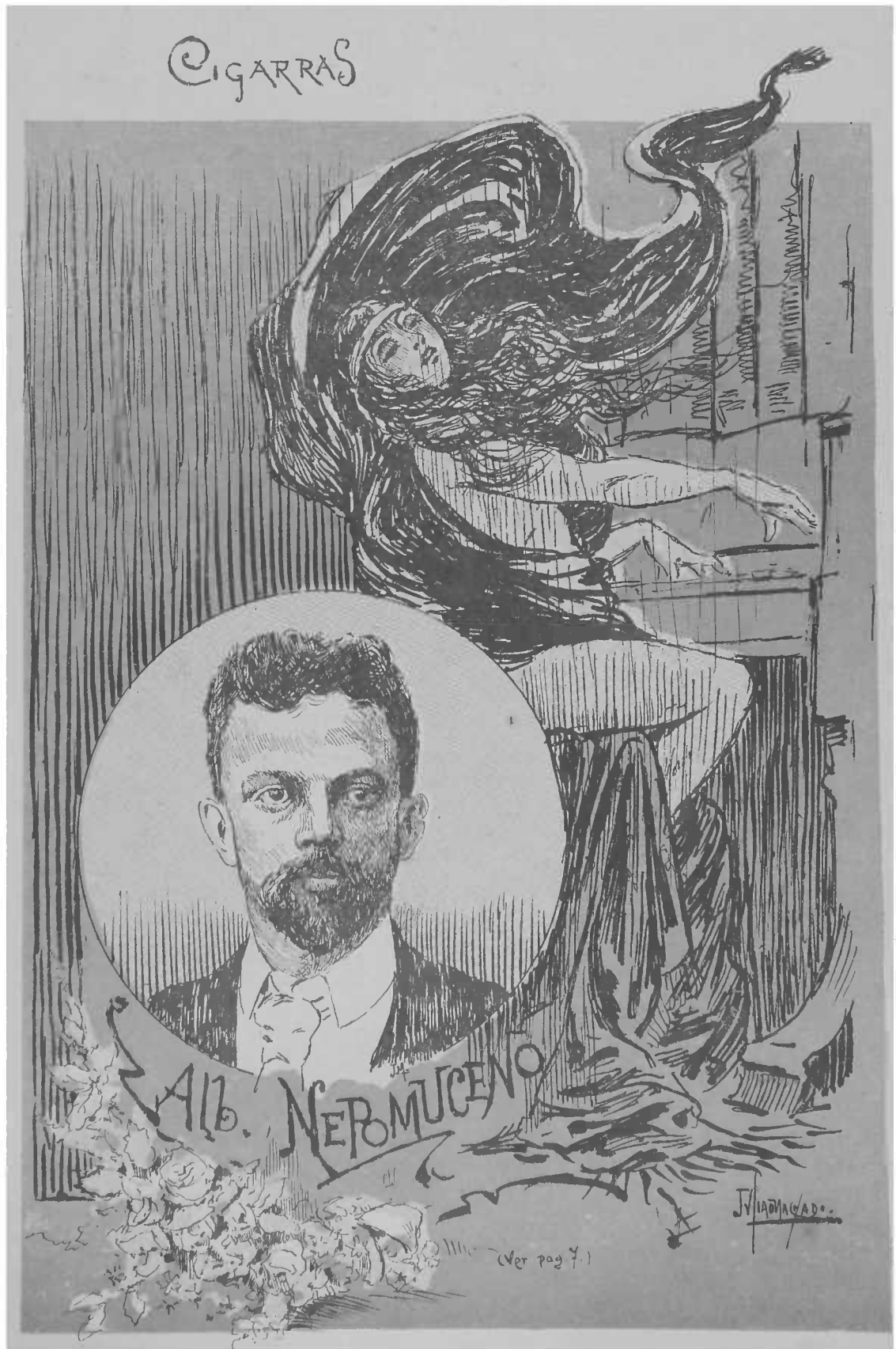
Cabe aqui, pois que é de um poeta que se trata, consignar o brilhantismo do grande baile offerecido no dia 27 do mez passado pelo *Club Gymnastico Portuguez* ao conselheiro Thomaz Ribeiro.



No proximo numero, *A Cigarra* publicará uma longa e admiravel poesia inedita de LUIZ MURAT.



Já foi posto á venda pelo editor Magalhães o volume da *Miragem*, de Coelho Netto: quatrocentas paginas, das quaes diremos em tempo, quando detidamente tivermos de estudar o brilhante papel que Coelho Netto tem representado em nossa litteratura.



(Ver pag 7.)





Por um dia fresco e luminoso da semana passada, fui ao Instituto Benjamin Constant. Inauguravam-se as novas oficinas do caridoso asylo e tinham organizado uma sessão litteraria e musical para solemnizar a inauguração.

A casa, alta e branca, fica diante do mar,— diante de um largo mar sereno. Os infelizes que o Instituto Benjamin Constant agazalha, não podem ver o céu immenso que se desdobra sobre as immensas aguas,—mas aos seus ouvidos retumba dia e noite a voz das ondas, e aos seus pulmões chega o ar livre e puro da barra.

Não sei porque, perturba e commove contemplar aquelles sessenta e tantos cegos, cuja vida laboriosa, toda dedicada ao estudo e á arte, corre mansamente diante d'aquelle grande horizonte,— grande como a infelicidade d'elles, mas grande tambem como a caridade e o carinho com que os trata o director do Instituto.

Não sei quanto tempo fiquei pensando n'isto, de pé, encostado a uma das janellas do salão de honra, enquanto o director, dirigindo-se ao Presidente da Republica, expunha-lhe as suas esperanças, os melhoramentos que já estão executados, a falta de recursos com que lucha aquelle estabelecimento de caridade,—n'um tempo em que tanto dinheiro gasta o Estado com a guerra do Sul.

Arrancou-me a essa meditação o concerto. Dois cegos, velhos ambos, executavam, em piano e órgão, uma barcarola. A melodia suavissima subia, dilatava-se, transbordava para o mar, atravez das janellas. Que doce é a physionomia do cego, quando a musica lhe embaia a alma! A face eleva-se, as orbitas vasias parecem seguir o vôo das notas, em que o espirito, sedento da luz que não conhece, caminha para o céu...

A' sahida do Instituto, quando me vi cá fóra, e vi o sol, e vi a gente que passava, e vi a agua arrufada ao vento, tive um suspiro de allivio. Dostofewsky, o cruel romancista do *Crime e Castigo*, diz n'uma terrivel pagina epileptica: « e sahiram, levando no coração esse estranho sentimento de satisfação, que mesmo o homem menos egoista não pôde deixar de sentir á vista da desgraça alheia. » Ah! nós somos todos egoistas, perversamente egoistas! quando vemos um cego, antes de lhe lastimarmos o infortunio, pensamos com jubilo que Deus ainda não nol-o inflingiu...

Vinha eu, pois, pensando isso, e gozando da vista que Deus me deu. E parece que Deus, esse editor a quem damos a responsabilidade de quanto nos succede por culpa nossa ou por culpa do destino, quiz castigar o meu egoismo.

E foi o caso que comecei, de passo em passo, a ver e a ouvir miserias, como se Deus me quizesse provar que não é grande ventura ter ouvidos e olhos para as cousas da terra.

Primeiro, foi uma creança que vi, á porta de uma estalagem,—pequeninna, maltrapilha, anemica, com os ossos furando a pelle suja,—esbordada por uma megera.

Depois, um homem que passava, com o nariz roído por um carcinoma; e o desgraçado ria, e fallava, bem nutrido, bem vestido, amando a vida assim mesmo, apesar d'aquella irrepara el miseria physica.

Depois, uma velha mulher, toda de negro,—um réles vestido de luto, desbotado e sujo, verde nas costuras: o seu corpo magro tremia dentro d'aquella roupa miseravel, sacudido de um *tic* doloroso;—uma desgraçada, doente, já no fim da existencia, e ainda correndo ao trabalho, carregando a canga da vida,—uma vida de lagrimas, de dores, de vexames, de affrontas tragadas, de fome e de vergonha...

\*\*\*

Passava um bond. Metti-me n'elle Logo depois, *dlin!* *dlin!* subiu um sujeito gordo, suado, bruto, pisando todo o mundo, maltratando o cocheiro, descompondo o conductor. Sentou-se ao meu lado, e o primeira cousa que fez foi tirar a bota, para desafogar o pé, mostrando a meia de côr equivocada. Meu Deus! depois do espectáculo da miseria humilhada, o espectáculo da grosseria triumphante, da má-creação victoriosa, da estupidez insolente!

\*\*\*

Dei as costas ao bruto, e fechei os olhos,—decidido a ficar cego, e já achando menos infelizes aquelles infelizes, que deixára no Instituto, confinados na sua vida calma, toda de trabalho e de arte.

Mas, de que me serviu fechar os olhos? Começaram os ouvidos a funcionar. Dois cavalheiros conversavam atraz de mim. Ouvi, porque não havia meio de não ouvir: não estava disposto a tapar os ouvidos como fechára os olhos....

\*\*\*

— Qual amnisiia! — dizia um — a unica cousa que o governo tem a fazer é perseguir aquelles bandidos como se perseguem cães damnados!

— Não! — dizia o outro — isso não são ideias de homem civilisado! Pois o senhor acha digno do nosso nome de povo serio que se leve por diante o morticinio, no sul, e a degola, e o saque, e a mutilação dos cadaveres, e o incendio, e todos os horrores da guerra civil?

— Acho, sim, senhor! tudo isso é muito natural! toda a guerra civil é cruel. Esses horrores são inevitaveis....

— São inevitaveis, enquanto durar a guerra! Mas, para isso mesmo, é que a paz é necessaria. Faça-se a paz, para que os horrores cessem!

— Qual paz, nem qual nada! o que é preciso é exterminar aquelles bandidos! Olhe! eu amo meu pae! pois bem! se meu pae fosse federalista, juro-lhe que seria capaz, eu mesmo, de degolal-o, sem hesitar!

Neste ponto, voltei-me e abri os olhos, para ver o rosto de quem fallava assim. Era um rosto de mocinho pallido, de olhos meigos e azues, e bocca serena: enquanto elle dizia aquillo, um sorriso de anjo lhe errava entre os labios....

\*\*\*

Mas, o bonde chegava á cidade. Comprei os jornaes da tarde. Homicidios, roubos, sete desastres na Central, suicidios, artigos politicos abeberados de odio e fel, descomposturas, mo-finas,—calamidades... Fui á rua do Ouvidor. Mendigos exhibindo chagas hediondas, janotas fallando mal da vida alheia...

Fiquei acabrunhado. E pensei:—E é para ouvir e ver tudo isto que eu agradeço a Deus o ter-me dado olhos e ouvidos!... decididamente, mais felizes do que eu são aquelles cegos que deixei, que não sabem o que vae por aqui, e que, entregues ao fabrico das suas escovas e ao trato dos seus instrumentos de musica, pairam sobre as miserias da vida, só tendo olhos para as cousas do céu... Irra! para que diabo não sou eu cego?!...

\*\*\*

Mas, n'esse momento, passou por mim, atravessando a rua do Ouvidor com um passo de rainha, uma soberba mulher, dentro de uma cheirosa nuvem de mocidade e de saúde. O ouro da sua cabelleira esplendia ao sol, como um capace de fogo. E como que as pedras offegavam apaixonadamente, quando as suas pequeninas botas de couro da Russia as batiam, leves e cantantes. Segui-a longo tempo com a vista, e murmurei:



— Foi para isto que Deus me deu olhos! que importa que elles tenham de ver tanta miseria, se pódem, de vez em quando, repousar amorosamente na contemplação de uma mulher bonita?

E fui, consolado, tomar um sorvete. Porque,— não sei se já lhes disse isto! — as cogitações philosophicas poem-me a garganta arder!...

*Fantasio.*

**F. PIMENTEL.**



REPORTAGEM LITTERARIA

Entre os livros que *A Cigarra* tem recebido ultimamente, merecem especial menção *Um canalha!* romance de Figueiredo Pimentel, e *Profanos*, contos de Arinos Pimentel.

O novo livro de Figueiredo Pimentel não é um romance de escandalo, como o *Aborto*; afina mais com *O Suicida*, novella animada e bem feita, que o auctor, ha tempos, publicou em folhetins da *Noticia* com illustrações de Julião Machado. *Um canalha!* tem paginas magnificas. Estudo de temperamento, lembrando em certos trechos o processo de Dostoiewsky, no *Crime e Castigo* e nos *Irmãos Karamazoff*, é bem conduzido, logicamente levado á conclusão. Isabelinha e o barão do Lamego são typos felizmente desenhados. Ha alli uns estudos de vida brasileira, em Macahé, S. Paulo e Campos, que se releem com prazer. Pagina de escriptor de pulso: a primeira entrevista amorosa de Isabelinha com o medico, em casa da velha Rita,— *entremetteuse* por vocação, gostando de, mesmo sem interesse, approximar apaixonados e facilitar-lhes o encontro e... o resto. Livro, em summa, cuja edição o publico certamente esgotará, porque além de ser bem feito, tem um sabor picante de fructo prohibido. A edição é da casa Laemmert.

Para os *Profanos* de Arinos Pimentel escreveu *Cosme Peixoto* um prefacio curto, em que mais uma vez o ex-alferes honorario mostra que sabe escrever como um general das letras. *Cosme* diz que Arinos Pimentel é um sol nascente. E é mesmo. O auctor é creança. Os seus contos, se não são de um escriptor feito, estão cheios de promessas radiantes. Vá lá esta chapa! — Fará certamente successo entre as nossas leitoras o volume dos *Profanos*, pequenos trechos lyricos, ingenuos, cheios de sentimento.

Z.

## PAGINA DE UM DIARIO

Todo o mundo diz que o 15 de novembro foi uma surpresa. Foi uma surpresa para... a monarchia. Todo o anno de 89 teve uma agitação politica tremenda. E, ainda ha poucos dias, folheando *A Rua*, jornal que só deu 18 numeros e que era redigido por Pardal Mallet, Raul Pompéa, Luiz Murat e Olavo Bilac, encontrei no exemplar que traz a data de 4 de maio, as seguintes linhas de Mallet, com o titulo *A Imperial Fallação*:

« Abusando do estado enfermo do Imperador de meia duzia de brasileiros, Sua Magestade D. Pedro Ultimo, — o ministerio obrigou o pobre velho invalido a lêr uma cousa muito comprida, cheia de boas intenções como o calçamento do inferno, e entremeiada de maldades como uma predica de jesuita. Apesar de toda a ostensiva boa-vontade para com a distribuição da justiça (verdadeira e quasi unica funcção do estado), — a imperial fallação liga menos importancia a uma Relação que a um Bispado, e pede a cathedra episcopal para cada provincia. Proseguindo por esse theor a fóra, a imperial fallação divaga sobre as epidemias, e esconde a importancia do movimento revolucionario que está agitando a alma da patria. Resta, porém, a esperança da que essa será a ultima fallação de um orador com papos de tucano.»

Quando pensaria o adoravel rapaz (tão cedo morto!), escrevendo isso em maio de 89, n'um tempo em que, para ser republicano era preciso não ter medo da cadeia e da morte, que seria dois annos mais tarde preso, deportado e considerado *inimigo da Republica*, pelos que mamavam então soffregamente, na teta do thesouro, o ultimo leite da monarchia!

Y.

## REPORTAGEM FLUMINENSE

Está doente a formosa M. chegada ha tres dias de Petropolis. Doente de colera e de desapontamento. Foi ella mesma quem me contou o caso, com uma lagrima de despeito que lhe humedecia a palpebra cor rosa.

Marcára-lhe a entrevista, na bella cidade de verão, n'um recesso de bosque, a dois passos da cascata. Agoa cantando perto, aboboda verde de folhas, flores e passaros por toda a parte.

Chegou. Um beijo, dois beijos, dez beijos. Uma hora, hora e meia, duas horas. Longas tiradas amorosas, sonetos, muitos sonetos, recitados com fogo, (porque é poeta, o infeliz!) muitas phrases, mais beijos, muitos beijos... E a gentil, a pobre M. voltou d'aquella entrevista com o coração queimado de uma raiva terrivel.

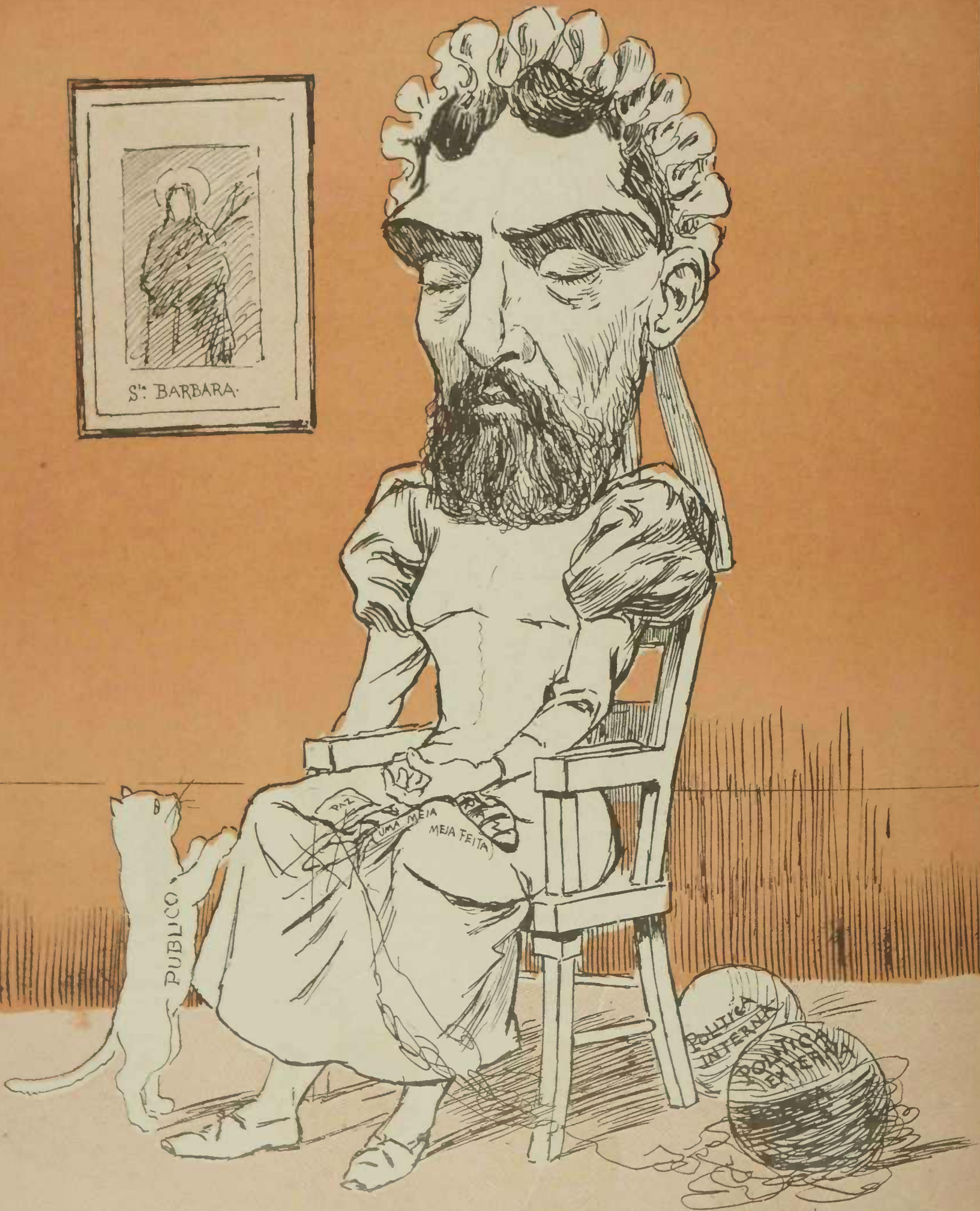
E disse-me, com furia:

— Como se eu fosse o altar de Nossa Senhora, que se beija e... se respeita! Dizem que é poeta... pôde ser! tem boas ideias, mas, quando quer pô-las em pratica... talta-lhe a inspiração.

X.



# FERVET OPUS



Direção photographica de  
N. S. Soares

D. Prudencia da Pacificação



### QUANDO A INTENDENCIA PAGAR...

Ella ao marido, empregado na Intendencia :



— A conta da modista.  
— A conta?... Quando a Intendencia pagar...



Ella à modista.  
— Quando a Intendencia pagar...



A modista ao armarinho :  
— Quando a Intendencia pagar...



O armarinho ao fornecedor :  
— Quando a Intendencia pagar...



O fornecedor ao seu alfaiate :  
— Quando a Intendencia pagar...



O alfaiate ao seu Senhorio  
— Só quando a Intendencia pagar....



O Senhorio ao cobrador de impostos da Intendencia :  
— Só quando a Intendencia pagar...

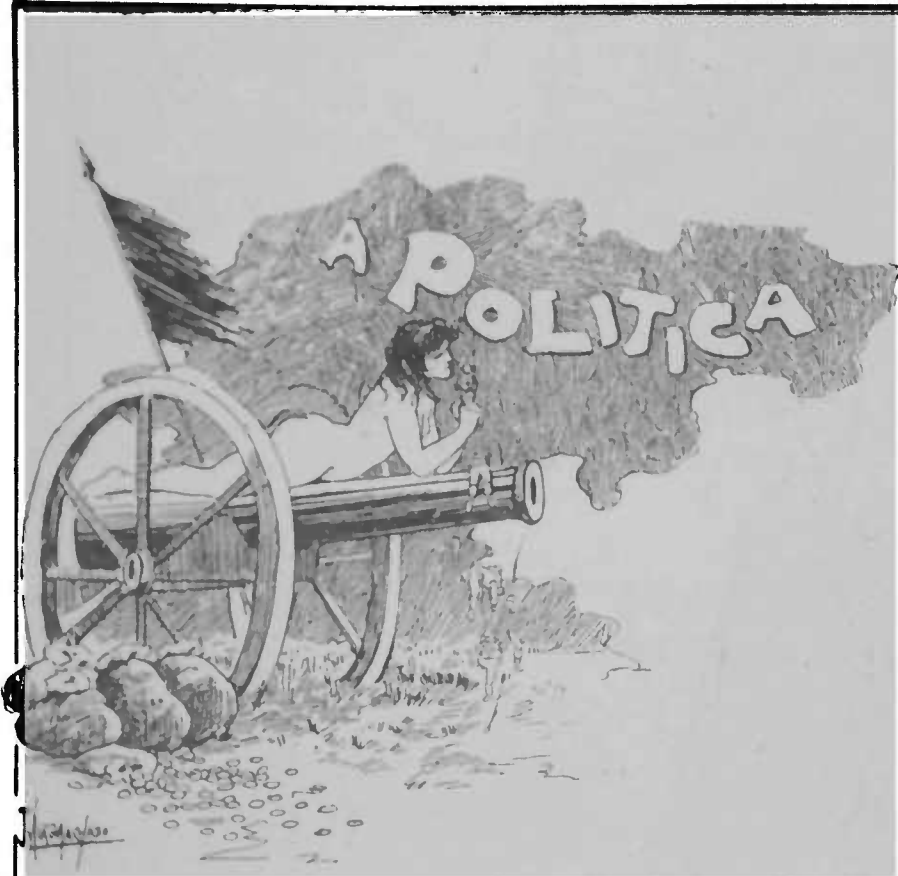


O cobrador...  
— Só quando a Intendencia pagar...



J. M. A. V. D.





caso da pacificação dura ainda. Estamos todos anciosos, á espera de que uma solução qualquer venha pôr um termo á suspensão do juizo publico. Pobre publico! em a pedidos e em artigos de fundo, ninguem lhe pede outra cousa: pedem-lhe que suspenda o juizo.

E elle o suspende,—o desgraçado! suspende-o tanto e de tal modo, que o juizo, deshabitudo de andar cá por baixo, acaba por desertar a face da terra, e ir morar lá onde não chega o vão clamor das cousas politicas.

X

A anciedade minha e dos que me leem é natural. Todo o mundo acha razoavel que se faça a guerra durante quatro annos. Mas, quando se trata de fazer a paz, todo o mundo quer que ella seja feita para

alli, em quatro minutos, enquanto o general Tavares esfrega um olho e o coronel Wolf compra uma passagem de ida e volta.

Isso é humano como tudo quanto ha de mais humano. Vede qualquer creança. Tomae um baralho de cartas. Construi, para divertir a creança, um castello. Quando o castello, alto e glorioso, ficar acabado, a creança, com um piparote rapido, deital-o-ha abaixo, entre gritos de triumpho,—tão humano, tão natural, tão expontaneo é o instincto da destruição. E, agora, a vereis... Ella, tão prompta em arrazar a construcção, chorará de anciedade durante o tempo que empregardes em reerguel-a.



Povo é creança. Povo quer paz, para aqui, já, sem demora; quer vêr, succeda o que succeder, Castilhos abraçado a Tavares, Gaspar Martins abraçado a Cassiano, Quintino abraçado a Custodio.

Os jornaes têm contribuido notavelmente para a manutenção d'essa anciedade popular. Todos os dias, leem-se cousas assim, em quasi todas as folhas: é provavel que na conferencia de hoje se decidam os negocios do Rio Grande, ou «consta-nos que no despacho de hontem ficou resolvido aceitar o governo as bases da pacificação propostas pelos revolucionarios», ou ainda: «dizem que o governo repelle com energia as aviltantes propostas do general Tavares,» e patati-patata...

Os homens pacatos, como eu, poem-se a architectar, sobre essas noticias, arrojadas construcções de conjecturas fantasticas. E ninguem se entende. Porque, quando os jornaes dizem que a cousa está decidida, é quando a cousa está tão longe da decisão como as minhas informações do pensamento do governo.

Mas, emfim, já é tempo de querer á gente saber o que ha. Parece que, mesmo dentro do ministerio, ha quem não queira ouvir falar de paz. E, se é preciso transplantar para aqui o que se diz na rua do Ouvidor, vou contar a opinião de M. F.

M. F. (quem for atilado adivinhe que nome indicam essas iniciaes!) estava commigo, na rua do Ouvidor, n'um grupo em que se disseram estas cousas:



«Meu caro L. F.— disse uma pessoa — fique sabendo que eu ando sempre bem informado. Ha dias no Itamaraty, houve horrores. Um ministro, claramente infenso á ideia da paz, fallou longo tempo contra ella. Estava presente alguém que não é ministro, mas tem alto cargo: é quasi-presidente da Republica. Esse alguém, respondendo ao ministro-feroz, tomou a palavra e desenvolveu, em favor da paz, uma oração inflammada. Mas, parece que perdeu o tempo... e os sentidos, porque teve uma syncope, não sei se de cansaço, se de desapontamento.

— Mas, então,— inquiriu outro interlocutor — que é que quer o ministro-feroz?

Foi então que M. F. interveio, contando o seguinte caso:

— Conhecem vocês o romance de Paul de Kock *Madame Pantalon*? Imaginem! as mulheres emancipam-se, e, para bem affirmarem a sua emancipação, desatam a fazer tudo quanto-fazem os homens: leis, processos, receitas, mofinas, artigos, falcatrúas, etc. Mas M.<sup>me</sup> Pantalon ainda não está contente: para que as mulheres em tudo sejam eguaes aos homens, é preciso que se batam em duello. Combina-se então um duello. E sabem que condições impõe uma duellista á outra? Diz-lhe: «Eu ficarei com a minha espada em riste na mão direita, e a minha pistola engatilhada na mão esquerda. A senhora marchará para mim, e espetar-se á na espada: eu desfechar-lhe-ei então um tiro á queima-roupa. Se não lhe succeder cousa alguma, terá a senhora o direito de me fazer o mesmo!» Ah! tem vocês! essa proposta é mais ou menos identica á que o ministro-feroz quer que o governo faça aos revolucionarios.

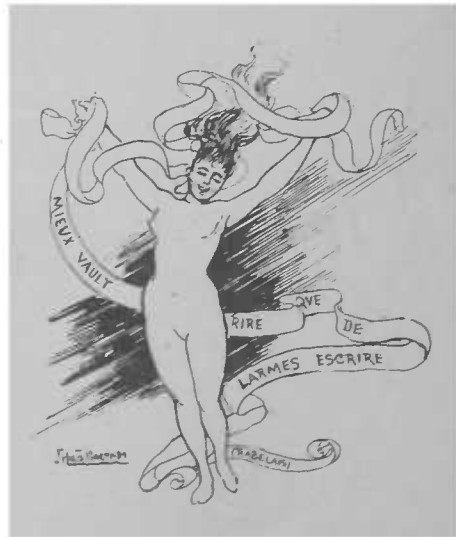
— Como assim? — exclamou um de nós — não entendo!

— Não entende? — tornou M. F. — pois não é minha a culpa! Ouça! O ministro-feroz, só quer fazer a paz, ficando com todas as glorias do vencedor, sem dar á revolução a menor garantia. E' por isso que nada se fez até hoje.



Aqui, separámos-nos. Sem estar inteiramente de accôrdo com M. F., acho que ha n'essa historia uma pitada de bom senso.

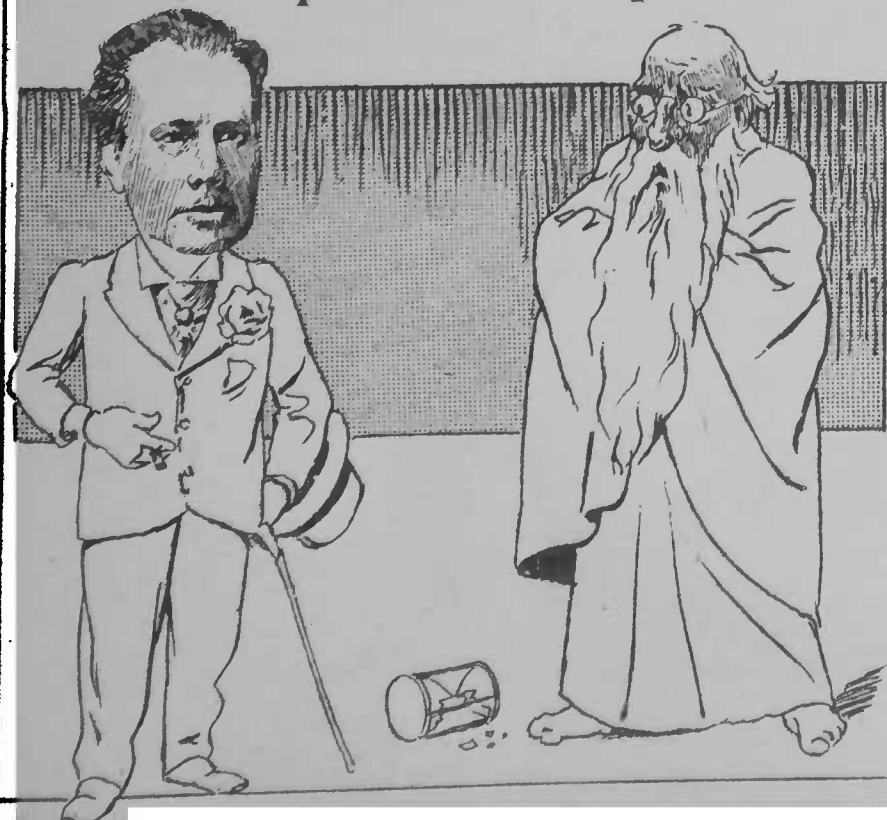
L. F.







O actor Silva Pereira, rival do Padre Eterno



Novelli, que no dia 14 parte para a Europa, não quiz deixar de se despedir generosamente do publico fluminense, que—valha a verdade!—não é bem merecedor d'essa generosidade, porque prefere ir applaudir a ignobil e velha pornographia das revistas souzabastianas a ir applaudir o grande actor italiano.

Tivemos já *Os Deshonestos* de Rovetta, *Quatro mulheres n'uma casa*, de Giacometti, *Felippe*, de Scribe, e uma segunda edição de *Papá Lebonnard*, além de soberbos monologos, de entre os quaes se destacou o magnifico *Avô*, dito por Ermete de um modo encantador.

Já não tenho adjectivos para este homem!

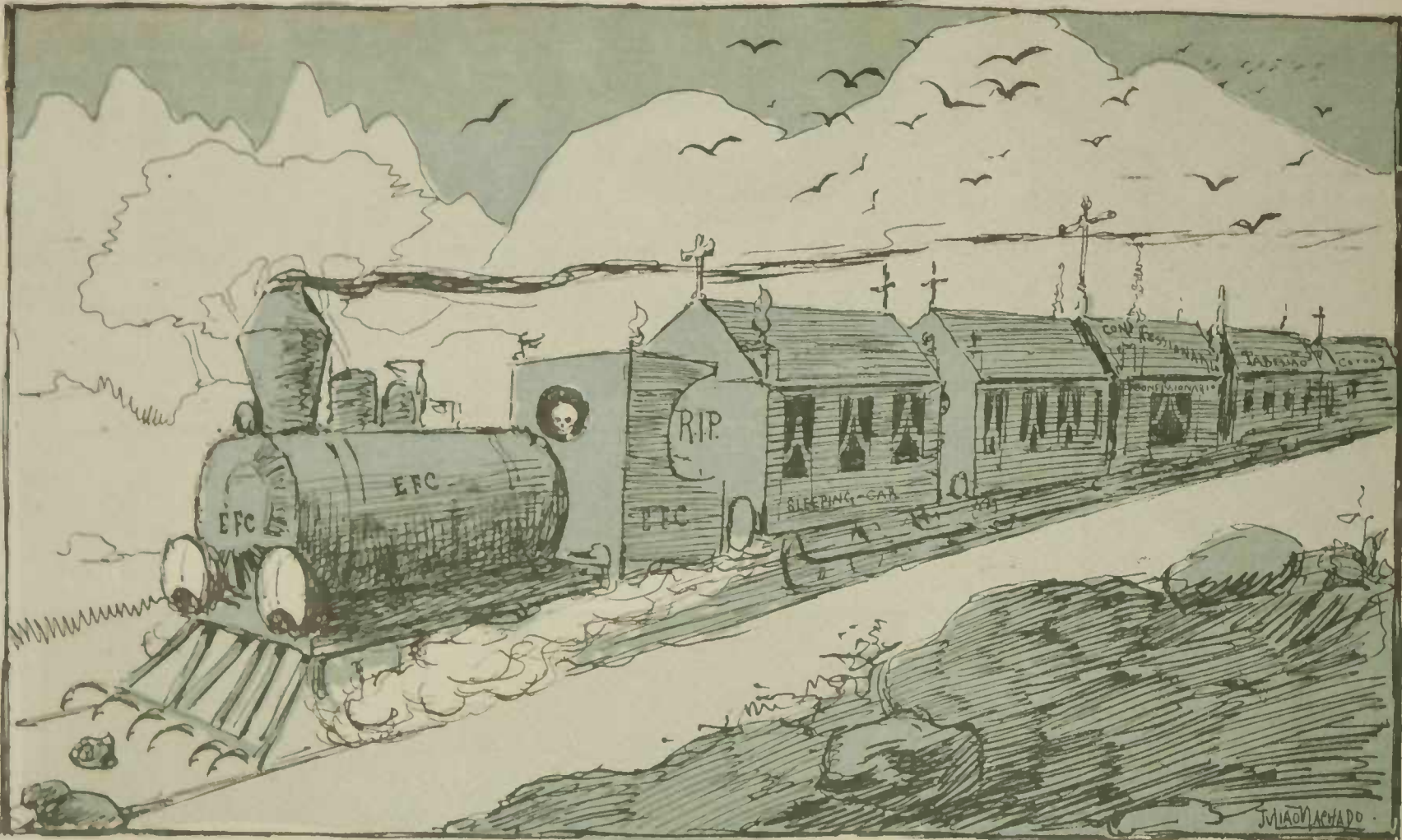
Referir-me-hei aqui mesmo, apesar de ser esta secção consagrada apenas a theatros, ao delicioso concerto de Alberto Nepomuceno, realizado, domingo ultimo, no magnifico salão-Bucciarelli do Instituto Nacional de Musica. O nossó illustre compatriota, chegou .. tocou e venceu. Mais de mil pessoas applaudiram delirantemente, n'aquella tarde memoravel, o joven e já glorioso compositor da *Electra*.

A *Cigarra*, por meu intermedio, envia-lhe d'aqui uma segunda edição dos applausos com que o recebeu.

Buck.



# A SEMANA



Viagens rápidas para a "mansão dos Justos" pela Estação Central  
 « Abatimento de 2½% para creanças e militares. A Companhia estipulou a multa de 1.000.000 \$ para os Srs viajantes de 1ª classe que chegarem vivos aos seus domicílios; 800.000 \$ para os Srs via-  
 jantes de 2ª classe e 500.000 \$ para os de 3ª. Pede-se aos Srs passageiros a fúria de não se ati-  
 raem pelas portinholas durante o trajeto e de esperarem pacientemente o momento da catastrophe. »



— Ensinaam-me uns versos para te dizer nos esquiços... —





# A CIGARRA

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

ANNO (52 numeros) . . . . .	48000
OITOMEZES (até ao fim deste anno) . . . . .	32000
SEMESTRE (26 numeros) . . . . .	26000
NUMERO AVULSO . . . . .	1000
SUPPLEMENTO . . . . .	2500
NUMEROS ATRAZADOS . . . . .	10500
SUPPLEMENTOS ATRAZADOS . . . . .	10000

HEBDOMADARIO illustrado por *Julião Machado*

ESCRITORIO e REDACÇÃO  
115 Rua do Ouvidor 115

Redacção de *Olavo Bilac*,

Propriedade de *Manoel Ribeiro*

ANNO I

Rio de Janeiro, Quinta-feira, 15 de Agosto de 1895

N. 15

CIGARRAS

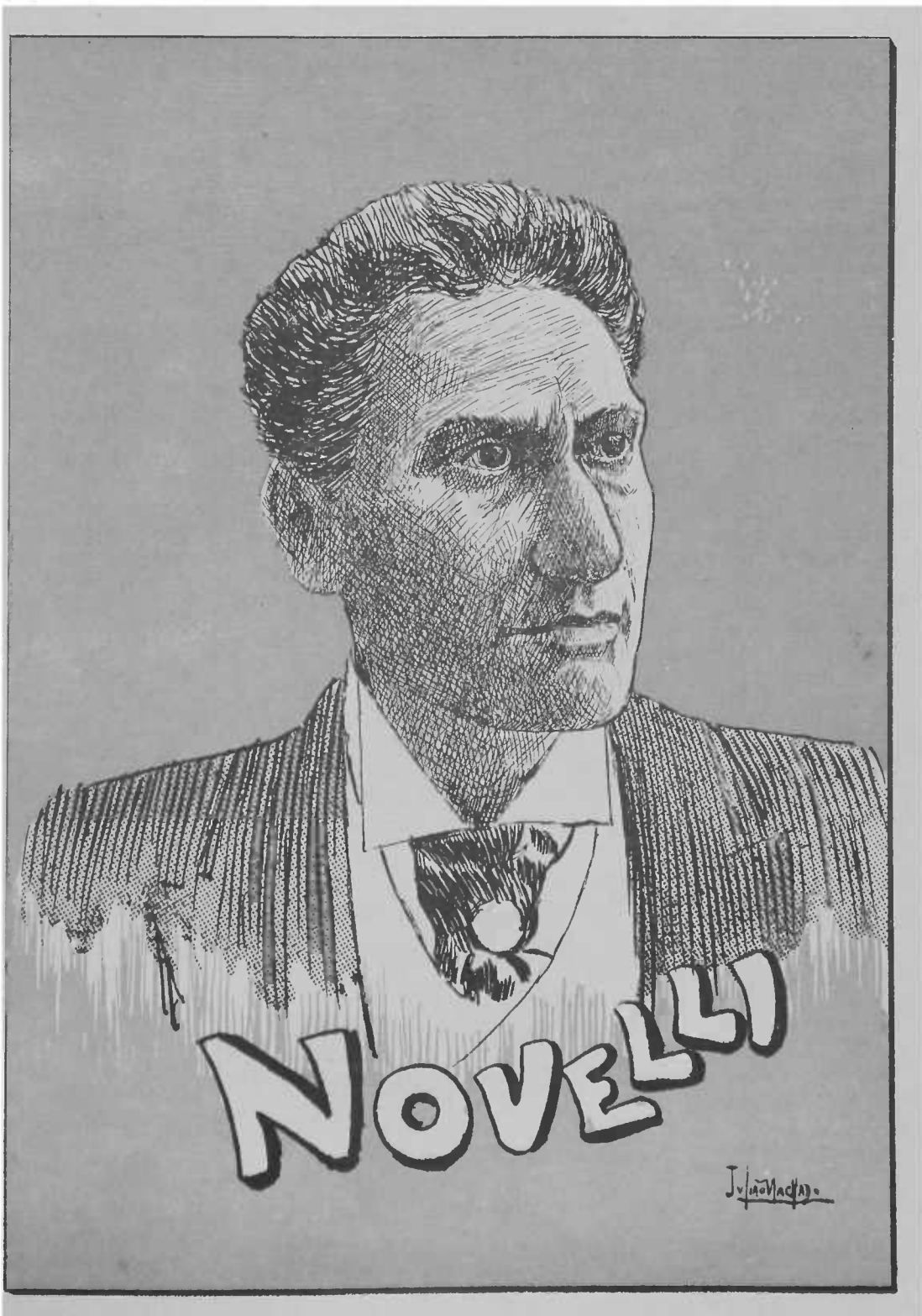
## A CIGARRA

O romance *Miragem*, de Coelho Netto, editado por Magalhães (Livraria Moderna) é, além de um successo de livraria, um successo litterario. Aqui transcrevemos o que Machado de Assis d'elle escreveu, na sua ultima *Semana da Gazeta*:

« Como não se ha de escrever só historia, aqui está Coelho Netto, romancista, que podemos chamar historiador, no sentido de contar a vida das almas e dos costumes. E' dos nossos primeiros romancistas, e, geralmente, dos nossos primeiros escriptores; mas é como auctor de obras de ficção que ora vol-o-trago aqui com o seu recente livro *Miragem*. Coelho Netto tem o dom da invenção, da composição, da descripção e da vida, que coroa tudo.

O derradeiro encontro de Thadeu e da mãe é pathetico. Os personagens vivem, interessam e commovem. A propria terra vive. A miragem, que dá o titulo ao livro, é a vista illusoria de Thadeu, relativamente ao futuro trabalhado por elle, e o desmentido que o tempo lhe traz, como ao que anda no deserto.

« Não posso dizer mais; chegaria a dizer tudo.»







A' policia continuam a chegar, n'uma chuva que não tem fim, notas falsas de cem e de duzentos mil réis.

A principio, um negociante recebeu uma nota de cem mil réis, trocou-a, e, quando reconheceu que era falsa, desmaiou: esteve ás portas da morte, com seis medicos á cabeceira. E toda a cidade, alarmada, commentou o caso, durante essas vinte e quatro horas fataes.

Mas, nas vinte e quatro horas seguintes, appareceram mais duas notas falsas. No terceiro dia, oito notas. No quarto, deseseis. No quinto, trinta e duas. No sexto, sessenta e quatro. No setimo... Uma chuva, uma verdadeira chuva!

Já não tem conta as cedulas que não valem nada. Todos os jornaes as expõem espectacularmente nas suas vitrines; ainda hontem, fui achar um homem estatelado, á porta da *Gazeta*, murmurando: «que pena que sejam falsas!»

Tambem, o alarma publico passou. A gente habitua-se a tudo quanto é falso.

As dentaduras postizas encommoam muito na primeira semana. Na semana seguinte, já a gente come tão bem com os dentes de hoje, como comia com os dentes de hontem.

Porque, pois, não hade o dinheiro falso, com o tempo ficar valendo tanto como o verdadeiro?



Hoje, em qualquer casa de commercio, em qualquer banco, é commum ouvir-se isto: —O contador é chamado pelo seu superior:

— Quanto ha em caixa?

— Sessenta contos.

— Contou bem?

— Sim, senhor! ha dez contos em notas verdadeiras e cincoenta em notas falsas.

— Como? dez contos em notas verdadeiras? é impossivel!

Vá fazer nova verificação.

D'ahi a dez minutos, volta o empregado:

— Já verifiquei! dez contos em notas verdadeiras.

— Que desmoralisação para a nossa casa! Ponha-me já na rua essas notas! Não quero essa pouca-vergonha debaixo do meu tecto!



Ante-hontem, estava eu na joalheria Luiz de Rezende, quando entrou a baroneza K. Examinou detidamente as ultimas joias chegadas, decidiu-se por uma esplendida *rivière* de rubis, abriu a carteira, e apresentou ao vendedor oito contos em notas de quinhentos.

O vendedor, depois de examinar as notas:  
— Oh! minha senhora! pagará depois! pagará depois!...  
— Mas, para que, senhor, se tenho aqui o dinheiro?  
— Perdão, senhora baroneza: essas notas são verdadeiras! escandalosamente, impudentemente verdadeiras! Pagará depois, quando tiver notas falsas!... Prefiro fazer-lhe credito!



E assim vae a vida, a nossa vida de hoje, que é toda falsa, e, por isso mesmo, deliciosa.

Confesso que aprecio immenso essa situação dos nossos negocios. Podem espantar-se á vontade! — eu só gosto do que é falso.

Abomino a Natureza. Amo a Arte. Prefiro a rua do Ouvidor á floresta da Tijuca. Acho detestavel uma mocinha de quinze annos, quando a vejo embrulhada n'um desgraçado vestido de chita rála. Acho adoravel uma sexagenaria, quando a vejo embrulhada na vaga neblina cheirosa e cara das rendas de Malines e de Alençon.

O meu amor do artificio, vae mesmo até este ponto: só tolero as mulheres que se pintam. Gosto de vel-as, carregadas de grossas camadas de tinta.— esplendidas paysagens vivas — provando que a Natureza póde ser vencida e excedida pela Arte. Oh! que bellas! que bellas! essas variegadas senhoras, que parecem ter sahido das mãos do Henrique Bernardelli ou do Parreiras!

E já repararam como ficam bem, nas senhoras elegantes, as anquinhas callipygianas? Estou mesmo em dizer que o alicerce da belleza é... o chumaço.



Abaixo o verdadeiro! Platão disse em má hora que o bello é o esplendor da verdade.

Que horror e que tolicé! Meditem sobre isto: apanhem uma minhóca,— (notem que a minhóca é uma das poucas cousas verdadeiras da terra!) e ponham-n'a ao sol: ella esplenderá. No emtanto, quem ha que diga que é bella essa verdade esplendida?

O falso é a revolta digna e nobilitante da creatura contra o creador. Deus faz o homem myope: que faz o homem? compra um pince-nez bi-concavo e corrige Deus!

O governo faz dinheiro verdadeiro. Que faz o governado? Revolta-se contra esse monopolio odioso, compra uma machina lithographica e faz concorrencia ao governo!



Como isto eleva a gente no proprio conceito!

Dir-me-ão que quem d'esse modo faz concorrencia ao Thesouro Nacional, em vez de ir para o Pantheon, vae para a Detenção.

Pois sim! Mas, isso que tem? Já se sabe que não tem limites a injustiça humana!

Na idade mythologica, Prometheu,— que é symbolo do ideal do Homem,— achou que era um grandissimo desaforo ter Jupiter o monopolio do fogo celeste. Com o auxilio da benemerita Pallas, subiu ao céu e roubou o fogo. Jupiter urrou. Mandou chamar Mercurio,— que nesse tempo era como quem diz hoje um policia secreta,— e ordenou-lhe que amarrasse o ousado ao Caucaso. Um abutre ficou encarregado de roer dia e noite o figado do Bemfeitor dos Homens.

Mas veio Hércules, e libertou o semi-Deus, e todos os poetas da terra desataram a glorificar Prometheu, martyr do seu Ideal.



Que importa, pois, que a Policia amarre os falsificadores de notas ao Caucaso da rua Frei Caneca? A Posteridade vingará essa affronta.



Abaixo o verdadeiro! A verdade só vive bem no fundo do seu poço tradicional. Cá fóra, a este vivo sol de agosto, vive bem a Mentira,—formosa rapariga, fonte de todo o gozo, nascente de toda a belleza, manancial de toda a felicidade....

*Fantasio.*

## A Minha irmã

Alma de luz no calice de um lyrio,  
Fragil, mimosa, transparente e pura,  
Velando sempre, ao pé do meu martyrio,  
A vêr se abranda a minha desventura!  
Como eu te adoro! como est'alma aneja  
Por te guiar os passos indecisos!  
Quando sorris, meu coração receia  
Que se estiole algum dos teus sorrisos.

Tão debil és, que a propria luz que trazes  
Parece as tuas azas molestar,  
E, com tocar a flor, de leve, fazes,  
Antes de tempo, a flôr desabrochar...  
A tua vida é um sanctuario cheio  
De santos, de missaes e de oblações,  
Em cujo altar um dia um poeta veio  
Offerecer as suas orações.

— Doces reminiscencias do passado  
Na caçoula da fé que incende o Occaso,  
Doirando um arrebol, quasi apagado,  
E umas ruinas de flôr quasi sem vaso!  
Tu ouves gorgear as aves calmas,  
E eu ouço ao longe o pracebo dos mortos.  
Que contraste entre as nossas duas almas  
N'uma —confortos, n'outra—desconfortos!

Iluminas o alfoz das serranias  
E perfumas as sombras dos painéis,  
Transformando em divinas harmonias  
O que derramo em lagrimas crueis.  
Fechas ao sol a lucida corola,  
— Lyrio, cuja raiz é a propria luz—  
E vaes de barcarola em barcarola  
Desabrochar aos pés da minha cruz.

Um rumor subtil de anjos os teus passos  
Ouve sorpreso e a musica accelera,  
E prende duas azas aos teus braços,  
Como as que usa em Outubro a primavera.  
Alvorisam-se as pombas, se traspassa  
A tua dhulia um mysterioso canto,  
Que reflectindo toda a tua graça  
Guarda, comtudo, o saibo de meu pranto.

E's minha irmã. A dôr que sinto e avivo  
Acorrenta-me aos tredos escarceos.  
Se por um lado me rétem captivo  
A lembrança ineffavel de outros céos,  
Por outro lado a alma se me despenha,  
Por precipicios, por desillusões!...  
Não ha no mundo, minha irmã, quem tenha  
Mais saudades e menos illusões!

P'ra que esse mundo tumular acorde  
Basta ouvir o rumor de um triste verso,  
Basta que a taça do ideal transborde  
P'ra que resoe em requiens o universo.  
Em Maio o alvearco astral, constantemente  
Rutila, e a luz espalha pela serra.  
O coração tambem do adolescente  
Tem esse dom e esse fulgor encerra.

Tu dormes e eu te velo o somno, e aspiro  
Do casto somno o aroma celestial,  
Receioso que a duvida que inspiro  
A' alma dos bons, te possa fazer mal.  
Eu sou na terra o bonzo da descrença,  
Tu —a divina encarnação da fé.  
Teu vôo excede os páramos da crença.  
E o meu se arrasta com um moutão ao pé.

A hostia te cerca do clarão dos santos  
E enche-te a voz de antiphonas e preces,  
Por isso o espirito hybernal das plantas  
Com pena acolhes, com piedade aqueces.  
Esse recolhimento em que te engolphas,  
Essa suprema ingenuidade d'alma,  
Com arrulhos de estancias e de solphas,  
Meu plectro inspira, minha angustia acalma.

Guarda estes versos que não dizem nada,  
Guarda estas rimas que não têm fulgor;  
São flôres que apanhei na minha estrada  
Para a pronuba noite de outra flôr.  
Guarda-as entre as imagens mais queridas,  
Guarda-as entre os retratos de teus paes,  
Porque estas urnas, uma vez partidas,  
Oh! minha irmã, não se concertam mais.

Desterro, 25 de Janeiro de 1894.

*Luis Murat.*



Ecila Worms, a fina chronista de modas d'O Pais, no seu artigo de sabbado ultimo, protesta calorosamente contra o máu habito que teem agora as senhoras de se carregarem de fazendas escuras e pesadas. E faz a apologia das musselinas e das rendas, claras e leves, que envolvem a mulher n'uma como nuvem de sonho, perfumada e diaphana. Bravo! A Cigarra, que tantas vezes tem posto as suas columnas ao serviço d'essa propaganda, fica cheia de orgulho por vêr as suas idéias defendidas por uma professional. Ha porventura nada mais triste, mais revoltante, mais hediondo que vêr os trinta annos de uma mulher bonita abafados sob uma montanha de lãs negras? A mulher vestida de negro parece um feretro.

Tambem Ecila Worms, tratando do bello livrinho de Mary Card, *A belleza*, agora sahido das officinas Lombaerts, condemna, com palavras sagradas e colericas, as tinturas para o cabelo, os cold-creams, os kols, com que as senhoras estragam a pelle. Ainda uma vez, bravissimo, gentil Ecila! Verdade é que, n'este mesmo numero d'*A Cigarra*, Fantasio diz que ama as mulheres pintadas. Deixa-o lá, senhoras minhas! *Fantasio* é filho do estranho matrimonio de um Paradoxo com uma Blague; elle diz aquillo dos dentes para fóra... para fazer phrases:

Nada de pintura! e nada de fazendas escuras!



SALISBURY — ESPECIE DE FREGOLI



Mim sou rata 1ª, rata 2ª, rata 3ª, rata 4ª... Todas as ratas.



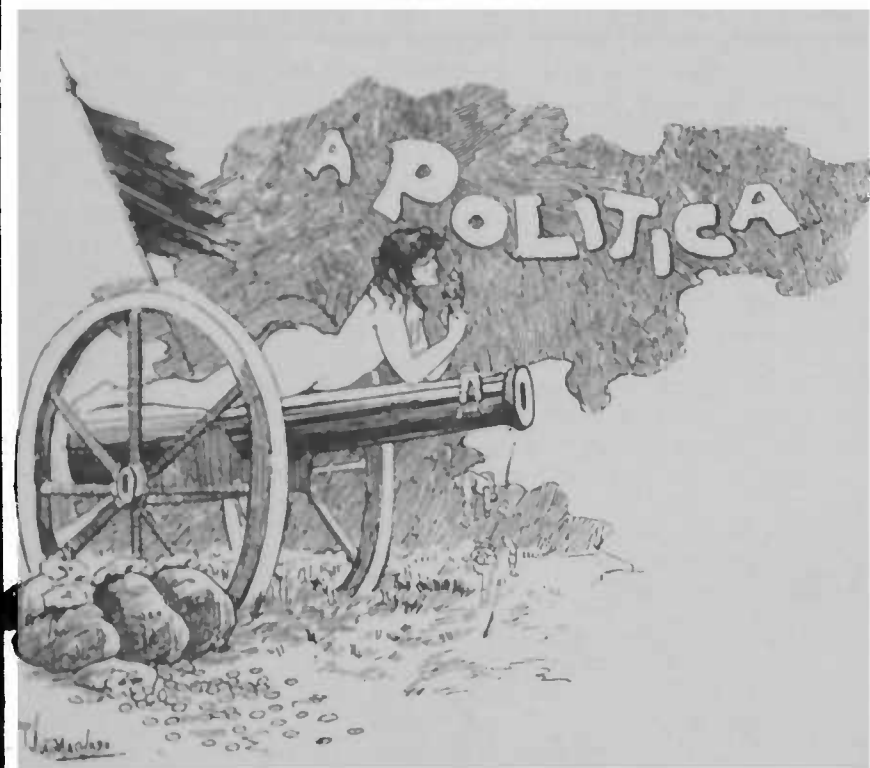
A PAZ



NILO MACHADO.

— Ora, ahi tem os Srs. uma damia que se fazia rogada e que mal chegou se atirou ao champagne que foi um louvar a Deus.





Agora, as discussões da Camara e do Senado correm mais calmas. Já não se fala em Pico do Diabo, nem em fuzilamentos, nem em cadaver de Saldanha, nem em kilometro 65, nem em dególas do Campo Ozorio. Trata-se hoje de cousa mais bella, e, ao mesmo tempo, mais importante: trata-se do decreto que estabelece para o presidente da Republica o uso de uma insignia, com que s. ex. deverá comparecer ás diversas cerimoniaes officiaes, de luto ou de festa.

Como se vê, isto é serio. Se o projecto for adoptado, já ninguém, na rua ou no theatro, em carro ou em bonde, confundirá s. ex. commigo ou com outro qualquer cidadão, não investido do supremo poder federal.



Graças a Deus, já esta gente vae comprehendendo que commenda é cousa que se não dispensa. A Constituição, prohibindo aos cidadãos do Brasil que aceitassem honras, commendas, condecorações e quejandas dignidades, sob a pena de perda dos direitos civis, desgostou summamente esses cidadãos. Porque, emfim, amigos! o homem do Brasil ou da Patagonia, do Zambeze ou de Pariz, da Nova-Zelandia ou de Tomsk—é um poço de vaidade. Sem commenda, não ha vida. Mais vale um pendurucalho no peito que um logar garantido por toda a eternidade na côrte celeste. D'aqui não ha sahir.



Quereis a prova? Quando os Brasileiros viram que não havia mais Rosa, nem Christo, nem nada, atiraram-se ás honras militares e aos postos da Guarda Nacional como gatos a bofes.

Quem queria ser cavalleiro de Christo, consolava-se, sendo tenente de cavallaria. Quem aspirava á fita da Legião de Honra, contentava-se com o posto de general de brigada.



Logo em começo da Republica, houve a ideia de fundar a Ordem de Christovão Colombo. O partido constitucional rugiu indignado. E a ideia morreu. Foi então que houve a luminosa ideia de militarizar a vaidade humana. Hoje, quem não tem galões,— não tem credito, nem amores, nem consideração publica, nem nada. Ter tres galões é o meio mais seguro de conquistar o senhorio, ou a vizinha, ou o alfaiate, ou uma cadeira de deputado. D'aqui a pouco tempo, citar-se-ão, apontando-os a dedo, na rua, os cidadãos que não forem militares. Serão esses as girafas, os hyppopotamos, os animaes raros do Brasil.



E como, n'esse tempo, já o barão de Drummond terá desprezado o Jardim Zoologico, aproveitar-se-á o formoso parque para asylo d'esses pobres cidadãos. Sobre o portão de entrada, gravar-se-á este letreiro expressivo: « Jardim Civil, entrada mil réis. Phenomenos nunca vistos! cidadãos despercebidos de honras militares! Ver para crêr! »



Mas já estou affastadissimo das intenções d'este artigo. Volvamos ás insignias presidenciaes. Que insignias serão essas? Dizem que consistirão n'uma faixa auri-verde, tendo gravadas em seda as armas da Republica.

Não estou de accordo. Pelo que acima fica dilatadamente expellido, todo o mundo deve ver que não sou contrario á ideia de que o presidente da Republica deva, de um modo ou de outro, differencar-se do resto dos mortaes. Mas, d'ahi a concordar com essa historia de faixa, vae um abysmo.

Presidente de Republica não é subdelegado da roça. Isto de faixa é bom para imperador do Divino Espirito Santo. E auri-verde, ainda por cima! E com as armas da Republica! com essas armas mal feitas, violenta e crúamente pintadas a varias cores, sem character, sem estylo, sem desenho, sem arte!



Querem que o presidente da Republica não possa ser confundido, quando sahir á rua, com os outros homens? E' facil! Deem-lhe carruagens de luxo, cavallos de raça, augmentem-lhe a casa militar, deem-lhe um sequito numeroso e garrido, obriguem-n'o a dar bailes e recepções seguidas. Mas, pelo amor de Deus! não o obriguem a andar com o peito entalado em uma faixa de seda, como um porta-estandarte de sociedade musical....

L. F.







Estão indignados os chronistas theatraes. Porque? Primeiro, porque o *S. Pedro* é circo. Segundo, porque o *S. Pedro*, não contente com ser circo, é chiqueiro, uma vez que lá dentro andam agora a fazer trabalhos difficeis não sei quantos porcos amestrados. Palavra de honra! não vejo motivo para tamanha indignação.



*F. C.*, o scintillante *F. C.* das *Notas de um Simples*, na *Noticia*, contou na sexta-feira o seguinte caso, cuja applicação é facil fazer: « Certa vez, ouviu um conhecido escriptor dramatico de um dos nossos empzezarios, com quem entretinha relações de intimidade, que uma peça do mesmo escriptor estava no caso de ser representada em circo de cavallinhos, ao que o auctor acudiu logo, fazendo notar que não seria esse o seu primeiro trabalho exhibido por animaes. Gracejo pesado, de parte a parte; mas a satyra teria talvez fundo de verdade. Ainda mesmo esquecendo o porco, fica o acrobata, o funambulo, o palhaço. Certamente é triste vel-os trabalhar na casa destinada ás n taveis creações da litteratura e da arte dramatica. Mas, em boa consciencia, são os palhaços, os funambulos e os acrobatas de Frank Brown os primeiros que conspurcam o nobre e bello theatro de João Caetano? »



*F. C.* não disse mais. Comprehende-se. Não quiz offender a finguem. Mas, eu, quando nasci, não trouxe papas na lingua. Estou aqui para dizer tudo quanto me vem á flor dos labios. E, pois, digo que tão porcos são os bácoros que fazem parte da *troupe* Frank Brown como os homens que concebem e representam cousas como *Sal e Pimenta* do sr. Souza Bastos, — depositos de asnidades revoltantes e de obscenidades crespas. Esta é que é a verdade. Os chronistas ficam indignados quando veem um porco amestrado, fossando e grunhindo, deshonrar o palco em que outr'ora representava João Caetano. Mas, quando uma *troupe* de pornographos faz cahir sobre esse palco a chuva mais abundante das mais obscenas chalaças, parecê que os chronistas não julgam deshonrado o theatro das glorias de João Caetano. Pois sim!

Agora, antes de passar a outro assumpto, permittam-me que, por amor da verdade, diga: são também bácoros, e bácoros de lei, as pessoas que vão assistir a essas borracheiras. D'onde se conclue que tudo é porco: *Sal e Pimenta*, *Frank Brown*, e publico.



A gentil Augusta Cordeiro, no *Apollo*, fez, segunda-feira passada, beneficio com a *Grã-Duquesa de Gerolstein*. Fui passar a minha noite no *Apollo*. E não me arrependi. Matei as saudades que tinha da deliciosa partitura do grande e desopilante Offenback, e tive occasião de dar uma roda de applausos bem merecidos a Augusta Cordeiro. Bravo! Com uma grã-duqueza tão *chic*, eu, se fosse o analphabeto Fritz, não careceria de saber ler para, não só reger uma escola publica, como rimar toda uma serie de sonetos apaixonados.



Para terminar, uma noticia que me encheu de espanto: A actriz Lopiccolo obteve o primeiro premio no concurso de belleza organizado por um jornal que se chama *Palhaço!* (oh! decididamente, o nome é uma voz com que se dão a conhecer as cousas!)

A Lopiccolo primeiro premio de um concurso de belleza! *Où diablé la beauté va-t'elle se nicher!*

*Buck.*



No proximo numero daremos uma poesia inedita de FELINTO D'ALMEIDA.

Recebemos uma bella prova do admiravel diploma do Academia de Bellas-Artes, cuja execução foi confiada ao nosso grande pintor Rodolpho Amoedo.



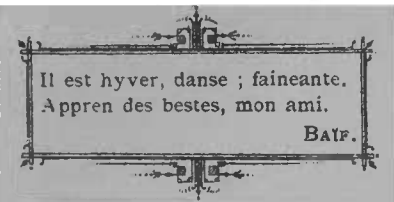
AS DE 100\$000



JULIO MACHADO.

— Escuta cá, espera um pouco !... Esta nota é falsa !  
— E tu ?...





# A CIGARRA

## CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

ANNO (52 numeros) . . . . .	48000
OTOMEZES (até ao fim deste anno) . . . . .	32000
SEMESTRE (26 numeros) . . . . .	25000
NUMERO AVULSO . . . . .	1000
SUPPLEMENTO . . . . .	500
NUMEROS ATRAZADOS . . . . .	1000
SUPPLEMENTOS ATRAZADOS . . . . .	1000

HEBDOMADARIO illustrado por *Julião Machado*

Redacção de *Olavo Bilac*,

Propriedade de *Manoel Ribeiro*

ESCRITORIO e REDACÇÃO  
115 Rua de Ouvidor 115

ANNO I

Rio de Janeiro, Quinta-feira, 22 de Agosto de 1895

N. 16

## CIGARRAS

# A CIGARRA

E' talvez cedo para adiantar aos leitores alguma coisa sobre uma sorpresa que lhes queremos fazer... Mas *A Cigarra* é um animal estupendamente indiscreto... Imaginem que, quando for inaugurada a estatua de José de Alencar, cuja execução foi confiada ao nosso grande Rodolpho Bernardelli...

Já estão suppondo que daremos a reproducção da estatua, o retrato de Alencar e de Bernardelli... Pois sim!... Esperem e verão! A cousa é outra. Por ora... tratemos de outra cousa.

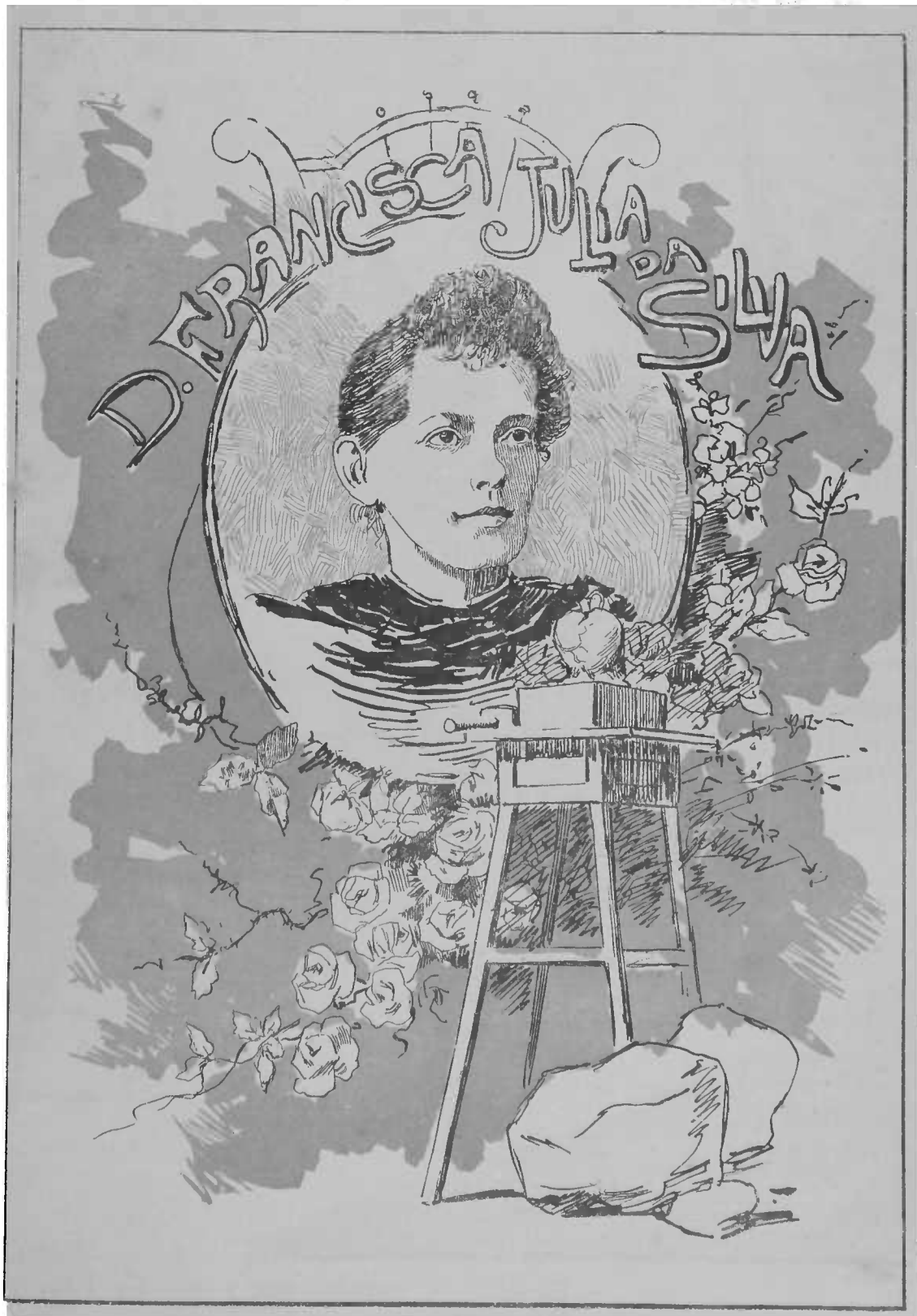


Teixeira de Souza, o nosso distincto companheiro de imprensa, ha tanto tempo affastado do jornalismo escreveu á *Cigarra* uma adoravel carta, acompanhando uns bellos versos. O nosso proximo numero dará carta e versos,—o que com certeza o publico nos agradecerá penhorado.

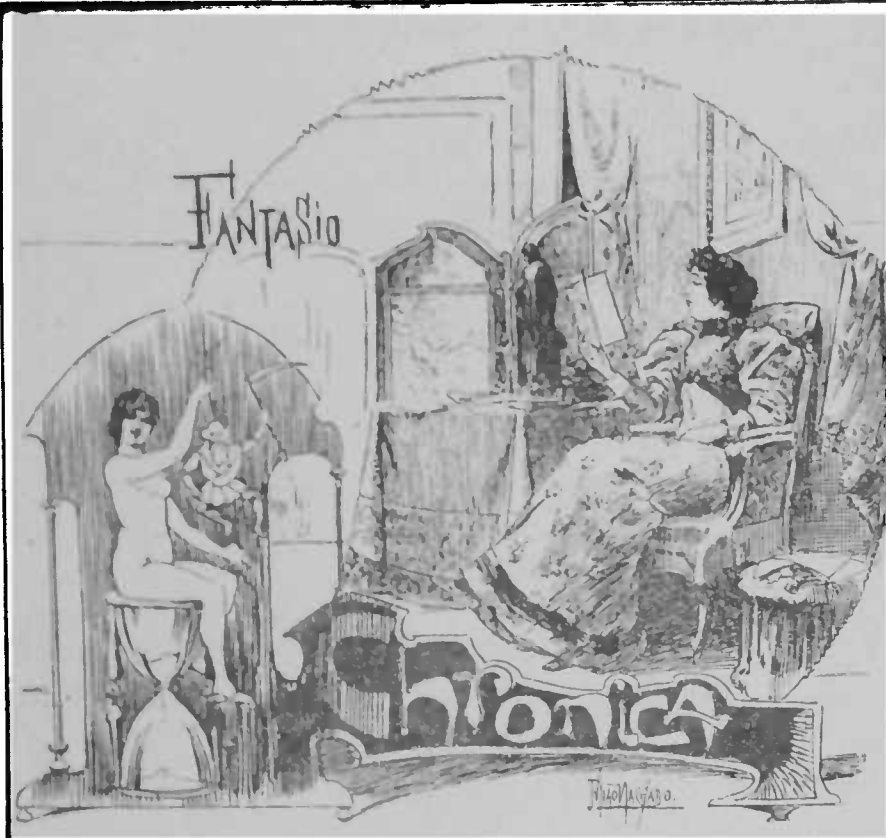


No passado numero, noticiámos o apparecimento da *Miragem*, romance de Coelho Netto. E já aqui temos um volume do *Rei Phantasma*, do mesmo auctor, editado pelo mesmo Magalhães.

Falta de espaço e de tempo não nos deixa dizer hoje mais longamente do ultimo trabalho do illustre collaborador d'*A Cigarra*.







Como foi mesmo? Não tenho aqui á mão o meu amigo Mello Moraes Filho. Além d'isso, não posso agora deixar o trabalho, e, através da chuva hedionda que cáe, marchar até o Archivo Publico, afim de perguntar a esse paciente investigador das tradições populares do Rio de Janeiro as origens da festa de Nossa Senhora da Gloria.

Como foi mesmo? Ha um romance de José de Alencar em que esse caso é miudamente contado. Mas não é preciso saber como teve origem essa festa genuinamente fluminense a que toda a população carioca fielmente accorre ha meio seculo.

\*\*\*

Eu,— carioca como ninguem, e como ninguem amando os usos da minha cidade amada,— fui tambem, na quinta-feira passada, fazer uma visita piedosa á linda capella do Outeiro, toda branca sobre o morro verde, dominando, como uma benção, não só toda a casaria de em torno, como toda a paisagem,— a cidade, os cáes em que os bondes se arrastam, e o largo mar azul, coalhado de navios de guerra e de mercancia, de lanchas, de batelões, de escaleres, e semeado, aqui e alli, de fortalezas e ilhas,— a das Cobras primeiro, depois Willegaignon, a gloriosa!, a Fiscal depois, ostentando (a idiota!) a ignominia da sua architectura disparatada, e, lá para a entrada da barra, a pequena Lage... oh! a grande Lage! a espantosa Lage, senhora ilha do meu especial cuidado, porque n'ella já purguei, durante mezes, **OS MEUS CRIMES POLITICOS** (\*)...

\*\*\*

Subi piedosamente a ladeira atapetada de folhagens de mangueira. Cá em baixo, no largo, todo afestado de bandeirolas festivas, deixei o coreto garrido, em que uma banda de musica tocava.

De lado a lado da ladeira ingreme, mendigos chaguentos imploravam esmolas. Como é triste ver uma perna engrossada de elephantiasis ou um nariz roido de cancro, n'uma ladeira enfeitada, cheia de povo endomingado, que faz alarde da sua saúde e das suas roupas de luxo!...

Varios romeiros levavam pernas, narizes, braços e cabeças de cera. Docé usança das *promessas*! Quem soffreu,

(\*) Peço ao compositor que escreva isto: *Os meus crimes politicos* — em typo grosso. Eu exijo que a Posteridade saiba que já fui criminoso politico!

leva a Nossa Senhora a memoria dos seus soffrimentos convertida em-cera, que, convertida em vélas, alumiará o altar da Meiga Consoladora, ardendo diante della, como, abrasada de fé, arderia a propria alma do offertante!

A quando e quando, passava por mim uma creança, bem vestida, mas descalça, magoando no cascalho miudo e cortante os pésinhos brancos. Outra sorte de promessa...

\*\*\*

Em cima, no adro espaçoso, a multidão se apertava. O mar ao longe, agitado e escuro, roncava. Um céu baixo e negro pairava sobre a ermida,—um céu de chuva. Mas, no alto da torre, o sino grandê, circulado de flores, badalava, n'uma grita clara e pausada; e em torno delle, sinos pequenos, como vassallos em torno de um senhor, acompanhavam o seu clamor solemne com um clamor alacre, fino, repetido, alegre, n'um vozear de creanças.

Não sei que doçura me invadio de repente esta alma—tão suja de descrenças e de desesperos!—quando, entrando o portico, me vi dentro da capella; e vi as flores que pendiam da abobada, cobriam os candelabros, guirlandavam as tribunas, e inundavam o pulpito; e vi, dentro de um milhão de luzes, a Senhora Gloriosa, mãos espalmadas para a benção, olhando a multidão que se agitava recolhida, como um oceano mudo...

\*\*\*

A chuva cahio. Não quiz o céu, naquella meiga tarde de quinta-feira, que o povo pudesse enxuto prestar homenagem á sua querida Padroeira.

Mas, até dez horas da noite, o povo patinhou na lama, escorregou nas pedras da ladeira, esmagou-se e atropellou-se no adro. E quem passava cá em baixo via agitar-se aquelle mar negro de guarda-chuvas molhados e lustrosos, ondeando, morro acima e morro abaixo, subindo com a ancía de visitar a Milagrosa, ou descendo com o consolo de a ter visto e de ter depositado aos seus pés uma esmola para a sua cera e uma oração para a sua gloria.

\*\*\*

Que é isto? estou ouvindo risadas... E' algum leitor incredulo que chasqueia do meu mysticismo... Ah! ride á vontade! Dentro de um coração de chronista chocam-se absurdamente creanças e descrenças, esperanças e scepticismos, illusões e desillusões. Deus perdoa um seculo de peccados por um minuto de verdadeira fé.

*Fantasio.*

*P. S.—Mot de la fin.* Em uma casa de jogo. Meia noite. O banqueiro, talhando as cartas para um novo lance de *baccarat*:

— Pois é como lhes digo! Tive hoje uma grande masada: levei minha mulher á Gloria.

Um ponto, que tem perdido muito, cravando os olhos no banqueiro, com rançor:

— Pudesse eu fazer-te o mesmo, canalha!

F.







## ALMA PRIMITIVA

Do bello livro de Magalhães de Azeredo *Alma Primitiva*, agora exposto á venda pelos editores Cunha & Irmão, e que *A Cigarra* vivamente recommenda aos seus leitores, des tacamos o seguinte trecho, que é do formoso conto *Ashavero*:

« E sorria-lhe, então, no futuro, atravez das lagrimas da nostalgia, o regresso á terra natal, o regresso triumphante e glorioso, realçado pelos esplendores da fortuna, nobremente conquistada, á força de privações e sacrificios... Por isso, á hora das despedidas, quando um cardume de barcos multicores cercava ainda o *Aventuriere*, na enseada placida de Genova, um *sursum corda* de inexpugnável esperança lenia as maguas do adeus e as sombrias apprehensões do exilio.— Voltai depressa! voltai depressa! — era a phrase repetida em todos os tons pelos que ficavam. E os que iam partir respondiam:— Sim, sim, voltaremos! — Clarões de ternura e confiança rutilavam em todos os olhares; e só rapazinhos imberbes, tímidos, apartando-se das mãis desoladas, choravam amargamente como ellas.

Na prôa, entre saccos de provisões, malas velhas, caixotes de pinho, velas estendidas, cestos de fructas, a multidão se agitava. Era uma tagarellice constante, um alarido infatigavel, que um dos officiaes, moço bem educado, de sociedade fina, declarava positivamente de máo gosto e baixos costumes. Uma Babel! uma Babel! — resmungava, irritado nos seus habitos de discreção aristocratica. Os emigrantes riam alto, trocavam grosseiros remoques e amabilidades rusticas; jogavam cartas e moedas; de quando em quando, uma canção patriótica, vibrante de enthusiasmo juvenil, dominava os rumores confusos:

Addio, Italia, addio!...

Ou leves trovas castelhanas soavam, gorgeadas por uma *trigueira manola* perdida de paixões, vertendo pelo ambiente effluvios de ternura:

Dejame pasar, que voy  
A buscar la agua serena,  
Para lavarme la cara,  
Que han dicho que soy morena...

Rixas rebentavam ás vezes, por questões de jogo ou de mulheres; um calabrez mal encarado e rusguento chegou a puxar o punhal contra um fraco menino de quinze annos, por uns miseraveis soldos perdidos na *testa o croce*. Mas o commandante interveio, severo e decidido:—Cuidado! mando-te para o porão, a ferros!—E taes casos não succederam mais.

Ao anoitecer, iam expirando pouco a pouco as vozes; a mesma tristeza calada e recolhida cahia sobre todos. Pungia-os mais viva, mais profunda, a recordação da patria, da aldeia distante, das searas louras, do campanario natal, d'onde, a essa hora, o sino plangente chamava os fieis ás preces da tarde e do cemiterio antigo, em cujo solo repousavam, sob cruces singelas vestidas de musgo e flores, as cinzas dos pais e avós... Emigrantes, marujos, officiaes, se ajoelhavam em torno do capellão, ante a imagem da *Maler dolorosa*, padroeira celeste do navio; e a Ave-Maria, cantada melancolicamente, interrompida pelo pranto das mulheres, acompanhada pelo sussurro longo e monotono das aguas, subia até o firmamento tranquillo, levando a Deus, nas azas da oração, ao impulso da mesma saudade religiosa, todas aquellas almas errantes pelo oceano intermino...

E a noite descia, cheia de sombras e de scismas. Tudo era em paz. Alguns, encostados á amurada, fumando, falando baixinho, contemplavam as vagas, que ennegreciam, e ao mesmo tempo se impregnavam de uma phosphorescencia azulada e tremula.

Dez horas. De prôa a pôpa, de pôpa a prôa escutavam-se, pausados e regulares, os passos do official de quarto. Nos recantos obscuros, apenas se percebiam raras conversas, murmúrios submissos; ás vezes, um choro de criança, que se acalmava lento e lento; ás vezes, tambem, um suspiro forte, de coração que transborda...

O official de quarto ia e vinha, de pôpa a proa, de prôa a pôpa.

Addio, Italia, addio!...

cantava uma voz juvenil... E o official tinha um sorriso nostalgico, rememorando a sua velha Parthenope... O' sonoras ondas de Sorrento! ó laranjaes floridos de Ischia!...

A *manola*, perdida de paixões, modulava sentimentalmente — em sonho ou acordada? —

Dejame passar, que voy  
A buscar la agua serena...

E o official regosava as suas orgias de moço em Sevilha, ao estalar das castanholas, aos accordes voluptuosos das *seguidillas* e *malaguenas*, e não sabia o que mais o havia embriagado, se os copitos de Xerez que emborcára, se os galanteios de uma *senorita*—braços de marfim, cintura de vespa—tão seductora a dansar o *bolero*... E, ao voltar, ouvia ainda:

Para lavarme la cara,  
Que han dicho que soy morena!

De prôa a pôpa, de pôpa a prôa...



REPORTAGEM LITTERARIA

Adolpho Caminha, que, logo que appareceu nas letras, conquistou um bello nome com o seu romance *A Normalista*, acaba de publicar, em bello volume impresso na Aldina, as suas *Cartas Litterarias*. N'esses artigos, publicados, não ha muito, nas columnas da *Gazeta* e do *Pais*, o illustre moço, que já tão fino romancista se revelára, revela-se crítico de rara precisão de vista, independente e sincero, aparelhado de conhecimentos serios. O volume das *Cartas Litterarias* nos vem ter ás mãos, quando este numero d'*A Cigarra* vae entrar para o prélo. Por isso é que só podemos dizer delle em meia dúzia de linhas, e recommendal-o — a quantos se interessam pelo movimento litterario de hoje no Brasil. Este é o summario do brilhante livro: *Novos e Velhos, Protectorado de Midas, Emile Zola, Naturalismo ou Cosmopolitismo? A Fôrma, Coelho Netto, Em defesa propria, Fialho de Almeida, Pruga, Musset e os Novos, Uma estreia ruidosa, Norte e Sul, Fome, Editores, A Padaria Espiritual, Lupe, O Indianismo, Poeta e Chromista, A Sombra de Molière, Entre Parenthesis, Pseudo-theatro, Os Oscuros.*



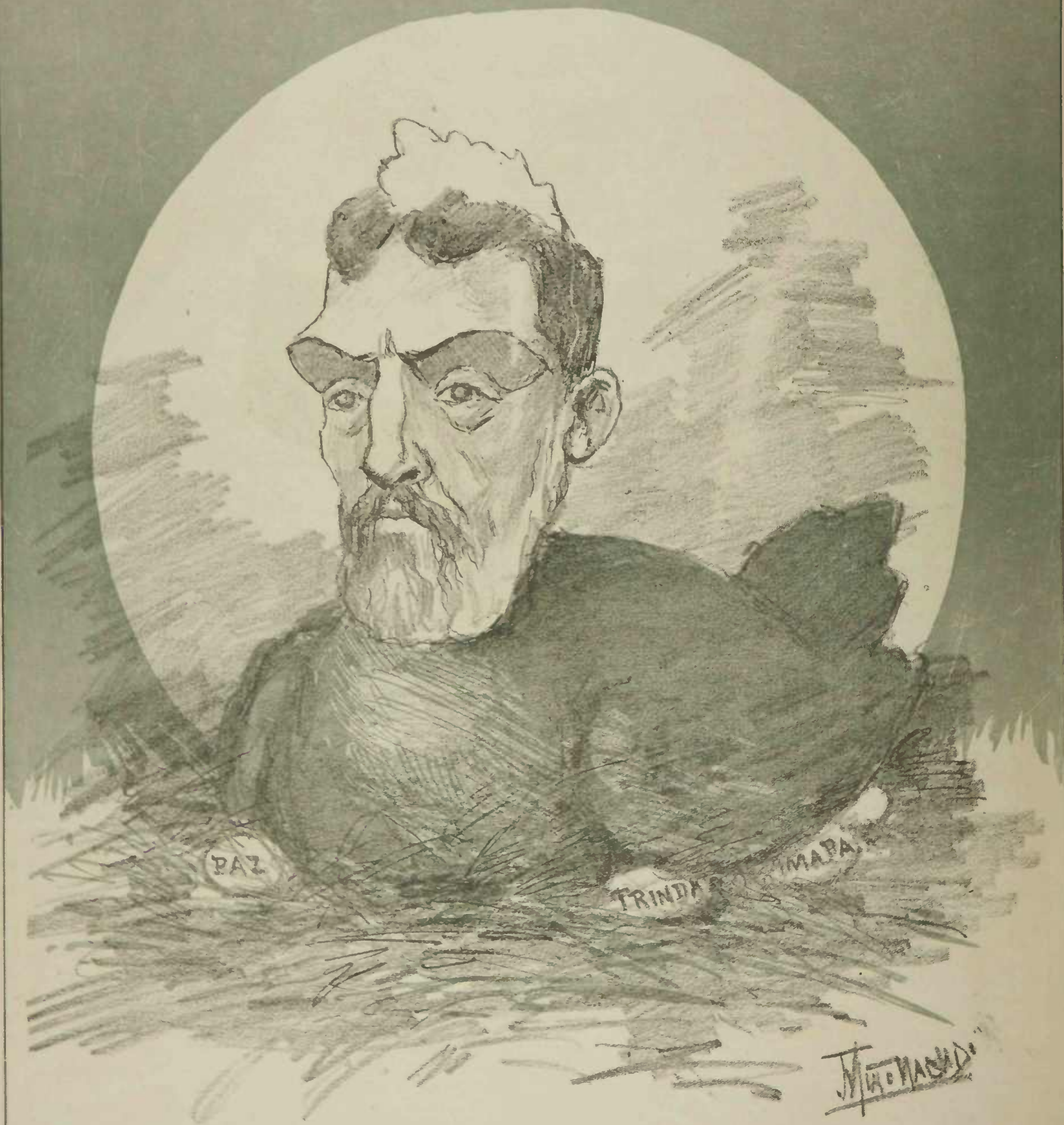
*A Cigarra* não quer deixar de saudar a *Gazeta de Noticias* pela publicação d'*O Defunto* de Eça de Queiroz. Que novella! Nunca o poderoso mestre d'*Os Maias* e do *Crime do Padre Amaro* produziu trabalho de tamanha sobriedade de estylo, de tão espantoso vigor de descripção, e ao mesmo tempo de tão fina subtileza artistica.

Em outro qualquer meio que não o nosso, a publicação d'*O Defunto* faria um successo ruidosissimo. Mas o Rio de Janeiro está unicamente preocupado com companhias de seguros e outras questões igualmente chulas...

Felizmente a *Gazeta de Noticias* reage contra isso. D'aquellas columnas, pôde-se dizer, tem sahido todo o trabalho litterario actual. O livro de Magalhães de Azeredo, *Alma Primitiva*, agora apparecido, foi todo inserido em primeira mão pela *Gazeta*. Lá tiveram tambem a sua primeira impressão quasi todas as *Cartas Litterarias* de Adolpho Caminha.



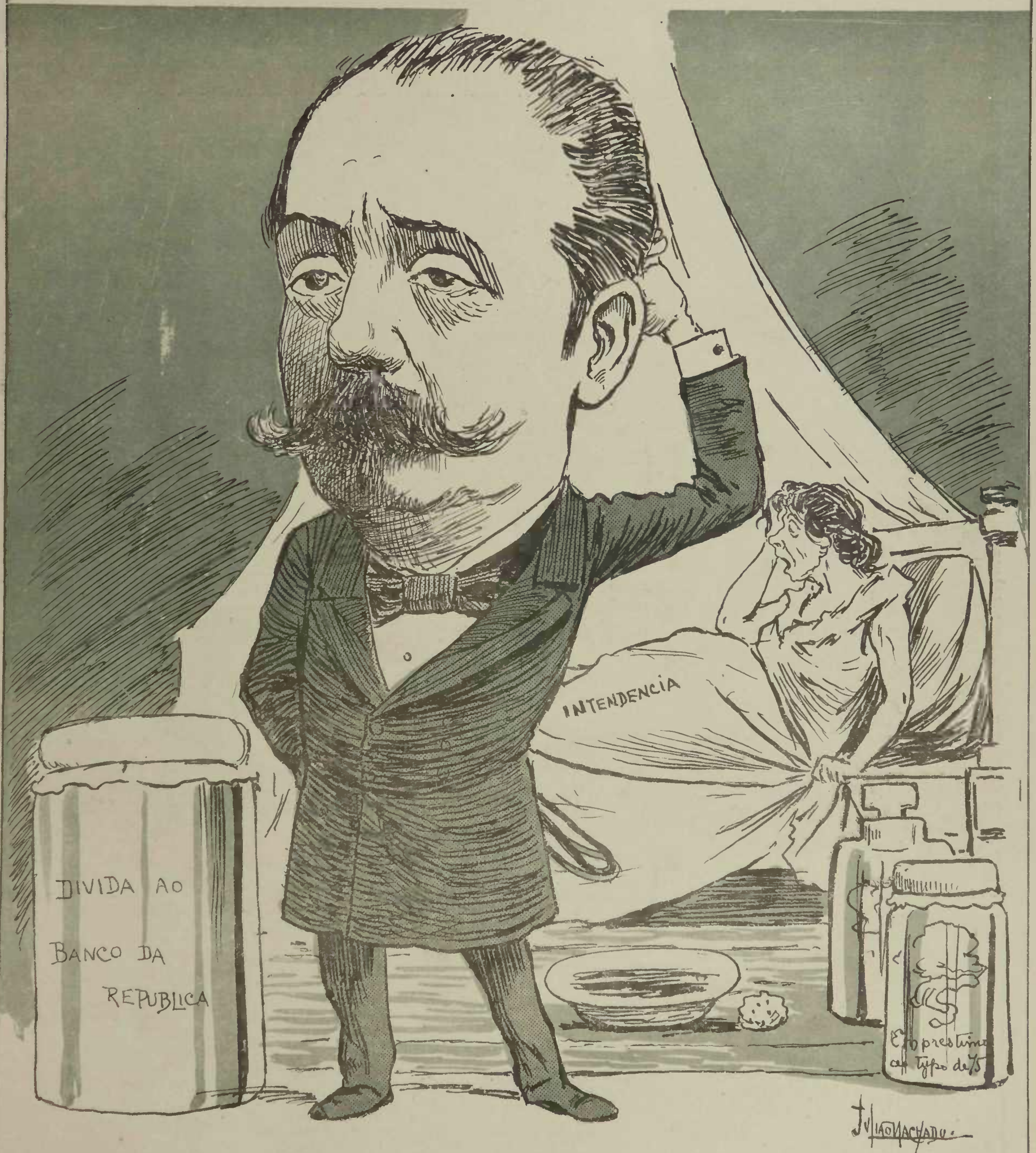
NO CHÔCO



GORARÃO OU NÃO GORARÃO ?



# AS DORES DA INTENDENCIA



MUITO PERFEITO COMO PARTEIRO, MAS POUCO PARTEIRO COMO PREFEITO



Pouco depois de terminada a publicação do romance de Julia Lopes de Almeida *A Viuva Simões*, deu-nos a *Gazeta O Defunto*, e, agora, começa a deliciar-nos com *Céga*, novella de Coelno Netto.

A' grande folha da manhã, que nunca regateiou apoio e remuneração aos homens de letras, felicita *A Cigarra*.  
Que teremos depois de *Céga*?



Ora, vamos ao rei da Suecia e Noruega! Stokolmo dirá quaes os limites das possessões francezas e das brasileiras no extremo norte.

Eu, por mim, confesso que este officio de rei, com todas as suas formidaveis prebendas, não me servia. Porque imaginem os senhores que pavorosa situação é actualmente a situação de Sua Magestade Suéca: obrigada a estudar cousas do Amapá, de que provavelmente nunca ouviu fallar.—Que vem a ser Amapá? dirá Sua Magestade. E, logo depois, com um gesto de enfado: —Que caceteação!

Quanto ás outras contas que temos a ajustar com a França parece que não serão decididas tão cedo. E, quem sabe? talvez fiquem para as Kalendas gregas. Os assassinos de Brasileiros, em Counany, vão ser submettidos aos tribunaes militares da sua patria: e antes da decisão d'esses tribunaes, dizem, a Republica Franceza não attenderá a nenhuma das nossas reclamações.

X

Muito bem. Só tenho uma duvida a esse respeito.

Quando, aqui ha tempos, Buette e outro francez foram fuzilados no sul por ordem de auctoridades brasileiras, a França cahio sobre nós com uma fome notavel de milhões de francos. E não quiz saber de historias. Não quiz esperar que o sr. Moreira Cezar e os outros fossem submettidos a processo militar...

Verdade é que, se a França fosse esperar por isso, esperaria talvez até a consumação dos seculos. Mas, emfim, que diabo! não lhe custava nada esperar... As nações, como os homens, vivem principalmente de esperanças. Quem espera sempre alcança.

Mas, a amiga França não quiz saber de esperanças. Acha que esperanças são boas para nós,—povo de confiados, de resignados, de pacientes.

Vamos esperar!

X

Quanto á Trindade, já se sabe que o governo inglez não nol-a quiz surripiar. Não! a encantadora Inglaterra continúa a ser a nossa boa amiga de sempre!

O que ella quiz foi simplesmente estabelecer alli uma vulgar e modesta estação telegraphica. Mais nada. Não ha de ser por causa de tão pequena cousa que mandaremos o *Aquidabán* bombardear a Inglaterra, nem que a Inglaterra mandará a *Beagle* bombardear o Rio de Janeiro.

Em todo o caso, creio que as cousas vão bem. Sabeis porque? Porque s. ex. o sr. ministro das relações exteriores, supremo arbitro d'estas graves cousas internacionaes, ainda ha poucos dias offereceu a todo o ministerio um lauto banquete. E quando os donos da casa folgam, podem os inferiores dormir em paz, porque com certeza não ha mouro na costa.

D'esse banquete não deu a imprensa noticia minuciosa. Não se sabe se foi jantar de «muita vacca e riso» no dizer de Bartholomeu dos Martyres, ou se foi banquete severo, em que, nos intervallos dos pratos, se liam relatorios e se conjuravam crises e se lembravam meios seguros de salvar a patria. Também não se sabe se o amigo Phipps, ministro inglez compareceu a esse ágape ministerial, que, infelizmente, se revestiu de um carater intimo.

X

Intimo porque? Um ministro é um homem publico. Não pôde ter segredos, nem mesmo jantando. Eu, com a minha curiosidade irrequieta de néolatinho, tenho o direito de querer saber que peixe comeu o sr. ministro, e com que molho o comeu, e com que vinho o regou, e com que qualidade de champagne corou o seu mysterioso repasto. Também quero saber que brindes houve, se alguém bebeu á saúde do amigo Phipps, ou do amigo Salisbury, ou da amiga Victoria.

Ministro é homem publico; a sua sala de jantar, como a sua secretaria, deve ficar aberta ás vistas do povo. Basta de tyrannia! Oitenta e nove egualou os homens. Arre!

X

Sobre politica, não houve nada mais, n'estes ultimos sete dias, que tenha feito jús a menção especial. Ah! esquecia-me...

O negocio da faixa presidencial tem dado panno para... faixas. *A Gazeta*, n'uma chronica de *Reporter*, attribuiu ao sr. Zama a auctoria de um projecto estabelecendo para o chefe do Estado insignias muito mais complicadas que uma simples fita auri-verde. Tratava-se alli de casaca de rabo vermelha e verde, sapatinhos de setim de varias cores, salvas de artilharia, farandólas, gyrandolas, o diabo! O sr. Zama arrepejou-se, e veio gritar que isso era um desaforo. E disse mais, á *Gazeta* e a todos os seus reporters:

Com isto só conseguistes um fim: privar a Republica de meu concurso em lei de tamanha importancia. Não apresentarei, pois, substitutivo algum, como allás era minha intenção. Será o castigo de vossa reportagem, á qual deveis recomendar mais criterio.»

Pois, senhores! a minha opinião é que a *Gazeta* prestou á causa dos que querem faixa um serviço assignalado.

Porque o dr. Zama gosta tanto de fazer pilherias, e as faz tão formidaveis de graça, que a *Gazeta*, privando s. ex. de apresentar um substitutivo verdadeiro, salvou a ideia: com certeza, o sr. Zama ia apresentar um substitutivo ainda mais engraçado que o que *Reporter* imaginou.

L. F.



## THEATROS

Que é que ha, do *Lyrice* ao *S. Pedro* e do *Variedades* ao *Eden*?

A mesma cousa: Frégoli, Porcos, Souza Bastos, palhaços, operetas e mais nada.

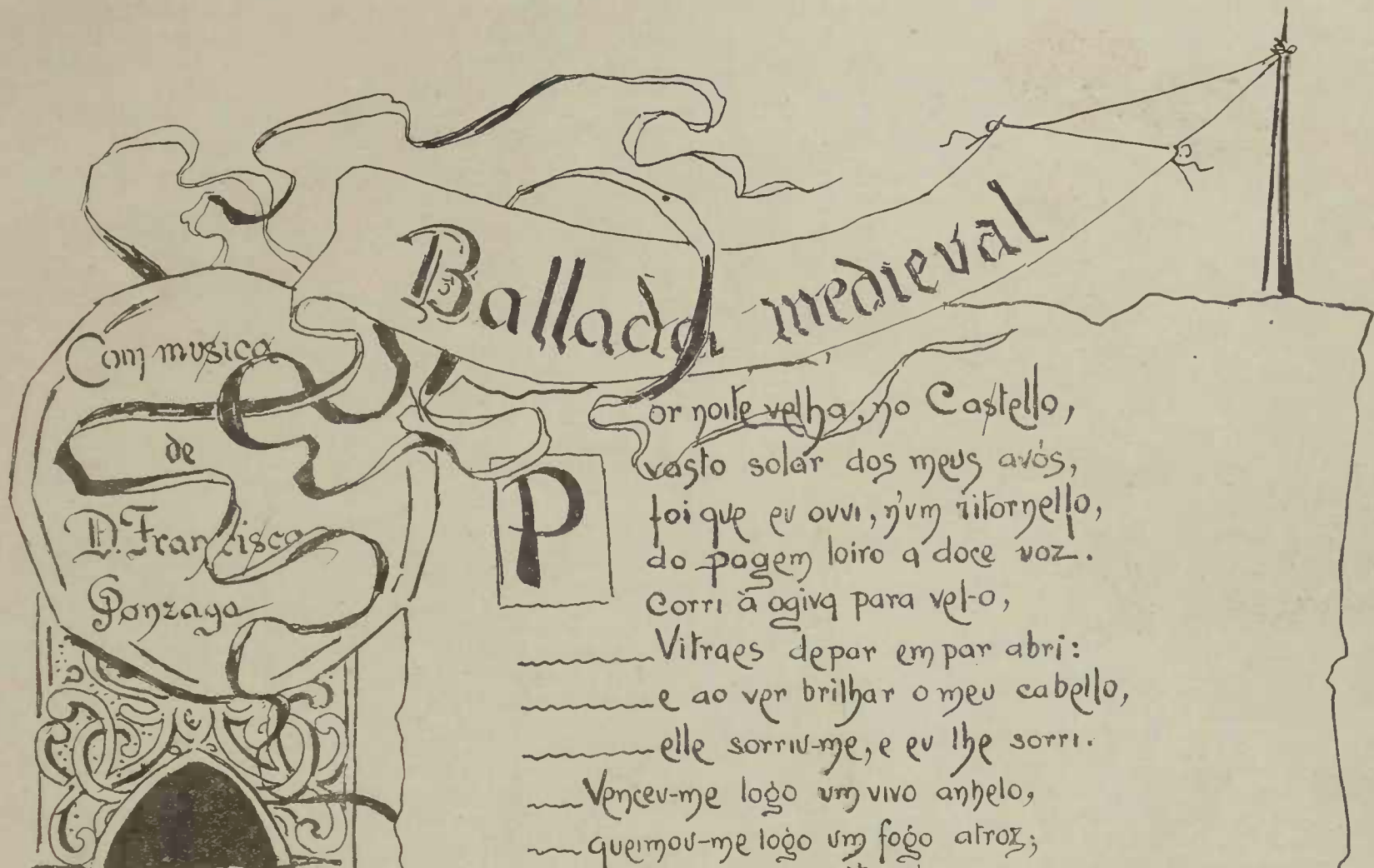
De maneira, que eu bem podia supprimir hoje esta secção, e em vez de aqui vir para o rabiscamento destas linhas, ir ao *Pascoal* para o escorruptamento de um *cok-tail*...

Mas, se não apparecesse aqui a secção theatral, o Manoel Ribeiro bradaria que estou roubando o publico. E, pois, não dizendo nada, digo tudo.

E' verdade... Ia-me esquecendo de felicitar o estudioso actor Corrêa pelo seu beneficio no *Apollo* com a *Mascotte*. Sim, senhor! bem mereceu os applausos que lhe deram.

Buch.





**P**or noite velha, no Castello,  
 vasto solar dos meus avós,  
 foi que eu ouvi, n'um ritornello,  
 do pagem loiro a doce voz.  
 Corri á ogiva para vel-o,  
 Vitraes depar em par abri:  
 e ao ver brilhar o meu cabelo,  
 elle sorriu-me, e eu lhe sorri.  
 Venceu-me logo um vivo anhelô,  
 queimou-me logo um fogo atroz;  
 e toda a longa noite velo,  
 pensando em vel-o e ouvi-o a sós.  
 TRISTE, sentada no escabello,  
 Só com a aurora adormeci...  
 Sonho, e no sonho, haveis de crêl-o?  
 Inda o meu pagem me sorri!  
 Seguindo a amal-o com disvelo,  
 por noite velha, um anno após,  
 termina emfim o meu flagello,  
 felizes fomos ambos nós...  
 Como isto foi nem sei dizel-o!  
 No collo seu desfalleci.  
 E alta manhã, no seu morzello  
 o pagem fuge... e inda sorri!  
 Dias depois, do pagem bello,  
 — Juncto ao solar onde eu o ouvi,  
 ao golpe horrivel do cutello  
 rola a cabeça — e inda sorri!

FILINTO D'ALMEIDA.





# A CIGARRA E A POLICIA



A Cigara teve na terça feira a surpresa de ver entrar no seu escritório um farriqueiro de policia que veio inquirir dos seus habitos - a menina joga? perguntaram-nos.



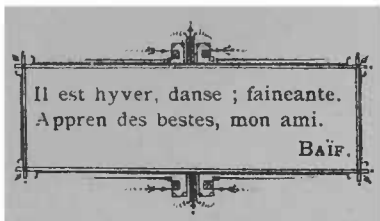
E como a nossa negativa não os convenceu deram busca ás gavetas, ás cadeiras, á mobilia inteira em presenca d'um pequeno moço que foi des- cuberto sobre este dialogo que oprotuzimos fielmente. - Que diabo d'isto e aquilo? - Não sei... ah! para! É a caixa do violão.



Como não encontrou de suspeito (a não ser a caixa do violão) a autoridade que tem o dever de nunca se comover da simplicidade dos costumes dos que lhe são suspeitos - para maior segurança decretou que a venda da Cigara seria feita por um dos seus representantes -

M. M. M. M. M.





# A CIGARRA

## CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

ANNO (52 numeros) . . . . .	480000
OITO MEZES (até ao fim deste anno) . . . . .	320000
SEMESTRE (26 numeros) . . . . .	250000
NUMERO AVULSO. . . . .	10000
SUPPLEMENTO. . . . .	500
NUMEROS ATRAZADOS . . . . .	10500
SUPPLEMENTOS ATRAZADOS . . . . .	10000

HEBDOMADARIO illustrado por *Julião Machado*

Redacção de *Olavo Bilac*,

Propriedade de *Manoel Ribeiro*

ESCRITORIO E REDACÇÃO  
115 Rua do Ouvidor 115

ANNO I

Rio de Janeiro, Quinta-feira, 29 de Agosto de 1895

N. 17

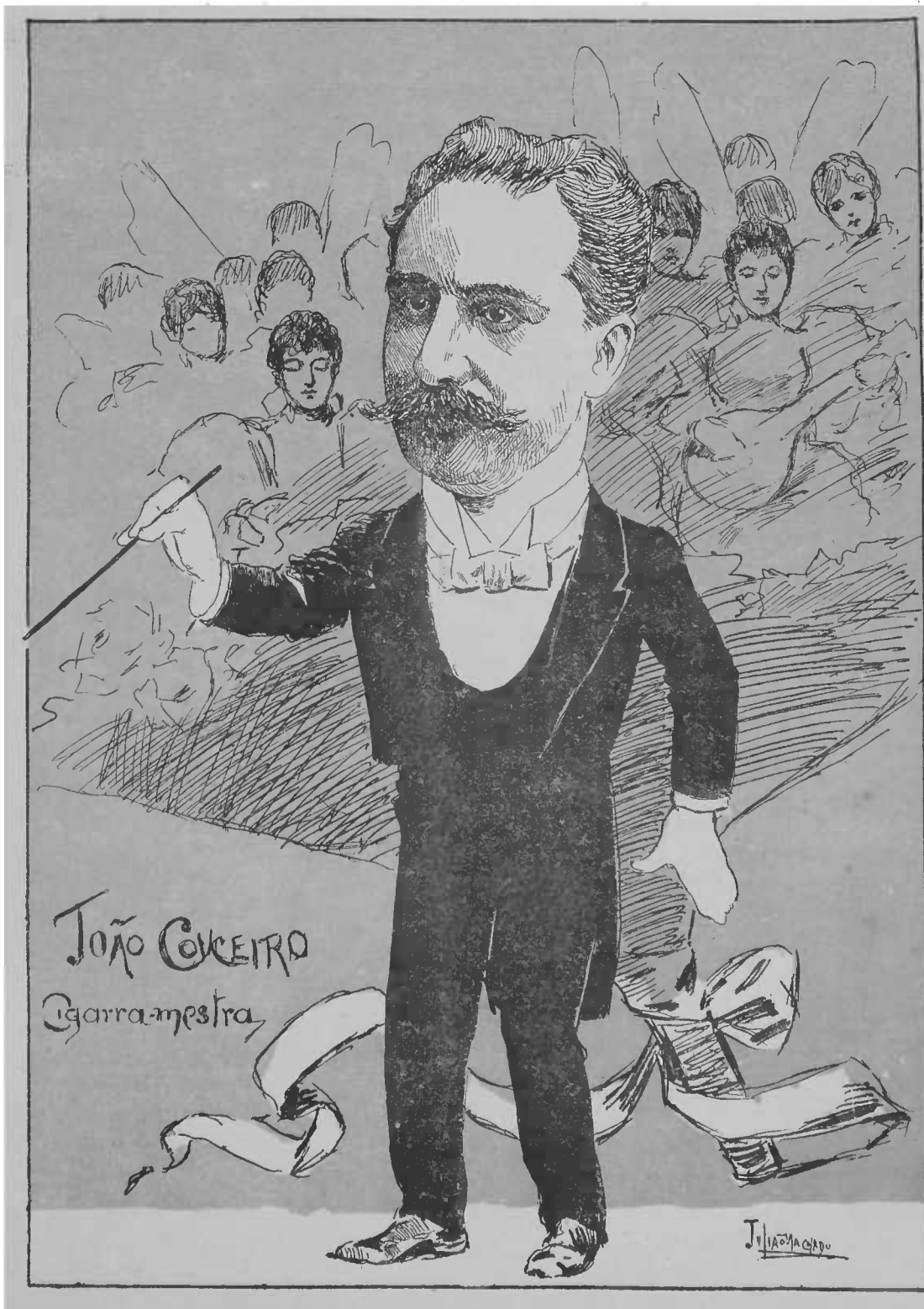
## CIGARRAS

### A PAZ

No ultimo sabbado, esta folha associou-se á imponente manifestação feita pela imprensa Brasileira ao illustre cidadão dr. PRUDENTE DE MORAES, Primeiro Presidente Civil da Republica, offerecendo a s. ex. quatro ramos de flores, de cuja entrega se encarregaram a linda e pequenina Débora, sobrinha de José do Patrocinio, e as duas gentillissimas m.<sup>lles</sup> Shiffler.



Por uma coincidência tocante, o tratado de paz foi assignado no mesmo dia em que se celebrava o anniversario da morte de DEODORO DA FONSECA, o querido Soldado a cuja bravura e a cujo patriotismo deve o Brasil a proclamação da Republica. Por isso, *A Cigarra* publica tambem o retrato do Grande Marechal, dando, para acompanhal-o, um artigo inedito de COELHO NETTO.







Oh! os maridos que matam!

Na semana passada, um d'elles compareceu ao jury, e sahiu de lá, absolvido e livre. Eu, se fosse jurado, teria feito o mesmo que os outros fizeram: teria mandado em paz o o homem,—mas unicamente porque não acredito na justiça da terra.

E' uma das cousas que não comprehendí nunca: como um homem, operario ou capitalista, sabio ou ignorante, trahente ou honrado, vae sentar-se alli, n'um logar de jurado, depois de um almoço confortante, em pleno trabalho de digestão feliz, e julga-se serenamente habilitado a dar o seu voto solemne em causas que quasi nunca estudou, a cujo desenvolvimento não presta cinco minutos de attenção aturada, entorpecido como está pela digestão ou pela noite passada n'um baile ou n'uma orgia.

Se algum dia me chamassem a cumprir esse dever de cidadão, eu pagaria todas as multas imaginaveis, sujeitar-me-ia a ir purgar no fundo de um carcere o meu procedimento anti-patriotico,—mas não iria nunca dizer alli a palavra tremenda de que depende a sorte de um homem, meu igual, meu irmão.

Eu jurado! Eu, tão carregado de peccados e de más acções, eu, tão enlameado na enxurrada da vida, eu, tão *homem* e, portanto, tão injusto e tão máu,— eu, — como se em mim se pudesse incarnar e fixar esse ideal sobrehumano da justiça,—contribuir com uma palavra para decidir a sorte de um homem, para arremessal-o ao fundo de uma penitenciaria...

\*\*\*

Que ideia pôde fazer o jurado —dono de venda, que furta no peso dos generos— da justiça? Que ideia pôde fazer da justiça o jurado—azeiteiro, que commette adulterios e seduz meninas? Que ideia pôde fazer da justiça, o jurado—*homem*, vingativo, rancoroso, calumniador, interesseiro, hypocrita?

« Eu, por mim, sou passavelmente honesto; e poderia, apesar d'isso, accusar-me de crimes tão graves, que deveria desejar nunca ter nascido! sou orgulhoso, cruel, ambicioso... —diz Hamlet a Ophelia. Ingenuo Hamlet! com esses defeitos achava-se até indigno de viver. E qualquer sujeito, que possue um milhão de outros defeitos mais serios, julga-se capaz de ser juiz das paixões humanas!

\*\*\*

E por isso que, sem ser principe da Dinamarca, nunca eu teria a coragem de aceitar o papel de jurado. Mas, se o aceitasse, absolveria systematicamente todos os accusados, o gatuno como o falsario, o testa de ferro como o parricida,— porque preferiria mil vezes dar um malfetor á communhão social do que dar á minha propria alma a sombra mais leve de um remorso possivel. Já veem que não escrevo esta chronica para mal dizer do jury que absolveu um marido-assassino, na semana passada: eu o teria tambem absolvido.

Mas, ha uma observação a fazer: concordo com a absolvição, mas não concordo com os carinhos de sympathia e de piedade de que o cercou a opinião publica.— « Oh! um infeliz! um allucinado! um martyr da sua honra! »

\*\*\*

Um infeliz—de accôrdo. Amava e foi trahido. Não ha infelicidade maior. Mas um homem, por ser infeliz, não tem o direito de tirar a vida a ninguem. Um infeliz, de accôrdo! mas, porque dar todas as lagrimas a essa infelicidade, e negal-as á outra, á maior, á infelicidade da que morreu, para pagar uma falta tão humana, tão simples, tão digna de perdão?

\*\*\*

Um allucinado? sem duvida! Mas não era tambem uma allucinada, allucinada de amor, a desgraçada que não soube resistir ás tentações do adulterio? Sem duvida, o homem que, n'um momento de colera, lança mão de um revolver e prostra sem vida a mulher infiel, não está em si: não ha peor delirio que o do ciume! Mas.. e ella, fraca de intelligencia, sem educação moral, sem experiencia da vida, sem força de character, talvez sem amar o marido, talvez sem nunca o ter amado,— vê um outro homem, ama-o, entrega-se-lhe *allucinadamente*, e não tem perdão!

Oh! não me opporei nunca a que se perdôe o allucinado de ciume. Mas, porque não perdoou elle tambem a allucinada de amor?

\*\*\*

Um martyr da sua honra? Ah! isso não, tenham paciencia! Digam: um martyr do seu egoismo..

Notem bem que não ha nestas palavras — martyr do seu egoismo — o desejo de deprimir o character do matador. O egoismo não é um crime, não é um defeito, não é um sentimento reprovavel, porque é humano, profundamente humano. O altruismo perfeito é um sonho. O mais altruista dos homens é um monstro de egoismo.

Digam — um martyr do seu egoismo! Em primeiro logar, que é a honra? Então uma mulher deshona um homem só porque deixa de amal-o? Não me venham fallar de deveres de casamento, de obrigações sociaes, de contracto conjugal! — todos os preconceitos do mundo não valem a vida de uma creatura!

\*\*\*

Depois, este caso de honra conjugal já não pôde aproveitar a defeza nenhuma. Tanto assim, que não ha jury que absolva um marido criminoso de morte,— *attendendo a que elle tenha o direito de desaggravar a sua honra conjugal*. O jury faz o que fez a semana passada: absolve o accusado,— *attendendo a que elle, no momento do crime, não estava no uso pleno das suas faculdades mentaes*.

E matar a mulher que pécca! Que culpa tem ella, a infeliz, com os seus nervos desequilibrados, com a sua alma



leviana, com a sua incompleta comprehensão da moral,—que culpa tem ella de que o unico homem a quem deveria amar não tenha satisfeito o seu ideal?

\*\*\*

Decididamente, o assumpto é triste, e o que é peor — é grave.

Que quereis? ninguem é senhor dos assumptos. Eu, se pudesse, teria polvilhado do ouro puro da alegria e da satyra esta pagina. Em vez d'isso, enchi-a de cousas lugubres e pedantes.

Não importa! fiz o que a penna queria, e fui para onde ella me levava,— o que é a unica cousa rozoavel que um chronista póde fazer. Repito que, se fosse jurado, teria tambem absolvido o digno e infeliz homem, que, ciumento e exaltado, infringiu o preceito biblico, manchando as mãos no pobre sangue de uma victima dos seus nervos e da sua sorte má. Tel-o-ia absolvido lá, como o absolvo aqui, do fundo da alma, — tolerante como sou, e compadecido de todas as allucinações do homem.

Mas, porque a não absolveu elle tambem?

Vá que a não absolvesse, que lhe não perdoasse... Mas que a deixasse viver, com a sua desgraça, com o seu remorso, com os seus erros, com os seus peccados!

*Fantasio.*



DR. CYRIDIÃO DURVAL

ORADOR, PROFESSOR E POETA, FALLECIDO NA BAHIA EM AGOSTO DE 1895

## DEODORO

Foi na manhã de 3 de Outubro de 1893, na casa da rua do Senador Vergueiro, que o vi pela derradeira vez, deformado pelo coração.

N'um fragil canapé de vime, á beira d'um raio de sol, o heróe arquejava,— a cabeça derreada sobre a parede, a bocca semi-aberta, immovel. As mãos repousando sobre as coxas tuígdas da edemacia, pareciam calçadas em grossas luvas de esgrimista; o rosto, immenso, sem um vinco, liso e arroxeadado, reluzia; a barba hispida, selvagem, o cabello n'um desalinho de angustia: apenas guardavam a expressão antiga os olhos, os mesmos olhos d'aguia, energicos e luminosos, cheios de audacia e de resignação... Vendo-me, sorriu; e a mascara he-

dionda que a molestia lhe afivelara ao rosto outr'ora secco e auguloso, inflado então, franziu-se n'um rictus que podia ser de prazer ou de dôr. Da bocca sahiu-lhe um regougo inexpressivo; mas logo a ancia retomou-o, e as grossas e pesadas mãos juntaram-se no peito largo, grande, como que dilatado pelo coração que lhe ia tomando todo o corpo, abrindo caminho, como um polypo que espalhasse as suas raizes desgarradamente. A cabeça oscillava, arrastando-se pela parede, n'uma ancia penosa, e o offego afflicto ouvia-se em toda a sala. Serenando, fitou-me de novo. Eu olhava-o sem uma palavra, commovido, quasi a chorar, e elle, vendo-me assim, abandonou com desalento as mãos, meneou com a cabeça, e, calcando com um dedo o dorso de uma das mãos, mostrou-me a carne cavada profundamente, mostrou-me as coxas, passou a mão pelo rosto, e, tocando nos labios, acenou negativamente, como a dizer que já não falava: sorriu, e os seus olhos vivos voltaram-se com mansidão para o ceu.

Houve um *toc toc* na sala; o heróe agitou-se, volvendo os olhos d'um lado para outro, e teve um gesto rapido, mostrando-me o seu velho podengó, o *Tupy*, que se coçava em pleno sol, ganindo surdamente; e o heróe sorriu, vendo a afflicção do animal que se torcia, procurando morder a anca. E recahiu em novo silencio, pendendo a cabeça, immovel, d'olhos fechados. Affastei-me cautelosamente, em passos surdos, porque a senhora, de longe, acenava chamando-me.

— Está dormindo,— disse baixinho. Mas, voltando-me, vi de novo os olhos d'aguia, cheios de audacia e de resignação, que me acompanhavam. Saudei-o, e elle sorriu, agitando a ambas as mãos n'um adeus pesado...

..... E foi a ultima vez que vi o marechal Deodoro, só.

*(Das Notas Intimas.)*

*Coelho Netto.*



A JOÃO CHAGAS E MARIANNO PINO



# A SABEDORIA

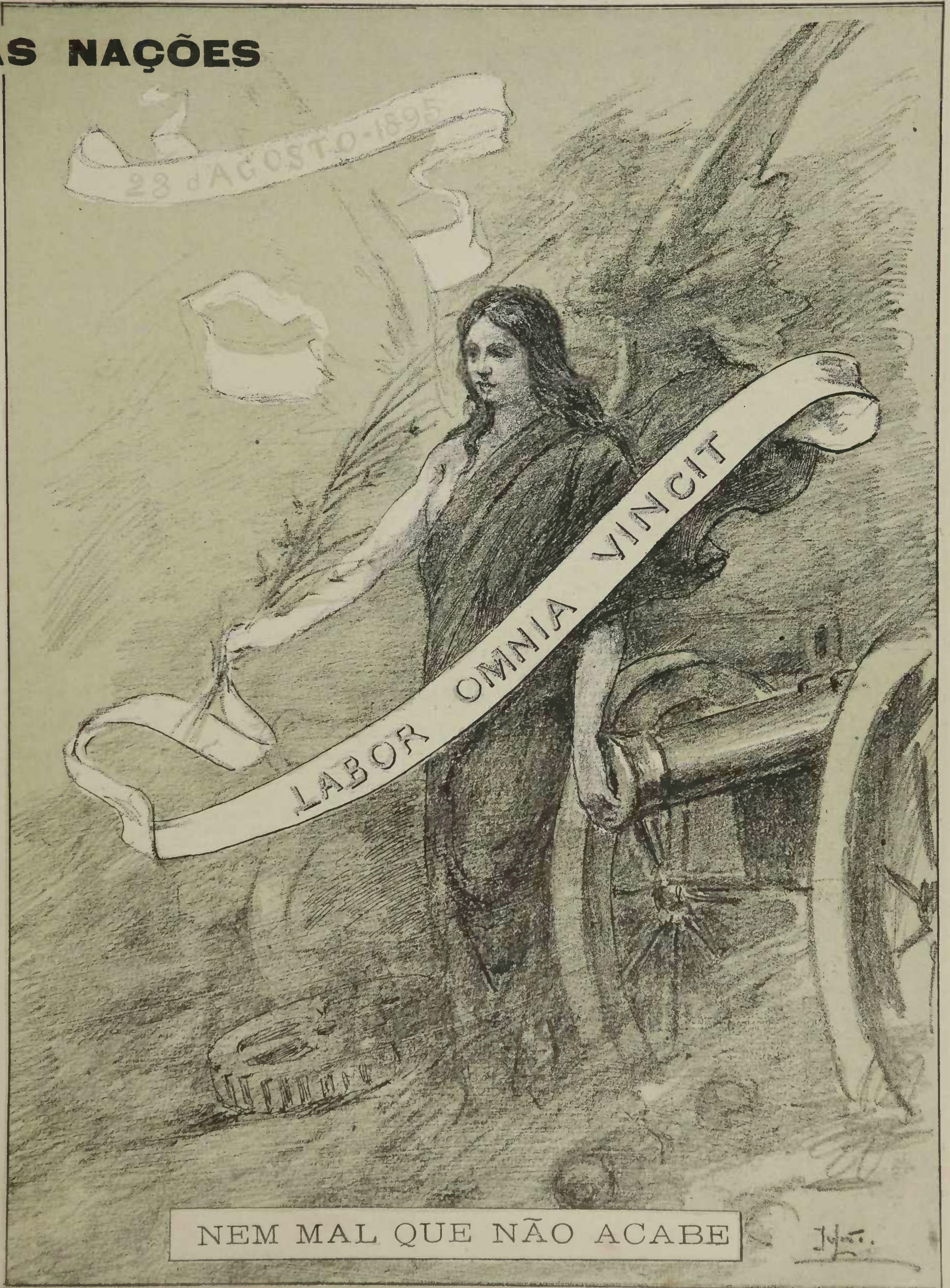
NÃO HA BEM QUE SEMPRE DURE



J. MACAGDO.



# DAS NAÇÕES



NEM MAL QUE NÃO ACABE

J. L.





Paz! Tardou, mas veio. Volta a serenidade, depois de longa ausencia, a pairar sobre as gloriosas cochillas do sul. Trata-se agora de esquecer o que alli houve de horrivel...

Esquecer? E' possivel que o mau pessimismo não tenha razão. Mas, creio que aquella gente não esquecerá nunca o que soffreu. De parte a parte, a lucta civil no Rio Grande foi uma lucta de canibaes, de irresponsaveis, de feras. Os inimigos mortos eram mutilados, queimados, castrados. O odio partidario cevava se mesmo nos tristes despojos da virilidade morta. Se é verdade que D. Pedro o Crú, levado de um sentimento de vingança, cravou os dentes gulosos no morto coração de cada um dos matadores da sua Ignez,—esse principe de uma edaue barbara foi menos cruel que a gente gaúcha. O ultrage aos mortos nunca foi tão completo como alli. E pensar a gente que todo o mundo se ufanava da bondade inexcusable, da encantadora cordura do coração brasileiro! O cordeiro fez-se hyena.

Esquecer?—Mas ainda mesmo que se apague dos corações a memoria das affrontas recebidas, das degolas, das profanações,—o que é difficil—resta, para perturbar ainda por largo tempo o sul e para dar a todos o receio de que a paz agora assentada seja ficticia,—uma questão mais seria.

O homem,—isto já tem sido dito e redito, em todas as linguas vivas e mortas—perdoa o ataque á sua vida, á sua honra, á sua familia: mas não perdoa nunca o ataque á sua propriedade. Tal sujeito incapaz de dar um cachação no pelintra que lhe rouba a mulher, é capaz de desfechar doze tiros no gatuno que lhe rouba o relógio. Um ditado popular affirma que—questões de terra são mães de má guerra. O egoismo humano é assim.

Feita a paz no sul, vão agora começar as brigas por causa de indemnisações. Quando os emigrados puderem reentrar nas suas terras taladas, e virem as casas incendiadas, e não virem nem gado nos curraes, nem plantações no campo, nem viveres nos celleiros,—o odio antigo resurgirá mais terrivel.

E muitos delles sentirão um grande pezar, vendo que seria melhor ter morrido gloriosamente n'um tiroteio, que ter de aceitar a vida e a paz com a miseria. E no fundo da alma de cada expoliado o fermento do odio fer verá, perpetuo e terrivel.

Oh! a paz! Pois, póde algum dia haver paz no Rio Grande do Sul? A gaúchada não nasceu para os trabalhos pacificos, para a monotona vida da familia, da tranquillidade, do lar.

Em Minas, o povo quando ouve fallar em guerra, foge ou desmaia. No Rio Grande, quando se falla em paz, o povo boceja ou se irrita. O lombo nú de um cavallo, a vida errante, uma lança em punho, um revolver á cinta, o ar livre da campanha, a seducção do perigo,—para isso é que foi feita aquella gente. D'aqui a um anno ou dois, nova revolução conflagrará o Estado.

X

N'estas mesmas columnas, já manifestei o singular desejo de que o Rio Grande do Sul se desannexasse, desaparecesse, levasse o diabo, comtanto que nos deixasse em paz. Temos alli aquella avantesma a pairar sobre a nossa vida como um pesadello. Para que o Brasil respirasse de hoje em diante desafogadamente, o tratado da paz, assignado entre Galvão e Tavares, devia ser do theor seguinte: Art. 1.º Está feita a pacificação do estado. Art. 2.º O Rio Grande do Sul, reconhecendo a impossibilidade absoluta em que se vê de ter juizo, compromette-se a desaparecer da face da Terra. Só assim poderíamos dormir tranquilos.

X

Mas, vamos a outro assumpto. A Camara dos Deputados regeitou a proposta feita por um dos seus membros para que, além das sessões diurnas, outras se realizassem, nocturnas, de modo a poderem os pais da patria dar conta da longa tarefa de que estão encarregados.

Os pais da patria não querem fazer serão,—allegando que, antes de terminada a sessão actual, bastar-lhes-ão alguns dias para o acabamento do trabalho. Bem vos conheço, amigos!

O que não quereis é fazer, além do serviço diurno tão bem pago, um serviço nocturno gratuito. Não fazendo sessões á noite, a camara sabe que a sessão será prorogada, e... nós aqui estamos para pagar os mezes de trabalhos que excederem o contracto.

Verá o povo que, quando se tratar da prorogação,—um deputado, com uma cara maliciosa de quem ri de si mesmo,—proporá que haja apenas prorogação de sessão, sem prorogação de subsidio.

A camara tacitamente regeitará a proposta, e estarão salvas as apparencias. O *Jornal do Commercio* já fez ver que cada mez de prorogação custará ao Thesouro Federal a ninharia de seiscentos contos de réis. Imaginem: n'um tempo em que o sr. Rodrigues Alves faz economias até... de palitos administrativos!

X

Já que propuz um meio de acabar de vez com as guerras civis do Rio Grande, acabando com o proprio Rio Grande,—quero propor um meio de acabar com as prorogações do Congresso, acabando com o proprio Congresso.

Encarreguemos este Senado e esta Camara de se constituirem em sessão permanente durante dez annos. Elles que durante esse tempo se compromettam a fazer todas as leis que, na sua opinião, possam ser necessarias ao Brasil. E que se separem depois, e que se vão em paz para as suas respectivas casas, dando-se a trabalhos que não pesem tanto ao Thesouro. E fiquemos livres delles.

Um amigo meu era habitualmente *mordido* por um bohemio. Dez tostões no domingo, dois mil réis na segunda-feira, cinco tostões na terça, um nikel na quarta, cinco mil réis na quinta, e assim por diante. Um dia o homem perdeu a paciencia. Tirou do bolso uma nota de cem mil réis, deu-a ao pedinte, dizendo-lhe: «Pago-lhe adiantadamente todas as suas *dentadas* futuras; suma-se da minha presença com estes cem mil réis, e fique sabendo que se tiver ainda o desaforo de algum dia me *morder*, parto-lhe os dentes com um murro!»

X

E' o que o Brasil deve dizer aos seus legisladores: «Tomem cem mil contos de réis, e façam-me todas as leis! ou antes... não façam lei nenhuma! Ponham-se ao fresco!»

L. F.





# A CIGARRA

Meu caro...—Como V. apreciará, este hemoptero não é propriamente o famoso insecto mystico celebrado nos idyllios sagrados da divina lyra grega, de Homero a Anachreonte; não é a cigarra que substituiu a corda partida da cythara de Eunuomo no combate melodico com Ariston, e ainda menos a pobre creatura imprevidente, frivola e preguiçosa do bom fabulista Lafontaine, que, n'isto, seguiu a allegoria hellenica á diferença dos poetas e artistas pelas preocupações do estomago. Este meu *rynchôte* é antes a *cicada* dos entomologistas desde Aristoteles e Reaumur até Carlet. O instrumento phnico, de onde a *cicada* tira a sua ardente cavatina não se assemelha ao que permite á moderna Patti gargantear melodiosamente. Como V. sabe, o aparelho musical d'este *rynchôte* é um tambor abdominal, formado por duas pelles seccas e convexas, (timbales) que a *cicada* tóca por contracção simultanea de dois musculos (musculos dos timbales), que vão do centro do instrumento a cada uma das pelles. Elevando e abaixandô rapida e successivamente o abdomen, ella fecha á vontade a cavidade protectora do tambor, dando maior ou menor intensidade ao « cantar ». Não é, pois, musica vocal a que a cigarra faz: é musica instrumental que ella sabe tocar.

Apezar de a terem divinizado, era ella para os gregos saboroso manjar, o que fazia Eliano dizer: « Elles não sabem, esses homens vorazes, quanto offendem ás Musas, filhas de Jupiter ».

Felizmente não herdámos dos Athenienses mais esse peccado...

A esta linda carta, endereçada á *Cigarra*, juntou o nosso illustre amigo Teixeira de Souza os seguintes versos que inserimos agradecidissimos, para maior gloria da nossa bohemia *Cicada*, que se enche de orgulho, vendo em tão bellas rimas celebrada a

## NOVA CIGARRA DE ANACREONTE.

Tu ne subis point la vieillesse, sage enfant de la terre, toi qui aimes les chansons!  
ANACREONTE. Ode 43. Trad. de Leconte de Lisle. Paris, 1861.

Quando a cigarra estridula,  
Bate alegre, salta, pula  
Dos bosques o coração.  
Dardeja o sol, mais ardente!  
Resplende a luz do verão!  
E a propria alma da gente  
Se retempera contente,  
Na estrepitosa canção!

A festiva symphonia  
Estreia ao nascer do dia,  
Resôa pelo jardim.  
Rufa o *timbale* incessante,  
Orchestra que não tem fim!  
— A companheira distante  
Corre ao convite do amante,  
Que rompe o tambor vibrante,  
E morre de amor assim.

Da cigarra a terna amiga,  
Labuta como a formiga,  
Moureja em rude labor.  
Desmentindo a fama antiga  
De descuidoso folgar,  
Ella provê pela sorte  
Da geração e do lar;  
Ao sonoro consôrte  
Ao pobre estival cantor,  
Coube a missão do mais forte:  
Salvar a especie da morte,  
Morrer n'um hymno de amor!

Em 1895.

Teixeira de Souza.



Uma novidade: *Zizinha Maxixe*, — ignominia brasileira pela companhia do *Eden*. A imprensa, com uma unanimidade tocante, desancou a peça, cujo auctor se deixou ficar anonymo, dando prova de um bom senso que bem merece as minhas felicitações. Agora, com franqueza, devo dizer que, em minha opinião, a imprensa não foi justa. Repito que *Zizinha Maxixe* é uma peça hedionda. Porém, se pôde haver gradações na hediondez, declaro que a acho menos hedionda que *Sal e Pimenta* do sr. Souza Bastos, cavalheiro de San Tiago, diante de cujo talento todos os chronistas theatraes da minha terra andam de pennas abaixadas, em continencia respeitosa. E ponto.



Na quarta-feira da passada semana, tivemos no *Lucinda* o beneficio do distincto actor Telmo com uma peça qualquer, e na sexta-feira o da graciosa e sempre applaudida actriz Josepha de Oliveira, com os *Tres dias de Berlinda*.

Ambos concorridissimos.



Fui ao *Colyseio Lavradio*. Está bello aquillo! Na primeira noite, o publico que, segundo parece, esperava a estreia de uma companhia de primeira ordem, quasi pateou a empresa. O publico fez mal. Ao menos, no *Colyseio*, está a gente n'um logar limpo, arejado, luxuoso, clarissimo. Que quer mais o povo?

Confesso, por mim, que prefiro ir applaudir a mais arrebatada empresa de cavallinhos a ir indignar-me em qualquer dos muitos theatros serios desta cidade, em que se representam... Mas, perdão! Tenho hoje muito que fazer. Pela ultima vez,—pontp.



Buck.

J. Gutierrez, um dos melhores artistas photographos que temos, acaba de expôr no luxuoso salão da *Photographica Brasileira* (Gonçalves Dias 40) um admiravel retrato do general Bernardo Vasques feito pelo processo do gelatino-bromuro, e um grande quadro, com formosissimas provas do processo platino typico. Este João Gutierrez, quando aqui chegou ha sete annos, veio disposto a mostrar ao Rio de Janeiro o que é a arte photographica. Fundou primeiro a *Photographia União*, da rua da Carioca, e os seus trabalhos fizeram logo um successo ruidosissimo. Depois, installou a *Photographica Brasileira*, estabelecimento modelo, que é hoje um dos mais ricos e mais prosperos do Rio de Janeiro. Um homem, este Gutierrez! tenacidade, talento, amor ao trabalho...



Celebrou-se, no ultimo dia 24, o anniversario terceiro do *Correio da Tarde*, a quem *A Cigarra* felicita cordialmente.



# A paz... no lar do Sr. Costa



- Onde vem? Onde vem às 3 da madrugada?  
 - Ah! coitadinha que ainda não sabe! Não sabe, coitadinha!  
 Mas sabe!... Está feita a paz no Rio Grande!  
 Desta vez é certo, Fifi!

- E é por isso que vem n'esse bello estado?  
 Seu deslechoado, seu valdevinos, seu sem vergonha, seu...  
 - Faça ponto Fifi! Faça ponto que eu hoje  
 não tenho prazer em a ouvir. Perceba bem!  
 - Era é uma ameaça? Seu insolente!



- Mais do que uma ameaça! Ora, veja!

(Uma hora depois)

- Monstro! ter a coragem de dormir sabendo  
 que eu estou aqui a corêti por-me!...

J. L. V. A. C. A. D. O.



Il est hyver, danse ; faineante.  
Appren des bestes, mon ami.  
Baif.

# A CIGARRA

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA  
 ANNO (52 numeros) . . . . . 48000  
 OITOMEZES (até ao fim deste anno) 32000  
 SEMESTRE (26 numeros) . . . . . 25000  
 NUMERO AVULSO . . . . . 1000  
 SUPPLEMENTO . . . . . 800  
 NUMEROS ATRAZADOS . . . . . 10500  
 SUPPLEMENTOS ATRAZADOS . . . . . 10000

HEBDOMADARIO illustrado por *Julião Machado*

Redacção de *Olavo Bilac*,

Propriedade de *Manoel Ribeiro*

ESCRITORIO E REDACÇÃO  
 115 Rua do Ouvidor 115

ANNO I

Rio de Janeiro, Quinta-feira, 5 de Setembro de 1895

N. 18

## A CIGARRA

No dia 1º deste mez, entrou para esta folha, na qualidade de director d'A *Cigarra*, o nosso distinctissimo collega de imprensa JOSÉ BARBOSA, que, em boa hora para nós, nos quiz dar o concurso do seu talento e da sua actividade incansavel.



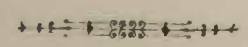
Já seguiram para o interior da Republica a serviço da Empresa d'A *Cigarra*, os srs. Alfredo Amaral e Fernando Portugal, sendo o primeiro nosso agente nos Estados do Centro e o segundo nosso agente nos Estados do Sul. Aos nossos collegas da imprensa dos Estados recommendamos esses representantes d'A *Cigarra*.



Está aberta a exposição annual da Escola Nacional de Bellas Artes. Terminada a exposição, A *Cigarra* dará a reproducção dos principaes quadros premiados.



Por ter havido um desarranjo nas machinas da officina Bevilacqua, este numero é impresso por especial obsequio nas acreditadas officinas graphicas dos srs. Lombaerts & C.



CIGARRAS

*José Barbosa*





Sabbado. Acordo, com a alma cheia de sol. Sabeis que não ha sabbado sem sol? Não ha. Mesmo quando não ha sol no géo, ha sol dentro da alma da gente, n'este doce dia de sabbado,—doce para os catholicos, porque é o dia de Nossa Senhora,—doce para os collegiaes, porque é o dia da sahida,—doce para os operários, porque é o dia do pagamento.

Acordo, pois, com a alma cheia de sol, e, debaixo da ducha fria, pergunto a mim mesmo, com uma anciedade forte: «Aonde irás hoje, Fantasio? A que occupação entregarás os teus ouvidos e os teus olhos, antes da amargurada hora do trabalho? Em que ponto do Rio de Janeiro poderá um homem cheio de alegria passar uma hora tranquilla, longe dos discursos patrioticos e das explosões politicas?» E, já vestido, prompto a sacudir as pernas vagabundas pelas ruas de Sebastianopolis, torno a perguntar a mim mesmo, com o charuto entre os dentes: «Aonde irás hoje, Fantasio?»

\*\*\*

N'isto apparece-me o carteiro. E' um velhinho amavel, que vem todas as manhãs trazer-me a correspondencia, dandome, com o mesmo sorriso affavel, as cartas cheia de lettras amadas, vindas das mãos perfumadas de uma creaturinha querida ou das mãos leaes de um amigo, e as cartas formidaveis, cheias da colera de algum jacobino furioso ou da santa indignação de um creado de confeitaria ferido nos seus brios...

Apparece-me o carteiro. Deseja-me affavelmente um bom dia, e entrega-me um envelope largo. Que será? Traz a assignatura do meu bello Bernardelli Rodolpho: «Em nome do Jury da Exposição, tenho a honra de convidar-vos a assistir ao vernissage que...» Oh! delicia não sonhada! Corro á Escola de Bellas Artes...

\*\*\*

Vernissage é cousa que não houve no sabbado, nas duas bellas salas em que os nossos pintores expõem agora o producto do seu nobre e fecundo trabalho de todo um anno. Convidar a imprensa para o vernissage, é uma moda franceza, moda boa e razoavel, meio de dar aos jornalistas a occasião de uma visita *avant-la-lettre* á Exposição. Não se enverniza cousa alguma, n'esse dia. Os quadros já lá estão envernizados, catalogados, collocados com methodo e bom gosto nos seus respectivos logares, promptos a provocar a admiração dos visitantes. E' uma moda franceza. Que tem isto? Prefiro essas

delicadas modas francezas ás nossas modas brasileiras, que consistem em comer com a faca, em provocar conflictos nos dias de regozijo publico, e em discutir as cousas mais serenas da vida a páo e a tiro.

\*\*\*

Quando cheguei á Escola de Bellas Artes, já uma pequena quantidade de gente boa estava de bocca aberta diante dos quadros. E que gente! Lá estava Lulú Senior, gordo e extasiado, dando aos olhos o repasto saboroso d'aquellas paysagens vivas, d'aquellas carnes quentes, d'aquellas agoas, d'aquelles céos, d'aquellas arvores, d'aquellas mulheres, palpitando nas télas; lá estavam Arthur e Aluizio, —dois irmãos pelo sangue e pelo talento; lá estava Coelho Netto, passeando pelo salão a sua face felina; lá estava Machado de Assis, olhando tudo com aquelle seu sorriso singular, meio feito de bondade, meio feito de ironia; José Verissimo, brasileiro como ninguem, extasiado diante de uma téla de Almeida Junior; Belmiro de Almeida, com a cabeça vivissima, espetada nos seus collarinhos de legua e meia de altura; Marques Guimarães, confiando amorosamente a sua barba de seda; os dois Bernardelli, Rodolpho e Henrique, muito cercados de gente, muito abraçados, muito beijados, como dois sujeitos queridissimos que são; Amoedo, muito felicitado pela belleza do seu *Passeio Matinal*; Parlagrecco, o *egregio*, muito fallador, indo de grupo a grupo, como uma carocha em tempo de chuva; Valentim Magalhães e Felinto de Almeida, *bradessus bradessus*, como nos bons tempos da velha *Semana*; e, para não fallar em mais ninguem, lá estava toda *A Cigarra*, sentindo-se bem n'aquelle meio alegre, em que havia talento como quatrocentos diabos, e a que a presença de meia duzia de senhoras bonitas dava um ultimo toque de graça e de perfume.

\*\*\*

Comecei então a admirar a exposição.

Os trez trabalhos que prendem logo o olhar são: nas salas de pintura, *A aurora de 15 de novembro*, grande téla allegorica de Belmiro, e *A Redempção de Cham* de Broccus; e, na sala de esculptura, a *Moema* de Rodolpho Bernadelli. Que bello o quadro de Belmiro! a concepção, ousadissima, teve uma execução brilhante: as figuras tem um soberbo vigor de desenho e de colorido.—*A Redempção de Cham*, de Broccus, allia a uma rara delicadesa de ideia uma verdade assombrosa de execução. Ao centro, uma mulata, recém-mãe, olha embevecida o filhinho trefego, mulatinho quasi branco. A' esquerda, a avó da creança, velha preta retinta, levanta as mãos para o céu: e, á direita, o pae, luso branquissimo e robusto, coça o queixo, e sorri triumphante, com orgulho, muito convencido de que foi um milagre o que fez em transformar em branco o que era preto.—Da *Moema* de Bernadelli que hei-de eu dizer? Quando aquillo estiver feito em marmore, Rodolpho poderá gabar-se de ter dado ao Brasil uma obra immorredoura e gloriosa. Sobre o mar que ondula, (que vida, que movimento tem aquellas ondas de gesso!) a núa Moema vae boiando, boiando... Desnastram-se-lhe á flôr das agoas os cabellos que o limo empasta; meio mettida ao mar, a face, paralyzada pela morte, tem uma immobilidade dolorosa. A figura boia sobre o ventre: o dorso é modelado por mão de mestre e de grande mestre; e, sob as vagas, advinham-se as pernas... Que obra! Rodolpho chegou ao apogeu do seu talento: está em pleno outono artistico, em pleno periodo de fecundidade e de maturidade... Bravo, mestre! bravissimo, Rodolpho!

\*\*\*



Esta chronica é escripta no mesmo dia da *vernissage*, ás pressas, porque na segunda-feira deve estar paginado o texto d'*A Cigarra*. Não me é, pois, possível dizer de todos os quadros, mesmo porque não tenho ainda á mão o catalogo. Henrique Bernardelli expõe vinte e nove quadros admiráveis. As suas florestas são pintadas com um calor verdadeiro, e as suas figuras têm um estudo assombroso: mas, já todo o mundo sabe que esta familia é uma familia de mestres. Vejam só o proprio Bernardelli Felix que lindas télas expõe!... Almeida Junior, o poderoso pintor paulista, apresenta-nos tambem este anno um trabalho abundante e admiravel. Almeida é talvez o mais *nacional* dos nossos pintores. *Cosinha na roça* parece-me uma obra-prima.

Preciso ainda fallar de Amoedo, que contribuiu largamente para o successo da exposição, com *Passeio Matinal*, *Rato do Sol*, o retrato que tem no catalogo o n 21, etc.; de *Weingartner*, que, entre muitas télas, expõe uma pequenina fantasia adoravel, *Druida*, de Aurelio, cujas paysagens e cujas *panneaux* decorativos foram vivamente apreciados; das *naturezas-mortas* de Baptista e Alexandrino; de Diana Cid, pintora do meu especial amor, triumphadora da exposição do anno passado, e que nos dá agora, além' do mais, um *retrato* espantosamente bello: — face triste e pallida, sobre fundo escuro em que sobem vagamente grandes lyrios roxos... Já fallei de Broccus e Belmiro: mas não quero deixar de me referir, do primeiro, á *Feticheira*: e, do segundo, a *Effetos de Sol* e *Céga*, duas telas preciosissimas.

\*\*

Que seria porém de mim, que seria das outras secções d'*A Cigarra*, se eu fosse a mencionar todos os quadros da Exposição? A minha admiração é grande, mas o texto da folha é pequeno. Fico por aqui.

## Fantasia.



Depois da Paz, a Amnistia. Virá? Não virá? Parece que sim. O jacobinismo do Senado e da Camara, como o das ruas, está estriando. Parece que os Marats vão pouco a pouco reconhecendo que é ridiculo andar um homem de hoje fazendo a propaganda da politica da Guilhotina e do Carcere. Se assim é, Deus seja abençoado, porque está dando juizo a esta gente!

X

O chefe de Estado é que deve a esta hora estar convencido de que mais vale ser descomposto do que amado pelo povo. S. ex. tem sido terrivelmente, ha duas semanas, sub-

mettido ao pavoroso supplicio da popularidade,—supplicio que a Inquisição esqueceu. Quinze dias d'este horroroso regimen de abraço, manifestação, musica e discurso derreiam um homem. Depois, inventou-se agora uma nova especie de manifestação: a manifestação ensanguentada.

A' frente da mocidade da Escola de Medicina, foram a Palacio dois moços, que das dissensões escolares sahiram com as cabeças partidas. Assim mesmo, foram levar ao Presidente da Republica dois grandes ramos festivos, sobre cujas flores cahia, gotta a gotta, o sangue dos manifestantes. E' bonito, novo e heroico. Mas, como a vista do sangue é sempre desagradavel, o Presidente da Republica, naturalmente, deve ter dito de si para si: Singular modo este de apresentar felicitações com a cabeça quebrada!

Emfim, s. ex. é forte: e, quando subiu pela primeira vez ao Itamaraty, subiu disposto a não recuar diante de sacrificio nenhum. Com calma aturou s. ex. as impertinencias, as exigencias, as descomposturas dos que queriam a paz fosse como fosse e dêsse no que dêsse,—sem demora. Com calma está aturando agora o jubilo estafante do povo. Deus o conserve assim, armado de paciencia evangelica, para felicidade nossa!

X

Ah! tenha paciencia! arme-se de paciencia, sr. Prudente... D'aqui a pouco, quando acharmos que v. ex. já recebeu homenagens e flores bastantes, voltaremos á descompostura e ao debique. Não tarda muito. Temos aqui á mão o Amapá e a Trindade.

Eu, por mim, começo já. Passei dez dias a gritar e a orar, dando vivas ao chefe do Estado e á Republica. Não posso mais, sr. Prudente! Não nasci para louvar. O que eu amo é a bella maledicencia, a bella critica azeda e fera, a bella satyra mordaz. E, pois, começo já.

Fique sabendo v. ex. que o ultimo numero do *Graphic* traz uma vista da Trindade, com este distico muito lisonjeiro para o Brasil: *english possession*. Por ahi se vê, exm. sr., que a amiga Albion está menos do que nunca disposta a entregarnos a ilha disputada. Tambem no Amapá as cousas estão mal... Creio, não sei porque,—ou antes receio—que d'esta vez não seremos tão felizes como o fomos com o caso das Missões.

X

Emfim, a questão do Amapá vae ser submettida á arbitragem. O unico caso serio, pois, é o da Trindade. Nós precisamos recuperar aquella ilha, exm. sr.! Digam-me quantas vezes quizerem que alli só ha carangueijos e tartarugas... Que importa? faço questão daquellas tartarugas! faço questão d'aquelles carangueijos! Quero que me restituam o Morro Monumento, aquella singularissima e descommunal móle de pedra, plantada no meio da Trindade, com a fórma de um... cogumello! Deem-me de novo a minha Trindade!

Que silencio é este, Exm. Sr., que silencio é este que pésa sobre o caso da surripição da nossa ilha? Que tem V. Ex. mandado dizer a Salisbury? E Salisbury que tem respondido a v. ex.? Mexe-se a Inglaterra ou não se mexe? Sahem d'alli os Biblias ou não sahem? Veja bem, exm. sr., eu não posso estar mais tempo com juizo suspenso!

X

E preciso dizer a v. ex. uma cousa que me tem enchido as noites de patriotica insomnia. Vou suggerir-lhe uma ideia.

Note v. ex. que eu tenho a mania de possuir ideias. Girardin queria que os jornalistas tivessem uma ideia por dia: eu tenho muitas por hora. Sou um sacco de ideias: é só metter em mim a mão e retiral-a cheia, transbordando. Sou inexgotavel. A de hoje é esta:

Ha por aqui um certo numero de cidadãos que não queriam e mostram não querer ainda a paz. A prova d'isto é que desataram a quebrar a cabeça dos que dão *vivas* á Paz. Ora, Exm. Sr., quem não quer a paz quer a guerra. Para que esses cidadãos sejam felizes, é preciso que se lhes dê uma guerrasinha, qualquer, bem boa, com bastante polvora, bastante fumo, e bastante sangue. Bem! o dever de v. ex., como chefe da nação, é promover, por todos os meios ao seu alcance, a felicidade da Republica em geral e de cada um dos cidadãos em particular. Se ha cidadãos que querem guerra e com ella serão felizes, porque não hadé v. ex. fazer-lhes a vontade?

X

Ouçá, exm. sr.! mande armar em guerra um navio, metta dentro delle todos os esquentados cidadãos que não amam



# SYMBOLISMOS DO SECULO XIX



**A PAZ**

(SANGUESUGAS DISFARÇADAS EM SERPENTES)



# A "SALETA"



1895 OS CRITICOS  
— ah! um peru!... Que palpito!...



a paz, e mande despejal-o na Trindade, mesmo ao pé do Morro Monumento. E elles que se arranjam em guerra com os inglezes! elles que, arremessando sobre os subditos de Sua Magestade Britannica as formidaveis tartarugas que povoam a ilha, quebrem com essas poderosas machinas de guerra as cabeças dos audazes invasores, poupando a minha cabeça e as do que, como eu, nunca invadiram nem pretenderam invadir a Trindade.

Assim, ficará a ilha limpa de inglezes, e a rua do Ouvidor limpa de guerreiros.

X

Essa é, Exm. Sr., a ideia luminosa que me ocorreu hoje. Dou-a de graça. Se V. Ex., como de justiça, não gosta de receber cousa alguma de graça, tem um bom meio de m'a pagar: é aceitá-la. Aceite-a, e recupere a Trindade. Porque, fique V. Ex. sabendo d'isto:

Quero já para aqui a Trindade, que foi de meu pae, é minha, e ha de ser dos meus filhos!

L. F.



## CANTICOS

(Collaboração inédita)

I

PSALMO TRISTE

Olhos azues, olhos serenos... extinctos, sem mais brilho! Sei bem porque não tendes mais fulgor... Foram as estrellas do céo, as ciumentas estrellas, que pediram ao bom Deus que vos extinguisse.

Pobres olhos azues sem claridade!

Faces, faces lyriaes, brancas e immaculadas, sei bem, sei bem a origem d'essa pallidez marmorea... Foram as rosas ciumentas que pediram ao bom Deus que fanasse as rosas que tinheis d'antes, faces lyriaes, brancas e immaculadas...

Harmonias da voz, dulcias de harpa suavissima, hymnos da bocca cor de rosa, calastes-vos... sei bem, sei bem porque! Foram os ciumentos gaturamos que pediram ao bom Deus que vos calasse...

Louros cabellos, louros cabellos prefulgentes, sei bem, sei bem porque os coveiros vão esconder-vos na terra profunda! Foram os raios do sol que, de ciume, pediram ao bom Deus crime tamanho...

Dobra a finados, triste, tunerario, um pobre coração. Sei bem porque lastimas, sei bem porque, magoado coração! Sofres, porque o bom Deus ciumento, vendo tamanho amor na terra, levou para o Jamais immoto o coração que era o teu relicario...

II

A CEREJEIRA

Tiritam no fundo da cabana, muito aconchegados, rosto contra rosto, as mãos nas mãos, enquanto o vento cruel estorce as ramarias e guincha pelas florestas funerariamente. Uivam de frio e pavor os cães das herdades longinquoas. Ha lamentos errantes. Longe, as arvores parecem esqueletos embrulhados em compridas alvas. E os dois, unidos, tiritam, n'um canto humido da cabana, sem lume, sem cobertura.

Emtanto, podiam fazer fogo confortavel: e o homem, se quizesse, sem andar muito, teria lenha para todo o inverno. Perto da cabana havia uma grande cerejeira, a maior do logarejo. Dois ou tres galhos bastariam para aquecel-os; e que bom que é o cheiro do pão da cereja quando é resinoso!

Apezar das falas da mulher, o homem não se movia, preferia passar a noite inteira ao canto, tiritando, transido, quasi a morrer gelado, a ir cortar um ramo da arvore. E a todas as instancias da companheira respondia com estas palavras:

— A cerejeira não! Já não te lembras? Foi á sua sombra, debaixo dos seus ramos, que, uma tarde, trocámos o primeiro beijo. E, depois, quem nos dará flores, quando o inverno fór, quando voltar a primavera azul? Quem nos dará flores? Quem recordará o nosso noivado? A cerejeira não... a cerejeira não...

E os dentes começam a tiritar de novo.

Coelho Netto.



## OS ANÕES FEITICEIROS.

(CONTO PARA CRIANÇAS)

Manoel Fonseca e Joaquim Cardoso sahiram um dia de casa, deixando a pobre aldeia onde moravam, para correr mundo, procurando trabalho em que ganhar honradamente a vida.

Ao cabo de muitas semanas de jornada, longa e difficil, cheia de privações, á hora do anoitecer, enquanto caminhavam por uma floresta, cansados de tanto andar, ouviram imprecistamente os sons longinquoos de uma deliciosa musica, cada vez mais distinctos, mais sonoros, á proporção que se iam approximando.

Era uma harmonia extranha, mas tão suave ao mesmo tempo, tão encantadora, que esqueceram a fadiga sentida depois de tão penosa viagem, para se encaminharem a toda a pressa em direcção ao logar de onde pareciam vir aquelles dulcissimos sons.

A lua brilhava, magestosa e clara, quando chegaram á encosta de um outeiro pouco elevado. Ahi viram numeroso grupo de pequeninos homensinhos e pequeninas mulheresinhas, dansando, de mãos dadas, fazendo roda, como na brincadeira da *Sinhá vivinha das bandas d'além*.



No centro, estava um velhinho, mais bem vestido que os outros, imponente, com a sua longa barba muito branca, que lhe chegava até quasi os joelhos.

Assim que o velho — que era o rei daquelles anõesinhos — avistou os dois companheiros, fez-lhes amistososo signal com a mão, para que se approximassem. Os dansarinos abriram a roda, deixando passagem franca.

Joaquim Cardoso, que era um pouco corcunda, e ousado como a maior parte das pessoas assim defeituosas, penetrou no circulo, sem a menor hesitação. Manoel Fonseca, mais acanhado e timido, vendo a resolução do camarada, resolveu-se a imital-o. Fechou-se em seguida a roda dos alegres foliões, que recommearam as suas músicas, bailados e cantigas.

Os dois amigos estavam admirados. Era a primeira vez que viam homens e mulheres, perfeitos como todo o mundo, sympathicos, bonitos, bem trajados, com a unica differença de que o mais alto não chegava a ter um metro.

Contemplavam com espanto aquella scena, quando cessou de subito a cantoria. O anãozinho-chefe, sahindo do logar em que estava, tirou da algibeira uma grande navalha afiada e reluzente, dirigindo-se para elles.

Sem pronunciar palavra, n'um abrir e fechar d'olhos, agarrou os dois viajantes — primeiro um, depois o outro — e raspou-lhes completamente a cara e a cabeça.

Em seguida falou: — « Vocês fizeram muito bem em consentir que eu os barbeasse. Em paga, vou dar-lhes um presente. Levem consigo um bocádo d'aquelle coke que alli está. »

Apontou para um monte de carvão que havia ao lado; e os dois, obedecendo, encheram os bolsos de pedras de varios tamanhos, embora não pudessem atinar para que serviriam ellas.

Sahindo d'alli, caminharam para a villa mais proxima. Na estalagem onde pernoitaram, de tão fatigados, que estavam, dormiram assim mesmo vestidos, esquecendo-se até de tirar os pedaços de carvão de pedra que haviam guardado nas algibeiras das calças.

Pela manhã, ao despertarem, quando iam levantar-se, sentiram-se extraordinariamente pesados, quasi sem poderem mover-se.

Lembraram-se, então, do presente dos anõesinhos e foram vel-o.

Em vez dos pedaços de coke, feios e pretos, foi com surpresa e contentamento que encontraram lindissimos e enormes diamantes de extraordinario valor. Em logar, tambem, da cabeça pellada e da cara lisa que cada um d'elles tinha ao adormecer, viram-se remocados, com bons cabellos e bellas barbas.

Estavam ricos. Mas o corcunda Joaquim Cardoso não se contentou com a sua sorte. Não quiz continuar a jornada n'aquelle mesmo dia; e, mal anoiteceu, dirigio-se sózinho — porque Manuel Fonseca recusára-se a acompanhá-lo — para a montanha dos anõesinhos.

Chegado ahi, repetiu-se ponto por ponto a scena da vespéra. Depois que o rei dos anões o barbeou, mandou-o apanhar o carvão.

Joaquim, que se tinha prevenido, encheu dois grandes saccos, e transportou-os difficultosamente á hospedaria, arfando de cansaço, suando com abundancia.

No dia seguinte, despertou cheio de curiosidade, pela madrugada. Correu pressuroso a vêr os saccos. Ao abril-os, centenares de sapos pularam-lhe em cima, invadindo o quarto.

Ficou desesperado, mas lembrou-se de que era ainda muito rico, possuidor dos brilhantes da primeira noite, que havia guardado dentro de uma caixa. Foi contemplal-os: porém haviam tornado á sua primitiva fórma. E elle estava outra vez pauperrimo, como sahira de sua aldeia!

Para cumulo do caiporismo, e castigo da sua desmedida ambição, viu-se sem um fio de cabelo ou de barba, e a sua corcunda augmentára de tamanho.

Manuel Fonseca, consolou-o, pondo á sua disposição metade dos diamantes que possuia, depois de aconselhá-lo a que para o futuro, não fosse tão ambicioso de riquezas, e se contentasse com a sorte.



Heitor Vasco.



## THEATROS

Ah! se eu tivesse doze contos de réis! se eu tivesse doze contos de réis!...

A's vezes chego a pensar no suicidio. E' um direito! é um direito de quem se sente mal aquinhado por Deus, na distribuição pareial e injusta que Elle faz dos bens terrestres! Porque tem o conde de Figueiredo dez mil contos? Porque é que o meu tio Orozimbo é dono da Fazenda do Descalvado? Porque é que o sr. Mayrink é dono do palacete Nova Friburgo? e porque é que eu não tenho dinheiro nenhum? e porque é que eu não sou dono de nada, nem mesmo do meu nariz?... Chego a pensar no suicidio, como n'uma carta de alforria, quando penso n'isto! Vejam os senhores; preciso agora de doze contos de réis e...

— Para que?—perguntarão. Para tomar um quinhão da Empreza Constructora de um theatro digno de nós,—empreza de que se fez propagandista o meu illustre collega Arthur Azevedo. Segundo Arthur, seiscentos contos nossos bastariam para a construcção de um theatro igual ao de *D. Amelia*, em Lisboa. Os quinhões seriam 50, de 12 contos cada um. Em dois annos, se tanto, teriamos um theatro nacional, e ficaríamos livres d'essas hediondas estrebarias? a que se acolhem hoje, no Rio de Janeiro, as companhias que veem do estrangeiros... Ah! se eu tivesse doze contos!...

Não tenho! Tenho inimigos, tenho rheumatismos, tenho mais de vinte annos, tenho dyspepsia, tenho credores, tenho muitas cousas: mas não tenho doze contos de réis! Parece impossivel, mas é certo. Assim, não posso dar ao meu amigo Arthur Azevedo a mais clara prova da minha adhesão á sua bella ideia, tomando um dos quinhões da empreza. Mas, quem dá tudo quando tem, fica com a consciencia tranquilla... Dou á ideia o applauso d'esta columna, e faço votos para que os favorecidos da fortuna lhe deem um apoio mais efficaç do que o meu.



Está dando excellentes representações no Lyrico a companhia dramatica Italiana Modena. O sr. Cuneo é um bom actor, modesto, sem grandes pretensões. Zaira Tiozzo é bonita e intelligente. As peças são boas. Mas o publico não vae lá. Peior para elle!

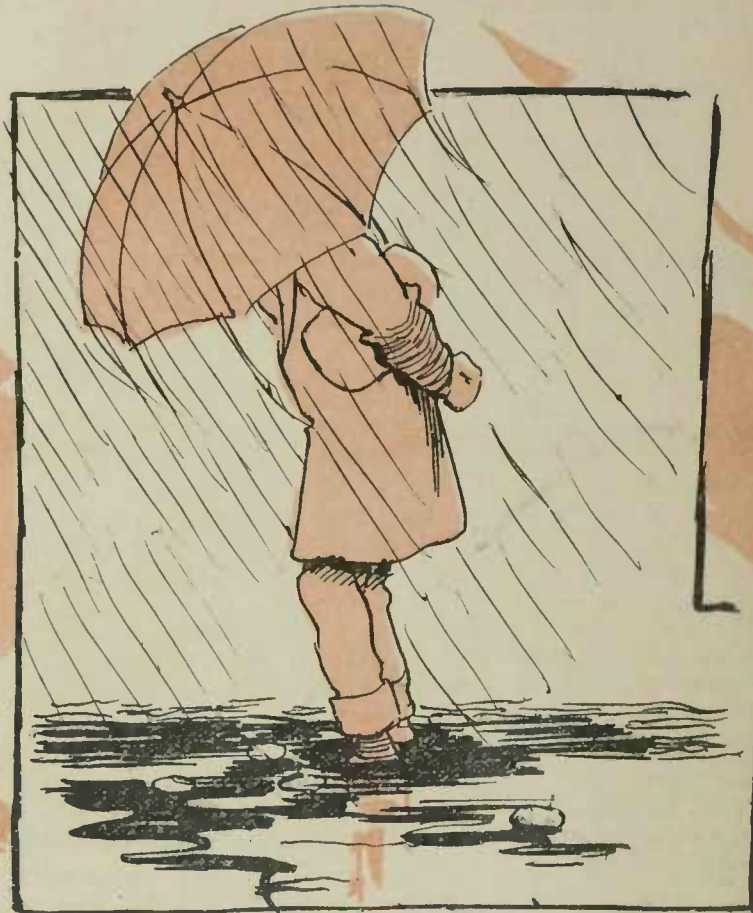
Such.



# O COLOSSO DO JARDIM BOTANICO



Comprados os biscoitos para a Lezi - XYZ. parte a esperar o bonde



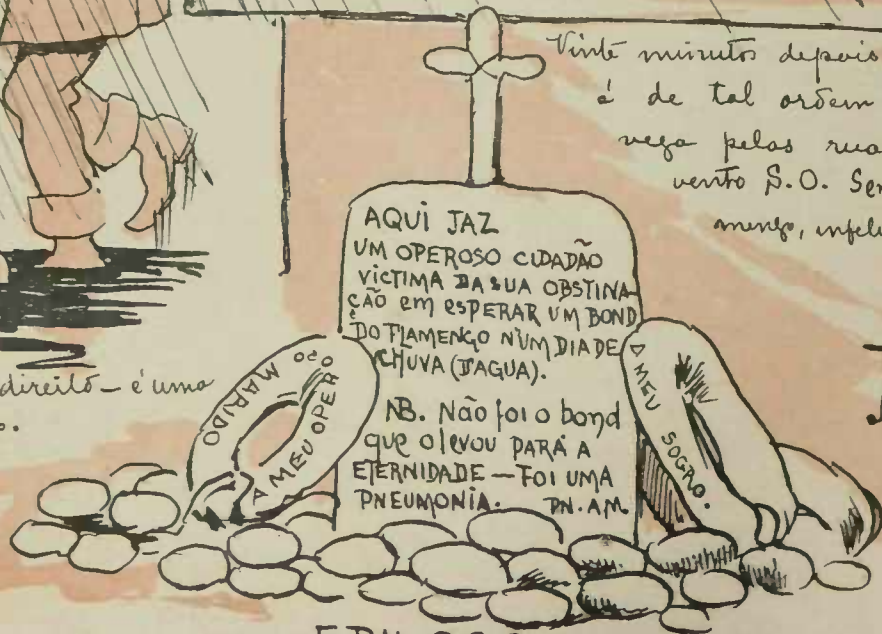
E esperamos pacientemente a lembrar-se que em outras cidades as companhias de viação conhecem estações onde os viajantes podem esperar os carros ao abrigo de chuvas e de solteiras.



Vinte minutos depois a enchurrada é de tal ordem que elle naufraga pelas ruas da cidade com vento S.O. Sem escala pelo Flamengo, infelizmente.

Entretanto, como a agua sobe, para não molhar os dois pés ao mesmo tempo, levanta primeiro o esquerdo

depois o direito - é uma distração.



EPILOGO.

J. V. MACHADO.





# A CIGARRA

## CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

ANNO (52 numeros).	48000
OITOMEZES (até ao fim deste anno)	32000
SEMESTRE (26 numeros).	25000
NUMERO AVULSO.	1000
SUPPLEMENTO.	500
NUMEROS ATRAZADOS	10500
SUPPLEMENTOS ATRAZADOS . . .	10000

ESCRITORIO E REDACÇÃO  
115 Rua do Ouvidor 115

HEBDOMADARIO illustrado por *Julião Machado*

Redacção de *Olavo Bilac*,

Direcção de *José Barbosa*

Propriedade de *Manoel Ribeiro*

ANNO I

Rio de Janeiro, Quinta-feira, 12 de Setembro de 1895

N. 19

CIGARRAS

## A CIGARRA

Devemos desde já prevenir o publico de que, a começar de 1 de Janeiro de 1896, suspendemos a venda avulsa d' *A Cigarra*, que, assim, sómente será distribuida aos seus assignantes. Estes terão, comtudo, direito á aquisição de numeros atrasados, de que porventura careçam, no caso de terem desfaleadas as suas colleções.

Fasemos esta declaração com tamanha antecedencia, para que a todo o tempo não se queixem de nós as pessoas que ainda não tiveram o bom gosto de assignar *A Cigarra*.



Ainda para os devidos effeitos, declaramos, que assumiu a direcção d'esta folha o nosso collega José Barbosa, a quem deve ser dirigida toda a correspondencia litteraria e administrativa d' *A Cigarra*.



Em uma das paginas interiores d' *A Cigarra*, damos hoje o retrato de Virgilio Cestari, o notavel architecto e esculptor a quem deve Ouro Preto a bella estatua de Tiradentes que orna a praça principal d'essa cidade.







Sete de Setembro...

Posso afirmar a quem me lê que ainda não sou velho. Nem tantos annos passaram já sobre a minha cabeça, que eu possa, como um sacco cheio de moedas, ser um homem cheio de recordações. Ainda assim, quantas cousas morreram, de que me lembro, não direi com saudade, mas com amargura...

Com amargura, porque, ao relembral-as, sinto que já deixei alguma cousa perdida atrás de mim, alguma cousa que nunca mais encontrarei. Sete de Setembro é uma d'ellas. Quando nasci, dizia-se esta data com respeito, com veneração, com amor. Havia uma sociedade que se chamava, patrioticamente, *Commemoradora da Independencia Nacional*, e que festejava a data famosa com um grande luxo de bandeiras, um grande fulgor de luminarias e um grande estrondo de foguetes. Era no largo do Rocio. Hoje, creio eu, lá está installada uma sociedade carnavalesca: *c'est le triste retour des choses d'ici bas*.

\*\*\*

Lembro-me bem de que, na alvorada d'este dia retumbante, um parque de artilharia, collocado no morro de Santo Antonio, fazia um grande barulho, annunciando ao mundo que a brava gente brasileira não se esquecia de que mais um anno passára sobre a sua condição de povo livre. No jardim do Rocio, armava-se um coreto em frente á estatua de Pedro I. E, até horas altas da noite, uma banda de musica alli ficava saudando o primeiro imperador.

Elle, muito duro, sobre o seu cavallo de bronze, não cessava de agitar a *carta constitucional* sobre as cabeças da multidão que enchia o jardim. Os jacarés, as onças e os caboclos que cercam a estatua olhavam espantadamente aquillo tudo, sem comprehender porque tanta gente fazia tanta festa áquelle cavalleiro duro.

\*\*\*

A' medida que a noite avançava, o enthusiasmo crescia. Capadocios, de chapéo de palha e lencinho vermelho ao pescoço, vinham chegando, pitando pontas sarrentas de cigarros baratos. De repente, um assobio estridulo soava. Havia uma grita enorme: *São os nagôas! são os nagôas!*

Eram os Nagôas! gingando, chegava a malta celebre de capoeiras. D'ahi a pouco, outro assobio: *são os guayamús! são os guayamús!*

Eram os Guayamús! era a outra malta, inimiga figadal da primeira.

Os dois exercitos acampavam, olhando-se. Depois, a uma ordem simultanea dos dois chefes, abalavam, entrechocavam-se. A policia intervinha. Em menos de cinco minutos, o jardim ficava juncado de reflex, de cacetes, de chapéos. O sangue corria. Navalhas brilhavam, com relampagos rapidos. As senhoras, que das janellas das casas estavam contemplando o conflicto, julgavam necessario intervir, e, para augmentar a confusão da batalha, concorriam com uma farta mésse de ataques histericos. E d. Pedro I, muito duro sobre o seu cavallo de bronze, não cessava de agitar sobre a turba-multa conflagrada a *carta constitucional*.

\*\*\*

Serenado o conflicto, a banda militar recomeçava a esfalfar os seus trombones e a arrebentar os seus bombos, e os vendedores de empadas e de sorvetes recomeçavam a circular... Porque tinha brigado aquella gente? Para se divertir. Ah! os senhores com certeza já não se lembram do esplendor que tinham outr'ora as festas da Independencia no largo do Rocio!

Tudo isso passou. Em primeiro logar, a alegria auriverde de 7 de Setembro já não tem razão de ser. Temos agora uma outra alegria mais nova, a de 15 de Novembro, tambem auriverde, mas accrescentada com uma bola azul, vinte e uma estrellas, uma faixa branca, e quinze letras verdes.

Em segundo logar, Pedro I está desmoralizado. Em vão continúa elle, alli plantado, muito duro sobre o seu cavallo bronzeo, a agitar a famosa carta de alforria. Já ninguem o toma ao serio. E até já houve quem quizesse, n'um assomo de anti-monarchismo feroz, arrancar d'alli a estatua: creio que só não levaram a effeito a jacobina ideia, pela grande dificuldade que ha em deslocar aquelle colosso de metal.

\*\*\*

Depois, já não ha capoeiras. O coronel Sampaio Ferraz deu cabo d'elles, logo depois do advento da Republica, privando-nos assim da instituição que herdamos de nossos paes e não legaremos a nossos filhos.

E, por ultimo, o largo do Rocio tambem está desmoralizado. Mondaram-lhe o arvoredos, e destruíram-lhe as moitas verdes, provavelmente por causa das famas equivocadas, que corriam sobre a criminosa complacencia d'esses recessos, cheios de sombra e mysterio.

Por todas essas razões, já não ha festas de 7 de Setembro. O positivismo lançou mão da gloriosa data e deu-lhe uma serie de commemoração religiosa, que não se compadece muito com a irreverente alegria das commemorações populares. Não ha mais 7 de Setembro.

\*\*\*

Na vespera, eu ainda nutri a esperanza de que a commemoração d'este anno teria uma novidade.

Tinham os jornaes dito que o Sr. Presidente da Republica no dia 7, passaria revista geral a todas as tropas da guarnição. Adiantaram mesmo o pormenor de que S. Ex. passaria por diante das tropas, em carruagem descoberta. Exultei. Pela primeira vez no Brasil, desde que o Brasil é Brasil, vamos ver um chefe de Estado, paisano como eu e como eu desapercebido de honras militares, passar revista aos exercitos da Republica. Que diabo! exultei, porque isso teria para mim a significação de uma victoria do elemento civil. Mas, ai de mim! O Sr. Presidente da Republica não quiz fazer o que faziam Carnot e Perier, e o que faz Felix Faure: o Sr. Presidente da Republica



deixou-se ficar no quartel general, de cujas janellas viu a desfilada das tropas, e quem a estas passou revista foi o Sr. marechal ministro da guerra.

Assim foi frustrada a minha esperanza. A commemoração de 7 de Setembro passou fria, fria, fria, sem uma nota nova, sem qualquer cousa que rompesse a vulgaridade das salvas de artilharia e dos embandeiramentos em arco.

\* \*

Assim passam as datas! *Brava gente brasileira* de que falla o hymno de Francisco Manoel! outra gente, igualmente brava e igualmente brasileira, veio tomar o teu logar na veneração dos povos!...

Fantasio.

## VIRGILIO CESTARI



ESCULTOR ITALIANO

Autor da estatua de Tiradentes em Ouro Preto

## CANCIONEIRO

III

### O BERÇO

Entre violetas e rosas, pequenino e risonho, as mãosinhas cruzadas sobre o peito, Dedê, de cinco mezes, dorme para todo o sempre. Veste-lhe o corpinho rechonchudo a mesma cambraietta com que foi á pia; á cabecinha loura a mesma touca branca. Parece que esperam que desperte, para leval-o novamente á egreja.

Baby, de tres annos, guarda o pequenino irmão. Sabe que dorme porque lh'o disseram. Para não acordal-o, pisa de manso, cautelosa, apertando nos braços Colombina. O sol faz um veuzinho translucido para o rosto risonho de Dedê. Os cirios empallidecem, e as flores vão murchando junto do corpo frio do defunto.

Batem palmas á porta. Baby estremece. Aperta mais Colombina, e lança um olhar ao irmão, receiosa de que tenha despertado. Mas Dedê não desperta: dorme, as mãosinhas cruzadas sobre o peito, como rezando. Batem palmas de novo. Baby, pisando de mansinho, cautelosa, vai á porta e, coitadinha! não consegue abafar um grito, ao dar com os olhos no africano velho que traz debaixo do braço, como um estojo, o pequenino esquisite cor de rosa e branco, cercado de franjas de ouro. Baby

não consegue suffocar um grito: bate as palmas, contente, deixa cahir Colombina e entra a correr, annunciando: « Está ahí o berço novo de Dedê! Está ahí o berço novo de Dedê! »

E, com voz de choro, agarrando-se ás saias da avó tremula, que vai compondo ramos para o pequenino, implora: Mandas fazer um berço igual para mim, vósinha? Mandas fazer, vósinha? » E, para convencel-a, beija-lhe repetidas vezes a mão magra, e a velha, soluçando, beija-lhe os cabellos louros...

Ha dias, indo de visita á casa, encontrei-a silenciosa. Fóra no rosal, já não cantavam passaros; dentro, no interior, berços não se balançavam. Senti que alli faltava alguma cousa... não havia barulho. A mãe, viuva, de vez em vez, levantando a cabeça, punha os olhos no céu, e baixava-os molhados; a velha não fallava. Senti que alli faltava alguma cousa.

Por accaso, voltando os olhos, descobri Colombina sobre uma peanha. Pobre Colombina! Lembrei-me, então, de Baby, e perguntei por ella. A velhinha fitou-me. A mãe baixou os olhos, soluçando.

Teria a complacente avó satisfeito o pedido da creança? Teria a velha dado á Baby um berço côr de rosa e branco, igual ao de Dedê? E não foi outra cousa... essas velhas avós fazem tantas vontades aos netinhos!...



IV

### A PARTILHA

Cantava: e as lagrimas rolavam-lhe em dois fios ao longo da face magra e pallida. Soffria: mas, como era preciso que o pequenito adormecesse, cantava, indo e vindo, devagar, embalando nos braços a creança. O mais velho, tres annos, olhava-a sorridente e, de quando em quando, cantarolava: « Estou com fome, mamãe. Estou com fome... » E o pequenito, insomne, olhava-a, muito esperto, a boquinha collada ao peito. « Estou com fome, mamãe... » cantarolava o outro.

Ia alta a manhã: mas, se o sol alegrava o quintalejo, que tristeza em casa! Viuva, tísica, desfigurada pela molestia e pela fome, timida de mais para pedir esmolas,— que havia de fazer a desgraçada? « Estou com fome, mamãe... » cantarolava o mais velho.

— Espera! filho; espera!

Como o pequenito adormecesse, a mãe foi, pé ante pé, e deitou-o sobre um fofo colchão de pannos, a um canto da casa; e o mais velho, seguindo-a, cantarolava sempre: « Estou com fome, mamãe... »

— Não faças bulha, filho; espera! E, acenando-lhe, correu á cozinha: mas, que havia de fazer?

Ardia, no fogão, a derradeira acha: e a mãe, os olhos rasos de agua, poz-se a soprar a lenha para atear o lume, emquanto o filho, que se lhe agarrara ás saias, cantarolava: « Minha mãesinha! » contente com ver que a chaleirinha fumava. Mas, á mesa, quando a mãe lhe apresentou a tigella e o pedacinho de pão da vespera, o pequeno fitou-a com espanto:

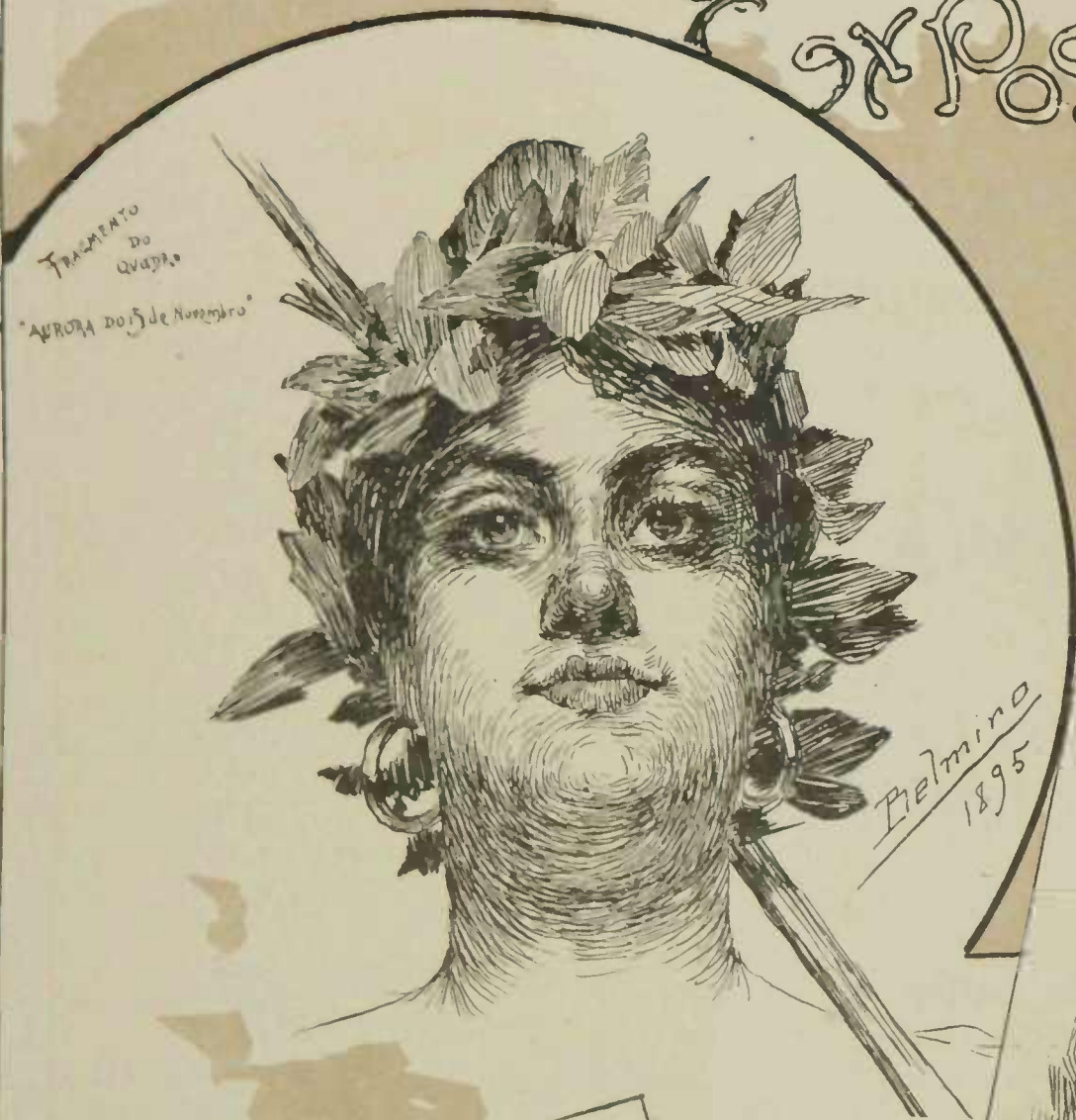
— Só café, mamãe?

— Só, meu filho.

O pequeno, levando a colher á bocca, foi repellindo a tigella, com um beicinho, prestes a chorar.

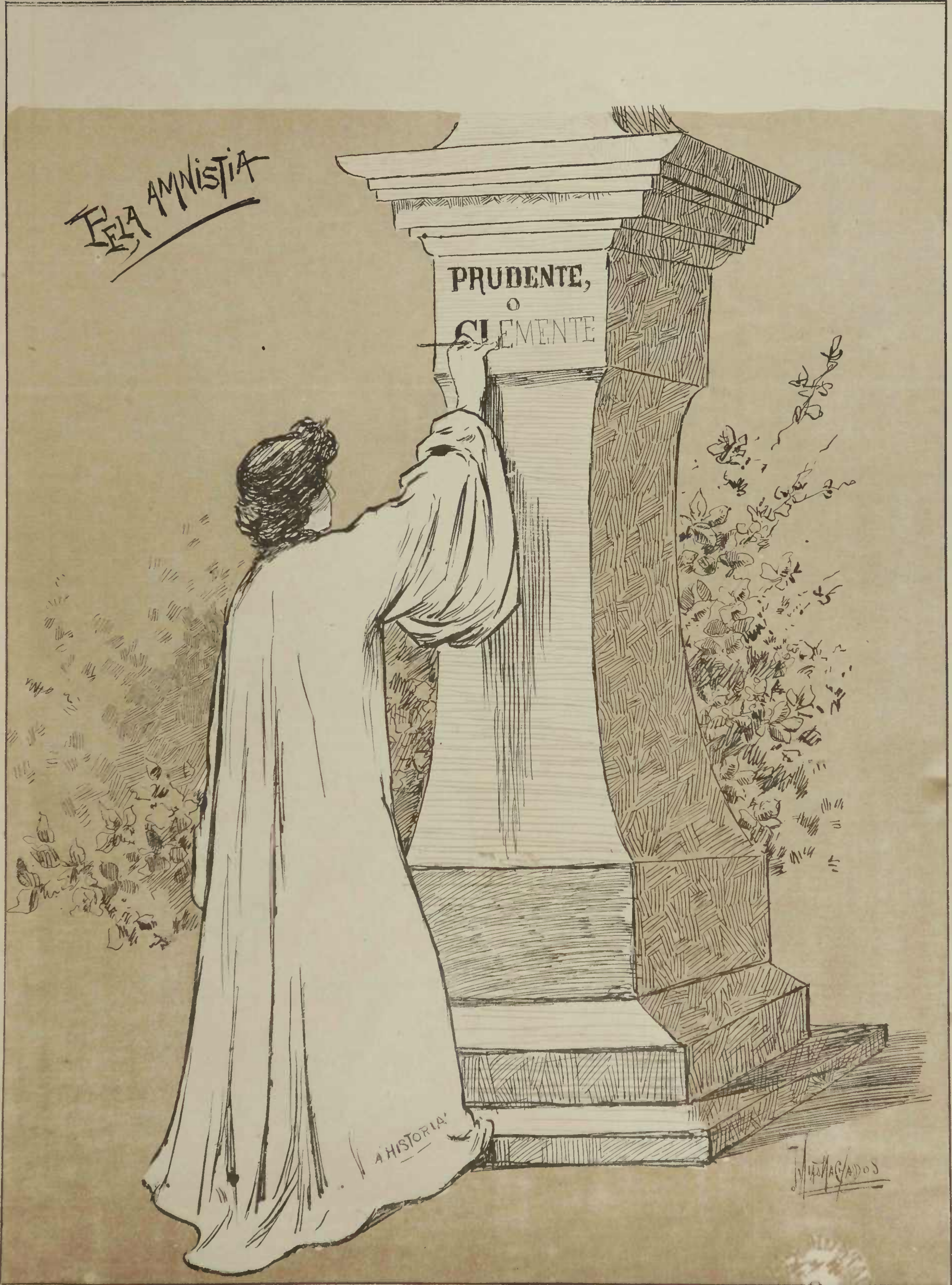


# Exposição de Bellas Artes



Os croquis que damos n'esta pagina são autographos dos seus signatarios que gentilmente obsequiaram a *Cigarra*, dando a este nnmero um inestimavel valor artistico.







— Não chores! olha que vás acordar o maninho! Espera!  
E, desabotoando o corpinho, tirou o peito farto, pojado de leite e espremeu-o, trincando os labios descorados, por onde as lagrimas corriam fio a fio: e, entregando a tigellinha ao filho: — Toma! e não faças bulha! — E o pequeno, arregalando os olhos, satisfeito: « Agora sim! Agora sim! » poz-se a cantarolar.

Baixinho então, ella lhe disse:

— E não peças mais, ouviste? o outro é para o maninho.  
E foi, pé ante pé, espiar o filho que dormia.

Coelho Netto.



E' preciso que eu registre aqui a grande ventura que coube à tribuna parlamentar brasileira, n'estes ultimos dias, vendo-se de novo occupada pelo Sr. senador Ruy Barbosa. Quando um paiz, no meio de todas as suas desgraças e de todas as suas loucuras, pôde ainda dizer com orgulho que tem um filho como este, que valem loucuras? que importam desgraças? — Ver e ouvir Ruy Barbosa, depois de tanto tempo de exilio iniquo, e verificar que o seu talento é o mesmo, como é o mesmo o seu patriotismo e o mesmo é o seu grande ideal de justiça e de amor, — isso vale uma resurreição.

No poema *Ijuca-Pirama* de Gonçalves Dias, o velho indio, já descrente de tudo e de todos, renasce para a vida e para a fé, quando ouve a voz do filho, em meio do alarido do combate:

« — Alarma! alarma! — O velho pára.  
O grito que escutou é voz do filho,  
Voz de guerra que ouviu já tantas vezes,  
N'outra quadra melhor! — Alarma! alarma!  
Este momento só vale apagar-lhe  
Os tão compridos transes, as angustias,  
Que o frio coração lhe atormentaram,  
De guerreiro e de pae! vale, e de sobra!...  
E elle, que em tanta dor se contivera,  
Tomado pelo subito contraste,  
Desfaz-se agora em pranto copioso... »

Tal o Brasil, tendo visto o seu nome espesinhado por tantos filhos sem alma, estremece de jubilo, reencontrando este filho, este verdadeiro filho, este grande e nobre filho, cuja palavra sagrada arde de novo, em defesa dos perseguidos.

Os dois discursos que S. Ex. pronunciou no Senado sobre a amnistia foram um desafogo para a alma brasileira. Tanta falta de coração e tanta falta de grammatica teem reinado ultimamente n'aquelle recinto, que o Brasil bem pôde, abraçado a Ruy Barbosa, chamar como o velho Tupi:

« Este, sim, que é o meu filho bem amado!  
E pois que o tenho emfim, qual sempre o tive,  
Corram livres as lagrimas que choro,  
Estas lagrimas, sim, que não deshonram! »



Infelizmente, não posso dedicar toda esta chronica politica ao venerando senador bahiano. Quero dizer duas palavras aqui sobre Belmiro de Almeida.

Santa Barbara! já estou vendo todas as faces estateladas de pasmo! já estou ouvindo todas as boccas perguntarem anciosamente: « Que vem fazer o nome de Belmiro de Almeida n'uma chronica politica? Daria elle agora em politico? »

Attendei, almas inquietas! Belmiro ainda felizmente não deu em politico. Um deus bondoso e justo affastou-o até agora d'essa calamidade. Ide perguntar-lhe: « Belmiro! és jacobino? és federalista? » e ouvireis: « sou artista! » E' que, realmente, artista é o que elle é, da ponta dos collarinhos compridos á ponta dos sapatos largos. Aquella barbinha empinada nunca mergulhou no atascal, em que as paixões de partido se revolvem e coaxam como rans. Mas, apezar d'isso, ides ver como esse nome illustre, (tão illustre que é o nome de um collaborador d'*A Cigarra*!) ides ver como esse nome illustre cabe na minha chronica politica!



Belmiro expõe agora, no Salão da Escola, uma esplendida allegoria *A Aurora de 15 de Novembro*. Ha dias, o meu grande mestre Ferreira de Araujo, em uma das suas chronicas *Aos sabbados da Noticia*, interpellou sobre estas coisas de Bellas Artes o dr. Augusto Montenegro, outro collaborador da esplendida *Noticia*. (Fiquem prevenidos o Manoel Ribeiro e o José Barbosa de que o Rochinha comprometteu-se a pagar, por esta réclame, cem mil réis que já recebi.)

No dia seguinte, o dr. Montenegro respondeu a Lulú Senior em um artigo que me encheu as medidas.

O artigo acabava assim:

« Bem vê, Lulú Senior, que estou navegando nas mesmas aguas: não me apresente, pois, ás suas amaveis leitoras, de sobrolho franzido e cara de poucos amigos, a oppor-me a tudo quanto possa trazer despezas para o erario publico. Talvez não acredite, mas garanto-lhe ser a verdade: ha tempos anda-me barafustando pela mente a idéa de que a camara deve comprar ao Belmiro de Almeida o quadro — *Aurora de 15 de novembro* — para o collocar na sala de suas sessões, no painel que fica por traz da cadeira presidencial. Quer ainda mais? E' pedir por bocca. »



Ahi teem os senhores como o nome de Belmiro de Almeida não fica mal n'esta especie de resenha das cousas politicas.

O Sr. Augusto Montenegro é membro da commissão de orçamento da Camara dos Deputados. A sua palavra e o seu voto pesam consideravelmente na balança das decisões d'aquella casa dos Paes da Patria.

Basta dizer isto, para que se veja:

1º que a Camara está disposta a adquirir o quadro de Belmiro de Almeida, o que enche de jubilo *A Cigarra*, pela simples razão de que *A Cigarra* é muito amiga do Belmiro; e

2º que a Camara está disposta a fazer alguma cousa em prol da arte brasileira, — cousa que *A Cigarra* applaude com o seu canto mais alegre, e o seu mais frenetico bater de azas.





Tambem o senado mostra querer fazer alguma coisa melhor que discutir fuzilamentos, pondo-se a discutir com empenho grande e grande boa vontade o projecto de lei sobre propriedade litteraria e artistica. Que sahirá da discussão? Por minha vontade, o projecto adoptado seria o famoso projecto de Alphonse Karr, cujo dizer é este:

« Art. 1º A propriedade litteraria é uma propriedade.  
Art. 2º Ficam revogadas as disposições em contrario. »

Mas isso é pedir muito. Basta que nos deem alguma cousa. Quem é pobre não tem luxo. Aos srs. livreiros, Omnipotentes Donos nossos, já nos contentamos com pedir isto: que não nos roubem! ou, que, se fazem absolutamente questão de nos roubar alguma cousa, deixem-nos o trabalho intellectual, e levem-nos os aneis, ou o relógio, ou qualquer outra propriedade menos sagrada.

L. F.



No dia 7 de Setembro ultimo, o collegio Abilio, de que é director o distinctissimo Sr. Joaquim Abilio Borges, foi ao Palacio Itamaraty comprimentar o Sr. Presidente da Republica, e com S. Ex. regosijar-se pela pacificação do Rio Grande do Sul. O prestito, garrido e bem organizado, foi vivamente aclamado pelo povo que enchia a Rua do Ouvidor. O collegio saudou todas as redacções, e teve a gentileza de deixar em nosso escriptorio um grande e formoso bouquet de flores artificiaes, em cujas fitas amarellas e verdes lia-se em letras de ouro a inscripção: *A Cigarra, O Collegio Abilio.*

*A Cigarra* agradece penhoradissima a amavel lembrança.



## THEATROS

Loie Fuller... Ha muitas. Esta que nos visita hoje não é por certo a verdadeira, a legitima, a authentica, a que fez em Paris um successo ruído, e que, por isso mesmo, já deve ter casado com algum principe russo, preferindo a obscura tranquillidade do matrimonio á deslumbrante agitação da *Dansa Serpentina*. A Loie Fuller que hoje nos encanta é com certeza uma das muitas imitadoras da gloriosa creadora d'esta rutilante borracheira. Que importa? a *Dansa Serpentina* é a mesma. E a apparição de Loie Fuller teve, ao menos, a vantagem de levar o publico ao theatro, em que Cuneo e Tiozzo se esfalfavam a declamar tiradas de dramas e tragedias á platéa deserta.



Não espereis que, á maneira dos meus collegas de chronica theatral, eu vá derramar-me aqui em phrases sentidas sobre a decadencia da Arte, e em lamentações sobre o envaccamento d'este fim de seculo, que prefere a *Dansa Serpentina* ao *Othelo*, e Loie Fuller a *Zaira Tiozzo*. *Zaira Tiozzo* não tem de que se queixar. Se está convencida de que o povo prefere a *Dansa Serpentina*, porque teima em representar dramas?

Ninguem pôde contrariar o gosto do publico, Signora *Zaira*! Compre alguns metros de tarlatana, e perca alguns metros de escrupulo. Peça algumas lições á Fuller, e deixe-se de partes! atire-se á *Dansa Serpentina*, ganhe dinheiro a rôdo, enriqueça, porque, emfim, sempre será tempo de regressar, filha prodiga, á Arte Pura.... depois de sexagenaria.



E' o que fez, mais ou menos, e guardadas as devidas proporções, a nossa gloriosa actriz *Ismenia*, que, depois de vinte annos de *tro-ló-ló*, teve saudade dos dramas do sr. Pinheiro Chagas, e está agora, no palco do *Lucinda*, representando a *Morgadinha de Val Flor*, com uma grande abundancia de talento e de banhas. Peço aos leitores que não deem aqui nenhuma significação maliciosa ao substantivo — abundancia... Que *Morgadinha*! quando ella entra em scena, vestida de homem, as taboas do palco offegam e gemem, passa pelas bambinellas um calafrio de espanto, e *Luis Fernandes*, deslumbrado e orgulhoso, exclama: « Ai! mulher! como seriamos felizes, se eu não fosse tão pobre, e tu não fosses... tão gorda! »



Outra resurreição artistica é a da sra. *Emilia Adelaide*. Esta nunca se arrojou allucinadamente á mina do *tro-ló-ló*. Ficou fiel á sua arte. Mas, succedeu-lhe o mesmo que á sra. *Ismenia*: engordou.

Ah! desgraçados de nós! a gordura irreverente não perdôa a ninguem. Todas as mulheres, as fieis como as infieis, tem de pagar o seu tributo a essa dolorosa contingencia da vida humana. Em todo o caso, assim mesmo gordas, — emquanto a sra. *Ismenia* faz a *Morgadinha* no *Lucinda*, a sra. *Emilia Adelaide* faz a *Padeira* no *Variedades*. E, se venho tratar aqui d'essas duas resurreições, é porque ellas me dão o ensejo de revelar ao publico um facto gravissimo. Mas, o facto é tão importante, que bem merece um paragrapho especial.



O facto é este. Tenho ido ao *Lucinda*, e tenho ido ao *Variedades*. Pois bem! ainda que me não creiam, juro-lhes que ainda não vi por lá nenhum d'esses senhores criticos, que todos os dias lamentam nos jornaes a decadencia da Arte.

Ainda por lá não vi nenhum d'elles! provavelmente, andam muito occupados com *Sal e Pimenta*, *Abacaxi*, *Kim-Fa na China*, e *S. Pedro debaixo de agua*.

Dir-me-ão talvez que a arte dramatica, cuja volta esses criticos anciosamente esperam, não é propriamente a das sras. *Ismenia* e *Emilia*? Qual é então? querem que *Sarah Bernhardt*, tão magra, se transplante expontaneamente para dentro do aconchego das exuberancias d'essas duas senhoras?

Buch.



# A SEMANA



Pulsa deitar-me,  
palavra é heita!  
Também inquieto  
os outros dormem?...  
"Dormir souhar...  
Reunir, talvez!"



- Ora, então vejamos!



Que mastada!



Ah...  
co'riente!



É depois  
BOA NOITE!

a cigarra

Peja COPIA



A irmã mais velha  
de José Fialho.  
(Se agudas nos)



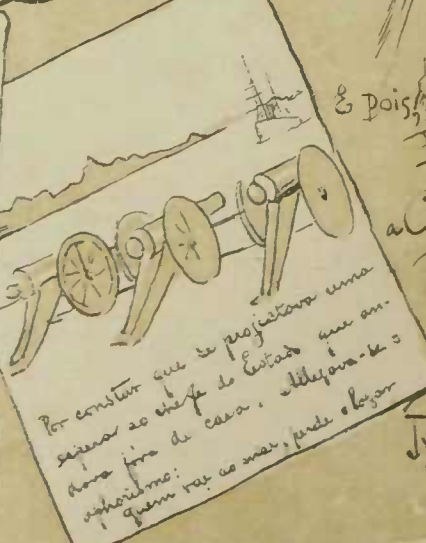
Um carapinha que julga  
indispensável a "causa"  
para ir ver a dancas.  
Supostamente a quem não  
ver a Dama dos Camelões  
nem por mangas de ca-  
misa



é corte de um  
titular que com-  
prou um peru (um  
tudo a dez) por 1500



De promptidão!



Por constar que se projectava uma  
separar ao chefe de Estado que em  
sua fins de casa, allegava-se a  
sophisticado:  
quem vai ao mar, pede o legor

JULIANO MAGALHÃES



Il est hyver, danse ; faineante.  
Appren des bestes, mon ami.  
BAIF.

# A CIGARRA

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA  
 ANNO (52 numeros) . . . . . 48\$000  
 OITOMEZES (até ao fim deste anno) 32\$000  
 SEMESTRE (26 numeros) . . . . . 25\$000  
 NUMERO AVULSO . . . . . 1\$000  
 SUPPLEMENTO . . . . . \$500  
 NUMEROS ATRAZADOS . . . . . 1\$500  
 SUPPLEMENTOS ATRAZADOS . . . . . 1\$000

HEBDOMADARIO illustrado por *Julião Machado*

Redacção de *Olavo Bilac*,

Direcção de *José Barbosa*

ESCRITORIO E REDACÇÃO  
 115 Rua do Ouvidor 115

Propriedade de *Manoel Ribeiro*

ANNO I

Rio de Janeiro, Quinta-feira, 19 de Setembro de 1895

N. 20

## A CIGARRA

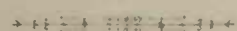
O nosso caricaturado de hoje é MANOEL DA ROCHA, o director da gloriosa *Noticia*, folha da tarde, que veio fazer na imprensa fluminense uma verdadeira revolução. Nunca, em tão breve tempo, houve jornal que tão larga popularidade conquistasse.

Não é costume nosso acompanhar do texto encomiastico as caricaturas que inserimos n' *A Cigarra*. Abrimos hoje uma excepção, saudando *A Noticia*, que na passada segunda-feira completou um anno de idade, e dando a MANOEL DA ROCHA uma prova do quanto admiramos e estimamos o seu talento e o seu caracter.



Devemos desde já prevenir o publico de que, a começar de 1 de Janeiro de 1896, suspendemos a venda avulsa d' *A Cigarra*, que, assim, sómente será distribuida aos seus assignantes. Estes terão, comtudo, direito á aquisição de numeros atrasados, de que porventura careçam, no caso de terem desfalcadas as suas collecções.

Fazemos esta declaração com tamanha antecedencia, para que a todo o tempo não se queixem de nós as pessoas que ainda não tiveram o bom gosto de assignar *A Cigarra*.







CREIO que a tradição bíblica do peccado original foi alterada depois de Moysés. Um amigo meu, versado em sciencias occultas, profundo conhecedor de todos os mysterios da Kabbala, discipulo de Eliphaz Lévi e Papus, homem que confabula com o além-tumulo, e que, como Swendenborg sabe o que se passa no seio de Jupiter, affirma-me que os versiculos 13 e 16 do Genesis estão errados. Segundo esse investigador de cousas complicadas, o verdadeiro texto é este :

« 13. E o Senhor Deus disse para a mulher : porque foi que te arriscaste a ter uma filha ? E ella respondeu : A serpente me enganou, e eu comi do fructo.— 16. E o Senhor Deus disse para a mulher : Eu multiplicarei os teus trabalhos e os teus partos. Tu em dôr parirás filhos e filhas, e estarás sob o poder de teu marido, e elle te dominará. E, para que sejas castigada, teus filhos e filhas casarão, e terás genros e nóras. E serás sogra ! »

Esse foi o castigo da mulher. E assim se explica o odio que todo o mundo tem ás sogras, e o pavor que ellas incutem aos homens que procuram matrimonio, e a perseguição que lhes movem os anedoctistas, e o frechamento de rimas venenosas com que a teem martyrisado todos os poetas satyricos da creação...

Mas, não ha maldição perpetua. O tempo apaga tudo. Era justo que as sogras tivessem um redemptor. Tiveram-n'o. E' um homem bonito, não muito alto, não muito baixo, antes gordo que magro, possuidor de um par de olhos formosos e de uma penna que tem escripto mais de duas mil paginas admiraveis e fortes.

Esse homem, que nasceu em S. Luiz do Maranhão, recebeu na pia baptismal o nome de Aluizio Azevedo. Mas, antes, já tinha recebido no berço as prophcias e as dadas das fadas, que, avocadas no momento da sua vinda ao mundo, deram-se pressa em vaticinar-lhe o futuro.

Uma d'ellas disse : « Será bello ! fará andar á roda muita cabeça de mulher bonita, e na chamma dos seus olhos muita mariposa anciosa virá queimar as azas imprudentes ! »

Outra, meneiando a cabeça : « Dar-lhe-ei cousa melhor ! Dar-lhe-ei o talento de transplantar para a téla as mulheres bellas que amar ! Será pintor ! »

Disse a terceira : « Não será pintor ! será escriptor ! a sua alma abrir-se-á, como um estuario vasto, para receber todos os

rios da paixão humana ! dirá todos os sofrimentos e todas as alegrias da vida, descera aos abysmos de todos os corações, e a sua Obra será um largo espelho magico, em que todo o mundo se verá reproduzido ! »

E iam retirar-se, quando na alcova appareceu a propria mãe Eva, a propria mulher primeira, que foi a primeira sogra, e disse : « E como escriptor, redimirá as sogras ! Para confusão dos genros, rehabilitará as sogras calumniadas, em um livro singular e piedoso, que será posto á venda na heroica e leal cidade de S. Sebastião, na terceira semana do mez nono do anno de mil oitocentos e noventa e cinco ! »

\*\*\*

E assim foi que Aluizio Azevedo, tendo escripto muitos livros, escreveu este *Livro de uma Sogra*, que acaba de sahir á luz, e que eu acabo de ler de um trago

\*\*\*

Seria inutil procurar n'este romance de *Aluizio*, a mesma fórma que serviu de molde ao *Cortiço* e á *Casa de Pensão*. O processo é o mesmo,— de observação e de analyse. Mas, nos outros livros, o estudo do autor abrangia grandes massas humanas. De maneira que, mesmo quando estudava *Amancio*, *Magdá*, *Pombinha* e todos esses personagens sem conta, que amam, soffrem, intrigam, conspiram, vivem e morrem no Kaleidoscopio gigante da sua obra, via-se que o auctor não se demorava a fixar a attenção n'uma só alma, desfibrando-a escrupulosamente, submettendo a á lente de um exame minucioso. N'essas obras, o que se estudava não era um homem, uma mulher, mas a Vida, immenso conjuncto de vidas innumeraveis... Aqui, no *Livro de uma sogra*, é uma alma de mulher, uma alma só, grande e meiga, que se estuda...

\*\*\*

Esta chronica não póde analysar o livro novo de Aluizio. Estou aqui para dizer o que houve de notavel durante a semana, e não para fazer critica litteraria.

Mas que houve durante a semana ? Houve boatos e suicidios. Mas, os boatos deram em nada ; e quanto aos suicidios, porque tratar d'elles ? todos nós nos matamos mais ou menos ; depois, quem se mata por estar farto de viver, não se mata para fazer fallar de si : porque dar ainda a vida ephemera de uma referencia na chronica a quem deu á vida o safanão de supremo nojo ; com que a gente se livra de uma preocupação importuna ? Volto á rehabilitação das sogras.

\*\*\*

Porque, se não posso insistir n'esta secção d'*A Cigarra* sobre o valor litterario da obra de Aluizio, posso insistir sobre o valor moral da obra de rehabilitação das sogras, a que elle metteu hombros. Que importa que os genros se rebellem contra mim ? Nunca fiz caso de opinião dos homens. Só a opinião das mulheres me preocupa.

Ha tempos, como eu me mettesse a louvar o encanto das quarentonas, e a seriedade com que ellas amam, e o sabor delicioso dos seus beijos outonaes, e a paixão convencida com que sabem pôr toda a sua alma n'um olhar, e todo o universo dentro de um abraço,— todas as mulheres menores de trinta annos, não podendo conter um movimento de colera, franziram a testa e deixaram cahir sobre a minha cabeça culpada uma saraivada de remoques. Fiquei condemnado a passar pela rua do Ouvidor, sem receber o mais indifferente dos cumprimentos de moça. Não me suicidei, só porque previ que a zanga não podia durar muito. Mulher bonita não odeia. Ha mãos tão bel-



las, que não servem para amaldiçoar.

Desta vez, não creio que a minha apologia das sogras provoque a colera das nóras. O *sogrismo* é uma contingencia fatal na vida da mulher. Quem não é ou não foi sogra, sel-o-á. Mesmo porque ha para a mulher uma cousa peor do que chegar a sogra: é ficar para tia.

\*\*

Abençoado sejas tu, Aluizio! Eu, se algum dia casar, faço questão de que minha mulher tenha mãe. Que não tenha pae! mas que tenha mãe! Que bello, ter em casa trez mulheres: uma já velha, aureolada de cabellos brancos, tronco sagrado de que rompeu o galho verde e carinhoso, que nos deu á alma cançada a sombra doce do amor! a segunda, galho verde d'esse

tronco, de onde rebentou uma flôr em que vemos reviver todo o perfume da nossa alma antiga! a terceira, flôr d'esse galho, flôr de carinha bregeira e mãos de velludo, flôr que nos arranca o bigode, que nos diz desaforos, que nos abre o céo n'um beijo, e que nos faz cahir de joelhos e crer em Deus, quando deixa cahir dos labios divinos as duas syllabas da palavra mais doce: *papae!*...

Oh! porque fallar mal das sogras? Olhae: de cem homens que fallam mal das respectivas sogras, noventa e nove são genros sustentados por ellas.

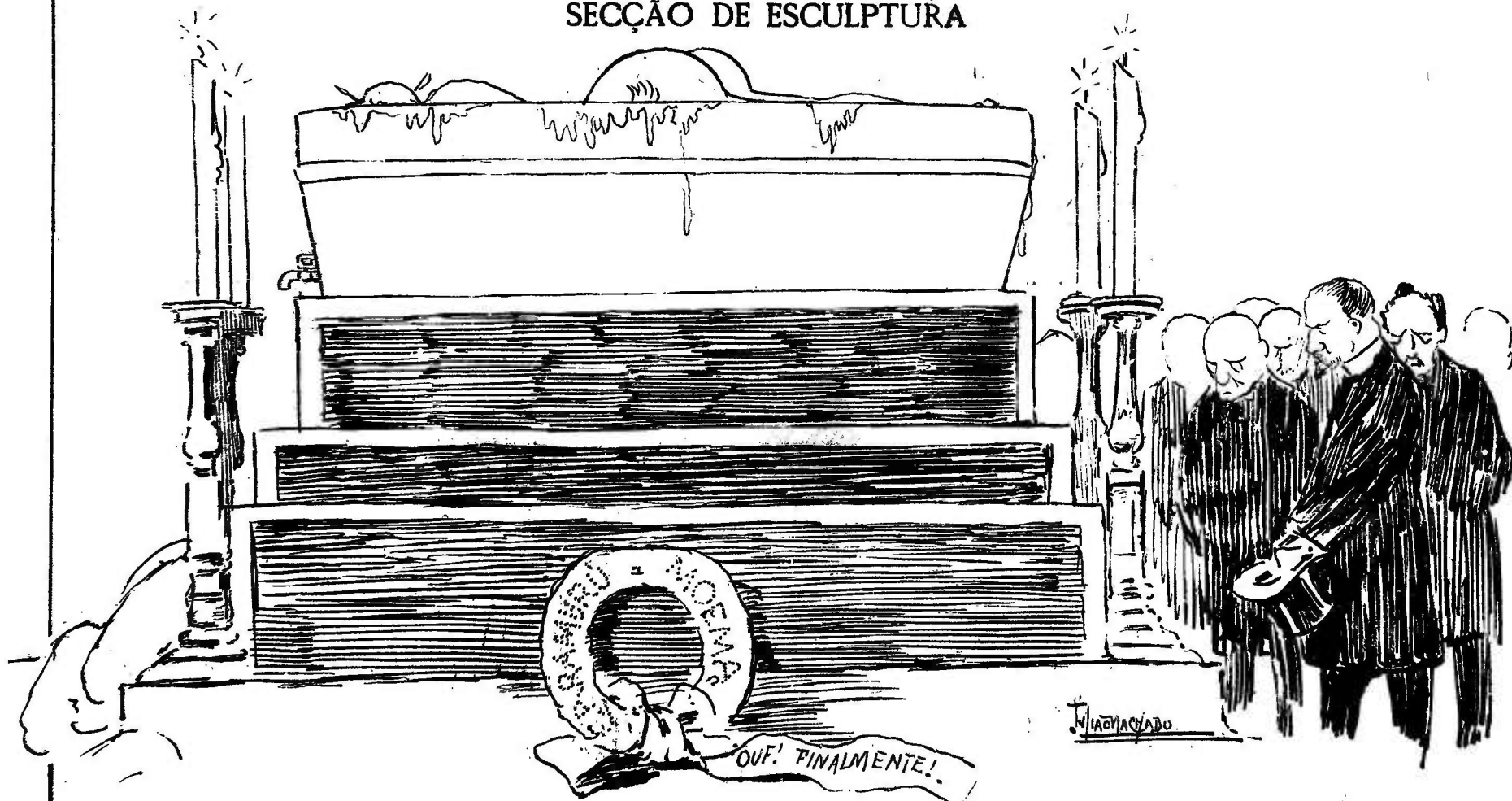
\*\*

Abençoado seja Aluizio, Redemptor das Sogras!

Fantasio.

## EXPOSIÇÃO DE BELLAS ARTES

### SECÇÃO DE ESCULPTURA



« MOEMA » — ou os funestos resultados da má collocação das boias, quando se toma banho sem saber nadar.

## MINAS CAPITAL

Tambem *A Cigarra* foi a Bello Horizonte assistir a essas festas. Foi o nosso amigo Alberto Naylor quem lá representou *A Cigarra*, trazendo-nos a medalha de prata offerecida á imprensa.

Chegamos talvez tarde para dizer o que foram as festas. Já toda a imprensa a ellas se referiu, minuciosamente. Mas, cremos que será bom escrever alguma cousa.

A medalha, cunhada na Casa da Moeda, é bonita; bonitos são os projectos dos edificios que em Bello Horizonte se vão construir: bonito foi o banquete offerecido aos convidados (que bem precisavam d'elle, coitadinhos! depois de um dia de jejum); bonita foi a iluminação do arraial; bonitas eram as senhoras que concorreram... Emfim, só uma cousa não foi bonita: a viagem.

Não queremos dizer que não seja bella a paisagem, que durante a jornada festiva se desdobrou aos olhos dos viajantes: pelo contrario!

A viagem não foi bonita pela razão muito simples de que a administração da Estrada de Ferro Central tratou os representantes da imprensa com uma grosseria sem nome, fazendo-os passar quarenta e oito horas sem cama e sem comida, e tentando matá-los, — mas positivamente matá-los, á força de fome e de solavancos.

O nosso representante, graças á sua robusta constituição, chegou aqui vivo, (apezar de muito moido), milagrosamente salvo da tentativa de assassinato de que foi victima:

Tentativa de assassinato, sim! Porque a administração da Estrada Central, além de não dar comida aos jornalistas que cahiram na asneira de emprender essa viagem de quasi além — tumulto, ainda preparou contra elles descarrilamentos, choques de trens, desastres, o diabo! — Ah! aquillo foi um divertimento chéio...

Quasi todos os nossos collegas de imprensa callaram a falta de consideração com que foram tratados, na ida e na volta, os convidados, enquanto estiveram sob a immediata jurisdicção do pessoal do Sr. marechal Jardim.

Mas *A Cigarra*, que é uma rapariga mal creada, declara ao Sr. marechal Jardim que nunca mais cahirá em igual armadilha.



# Salon Comico

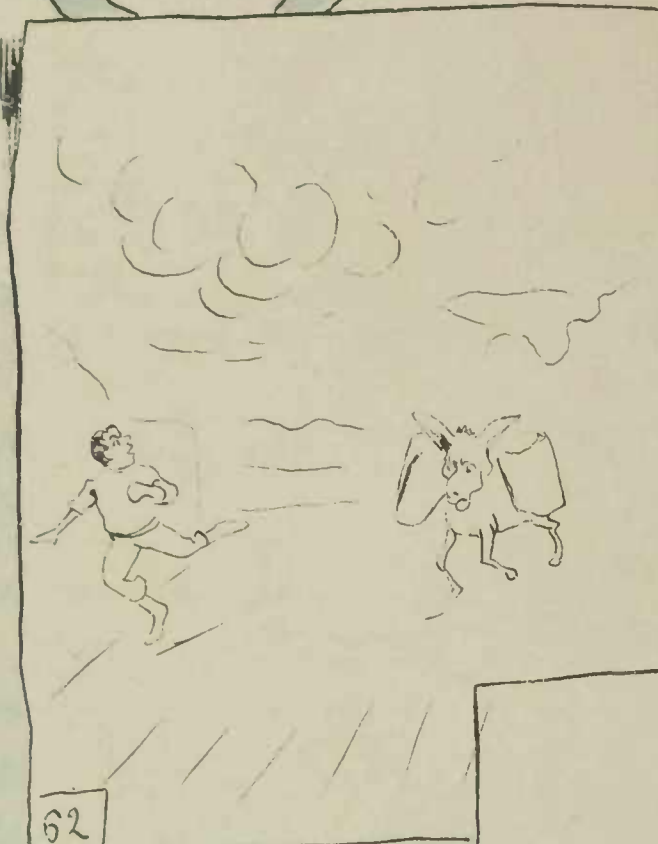
Por  
FELMIRA

1895



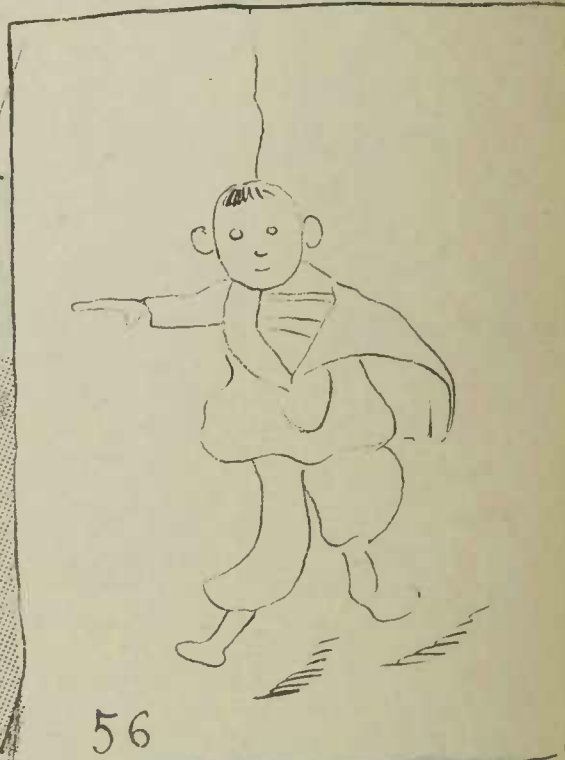
103

- Yô-yô, QUER LINGUIÇA?



62

LIVRA!..



56

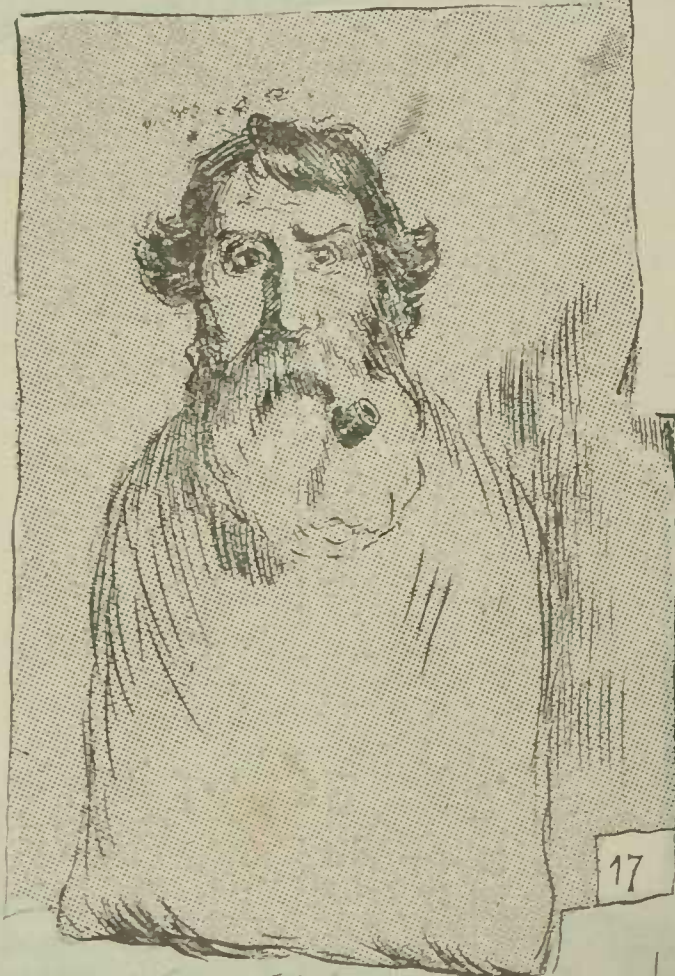
JOÃO MINHOCA



2

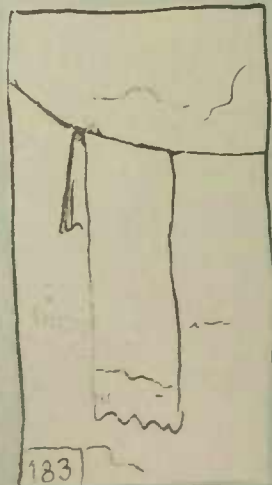
MEIA CARA

(A OUTRA MEIA PARA O  
SALON DE 96)



17

TRISTE SORTE É A DO CARVOEIRO!



183

as Tachas do  
Vinte e quatro



# O RAPTO

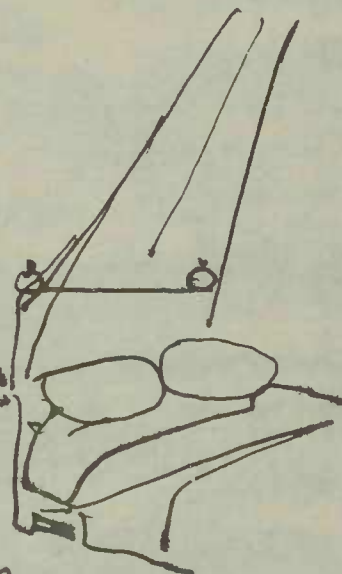
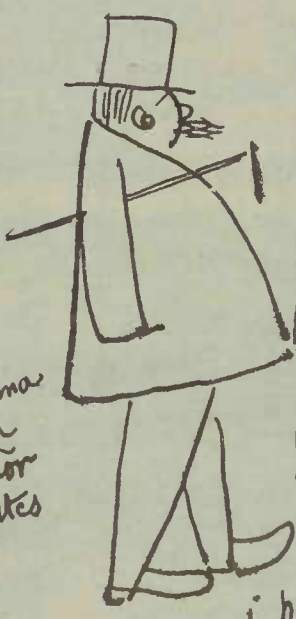
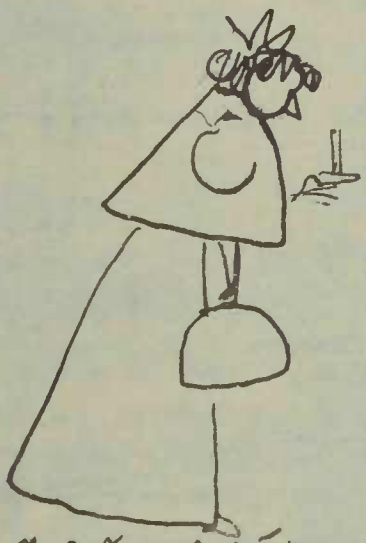
A pagina que vae ser lida foi conseguida pela *Cigarra* a troco dos mais extranhos esforços e dos mais crueis sacrificios. Mas qué importa? se conseguimos dar ao publico que nos lê uma prova do cuidado com que zelamos a sympathia que elle nos dispensa! Esta pagina é um documento do mais alto valor — porque é o depoimento da creada de uma das 5 damas raptadas, durante os ultimos 15 dias. Mas não é só um depoimento, é mais alguma cousa! — é o depoimento escripto é *illustrado* pelo proprio punho da testemunha, que o assigna! Se depois d'isto os leitores não concordarem q ue a *Cigarra* é o primeiro periodico das duas Americas — cebo!



Era pur volta da uma.  
Esja estava deitada a dormir  
muito Bem quando um  
mexer no crasto da cenõra  
alvantei-me i expreitei

Via cenõra vistida  
ao pé di a ginel  
de xapur na kabesa

di pois de brus.  
pou ce i um dizer  
para bair A. Albertu  
vã-ma de  
deser

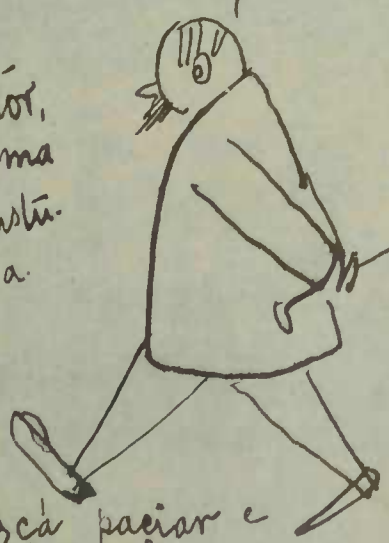


A Cenõra intã pesu  
nu gar tical i numa  
malina i ca in

Eu con teime na gama  
e puzma pensar a  
culpa era di cenõr  
q paca ra as noites  
nu joque

i parebse q loqu pur koi  
za de diabo o Cenõr cumu  
nã viu a Cenõra per-  
quintoume. Eu contei tudu

U cenõr Albertu i doutor,  
amigu au cenõr fãu ma  
ridu da cenõra i custu  
man viu muinto a  
karta dus cenõres



El intã pozçã paçiar e  
dize pois ki va pro diabo!  
(com perbas di eo iskriver isto.)

Max meia ora dipo is cumu nã cintie  
mais paçiar fui i priitar a porta.  
Jals tãra de tãra a dormir. Um recunat  
primeiru e depois dizer com voz muinto  
forti: Em xeio nu duble zero! Par esse que  
Estava a çunbar co o vicio, coitadu du home.

Quinu jaca gabou u papel que  
me de u não it pili que mais  
Maria Juli

Pela exactidã do copia  
J. V. A. G. A. D. U.





**C**AUTELOSAMENTE, pé aqui, pé alli, devagarinho, sahiram os pescadores ainda com o escuro da noite. e fôram-se ás aguas da politica. Puzeram-se a agital-as, sacudindo dentro d'ellas quanto boato absurdo e perverso pôde sahir da cabeça de um despeitado pescador de aguas turvas. Puzeram-se a agital-as... Ah! depois, com que largo gesto de mal contida anciedade, atirariam ao seio d'ellas as amplas redes! e que pesca farta, — de empregos, de soldos dobrados, de verbas secretas, de favores orçamentaes, de patifarias rendosas!

Voltaria o tempo abençoado, em que a delação era um sacerdocio, a espionagem uma religião, e a profissão de policia secreta a mais digna de todas as profissões! Voltaria a idade de ouro, em que não se sabia o que era falta de dinheiro, porque o Thesoureiro-mór não discutia o preço das dedicações que comprava, e porque, em dias de apuro, as notas recolhidas sahiam a dar um segundo gyro pelo paiz!... Oh! sonho doce!

X

Mas, d'esta vez, as aguas não se deixaram turvar. Em vão arremessaram para dentro dellas boatos e mais boatos. Trez batalhões revoltados em Nictheroy, quatro batalhões revoltados aqui, o chefe do Estado preso em Santa Cruz, Julio de Castilhos deposto por Galvão, Galvão deposto por Castilhos, o diabo. E as aguas limpidas e impassiveis... E porfim, nem mesmo os baixistas da Bolsa conseguiram ganhar alguma cousa com a machinação, porque a queda do cambio foi rapida e curta.

E quem ganhou tudo foi o presidente da Republica, a quem o povo fez uma ovação entusiastica, no momento em que o supposto prisioneiro da Ilha Grande pisou o chão da Capital. Ainda bem! Por mim, confesso que acreditei nos boatos. Eram absurdos? pois sim! n'esta terra, só o que é absurdo é que é logico... Eram perversos? mais uma razão para serem verdadeiros.

Pela rua do Ouvidor, todo o mundo perguntava com afflicção: « Mas, decididamente, esta gente não tem mais o que fazer? »

Não tem, não! O boato é a sua profissão, a sua industria, o seu negocio, o seu meio de vida, o seu ganha-pão. A gente que longo tempo gozou das famas e dos proveitos do titulo de consoladora das instituições, não pôde agora admittir que ellas, sem o seu auxilio, ainda estejam consolidadas. Tudo vae mal, desde que não está entregue aos benemeritos, que salvaram a Republica por empreitada, ao preço de duzentos contos de réis.

X

Para que se veja a vontade que ha de perturbar a obra da pacificação do Rio Grande, basta ler os telegrammas castilhistas que de lá vem. Em todos esses telegrammas, ha a affirmação, feita com jubilo, de que os federalistas não largaram ainda as armas, e não as largarão, enquanto Castilhos estiver no poder.

Mesmo admittindo que isso fosse verdade, parece que o dever do quem ama o Brazil seria consignar o facto com magoa, tentando demover d'esse proposito insensato os revo-

lucionarios. Mas faz-se juntamente o contrario. A cada telegramma d'esses que chega, ha gyrandolas festivas, nos arruaes jacobinos. Oh! os grandes patriotas, para quem mais uma desgraça da patria, é mais uma ventura na vida!

X

Demais, o melhor meio de acalmar os odios no Rio Grande parece ser, para essa gente, o irrital-os, o açulal-os, o augmental-os. Tal um medico que, para cicatrizar uma ulcera, despejasse sobre ella um frasco de acido sulfurico

O governo legal chamou a si os revolucionarios, convenceu-os de que já é tempo de tomar juizo, deu-lhes garantias, acalmou-os, submetteu-os. Os homens, que só batalhavam porque lhes davam bordoada, e é justo que se defenda quem apanha, foram os primeiros a dar tudo, sem nada exigir. Fez-se a paz. E que fizeram os interessados na continuação da guerra? Desandaram a descompor os submettidos, com uma falta de generosidade que orça pela covardia.

Ora, esses senhores suppõem que têm o privilegio do brio e o monopolio do amor proprio, como já tiveram o privilegio das posições gordas e o monopolio do dinheiro publico. Como querem que se submettam de facto aquelles que, chamados a uma conciliação honrosa, estendem generosamente a mão a quem os chama, e, em vez do toque fraternal, recebem n'ella o escarro venenoso das pequeninas paixões descontentes?

X

O que ha de curioso é que os despeitados escolhem para bode expiatorio do seu rancor o general Galvão, que é um simples emissario do governo.

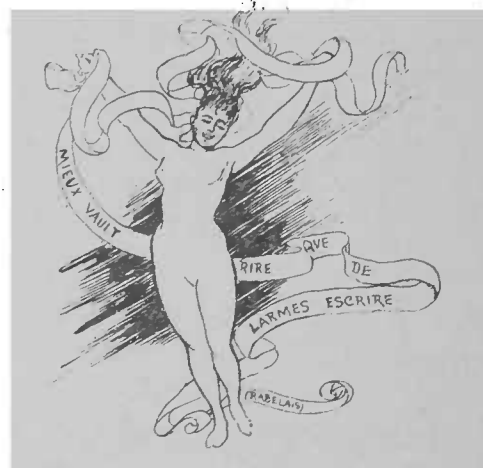
Se a pacificação foi um erro, e mesmo um crime, como o quer a gente que obedece ao mando do Sr. Julio de Castilhos, porque não responsabilisam por esse crime o Sr. Prudente de Moraes, que já declarou em pleno Itamaraty *que é elle e elle só quem governa?*

O general Galvão exorbitou das suas instrucções? Porque não foi ainda demittido?

Eu, se fosse o Sr. Prudente de Moraes, não estaria muito lisongeiado com o singular juizo que fazem do seu papel de chefe da nação os degoladores da camara. E' um papel de... innocente, para não empregar outro adjectivo mais forte.

X

Mas o Presidente da Republica bem sabe o que elles querem...



L. F.

## Theatros

Ah! que não seja eu nephelibata!... Que não saiba eu, instrumentando as minhas vogaes, Wagner da phrase, transformar o meu periodo em qualquer cousa que tenha voz e perfume, côr e movimento, em qualquer cousa que entre pelas almas, aprisionando-as, invadindo-as, amarrando-as ao meu rythmo, escravizando-as ao jugo de ouro da minha Ideia!

Mal de mim! quando comecei a escrever, só se sabia escrever como se falla, dizendo as cousas como as cousas são:



como poderia eu agora, aos quarenta e cinco annos de idade, mudar de ideal, de escola e de estylo, com a mesma facilidade com que mudaria de casaco, de collete e de calça?...

Ah! que não seja eu nephelibata! que não saiba eu, para tratar d'esta Ida Füller, que faz a *Dansa Serpentina*, dar á minha prosa essa vaga maneira ondulante, que só os iniciados entendem, e que, como o estylo de um Deus, fica pairando acima das almas vulgares, inaccessible á intelligencia dos profanos! Porque, emfim, como hei-de eu corporisar nesta velha fórma, n'esta rafada linguagem, que é a de todo o mundo,—a minha como a do meu sapateiro,—a impressão miraculosa que ella me deixou nos olhos e na alma,—ella, a pallida Füller, que é tão feia nos retratos e tão bonita em scena?!

Emfim, cá vou eu, pallida Füller, cá vou eu por esta columna abaixo, rolando de trópo em trópo e de tolíce em tolíce, como uma cascata louca.

Onde irei eu cahir, Füller? No ridiculo? Pouco importa. O que eu quero é chegar ao fim da columna.

Ha um silencio profundo. O palco, vasio, tem a mudez de um templo que espera a sua deusa... Na platéa, binoculo em punho, olhos esbogalhados em que a anciéidade põe uma chispa de febre, peito oppresso, alma álerta,—a multidão nem respira. De repente, um jorro de luz electrica inunda a scena. E, leve como uma visão, n'uma espiral de gaze deslumbrante, eil-a ahi vem, filha do Sonho, alma do Luar, a pallida Füller...

A principio, n'um passo languido de bayadera, n'um movimento que tem a graça do colleio de uma cobra e a magestade do meneio de uma palmeira,—deslisa. A luz electrica cerca-a de um halo fulgido: e toda ella resplandece, como um nimbo, á noite, á hora mystica do plenilunio, quando, no mesmo banho de prata liquida, sonham as nevoas que velam no céo e as flôres que dormem na terra.

Na platéa, velhos caccochymos tremem, batendo o queixo. Meninos imberbes trincam o beijo. Homens graves empalidecem. Senhoras deixam-se cahir móllemente sobre os respaldos das cadeiras, com uma humidade de extase no olhar...

Depois, Füller, juntando os pés, rodopia um momento. E a luz rodopia com ella. E, derredor do seu corpo, o ar esplende todo, vergastado de raios. Então, da sua leve cintura, altas petalas de gaze sobem, irradiam, expandem-se... E Füller é uma alva flôr mysteriosa... E a gente espera, soffrega, o momento em que do seio d'essa corolla um bando, trefego de Djinns e de Kobbolds irrompa, n'nma revoada...

E, pela platéa, passa, como um gemido abafado, sahido de trezentas boccas, um *ah!* languissimo...

Agora, duas azas pandas, duas azas immensas, duas azas tremulas sobem das espáduas da dansarina que foge: Foge, foge, foge da luz que a persegue! Volta. De novo, a luz a cinge de um longo beijo apaixonado. Foge, foge,—mariposa espantada e medrosa, que sabe que a luz vae matal-a. E a luz a seguil-a, e a luz a beijal-a... Foge. As azas largas crescem, enchem a scena. E a pallida Füller, rendida á caricia da luz, desmaia docemente.

E pela platéa ouve-se chôro e ranger de dentes, como na Biblia,—mas chôro de volupia, ranger de dentes cúpidos...

Depois, ai! depois! Füller foge para sempre. O theatro vem abaixo, com o estrôndo das aclamações. E quando a *Serpentina* reaparece, muito affogueada e muito risonha, para agradecer os applausos, a gente murmura, com magoa: «Oh! senhora! não appareça nunca como mulher feia! não quebre com essas banalissimas mesuras de encomenda o encanto de quem a vê, ave e flôr, mariposa e nuvem, sylpho e estrella, brilhar, gyrrar e rescender, na vaga neblina do sonho! oh! senhora!» E a gente...

... quero dizer: eu... Eu, cahi. No ridiculo? Que importa? cahi no ponto final.

*Such.*

## O COMMERCIO DA RUA DO OUVIDOR



Uma conhecida casa commercial da rua do Ouvidor instituiu a moda das liquidações com trombones e caixas de rufo.

A *Cigarra* ainda espera ver liquidações feitas por este modo:—O operoso commerciante lança, assim vestido, o seguinte pequeno 'bonimento':

« Entrar, meus senhores e minhas senhoras!

Gravatas por dez réis de mel coado! Setins a \$500 o metro! um ovo por um real!

A firma XPTO & C. no seu alto intuito de servir bem os clientes, soube ligar ao util o agradável:

— Quem fizer despeza superior a 2\$000 terá o direito a assistir gratuitamente ao espectáculo maravilhoso em que tomam parte 4 575 728 pulgas e 1.754.072 ratos expressamente creados e educados em nossos armazens! Entrar, senhores, entrar!





Rubra, rubro o vestuário e rubra a seda  
da umbrella aberta, ao geito das cacoulas;  
Com o cabelo alastrado de papoulas  
rompe o cesulo verde da alameda.

De Habana, ea malagudeta das creoulas,  
— sangue na gueltra, espaventosa e treta,  
toda granada e punch em labareda,  
pondo na praça as creaturas tolas...

Conjo pandeiros, pende em cada orelha  
um halo de ouro, na explosão vermelha  
de um perigoso e lubrico salero;

E tanto mais provoca e escandaliza,  
por se saber ter vindo, a que aqui pisa  
na sanguinaria sucia de um torero

B. LOPEZ

(BRAZÕES)

*[Handwritten signature]*





# A CIGARRA

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

ANNO (52 numeros) . . . . .	48000
OITOMEZES (até ao fim deste anno) . . . . .	32000
SEMESTRE (26 numeros) . . . . .	25000
NUMERO AVULSO . . . . .	1000
SUPPLEMENTO . . . . .	500
NUMEROS ATRAZADOS . . . . .	10500
SUPPLEMENTOS ATRAZADOS . . . . .	10000

HEBDOMADARIO illustrado por *Julião Machado*

Redacção de *Olavo Bilac*,

Direcção de *José Barbosa*

ESCRITORIO E REDACÇÃO  
115 Rua do Ouvidor 115

Propriedade de *Manoel Ribeiro*

ANNO I

Rio de Janeiro, Quinta-feira, 26 de Setembro de 1895

N. 21

## A CIGARRA

Dois livros novos. *Questões de arte* é o volume de Parlagreco, o *egregio* professor da Escola de Bellas Artes. *Ideias e Phantasias* chama-se o volume do Sr. Viveiros de Castro, um moço illustre que dedica ás lettras o tempo que pode furtar aos seus arduos deveres de Juiz.



Apezar da viagem de Angelo Agostini á Europa, *Don Quixote*, a sua bella folha illustrada, continúa a fazer ruidoso successo, apparecendo com uma pontualidade ingleza. No texto, apparece agora, além dos outros escriptores que já *Don Quixote* possuia, o nosso bello Dermeval da Fonseca, que sabe ser jornalista de talento como ninguém.



Aqui temos o 1º numero da *Arca dia*, publicação de Arte, de que são directores Brito Mendes, Felix de Mello e Emilio Kemp. *A Cigarra* é suspeita para fallar da bella revista, que deu ao redactor d'esta folha a honra de lhe publicar o retrato, acompanhando-o de referencias amaveis.



### INSTANTANEOS DO RIO DE JANEIRO



- A pontinha do cigarro, pelo menos, cidadão!





Ha um assumpto tão triste, para esta chronica tão alegre! Suspende por um momento o teu vôo, *Cigarra*, e paira por um momento, compadecida e meiga, sobre a cóva d'esta creança, que, de todas delicias e de todos os encantos que enchem a vida, só conheceu a delicia da paulada e o encanto do pontapé.

\*\*\*

Nasceu na roça, em Macahé, de ventre negro.

A mãe foi escrava: conheceu de perto as ineffaveis doçuras do vergalho de couro crú, e pôde apreciar, com perfeito conhecimento de causa, que não ha no mundo cousas mais agradaveis do que um bom tronco, um bom par de algemas, e um bom pulso de feitor de fazenda. Quando veio a abolição do captivo, essa negra deu-se ao luxo de ter uma filha. Que desafôro! Ah! cadella! se não fosse o maldito 13 de maio, haviam de mostrar-te se negra pôde ter filhos!...

Mas, já não havia escravidão, e a negra tomou a liberdade de ter uma filha, que se chamou Isaltina. Deus, porém, que quasi sempre, não tendo mais que fazer, emprega o seu tempo em fazer crueldades, matou a velha negra. E Isaltina ficou só no mundo.

Uma senhora caridosa, que, nos depoimentos policiaes, figura com o nome de D. Joaquina, disse consigo: « Como hade esta creança ficar sósinha em Macahé? Nada! vamos fazer jús á bemaventurança do céo, levando esta menina para o Rio de Janeiro, e entregando-a a uma boa familia qualquer, que lhe dê o pão e o ensino! »

E assim veio a pequena Isaltina para o Rio de Janeiro. E é sobre a sua cóva humilde, *Cigarra*! que desejo pares por um momento, compadecida e meiga, — sobre essa pequenina cóva, em que ella, livre da bondade suprema da gente d'este mundo, está serenamente apodrecendo...

\*\*\*

A boa familia, em cujo seio carinhoso veio Isaltina viver, encarregara-se de lhe dar pão e ensino. Não sei se lhe deu pão bastante: o que sei é que lhe deu ensino de mais. Tanto ensino e tão bom, que, em pouco tempo, a pequena, já conhecendo perfeitamente a vida, deliberou morrer... E morreu. Mas a policia, — que tem o pessimo costume de metter o nariz na vida alheia, — quiz saber que especie de ensino davam a Isaltina, e chegou á conclusão de que o methodo pedagogico empregado era contundente demais.

D'ahi o inquerito policial, que está fazendo tanto barulho.

\*\*\*

Li com toda a attenção o depoimento da meiga e carinhosa senhora, a quem a policia deliberou pedir contas da vida e da morte de Isaltina.

Isaltina era uma peste-má. Tanto, que a boa senhora, tendo-se compromettido a dar-lhe ensino e pão, « logo dias depois de tel-o feito arrependeu-se, porque a menor Isaltina era de genio irascivel: e, dominada de máos sentimentos, exasperava-se á menor observação que se lhe fazia e, sempre de máo humor, proferia phrases inconvenientes e atrevidas, rasgava as proprias roupas, batia-se pelo chão, atirava-se de encontro ao fogão, etc. »

A policia teve a inepecia de perguntar á senhora porque, sendo tão má a creança, não tratou de desfazer-se d'ella, entregando-a a um asylo qualquer, ou a qualquer juiz de orphãos. Que tollice! Se a doce educadora tivesse feito isso, que valor teria o seu sacrificio diante de Deus? Quando tomou a peito dar ensino á creança, a educadora bem sabia que, quasi sempre, a caridade é mal recompensada. Por bem fazer, mal haver... Deus sabe com que magoa profunda, se viu ella obrigada, sómente por amor das conveniencias sociaes, a não pedir a Isaltina que a esbofeteasse, em plena praia de Botafogo, — afim de em tudo imitar o Divino Mestre, que, recebendo uma bofetada na face direita, offerecia logo ao esbofeteador a esquerda...

\*\*\*

Disse a depoente que algumas vezes castigava a creança com chineladas e tambem com varadas, castigos estes, porém, ligeiros, e sem que produzissem offensa no corpo da menor, e isso em occasiões em que ella chegava a ter verdadeiros accessos de furia.»

Outra inepecia da policia: perguntou á senhora em que compendio de pedagogia encontrára a indicação do chinello de couro e da vara de marmello como compendios. Segunda tollice! A bordoada faz bem á alma e ao corpo. Creança que apanha está salva! Faz bem á alma, porque chamando toda a sensibilidade para o corpo, embrutece o espirito — o que é uma obra de caridade. E faz bem ao corpo, porque enrija os musculos: que é o moderno processo therapeutico da *massagem* senão uma applicação intelligente da bordoada?

\*\*\*

Más, por mais bem intencionada que fosse a virtuosa senhora, não conseguiu dar bons sentimentos a Isaltina. Tanto assim que (continúa a fallar a depoente): Isaltina era de tão máo genio, que de uma vez apanhou umas capsulas de sulphato de quinino e, dissolvendo-as n'agua, ingeriu-as, suppondo ser veneno.»

Que havia então de fazer a paciente senhora? Estava tão disposta a fazer em tudo a felicidade da creança, que, vendo-a tão desejosa de morrer, augmentou as doses do ensino, e mandou-a para o outro mundo, cheia de sevicias, toda moída de pancadas, toda arrebetada de máos tratos..

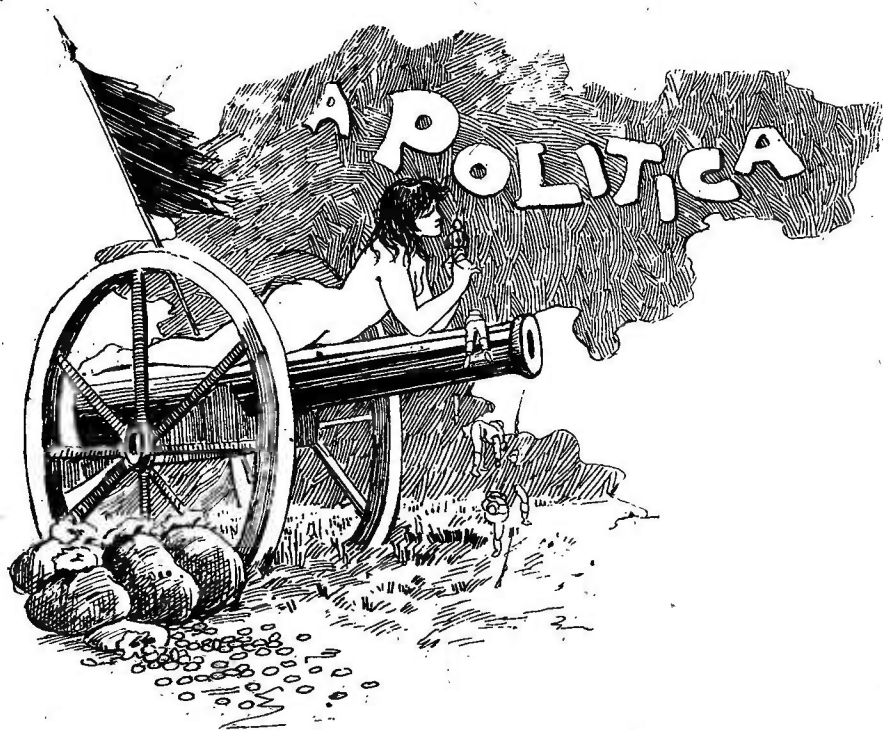
\*\*\*

Suspende por um momento o teu vôo, *Cigarra*! suspende por um momento o teu estridulo riso ironico, e paira, compadecida e bôa, sobre a cova desta negrinha, filha de captiva, que, aos 7 annos de idade, na idade em que as creanças só cuidam em sorrir, buscava, com o rosto inundado de lagrimas e a alma cheia de desespera, obter por meio do suicidio a paz que a vida lhe negava...



Pobre! nem essa liberdade te deixaram! era preciso que morresses lentamente, não por tua vontade, mas pela vontade de quem te possuía... E era preciso que, depois de morta, ainda te cuspissem sobre a cova de martyr todas essas injurias, e todos esses improperios!

Fantasio.



Quando reli a minha ultima chronica, fiquei espantado. Achei-lhe um ar solemne de artigo de fundo, e pasmei, vendo que a minha velha penna, tanto tempo arredada da arena politica, ainda era capaz de pingar sobre o papel tanta coisa seria... Que estylo! que ideias! que circumspecção! que gravidade! Decididamente, volto a entregar-me de corpo e alma á politica.

Vem aqui a pello fazer uma declaração, pela qual muita gente espera.

Não ha leitor d'*A Cigarra* que não deseje saber quem é L. F.— Não direi quem sou: mas direi quem não sou. Quando o meu amigo Olavo Bilac me pediu que tomasse conta d'esta secção d'*A Cigarra*, ponderei-lhe que os meus cabellos brancos ficariam mal aqui. « *A Cigarra* é moça e jovial! que posso eu, já tão velho, fazer dentro d'ella? » — Mas, Bilac, que sabe, quando é preciso, adular e mentir, disse-me, entre d'us abraços: « Deixe-se d'isso, doutor! *A Cigarra* é até capaz de dar mocidade á atriz Ismenia! » E, pois, entrei para *A Cigarra* onde, forçando a minha indole, tenho procurado ser alegre e moço... Infelizmente ás vezes, como no passado numero, o conselheiro Acacio, que ha dentro de mim, surge com todo o seu dogmatismo rebarbativo, e todas as suas pesadas maneiras. E o meu amigo Bilac está pagando caro a impertinencia com me obrigou a vir para aqui fazer de moço: as populações, não atinando com o meu nome, já dizem que L. F. é elle,— elle, Bilac. Coitado!

Fiquem as populações sabendo que entre Bilac e L. F. ha um abysmo. Elle tem vivido a fazer versos e eu tenho vivido a fazer artigos de fundo. Não insultem o rapaz, não magoem o poeta. E, se querem saber o meu nome e completar as minhas iniciaes, procurem um Almanak Laemmert de 1889, que acharão o meu nome entre os deputados da penultima camara do imperio. E, dito isto, vamos ao Amapá.

X

Veiga Cabral... aqui está um nome modesto, desconhecido até hontem, illustre e glorioso hoje. Este patriota não affirmou o seu patriotismo, como tantos outros que bem conhecemos, insultando todo o mundo, vivendo dentro da verba secreta como o rato da fabula dentro do queijo flamengo, applaudindo quanto estado de sitio houve, ha e está para haver.

Para affirmar as suas convicções republicanas, Veiga Cabral não fez da degola de irmãos uma medida de salvação da patria; não teve necessidade de viver ajoelhado aos pés do Marechal de Ferro, supplicando um pouco de dinheiro e um pouco de honras militares; não precisou fazer-se espião de policia, nem delator dos proprios parentes e dos proprios

amigos. Em vez de mandar gente á morte, foi elle proprio apresentar-se a ella, peito a peito, fazendo sacrificio da sua vida em favor da honra brasileira.

Agora mesino, lá está elle, com duzentos homens só, mal armados, mal disciplinados, á espera da França. Verão que, qualquer d'estes dias, recebe elle os titulos de Inimigo das Instituições e de Sebastianista. Bons republicanos e bons amigos das Instituições são os que ficam fazendo motins na rua do Ouvidor, entre um bock e um cigarro.

X

De hoje até quinta-feira, quanta coisa póde succeder! Este artigo, com tudo quanto traz no bojo, póde, na proxima quinta-feira, parecer ridiculo, porque d'aqui até já, póde, por exemplo, provar-se que realmente ha os taes mil e oitocentos homens desembarcados em Calcoene, e que, de facto, ha tres navios de guerra da França cruzando na costa do territorio contestado. Mas, pouco-importa. A noticia, assim mesmo falsa, já deu logar a manifestações. Em S. Paulo, um grupo, exaltado de patriotismo apedrejador, arreventou, para insultar a França, as vidraças da casa Garraux. Agora, se se confirmar o boato, verão que, depois de mais alguns vidros quebrados, o patriotismo, cansado de tanto berreiro, recolher-se-á pacatamente aos seus lares, e esquecer-se-á do Amapá como se esqueceu da Trindade.

No emtanto, amigos meus, temos tão ao alcance da mão o meio de fazer guerra á França, se ella, realmente, esquecida de todos os os seus deveres de nação civilisada e de todas as amabilidades que nos deve, se atrever a surripiar-nos o Amapá!

Não temos esquadra, nem boa nem má? não temos exercito que possamos oppor a esse brilhante exercito francez a que Faure acaba de passar revista em Nancy? E' verdade. Mas, para quebrar a castanha dentro da gulosa bocca da França, temos um meio magnifico: é attacal-a no seu bolso.

A França, por quem tenho a mais viva das sympathias, é amiga de ganhar dinheiro,— no que faz muito bem. Ella sabe que nós lhe damos dinheiro a rôdo, ella sabe que o nosso mercado é um grande consumidor dos seus productos, ella sabe que grande parte do commercio brasileiro é francez. Pois que tome conta do Amapá! Que, sem ter necessidade de quebrar vidraças, lhe fechemos nós os nossos portos, e deixemos as casas francezas ás moscas! Quando ella se vir lesada no bolso, tratará de evacuar o Amapá... Olhe, amiga França! apesar de toda a nossa pobreza, você gosta tanto do nosso dinheiro, que até ha jornaes francezes subsidiados pelo Brasil.

X

Infelizmente, desconfio muito da praticabilidade da ideia. Para fazer isso, é preciso antes de tudo ter constancia: e nós somos inconstantes como o vento. Muito barulho, muito grito, muita bordoadada, e depois muita indiferença... O engraçado é que já ha quem, com os olhos cheios de lagrimas, esteja bradando: « Ai! Floriano! que falta nos fazes tu!... » Pois, sim! No tempo d'elle, só porque um commandante de navio italiano apanhou uma sóya em Santos, mandamos logo ao local do crime o navio-chefe da nossa esquadra, com o ministro da marinha a bordo, dar satisfações á bandeira italiana...

Esperemos!

X

A amnistia... Que vaê haver? talvez, quando fôr publicada esta chronica, já a sorte dos revoltosos de setembro esteja decidida. Quando, no seio da commissão de Constituição, Legislação e Justiça da Camara, se discutiu o parecer sobre o projecto, um deputado, o sr. Martins Costa, disse que « os revoltosos não se submeteram: esperam, com as armas na mão, o que se vai resolver: e, pois, a pacificação foi illusoria. » No mesmo dia em que se dizia isso na Camara, o sr. presidente da Republica no Itamaraty, dizia: « Ou se consolida a obra da pacificação, ou eu deixo o poder! » Que vaê sahir d'este conflicto?

X

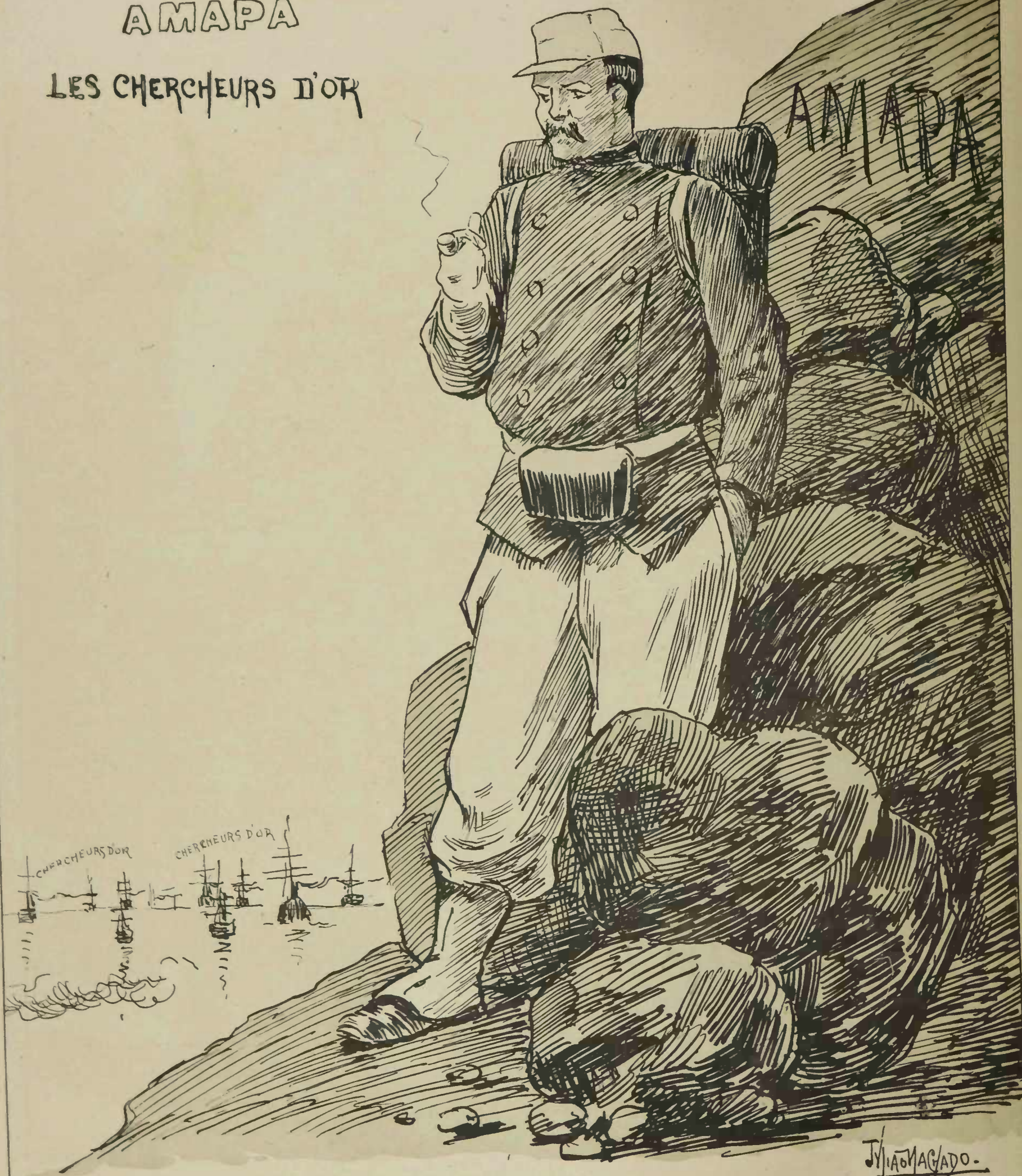
Ha quem esteja rejubilando, com essas palavras do chefe do Estado. Por mim, confesso que ellas me fazem medo. Não se consolidar a obra da pacificação é, por si só, uma grande desgraça, que não precisa de ser acompanhada pela desgraça maior de ficar abandonado o Itamaraty...

L. F.



# AMAPÁ

## LES CHERCHEURS D'OR



— Cré nom de nom! Ce qu'il faut en avoir de l'or, ici, pour qu'ils ne se fassent pas du mauvais sang! Pourvu qu'ils en trouvent assez pour s'acheter des lunettes!...  
Il paraît qu'y a plus de louis sur les boulevards... il n'y a que des louis!



# THEATRO NACIONAL

ULTIMAS REPRESENTAÇÕES

HAMLET-GLYCERIONS



Thiago Magalhães  
A REPORTER da  
CAZEA DE NOTÍCIAS

— Vae para um convento!... Mas olha, se não quizeres ir para um convento — vae para o diabo e não me amoles.



## CANCIONEIRO

### V

#### LAUS VENERIS

Brusco, lesto, vibra e timbra o relógio... e nada mais.  
Em frente, impassíveis, o céu, oculado de estrelas, e o mar,  
alvorado de espumas.

O céu placido, o mar manso... Será meu coração maior do  
que elles ambos?

Sinto muito mais luz dentro em mim, muito mais luz do  
que existe no céu, porque surges, na minha saudade viva, nua,  
palpitante, rindo: e o tumulto do meu coração é bem maior do  
que o chofrar perenne do oceano.

Porque não vens? O tempo vò... Ha duas anciedades  
irmãs: a do moribundo e a do amante — esperar a morte, espe-  
rar a vida... Que terá acontecido?!

Batem á porta delicadamente: tres pancadas, tres... Corro  
precipitado...

Oh! que cortejo, Deus! As princezas das terras levantinas  
não trariam divicias mais preciosas. Entra um suavissimo per-  
fume, volatiza-se, evola-se, toma todos os cantos, e a alcova  
inteira fica n'um ambiente cheiroso. Oh! sensualissimos labios!  
aromalissima bocca, que apenas um vocabulo disseste, um só,  
meu nome! e a alcova inteira guarda o echo da tua palavra,  
que é o aroma.

Sol nocturno... e neve ao mesmo tempo, e estrellas, e  
rosas... que promiscuidade de astros e de flôres! E' a tua trança  
loura, são as tuas faces, são teus olhos, é tua bocca e, por fim,  
o supremo triumpho, o Laus Veneris incarnado, tú! que atra-  
vessas, como uma deusa, o limiar do meu retiro, cheio de ancia  
de amor...

Meu Deus! não ha tanta luz nem tanto aroma em minha  
alcova, de manhã, quando abro ao sol as portas, de par em  
par...

Oh! volupia dos olhos! Flamma subtil das lúcidas pupillas!  
que claridade, que divino extase concentras, que bemfasejo  
calor prodigalisas!

Olhos, astros do amor! astros sensuaes do céu dos beijos,  
salve! salve! salve!

### VI

#### NA ESTRADA, AO SOL

E' larga a estrada e brilha ao sol. Vai por ella fóra, farnel  
cheio ás costas, olhos altos, no céu, a cantar, parodiando os  
gaturamos, um rapazinho louro; vem por ella, de cajado em  
punho, o embornal vasio, um velhinho, tardigrado e tremente,  
desesperançado, d'olhos no chão, acompanhando a sombra. E  
o rapazinho, a cantar, dividindo o que leva com a terra, com  
as aguas, com a luz, com o passaredo, não vê que o seu  
farnel vai escasseiando; e o velhinho, a tremer, as mãos  
engelhadinhas, a olhar, a olhar, a olhar a larga estrada, em  
luz.

— Onde vais, louro infante?

— Além!

E o velhinho, a sorrir, triste e tremente: De lá venho  
eu assim como estás vendo...

— De lá vens, dizes com tanta magua, pobre velho!...  
Não viste, então, as montanhas azues e as aguas de prata?  
não colheste, nas arvores, os fructos d'ouro, ou a dama que  
possuiste foi perjura e perversa...

— De lá venho,— diz o velho,— tão só e compassadamente.

— E onde vaes?

— Para o sitio d'onde vens: buscar descanso. Volta com-  
migo, louro infante... Mais vale o fumo azul de uma cabana  
que a nuvem doirada que além passa... Volta commigo...

— Que! Tornar atraz? tornar ao mesmo sitio? Deliras,  
pobre velho... Vem tu commigo, anima-te!

— Eu! ?— E o velhinho, a rir, sem dentes.— E que fazes?  
attenta no que fazes! Porque, a mancheias, desperdiças a  
fortuna que levas? Sê mais avaro, louro infante; guarda o  
teu bem, para que te não succeda, á volta, o que a mim  
succede: soffrer fome, soffrer sede, soffrer frio e o desengano.

— Pois não estás vendo, velhinho, que o que vou se-  
meando rebenta em flôr e trescala, surge do ninho e é canto  
alado, torna-se em arvore e dá fructo, enche a natureza toda  
de alegria?

— Tambem pareceu-me assim quando eu, como tu, tinha  
os cabellos louros; tambem pareceu-me assim, já me não  
parece agora. Alonga o teu olhar noviço: que avistas por lá,  
que avistas?

— Espinhaes, espinhaes, mais nada avisto...

— E que ouves, louro infante? Escuta...

— Pios d'aves tristes... nada mais.

— Foi o eu que semeiei. A principio, como te succede agora,  
pareceu-me ver flores e ouvir trillos, e fui semeando, semeando:  
entanto ahi tens: mochos e espinhaes, mochos e espinhaes...  
Torna commigo, louro infante! Aquillo que além avistas é  
perfidia. N'aquellas serras azues, móra um feiticeiro maligno, que  
se chama Ideal. Vai-se attrahido pelos seus sortilegios, vai-se  
e, quando, como me aconteceu, de lá se póde tornar,— porque  
o maior numero lá fica,— é assim, como me vês: pobre, o co-  
ração vasio como este embornal, e triste. Torna commigo,  
louro infante! E' mais doce do que o gorgeio do gaturamo a  
cantilena de tua mãe. Tudo, por esta estrada longa, é illusão,  
é perfidia.

— Que importa? as montanhas d'além são tão azues, que  
parecem feitas de céu...

— Torna commigo ao teu casebre, infante!— Tudo é illusão e  
perfidia. Eu de lá venho, das montanhas, e sei: torna commigo...

— Adeus, velhinho! Adeus, velhinho!

E lá vai, estrada fóra, farnel cheio ás costas, olhos altos no  
céu, a cantar, o rapazinho louro. E o velhinho, vendo-o seguir,  
suspira:

— Pobre creança, desgraçado infante, como vai soffrer...  
Elle a querer ser velho e... (pobre de mim! e pobre d'elle!...) eu  
a querer tornar a ser creança!

Coelho Netto.

A companhia de seguros de vida *A Educadora*, de que é  
presidente Valentim Magalhães, commemorou na passada  
sexta-feira, o seu quinto anniversario, com um almoço e um  
grande baile. De manhã comeu-se bem, á noite dansou-se  
melhor. E não faltaram saudações á sympathica e gloriosa  
companhia, que, tendo de lutar com a terrivel concurrencia  
das companhias estrangeiras, conseguiu, em cinco annos, con-  
quistar a confiança do publico, e prosperar.





Esta secção andou errada, desde o seu começo, chamando-se *Theatros*. Nem só os theatros enchem a noite, para regalo d'esses animaes exóticos, a que a sociedade dá o nome de *noctívagos*. Não me pejo de dizer que pertenço a essa especie animal. Quando a luz violenta do sol desaparece, quando as estrellas se accendem gloriosamente no céu alto, quando cá em baixo, ao longo das ruas cheias de barulho e de vida, os bicos de gaz, como outras tantas estrellas, começam a piscar,— é que eu começo a viver bem.— Não vos espante esta profissão de fé: na minha ultima chronica theatral d'*A Cigarra*, declarei lealmente que tenho quarenta e cinco annos.

N'esta idade, já os olhos estão cansados de ver o sol: e a alma, já bastante cheia de desenganos, prefere não ver bem o que vae pela vida. O sol foi feito para as creanças e para as rosas. A noite foi feita para os velhos e para as corujas.

Depois, só á noite é que, para os homens da minha idade, as mulheres são bellas. O sol é indiscreto: mostra os estragos da madureza, os pés de gallinha que cercam os olhos, os cravos que picam a polpa do nariz, as rugas que gretam os labios, as camadas de khol que tentam dar ás palpebras a frescura perdida... Viva a noite, Suprema Consoladora da Velhice! meiga mãe do Amor e do Segredo!

Direis agora: «Vejamos em que empregou as suas sete ultimas noites este noctívago!»

Estaes enganados! Não ides ver cousa alguma!— Posso dizer-vos que tenho corrido todos os theatros; que tenho ido ao *Lyrice* ouvir Tiozzo e Cuneo, outra vez abandonados do publico, depois de abandonados da *Serpentina*, que tenho doido ao *Variedades*, admirar a coragem com que Emilia Adelaide teima em representar *Sardou* para um publico que só quer *Planquette*; que tenho ido ao *Sant'Anna*, ouvir o *Ai! Minha*

*bella Florinda!* do *Gato Preto*; que tenho ido ao *Apollo* ver as engraçadas macaquices do Frégoli; que tenho ido ao *Recreio* saber em que é que *Clarinha* gastou os seus *umte e oito dias*; e, finalmente, que tenho ido ao *S. Pedro* admirar as creanças da *Cendrillon*...

Se não ficaeis satisfeitos com isso, posso ainda dizer-vos que, por horas longas, abancado a uma mesa do *Coblentz*, diante dos *chopps* espumantes, eu e o José Barbosa, temos fallado de Deus, do Diabo, das Mulheres e dos Homens. Mas, não posso dizer-vos mais nada. O que tenho feito, além d'isso, é segredo de alcova.

Ah! perdão! posso dizer-vos tambem que, na passada sexta-feira, vi as festas da colonia italiana. Já não trato do soberbo prestitoorganizado á tarde por essa brava e sympathica gente, que nos deu uma famosa lição de patriotismo. As tardes não entram no meu programma: sou o homem das noites. Por isso, só me refiro ao bello espectáculo de gala realisado no *Lyrice*, e ao deslumbrante fogo de artifício queimado no largo do Rocio.

Não pécco por excesso de patriotismo, palavra de honra... Mas, fiquei com inveja dos italianos!

Ainda ha pouco tempo, 7 de Setembro passou sem um foguete. 15 de Novembro ahi vem, e pelos modos, vae ser tambem consideravelmente chôcho... O nosso patriotismo dá quando muito para... berreiro e bordoadá.

Ora, para terminar, deixae-me dizer-vos que amo a actriz Palmyra Bastos. Sabeis porque? Por varios motivos; 1º porque ella é formosa; 2º porque tem talento; 3º porque tem graça; 4º porque é bem educada; 5º porque, em geral, amo todas as mulheres; 6º porque, em geral, todas as mulheres me amam, e 7º porque Palmyra Bastos, tendo de fazer beneficio no proximo dia 2 de Outubro, escolheu, para essa bella festa artistica, uma peça que se chama

Imaginae! uma peça que tem o mesmo nome d'esta folha em que eu faço de Sarcey! uma peça que faz lembrar esta folha rutilante!

Palmyra Bastos disse-me hontem que, deslumbrada pelo successo que tem obtido *A Cigarra*, tratou logo de collocar a sua festa sob a egide d'este nome abençoado. Fez bem! fez bem, gentilissima Palmyra Bastos! Quer ver o que é reclame? ouça lá!

— Eu, *Puck*, soberano Pontifíce da Arte Dramatica brasileira, faço saber a quantos esta luminosa chronica virem que a 2 de outubro de 1895 beneficia-se Palmyra Bastos, no *Theatro Apollo* com a peça

A CIGARRA

e, usando da minha alta auctoridade de chronista theatral d'

A CIGARRA

declaro que banirei do meu amor todos aquelles que, na noite de 2 de outubro de 1895, não forem ao *Theatro Apollo*, applaudir Palmyra Bastos na peça

A CIGARRA

E tenho dito.

*Puck.*



# A SEMANA



Ella - th! o que é isto. Tenho estado à tua espera para nos apilarmos.  
 Elle - Previno-te contra um caso de incendio



ZAIRA TIOZZO PARTE PARA S. PAULO levando as melhores recordações do publico do Lyrico e promete voltar quando tiver no seu repertorio o SAL e PIMENTA, o MIMI MAXIXE e o GATO PRETO.  
 Desenguiça AMANHA o LYRICO onosso jovem amigo Silva Pereira.

SAHE?  
 FICA?

A PRESIDENCIA ESPERA A RESPOSTA A HORA em que a Cigarra entra na rova machina dos Bevilacqua

H. VILHOMACHADO.





# A CIGARRA

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

ANNO (52 numeros) . . . . .	48000
OITOMEZES (até ao fim deste anno) . . . . .	52000
SEMESTRE (26 numeros) . . . . .	25000
NUMERO AVULSO . . . . .	1000
SUPPLEMENTO . . . . .	500
NUMEROS ATRAZADOS . . . . .	10500
SUPPLEMENTOS ATRAZADOS . . . . .	10000

HEBDOMADARIO illustrado por *Julião Machado*

Redacção de *Olavo Bilac*, Direcção de *José Barbosa*

ESCRITORIO e REDACÇÃO  
115. Rua do Ouvidor 115.

Propriedade de *Manoel Ribeiro*

ANNO I

Rio de Janeiro, Quinta-feira, 3 de Outubro de 1895

N. 22

## FORMIGAS

# A CIGARRA

Percorre actualmente o Estado de S. Paulo, em serviço d'esta empreza, o Sr. João de Souza Lage. Aos nossos illustres collegas da imprensa paulista recommendamos vivamente esse representante d'*A Cigarra*.



*A Cigarra* saúda a *Cidade do Rio*, que no dia 28 de Setembro entrou no seu 10º anno de existencia, e *O Paiz* que festejou no dia 1 de Outubro o seu 12º anniversario.



Devemos desde já prevenir o publico de que, a começar de 1 de Janeiro de 1896, suspendemos a venda avulsa d'*A Cigarra*, que, assim, sómente será distribuida aos seus assignantes. Estes terão, comtudo, direito á aquisição de numeros atrasados, de que porventura careçam, no caso de terem desfalcadas as suas collecções.

Fazemos esta declaração com tamanha antecedencia, para que a todo o tempo não se queixem de nós as pessoas que ainda não tiveram o bom gosto de assignar *A Cigarra*.



„José do Fato,  
Frudhomme





Se esta folha tivesse uma secção especial para a analyse dos telegrammas (como a que o José Barbosa faz na fulgurante *No-*

*ticia*.) veriam com que successo a redigiria eu! Tenho dado prova que farte da viva attenção que me merecem os negocios estrangeiros. Não ha quem leia com mais attenção as columnas de telegrammas, com que todos os dias enchem os jornaes fluminenses as suas primeiras paginas. Vou do primeiro despacho ao ultimo, entre duas chicanas de café e dois cigarros, e, equilibrado sobre os fios da *Havas*, no curto espaço de tempo que ha entre o acordar e o almoçar, corro o mundo todo, do mar do Norte ao cabo da Boa Esperança, e e do golpho de Biscaya ao mar Amarello.

E, em verdade, devo dizer, aproveitando esta bella occasião, que é injusta a accusação que fazem á *Havas* de só transmittir noticias sem interesse e novidades caducas. Não ha noticia sem interesse, meus senhores! Tal communicação de uma agencia, aparentemente banal, dando conta de um espirro do imperador Guilherme, póde conter dentro do seu bojo os destinos da civilisação occidental.

Na semana passada, — em que dia foi? pouco importa o dia... — fiquei com a attenção amarrada a este telegramma: Buenos-Ayres... O governo resolveu mandar proceder nos primeiros dias do mez proximo ao recenseamento de todos os cavallos da Republica. O ministro julga esta medida necessaria.

Confesso que ha muito tempo não encontro nos jornaes uma communicação tão enternecedora, e, ao mesmo tempo, tão capaz de suggerir gravissimas ponderações.

Esse recenseamento dos cavallos é um signal do tempo. A Humanidade, quanto mais se civilisa, tanto mais protege e ama os animaes.

Porque, enfim, a Humanidade é o Homem.

Na primeira infancia, o homem exerce contra os animaes, com uma crueldade sem nome, o seu irresistivel instincto de destruição. Aqui estou eu, que já esganei, quando pequeno, muito gato!

Mas a creança, ao crescer, já vae comprehendendo que a vida de um gato é, na essencia, tão importante como a vida de um homem, e começa a amar e a honrar os animaes com um carinho verdadeiramente fraternal. Assim, as nações rudes e primitivas maltratam os quadrupedes, e só começam a respeitá-los e a acaricial-los, quando se desenvolvem e civilisam. Uma nação toda composta de labregos trataria a vergalho os cavallos: ao passo que as nações educadas fazem d'elles o objecto de um verdadeiro culto, dão-lhes nome, genealogia, registro civil, ferraduras de ouro, mantas de seda e velludo, estrebarias exuosas, *stud-book*, casa, cama, botica, medico... e recenseamento.

A *Havas* esqueceu-se apenas de nos dizer o que os cavallos pensam d'essa resolução do governo. Se, neste particular, os quadrupedes da nobre raça de Rossinante e Bucephalo teem os mesmos escrupulos dos homens, os empregados da estatistica vão ter um trabalho acabrunhador.

Aqui no Brasil, pelo menos, a chamada lista de familia é o terror do lar. Quando o inspector policial manda a uma casa o fatidico papel, logo a familia, em medroso e conturbado conclave, começa a tremer. Quando o chefe, de penna em punho, se dispõe a encher os claros da lista com o seu nome, e o da mulher, e os dos filhos, e os dos criados, — a mulher, com um medo grande nos olhos, agarra-lhe a mão, e pergunta:

— E o recrutamento, filho? e o jury? e a guarda nacional?

Não ha chefe de familia que resista a esses tres espectros. O homem deixa cair a penna, e rasga a lista. Não é por outra causa que o recenseamento da população do Rio ainda está por fazer. O carioca prefere não ter existencia civil a ser obrigado a cumprir os seus deveres de cidadão, como jurado ou como soldado.

\*\*\*

Naturalmente, em Buenos-Ayres, não ha o mesmo terror do censo, — porque até á raça cavallar vae elle ser applicado. Aqui, teriamos, talvez, uma rebellião de cavallos, se o Sr. Goncalves Ferreira se lembrasse de imitar a deliberação do ministro buenayrense. Os quadrupedes, sacudindo as orelhas, desconfiariam d'esse desusado interesse do governo pela sua existencia civil, e negar-se-iam formalmente a fornecer lista de familia ás auctoridades. E' que, n'este abençoado e livre torrão, toda a população bipede ou quadrupede, por indole, por instincto e por habito é refractaria a tudo quanto cheira a lei e a tudo quanto tem visos de submissão.

Ninguem imagina que formidavel dóse de empafia, de orgulho, de independencia e de presumpção habita a alma do mais lazarento dos nossos cavallos de *tilbury*.

No Rio, o cocheiro de *tilbury* julga-se igual ao passageiro que o paga, e o cavallo julga-se igual ao cocheiro que o conduz. 89 e as suas gloriosas conquistas enraizaram-se profundamente n'este pedaço da liberrima e democratisima terra da America. E, pois, se o cidadão — que pensa e delibera, feito como é á imagem do Creador, rei da criação, collocado no mais alto degráo da escala animal — se julga desobrigado de sujeitar-se ao recenseamento, como se poderia exigir que os brutos cavallos se sujeitassem a elle?

\*\*\*

A Republica Argentina, porém, segundo parece, está mais disciplinada do que o Brasil. Lá os cavallos, creio, não temem o recrutamento: julgam-se, como os homens, obrigados a cooperar para a defeza nacional, e vão, a acreditar no que diz a *Havas*, fornecer ao governo as suas listas de familia, com a declaração dos nomes do cavallo-pae, da egua-mãe e de todos os filhos poldros que cohabitam, indissolavelmente ligados pelos santos laços do parentescó e do amor, em cada estrebaria.

Abençoado povo! abençoado espirito de ordem e disciplina!

Fantasio.

## CANCIONEIRO

VI

MUSA

Musa... Porque não lhe sabia o nome: era assim que a chamava nos meus sonhos. O' creatura meiga! Nos seus olhos-olhos de sonhadora e de amorosa — tanto carinho havia, e tanta ingenuidade, que eu, muita vez, pensei beijá-los, mas como se beijasse as contas negras de um rosario bento.

E jámais nos falámos, digo: jámais as nossas boccas se entenderam, porque falar, não minto, bem que falaram nossos olhos. Todas as tardes, ao sol posto, ella sahia ao jardim — era a primeira estrella. Sempre de branco; os cabellos, uns dias entrançados, uma trança sómente, farta e negra, outros dias soltos, pondo-lhe uma grande sombra pelo corpo. Joias, se as tinha, nunca as procurava; outras não vi nunca senão as que trazia sempre, no escriptorio de coral da bocca pequenina

Musa..!



Uma tarde, á hora acostumada da sahida, da minha janella, os olhos alongados, eu esperava-a com ancia. Luziu uma estrella no ceu... estranho caso..! Outra estrella, mais outra, milhares d'estrellas, a Via Lactea, a lua... e ella? Comecei a impacientar-me. Subitamente, a porta abriu-se, um vulto surgiu, e logo uma voz de alguem, que soluçava, disse:

— Das brancas! das que nascem perto do muro! foram sempre as suas preferidas...

E outra voz tremula respondeu:

— Das brancas... perto do muro...

Um presagio agitou-me. Inclinando-me, procurei distinguir, ao luar, as feições de quem curvava os galhos das roseiras, soluçando. Era um velho, bem velho, já derreado. E chorava. E a tesoura, com estalidos, ia despovoando o roseiral viçoso.

— Que tem, visinho? perguntei. O velho deteve-se, ergueu a cabeça branca e, choroso, soluçando, ponde apenas dizer: — Ah! meu senhor... Lavinia!...

—Lavinia!—pensei. Seria Musa? E se fosse? porque tanto choro? para que tantas flôres...?

Seria o seu noivado? Vesti-me ás pressas, e fui á casa proxima.

Tudo em silencio... o unico rumor que eu escutava era o do meu coração. Bati; abriram.

Entrei, e, logo que appareci na sala, um sussurro correu entre os que estavam.

— E' elle... E' elle...

Sobre a mesa, de branco, os cabellos soltos, formando uma alfombra negra e ao mesmo tempo um véo de luto, postas no peito as mãos pequenas, um sorriso nos labios, estava morta e fria... Musa. Estive a contempla-la sem lagrimas, calado. O velho, soluçando, cobria-a de flôres e, em torno, soluçavam. De repente, como n'uma tempestade, o pranto jorrou dos meus olhos abundantemente. E de novo ouvi que sussurravam: — E' elle... Chorei e, antes de retirar-me, baixei o rosto sobre a face fria e beijei-a, beijei as lapides das palpebras que escondiam, á minha vista, os olhos negros formosos. beijei as brancas palpebras geladas... mas como se beijasse osculatorios, dentro dos quaes houvessem posto duas reliquias santas.

Mas, (ingrata fragilidade humana!) o que mais me preocupou n'essa noite de morte, depois que deixei o corpo amado, não foi a saudade, não foi a lembrança de que jamais tornaria a vela, pobre Musa! O que me fez velar a noite, insomne, foi o sussurro dos que guardavam o corpo, essa phrase de annunciação mysteriosa, que andou de bocca em bocca, enquanto eu, debruçado sobre a virgem eterna, soluçava: — E' elle!

Coelho Netto.

A uma viuva

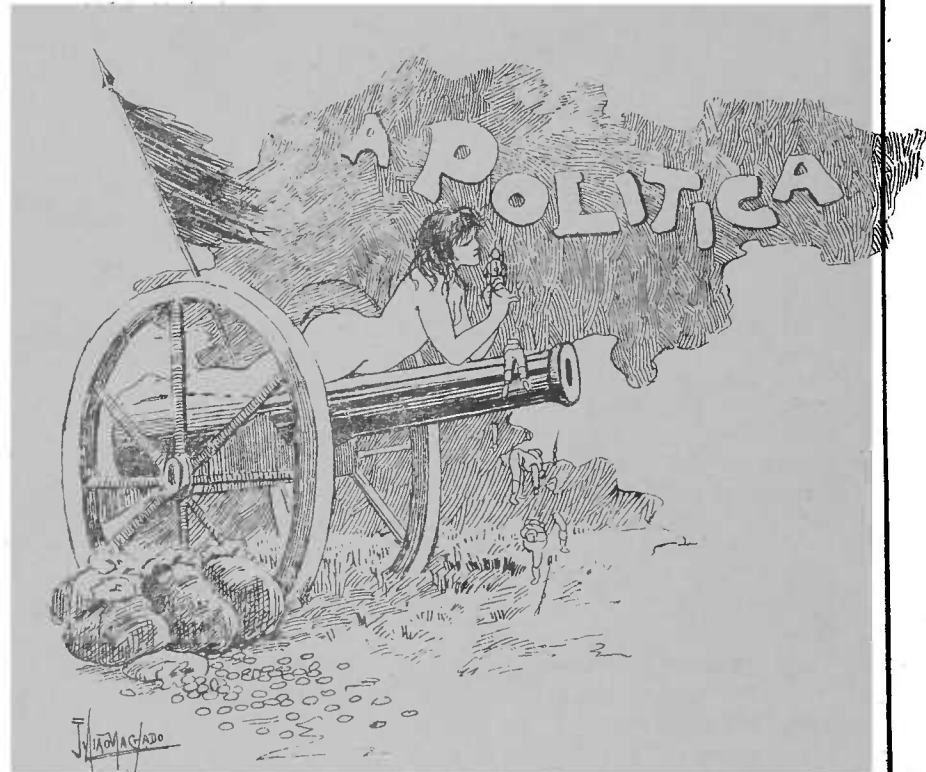
*Domingo. Chove. Como é triste a chuva!  
Como é triste e monotonos o domingo!  
Oreço a chuva cahir de pingos em pingos...  
Ah! se chegassem, pallida viuva!*

*Sonho que chegas: livro-te da capa;  
Todas as vestes humidas te arranco;  
Como de um ninho, o teu pézinho branco,  
do bote, como um passarinho se escapa...*

*Tremes de frio, entrechocando os dentes...  
Bátegas de agoa, trepidas, lá fóra  
Refem nas pedras encharcando a rua:*

*E, dos meus labios tremulos e ardentes,  
Outra chuva te cae, quente e sonora:  
— Chuva de beijos, — sobre a esparva nua!*

*Tuck*



⑥ Sr. Phipps, ministro de S. M. Graciosa a Rainha Victoria, esteve, quarta-feira passada, na Camara dos Deputados.

×

Devo declarar antes de tudo, a quem me lê, que quem estas cousas está escrevendo é um homem franca e completamente feliz. Porque havia na minha vida uma grande magoa, que se dissipou na passada quarta-feira, no recinto da Camara dos Deputados, por occasião d'aquella memoravel sessão em que se regeitou por 116 votos contra 59 a emenda do Senado concedendo amnistia ampla aos revoltosos de setembro.

Leitor assiduo dos fastos da Revolução Franceza, eu tremia e chorava de commoção e de entusiasmo, quando lia a historia das grandes sessões da Convenção.— jornadas de sangue e febre, multidões convulcionadas de odio, ululando e pedindo cabeças, oradores de palavra de fogo, almas incendiadas de patriotismo, de colera, de crueldade... E dizia commigo mesmo: « Quando te verei um dia, patria minha, assim agitada, assim viva, assim ardente? »...

×

Chegou esse dia, por fim! Foi a passada quarta-feira Logo cedo, fui tomar assento na tribuna da imprensa, e comecei a ver desdobrar-se a sessão, que tão mal tinha de acabar. E, assim que tomei assento, vi que o Sr. Phipps, ministro inglez, estava na tribuna diplomatica, muito grave, muito attento ao debate, com uma grande solemnidade no vestuario e uma grande seriedade na face

×

Vi levantar-se um deputado muito amarello, muito magro, que começou a descompor dous terços do mundo, dando a Ruy Barbosa o amavel qualificativo de ladrão, e ao vice-presidente da Republica o não menos amavel qualificativo de traidor. Quasi toda a camara applaudia essa nova forma de eloquencia parlamentar. Olhei para a tribuna diplomatica, e vi que o Sr. Phipps tinha na bocca um meio sorriso sarcastico...



A JOSÉ DO PATROCÍNIO

# MARTYROLOGIOS MODERNOS



'Parqueado em quadro conhecido'

PERDOAE-LHES QUE ELLES SEM





... BEM SABEM O QUE FAZEM

Julio Machado.



D'ahi a pouco, a votação começou. Nas galerias, um zum-zum principiou a correr, accentuou-se, aggravou-se. Comecei a comprehender que o povo, d'ahi a pouco, entraria tambem no debate, dando, não o seu voto, mas a sua assuada. Na tribuna diplomatica, o Sr. Phipps continuava a sorrir.

Quando o presidente annunciou, que a camara negava a amnistia, um clamor confuso encheu a sala. Deputados apoplecticos urravam. As galerias viajavam as bancadas. Fez-se de repente um silencio ansioso. Vi um mocinho pallido saltar para o recinto, abrir os braços, e berrar tres vezes: «Camara de bandidos! camara de bandidos!» Não ouvi mais nada. Uma tempestade se desencadeára, prenhe de coriscos e de trovões, dentro do augusto templo da soberania nacional. Fuzilavam laminas de punhaes. Brilhavam canos nickelados de revolvers Smith-Wesson. Grossos cacetes se entrechocavam. E, n'um torvelim, deputados e populares cahiram da sala, rolaram pelas escadas, cahiram na rua da Misericordia. Olhei para a tribuna diplomatica. O sr. Phipps, de pé, braços cruzados, ar mephistophelico, continuava a sorrir... «Quequereirá dizer aquelle sorriso, santo Deus?!» pensei eu: e deixei-me ficar sentado, a olhar o sorriso do sr Phipps...

×  
Lá fóra, soavam tiros, entre as vociferações da população e o estrupido das patas dos cavallos. Como não nasci para guerreiro, achei mais prudente esperar que o motim abandonasse a rua da Misericordia. Creio que o sr. Phipps foi da mesma opinião. Olhando vagamente a sala vazia, de pé, braços crusados, ar mephistophelico, s. ex. continuou a sorrir.

×  
Imaginei então que o ministro da rainha Victoria estaria pensando mais ou menos o seguinte: «Quem disse que para reinar é preciso dividir, disse uma grande verdade. Não fui eu quem dividiu esta gente, mas pouco importa. Dividiram-se elles mesmos, e a Inglaterra folga com o bello papel de *tertius* que lhe cabe. Emquanto os brasileiros se esmurram, não pensam na Trindade... Isso, amigos! isso! Tomára eu que vocês tivessem um conflictosinho d'esses por dia!» E sorria...

×  
Sahi, pensando: «Quem sabe se o ministro francez a esta hora não está tambem sorrindo?»

Ai! patria! quando é que Deus te dará um bocadinho de juizo?

L. F.

## EU, PECCADOR...

Nas tuas horas de arrependimento,  
Pensando em mim, o proprio amor maldizes,  
E, revolvendo o peito nas raizes,  
Fallas até nas grades de um convento.

Do gozo tiras o maior tormento,  
Das dôres tiras as mais negras crises,  
Pois nos dias que somos mais felizes  
Eu leio tudo no teu pensamento.

Tu vês o inferno, quando eu vejo a aurora,  
E nos teus olhos, onde a dôr se imprime,  
Deus me acena, formosa peccadora!

Bradas aos ceus de medo, e aos ceus eu brado:  
Tu pedindo perdão para o teu crime,  
Eu pedindo que augmente o teu peccado.

Guimaraens Bastos.

Buenos-Ayres, 1895.



SILVA PEREIRA

Passou em julgado que Silva Pereira tem mais de cem annos. Ha, porém, uma cousa mais velha do que elle: é essa pilheria de chamal-o macrobio. Quando comecei a aprender a ler, lembro-me de que já encontrei essa blague nas secções theatraes das folhas. Com franqueza: Silva Pereira já deve fazer uma ideia muito triste da graça do nosso jornalismo... Na sexta-feira passada, toda a imprensa ressuscitou essa cousa, a proposito do beneficio do sympathico artista, e desatou a fallar da sua velhice, muito convencida de que lhe dava com isso uma grande alegria. Santo Deus! como é amavel estar todos os dias lembrando a um homem que a morte já lhe estende a garra implacavel!...

Emfim, Silva Pereira, creio eu, não ficou triste com isso: esteve alegre e pernostico, na noite do seu beneficio, e, foi com uma bella physionomia de creança que recebeu as homenagens do publico, do seu publico — porque a platéa fluminense é d'elle, que a governa e dirige a seu bel-prazer.

Eu é que não me governava, na minha ultima chropica, quando escrevi que o beneficio de Palmira Bastos com a peça

A CIGARRA

se daria no *Apollo*. O beneficio deu-se no *Recreio*. Que importa? o essencial era fazer um bello réclame á Palmyra e á

A CIGARRA

e o réclame foi feito. Mas, voltemos a Silva Pereira. Ouvide! attendei! Vou dar-vos o que nem Rottschildt vos daria: o esplendido monologo, de *Arthur Azevedo*, especialmente escripto para ser recitado por Silva Pereira, na memoravel noite do seu beneficio. Eil-o:

### « REVELAÇÃO DE UM SEGREDO

Diz por ahi muita gente  
Que quando o mundo formou  
Deus divino e omnipotente,  
Já no mundo me encontrou.

Não sou nenhuma criança,  
Mas tambem — perdão! perdão!  
Não sou tão velho e carrança  
Que conhecesse Eva e Adão!

Não declaro a minha idade  
Porque a conta lhe perdi...  
Não ha possibilidade  
De saber quando eu nasci.



Do baptismo o assentamento  
Sob as ruínas ficou  
De uma igreja e de um convento,  
Que o terremoto arrazou.

Já eu era homem formado  
N'esse tempo, e por signal  
Que muito considerado  
Pelo marquez de Pombal...

Tanto que, quando a cidade  
Tratou de reconstruir,  
Não dava um passo (E' verdade!)  
Sem meus conselhos ouvir.

A Avenida era o cuidado  
Maior que tinha o marquez;  
Sou eu sómente o culpado  
Se não foi elle que a fez.

Se não tendes muito empenho  
Em saber quando aqui vim  
Pela vez primeira, eu tenho,  
Pois justifico-me assim...

Sim, porque ha n'esta cidade  
Chronistas, — ai! cidadãos,  
Que, ao falar da minha idade,  
Mettem os pés pelas mãos.

Quando se vio D. João VI  
A's voltas com Napoleão,  
Mandou chamar-me, a pretexto  
De ouvir a minha opinião.

— « Senhor, digo-lhe eu, concordo  
Em que vós deveis partir. »  
E D. João mette-se a bordo,  
Sem mais tugar nem mugir!

A bordo, por brincadeira,  
Diz-me elle (lembra-me bem!):  
« Ande d'ahi, Silva P'reira;  
Venha connosco tambem! »

Pela vez primeira viajo,  
— E só saio do Brasil  
Com D. Pedro (Era um bom gajo!)  
Depois do 7 de Abril.

Qu'riam que eu fosse o regente  
Só por ser tão velho, só;  
Eu recusei formalmente,  
E foi nomeado o Feijó!

Mas n'este paiz de encantos  
Fui venturoso e feliz!  
Pois se' a marquezia de Santos  
Quiz até!... Mas eu não quiz!

Não quiz, mas o paço inteiro  
Mexericou,— tanto assim,  
Que o proprio Pedro I  
Teve ciumes de mim.

Sabem? Sua Magestade  
Deportar-me pretendeu,  
Para a ilha da Trindade...  
Mas tudo se esclareceu.

Essa ilha cobiçada  
E' brasileira, isso é;  
Que aos ingleses retomada  
Foi no meu tempo — dou fé.

Mas eu aqui ficaria  
Velho, talvez, a falar,  
Se a minha auto-biographia  
Vos pretendesse contar!

Se conhecer o segredo  
D'esta verdura quereis,  
Eu vol-o digo sem medo  
A vós que me protegeis:

Consiste na sympathia  
Que por mim todos mostraes;  
Se ella dura e não esfria,  
Eu vivo um seculo mais.»

\*\*\*

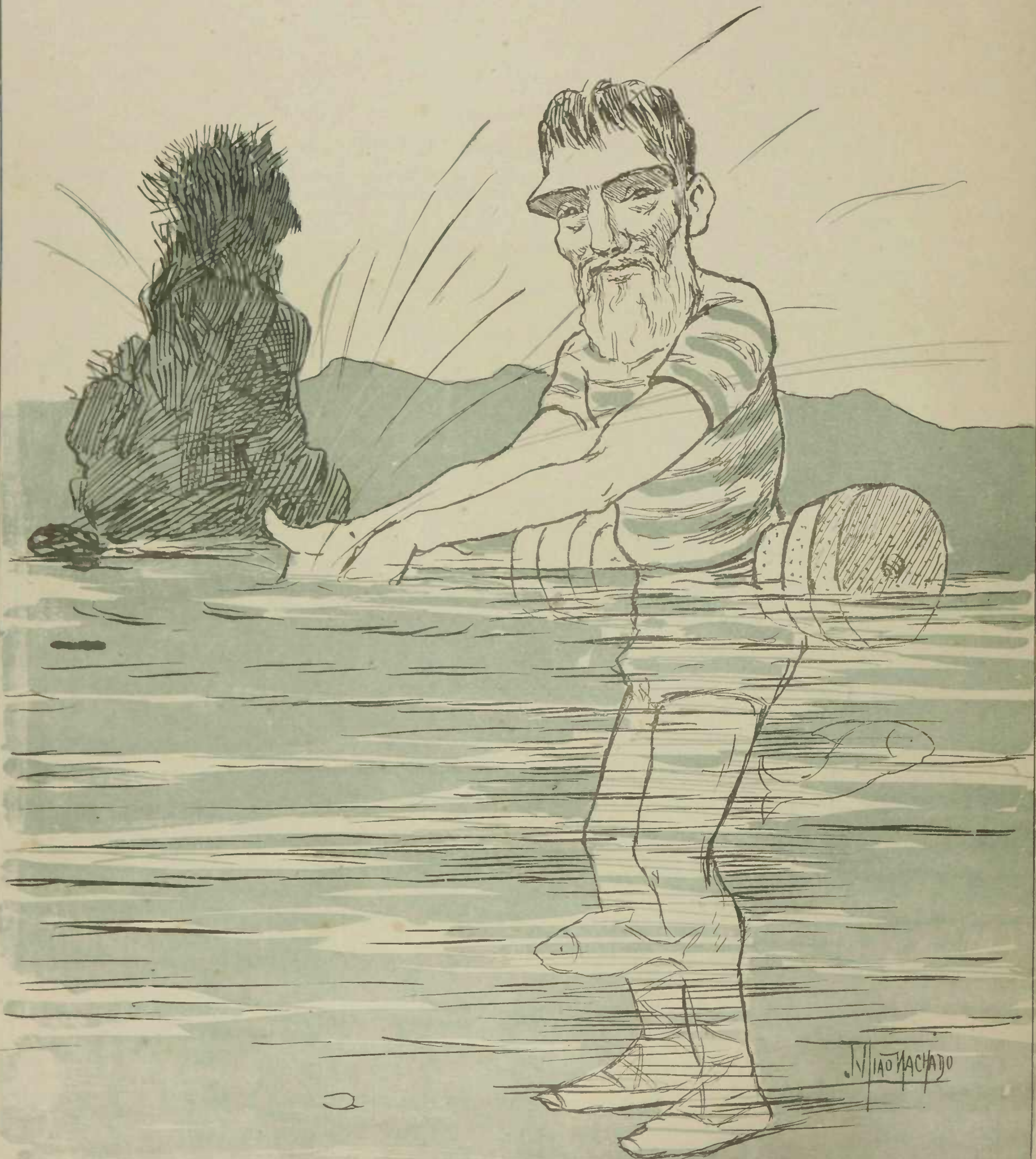
E, agora, eu, Puck, dou-vos a boa noite!

*Puck.*





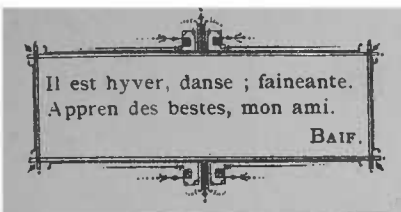
# NA PRAIA DE ICARAHY



J. V. IAO NACHADO

— Aqui, ao menos, diverte-se um homem sem receio de ir ao fundo!





# A CIGARRA

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

ANNO (52 numeros) . . . . .	48000
OITO MEZES (até ao fim deste anno) . . . . .	32000
SÉMESTRE (26 numeros) . . . . .	25000
NUMERO AVULSO . . . . .	1000
SUPPLEMENTO . . . . .	500
NUMEROS ATRAZADOS . . . . .	10500
SUPPLEMENTOS ATRAZADOS . . . . .	10000

HEBDOMADARIO illustrado por *Julião Machado*

Redacção de *Olavo Bilac*,

Direcção de *José Barbosa*

ESCRITORIO E REDACÇÃO  
115 Rua do Ouvidor 115

Propriedade de *Manoel Ribeiro*

ANNO I

Rio de Janeiro, Quinta-feira, 10 de Outubro de 1895

N. 23

## A CIGARRA

Chegou, de volta da Europa, o nosso collega, director do « *Jornal do Commercio* », Dr. José Carlos Rodrigues, a quem a *Cigarra* dá as boas — vindas.



Continúa a percorrer o Estado de S. Paulo, a serviço d'esta empresa, o Sr. João de Souza Lage, que *A Cigarra* vivamente recommenda aos seus collegas da imprensa paulista.

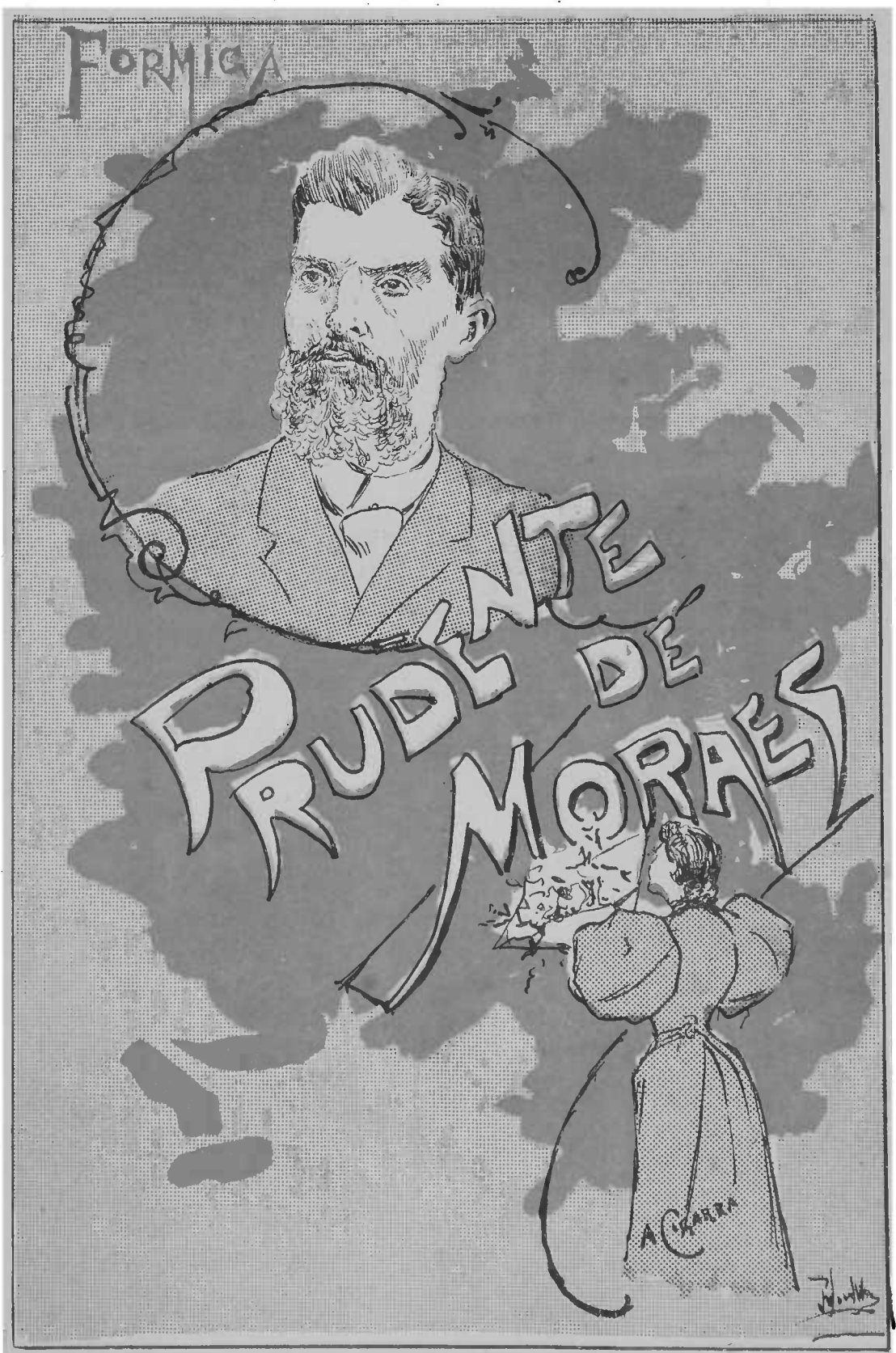


Devemos desde já prevenir o publico de que, a começar de 1 de Janeiro de 1896, suspendemos a venda avulsa d'*A Cigarra*, que, assim, sómente será distribuida aos seus assignantes. Estes terão, comtudo, direito á aquisição de numeros atrasados, de que porventura careçam, no caso de terem desfalcadas as suas colleccões.

Fasemos esta declaração com tamanha antecedencia, para que a todo o tempo não se queixem de nós as pessoas que ainda não tiveram o bom gosto de assignar *A Cigarra*.



Os da *Cigarra* abraçam José do Patrocinio pelo seu anniversario passado a 8 do corrente.







O dever do chronista é ir a toda a parte. Desempenho-me tão bem d'essa obrigação, que não sei mesmo onde descubro tempo para

escrever. Já varias pessoas dizem que tenho o dom da ubiquidade. Sou visto, ao mesmo tempo, na rua do Ouvidor e no Corcovado, no incendio da *Luz Stearica* e no beneficio da Palmyra, nas pedras da fortaleza da Lage e na aléa de palmeiras do Jardim Botânico. Identifiquei-me tanto com a vida do Rio de Janeiro, que ella é hoje a minha propria vida, e eu sou todo o Rio de Janeiro. Não sei quem inventou o *homem-multidão* creio que foi Poë. Eu sou o homem—Rio de Janeiro.

Assim, no domingo passado, fui ao Hospicio Nacional de Alienados. Já sei que o facto de eu lá ter ido não vos espanta: naturalmente o que vos espanta é que, depois de lá me haverem deixado entrar, me tenham deixado sahir. Mas, lembrae-vos da anedocta celebre:

Um homem, visitando o Hospicio, encontrou um louco amavel com quem travou conversação. Perguntou-lhe: «ha muitos loucos aqui?» ao que o alienado respondeu: poucos, meu amigo, poucos! aqui só móra o estado maior: o grosso do exercito vive lá fóra... »

E, assim, fui ao Hospicio. Havia lá uma curiosa exposição industrial: cousas todas feitas pelos loucos, industria de malucos, trabalho de alienados. Pois, em verdade, vos digo que são cousas mais bem feitas do que as minhas chronicas. Teem pelos menos uma revelação de mais equilibrado juizo. Transformar um pedaço bruto de pão, n'uma linda cesta, polida, artistica, aberta em flôres caprichosas, é obra mais ajuizada que transformar uma centena de palavras soltas, sem sentido, em uma duzia de phrases, em que as palavras, depois de unidas, teem ainda menos sentido do que quando soltas. Mas, não extravaguemos: vamos ao assumpto da chronica.

Fui ao Hospicio, e vi a exposição, e applaudi a iniciativa da administração, e felicitei o director, e dispuz-me a sahir, porque a minha obrigação de tudo ver não me permite demorar a vista em cousa nenhuma. Quando cheguei ao jardim, encaminei-me para o portão. E, nisto, um homem sympathico, que passeava, com as mãos nas costas e um cigarro apagado no canto da bocca, complimentou-me affavelmente, e pediu-me fogo.

Accendeu o cigarro, agradeceu-me o obsequio, e perguntou-me:

— Então, gostou da exposição?

Olhei, desconfiado, o meu interlocutor. Tenho ouvido contar tantas historias de loucos que parecem homens de juizo, que conversam sem maluquice com a gente, e que, de repente, mostram com estardalhaço o que são!... Por isso, olhei o meu interlocutor, desconfiado. Era um homem corpulento, velho, cara cheia de bondade e de pés de gallinha, um raro fulgor de intelligencia no olhar penetrante, um sorriso compadecido e meigo á flor dos labios. Vestia, com decencia, sobrecasaca preta abotoada, collarinhos altos modernos, plastron largo. Mas notei que parecia estar mal, dentro d'essas roupas de hoje: não estava á vontade. Depois, havia na sua physionomia qual-quer cousa muito velha, muito passada, que fallava de seculos mortos e de gerações desaparecidas. Não sei porque, por um desses presentimentos que se não explicam, comprehendí que

ia assistir a uma cousa phenomenal. Preságo, bateu-me o coração dentro do peito. O homem repetiu a pergunta:

— Gostou da exposição?

— Gostei... Realmente ninguem diria que loucos fossem capazes de trabalhar assim...

— Tem razão! tem razão! Os loucos hoje estão de tal modo desmoralizados, que, quando se vê um louco trabalhador-fica-se espantado... Antigamente, os loucos trabalhavam muito. Olhe: quando, em 1506, eu me formei em theologia na universidade de Bolonha...

— Como? — perguntei eu, aterrado.

— Quando, em 1506, eu me formei em theologia na universidade de Bolonha...— repetiu elle, com calma.

\*\*\*

Voltei-me desvairadamente para todos os lados, procurando fugir. Mas o meu interlocutor tomou-me o braço, e disse-me, com o seu sorriso compadecido e bom:

— Não fuja! Bem vejo que me está tomando por louco! Olhe, meu amigo, se eu lhe disser quem sou, creio que quem fica louco é o senhor...

Escancarei os olhos, e disse, tremulo de medo:

— Mas, então, o sr. formou-se em 1506?

Elle abanou a cabeça:

— Quer saber quando nasci? Nasci em 1467, em Rotterdam. Tenho, portanto, quatrocentos e vinte e oito annos.

— Mas quem é o senhor?

— Sou o Erasmo!

— Hein?

— Sou o Erasmo! o Erasmo Didier! o Erasmo do *Elogio da Loucura*! Fui padre, fui professor, viajei toda a Europa, servi Jacques IV da Escocia, Carlos Quinto, Fernando da Hungria, Segismundo da Polonia, Francisco I, Henrique VIII (grande maluco este! casou oito vezes!) o papa Clemente VII, um mundo inteiro! Imagine o meu amigo quanto louco não conheci eu n'essa longa vida accidentada! Escrevi o meu *Elogio da Loucura*, e morri. Quando cheguei á presença do Padre Eterno, Elle ordenou-me que voltasse ao mundo para purgar os meus peccados, durante mais dez gerações, e condemnou-me a viver com loucos. Estou ao mesmo tempo em todos os manicomios do mundo. Sou o Erasmo Didier! o Erasmo do *Elogio da Loucura*!

\*\*\*

Eu, acabrunhado e maravilhado, estava chato de assombro, chato, chato, como se sobre mim houvesse desabado o Zimborio da Candelaria. Em torno de nós, o sol flammejava nas ramarias do Jardim do Hospicio. Perto, o mar reboava. Que mysterio! pois não era mesmo que eu tinha diante de mim um homem que já morrera havia quatro seculos? Erasmo! o grande Erasmo!...

E Erasmo scismava. De repente, ergueu a cabeça:

— Pois é o que lhe digo! a loucura está desmoralizada! Veja bem! Antigamente, quando um homem enlouquecia, dava para fazer cousas que assombravam o mundo e o céu. Dante era louco e... (já vejo que se espanta com pouco.. Então, não cre que Dante fosse louco? pois Lombroso, outro maluco, não provou que todo o homem de genio é louco?) Vamos adiante! Dante era louco, e escreveu a Divina Comedia; Napoleão era louco e revolucionou o mundo. Hoje, a maluquice para que dá? Dá quando muito para fazer discursos revolucionarios nos cemiterios e para arranjar uma demissão-sinha... Já não ha malucos que prestem, meu amigo! — quer saber? creio que hoje, em toda a terra, só ha um agitado que mereça estudo: é aquelle imperador Guilherme da Allemanha... Aquelle sim! ao menos, tem originalidade... E, com esta, adeus! Vou a Bicêtre saber como passam as malucas francezas... Passe bem!

Apertou-me a mão com força, e ia retirar-se. Mas, deteve-se:

— Diga-me sempre: quem é o senhor? onde poderei encontrar-o, quando quizer continuar esta palestra?

— Sou *Fantasio*, d'*A Cigarra*. Quando quizer, Ouvidor 115...

\*\*\*

D'esta vez foi elle quem ficou espantado.

— Que? O sr. é jornalista? Coitado!...

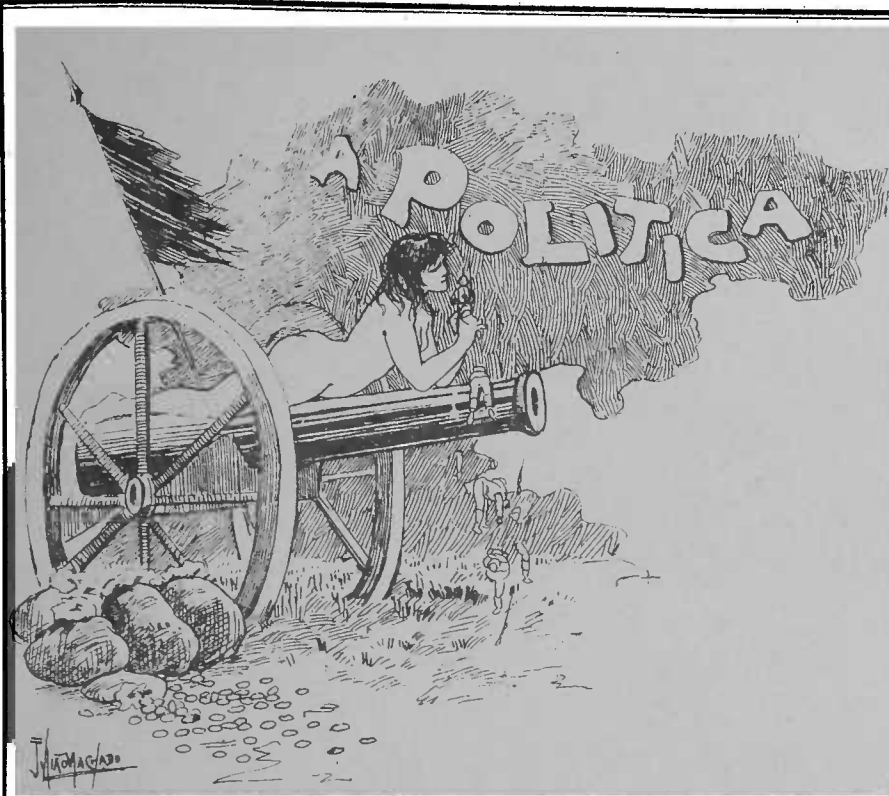
E afastou-se de mim com medo. E já da porta, gritou:

— Tome cuidado! tome cuidado! a mania do jornalismo é a peor das loucuras! olhe que quem lhe diz isto é o auctor do *Elogio da Loucura*!

Desappareceu. Fiquei apatetado, olhando as arvores. Depois, vim escrever esta chronica. E o que lhes posso agora dizer é que não me sinto de todo bom do juizo. Creio que estou ficando louco. Até já tive vontade de fazer um *meeting* jacobino contra o vice-presidente da Republica...

*Fantasio.*





Temos prorrogação! Temos subsidio! (E tanto melhor, porque *A Cigarra* tem a honra de contar, entre os seus assignantes benemeritos, a fina fiôr do nosso parlamento!) Temos politica até 3 de novembro!

Data pessima! data nefanda! N'esse proximo dia 3 de novembro, celebrar-se-ha o anniversario do celebre golpe de estado com que o marechal Deodoro cortou as duzentas e não sei quantas cabeças da Hydra Parlamentar. Entre os que, n'essa epocha fatidica, fôram para o ostracismo, figuravam alguns d'estes mesmos senhores deputados, que ainda hoje promovem a felicidade geral da nação a setenta e cinco mil reis diários. (Bem empregados! bem empregados! porque, enfim, quasi todos os Srs. Deputados e Senadores têm o bom gosto de destinar á assignatura annual d'*A Cigarra* quarenta e oito mil reis!) Este anno não ha receio de que o Presidente da Republica dissolva o Parlamento. O Parlamento tem, é verdade, respingado algumas vezes, contrariando a vontade presidencial,— mas tem respingado com modos, com decencia, sem grandes e affrontosos excessos de linguagem e de acção. De maneira que, quando chegar o dia 3 de novembro proximo, os Srs. Deputados e Senadores se dissolverão no pleno goso do seu mandato, apenas com o fim de irem gosar, na doce pacatez da provincia, um ocio brando, um repouso fecundo, um socego reparador das forças perdidas.

×

O mesmo succederá a esta secção d'*A Cigarra*. Eu, L. F., irei tambem dormir sobre os louros colhidos n'esta ardua campanha jornalística. Estou, portanto, escrevendo as minhas ultimas chronicas d'esta era parlamentar.

Aproveitemos o pouco tempo que ainda nos resta, ó minha penna! Cantemos a gloriosa bancada Rio Grandense,— essa illustre bancada que é a mais feroz, e, ao mesmo tempo, a mais bella da Camara!

×

N'estas questões da pacificação e da amnistia, a bancada rio-grandense tem sido de uma intransigencia que bem merece analyse. A convicção com que ella insiste pela condemnação e pelo exterminio dos adversarios do Sr. Julio de Castilhos dá que pensar.

E' preciso, de facto, que o Sr. Castilhos goze de bem pouca sympathia real no estado que governa, para que, de modo decisivo, sobre a sua permanencia no poder possa influir a absolvição de algumas centenas de homens desarmados, fracos, sem prestigio e sem disciplina. Quem se sente forte tem o perdão facil. Só se aniquilla o inimigo, que realmente é de temer, pelos recursos de que pôde dispor. Os jacobinos da Camara, do Senado, da imprensa e da rua, quando aqui chegou a noticia da celebração da paz, não fallaram em pacificação: fallaram em *submissão dos rebeldes*. Se elles se submeteram, claro é que o fizeram porque se sentiam já moral e materialmente vencidos. Então, a que vem o susto da jacobinada? Que mal haverá em deixal-os livres, sujeitos apenas á prudente vigilancia, sob a qual todo o governo, embora forte, tem o dever de manter os seus subordinados suspeitos de vicio revolucionario?

Então, porque falla a jacobinada de eliminar de uma vez os submettidos? Só é cruel quem é fraco! Só é sanguinario quem tem medo!

×

Quanto ao caso da amnistia plena ou restricta, vem aqui a pello umas considerações importantes. A bancada rio-grandense foi o centro da reacção contra a emenda do senado. Diz-se ainda que é ella o centro da reacção contra o proprio projecto Glycerio, que apenas concede amnistia restricta.

Eu sou o primeiro a achar que é uma imprudencia consentir que o sr. almirante Custodio venha para aqui commandar a esquadra nacional.

Não ha duvida que, considerando bem, e fallando com franqueza, o projecto Glycerio é perfeitamente razoavel e é o que mais justo parece. Não é de certo o melhor meio de acabar com o militarismo e com a indisciplina das classes armadas,— este de estar constantemente perdoando as revoltas militares.

Mas o parlamento amnistiou crimes peiores que o de indisciplina, quando approvou todos os actos praticados pelos agentes do Marechal de Ferro, durante a revolta. A indisciplina é um grande crime,— de accôrdo. Mas os fuzilamentos em massa, as crueldades de toda a sorte, o esbanjamento do dinheiro da nação, e outras deliciosas consequencias que decorreram dos muitos estados de sitio ultimos, são — é preciso confessal-o — crimes um pouco maiores.

Por isso é que a amnistia plena devia ser dada aos revoltosos, uma vez que não foi negada aos outros.

×

Não a quiz a bancada rio-grandense. Dizem mesmo que esse grupo de gaúchos, (tão bonitos, mas tão ferozes!) não quer amnistia de qualidade nenhuma. Quer que os rebeldes, em homenagem ao alto poder de Julio de Castilhos, se suicidem todos, mostrando assim uma submissão completa e definitiva ao Senhor do Rio Grande do Sul.

Ora, pois! a bancada está fazendo um papel de amigo urso.

Depois de berrar durante tres annos que Castilhos tinha forças para, por si só, esmagar a Revolução; depois de ver que o proprio Governo Federal, apezar de todas as suas tropas e de todas as suas munições, só por modos brandos e conciliatorios conseguiu a suspensão da lucta,— a bancada rio-grandense continua a bradar que só Castilhos é forte, que só Castilhos é amado e respeitado no seu Estado, que só Castilhos goza das sympathias do seu povo,— e, entretanto, tem medo de um punhado de homens desarmados... Ai! bancada da minh'alma! O que tu estás provando é que Castilhos só governa ainda o Rio Grande do Sul porque o Governo federal o sustenta!

×

Até a proxima quinta-feira. Mas não quero despedir-me sem declarar em altas vozes que no dia 13 d'este mez vou votar em

### JOSÉ DO PATROCINIO

para deputado pelo 2º districto. E declaro mais que todos os que me leem devem tambem votar n'esse candidato.

L. F.





# O' MÃES DE FAMILIA !...

OLHAE, OLHAE... EXAMINAE !...

ARMARINHO



— Esteja quieto, que a mamãe póde vêr !

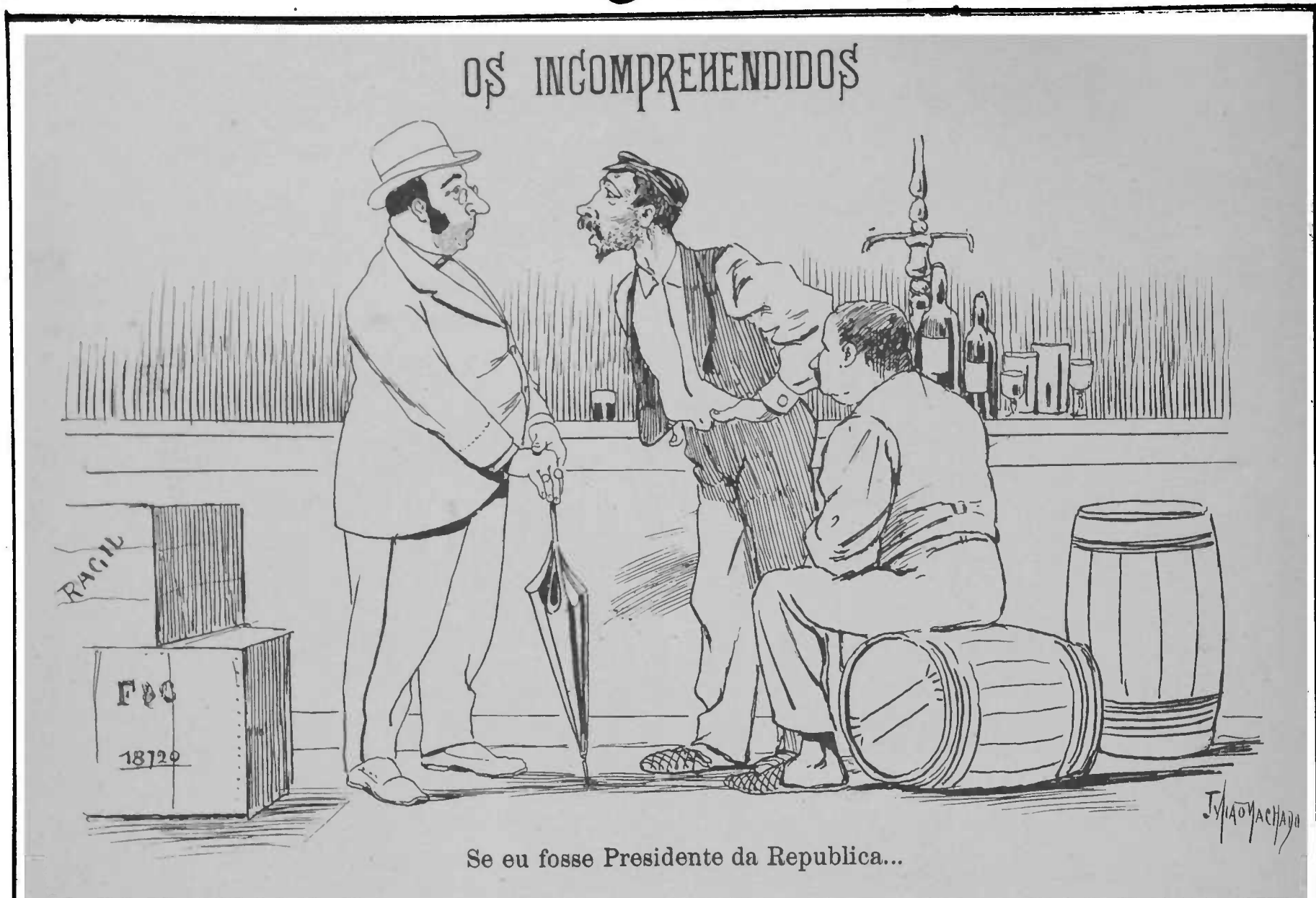




Eh! Eh!

TUMACIAD





# ICE BERG

Esperança! No derradeiro dia,  
Após noites e ventos, ceus e mares,  
Nas ondas — branca flôr dos nenuphars, —  
Acha o naufrago aquillo que queria.

Exhausto, abarca, trepa, galga, e a fria  
Crôsta do blôco monta... Adeus, pezares!  
Adeus, morte! e a esperança dá-lhe esgares,  
Ri o misero á morte que o vigia.

Salvo! Mas onde a praia? O sol que o beija,  
Infeliz! sobre a gondola de neve  
Os mesmos raios, perfido, dardeja...

Cresce o mar, porque o gelo foge... Emfim,  
Que longa morte o desgraçado teve!  
— E ha corações que vão matando assim.

Suimaraens Sassoos.

Buenos-Ayres, 1895.

## ET TA SŒUR ?

Um periodico d'esta capital, que se publica em francez e que só muito tarde pudemos ler, dirige ao desenhista da *Cigarra* algumas linhas que pretendem ser-lhe desagradaveis, porque a *Cigarra* no seu numero ante-penultimo teve a ousadia de dar á estampa um soldado francez, a commentar, sobre os rochedos do Amapá, a entrada dos 1.800 *exploradores de ouro*.

A legenda escripta em francez nada tem de offensivo, nem á Marselhesa, nem á Torre-Eiffel, nem aos monsiús do periodico, que, parece, já exgotaram a provisão do famoso *espirito gaulez*, trazida dos boulevards. Entretanto zangaram-se, por terem o patriotismo muito á flôr da pelle (á flôr do «pêllo», leia-se) e pouco faltou para que nos mandassem os seus padrinhos.

Ora, para evitar complicações... pouco diplomaticas — A *Cigarra* lembra que tem a honra de não ser exclusivamente feita para os monsiús do periodico francez, e que o publico, que ella se préza de ter, conhece a differença que existe entre a troça que não molesta e a graçola pesada... embora gauleza. Seria pueril acreditar que o desenhista da *Cigarra* trouxe egoistamente dos boulevards de Paris todo o *espirito gaulez* que por lá existia no seu tempo.

Ai! não, caros monsiús — ainda por lá ficou muito!  
Ainda está longe o tempo em que os francezes deixarão de perguntar uns aos outros:  
— *et ta sœur?*

A CIGARRA



## OS VELHINHOS

Pobres dos velhinhos! Porque são velhinhos,  
vivem a sonhar  
com a sôpinha quente, com o frouxel dos ninhos,  
gozam.... em sonhar...  
Com voz tremulante chamam os netinhos,  
que andam a cantar,  
pelos trigaes louros, pelos ribeirinhos,  
brincam a cantar.

Com os olhos cerrados a avózinha reza  
noites e manhãs ;  
e cahe-lhe o roزاری, que nas mãos lhe pésa,  
todas as manhãs...  
Balem corderitos soltos na devêza,  
passam aldeans...  
e a avózinha branca, cheia de tristeza,  
vendo as aldeans,

moças fortes, rubras como as madrugadas,  
cujo fresco rir  
môstra trinta e duas perolas nevadas,  
que encantado rir !  
— a velhinha meiga, com as mãos enrugadas,  
para as attrahir,  
faz signaes de bençam... e ellas, namoradas,  
deixam-se attrahir.

— Vinde, filhas! vinde! vinde ouvir historias,  
lendas milagrosas de condões e glorias !

— Conta-nos de amores! conta-nos de amores!  
dize o teu passado de ventura e dores!

— Amores, filhas, são sarçaes de espinhos duros,  
envolvendo de todo uma celeste flôr:  
para se lhe chegar aos penetraes escuros,  
oh dôr! oh dôr!

passa-se a juventude, e é lueta a vida inteira,  
e desfallece a flôr sem que, da morte á beira,  
se lhe respire o olor!

Sangra o peito rasgado, a cabeça embranquece,  
treme de frio o ser que nenhum raio aquece,  
oh dôr! oh dôr!

e a ver brincar ao sol os trefegos netinhos,  
percorre, em pensamento, os andadõs caminhos  
da infancia no esplendor,

da mocidade alegre, a mocidade em flôr...  
Quanta illusão azul em urze transformada!  
quanta roza em botão sem pena espezinhada!  
oh dôr! oh dôr!

Ai! saudades do amor! Ai! saudades do amor!

E tremem da avósinhá as mãos aos céos erguidas,  
e correm-lhe na face as lagrimas doridas,  
contas de outro roزاری, e que lentas resvalam  
pelos sulcos da idade, onde mais alto falam  
que as bentas, ao Senhor!

E as camponeas rubras, com o olhar choroso,  
já não vão a rir.

— Ah! se o amor dos noivos fosse mentiroso!  
— E se a flôr murchasse sem ter vindo o esposo! —

Já não sabem rir!  
Cantam passarinhos ao cahir do dia,  
viça a madresilva, sôa a Ave-Maria.

Pobres dos velhinhos! Porque são velhinhos,  
vivem a sonhar  
com a sopinha quente, com o frouxel dos ninhos,  
gozam... em sonhar.  
Ao beijar as faces dos gentis netinhos,  
recordando amores, a chorar carinhos,  
morrem... a sonhar.

Adelina Vopes Vieira.



Musa! Porque inda vaes ao largo do Rocio  
Bocejar, de theatro em theatro vasio?  
Foi-se o Frégoli! Foi-se a Tiozzo! A Fuller (Ida)  
Foi-se! E, em largo tropel, aos trambolhões, fugida,  
Foi-se a *troupe* do Frank, — cavallos e palhaços...  
A que triste platéa has-de levar os passos,  
Musa? Restam-te agora apostrophes e prantos:  
Ou a Emilia Adelaide, ou a Ismenia dos Santos...

Nem sequer ouvirás Palmyra n' *A Cigarra* ;  
Souza Bastos de novo ao trólólo se agarra:  
E, para restaurar as enchentes que tinha,  
Ressuscita o *Tim-Tim* e *Os dias de Clarinha*...

Musa! a noite melhor, a noite que me chama  
E' a do beijo, a do amor, a do somno, a da cama!



Buch.



# AS QUATRO OPERAÇÕES



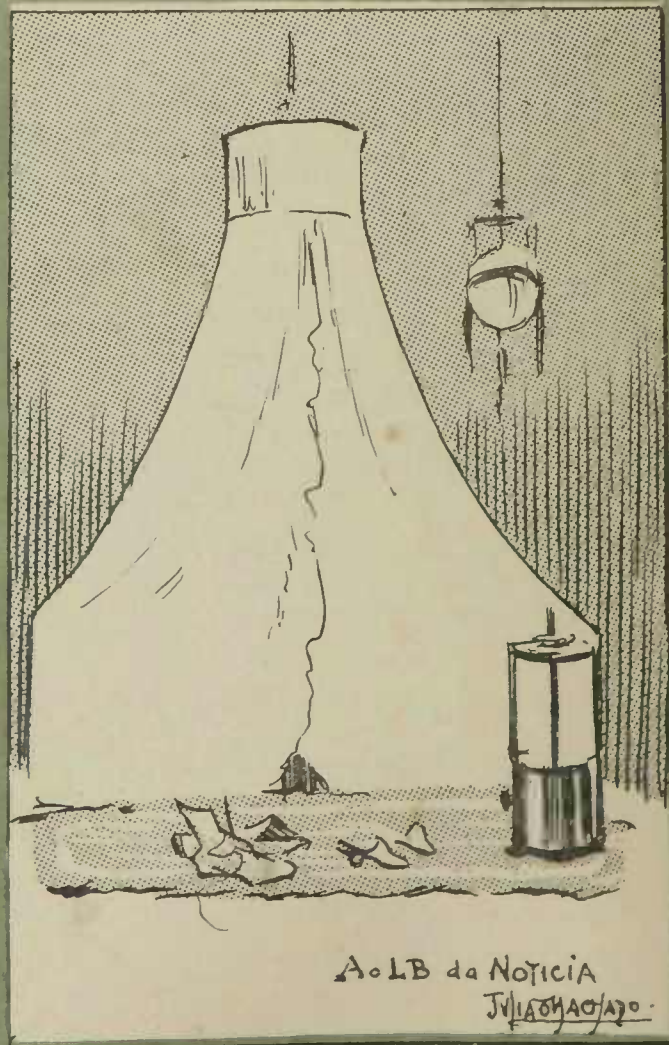
SOMMAR



DIMINUIR



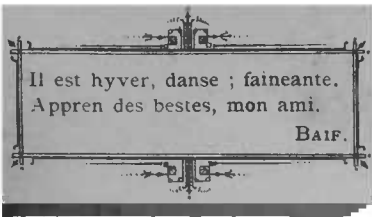
DIVIDIR



MULTIPLICAR

Ao LB da NOTICIA  
JULIANO





# A CIGARRA

## CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

ANNO (52 números) . . . . .	48000
OUTUBROS (até ao fim deste anno) . . . . .	32000
SEMESTRE (26 números) . . . . .	25000
NUMERO AVULSO . . . . .	1000
SUPPLEMENTO . . . . .	500
NÚMEROS ATRAZADOS . . . . .	10500
SUPLEMENTOS ATRAZADOS . . . . .	10000

ESCRITORIO E REDACÇÃO  
115 Rua do Ouvidor 115

HEBDOMADARIO illustrado por *Julião Machado*.

Redacção de *Olavo Bilac*,

Direcção de *José Barbosa*

Propriedade de *Manoel Ribeiro*

ANNO I

Rio de Janeiro, Quinta-feira, 17 de Outubro de 1895

N.º 24

## A CIGARRA

No seu proximo numero, *A Cigarra* terá occasião de tratar detidamente da *Alma Alheia*, o livro de contos de Pedro Rabello. Por ora, apenas podemos registrar o seu *successo de livraria* e felicitar o auctor.

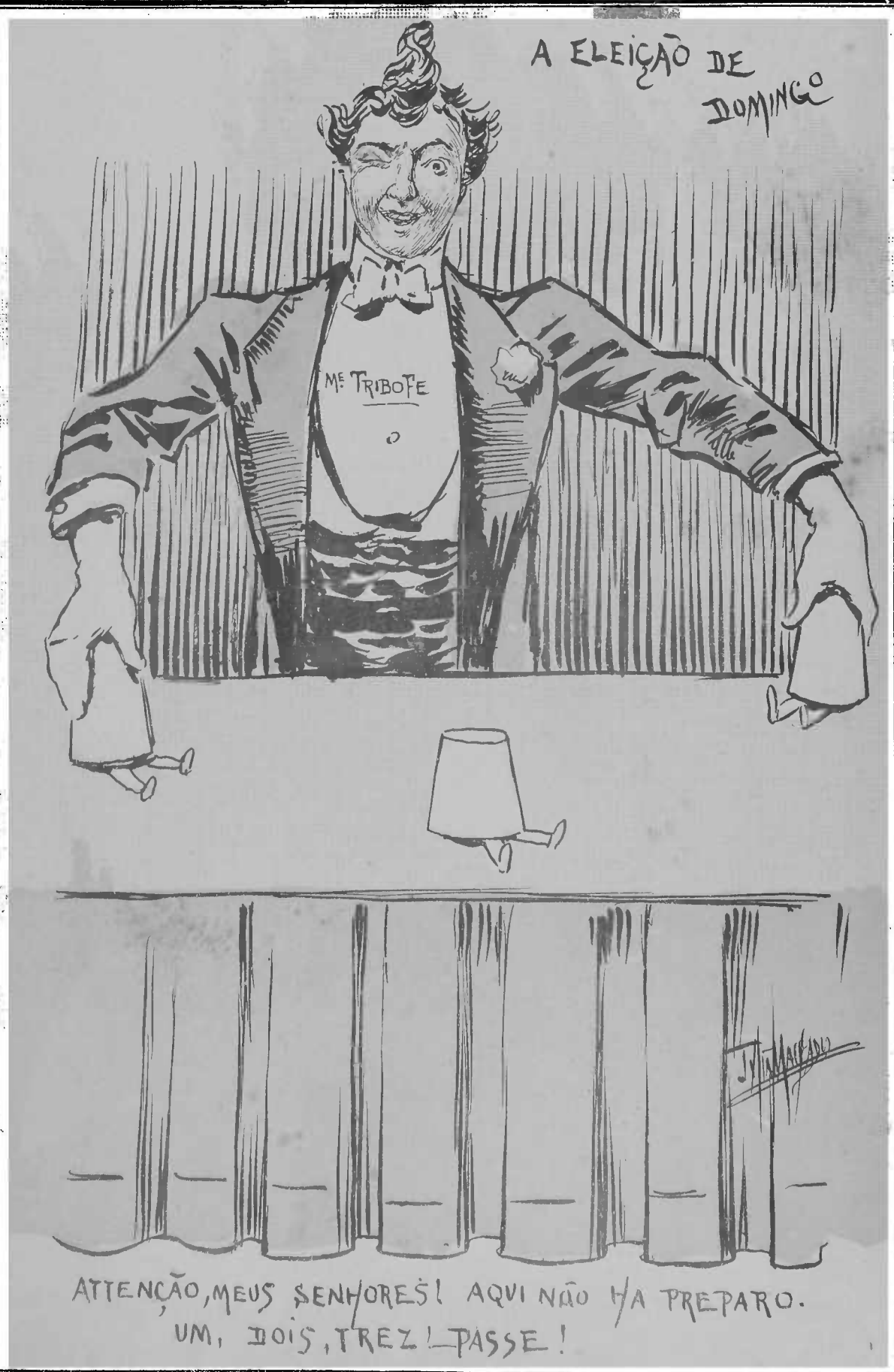


Ao distincto educador Joaquim Ábilio agradece *A Cigarra* os exemplares do *Quinto Livro de Leitura* que lhe foram offerecidos.

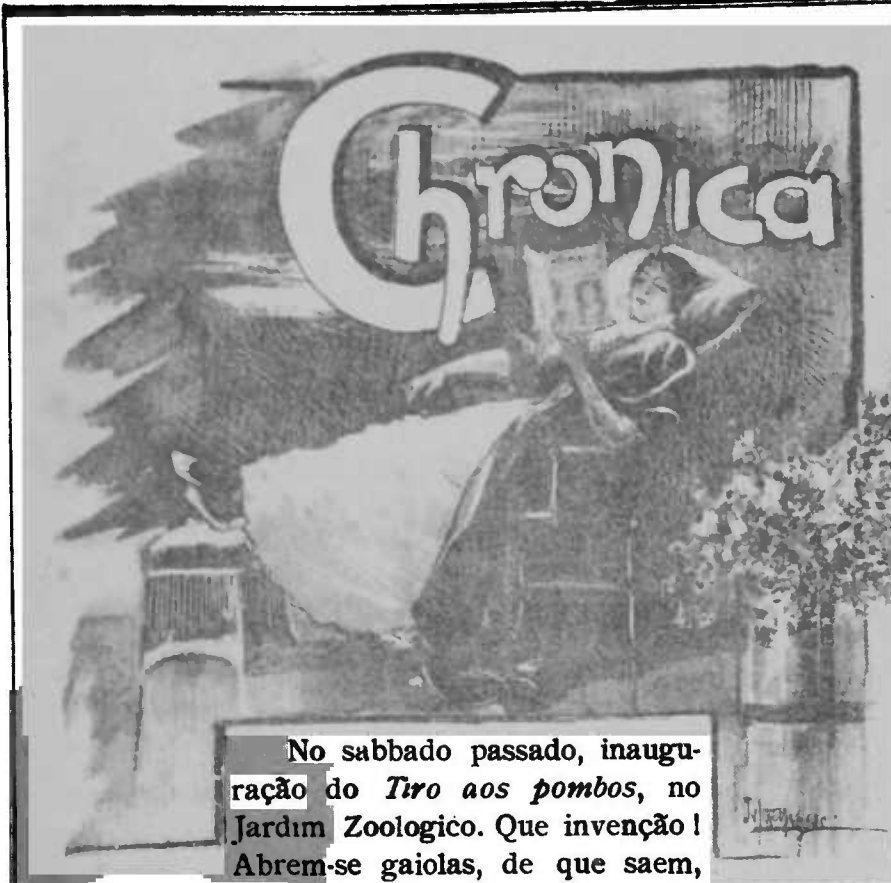


Devemos desde já prevenir o publico de que, a começar de 1 de Janeiro de 1896, suspendemos a venda avulsa d' *A Cigarra*, que, assim, sómente será distribuida aos seus assignantes. Estes terão, comtudo, direito á aquisição de numeros atrasados, de que porventura careçam, no caso de terem desfalcadas as suas collecções.

Fazemos esta declaração com tamanha antecedencia, para que a todo o tempo não se queixem de nós as pessoas que ainda não tiveram o bom gosto de assignar *A Cigarra*.







No sabbado passado, inauguração do Tiro aos pombos, no Jardim Zoologico. Que invenção! Abrem-se gaiolas, de que saem,

tontos e anciosos, os pequenos animaes, que Deus parece ter creado para o amor,— porque dizem até que foram elles que ensinaram ao homem o beijo. Saem, vibram as azas alegres, param um momento, levantam logo alto o vôo. O *champion*, de carabina em punho, faz a sua mira demorada e segura. Um tiro. Adeus, vôo ligeiro! adeus, alegria de boiar livremente no céu! — o *champion* marca um ponto, e ha um pombo de menos no ar livre.

\*\*\*

Chama-se a isto um *sport*: é o *sport* da crueldade. Comprehende-se o amor do sangue em um tyranno, em um guerreiro. O que se não comprehende é que um homem bem educado, moderado, pacifico, tenha necessidade, para se divertir, de tirar a vida a pobres animaes inoffensivos.

Que quereis? nós, com todas estas perfeições, nós, feitos á imagem do Creador,— somos todos umas bestas feras capazes de todas as perversidades.

Antigamente, o *sport* era tambem matador e sanguinario. Em Roma, apostava-se em gladiadores como se aposta hoje em pelotaris. Quem sabe mesmo se, no tempo de Titus, já a humanidade não conhecia a *poule* e o *pari-à-côte*? Cesar, para divertir o seu povo, deu-lhe em espectaculo um grande combate entre dois bandos, cada um dos quaes não se compunha de menos de 500 infantes, 300 cavalleiros e 20 elephantes. O povo tinha a paixão do sangue. Santo Agostinho, nas *Confissões*, descreve largamente o irresistivel encanto d'esses espectaculos ferozes. Marco Aurelio perdeu a sua popularidade porque não gostava de assistir ás luctas de gladiadores. Cita-se esta inscripção de uma estatua, que a cidade de Minturnes elevou a um dos seus notaveis: « Em quatro dias, fez apparecerem ao povo 11 pares de gladiadores, que não cessaram de luctar emquanto tiveram vida. Lembrae-vos d'isso, cidadãos! »

\*\*\*

Depois, veio o *sport* mais aperfeiçoado dos christãos que se atiravam ás feras. Depois...

Mas, a humanidade dos nossos dias achou que era feio divertir-se á custa do sangue de homens. O que não impede

que, mesmo em mil oitocentos e noventa e tres, em certo paiz que conhecemos bem, o *sport* da dególa tenha sido cultivado com um enthusiasmo indescrível...

Na Espanha, a tourada é o divertimento nacional por excellencia. Ver cavallos estripados, *toreros* arrebentados ás chifradas, touros farpeados de morte é uma das mais consideraveis delicias d'aquella amavel e poetica e sensibilissima raça. No Brazil, as touradas sempre foram platonicas: só agora é que começamos a sentir a necessidade de divertir o espirito á custa da tortura dos animaes.

E que animaes! A Igreja symbolisou no pombo o Espirito Santo, querendo assim dar uma ideia da sua candura, da sua espiritualidade suprema, da sua bondade infinita. E, agora, fazemos da tortura desses pobres corpos frageis um gozo refinado para o nosso espirito...

Ainda se fosse tiro ás pombas...

\*\*\*

Emfim, divirta-se cada um como entender.

Não quero perder com os pombos um tempo preciosissimo, de que preciso muito para assumpto de palpitante actualidade.

Sabereis que o *Dr. Antonio*, esse espantoso gatuno que bastaria, por si só, a honrar uma civilisação, vem de ser novamente preso, e, (tudo o faz prever) vae ser novamente posto em liberdade. Os jornaes, attendendo a que não ha semana em que que o *Dr. Antonio* não seja preso e posto em liberdade, abriram contra elle uma campanha terrivel, pedindo á policia que, de duas cousas, uma: ou nunca mais o prenda, uma vez que só o prende para d'ahi a pouco o soltar, ou nunca mais o sólte, afim de que nunca mais tenha de prendel-o. Os jornaes estão hoje tão habituados á intransigencia, á intolerancia e á ferocidade das discussões politicas, que já nada sabem discutir com moderação. Collocar a policia entre as duas pontas desse dilemma formidavel é uma violencia sem nome. A policia sabe o que faz, quando se diverte a prender e a soltar oito vezes por mez o famigerado *doutor*.

\*\*\*

Attendei! A civilisação de um povo não se affirma apenas pelo espirito liberal das suas instituições, pelo bem organizado movimento da sua administração, pelo equilibrio da sua vida nacional. Para que um povo se possa dizer civilisado é mister que se mostre aparelhado não só de virtudes perfeitas, mas tambem de perfeitos vicios. A Inglaterra, que produziu Gladstone, não seria uma nação civilisada, se não tivesse tambem produzido Jack the Ripper. Dado e provado que a natureza humana tem por força de admittir no seu ambito tanto o bem como o mal, claro é que o seu aperfeiçoamento resultará do aperfeiçoamento gradual e simultaneo d'esses dois elementos indispensaveis e parallellos.

D'ahi, a necessidade de ter gatunos celebres, como a necessidade de ter cidadãos virtuosos.

A nossa policia comprehende isso! a nossa policia bem vê que precisamos ter, para affirmar aos olhos das nações irmãs o nosso progresso, algum ladrão perito, habil, talentoso, genial, que saia fóra do commum dos simples ladrões, dos vulgares arromba-portas, dos insignificantes e primitivos saltadores de estrada.

O *dr. Antonio* é o bilontra-modelo. Veste bem. Entra no xadrez com o mesmo desembaraço com que entra n'um salão. Sabe conversar politica com os politicos, finanças com os banqueiros, *disciplina militar prestante* com os generaes, modas com as senhoras, *sport* com os *sportmen*, litteratura com os homens de lettras. A sua conversação é um kaleidoscopio



em que passam, vivamente allumiados por um espirito original e fino, todos os conhecimentos humanos. Senhores! crêde que é até um prazer deixar-se a gente roubar por um gatuno tão delicado e tão intelligente!

Sabendo isso, a policia não quer supprimir de uma vez o *dr. Antonio* do seio da nossa sociedade, confinando-o n'uma Penitenciaria, onde o seu talento ficaria improductivo, e onde, estereis e desprezadas, mirrariam as suas bellas qualidades de *gentleman* do furto. Precisamos ter aqui fóra um ladrão-modelo, como temos o Corcovado, o Corpo de Bombeiros, e os bondes electricos. Quando nos visitar um estrangeiro de distincção, não lhe havemos de roubar o prazer de ser roubado por um *pick-pocket* tambem de distincção. Por isso, a policia não prende de vez o *dr. Antonio*.

Apenas quatro vezes por mez, manda-o chamar á Repartição central, afim de ter a satisfação de verificar que elle ainda existe, para honra e gloria da cidade de S. Sebastião. Chama-o, examina-o, conversa affavelmente com elle, admira-o, anima-o a proseguir: «Vá, doutor, vá! Vá continuar lá fóra a sua ardua e benemerita missão de illustrador e civilizador! Não esmoreça, doutor, não esmoreça!»

Ahi tendes a razão pela qual a policia trata bem o *dr. Antonio*. Mas a imprensa não sabe, ou não póde, ou não quer ver as cousas como as cousas são...



VIII  
MENTIRA

— E' mentira! Não creias, minha amada: deixa as flôres na camara. Mentiu quem disse que o perfume das rosas e das violetas mata. Que seria dos passaros pequenos? Que seria das borboletas, se a alma das flôres sahisse, pela treva da noite, para o assassinio? Não creias, minha amada. Quem tal cousa te disse mentiu calumniando.

A flôr é incapaz de traição! Não confundas o perfume com o aspide... E aqui te digo em segredo: se alguma rosa ouvisse palavras taes pronunciadas, nem sei que pequenina vingança imaginaria a flôr!

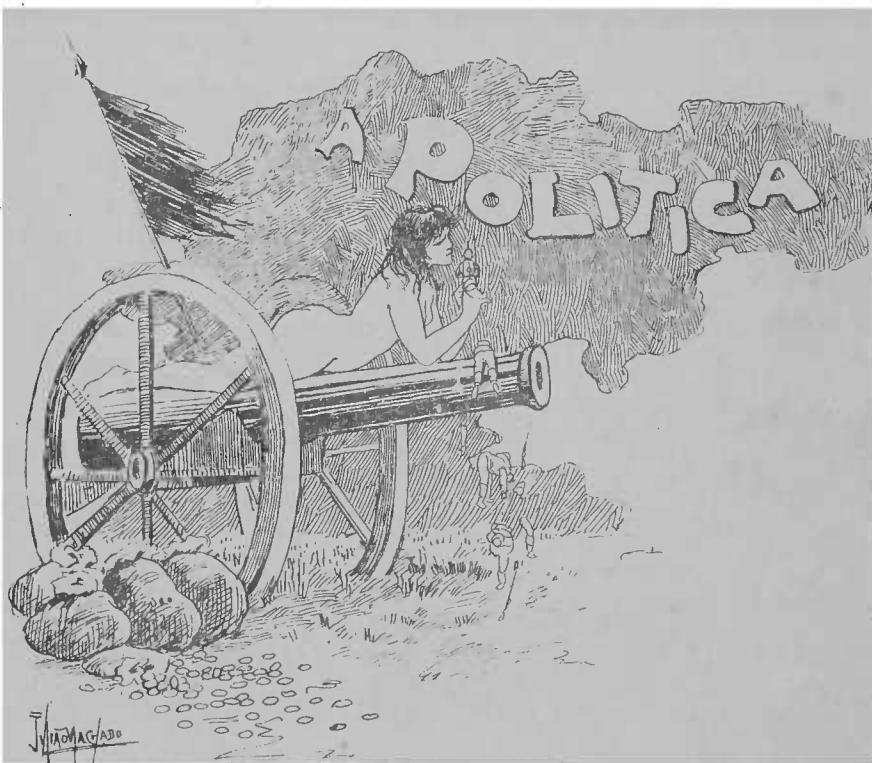
Deixa-as na camara; durmamos com as innocentes companheiras, e não tenhas receio! — aqui estou eu para guardar-te contra todas as ciladas. Covardes as flôres... envenenarem durante o somno... que calumnia!

E agora tu, minha amada, sê franca: se as flôres envenenassem, eu estaria aqui contigo, beijando-te? E, todavia, durmo todas as noites com as duas rosas das tuas faces, com a papoula da tua bocca, e com as magnolias do teu collo, aspirando todas essas flôres e, mais ainda — teu halito que trescala, que embalsama o aposento, e espalha-se pela noite. Quem sabe se não é elle que dá perfume ás flôres?

Se o aroma envenenasse, que seria de mim, mimosa flor da minha companhia?

E' mentira, não creias, minha amada! Deixa as flôres na camara, dorme... e perfuma o meu somno.

Coelho Netto.



Quando este numero d'*A Cigarra* for distribuido, já não estará sem dono a cadeira que Lopes Trovão deixou vasia na Camara. Estou escrevendo esta chronica politica na manhã de domingo. D'aqui a pouco, irei cumprir o meu dever de cidadão introduzindo no bojo sagrado da urna eleitoral o meu pobre voto que não sei se será contado. Contado! — Quando se trata de apurar a votação de um adversario, as mezas só conhecem, das quatro operações, a da subtracção. Pobre voto! misera cedula! — com qué fria, com que perversa indiferença te lançarão d'aqui a pouco á cesta dos papeis velhos, levando de envolta a minha soberania de parcella de povo, despresa da e amarrotada como um trapo velho!...

×

E, já que d'aqui a pouco tenho de ir votar, anda cá, minha Consciencia! Pezemos bem o valor de cada um dos candidatos! Reflectamos bem sobre as vantagens que para todos nós póde trazer a eleição de cada um d'elles, e façamos o possivel para que a escolha seja pensada e justa!

×

1º candidato.— Thimoteo da Costa, Quem é? E' um republicano! Só? Só. Parece que basta.

Para esta gente que é hoje a manda-chuva da Republica, este facto de ser republicano historico é uma qualidade que dispensa todas as outras, e uma sorte de investidura sagrada, graças á qual um sujeito pode ser tudo, nesta vida, desde negociante até senador e desde engraxate até presidente da Republica. Fulano é analphabeto? Que importa? sendo republicano historico, pode ser nomeado mestre-escóla. Sicrano é tapado como um muro? Que importa? sendo republicano historico, é o maior genio da terra! Beltrano é de uma honestidade duvidosa? Que importa? sendo republicano historico, podemos entregar-lhe todos os nossos capitaes.

Explique isto quem quizer! O facto ahi está, incontestavel e firme. Dou-vos a minha palavra de honra: não sei o que o cidadão Thimotheo tem feito de notavel em sua honrada e obscura vida. Não consta que o cidadão Thimotheo seja orador, não consta que o cidadão Thimotheo seja escriptor, não consta que o cidadão Thimotheo tenha dado provas de que póde ser legislador. No entanto, todo um partido, (e o partido repu-



A Coque

A Sentimental



Vive do aroma das brisas e lê poemas lyricos. Adora as noites estreladas, a lua em pleno azul, o canto do sabão, e tem o mais profundo desprezo pelos homens que lhe fallam... em prosa.

A ALTA



A MULHER COQUETE  
Um coração como o bad do Flamengo: — electrico, caprichoso e feroz. Variedade de toilettes e de flirts. — Tem flirts especiais para o Lyrico, para a rua do Ouvidor, para os conventos do Carmo, para uso em casa. Destreza no olhar.  
Só namora sentada. De pé um ar altivo que desnorteia. Diverte-se em dança. Muito visível no Paschoal.



A MULHER ALTA  
Um unico ideal : um marido baixo.

A MULHER SENSUAL  
Pulso acelerado. Relê Bourget com a convicção com que qualquer Soeur Josephine repassa as contas de seu rosario. Como ella percebe o divorcio!

A Sensual





A Coquette

A Ciumenta



A MULHER CIUMENTA

Amor feroz. Scena de lagrimas e finais d'acto obrigados a faniquito. Amor felino— unhas e dentes. O terror dos maridos, que entram no lar ainda com o pó d'arroz do crime e alguma liga perdida na algibeira do paletot

A MULHER COQUETTE

bond do Flamengo:— ele-  
l. Variedade de toilettes e de  
iaes para o Lyrico, para a rua  
certos do Cassino, para uso  
har.  
De pé tem um ar altivo que  
e diverte. Muito visível no



A BAIXA

A MULHER BAIXA

Um unico ideal : um marido  
alto.



A MULHER MAGRA

Profundamente triste — e resignada á sua má  
estrella ou á sua tísica que faz com que por  
ella ninguem ainda tenha commettido o pec-  
gado da carne.

A MAGRA

J. V. MAGALHÃES



blicano por excellencia!) apresenta como seu candidato o cidadão Thimotheo: porque? porque é republicano historico...

Bem! eu é que não me deixo levar por essas cantigas! tumbem o 29 ou Honra e Gloria é militar historico, e nem por isso eu o encarregaria nunca de commandar os exercitos da Republica! Vamos a outro candidato, ó Consciencia! este não serve...

X

Segundo candidato: Henrique Alves de Carvalho... Hein? ainda? Ainda! Este não é historico. E' Republicano, porque não ha hoje ninguem que o não seja. N'esta terra, só uma cousa ainda não adheriu: o sello postal, que cada vez tem menos gomma. Será republicano... Historico é que não é. Tenho o conhecido a pleitear eleições desde que nasci, e não sou nenhuma creança. Creio que até pretendeu o logar de deputado á primeira constituinte do ex-Imperio....

Votarei nelle, Consciencia? Nada! Porque?... Nem tudo se diz, Consciencia! Não digas nada e não votes n'elle! E passemos a outro candidato, que é...

X

... o terceiro: José Carlos do Patrocinio. Este sim, que, atravez de todos os estados de sitio e atravez de todas as calumnias, tem conseguido trazer até hoje, immaculada, a sua sua honra de cidadão, e imperturbavel a sua nobre coragem de dizer, aos grandes como aos pequenos, a pura, a serena, a forte Verdade! Este sim, que nunca prérgou a guerra e a dególa! este sim, que, para ser republicano, nunca precisou de viver agachado á sombra das botas da dictadura militar! Este sim, Consciencia! Vamos! escrevamos o seu nome n'um quadrinho de papel, e vamos á minha secção!...

X

Devagar, consciencia! devagar! Mestre Glycerio já declarou cathegoricamente que, se por uma porta entrar José do Patrocinio, pela porta opposta sahirá elle, Glycerio. Bem sabes, Consciencia, que mestre Glycerio não é homem para dizer uma cousa e fazer outra. Logo, claro é que mestre Glycerio tem a certeza de que Patrocinio nunca entrará na Camara.

E, pois, claro ainda é que os votos dados a José do Patrocinio só serão apurados por milagre... E, então, para que hei-de eu, nesta bella manhã de domingo, desprezar, pelo cumprimento de um dever platonico, a minha doce poltrona, os meus livros queridos, o meu cachimbo fiel? Para que hei-de eu ir, gastando em vão um pedaço de papel e uma gotta de tinta, depôr na urna eleitoral o meu voto?

X

Não, Consciencia! deixa-te de bravatas, e adormece. Não vou votar. Já sei que isto é um crime. Mas antes ser criminoso que besta! Antes ser executado que logrado! Antes a maldição da historia do que a certeza de me ver bigodeado por uma meza eleitoral. Consciencia! põe-te á larga!

Moleque! prepara-me um bom almoço! Hoje não saio de casa. Quero almoçar bem! Lucullo almoça com Lucullo!

L. F.

## OS NOVOS

### ESTATUA

Encontrara-a assim, uma noite, sob o tecto de um kiosque de verduras, onde, serpenteando, emmaranhavam-se hervas, num desdobrar filiformeado e torto de vermes desengonçados, em marcha torcicollosa e zig-zaguenda de caminantes sem pharol, arriscando passadas, retrocedendo apóz, investindo para os lados, numa exploração continua de estrada a trilhár.

Successivamente, pelas outras noites, vira-a ainda, naquella posição parada e extatica de contemplativa, nua, o leite do luar a lavar-lhe o ventre, a lavar-lhe o corpo, cahindo da cabeça aos pés, em corcovos d'agua despenhando-se por uma cascata, morrendo no vacuo de um ponto cujo desenvolvimento parou muito cedo, ressusitando ao nivel do Todo, topicamente transformado no espontaneo curioso do desnivelado.

De longe, vindo pelo luar com o violino á cinta, sobre a sua retina cahira deslumbrantemente, — numa grande pompa de prata branca, numa illuminação phantastica de lampadas de reverbero, projectadas para o brilho scenico de uma apotheose, altisonante e estrondosa, armada sem desperdicio de effeitos, mirando a fascinação dos espectadores de olhos esboghados num grande esforço de fixação demorada — a nota suave daquella carne branca de Virgem, posta ao alto, com a grande pallidez tegumental da Morte, como uma perola encastoadada na mancha de esmeralda liquida da folhagem.

Os seus olhos eternamente postos para o ar, numa agonia supplicada é tantalica de visão de castellos d'ouro, lagos metalisados com cysnes á tona, luz viva trombeteando fanfarras ruidosas, por traz das nuvens, para além do conhecido, até onde chegava a sua imaginação, até onde não chegavam os seus braços.

Pelo seu cerebro passassem embora, faustosamente, visões embriagadoras de corpos estreitados — pelles doiradas e reuizentes pelo retesamento epileptico dos musculos distendidos na extrema vibração sensorial do gozo brusco, — o corpo continuava na immobilidade devota e compungida de crente, ouvidos alerta para a instrumentação chorosa do ritual estudado de um templo, labios mudos, membros petrificados.

Nem a nota festival de um sorriso, nem gritos arremessados num tregeito torto de labios convulsos.

O violino ferido coagulava sons pelo ar, que iam vagarosamente, de rojo, numa humildade covarde de Inferior, em marcha cambaia de genuflexados, vencendo a custo o espaço, chegando até elle, cantando-lhe aos ouvidos toda a prece ardente e desesperada de um apaixonado... iam para além, apóz, deixando-a na sua frieza e paralyisia absoluta de estatua.

Porque seria uma estatua?

Duvidava ainda.

Uma má cerebração feminina talvez, localizações emmaranhadas, montadas umas sobre as outras, num entrelaçamento tortuoso de raizes de arvore, retorcidas, deixaram-n'a nesta loucura quieta do extasis eterno da estatua. O Som, tamborilando como um camartello harmonico de ouro sobre o crystal dos nervos, talvez a acordasse daquella lethargia profunda que prendera o seu organismo, constringindo vasos, roubando a actividade da irrigação sanguinea, que lhe punha pela pelle a chlorose de um luar desmaiado. Mas, pelos luars maguados, com as dolencias lithurgicas do violino, — que, para a sua percepção subtilissima de Requitado, cantavam como pombas brancas amorosas, arrulhando uma doce e abandonada canção, turturante e torturada, — não acordaram aquelles nervos, não fremiram aquelles labios.

Seguiu o Som então; genuflexado, humillimo, mãos erguidas para o Idolo, labios sussurando uma prece, chegou até o nicho de hervas.

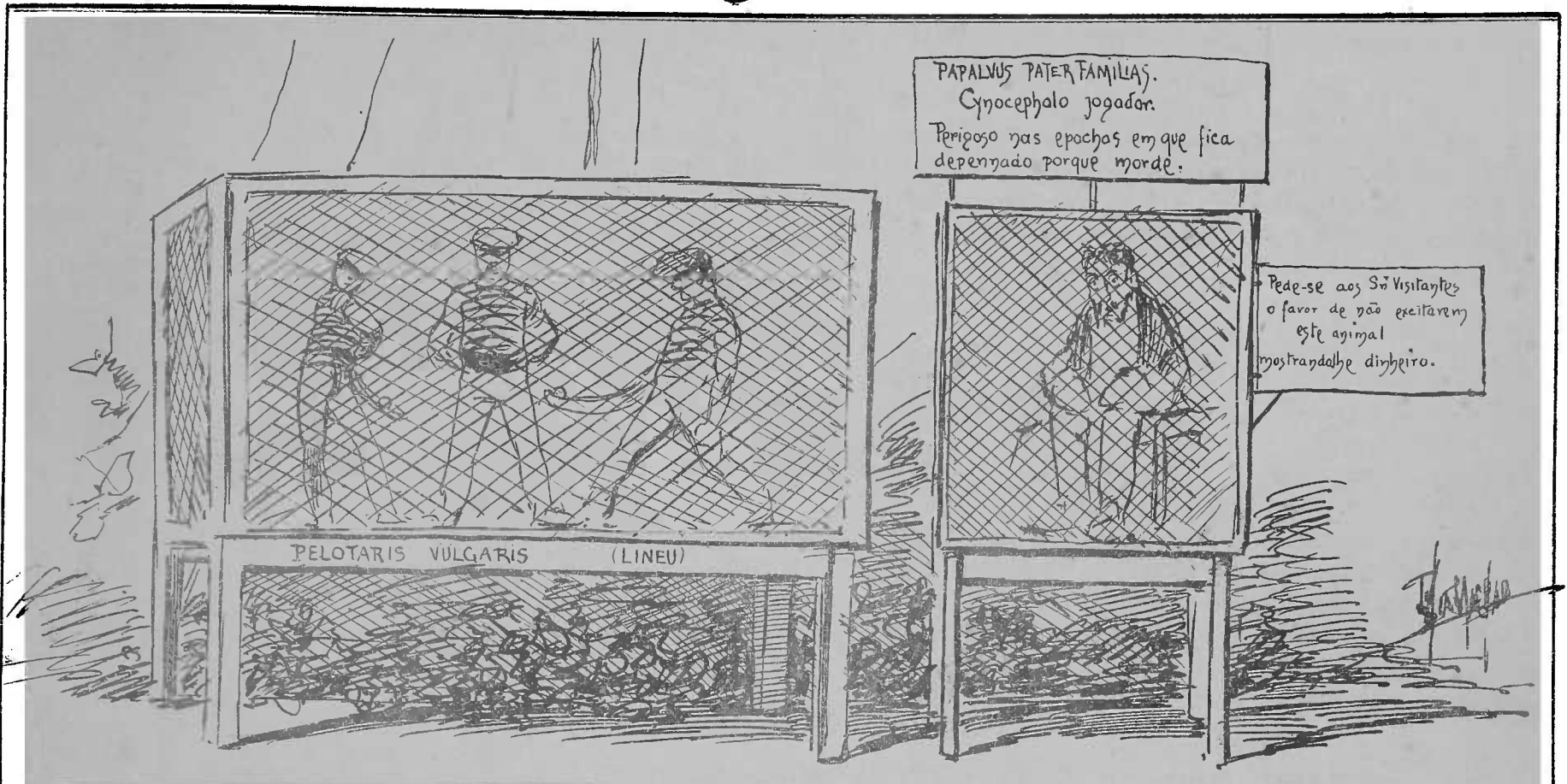
Rojou o ventre pela terra, estendeu os braços crucificando-se sobre o sólo, prostrando-se em uma grande contricção da sua impureza, e tres vezes beijou o pó das suas alpercatas.

Sentiu então a frialdade da Estatua: e o pavilhão do Riso desfraldou-se festival e alacre pelos seus labios, cantando — a alleluia! — que despontara para sua alma, abrindo-lhe todas as portas para a Luz, para a grande Luz, para a Vida, para a grande Vida...

Perversidades, aberrações femininas e anti-artisticas da Ideia e da Phrase, não se acoitariam naquella corpo. Amava emfim uma estatua! Attento para os lados, numa apprehensão vigilante de Sacrilego, carregou-a aos hombros, curvando-se com o peso e desapareceu para além, para muito além, para algum sahara ermo e deserto, para alguma ilha, vasia e só, em meio do glauco oceano, onde ninguem lhe roubasse o seu Idolo, o seu doce Idolo...

Claudio de Souza.





A NOVA COLLECCÃO ZOOLOGICA DO PARQUE DE VILLA ISABEL.

Esta secção está decididamente condemnada a mudar de nome, como as illustrações d'A Cigarra mudam de colorido. Principiou, chamando-se *Theatros*; depois, como o chronista reconhecesse que nem só a vida theatral enche a vida carioca, tomou a secção o nome mais amplo de *Vida nocturna*. Agora, já nem mesmo este nome serve. Porque estou hoje obrigado a dizer o que foi a inauguração do Jardim Zoologico, sabbado passado, e não sei como classifique entre os acontecimentos da *Vida Nocturna* o delicioso *pic-nic* que o Galvez offerceu aos seus convidados. Emfim, os nomes pouco valem. Que importa seja falso o rotulo, quando o vinho é verdadeiro? O meu amigo Campos da Paz nunca perseguiu o Fritz Mark porque elle fabricasse aqui os seus rotulos, mas os seus vinhos.

Na manhã de sabbado, a população acordou alarmada. O Galvez fez a cousa com geito. Os bonds especiaes eram quarenta; as bandas de musica eram não sei quantas. Vimos o soberbo local em que estão installados o tiro aos pombos, o tiro ao alvo, o tiro ás gallinhas, o tiro aos marrecos, o tiro aos coelhos. Vimos depois o *Pim! pam! pum!*, assembléa de bonecos de cabeça dura, que a gente têm de derrubar ás pelotadas. Depois, a esplendida sala de fogos varios, verdadeira sala de cassino, em que os amadores encontram bilhar, baralhos, gamão, damas, floretes, espadas, pistolas, trapezios, barras fixas e volantes, bagatella, cavallinhos, phonographo, o diabo! E depois, ah! depois....

Perdão! deixem-me antes fallar do frontão, que é moderno, de estylo a que não estava habituado o publico,— de uma só parede,— o que, difficultando o jogo, por isso mesmo o torna mais interessante. E agora fallemos do almoço!

O Galvez quiz dar-nos um almoço original, e serviu-nos, á gaúcha, um boi e dous carneiros carneados no campo, assados *con cuero*, em formidaveis espetos. Foi um repasto patriarcal... E quando, ainda com o estomago cheio, fomos assistir á primeira *quiniéla*, desabou sobre nós um calor espantoso. Que dia! O verão entrou furiosamente, como um tyranno. Suór, falta de ar, esfalfamento... Abalei para a cidade. Viva o Galvez! O seu jardim está admiravelmente installado, e é impossivel que o publico não corra a encher-o todos os dias.

Está reaberto o *Eden-Lavradio*. De novo a *Pepa* recebe palmas e flôres. O *Poço Encantado* é uma bella opereta de Audran. A primeira representação não correu de todo bem, pela falta de ensaios. Mas, na segunda noite, já os côros se portaram com mais decencia, e, ou eu me engano muito, ou o *Eden-Lavradio* vae ganhar dinheiro a rôdo.

No domingo, tivemos no *Lyrico* uma esplendida *matinée* organizada por Furtado Coelho. José do Patrocinio foi o encarregado de abril-a, com uma saudação eloquentissima a Portugal.

Além d'isso, tivemos, recitada pelo actor Cardoso da Motta, uma poesia deslumbrantissima de Luiz Murat. Musica, hymnos, comedias, completaram o programma.



A VERDADE que sabe do poço do EDEN  
é tão alta, tão esguia, tão ossea e  
vem tão mal... despida que nos pa-  
receu uma verdade... dura de roer.  
Deem-lhe afforda, Sr. da Empresa!  
Pobre senhora!



# A soirée brayca de Pierrot (A ME III)



— A PRIMEIRA WALSA, AO MENOS !

— Como lhes sou grato por terem querido vir !



— E um encanto esta polka, dançada com VEXA !

- INEVITAVEL

(Os que não calculam.)  
- Que deliciosa noite!



(Os que calculam)  
— O que diz V? Só?! Upa! upa!... Talvez o dobro!





# A CIGARRA

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

ANNO (52 números) . . . . .	48000
OITO MEZES (até ao fim deste anno) . . . . .	32000
SEMESTRE (26 números) . . . . .	25000
NUMERO AVULSO . . . . .	10000
SUPPLEMENTO . . . . .	500
NUMEROS ATRAZADOS . . . . .	10500
SUPPLEMENTOS ATRAZADOS . . . . .	10000

HEBDOMADARIO illustrado por *Julião Machado*

Redacção de *Olavo Bilac*,

Direcção de *José Barbosa* —

ESCRITÓRIO E REDACÇÃO  
115 Rua do Ouvidor 115

Propriedade de *Manoel Ribeiro*

ANNO I.

Rio de Janeiro, Quinta-feira, 24 de Outubro de 1895

N. 25

## A CIGARRA

*A Cigarra* congratula-se com a Patria Brasileira pela promulgação da Amnistia.



Ficou deliberado que a segunda conferencia litteraria se realizará no proximo dia 10 de novembro, no salão do *Pedagogium*. Fallará Coelho Netto sobre o thema : *Machado de Assis e a sua obra*.



Um livro novo: *Suicida!* romance de Figueiredo Pimentel, editado pela casa *Fauchon*. A capa é illustrada por *Julião Machado*.



Chegou da Europa Annibal Falcão, a quem *A Cigarra* felicita vivamente.



O Sr. ministro da guerra mandou hoje entregar ao mordomo do palacio de Itamaraty uma caixa de madeira contendo uma bella espingarda Mauser, offerecida ao Sr. Presidente da Republica. Na tampa do estojo lê-se o nome do Dr. Prudente de Moraes.

(A NOTICIA, 21 Outubro)



— ALERTA, INHAMBUS !...





.... Se assim é, minhas senhoras, também eu vou dizer a minha opinião sobre o casamento.

E' a questão do dia. O Rio de Janeiro fez-se philosopho. A rua do Ouvidor está atulhada de physiologos e de psychologos. A cada passo, dá-se um pontapé n'um systema. A cada esquina, acotovella-se uma theoria. Se virdes cinco ou seis janotas, abancados a uma mesa do Paschoal ou postados à porta do Londres, ficae sabendo que estão com certeza discutindo qualquer d'estes pontos graves de que, parece, dependem a sorte da Familia e o destino da Patria, e, por consequencia, a sorte e o destino da Humanidade: 1º onde pôde residir o amor verdadeiro e duradouro? no concubinato ou no casamento? 2º devem os conjugues dormir juntos?; 3º etc., etc., etc.»

Essas graves questões começaram por preocupar um romancista; depois preocuparam a critica; depois a chronica; depois os artigos de fundo. Agora, até a mesma grave *Revista Brasileira* acaba de entrar na discussão.

E' a questão do dia, repito. E não me queixo d'isso, porque a mania é inoffensiva. Antes agitar discussões psychologicas que não atam nem desatam casamentos, do que agitar discussões politicas que atam e desatam estados de sitio. E, se assim é, minhas senhoras, também em vou dizer a minha opinião sobre o casamento!

\*\*\*

Todos os que se revoltam contra as desvantagens da actual instituição do matrimonio dão, como causa dellas, o tédio. Se o adulterio vem macular o leito nupcial, foi o tédio que o trouxe. Se as relações entre conjugues acabam aos pontapés, foi o tédio quem creou as rixas e as vias de facto. Sempre o tédio! Como evital-o? Os que leem pela Cartilha de Balzac querem que os conjugues não durmam juntos, por hygiene e por decencia. Os que leem pela Cartilha de Aluizio querem mais que os esposos tenham de quando em quando uma separação radical, que viajem, que tenham saudade um do outro. Michelet acha que tudo isso é revoltante:

« Oh ! quand on aime, comment ne pas envier le logis du menuisier mon voisin, qui n'a eu tout qu'une chambre? » E é esta a receita que o divino Poeta dá para a felicidade conjugal: *resserrer le foyer.*

\*\*\*

Minhas senhoras! vou dizer-vos uma cousa que vos espan-

tará: creio que a unica cousa que um homem e uma mulher podem razoavelmente fazer, quando se amam, é casar, sem querer saber do que pensam Michelet e Balsac,— casar como todo o mundo casa, dormindo em um só leito ou em leitos separados, conforme é este ou aquelle o costume da terra em que casaram. Philosophos, poetas e romancistas não endireitam o mundo: o mundo é torto, e torto será por toda a eternidade. Desgraçado do amor, que raciocina! desgraçado do homem que, antes de casar, passa uma hora a reflectir nas consequencias d'esse passo! Passo mais grave deu elle quando nasceu: e, não reflectiu, antes de saber se fazia bem ou mal em nascer. Amigo! se na tua terra é habito viverem os conjugues amarrados um ao outro, de dia e de noite, ao enxergão da mesma cama, deixa-te pacientemente amarrar á tua mulher, e vae vivendo assim mesmo, ao Deus dará. O segredo da felicidade é não procurar ser mais feliz do que os outros. Se te aborreceres de tua mulher, lembra-te de que ha milhões de homens que, á mesma hora, estão também profundamente aborrecidos das suas. Se ella te fôr infiel, lembra-te de que não és tu o primeiro desgraçado a quem succede tal cousa. Ama a, enquanto puderes amal-a: quando não puderes mais amal-a, estima-a; quando não puderes mais estima-a, atura-a; e, quando não puderes mais atural-a... continúa assim mesmo a atural-a. Casa como teu pae casou, que elle também casou como teu avô, e nem por isso, deixou de ter na vida momentos bons e momentos máos... Vive como todo o mundo vive, amigo! não procures ser original, porque darás com certeza em maniaco.

\*\*\*

Este caso do tédio conjugal da-lo como principal causa das dissensões domesticas é engraçadissimo. Quero eu agora que me digam se ha alguem, solteiro, viuvo ou casado, que se não aborreça n'este mundo! A vida em si já é um aborrecimento: e de cem mil homens só um homem sae voluntariamente da vida. Ainda agora mesmo, no volume das *Varias Historias* de Machado de Assis, acabo eu de ler a esplendida fantasia *Viver!* Ahasverus agonisa. Uma aguia, que passa, diz: « ai, ai, ai! deste ultimo homem! está morrendo e ainda sonha com a vida! » Ao que uma outra aguia, que, pelos modos, conhece a fundo o coração humano, responde: « nem elle a odiou tanto senão porque a amava muito! » Olha, amigo! não ha quem não se aborreça da vida! e, no emtanto, não ha quem sinceramente deseje morrer de todo.

\*\*\*

Separar os leitos? para que? para sentir o tédio de os ter separados, e novamente, d'ahi a pouco, juntal-os? Isso lembra-me um amigo meu, que descobriu um remedio singular contra o tédio. Quando estava enfarado de tudo, do sol, das arvores, das mulheres, e da vida, punha sobre os olhos uns oculos negros. Começava então, atravez dos vidros enfumachados, a ver o mundo negro. Assim ficava uma hora. O tédio crescia, avultava, dilatava-se, chegava ao auge, tornava-se intoleravel. Então elle tirava os oculos. E a alégria de ver tudo de novo claro e alegre, matava-lhe logo o aborrecimento antigo, de maneira que assim se curava um mal aggravando-o.

Em Zurich, (é Michelet quem conta o caso) quando um casal vinha pedir divorcio, o magistrado, antes de ouvil-o, fechava-o durante tres dias n'um quarto, em que os conjugues tinham á sua disposição um só leito, uma só mesa, um só prato, e um só cópo. Ao cabo de tres dias, ( dizem as chronicas do tempo) o casal já não queria o divorcio. Porque



porque marido e mulher, enfastiados da sua ligação conjugal, se convenciam de que havia ainda uma ligação mais estreita, e mais apertada, e mais dura, e menos toleravel: e, tendo-a experimentado, volviam consolados á primeira.

Santo Deus! todos fallam contra o casamento; e todos casam. E casam uma, duas e tres vezes!

\*\*\*

Amigo, se amas, casa! e deixa correr o barco! Não te deixes levar por theorias nem por livros. Philosophos e poetas nunca endireitaram, nem nunca endireitarão o mundo. Faze o que todo o mundo faz.

« Não peças á vida mais do que o que ella te póde dar! »

E com esta maxima, que deve ser de Simão de Nantua, digo-te tudo, amigo! casa e sê feliz.

Não é verdade, minhas senhoras, que esta é a melhor opinião sobre o casamento?

Fantasio

## LIVROS NOVOS

A passada quarta-feira foi dia de grande gala para as letras brasileiras, pois que n'esse dia appareceu um novo livro de Machado de Assis,—o querido Mestre a quem toda a roda litteraria, sem distincção de escolas, acata e venera. *VARIAS HISTORIAS* intitula-se o volume que a Casa Laemmert editou com um raro capricho. Se todos os editores brasileiros caprichassem assim!... Ainda ha alguns dias, Guimaraens Passos, na sua *correspondencia* litteraria para o excellente *Commercio de S. Paulo*, escrevia:

Os poetas, os romancistas esbofam-se, e, com muito trabalho, vendem por meia pataca seus livros a editores, que os imprimem em papel de jornal, com typos gastos e tintas desmaiadas, pondo-lhes uma caratula tão feia, que os freguezes disparam, apavorados. Mas a Casa Laemmert não lê por essa cartilha. Deu-nos as *Varias Historias* n'uma bella edição elzeviriana, digna do Mestre e do seu rico estylo fidalgo,—o mais apurado, o mais sobrio, o mais ambrosamente cuidado estylo, que jámais tenha empregado um escriptor brasileiro.

O volume, de trezentas paginas compactas, contém os seguintes contos:

« *A cartomante; Entre Santos; Uns braços; Um homem celebre; A desejada das gentes; A causa secreta; Trio em lá menor; Adão e Eva; O enfermeiro; O diplomatico; Mariana; Conto de Escola; Um apologo, D. Paulu; Viver!; O conego, ou metaphysica do Estylo.* »

Para prefacial-os, escreveu o mestre as seguintes linhas, que abrem o livro:

« As varias historias que formam este volume foram escolhidas entre outras, e podiam ser accrescentadas, se não viesse limitar o livro ás suas trezentas paginas. E' a quinta collecção que dou ao publico. As palavras de Diderot que vão por epigraphe no rosto desta collecção servem de desculpa aos que acharem excessivos tantos contos. E' um modo de passar o tempo. Não pretendem sobreviver como os do philosopho. Não são feitos d'aquella materia, nem d'aquelle estylo que dão aos de Merimée o character de obras primas, e collocam os de Poë entre os primeiros escriptos na America. O tamanho não é o que faz mal a este genero de historias, é naturalmente a qualidade; mas ha sempre uma qualidade nos contos, que os torna superiores aos grandes romances, se uns e outros são medibres: é serem curtos. »

Não cabe aqui a critica da formosissima collecção das *Varias Historias*. Criticar Machado de Assis!... *A Cigarra* só sabe amal-o e admirar-o, sem palavras. Nas *Varias Historias*, como nos *Papeis Avulsos*, como nas *Historias sem data*, como no *Braz Cubas*, como no *Quincas Borba*, ha aquelle mesmo amor da psychologia e aquelle fina ironia que fazem Machado de Assis ser, sobre um artista, um pensador para quem a alma humana não tem segredos. Dirão que o pensador é pessimista; que a sua analyse, fria e cruel, deixa uma dolorosa impressão de desconsolo; que a sua ironia dóe como uma punhalada; dirão que... Ah! meus irmãos! a vida é aquillo mesmo! Machado de Assis escreve, torturando-se a si mesmo, rasgando as suas proprias entranhas, pondo a nú os seus nervos. Que importa? abençoadas dôres humanas, essas que criam tão

bellas paginas, onde o escriptor mostra amar e conhecer a sua Lingua com um fervor de fanatico, (cousa tão rara n'estes tempos de nephelibatismo grammatical!)

Ao grande mestre envia d'aqui a *Cigarra* uma braçada de rosas. Cahindo agora n'este meio sôrna, o seu livro é uma esmola feita ao nosso espirito...

\*

Outro livro novo: *A alma alheia* de Pedro Rabello. Pedro Rabello estreiou ha dois annos com um livro frio e marmoreo, em verso,—*Opera Lyrica*. Eram estrophes trabalhadissimas, parnasianas, em que se conhecia a tortura do labor paciente do artista. Eram bellas: lendo-as, admirava a gente a instrumentação sabia das syllabas, o bem achado das rimas, a pureza da lingua. Mas faltava alli a alma do poeta...

*Alma alheia* é um livro de contos. Aqui, sim! aqui está a alma do escriptor. A invenção é nova; o modo de conduzir o enredo é sobrio e original; um grande sopro de vida e de paixão atravessa estas paginas; o estylo... Ah! o estylo... O estylo é puro e bello; mas tem por vezes o defeito de imitar de muito perto o de Machado de Assis. E' um defeito? Naturalmente nunca a imitação será uma qualidade boa. Mas imitar um grande mestre não é um defeito grande. Depois, nos seus contos mais recentes, já Pedro Rabello se vae libertando da influencia de Machado de Assis.

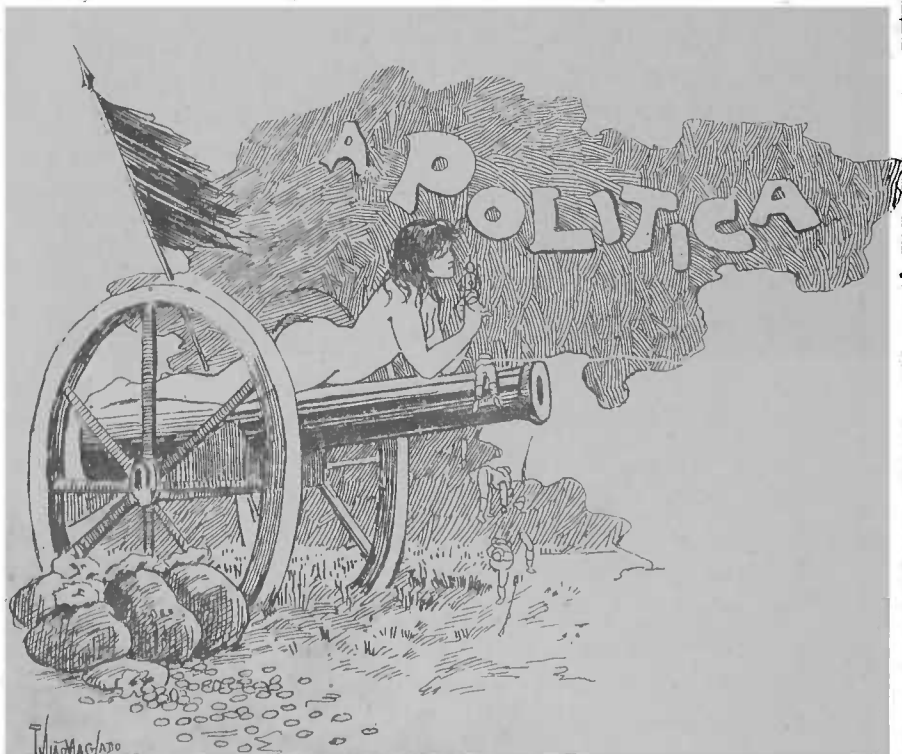
O que se não póde dizer é que falte talento ao livro. Pelo contrario: *A alma alheia* é um volume em que o talento de Rabello arde e palpita em cada pagina.

\*

Outro livro novo: *Livro mão*, de Figueiredo Pimentel. Sabem? Gosto muito do Figueiredo Pimentel: por isso mesmo nada escrevo do *Livro mão*! Para que hei-de eu, sem proveito, dizer cousas desagradaveis a um rapaz que estimo?...

O.

No dia 16 de outubro de 1890, passou o *Jornal do Commercio* a ser propriedade da firma J. Carlos Rodrigues & C. Dizer os melhoramentos porque passou de então para cá o importantissimo órgão da imprensa brasileira seria inutilmente insistir no que é de todos conhecido. Saudando os nossos illustres collegas, que no dia 16 d'este mez celebraram o 5º anniversario da sua nova organização, fazemos votos para que o velho e glorioso jornal cada vez mais creedor se torna da estima do publico.



Emfim, estamos mais desafogados. Acalmadas as questões do sul, sabido que o general Galvão, ao contrario do que se dizia, não será exonerado do alto e providencial cargo militar que desentpenha n'aquellas barulhentas e anarchisadas regiões,— parece que vamos poder respirar um pouco. E' uma felicidade. Emquanto durou o inverno, ainda podia a gente supportar com algum sacrificio essa atmospheria politica, tão carregada de raios. Mas, com o verão, já a cousa seria devéras intoleravel.



## OS VICIOS DO RICO



O PROFESSIONAL

Tem fé — a fé salva. As vezes a sorte nega-se e os lucros não dão para folganças, mas vai-se vivendo com a ajuda d'uns *ganchitos* inconfessáveis. A sua grande ambição: — poder voltar á terra a esmagar com a ostentação de brilhantes e abundantes breloques de ouro de lei, uns que elle lá deixou. Ah! hade pagar-lh'as, a velhaca da Rita que o abandonou para se metter com o outro...

O PEQUENO EMPREGADO PUBLICO

Arrisca mais frequentemente do que póde. Se o Copurcindo Richelieu da Silva tirou d'uma vez 90\$000! Ia acertando o mez passado — por um 7 não apanhou 900\$000. *Noventos mil réis!*... Que ambições realizadas! elle que sonha com um frack bem cortado e com ceroulas de côr! E a Carmen que adora o Champagne e as meias de seda!

A DAMA INDEPENDENTE

Joga por crise de nervos ou por crise financeira. No primeiro caso joga forte, á larga e compraz-se em dizer ás amigas quanto perde — *sommas* de dama bem relacionada no commercio da rua do Ouvidor e adjecencias. Tem numeros fixos — o dos seus annos, o da sua porta, o da porta de X. ou de L. etc.

Quando joga por crise financeira manda a creada — e então queima o penultimo cartucho, — o ultimo: o *prégo*.

O CHEFE DE FAMILIA

A's vezes falta o vinho... Verdade é que ha dias em que falta nada. A familia habita aos caprichos da sorte — nos dias magros só a creada...

o com...  
Como as coisas  
são mais de todos  
E, á final, p...  
o commercio seria  
Com a differença  
requisitos elle  
se mais demorado  
Os promissos p...  
pela sua tuel...



VICIOS DO RIO

I  
PONTOS E BANQUEIROS



O COMMERCIANTE

Como as cousas vão mal é preciso lançar mão de tudo.

E, a final, pensando bem o que é commercio senão um jogo d'azar? Com a differença apenas que para os «resignados» elle tem a vantagem de ser mais demorado que qualquer outro. Os preconceitos? Ora bolas! Quem engorda com isso?

O CREADO DE RESTAURANT

Um collega do café Tal tirou ha tempos desoito contos com dez mil reis. E' desde então que elle começou a acreditar no jogo dos bichos. Quando perde tem distrações que pasmam os freguezes a quem traz dobradinhas á bahiana em vez do gruyere pedido. Para elle cliente que não dê gorgeta—é Jacobino.

O ENGRAXADOR

Se a Fortuna é cega deve tropeçar frequentemente. Quem tropeça tambem cahe. Ora se ella cahe pôde muito bem roçar os que vivem de joelhos.

LORD BOOKMAKER

Quando ganha,— Eh! eh quem ter vicios? paguem. Quando perde,— Corja de vagabundos que se sustentam a minha custa. !

MACHADO



Póde a alma viver, suffocada de receios e de desgostos, quando o corpo, lepidó e forte, está mergulhado n'um ar fresco e confortante. Mas, quando o corpo, suado e quebrado, se arrasta dentro de um vasto forno assassino, de onde ha-de a alma tirar a energia precisa para resistir ao boato, á intriga, á decepção, a todas as torturas de uma situação política embaralhada e inextricavel? Graças rendamos ao Senhor Deus, que teve pena dos nossos padecimentos, — se é que realmente Deus tem tempo para se preocupar com as cousas da Camara e com os embrulhos do Partido Republicano Federal.

X

Ha, porem, um caso, cuja solução não é tão facil como a das guerras do sul. E' o caso da Trindade. Em dia da-semana passada, um telegramma de Londres annunciava que o gabinete inglez, reunido extraordinariamente, ia tratar d'essa questão. Logo, a anciedade publica despertou e cresceu. Que sahiria d'alli?

No dia seguinte, começou insistentemente, nascido não se sabe de onde, a correr a cidade o boato de que a decisão do governo inglez lóra contraria aos interesses e aos direitos do Brazil.

Não houve, ao ser recebida essa noticia, motins na rua do Ouvidor. O patriotismo exaltado não, arreventou de novo as taboietas das casas inglezas. E é caso para se dar parabens a o patriotismo. Mas, o cambio, o assustadiço cambio, o sensibilissimo cambio deu logo um mergulho na baixa. Até a hora em que

escrevo, nada sei, como ninguem sabe, de positivo sobre o boato corrente. Mas, ha um ditado popular, segundo o qual, as más noticias são sempre certas. Surdo seja o diabo, e desmentidos sejam todos os proverbios!

X

Infelizmente, para quem conhece a Inglaterra, tudo é de temer. Ainda ha poucos dias, um dos correspondentes da *Gazeta de Noticias*, Diniz Brito de Itajubá, que n'essa folha assigna a *Revista Inglesa*, contava miudamente o modo porque a Inglaterra costuma tratar as questões internacionaes, e a astucia, a perfidia, a manha perversa, com que ella, abusando dos direitos de todo o mundo, ficou senhora dos mares e das ilhas. O egoismo é a sua principal qualidade. A má fé é a sua primeira virtude. A protelação é o seu melhor instrumento. Que temos nós a oppôr a tudo isso? temos a nossa boa fé, temos a nossa precipitação, temos a nossa falta de juizo, temos a nossa falta de diplomacia.

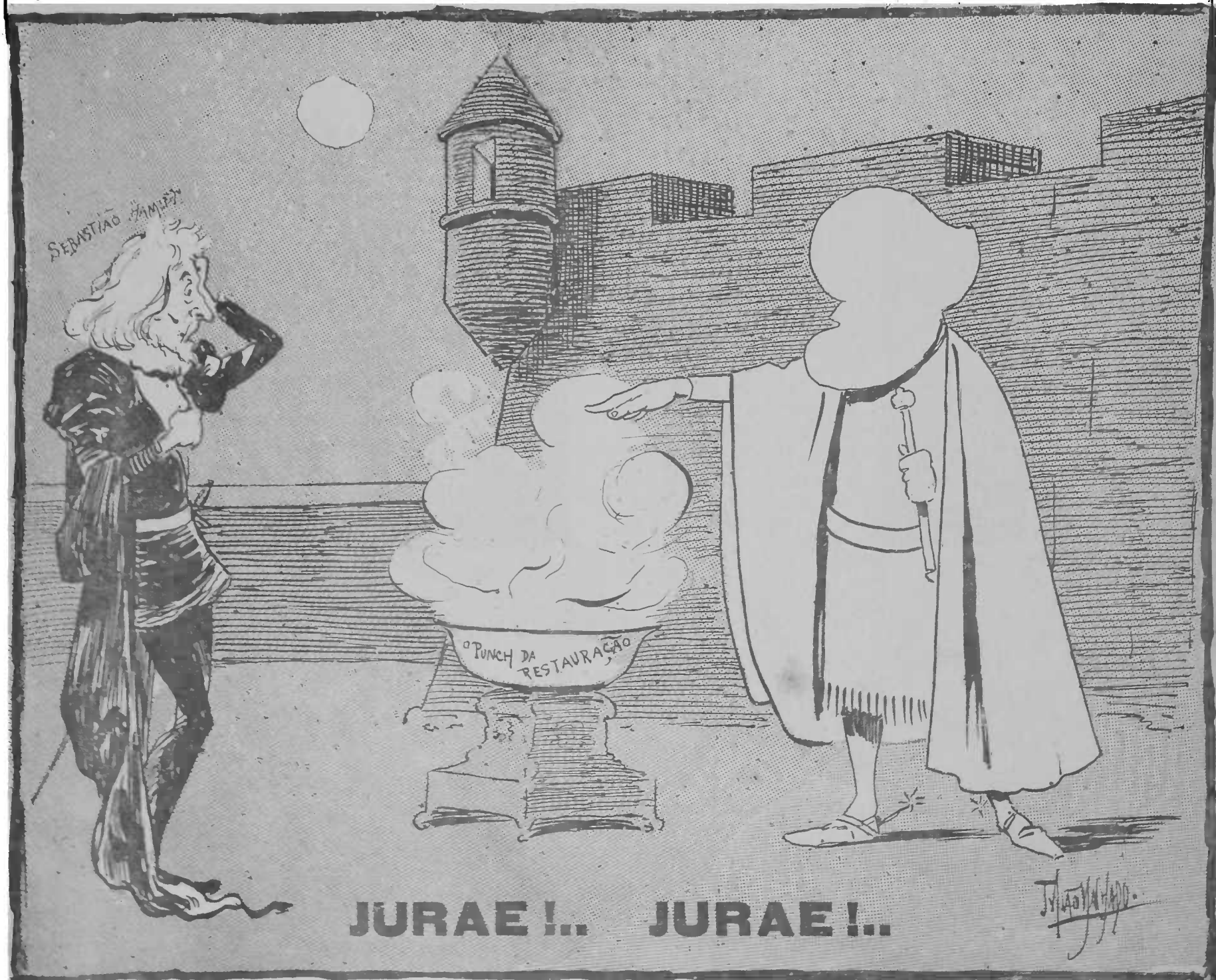
X

Oh! a nossa diplomacia! Porque fallar de cousas tristes? Não ha-de ser *A Cigarra*, a jovial, a futil, a fraca *Cigarra* quem ha-de salvar a *Patria*! Ninguem lê esta folha para n'ella encontrar o meio de consolidar a Republica. Mette a tua viola no sacco, *Cigarra*! o teu reino não é d'estas questões...

Oh! a nossa diplomacia!... Que cousas tristes se escreveriam aqui sobre ella, se *A Cigarra* não fosse *A Cigarra*!

L. F.

## HAMLET — ADAPTAÇÃO Á POLITICA BRASILEIRA





Extrahido do album de uma *mundana*:  
« Amo as creanças quando são pequenas e os diamantes quando são grandes.»

Uma quarentona, que esconde a idade:

— Tenho justamente a idade do Christo...

Alguem:

— Como? pois V. Ex. já tem mil oitocentos e noventa e cinco annos?

N'uma meza de jogo. Jacques joga o *écarté* com um bohemio extremamente sujo.

— Graças a Deus! — diz o bohemio, ganhando uma partida.

— ganhei o meu almoço de hoje! Vou agora jogar o meu aperitivo!

Ganha de novo:

— Bem! agora vou jogar o jantar.

Torna a ganhar:

— Agora vou jogar uma cadeira de theatro!

Ganha ainda. E Jacques, interrompendo-o:

— O meu amigo! já que está tão feliz, porque não joga um banho?



Como não houve, nestes sete dias acabados, nenhuma primeira representação, nem cousa alguma que mereça ser contada aqui, aproveito a falta de assumpto para responder a uma pergunta que aos dramaturgos brasileiros fez ha dias o mysterioso L. B. da *Noticia*. O mesmo L. B. ha-de perguntar aos seus botões o motivo pelo qual eu, não sendo dramaturgo, venho metter o meu longo nariz abelhudo em cousas que não são da minha competencia. Que queres, mysterioso correspondente d'*A Noticia*? em a cousa me cheirando a discussão não tenho mão em mim. Demais, o ponto que se controverte não exige, da parte de quem o vae discutir, que este seja um Paileron ou um Dumas Filho: exige que tenha um pouco de bom senso. E, em materia de bom senso, sou um poço. Isto posto, vamos ao caso.



Trata-se do debatidissimo caso da *Verdade no palco*, e, mais particularmente, de saber 1º se o monologo e o aparte podem ser admittidos na comedia moderna; 2º se, como propõe um escriptor francez, o monologo e o aparte, podem ser substituidos pela mimica.

Tenho um meio simples de discutir a questão em poucas linhas: é reparar no que, em resposta á consulta de L. B., escreveu o meu illustre collega A. A. no seu penultimo folhetim *O theatro d'A Noticia*. Tem elle a palavra:

« A questão é uma questão vencida. Tanto o monologo como o aparte estão ha muito tempo condemnados, e não ha hoje dramaturgo digno d'esse nome que de taes recursos lance mão. Se o soliloquio é absurdo, porque ninguem falla alto quando se dirige aos seus botões, mais absurda ainda seria uma gesticulação tão expressiva, que transmittisse ao espectador o pensamento do personagem.»



Perdoe-me o illustre A. A.! — Aqui estou eu que, quando me dirijo aos meus botões, fallo em voz alta. E, como eu, ha centenas de milhares de homens. Mais ainda: gesticulo, quando penso. Não vejo em que seja absurdo o soliloquio.

Depois, dado e provado, como está á saciedade, que o verdadeiro absurdo é querer *fazer verdade* no palco (onde tudo tem por força de ser profundamente falso, desde o scenario até o rubor das faces das actrizes) não vejo em que possa um bom monologo prejudicar uma boa peça. *Le Mariage de Figaro* de Beaumarchais não valeria o que vale, se não tivesse aquelle estupendo e admirabilissimo soliloquio de *Figaro* no 5º actõ.

Em arte, tudo é falso. A arte da pintura consiste em obter bons efeitos de perspectivas falsas. Em litteratura, a arte consiste em exprimir sentimentos n'uma linguagem falsa, pois que não é nem pode ser a linguagem que todo o mundo falla. Se o soliloquio é absurdo porque o commum dos homens não falla alto quando está só, mais absurdos são os dramas e as comedias em verso, porque, positivamente, nunca jámais na vida ninguem fallou em verso!



Perdoe-me o illustre A. A.! Ha um caso em que o monologo deve ser rigorosamente banido de uma peça: é quando é mau. Quando tem ideias, quando o auctor o escreveu com estylo, quando o actor o diz bem, — venha o monologo! Mais ainda! venham cem mil monologos, que nada terão de absurdos!

Such.

Fausto Cardoso, no ultimo sabbado, offereceu a Aluisio Azevedo, em regosijo pela publicação do *Livro de uma sogra*, um banquete, no *Globo*. Jantaram alli, n'uma doce convivencia, Aluisio, Machado de Assis, Ferreira de Araujo, Valentim Magalhães, Arthur Azevedo, Souza Bandeira, José Verissimo, e mais alguns homens de espirito. No dizer de Fr. Bartholomeu dos Martyres, « foi jantar de muita vacca e riso. » Não houve brindes. Em compensação, houve critica litteraria, anedoctas, confidencias, e alegria a rôdo. *A Cigarra* não pode comparecer. Mas, ainda assim, agradecendo o convite que recebeu envia d'aqui saudações ao festejado romancista





# SAIVE, RAINHA!

Bem dita sejas tu entre as mulheres!



Não sei que tu me recordas;  
 Não sei que vejo e que escuto,  
 Que mysteriosas cordas  
 Vibram tremula surdina,  
 Quando, com triste sorriso,  
 Como apparição divina,  
 Tu me surges, de improviso,  
 Tão branca! e toda de luto...

Tão branca! No fundo escuro  
 Da roupa que em ti se ajusta,  
 Nuvem tenuê, cáe seguro  
 Da cabeça um longo véu;  
 E a disfarçada alegria  
 Que o teu rosto a ensaiar custa  
 Parece que diz, Maria,  
 Que tens saudades do céu!

Teus passos rapidos sigo...  
 Com que carinho os escuto,  
 Desejando, a sós comigo,  
 Ser o ditoso caminho,  
 Que vaes pisando assustada,  
 Como um anjo ou um passarinho  
 E segues alvoroçada,  
 Tão branca! e toda de luto...

Paraste, e emfim, te contem plo:  
 Lembras-me uma estatueta  
 De Maria Antonieta  
 A archiduzqueza infeliz:  
 A rainha está no Templo,  
 E' de marfim a cabeça  
 E a roupa, de uma só peça,  
 E' toda negra, de onix.

Ha tal piedade em teu rosto  
 Que, mais do que leio, escuto  
 Nelle um intimo desgosto  
 Chorando ignota alegria.  
 Meus olhos se arrazam d'agua  
 Tu me pareces, Maria,  
 A doce estatua da Magua,  
 Tão branca! e toda de luto...

Far-te-ia a miniatura,  
 Se fora Cellini, e logo  
 N'uma lagryma de fogo,  
 N'uma lagryma de dôr,  
 Guardara a breve esculptura,  
 Como em redoma sagrada;  
 Serias, alli guardada,  
 Nossa Senhora do Amor.

Serias o meu delirio,  
 O meu encanto absoluto,  
 Minhas horas de martyrio,  
 A minha existencia inteira;  
 Toda noite e todo dia  
 Em extasis, em cegueira,  
 Eu te adorára, Maria,  
 Tão branca! e toda de luto...

E, em contemplação suprema,  
 Alheio de todo ao mundo,  
 Ardente e mystico poema  
 Recitaria a teus pés,  
 Que os fakires indianos  
 Não têm amor tão profundo,  
 Nem têm votos tão insanos,  
 Nem supplicios tão crueis.

Perdôa, se te confesso  
 Tão audaz, tão resoluto,  
 O que debalde a mim peço  
 Para esquecer todo dia!  
 Mas como, se, de repente,  
 Visão pallida e inclemente,  
 Tu me appareces, Maria,  
 Tão branca! e toda de luto!?

Buenos-Ayres, Junho, 1894.

Guimaraens Passos.



Il est hyver, danse ; faineante.  
Appren des bestes, mon ami.  
BAIF.

# A CIGARRA

## CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

ANNO (52 números) . . . . .	480000
OS MESES (até ao fim deste anno) . . . . .	320000
SEMESTRE (26 números) . . . . .	250000
NÚMERO AVULSO . . . . .	10000
SUPPLEMENTO . . . . .	500
NÚMEROS ATRAZADOS . . . . .	10500
SUPPLEMENTOS ATRAZADOS . . . . .	10000

ESCRITORIO E REDACÇÃO  
115 Rua do Ouvidor 115

HEBDOMADARIO illustrado por *Julião Machado*

Propriedade de *Manoel Ribeiro*

ANNO I

Rio de Janeiro, Quinta-feira, 31 de Outubro de 1895

N. 26

## A CIGARRA

Olavo Bilac, que desde o primeiro numero da *Cigarra* deu a esta illustração o concurso inestimavel e inegualavel do seu talento, por motivos alheios á vontade dos que ficam, mas mantendo integra a solidariedade de imprensa que a estes o ligava, deixou o cargo de redactor-chefe da *Cigarra*.

Se esta sahida nos desconsola e desalenta, os protestos de amizade e solidariedade com que ao realisal-a, nos penhorou, e a promessa formal de escrever a *Chronica*, fazem com que saibamos, n'este abandono cruel, ver no camarada de hontem, o amigo de hontem, de hoje e de sempre.



Entra para a redacção da *Cigarra*, como director litterario, o distincto escriptor Pedro Rabello, cujos trabalhos dispensam mais longa apresentação.



A empresa da *Cigarra* lembra aos srs. assignantes d'esta illustração que a 1 de Janeiro suspenderá todas as assignaturas que, terminando em 31 de Dezembro, até então não tiverem sido renovadas.



On s'enlace  
Puis, un jour  
On s'en lasse...  
C'est l'amour.





Vocês já viram o *Salut militaire*? Ah! os bellos tempos da *Demi-siphon*, da *Rayon d'Or*, da *Etoile-filante*... Tantas outras, dis-

cipulas da *Nini*! O *Salut militaire* fazia-se assim, subito, perna ao alto, em continência. E ellas ficavam, hirtas, n'uma attitude militar de recruta, em face de *lieutenant*. Pois aqui estou eu agora, perna ao alto, fazendo o *Salut militaire* á gloriosa penna que desertou desta columna... *Salut, mon lieutenant!*

\*\*\*

Na sexta-feira, cedo ainda, ás onze horas, soffri uma sacudidella derreante. Porque eu accôrdo cedo, ás onze horas; lavo-me e almoço frugalmente. E nem sei de homem de espirito, verdadeiramente digno desse nome, que coma como um alarve. Eu sou um homem de espirito. Accôrdo cedo e almoço frugalmente.

Ora, na sexta-feira...

\*\*\*

Peço a vocês que se não esqueçam dos pontos aproveitaveis para a minha biographia, porventura encontrados no periodo anterior.

\*\*\*

Na sexta-feira, em casa, accordado e vestido, gritei para dentro:

— José, o almoço!

José tossiu ao fundo da casa, o que nelle é signal de acontecimento fóra do commum, e veiu, circumspecto e grave:

— Saberá V. S. que hoje não ha almoço.

— E o meu bife?

José tossiu duas vezes (ah! quando elle tosse duas vezes, ou veiu abaixo o ministério ou a lavadeira não trouxe roupa engommada...) tossiu duas vezes, e disse, com um ar de mofa:

— Bifes, hoje, só na Trindade.

Tomei um ar digno. Eu sou um homem de espirito, mas por isso mesmo que sou um homem de espirito não supporto que outros o tenham. Tomei um ar digno, e retorqui, nobremente:

— José, ou vem o bife do açougue para casa, ou você vae de casa para a rua. Escolha!

E José replicou:

— *Fiat voluntas tua!*

\*\*\*

O latim desarma-me. Primeiro, porque o não sei; o que não admira, porque tambem o José não o sabe. Segundo, porque sou incapaz de o decorar. E o José decóra-o. Uma phrase em latim deixa-me a impressão de que o sujeito que a pronuncia é um homem superior. Curvo-me e faço como nas missas, ajoelho. A'quelle *Fiat voluntas tua!* ajoelhei-me moralmente; voltei-me para o José. Um tão sagrado momento da nossa existencia em commum dava-me a idéa de que o criado era eu; o amo era aquella altiva creatura prodiga de suissas e de phrases em uma lingua morta, certamente conservada em sãlmoura pela duração que já tem.

— José — disse-lhe eu — você deixa-me sem almoço. Olhe que isso não é bonito.

— Não é bonito, mas é irremediavel. E não é V. S. só que o não tem; são todos. *Ab uno disce omnes*. Culpa da Central. Houve um desestradoamento ahí p'ra cima.

Um desestradoamento... Ah! meus amigos, desestradoamento é outra do José. Descarrilhamento diz elle que é para carris, carris urbanos. E sublinha — *Companhia de carris urbanos*. Para estradas de ferro é *desestradoamento*; sahir da estrada, da linha. Tambem se pôde dizer desalinhamento mas não se usa. E José tem exemplos, e traz umas citações a proposito. *Verbi-gratia*...

\*\*\*

A verdade, a triste verdade, é que realmente não havia bife. Não houve. Uma população inteira ficou durante 24 horas sem carne para comer. Porque? Porque uma locomotiva sahiu do trilho, disseram-me. Ora, se uma locomotiva sahiu do trilho, isso era mais uma razão para que as outras achassem o caminho desimpedido e viessem. Emfim, eu não sou muito entendido nessas cousas. A verdade é que não houve carne, e fiquei sem a minha refeição. Refeição frugal, mas refeição; ou na expressão do José — *Dura refectioes sed refectioes*.

Faço votos para que todas essas cousas da Central voltem quanto antes aos seus eixos, quero dizer, aos seus trilhos.

\*\*\*

Leio n'um jornal:

« O Sr. presidente da Republica offereceu á guarda nacional desta capital dois exemplares do dobrado *Prudente de Moraes*. »

Ora, eu sou doido pelos dobrados; por elles e pelas dobradinhas. Mas ás dobradinhas ainda prefiro os dobrados. Se ouço um delles na rua, reteso o corpo, firmo o passo e marchoo cadenciadamente, ao som da musica. Não está em mim; é talvez, porque tenho militares na familia, mas não está em mim. Pois, apesar disso, a noticia do jornal deu-me uma dolorosa impressão.

Dolorosa — dir-se-ha —, mas dolorosa por que motivo? Ah! o motivo é bem simples, deuses de misericordia!

Nós começámos, em 1889, por uma duplicata de fundadores da Republica. Tivemos, depois, a dualidade da magistratura. Tivemos em seguida as duplicatas de governadores, as duplicatas de assembléas nos estados, as duplicatas de camaras municipaes. Tudo duplo, desde os vencimentos do functionalismo em tempo que não vae longe, até os representantes dos estados na Convenção do partido republicano federal. No meio de tudo isso uma cousa apenas se mantinha una e incontestada — era o poder executivo.

E agora, de subito, salta-nos o presidente da Republica — dobrado.

*Finot.*



## EM PLENO !

Ha tres noites, n'uma enseada celebre. A casa era em frente, apalacetada, com um jardim de pallidas areias. Rosas amarellas grimpavam, tocando o gradil da varanda. Alto uma janella aberta, a do meio. Outras janellas fechadas. Acima de tudo, o luar.. Ah! meus amigos! quem me dera que eu fosse o luar para poder entrar assim, do alto, pela janella de Mlle. X..

\*-

Em amor a precipitação é perigosa. Não sempre, ha excepções Mas, em regra, a precipitação é perigosa. Vamos devagar. Ainda ha tres mezes, o meu compadre Melchiades..

\*-

Passa um electrico. Pela treva de onde elle sae, ficam espalhadas umas lugubres badaladas de Viatico em transito. E d'entre as muitas cabeças que alli vão, adormecidas, uma cabeça se ergue. Olha em roda, volta-se. O luar bate em cheio na janella de Mlle. X. E, á janella, os olhos de Mlle. batem em cheio no luar. E' um duello de luz. O bond segue, anda umas duas quadras. E o dono da cabeça acordada salta e vem.

A essa hora, o pae de Mlle. X está no 57. Os senhores não sabem o que é o 57. E' um numero fatidico, mas é um bom numero. Um numero que dá jantares de graça! Ah! meus amigos, junta-se alli muito boa gente; junta-se gente que janta. O pae de Mlle. ficou lá. O da cabeça acordada é que não ficou, veio. Mlle. está á janella. E o gradil da varanda é uma tão boa escada...

\*-

Cae do alto uma recriminação — « A boas horas! » Braços que chegam erguem-se para braços cansados de esperar. Beijos quebram o silencio da noite; beijos estalados... Com vergonha o digo; beijos e-talados! Conhecem vocês alguma cousa de mais escandaloso do que um beijo estalado? Ah! mais escandaloso do que um desses beijos de loucura, só muitos outros beijos, ainda mais sonoros ainda mais doidos, ainda mais estalados! Mas, um ultimo beijo resda, no ar. Ha um rumor de quem salta para o assoalho; a janella fecha-se... Ondas voluptuosas morrem em frente, na praia arenosa. O luar cae do alto. A essa hora, o pae de Mlle. murmura:  
— 27, em pleno!

\*-

Uma pouca vergonha!

Marcial.

## DO « INTERMEZZO »

(H. HEINE)

Ruge o vento outomnal... Brame a chuva, e mais venta,  
Mais á atra noite augmenta o horror...

Onde, em meio a esta chuva e a esta aspera tormenta,  
Onde estará meu pobre Amor?

Vejo-a posta ao balcão da alta alcova... Sósinha,  
Sósinha, tímida, a chorar...

E na tréva profunda e na noite damninha  
Mergulha o lacrymoso olhar...

Pedro Babello.



## Faceira

Diz Junqueiro, em uma duzia de alexandrinos celebres, que a mulher, apenas sahida das mãos do Creador, passou ás mãos do demonio. Dera-lhe Deus, para encanto do homem e gloria da vida, a pelle cheirosa e branca, a bocca humida e vermelha, o seio redondo e claro, os olhos azues e profundos. Satan, porém, lhe quiz ceder contra o homem uma arma poderosa e terrivel. E deu-lhe a faceirice, dando-lhe um leque, feito de meia duzia de pennas das suas ázas de Rebellado...

Oh! o leque! — essa fragil, essa tenue, essa invencivel arma que, ás mãos da mulher faceira, secunda com tanta arte o meneio dos olhos e dos labios!... Realmente, o anjo Rebelde concedeu á creatura do sexo amavel muito mais, do que lhe havia Deus concedido. A belleza só nada póde.. Eu, por exemplo, obrigado a escolher entre a maravilhosa Venus de Medicis e a provocadora Faceira de Bernardelli Rodolpho, não hesitaria um minuto...

Ha dias, na rua do Ouvidor, conversava eu com Coelho Netto, o fulgurante poeta das *Balladilhas*, justamente sobre estas intrincadas e deliciosas questões de belleza e graça. Por Apollo! estava tão azul o céu, passavam tantas mulheres bellas, e, ás mãos dos vendedores de flores, os ramos de violetas se desfaziam n'uma tão entontecedora nuvem de perfumes!... que outro assumpto poderia, nessa clara tarde de agosto encher a nossa conversa?

E por nós, n'um arco-iris vivo, *toilettes* frescas passavam, rutilando. E olhávamos, com particular attenção, as meninas que viamos, creaturinhas de 8 e 9 annos, já preocupadas demais com as suas pequeninas pessoas, pisando com elegancia, espartilhadas e serias. E um de nós disse:

— Como não queres que as crianças sejam faceiras, n'uma terra em que ha o costume idiota de espartilhar meninas de nove annos? Isto é um horror que só aqui se vê... Pois se quando uma menina faz annos, em vez de lhe darem uma boneca, dão-lhe um adereço de brilhantes!...

O outro discordava. E dizia que a faceirice nasce com a mulher. O exemplo, o habito, a educação apenas exacerbam esse sentimento innato...

E tinhamos parado á porta de uma casa de modas. Dentro, guardadas pelas altas vidraças, fazendas e quinquilharias brilhavam. E, á entrada, pequenos manequins, sobre a soleira, de marmore, sustentavam vestidinhos de seda e linho.

— Olha! alli vem uma criança que não tem a minima noção de coquettismo! aquella que alli vem, maltrapilha e faminta...

Era uma pobresinha, de 7 annos talvez — face pallida, olhos tristes. Vinha pela mão de uma velha repugnante. Aos pés, trazia sapatinhos cambaios e rotos: e o seu corpo magro e moreno apparecia pelos rasgões do vestido sujo.

E, então, passou-se uma cousa commovedora. Quando chegou á porta do armazem de modas, a pequena esfarrapada teve um clarão rapido no olhar. Parou, detendo anciosamente a velha que a conduzia. E poz-se a palpár, com amor, com carinho, a fazenda de um dos vestidinhos expostos...

Uma commoção invencivel nos empolgava.

Um sorriso de supremo gozo brilhava á bocca da criança. E os seus olhos avidos contemplavam apaixonadamente o vestido. A velha arrancou-a d'alli, com um repellão brusco. Mas, de longe, ainda ella voltou varias vezes a cabecinha triste para remirar o encanto d'aquella toilette de criança, tão pobre para uma menina rica, mas tão rica para ella!

— Vês tu? estou em jurar que está infeliz passou por varias confeitarias, e viu, sem commoção, gulodices, doces e biscoitos... Mas, que queres? isto está na massa do sangue feminino!...

O. B.



# TUDO PELA HORA DA MORTE

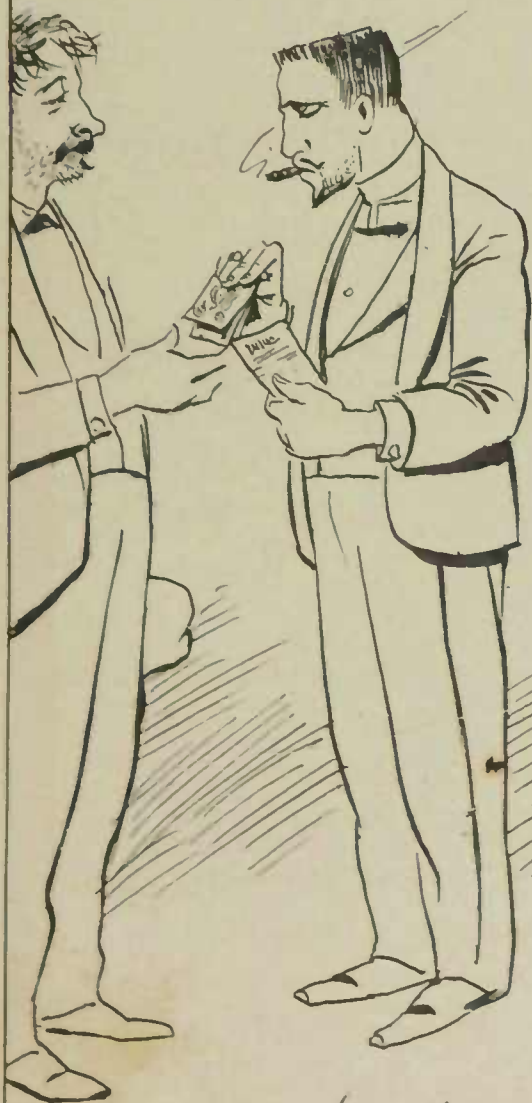
A. JOÃO FACAS



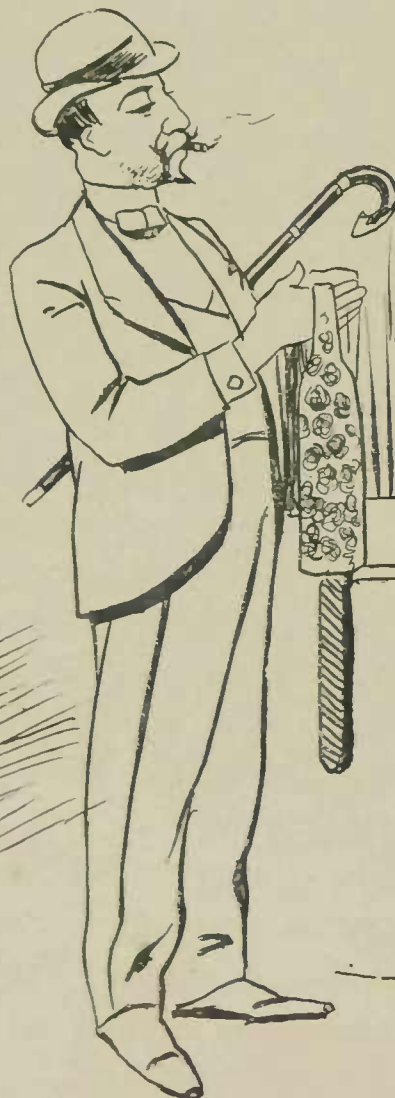
No dia 1 recebe  
o seu orde-  
mado  
Numerosas ce-  
dulas.



Mas apenas no seu quarto,  
a patroa, manda a conlínha.  
(Como a criada sorri, gor-  
geta.)



Vem depois o alfyate. (Porque é preciso  
que agente pague - misero mundo! -  
até o fato que veste.)



Como comprou uma gravata na  
Rua do Ouvidor, (não se diga  
que Y não anda na porta.)



VIAO MACHADO

ao lembrar-se de que não tem charu-  
tos e que compreendo bem como  
São ephemerios os bens terrestres!





Hontem — que dia aquelle! a mão da sorte, hedionda  
atirou-se à tua alma e deixou-t'a redonda!

Tu viste desfolhar-se a rosa da illusão  
entre os dedos febris d'essa lendaria mão...  
Que dia aquelle! Ardente o ceo azul queimava  
os olhos, e a atmosphera era feita de lava.  
As arvores do parque immovéis. A tua alma  
abrazava tambem n'uma terrivel calma.  
Ambos mudos. Mas nisto ao fim do bosque, incertos,  
nós vimos oscillar dois guarda-soes abertos...  
Desto um pulo. "TRAICÃO!" Um indicio tão vago...  
Um guarda-sol... O diabo era que olinhas pagoo!  
Pois bem. Os guarda-soes amaram-se. Deixá-os.  
Tu podes ir la, furioso, assassinal-os...  
Fazias mal. O sangue é um calmante velho,  
mas deixa eternamente um reflexo vermelho,  
sobre as coisas que o olhar d'ahi por diante vê...  
Andaste heroicamente em perdoar-lhes, crê!  
Tu bem sabes que o tempo é quem nos rínga. Aferra  
antes de acometter agueza a garra e espera.  
Esquece a infame. Espera. E enquanto esperas, ri!  
Talvez que um dia nós ao voltarmos alli,  
recordando a traição vilissima d'outrora,  
Vejamos desfilar ao nosso olhar sereno  
os mesmos guarda-soes e um guarda-sol pequeno.

Ruy Pardo.

GARRA  
UM MÍDIO

(HISTORIA RECENTE)





Ah! a politica! Vejo n'uma folha que o Sr. Valladão adheriu ao partido republicano federal. A assemblea delle nomeou já os seus representantes á Convenção do meu amigo Glycerio. E eu pergunto a mim mesmo — Mas que diabo faz no meio de tudo isto o sr. Menezes Prado, que diabo faz o sr. padre Olympio de Campos, que diabo faz o sr. Geminiano Brasil?

Porque, de uma feita, quando na Camara estourou, como uma granada, o telegramma de João de Tal, delegado delle, Valladão, communicando que o presidente Calazans fora mandado passear, o meu amigo Glycerio tirou do bolso da sobrecasaca o seu *pince-nez*, das occasiões solemnes, e disse que tal e que etcoetera, que era preciso manter a Constituição do Estado, que a Camara não devia reconhecer o Governo de João de Tal. E a Camara passou para Sergipe um telegramma levado da breca. E o meu amigo Glycerio, e o sr. Geminiano Brasil, e o sr. Menezes Prado, e o sr. Olympio de Campos entraram a se abraçar pelos corredores, e ficou resolvido que aquillo era contar um com o outro para a vida e para a morte, e para a prosperidade do republicano federal.

X

E o sr. Gouveia Lima começou a ficar com uns ares de peru meio morto para baptisado. E veio a macaca e deu no sr. Gouveia Lima

O sr. Gouveia Lima era o membro valladonista da banca da de Sergipe na Camara. Quando elle se levantava e dizia — « Sr. presidente, mando um projecto á mesa. » — a Camara inteira resolvia que o projecto não era objecto de deliberação. Se o que elle propunha era um requerimento, a Camara despachava-o logo com uma fórmula muito semelhante áquelle. *Sellado, velle* das nossas secretarias de Estado. Se elle abria a bocca para fallar, a Camara toda punha-se a abrir a bocca em bocejos. E o sr. Gouveia Lima foi ficando encolhido no seu canto. E entregou-se o caso de Sergipe ao estudo de uma commissão especial. E o meu amigo Glycerio guardou o seu *pince-nez* das occasiões de borrasca.

X

Para mim o sr. Gouveia Lima estava frito. Pois não estava; o partido delle adheriu ao partido do meu amigo Glycerio. Os representantes de Sergipe na Convenção federal — quem o diria! — não são nem o sr. Geminiano, nem o sr. padre Olympio, nem o sr. Menezes Prado; os representantes de Sergipe são o sr. Gouveia Lima e o sr. senador Rosa Junior.

Ah! a politica! Um sujeito a quem eu expuz as minhas duvidas sobre esse caso, disse-me — « Olha Marcial, responde-me. Em que mez estamos? quando é que se fazem as eleições para a Camara? » Respondei-lhe que as eleições se fazem a um anno desta data, sem tirar nem pôr. E elle tornou-me, então, — « Em Outubro, não é? Em Outubro de 96. O Valladão, de direito ou de facto, tem a faca e o queijo nas mãos... E

tu não achas que sempre é bom ir ficando do lado de quem tem a faca e o queijo, Marcial? Pois tu não vês que a gente precisa de reeleger a maioria, Marcial? » E eu fiquei a pensar em que a politica deve ser assim mesmo, previdente e lucida. Mas tambem acho que lhe não ficava mal por sobre a nudez forte da verdade, o manto diaphano da coherencia, *pour épater la galerie*.

Marcial.



## LETTRE D'UNE FEMME DU « TOUT-LE-MONDE »

A *Cigarra* conseguiu a collaboração d'uma dama que estreia hoje no jornalismo.

Chère amie.

Pourquoi pas? Puisque ça va devenir la mode! J'adore la mode, moi! Seulement, ma chère, j'écrirai incognito, en cachette, à cause de Gugusse. Ah! ce qu'il m'attraperait s'il savait que je fais des tartines pour les journaux — moi, qui ai tant de vieux linge à racommoder! Car il est terrible, Gugusse! Et jaloux, donc! C'est pas moi qui lui avouerait que j'aime le silence de M. Lopes Trovão — et, franchement — que ça soit dit entre nous, — pour rien au monde j'encourrais sa colerè à cause de cet illustre et long sénateur qui m'a l'air de *singer* les machines à coudre de ce fabricant connu, dites *silencieuses*. Moi, — s'il faut bien dire les béguins qu'on a — je préfère les bords du Nil — pardon! — je préfère Nilo, avec sen chapeau à grands bords, Nilo, dit le Peçanha. Avez-vous déjà remarqué la blancheur de ses dents? Ah! quelles dents, mon vieux! (*mon vieux!* ça se dit dans notre monde quand on est à la bonne franquette).

Gugusse, qui a de l'œil comme personne, ne peut pas le sentir! Bah! puisque c'est un béguin platonique!

Il peut m'empêcher certaines choses mais pour ce qui trotte dans ma tête — il peut bien se fouiller.

Ah! tiens! J'oubliais! Je crois qu'on pense à relever la musique sacrée. Voyez vous? Comprenez vous la musique sacrée sans les *ding dong*, des grosses cloches? Comment faire alors, cette musique chez-soi? Il faudra aller l'entendre dans les églises, à genoux, les yeux au plafond, avec l'air de saintes Nitouches, respirant cette satanée odeur de l'encens — pouah! — Ah! ce que je lui préfère votre *maxixe*!

Et me voilà un journaliste! Vrai! Je croyais que c'était plus éreintant!

Y.

P. S. — Et, surtout que Gugusse ne sache pas que c'est moi l'auteur de cette tartine. Je n'aime pas les tor niolles.

Y.



Valentim Magalhães acaba de dar á publicidade mais dois livros, ambos editados nitidamente pela casa Laemmert & C. O primeiro *Vinte contos* está em 2ª edição — conhece-o já o publico. O outro — *Philosophia d'algiberra*, formato miudo e sob o pseudonymo de Marcos Valente.

Dois bons livros aos quaes auguramos grande successo.

Para regularidade do serviço de administração da *Cigarra* pedimos a todos os nossos assignantes que conservem os recibos de assignatura e que, quando tiverem de fazer reclamações, declarem o numero do recibo.



## VIDA NOCTURNA

Se não fosse o sr. Sansone, ficaríamos sem opera este anno, o que pelos modos seria uma calamidade. Felizmente o antigo empresario, comquanto em 14 de julho do anno passado ficasse com o juizo e o Polytheama a arder, trouxe-nos uma companhia que pouco inferior nos parece a algumas que cá tem vindo, classificadas como de 1ª ordem.

A *Aida* causou surpresa: ninguem esperava tanto:

Não perdoamos, comtudo, ao tenor Vilalta o ter-nos enganado, annunciando, por musica, a filha de Amonasro como «fórma divina.» Quando ella appareceu, a decepção foi geral. Felizmente Elisa Bassi tem uma bonita voz, e se não é uma grande cantora, é, em compensação, uma cantora grande.

Foram muito applaudidos todos os artistas, e aqui os menciono por ser de justiça: a mencionada Bassi (*Aida*), Clotilde Sertori (*Amneris*), Vilalta (*Rudamés*), Arcangeli (*Amonasro*), Campello (*Ramphis*) e Coscolano (*o Rei*). Pedem-nos para declarar que aquelle Campello nada tem de comum com o da policia.



Só nos merecem elogios os côros, a encenação e a orchestra, quasi toda arranjada com a prata de casa e muito bem dirigida pelo *mietro* Boniccioli, o mais barbado de todos os regentes havidos e por haver.



Assistimos a um espectáculo da «companhia internacional de variedades» que está no Apollo, e batemos palmas a meia duzia de japonezes que nos pareceram pessoas bem equilibradas.

A dança das tres pequenitas é mais um fructo d'essa hedionda mania, que appareceu agora, de martyrisar crianças.

As irmãs Taylor introduziram a musica sacra no theatro, factio inauictio para o qual reclamo a attenção do critico musical do *Jornal do Commercio*.

Quanto a M<sup>lles</sup> La Sirène e Della Nina, calculem os srs. que ellas exhibem umas dansas levadas do diabo, inventadas rezam os annuncios, por uma sujeita que se chama *Ralo de esgoto*. Sente-se de longe o aroma...

Mas, emfim, os japonezes são bons, muito bons, tão bons, que um d'elles — o mais feio — desempenhou em portuguez o papel de Simão 40 no 2º acto da *Mascotte*.



D. Emilia Adelaide Pimentel, que nos seus bons tempos ouvia declarações de amor do Santos Pitorra e do Tasso (Não vão agora pensar que é o da *Jerusalem libertada*: ella não é tão velha), agora só as ouve do Sr. Bragança. Esse é o *triste retour des choses d'ici-bas*.

O *Livro Negro*, que não é um livro máo, como o do escandaloso poeta Figueiredo (tambem Pimentel), está longe de ser um bom livro. Mas a peça tem situações das taes que, mesmo mal representadas, sacodem os nervos aos espectadores ingenuos.

D. Emilia Adelaide contractou os serviços de Furtado Coelho como ensaiador. Agora sim, não faltarão *centenarias* á empreza.



No *Eden-Lavradio*, os espectadores não têm ido com muita sede ao *Poço*, embora encantado. O theatro nunca está cheio., Dizem as más linguas que o mesmo não acontece á emprezaria... Veremos.

Acha-se em ensaios uma grande magica. E' pol-a quanto antes em scena, porque o *Poço* está esgotado.

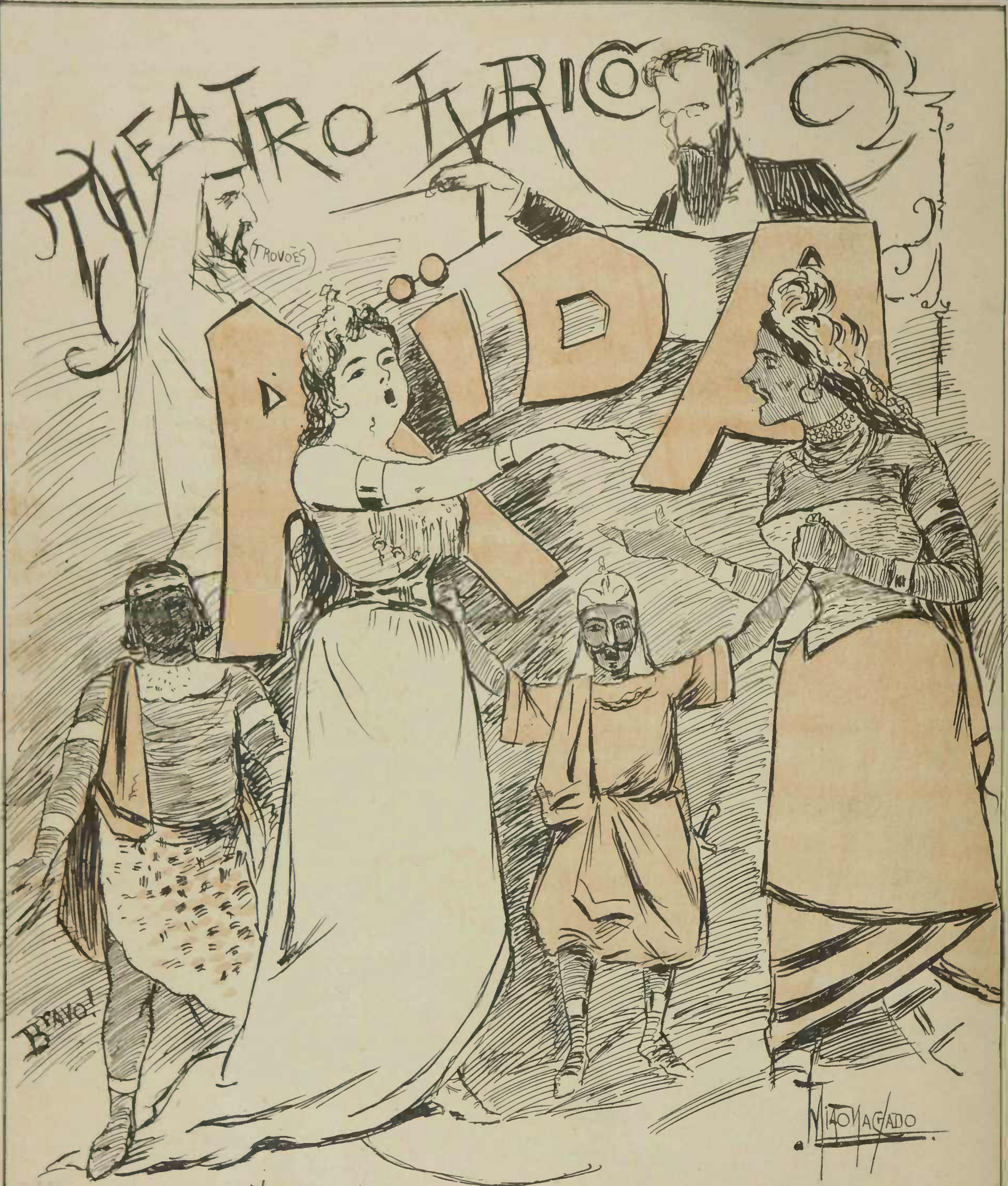


Segundo nos consta, o curioso museu ceroplastico do *Lucinda* vae figurar n'um quadro novo do *Sai e Pimenta*, encarregando-se o popularissimo actor Brandão de mostrar e explicar ao publico a bella collecção que se acha na sala contigua aos camarotes. O theatro será interdicto ás crianças.

Damos esta noticia com todas as reservas.

João Piloto.





Vozes solidas, orchestra cuidadosamente regida, còros disciplinados, mise-en-scène acceiada, dançarinas com pernas authenticas (diz-se) muito interessantes - tuao muito bem no melhor dos theatros.

Eis o momento de arejar as casacas!





# A CIGARRA

## CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

ANNO (52 numeros) . . . . .	480000
QUINZE MESES (até ao fim deste anno) . . . . .	320000
SEMESTRE (26 numeros) . . . . .	250000
NUMERO AVULSO . . . . .	10000
SUPPLEMENTO . . . . .	5000
NUMEROS ATRAZADOS . . . . .	10500
SUPPLEMENTOS ATRAZADOS . . . . .	10000

HEBDOMADARIO illustrado por *Julião Machado*

Direcção de *José Barbosa*

Propriedade de *Manoel Ribeiro*

ESCRITORIO E REDACÇÃO  
115 Rua do Ouvidor 115

ANNO I

Rio de Janeiro, Quinta-feira, 7 de Novembro de 1895

N. 27

## A CIGARRA

A empresa da *Cigarra* lembra aos srs. assignantes d'esta illustração que a 1 de Janeiro suspenderá todas as assignaturas que, terminando em 31 de Dezembro, até então não tiverem sido renovadas.



Para regularidade do serviço de administração da *Cigarra* pedimos aos nossos assignantes que conservem os recibos de assignatura e que quando tiverem de fazer reclamações, declarem o numero do recibo.



Toda a correspondencia de redacção deve ser dirigida a PEDRO RABELLO, director litterario, e todas as reclamações, pedidos de assignaturas, propostas de agencias nos Estados, e mais negocios relativos á gerencia da *Cigarra* devem ser tratados com JOSÉ BARBOSA, director-gerente.



(= O Sñ tenente J.C.C. de Araujo tem em sua casa um morcego ensinado que dá caça a quanto pernilongo lá apparece - Esta industria daria fortuna em certos pontos do Rio de JANEIRO -) DA NOTICIA, de 5.



- Que horror! Encoideceste, Carlos?  
- A Arte é uma lèria - disse-o tev pae e, por acaso, disse bem!  
Vou inventar o morcego-correio para a distribuição de convites de enterro.





Sabbado — como se por dentro de mim todo subito se entornasse um largo frasco de tinta Sardinha — um apavorante negror profundo,

e amargo, todo se me derramou pela alma alegre... Dia de Finados! Ah! eu adoro a convenção; nesse ponto sou ainda mais convencido do que todos os convencionaes da Convenção do partido do meu amigo Glicerio. E porque lá estava na folhinha aquelle funebre 2, esguio e negro, assim, ao meio do calendario



porque elle lá estava, funebre como um esguio cysne vestido de crêpe, tomei de mim e disse:

— Pierrot, toca para o Cajú!



E atirei-me para um bond fechado e lugubre como um caixão. E o bond tinha uma taboleta com estas palavras negras — *Cajú, 200 réis*. E tinha um par de bestas negras, e tinha um cocheiro negro. E dentro d'elle toda a gente ia de negro, solemne e grave. Ah! — porque o não direi? — aquella tristeza toda, correram-me duas lagrymas. E encolhi-me, e fiquei encolhido e solemne no meu canto.

Mas um homem de negro disse assim:

— Diabo, lá me ficaram as empadas!

E um outro homem de negro disse para um terceiro homem, enluctado e sisudo:

— O' Campos, deixa cá ver a bebida!



A bebida, as empadas! Olhei em roda a ver se por alli não andaria o Manoel do Paschoal. E então, surprazo e pasmo, vi que de uma redonda caixa, dentre papeis finos e alvos e dentre arroxeadas flôres viúvas, uma bojuda garrafa negra sahiu. E a garrafa negra trazia um rotulo dourado, e o rotulo dizia — *Porto — Reserva — 1845*.

— Porto-Reserva! Porto de 45!

A garrafa passou de mão em mão, andou de bocca em bocca, e acariciada, e beijada, e meio-vasia voltou para a caixa redonda. E o homem de negro limpou os beiços, estalou a lingua, e murmurou:

— Que tambem é o que lhe vale ao dia!

E o visinho d'elle teve um suspiro e acabou em falsete:

— Ai a bella da pingota!



Eu estava encolhido no meu canto. Encolhi-me ainda mais, para que me não contaminasse aquella atmospheria de peccado e de vergonha. E fiquei ouvindo, envergonhado e suando. Parecia que á metade d'aquelle Porto-reserva o bond inteiro desatara a lingua, e todo elle, cocheiro, bestas e povo todo elle mandava ao diabo com um pontapé a gravidade de uma tão insupportavel e tão dolorosa commemoção de Defuntos.

Que lhes contarei eu — eu que o ouvia magoado e em soluços — que lhes posso contar do que se fez e do que se disse nos cincoenta minutos dessa viagem infernal? Não sei de *pic-nic* em que aquellas duas duzias de pessoas se divertissem tanto. Duas vezes a garrafa sahiu da caixa, e á terceira voou, vasia, pela janella do bond. E uma outra garrafa appareceu. E contavam-se casos, e fallava-se de romarias muito concorridas, mas que ficavam a perder de vista em confronto com aquella romaria de Finados. E o bond seguia, a galope, levando essas duas duzias de pessoas vestidas de negro, que traziam na mesma caixa grinaldas de saudades roxas e garrafas de Porto-Reserva de 1845.



Mas, nisto, a parelha do bond estacou, subito. E ao lado um enorme portão de ferro escancarava se, e para dentro d'elle, pelas infinitas aléas, por entre alvos tumulos e ramalhudos chorões, uma onda de povo se derramava, lugubre, mas buliçosa.

E o homem de negro tomou da caixa redonda, e disse:

— Vou ver a mulher... Coitada; já lá se vão sete annos!

E outro homem ponderou:

— Felizmente o senhor não a esquece...

— Ah! isso nunca. Olhe, todos os annos — e batia na caixa redonda — todos os annos cá lhe venho trazer isto...

E o visinho d'elle estalou a lingua e perguntou, n'um suspiro:

— E é sempre *Reserva* ou é *Villar*?

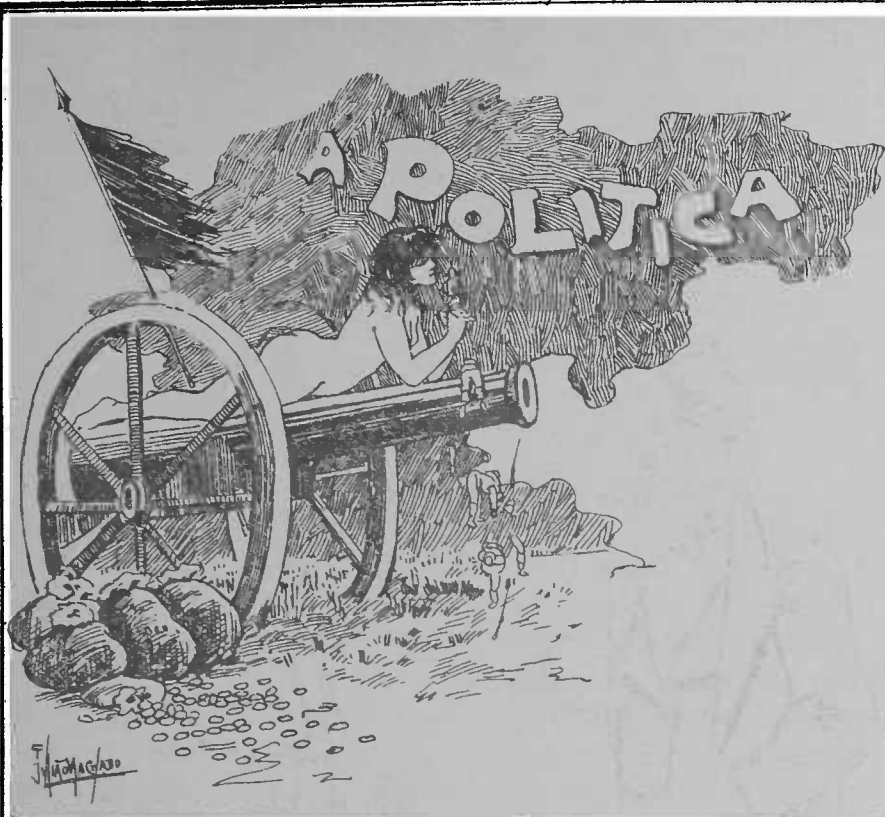
Pierrot.

Registramos n'este logar os nossos agradecimentos ao illustre sr. Tena, director do bellissimo semanario illustrado de Madrid, BLANCO Y NEGRO, pela delicadeza que teve para com a *Cigarra* enviando a esta sua collega, de tão longe, os numeros editados depois do recebimento da nossa primeira remessa.

Esplendida a festa de quinta-feira passada no Club Gynastico Portuguez.

A *Cigarra* agradece á amavel directoria d'esta benemerita associação a gentileza com que recebeu o seu representante.





Tambem eu estou informado de que a Trindade nos vae ser entregue. Já o terceiro jurisconsulto da Corôa Inglesa lavrou—meditabundo e grave — o seu judicioso parecer. Esse parecer é importante, conciso, inglez. A Inglaterra não nos entrega a ilha á tôa, ella quer ser paga do seu trabalho, impõe condições. O publico vae por si mesmo julgar da elevada importancia desse documento. Isso lhe será tanto mais facil quanto o jurisconsulto da Corôa, naturalmente para que, todos nós, botocudos, o lessemos redigiu a sua opinião n'um portuguez pittoresco, muito comprehensivel para nós.

X

Diz o jurisconsulto de Sua Magestada Graciosa:

« Trindade estar ilhe vagabunde. Inglaterra prende ilhe vagabunde, dá occupação ella, bóte bandeira, bóte *Whisky*, bóte *Old-Tom*.

Brasil negue ilhe estar Inglaterra; Phipps negue Inglaterra estar ilhe. Final é tude estar Inglaterra, Brasil, Phipps, Trindade, Sir John Pender, cabe submarine.

Inglaterra ceder Trinity-Island... *Wery-well!* Brasil pague muito dinheirra, e Inglaterra cede ilhe, mas cabe submarine fique lá.

Brasil non deixe cabe, Inglaterra dá cabe Brasil.

Brasil estar devedor grite muito; Inglaterra goste dar dinheirra, non goste devedor amóle. Dues cousas juntas non goste; ou amóle, mas non leve dinheirra on leve dinheirra, mas non amóle.

Eu pense Trindade estar Brasil outro tempo; agora estar Inglaterra. Governo inglez entregue ilhe, Brasil pague indemnisação.

Non pague, non entregue; pague fiado, non entregue; pague papel, non entregue. Entregue pague ouro, libre esterline, ou dá pedaço de terre, ou dá estrada Central. »

E ahi está o que é o parecer do terceiro jurisconsulto da Corôa. Como se vê, elle começa pelo historico da questão, reporta-se ás reclamações diplomaticas, allude á questão da *Submarine* de Sir John Pender, firma o direito da Inglaterra e conclue por fixar o modo da indemnisação.

Isso não é juridico! dir-se-ha. Póde ser. Mas se não é juridico, é, pelo menos, inglez.

Marcial.

## COLLABORAÇÃO FEMININA

Um imperioso dever de lealdade jornalística obriga-nos a inserir nesta mesma columna a carta que nos ouvia o Sr. Auguste Gourdin a proposito da que publicámos attribuida a *Une femme du Tout-le-monde*:

Cher Monsieur.

Je n'ai pas l'habitude de fourrer la langue dans ma poche quand quelque chose me déplaît.

Je viens donc vous dire carrément que vous avez fait une rude boulette en admettant dans votre journal la collaboration d'une femme.

D'abord de quoi voulez vous qu'elle parle, une femme?

De chiffons, de plumes, d'un tas d'objets dont malheureusement nous connaissons trop la... valeur!

Ensuite c'est un exemple déplorable pour toutes les bourgeois qui, ne pouvant figurer dans certains endroits chics, profitent d'un journal qui accepte leurs niaiseries, afin de devenir connues.

Et cette tuile est tombée chez-moi! A certaines expressions j'ai reconnu le style de ma légitime dans une lettre donnée à la *Cigarra*, signée Y.

Si c'était seulement ça! Mais ma femme a eu le toupet, pour dérouter mes soupçons, de se faire passer pour *une du tout-le-monde!* Que les femmes sont folles quand elles ont la manie de la célébrité!

Elle a même fait des calembourgs! Oh! la malheureuse!

Quand, en empoignant la *Cigarra* d'une main et de l'autre la menaçant, je lui ai dit tout d'un coup:

— Madame! c'est vous qui osez faire non des tartines, mais de sales croûtes pour les journaux!.....

Si vous aviez vu sa binette! nom d'un pétard! elle en était verte!

— Mais, mon petit lapin, mon cher Auguste, depuis que j'ai lu Mme. de Sevigné, l'envie d'écrire.....

— Me prends-tu pour une moule? Laisse Mme. Sevigné tranquille! Tu as voulu imiter la femme du grand monde....

— Eh bien, oui! Que c'est beau le journalisme, voir ses idées lues avidement par le public, être la boussole de l'*opinion publique!* La boussole de l'opinion publique! c'était fini! Elle était perdue! Une femme qui fait des phrases pareilles est flambée!

— Pas une ligne de plus, entendez-vous? Sinon.....

C'est alors qu'elle s'est plantée devant moi et m'a répondu:

— Des menaces! vous voulez m'empêcher de suivre ma vocation! Je m'en bats l'œil avec une patte de homard (!!) de vos défis! J'écrirai tous les jours si je le veux bien et j'irai moi-même porter les articles à ce beau garçon brun qui dessine la *Cigarra!* Monsieur! l'indépendance de la femme n'est pas un vain mot!.....

Et elle s'en est allée. Voila deux jours et deux nuits qu'elle s'enferme dans son cabinet de lecture sans me laisser approcher.

Ou je la laisse écrire ou elle suivra l'exemple de *Lysistrata*.

Elle écrira mais je viens protester contre la discorde, qu'involontairement (je le confesse) vous avez allumée dans mon ménage!

Auguste Gourdin.



# COMO SE PROCURA UMA CASA

3

Horas depois quando já o sol da deusa X encontra a casa e pede na venda da esquina a chave.  
— A chave da casa para alugar?  
Isso só em Catumby — rua...



Por motivos alheios á sua vontade X tem de mudar-se.  
Portanto apenas acorda atira-se ao *Jornal do Commercio*.

Dez minutos depois encontra! Aluga-se uma casa para familia, chacara, bond, chuveiro, *water closet*, galinheiro, gaz, bond á porta — Rio Comprido, Estrella etc.

2



X de volta de Catumby vê a casa, convem-lhe e torna a Catumby a saber o preço.  
— Para tratar só com o proprietario.

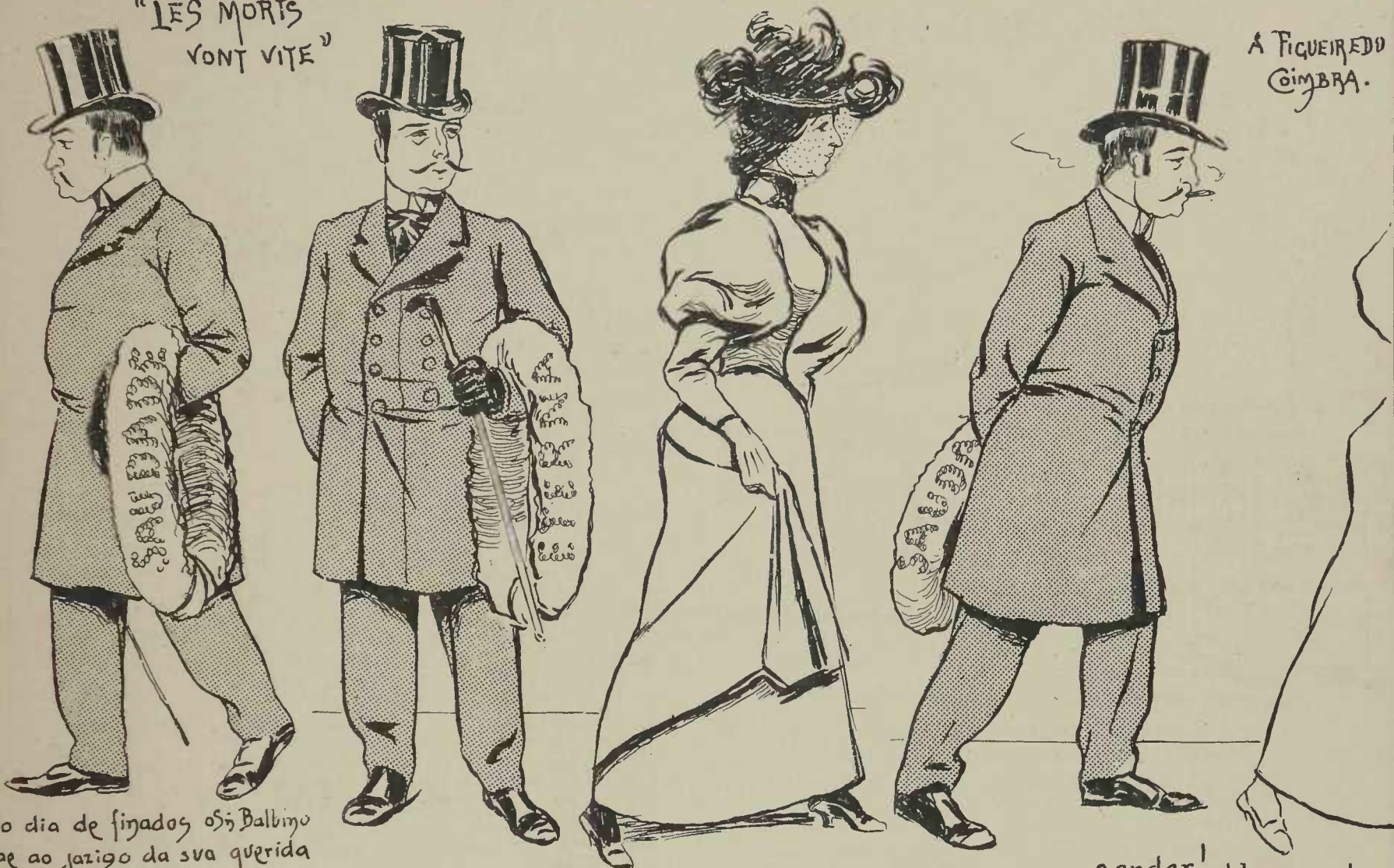
— Eonde mora esse circumspecto tarão?  
— Copacabana alem da igreja-jinha...



# O DIA DE FINADOS

"LES MORTS  
VONT VITE"

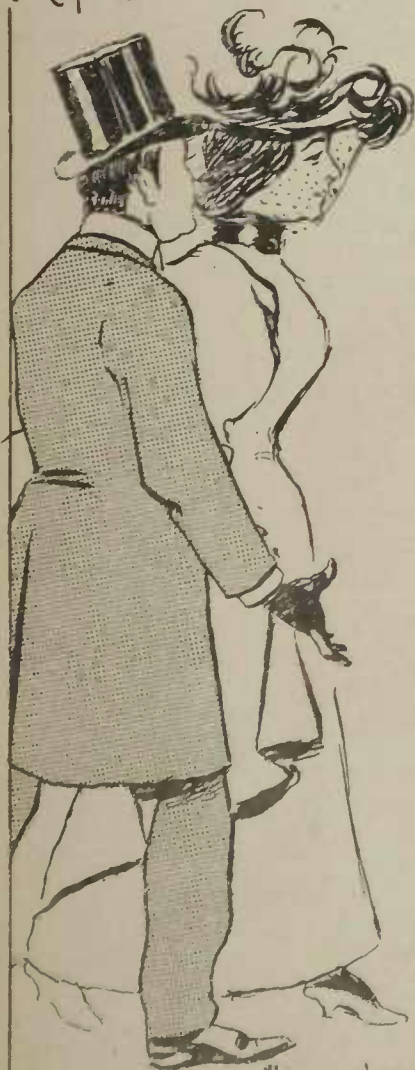
A FIGUEIREDO  
COIMBRA.



No dia de finados o Sr. Balbino  
vai ao jazigo da sua querida  
ex-esposa

Mas se o Sr. Balbino põe, Deus dispõe  
- Deus! como é parecida com a  
fallecida!

- o andar! oh! o andar!...



Um quarto d'ora depois  
o Sr. Balbino estoura a primei-  
ra declaração. (Ella sorri.)



- Uma palavrra! Uma palavrra a-  
Penas!... (Ella sorri sempre)



- E agora... o que vamos fa-  
zer d'isto?...

- Porquẽ não a mandas depôr no tumulo... de  
Pasteur?





A distincta actriz Pepa teve a gentileza de vir despedir-se da *Cigarra*, antes de partir para o seu retiro em Morro Pellado.

— Como? parte de vez?

— De vez!

— E abandona o theatro?

— Não por completo. Comprehende: não se gasta impunemente o melhor da nossa existencia, da nossa mocidade, dos nossos nervos...

— Dos nervos, principalmente! Entretanto se não tenciona abandonar completamente a scena, não percebo como vae de vez para o Pellado?

— Para o Morro Pellado?

— Perfeitamente.

— A coisa é simples: quando se tem o fogo sagrado não ha agua de poço por mais encantado que seja que o apague.

— E' precioso, esse trocadilho.

— Obrigada. Tenciono mesmo fundar no logar que escolhi para acabar tranquillamente os nossos dias..

— Os *nossos*, perdão...

— Os «*nossos*», eu bem sei o que digo — tenciono fazer construir um pequeno theatro, cousa catita onde representarei peças expressamente feitas para mim,— peças inteiramente modernas porque — com franqueza — estou farta de fazer o *Tim-tim*. De resto — aqui para nós,— eu sinto que a minha plastica vae-se avolumando...

— Oh! por traz, apenas...

Por diante, tambem, senhor! Se não é cego...

— Perdão,— eu não quiz ser-lhe desagradavel... E já tem alguma peça em vista?

— Já,— tenho-a de um auctor que inda não debutou... E' descoberta minha. Inagurarei cam ella o theatro «*Ripevapé*»...

— Ripe?

— Vapa-a pa...

— Perdão!

— Acha complicado?

— Complicado... Emfim é engenhoso.

— Obrigada.

— E chama-se a peça?

— *Enfin seuls!*

— Posso contar que se lembrará de nós quando fizer a relação dos seus convidados?

— De certo! Mas só d'aqui a quatro mezes é que poderei cuidar de tudo isso a serio.— Por ora ando muito preocupada. Não calcula como é difficil encontrar uma ama de leite robusta.

— Uma ama de leite?!...

— Adeus,— Mande-me a *Cigarra* para o...

— Calvario?

— Seu mão!

Styl.

## NOSSAS COMMEMORAÇÕES

Já ahi vem o dia 15 — Quinze de Novembro, esse glorioso dia em que todo o exercito rutilante e todo o povo de uma cidade em revolta, berravam, doidos, na rua, aquelle espontaneo *Viva a Republica!* de que mais tarde se fez o *Sande e fraternidade* dos nossos telegrammas officiaes.

Oito dias apenas faltam para que a Nação o commemore. E eu vejo — ah! com que magua o digo! — eu vejo que nesse dia o que se vae fazer para a commemoração que elle merece, é unicamente mandar a tropa cahir de insolação pelas ruas, e embandeirar os edificios publicos, e ordenar aos navios e ás fortalezas que salvem, alternadamente, ás horas do nascer e pôr do sol.

—\*

E o sol desse Quinze de Novembro que ahi vem ha de nascer e morrer ouvindo as salvas com que ha sete annos o sauda um povo falto de engenho para commemoração melhor. E porventura, o sol dirá: — «Engraçado paiz este em que as datas que mais de perto o tocam valem tanto quanto as que foi pedir emprestadas, á França.» E o sol estará, pelo menos, de accordo commigo. E outros annos hão de vir e a Quinze de Novembro como a 14 de Julho os edificios publicos hastearão indifferentemente a bandeira saudada pelos canhões da Republica e injuriada mais tarde, no Amapá.

Tudo ficará nisso, mas que importa? Continuaremos sendo a primeira nação da America do Sul.

—\*

Povo de fantasistas, povo de imaginosos poetas, porque será que as nossas commemorações se limitam sempre áquella meia duzia de bandeiras tristonhas que se amarram ahi pelas saccadas, e ás luminarias nos estabelecimentos publicos, e á pulhice da illuminação na rua do Ouvidor?

Ah! o meu sonho para uma commemoração dessas! Por toda a parte luzes, milhares, dezenas de milhares de luzes, encarnadas, verdes, amarellas, azues, subindo pelas arvores, rodeando os lagos nos jardins, grimpendo pelas janellas; acima, desfraldadas ao vento, milhares de bandeiras errantes. Cahindo do alto, por sobre a multidão ullulante, o luar immaculado dos fòcos e'ectricos. E por toda a parte nas ruas, o estridor das fanfarras marciaes. E, as batalhas de flores, e as regatas, e os bailes publicos, e as marchas das escolas, e uma grande marcha civica — uma allegoria da propaganda, desde a utopia da Inconfidencia até a realidade do Quinze de Novembro, e os espectaculos publicos, de graça.

Atirava muito dinheiro fóra, é uma verdade; mas com festas ou sem festas, o dinheiro sóme-se. O *deficit* é pavoroso e entretanto não é em festas que o dinheiro se tem gasto. E, pelo menos, um resultado me ficaria, cuja vantagem absolutamente não é para desprezar.

Eu teria levado o povo á rua. Confesso que, festas da Abolição á parte — ainda o não vi na rua, esquecido de que é negociante, ou medico, ou empregado publico, ou bacharel; esquecido de tudo, para só se lembrar de que o dia é delle, povo, delle. só, todo delle, dia sagrado de uma commemoração nacional.

Prospero.



AROMATOGRAPHIA

Se alguma vez tentasse oh minha doce amada  
na téla desenhar teu nobre busto hebreu,  
não iria pedir, lencolico Dirceu,  
á neve, á planta, a flôr, a tinta dedicada.

A gazella medrosa, a pomba assetinada,  
O ebano, o coral e mesmo o azul do ceu,  
nada tinham que dar-me oh fouveiro escareeu,  
flamma alongada em lago onde a minh'alma nada.

Perfumes na palheta em vez de tintas pondo,  
derramára o benjoin no teu seio redondo,  
nos labios a ardente escalonia e, no olhar,

a magnolia que lembra o antartico mar.  
E a rajada do sul, impregnada d'aromas,  
pintava o turbilhão das tuas negras comas.

Manuel Duarte d'Almeida.

VIDA NOCTURNA

A *Gioconda*, de Ponchielli, e a *Lucia*, de Donizetti, confirmaram os creditos da companhia Sansone, tão bem estabelecidos pela *Aida*, de Verdi.

Muitas familias do intitulado *high-life* abstêm-se de comparecer aos espectaculos do Lyrico. Para suas excellencias a companhia tem um gravissimo defeito: é muita barata. As ricas *toilettes* do Raunier assentam mal em camarotes de 40\$000 réis...

Se o Sr. Sansone se tivesse lembrado de estabelecer dous preços, um para o *high-life* e outro para a arraia miuda, apanharia enchentes que nem o Frégoli!



No Recreio tivemos uma revista de Souza Bastos, fervida de infusão com outras duas do mesmo auctor, *Tim tim por tim tim* e *Fim de Seculo*.

Essa mistura não foi feita para o fino paladar dos leitores da *Cigarra*; mas os frequentadores do Recreio, esses regalam-se, e outra coisa não pretendeu o auctor-empresario escrevendo e pondo em scena a sua peça.

Durante a *première* encontrei um unico espectador discordante, que dizia:

— Tim tim por tim tim, prefiro o *Tim tim*, e fim fim por fim fim, prefiro o *Fim do Seculo*.

A Palmyra desempenha 24 papeis!



Desgostosa com isso, a Pepa retira-se temporariamente da arte e do Eden.

Por tanto, deixa de tomar parte na representação da magica *A Rainha dos gemos*, que vae succeder ao *Poço encantado*.

Para substituir a Pepa, foi contractada a Pepita.



D. Emilia Adelaide Pimentel annuncia para breve um drama prefaciado pelo sr. conselheiro Thomaz Ribeiro.

O prefacio naturalmente não póde ser representado; consta-nos, porém, que será lido aos espectadores, pelo actor Cardoso da Motta, antes de começar o 1º acto. Chamamos a attenção do publico para essa interessante novidade.



Não me parece que D. Emilia tenha uma fé extraordinaria na peça, nem esteja resolvida a continuar a sua obra de regeneração da arte dramatica, porquanto annuncia tambem uma revista com este convidativo titulo: *Amapá e Trindade*.

Dizem-nos que os principaes papeis estão assim distribuidos: *Trindade*, Emilia Adelaide,— *Amapá*, Flavio.



Do Apollo sahio a companhia internacional de variedades. Voltou á scena o *Gato Preto*, em que o tenor Mesquita continúa a cantar:

Ai, minha bella Florinda,  
Estou perdido de amores!  
O meu tormento não finda  
Emquanto minha não fores!

E o publico enche-se de compaixão pelo tenor Mesquita, vendo que a bella Florinda outra não é senão a Blanche Grau...



No S. Pedro o artilheiro Medeiros tem dado alguns tiros com peças velhas, entre as quaes *D. Iguês de Castro*, que é a *vovó* da bateria theatral.

Mas todos nós, graças á revolta, estamos tão fartos de tiros...

João Piloto.





PARA SE AVALIAR do exito obtido pela bella  
 companhia de Sansone basta saber-se que  
 apesar do calor asphixiante das ultimas noites  
 o LYRICO enche-se a cunha.

(--Se o delirio lhe dá para fazer a dan-  
 ça serpentina?)





# A CIGARRA

## CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

ANNO (52 números) . . . . .	48000
OITO MEZES (até ao fim deste anno) . . . . .	32000
SEMESTRE (26 números) . . . . .	25000
NÚMERO AVULSO . . . . .	1000
SUPPLEMENTO . . . . .	500
NÚMEROS ATRAZADOS . . . . .	10500
SUPPLEMENTOS ATRAZADOS . . . . .	10000

ESCRITÓRIO e REDACÇÃO  
115 Rua do Ouvidor 115

HEBDOMADARIO illustrado por *Julião Machado*

Redacção de *Pedro Rabello*

Propriedade de *Manoel Ribeiro*

Direcção de *José Barbosa*

ANNO I

Rio de Janeiro, Quinta-feira, 14 de Novembro de 1895

N. 28

## A CIGARRA

CIGARRA BRAZILEIRA CANTANDO EM ITALIANO

A *Cigarra* publica hoje um esplendido soneto de Emilio de Menezes. Esses formosos alexandrinos pertencem aos *Olhos Funereos*, segunda parte dos *Poemas da morte*, cujo apparecimento se não retardará por muitos dias.

Daremos breve um adoravel trecho da sua traducção do *Corvo*, de Pöe.



A empresa da *Cigarra* lembra aos srs. assignantes d'esta illustração que a 1 de Janeiro suspenderá todas as assignaturas que, terminando em 31 de Dezembro, até então não tiverem sido renovadas.



Para regularidade do serviço de administração da *Cigarra* pedimos aos nossos assignantes que conservem os recibos de assignatura e que quando tiverem de fazer reclamações, declarem o numero do recibo.



Toda a correspondencia de redacção deve ser dirigida a PEDRO RABELLO, director litterario, e todas as reclamações, pedidos de assignaturas, propostas de agencias nos Estados, e mais negocios relativos á gerencia da *Cigarra* devem ser tratados com JOSÉ BARBOSA, director-gerente.



M. CANIZZARIS





Têm este doce nome, *Spray*  
— *Spray*, espuma do mar — e é  
um cutter de treze toneladas. Ah!  
o nosso querido sonho, minha

adorada amiga! Que tão longe estávamos nós de suppor e como nos teríamos negado a crêr que elle se effectuasse algum dia. E como me é doloroso a mim, e como a ti te será doloroso ver que tão breve, neste anno da graça de mil oitocentos e noventa e cinco, ha um americano de asperas barbas longas, pródigo de banhas e de dollars, que se nos apropria do nosso acariciado, irrealizado sempre, mas eterno e abençoado sonho de Amor!

Porque era assim como esse cutter *Spray* — delicado e pequeno — o barco irreal em que ambos nós nos teríamos partido, mundo em fóra, para todo o sempre

*Na peregrinação ampla e infinda do ideal.*



*Spray* — contou-o a *Noticia* — é um cutter de treze toneladas que ahi está agora no porto. Vem dos Estados Unidos, vae para a China. Como tamanho, é menor do que a lancha da policia que o visitou. A bordo tem o proprietario, tem o commandante e tem, como tripolação, o mesmo numero de homens que no senado bahiano, para a renção pelo terço, votou por unanimidade o reconhecimento dos novos senadores estadoaes eleitos; — o *Spray* tem um marinheiro só.

Tres pessoas, ninguem mais... Dize-me tu, minha adorada amiga! era ou não era esse o barco ideal que sonhavamos? A mim, lembra-me que o desejára para duas pessoas apenas, eu e tu. E eu argumentava com a circumstancia de que nem a variedade me deleita, nem poderia supportar nunca, alli, conosco, uma testemunha do nosso escandaloso amor, nem o que iam constituir a bordo era precisamente um *ménage à trois*. Tu allegaste que não, que sempre é bom preparar-se a gente para o que Deus nos possa mandar, na sua generosidade infinita... E tinhas um tal sorriso, e olhavas-me de tal modo... Pensei em comprar um berço para o que Nosso Senhor um dia nos remetesse do céu.



E agora vem um americano de asperas barbas longas, pródigo de banhas e de dollars, e tira ao seu cofre uma insignificante parcella d'aquelle metal vilissimo com que navios se pagam, e tira-nos a nós ambos a nossa idéa d'aquelle barco

delicado e pequeno e em duas semanas, eil-o que se atira a bordo do seu minuscuro *Spray* pelos alterosos mares, a flôr delles, descuidado e confiante, como se essa casquinha de nóz — *Spray*, espuma do mar — a propria espuma alva e leve do Oceano fosse.

Que lhe havemos de fazer — minha adorada amiga? — nós, que não temos nomes arrevesados, nem asperas barbas longas, nem adiposas banhas, nem dollars, nem nada? A America é dos americanos — é a doutrina de Monrøe. E os americanos da phrase de Monrøe não somos nós, nem são os nossos patricios, nem os argentinos, nem os paraguayos, nem os bolivianos, nem outros quaesquer americanos do Sul. Americanos são elles, os do Norte; *United States of America*. E' a doutrina de Monrøe... Que diabo lhe poderemos nós fazer?

Uma reclamação diplomatica... — lembrarias. Ah! uma reclamação diplomatica! Olha a Trindade, filha; olha a Trindade, e não te esqueças de olhar tambem um pouco para o Amapá!



Dirás, comtudo, que é doloroso ver mettido em um barco tão pequeno um americano de tamanha figura e de uma fortuna tamanha e que de tantas outras cousas tamánhas dispõe. E' realmente doloroso; é doloroso e tem os seus perigos; mas isso é lá com elle. Sua alma, sua palma. Se me não estivesse a acabar agora o papel, sempre te contaria aqui o caso de um — americano ou não, pouco importa — que por uma alta cavallaria dessas teve de ir com duas ordenanças ao pretor.

*Sierró.*



## OLHOS FUNEREOS

### II

Dentro do funeral dos seus olhos presagos  
Enluctados, talvez por algum sonho extinto,  
Como na stagnação sinistra de dois lagos,  
Mirá-se duplamente a mesma flôr do Instincto.

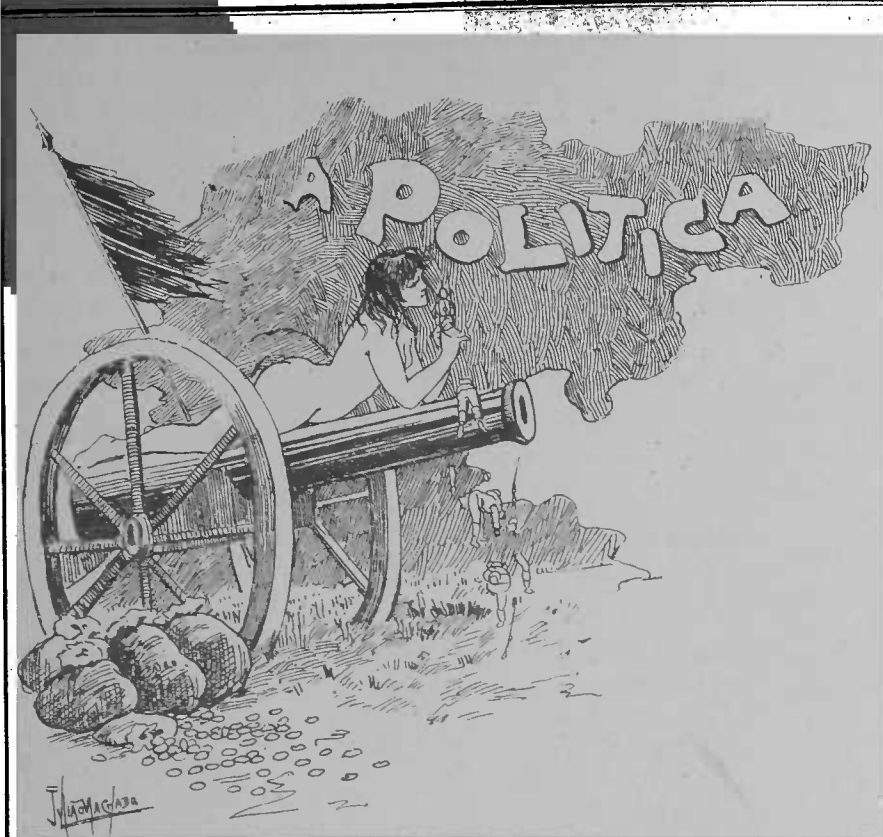
Olhos! vós sois, por certo, o funebre recinto,  
Onde vêm responsar aos intimos estragos  
Os restos de illusão que dentro d'alma sinto  
E que são para mim meus unicos affagos.

Perturba a placidez dos meus sonhos de ascetá,  
O augúrico fulgor dos seus dois negros cilios  
Imponderaveis como azas de borboleta.

Os meus mortos ideias, em teu olhar, asyle-os  
Essa, que elle me abrir, cova humilde e discreta,  
Onde irei enterrar meus ultimos idyllios.

*Emilio de Menezes.*





Já me não guarda a memoria o motivo por que, n'um destes dias ultimos, dei commigo sentado á frente de uma galeria da Camara. Em baixo, no recinto, homens de longas sobrecasacas abotoadas e homens de longos *fracks* abertos, revesavam-se n'um interminavel serviço de entrar, e de sahir, e de subir para a meza, e de descer da meza para a sala dos chapéos.

Abandonado e vermelho, e gesticulando, um homem irrequeto fallava... O que elle dizia era por força cousa importante; batia no peito, abria os braços, apontava para o tecto... E era a cada palavra — Sr. presidente... Ora, Sr. presidente... V. Ex. sabe, Sr. presidente...

O presidente — um moço de limpidos oculos e de abundantes bigodes negros — traçava distrahidas lettras n'um papel. E bem que lhe eu via essas lettras. Era uma cousa assim

**Districto Federal**  
**Districto Federal**  
**3.700:000\$000... 3.700:000\$000... 37...**  
**Districto Federal**

E foi então, o homem que fallava bateu uma pancada mais forte na sua carteira e gritou:

— Porque, Sr. presidente, nós precisamos acabar com o principio immoral dos direitos adquiridos!

E um deputado gordo estremeceu, e, ainda mal desperto, exclamou logo:

— Não apoiado! E' um cidadão muito distincto... Peço a palavra pela ordem!

X

Toda a gente que estava no recinto accordou, e de fóra, toda a gente que tinha estado a entrar e a sahir, veio, apressadamente, para o seu logar. E um homem baixinho, com uma aparadã barba negra, correu a tomar a cadeira do homem de oculos que traçava exquisitas palavras no papel. E houve um soar de tympanos... E, á porta, curiosos continuos apontaram; e a secretaria vieram empregados a correr...

O homem que fallava repetia:

— Sim, sr. presidente! Nos precisamos acabar com o principio immoral dos direitos adquiridos!

E um deputado velho perguntou a outro:

— Que é que estão a dizer?

— Que é preciso acabar com o direito immoral dos principios adquiridos.

— Direitos dos principios immoraes... Não entendo. E' alguma cousa com o Valladão?

— Não; não tem nada com o Valladão.

— E como é que se vota?

— Já mandei perguntar ao Chico...

— E'... E' melhor.

E o deputado fez gravemente com a cabeça que sim, que assim era melhor. E calaram-se... E o homem que fallava continuou.

X

Eu fiquei sósinho, á frente das galerias, a perguntar aos botões do meu *frack* azul marinho que diabo quereria dizer, na sua, aquelle moço vermelho, de sobrecasaca — pleno de perdigotos e de gestos — que por uma tão aggressiva fórma investia contra os direitos adquiridos e que tão convencidamente os promettia liquidar.

E os irrequetos braços do moço vermelho foram-se aquietando, e pararam, e cahiram ao longo da sobrecasaca, fatigados e doídos. Elle sentou-se; tinha nos olhos um clarão de triumpho. E pela sala passou um murmurio de applausos e de cumprimentos — « Muito bem! Muito bem! »

E toda a gente se levantou e todos vieram sahindo. Atirei-me escada abaixo. A' porta, agarrei-me as pernas de um deputado de Minas. E não me pude conter que lhe não perguntasse alli mesmo:

— Acabaram com os direitos adquiridos, hein?

— Com os direitos...?

— Sim; pois não se fallou agora lá dentro?

— Ah! Idéa do Cupertino. Mas não se chegou a votar. Foi mais para encher linguica...

— Idéa do?

— Do Cupertino.

Do Cupertino, para encher linguica. Respirei pelos direitos adquiridos e guardei commigo esse nome. E de agora em diante, a todos os que tiverem direitos adquiridos, hei de eu recomendar que se não esqueçam deste inimigo cruel:

— A féra do Cupertino.

Marcial.

Os apreciadores de bons fumos, principalmente quando á sua excellente qualidade alliam um outro attractivo qualquer, conhecem já as photographias de brasileiros eminentes de que a Companhia Manufactora Nacional faz acompanhar cada pacote dos productos do seu estabelecimento. Recebemol-as hontem em lindo quadro, com moldura. *A Cigarra* agradece d'aqui a gentileza da offerta.

A nota litteraria da semana é o apparecimento dos primeiros capitulos do *S. Sebastião*, de Coelho Netto. Publica-o a *Gazeta de Noticias*, o bello jornal que no seu corpo de colaboradores reúne á fina flôr da litteratura indigena, os mais celebrados nomes do movimento litterario europeu.

O *S. Sebastião* é delicioso de originalidade e de estylo. A *Cigarra* tém o maior prazer em recommendar esse trabalho de Coelho Netto á delicada attenção dos muitos homens de espirito que a leem.



**OS SRS. DEPUTADOS FAZEM GAZETA**

ELLE (intimamente e com uma pontinha de remorso) — A estas horas deve estar falando o Glycerio.  
ELLA. Dis donc, chéri, si tu les manges c'est inutile de me faire poser.



# MEUS SENHORES, AQUI'STÁ O GATO!

( LENGA-LENGA CONHECIDA )



— Meus senhores, aqui'stá o gato que lambe o sebo que unta as linhas que levam a gente para o outro mundo.



# THEATRO ALEGRE

*N'um interior elegante. Elle chegou da rua, tras os bilhetes para o Lyrico. Ella descança o corpo e a toilette no divan. Abundancia de mangas e de joias. Sete horas e tres quartos da noite.*

ELLA: — Lettra A... A lettra A é bem na frente?

ELLE: — Como primeira lettra do alphabeto designa exactamente a primeira fila de cadeiras.

ELLA: — Podia ser Z pequeno.

ELLE: — Perdão! Essa numeração, por ora, é apenas applicada nos pares de luvas Jouvin.

ELLA: — É o que é que levam hoje?

ELLE: — O *Ballo in Maschera*.

ELLA: — (*traduzindo*) O *Baile em Maschera*. *Maschera* é por força alguma cidade italiana.

ELLE: — (*puçiente*) Não é bem isso... *Ballo in Maschera* quer dizer baile de mascarar.

ELLA: — Baile de mascarar... Nunca vi. Têm bailados?

ELLE: — E' natural que os tenha. Nos bailes é que precisamente se encontram os bailados.

ELLA: — Tambem você disse que a *Gioconda* tinha bailados...

ELLE: — É tem-n'os.

ELLA: — Não tem tal... Se não fosse a vista do cysne era uma bôa estopada.

ELLE: — Ah! Isso não é a *Gioconda*, é o *Lohengrin*.

ELLA: — As Barbosa vão para as cadeiras ou vão de camarote?

ELLE: — Esqueceu-me fazer essa pergunta ao papá das Barbosa. Mas, se queres, eu chego n'um instante alli á rua das Lorangeiras...

ELLA: — Tão engraçado!

ELLE: — A graça é tua; estás a fazer pilherias. Pois olha que já não é nada cedo; o espectáculo começa ás 8 <sup>1</sup>/<sub>4</sub>.

ELLA: — Eu nunca vi o *high-life* ir ao theatro para accender o gaz.

ELLE: — Não é accender o gaz, filha... E' que o espectáculo começa ás 8 <sup>1</sup>/<sub>4</sub>; e nós não havemos de chegar ao theatro quando o espectáculo estiver acabando.

ELLA: — Você mesmo tem dito sempre que ninguem vae a bailes para chegar antes das nove horas...

ELLE: — E' exacto, mas isso é para os bailes, não é para os espectaculos do Lyrico.

ELLA: — E o que vae hoje não é o *Baile de mascarar*?

ELLE: — Pois é o *Baile de mascarar*... Mas não é o *Baile de mascarar* — baile; é o *Baile de mascarar* — opera. E' uma opera de Verdi. Peço-te muito encarecidamente que não abras a bocca a esse respeito quando estiveres na companhia das Barbosa.

ELLA: — Sou talvez alguma tola que não saiba dizer duas palavras...

ELLE: — Pelo contrario! Tu dizes palavras de mais. (*sentando-se e tirando um jornal do bolso*). Olha, são sete e cinquenta e cinco. Eu vou passar os olhos n'esta folha; vê lá quando queres pôr o chapéo. Faze-me o obsequio de escolher um chapéo pequeno. Vocês estão dando agora em levar á cabeça para o Lyrico, além do seu proprio chapéo, o da mamã, o do papá o das mãas e o do priminho José. A' primeira vista, parece realmente que é um chapéo só, mas já se tem desco-

berto o expediente...

(*Ha uma pausa. Elle percorre o jornal, attento.*)

ELLA: — O que é que está escripto ahi em cima, nesse jornal?

ELLE: — Ahi, onde?

ELLA: — Ahi em cima... Onde diz *high-life*...

ELLE: — *High-life*... Deixa me ver. « Consta-nos... O partido... »

ELLA: — Nos *Theatros*.

ELLE: — Nos *Theatros*? Ah! Aqui tens! (*lendo*) « O *high-life* é que não... » Oh! diabo!

ELLA: — Como é? Leia tudo.

ELLE: — (*lendo*) O *high-life* é que não vae ao Lyrico. Porque? Naturalmente porque a companhia é barata. » Bonito!

ELLA: (*furiosa*) — E o senhor que me não dizia nada, hein?

ELLE: (*conciliador*) — Mas, filha...

ELLA: (*muito furiosa*) — O senhor não me soube dizer que o *high-life* não vae ao Lyrico! E queria que eu fosse, não é? Queria que eu fosse, pois está muito enganado! Teria graça! Para amanhã se estarem rindo de mim..

ELLE: — (*calmo*) — Realmente, o que não haveriam de dizer as Barbosa!

ELLA (*muito mais furiosa*) — Não vou, não vou e não vou!

ELLE: — Filhinha...

ELLA: — (*ainda muito mais furiosa*) Não vou! Não sou da Praia Grande, nem do Saccó do Alferes! Commigo é nove!

ELLE: — Mas, filhinha, eu hei de perder os bilhetes?

ELLA: — Chegue lá, n'um instante, e venda-os na porta.

ELLE: — São frescas as suas idéas de *high-life*! Não podemos ir ao *Baile de mascarar* porque o *high-life* não vae; mas eu posso ir vender bilhetes á porta do theatro. Sim, senhora; tiro-lhe o meu chapéo!

(*Ha outra pausa. Elle passeia, nervoso.*)

ELLA: — (*com magna*) — E eu que tive tanto trabalho para me apertar! (*reflete*) Mas nós podiamos ir a um outro theatro... Vamos ao *Tim tim*, *Fim de século*?



zpsis.

## VIDA NOCTURNA

Os espectaculos da companhia Sansone continuam a agradar a gregos e troyanos. Isto não quer dizer que não agradem aos fluminenses.

E' realmente para admirar que não se encha o Lyrico todas as noites, quando pelos mesmos preços e no mesmo theatro apanhou o Frégoli successivas enchentes. E' verdade que o Frégoli era um artista que parecia especialmente inventado para o Rio de Janeiro.

No *Ballo in maschera* estreiou-se a cantora brasileira Mathilde Canizares, escolhendo o papel de Oscar. Sendo a cantora filha do Rio de Janeiro, pôde-se dizer que tivemos um Oscar guanabarin.

A estreiante, ao contrario do que acontece a muita gente que canta, mais não entôa entoa mas não canta. Em compensação, é bonita por si e por todas as suas companheiras.



Quando vejo e ouço a Bassi, digo sempre aos meus botões :  
 — Seria melhor que esta senhora fosse menos feia, embora tivesse menos voz. Vendo e ouvindo (ouvindo é um modo de dizer) a Canizares, penso justamente o contrario : — Eu preferia que esta minha patricia tivesse mais voz, embora não fosse tão bonitinha.

A gente nunca está satisfeita com o que lhe dão.

Dizem que a Canizares tem muito futuro, porque é ainda muito nova e a voz virá com a idade.

Não é essa a opinião do barytono Athos.

Este, cantando a *Lucia*, soltou uma nota desafinada, o que deu logar á seguinte reflexão de um espectador.

— Athos d'estes não se commentam.

— A Rebuffini não pôde cantar am nhã a *Gioconda*; como ha de ser ? pergunta o empresario Sansone ao empresario Freitas Brito.

Responde este :

— Como ha de ser ? Veja a Bassi !

O Bartholomeu, que ouve, murmura pensativo :

— A que proposito vem aqui a cerveja Bass ?

Mais uma peça nova no Variedades : as *Duas Orphãs*. Escusado é dizer que uma d'ellas é D. Emilia Adelaide.

No Apollo voltou á scena o *Surcouf*, opereta maritima que dá de vez em quando um ar da sua graça. Um ar apenas. O papel de protagonista, que tem andado por trinta mãos, está agora na do Sr. João Ayres, que é muito boa pessoa. O actor Mattos é sempre um bom Jacaré (grupo 15, série de 57 a 60.)

Nos demais theatros não ha nada novo.

No Recreio houve duas primeiras representações, mas foram dadas de dia : não posso tratar d'ellas n'uma secção que se intitula — *Vidu Nocturna*.

João Piloto.

## NO LYRICO

DEPOIS DO BAILADO DAS « HORAS »



Entré... as 10 e as 11



# A QUESTÃO DA ILHA DA TRINDADE

(COMO SE CORTA O NÓ GORDIO)



- O Sr. rouba-me o relógio?
- *Roubar?! Senhor!* eu não roubo! O seu relógio está aqui, olhe, vê? Mas só lh'o restituo com uma condição.
- ?!
- Hade consentir que eu o traga sempre commigo.





# A CIGARRA

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

ANNO (52 numeros)	48000
QUINZE ANOS (até ao fim deste anno)	820000
SEMESTRE (26 numeros)	25000
NUMERO AVULSO	1000
SUPPLEMENTO	500
NUMEROS ATRAZADOS	10500
SUPPLEMENTOS ATRAZADOS	10000

ESCRITORIO E REDACÇÃO  
115 Rua do Ouvidor 115

HEBDOMADARIO illustrado por *Julião Machado*

Redacção de *Pedro Rabello*

Propriedade de *Manoel Ribeiro*

Direcção de *José Barbosa*

ANNO I

Rio de Janeiro, Quinta-feira, 21 de Novembro de 1895

N. 29

## A CIGARRA

*Andorinhas* — o delicado trecho em verso que hoje publica a *Cigarra* — é producção de uma nossa gentil patricia, volvida á Patria apóz a lucta tormentosa do Sul.



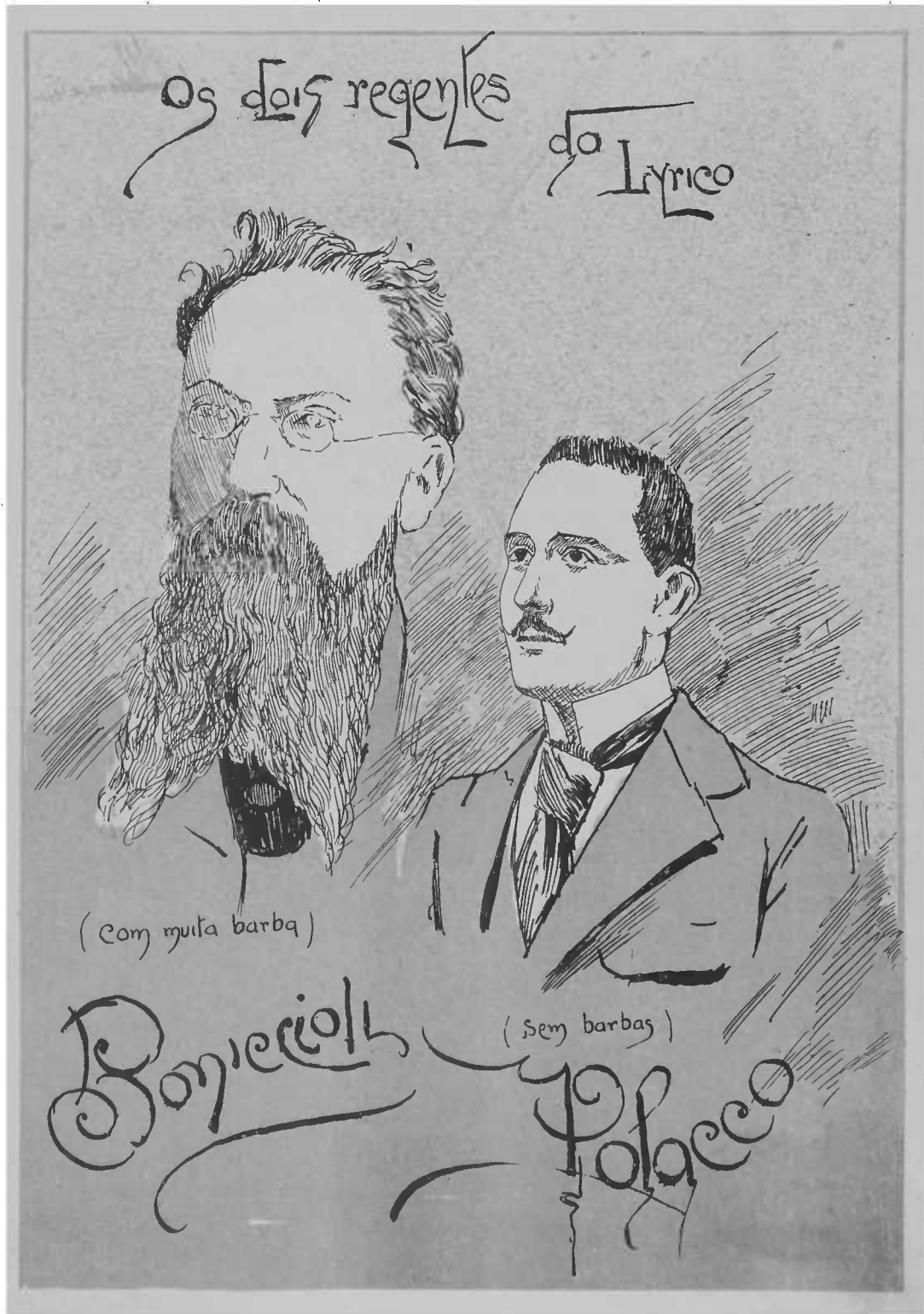
A empresa da *Cigarra* lembra aos srs. assignantes d'esta illustração que a 1 de Janeiro suspenderá todas as assignaturas que, terminando em 31 de Dezembro, até então não tiverem sido renovadas.



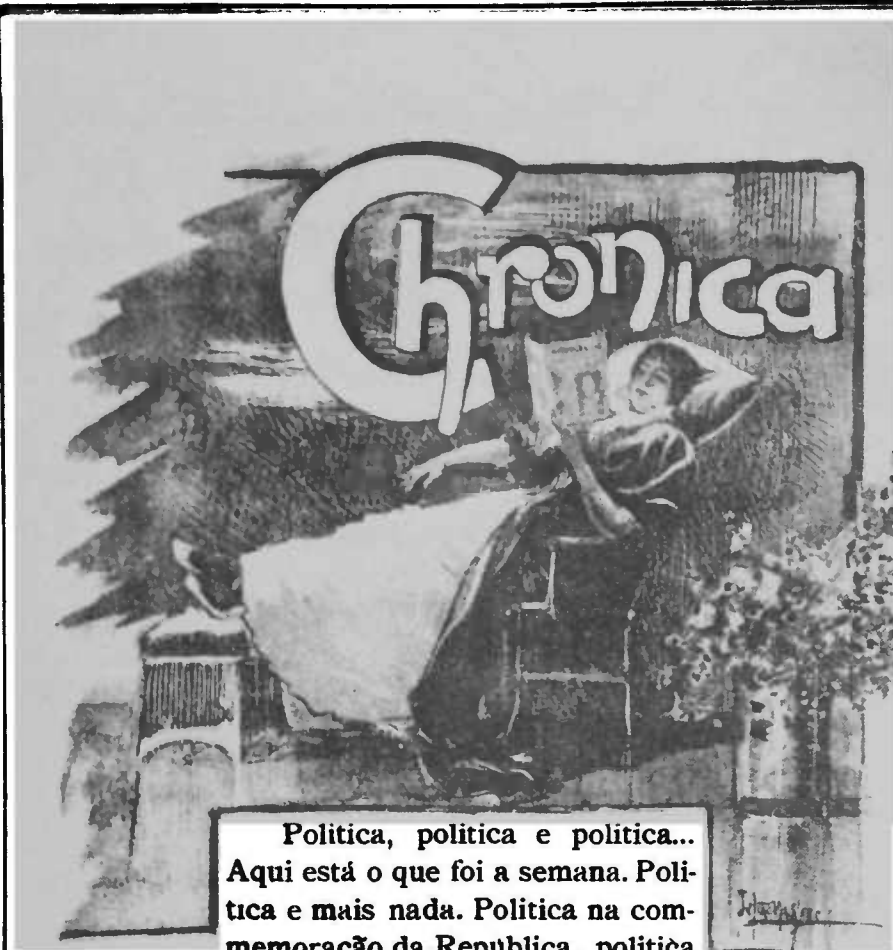
Para regularidade do serviço de administração da *Cigarra* pedimos aos nossos assignantes que conservem os recibos de assignatura e que quando tiverem de fazer reclamações, declarem o numero do recibo.



Toda a correspondencia de redacção deve ser dirigida a PEDRO RABELLO, director litterario, e todas as reclamações, pedidos de assignaturas, propostas de agencias nos Estados, e mais negocios relativos á gerencia da *Cigarra* devem ser tratados com JOSÉ BARBOSA, director-gerente.







Politica, politica e politica...  
Aqui está o que foi a semana. Política e mais nada. Política na comemoração da Republica, politica

no manifesto monarchico, politica no apparecimento do *Brasil*. Já por ahi se deve estar vendo que, pelo menos hoje, será trabalho inutil procuraŕ nesta *Chronica* que habitualmente não é politica, ou procuraŕ n'*A Politica*, que é habitualmente uma chronica, outra nota que não seja essa, unica da semana, politica, politica, politica...



As festas de Novembro... Não serei eu quem lhes venha fallar do brilhantismo com que ellas se effectuaram este anno. O que houve não é ainda o ideal no genero; mas é com certeza cousa muito para louvar.

O que lhes quero dizer, em duas linhas, é que a rua do Ouvidor descobriu este exquisito meio de contribuir para o luzimento e para o brilho de uma commemoração qualquer; — a rua do Ouvidor deixou-se ficar completamente ás escuras.

Completamente, não, dir-se-ha; e quem quer que o diga appellará porventura para a iluminação habitual que ella ostenta em meia duzia de candieiros a que se pretendeu dar, talvez, uma importancia de marcos kilometricos, pela distancia que guardam entre si. Realmente, a iluminação habitual da rua, nos dias uteis, não foi totalmente supprimida desta vez. Mas essa iluminação lembra-me o final de acto de uma revista de anno.

Pesadas trevas iam gradualmente cahindo por toda a scena — « Oh! diabo! — exclamava então um sujeito — pois a esta hora já está a escurecer assim? » E um outro sujeito dizia, fleugmatico e conhecedor da sua terra — « Ah! já sei... E' que estão a accender os lampiões da iluminação publica! »



O manifesto monarchico depõe contra a *Rotisserie parisienne*. Não parece ter nascido n'um estardalhaçante final de banquete escolhido e farto. Vem atacado de uma fraqueza que presuppõe nada menos de seis annos de jejum. Pequeninico e anemico, mal se pôde ter nas pernas e não ha de levar muito longe as unctuosas e devotas palavras do sr. João Mendes. Falta de bifes sangrentos e de vinho do Porto á discrição.

Como extensão em tiras, ou como escolhida arma de

propaganda, não se pôde dizer que seja um manifesto estirado, o que, aliás, não exclue a hypothese de que os seus signatarios se houvessem espichado de uma vez.

E' manifestamente futil e não ha de lograr grande fortuna, a não ser que o incluam no rol das cousas que a gente escolhe de preferencia para rir.



Em compensação, tambem o *Brasil* está que é um louvar a Deus de gatinhas.

Para dar idéa do apreço que os da sua egrejinha ligam ao santo trabalho de preparar a volta d'El-Rey, basta notar que o *Brasil* se propõe apparecer apenas duas vezes por semana. Para edificação dos povos é pouco e não é pratico. Nesse ponto, prefiro-lhe a *Opinião Nacional* do sr. Andrade Figueira; este pelo menos não chegou a fazer fiasco porque, aliás, tambem nunca chegou a apparecer.

Mas ha outra razão contra o *Brasil*.



No sabbado ultimo, dizia-me um sujeito:

— Veja você! O *Brasil* monarchico sae-nos ainda mais caro do que o *Brasil Republicain!*

Ora essa razão do preço é convincente.



Porque ha umas razões muitissimo convincentes e que a gente apprehende n'um pulo porque nos vão logo direitinhas á bossa mais adequada e melhor.

Mas ha outras razões ainda mais convincentes — são as que se não limitam a ir logo á bossa apropriada; tocam-nos ao mesmo tempo a bossa e o bolso. Essas a gente inda as apprehende mais depressa, com a convicção de quem entende e de quem paga.

O *Brasil* está perdido se não reduz o preço da venda por exemplar. E com franqueza — 200 réis para ler o Sr. Ferreira Junior é um bocadinho puxado.

Proponho-lhe este dilemma ou reduz á metade o preço da venda avulsa, ou reduz o sr. Ferreira Junior á metade.



A semana foi mais do que politica, foi toda ella restauradora; e para que essa nota de restauração ainda mais se accentuasse, até n'um dos seus dias um restaurante novo se abriu.

Pierrot.



A *Cigarra* assistiu ás festas de Quinze de Novembro e tem o maior prazer em salientar d'aqui o muito que para ellas concorreu a illustrada commissão directora da Exposição Industrial. A abertura d'esse glorioso certamen e a esplendida revista naval de sabbado ultimo constituiram com a parada, o grande attractivo dos festejos que já toda a imprensa relatou e que toda a população tanto applaudiu.





Não ha negar que o manifesto monarchico foi uma excelente pilhéria. Jornal para rir, a *Cigarra* estaria agora obrigada a inseril-o na integra se lhe não faltasse, menos do que disposição, o espaço que lhe é precioso e que ella por conseguinte não pode baratear.

×

A mim, a impressão que me deixa o manifesto é a de que os restauradores precisam de que alguém os restaure primeiro a elles. Para a elaboração dessas primeiras palavras aos seus crentes já lhes pareceu acertado pedir um pouco de animação ao *crème d'asperges* e ao *jambon de Buyonne* da *Rotisserie Parisienne*. Para outra vez irão ao *Sereia*, ao *Hotel de France* ou ao *Grand Hotel*... Quem sabe lá até onde pode ir um restaurador sequioso e faminto, ávido de principes e de *gigot de mouton*?

×

Emfim, o manifesto sempre declara que os restauradores não querem a revolução. Querem o imperio, e um soberano que ainda se não assentou bem quem será, e mais um parlamento que demitta ministros e que os faça, mas tudo isso nos termos da lei, dentro da Constituição.

Aqui começa um raciocinio do meu compadre Melchiades...

O processo para chegar ao resultado que desejam os restauradores é naturalmente uma revisão constitucional. Ora revisionista é tambem o Sr. Nilo Peçanha; é até revisionista historico. Acabava-se de promulgar a Constituição, quando o Sr. Nilo, inspirado e suando, em S. Christovão, ao sol, declarou que a revisão della era uma necessidade urgente para o paiz. (*applausos, felicitações*).

Muito bem; os restauradores são revisionistas, a revisão é prevista na Constituição da Republica, a Constituição é a bandeira do partido do meu honrado chefe Gicerio...

Aqui acaba o raciocinio pela seguinte conclusão:

Tudo isso cabe dentro do partido republicano federal.

×

Fallemos sério.

Os restauradores vão trabalhar com ordem, com cuidado, com cautela. Muito bem; mas, se me permittem, direi ao partido monarchico que isso ainda não é tudo. Desde que vão trabalhar com cautela, e attento o seu estado de fraqueza, seria bom que trabalhassem logo de uma vez com cautela e caldo de gallinha.

Marcial.

## ANDORINHAS...

(SCHERZO EM CYTHARA)

I

Lembras-te? Quando, outr'ora, vinhas  
A primavera anunciar,  
Subito, em volta do meu lar,  
Esvoaçavam andorinhas...  
Eras o sol das avesinhas,  
E eras o sol do meu amor  
E para as amarguras minhas,  
Tinhas o balsamo melhor!

II

Para meu lar já não caminhas;  
Morrendo as arvores estão...  
E que de rosas pelo chão!  
Que desoladas avesinhas!  
Fugiste ás cóleras caminhas  
Dos frios ventos hybernaes...  
E foste, como as andorinhas,  
E não voltaste nunca mais!

Margarida d'Almeida



## DO INTERMEZZO

(H. HEINE)

Gemem as flautas, languidos violinos  
Soluçam, trompas resoando estão...

Outrem hoje a possue... Laços divinos  
Deram-lhe a amada de meu coração!

Soem trompas, e flautas, e violinos,  
Cresça o melodico diapasão...

No céu azul os anjos pequeninos  
Commigo soluçando ficarão..

Pedro Rabello.







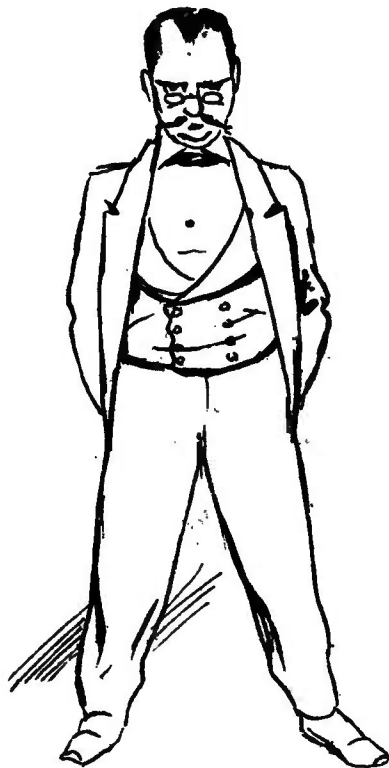




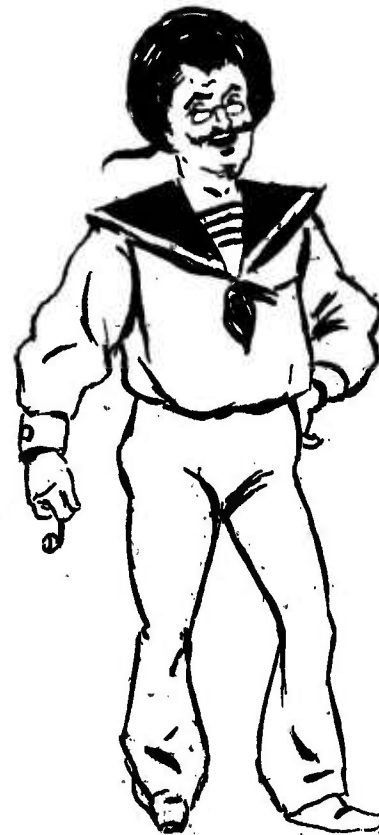
## QUESTÃO DE TOILETTE



— Um convite para o passeio marítimo.



— Como diabo se vai a um passeio marítimo? Impossível ir de casaca ou de smoking. De sobrecasaca também não -- a sobrecasaca está indicada para enterros e eleições...



— Só assim...

## CRAVOS BRANCOS

Domingo. « Bello dia! » — exclamo em casa, logo pela manhã. « Bello dia! » — repete-me o meu canario. « Bello dia! » — gritam-me cravos brancos, estremecendo ao alto das tremulas hastes finas...

Quarto a dentro, pelas duas janellas abertas, vem todo um banho de sol. E para logo, salto da cama. « Que diabo temos nós com isso? » — perguntarão os senhores. Nada; os senhores não tem cousa nenhuma com isso. Mas a verdade é que eu saltei da cama logo pela manhã.

« Bello dia! divirtamo-nos! » — gritei. « Divirtamo-nos! » — estridulou o canario. « Divirtamo-nos! » — pareceram-me dizer os cravos. Olhei em roda; pessoa nenhuma, cousa nenhuma, desapprovava aquella idéa da bella da pandega. D'ahi, talvez, n'um azulado quarto que eu conheço, se me tivesse visto, alguém sorrindo, me haveria impedido de sahir... Tu, por exemplo, Amada minha, pallida e doce creatura...

—\*

Tu, porém, aquella hora, dormias tranquilla e calma. Adoptei o regimento da camara. « Os senhores que concordam com a pandega queiram-se levantar! » O canario alçou mais a cabecinha loura, levantou-se tanto quanto se pôde levantar um canario; os cravos esticaram-se nas delgadas hastes, finissimas e tremulas. O sol ia se erguendo aos poucos, no céu. Eu já me havia levantado da cama. Tû — amiga minha — não te levantaste porque ainda dormias aquella hora. E embora te houesses deixado ficar deitada, na cama, a maioria já estava do meu lado. « Foi approvada a pandega! » — anunciei. Não houve palmas nas galerias, nem applausos, nem felicitações.

Mas a pandega estava approvada. Vesti-me a correr. Toca para as corridas! N'isto, lembro-me de que as corridas eram no Hyppodromo. Lá é que me não pilhas! E tomei o bond para a

cidade. O canario ficou, tû também ficaste — Amada minha! — mas os cravos brancos vieram commigo no bond.

—\*

Trouxe-os ao peito. Que doces, que adoraveis, que perfumados cravos brancos! Estavam que não cabiam em si, nem me cabiam na lapella, tão pouco. Falta de habito! Accommodei-os bem, acariciei-os com as mãos. « Fica á vontade, meu velho! » — segredei ao maior. E nisto, dou com os olhos n'um rapazinho de *pince-nes*, roupa clara, polainas, rosa amarella ao peito, voltado para mim, todo aberto n'uma grande gargalhada sardonica. Amada minha! que bem fizeste em não vir commigo para a cidade.

O canalha ria-se dos meus cravos brancos. Se eu trouxesse violetas á lapella, se trouxesse um bocado de myosotis, uma rosa, um amor perfeito, uma simples folha de malva, estaria muitissimo no tom. Mas trazia cravos brancos... Vê tu o grande crime! Trazia cravos brancos, era por força sujeito da Praia Formosa ou de Estacio de Sá! E o canalha desandou-me na cara aquella gargalhada que foi o escandalo de todo o bond — um bond largo e cheio, pleno de gravebundos homens e de rissonhas damas, buliçosas e alegres, frescas e tenras como alface.

—\*

« Nunca mais te lembres de levar cravos brancos ao peito... » — dirás. Mas agora é que eu vou andar cheio de cravos brancos. E' um desaforo; desculpa-me a palavra, mas é um desaforo. Pois não é tão perfumoso o cravo, tão delicado, tão simples? Pois não é mil vezes preferivel aquella estúpida rosa amarella que trazia o canalha do *pince-nes* e das polainas? Não, minha flor, agora é que eu vou andar cheio de cravos brancos — pelo menos porque elles significam a realização d'aquillo que tantas vezes nos temos segredado por estas claras e perfumadas noites de luar...

Sospira.



## SORRENTO

Sob um véo de saphira transparente,  
Das laranjeiras transpirando a essencia,  
Mostra Sorrento a languida apparencia  
De uma noiva sonhando eternamente.

No fogo do verão, no gêlo albente  
Lembra do Tasso a mystica dolencia...  
Sentindo sempre do Vesuvio a ardencia  
E do Tyrreno a viração gemente.

Encravada no dorso da collina,  
Na solitaria encosta do fraguedo,  
Como um branco lilaz de neve alpina.

E' Sorrento um mysterio, um ninho lèdo  
Que boiava na vaga esmeraldina,  
E que a vaga atirou sobre o rochêdo.

Rodrigues de Carvalho.



## AO MAR

Amo-te sempre, ó mar! Amo-te as bellas  
Transformações grandiosas que apresentas,  
Ora ondulante, a balançar as velas,  
Ora batido de infernaes tormentas!

Quando no espaço as nuvens turbulentas  
Despedaçam-se ao sópro das procellas  
E, revoltado, o teu furor ostentas,  
Que cyclopica força não revelas!

Em meio de contrarios elementos,  
Bramir dos raios, sibilar dos ventos.  
Convulsionar do pélagos insondavel,

Eu quizéira casar notas troantes  
A's tuas symphonias retumbantes,  
O' immortal Beethoven formidavel!

Damasceno Vieira.



## VIDA NOCTURNA

Pasmaceira geral. Noites estupidas como o famoso manifesto restaurador.

O que nos vale é a exposição aonde se vae, por gosto, ver... mulheres bonitas, que aliás não estão expostas.

Quer dizer: expostas estão ellas a ouvir coisas lisongeiras como, por exemplo:— Que bonita moça!— Ai, que lindos olhos! etc.

E' não dar pela coisa e seguir o seu caminho, ou dar e soltar um desdenhoso muchocho.

Oh! o muchocho da brasileira é uma coisa ideal, não acham, meus senhores?

E occasiões ha em que o muchocho é quasi um beijo...

A companhia lyrica deu-nos os *Palhaços*, de Leon Cavallo, o compositor mais zoologico de que ha noticia.

Essa opera não é precisamente um primor musical; hão de convir, entretanto, em que o *maestro* Cavallo não é nenhuma besta.

Lendo o cartaz, um velho *habitué* do Polytheama fazia a seguinte reflexão:

— Palhaços... cavallo... D'esta vez o publico não tem de que se queixar!

Dialogo no saguão do Lyrico:

O Bartholomeu. — Este Boniccioli é um regente desigual... umas vezes é calmo e outras agitado...

O BRITO. — Que quer? Elle não tem estado em companhias de primeira ordem.

O BARTHOLOMEU. — Sim, eu já tinha observado que aquillo é effeito de más companhias.

Andam os criticos do *Jornal do Commercio* e do *Pais* empenhados n'uma grave questão, que ameaça gastar oceanos de tinta Sardinha.

O do *Jornal* diz que é um si natural e o do *Pais* affirma que é um dô de peito a nota soltada pelo tenor Villalta no *Trovador*, quando corre a salvar a *madre infelice*.

A questão ameaça tomar as proporções das do Amapá e da Trindade. Será talvez necessario recorrer ao arbitramento.

A proposito de *madre infelice*:

A prima-dona Bassi pede-nos para declarar que não é verdadeiro o boato, que corre, de ser ella mãe do *maestro* Bassi, que veio ao Rio de Janeiro com algumas companhias do empresario Ferrari.

O S. Pedro deu um tiro com a *Nossa Senhora da Bonança*, uma peça maritima como todos os diabos. Nossa Senhora!

João Piloto.



# AULA DE GRAMMÁTICA.

Sabatinha



— Os meninos não reviram a syntaxe! Ai, ai!..





# A CIGARRA

## CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

ANNO (52 numeros) . . . . .	480000
OITOMEZES (até ao fim deste anno) . . . . .	320000
SEMESTRE (26 numeros) . . . . .	250000
NUMERO AVULSO . . . . .	10000
SUPPLEMENTO . . . . .	500
NUMEROS ATRAZADOS . . . . .	10500
SUPPLEMENTOS ATRAZADOS . . . . .	10000

ESCRITORIO E REDACÇÃO  
115 Rua do Ouvidor 115

HEBDOMADARIO illustrado por *Julião Machado*

Redacção de *Pedro Rabello*

Propriedade de *Manoel Ribeiro*

Direcção de *José Barbosa*

ANNO I

Rio de Janeiro, Quinta-feira, 28 de Novembro de 1895

N. 30

## A CIGARRA

Dia de lagrymas este ultimo domingo, nublado e triste ; lugubre domingo sem alegrias e sem sol. Foi o primeiro anniversario da morte do Mallet—d'aquelle adorado Pardal Mallet, tão sincero, tão nobre, tão generoso e tão puro. *A Cigarra* leva uma braçada de flôres ao tumulo humilde do malaventurado moço.



Para regularidade do serviço de administração da *Cigarra* pedimos aos nossos assignantes que conservem os recibos de assignatura e que quando tiverem de fazer reclamações, declarem o numero do recibo.



Toda a correspondencia de redacção deve ser dirigida a **PEDRO RABELLO**, director litterario, e todas as reclamações, pedidos de assignaturas, propostas de agencias nos Estados, e mais negocios relativos á gerencia da *Cigarra* devem ser tratados com **JOSÉ BARBOSA**, director-gerente.







Dizem os jornaes que se vae fazer uma grande exposiçãõ industrial em 1900. Serã, naturalmente, uma exposiçãõ fim de seculo, sem

embargo da opiniãõ que sobre o assumpto haja manifestado o *Pius*. A esse mesmo brilhante orgãõ pertence a idãa do novo certamen embora lh'a contestem, e nãõ serã muito dizer que ella me parece definitivamente acceita. Oitenta deputados tomaram jã a si o compromisso de votar mil contos de rãis para as despezas necessarias .. Vamos ter, portanto, em 1900, uma grande exposiçãõ industrial.

Eu nãõ discordo da idãa — digo-o para tranquillidade da Naçãõ, a quem a ignorancia deste meu parecer sobre o caso, mantivesse, porventura, de olhos esboghados, anciosa e suspensa. Repito-lhes que nãõ discórdõ. Mas, por amor de Deus! uma vez que ha tãõ boa vontade para ella, uma vez que, ainda no nascedouro, jã uma duplicata de paes lhe apparece, naturalmente para lhe dar o caracteristico dessa duplicidade que é a marca da fabrica da Republica — façam-me ao menos o obsequio de dispor as cousas de tal modo que, terminada a exposiçãõ, a Capital Federal tenha lucrado um edificio decente, solido, com estylo, com arte, um edificio que a gente possa orgulhosamente ver e mostrar.



Tive um compadre — gastador nunca visto, inimitado mãõs rotas a quem o dinheiro mal aquecia as algibeiras, n'um infundavel trabalho de entrar e de sahir. Andou assim dez annos mas, afinal convenceu-se de que o vicio, bem aproveitade redundaria em beneficio proprio. Desde que só lhe era necessario gastar, muito, depressa, como quem nãõ tem mais nada a fazer se nãõ pôr dinheiro fóra, gastava-o no mesmo dia em que o apanhava, mas gastava-o no Preço fixo, na Torre Eiffel, no Colombo.

Assim, ao despertar no outro dia, com a dolorosa certeza de que nem uma lagartixa de cinco miseraveis tostões lhe parava ainda no bolso, uma compensaçãõ lhe apparecia para o desastre — as novas camisas, as botas, as gravatas, os chapéõs.

Façamos como o meu compadre. Ponhamos muito dinheiro fóra, muitissimo, com ou sem necessidade, mas que ao despertar no dia seguinte, possamos ter uma compensaçãõ em cousas uteis, amontoadas em delirio, mas positivas e reaes.



Pertence á semana a critica abracadabrante com que um reputado bibliographo se atira á obra de novel escriptor.

Sãõ muito para notar as proporções e a severidade dos conceitos. Zé Verissimo — o critico — passa por conseguinte a ser um critico Se-Verissimo.



Da *Noticia*, de 22 :

Houve hontem uma transposiçãõ de periodos no artigo — Estrada de Ferro Central do Brasil.

Uma leitura attenciosa fará perceber o equivoco. »

E' o cumulo do descarrilamento — descarrilarem os proprios periodos em que se fazem referencias á Central

*Pierrot.*

## NOSSOS INTERVIEWS

Encarregado da sãrie de interviews cuja publicaçãõ ora empheñde a *Cigarra*, e, antes de mais nada, surprehendido com a notavel fecundidade do novellista, critico e philosopho C. de V., festejado auctor do *Chiquinho-Asa-Negra* (livro de um scepticismo derreante), das *Opiniões e Extravãgancias* (inexoravel tunda nos homens celebres de todos os tempos) e do *Jornal de um celibatario*, (livro transbordante de psychologia e que tãõ vigoroso successo acaba de obter); surprehendido com a notavel fecundidade de C. de V. — dizia eu — resolvi começar estes interviews pela indagaçãõ dos motivos por que tanto e em tãõ pouco tempo ha produzido o scintillante escriptor.

Puz-me por isso á cata do lucido-incandescente litterato (deixo de dizer brilhante porque a luz incandescente é hoje a ultima palavra em illuminaçãõ). Faltava-me o conhecimento exacto da sua moradia; mas nãõ desanimei de o encontrar. E' sabido que na rua do Ouvidor se encontram todos os nossos homens notaveis... e os que o nãõ sãõ. E, aliãõs, essa promiscuidade me revolta. Que diabo! Porque se nãõ ha de fazer uma selccçãõ naturalissima? A rua do Ouvidor para os homens de talento; a do Rosario para os que o nãõ tiverem, a juizo de uma commissãõ especial.

*Revenons à nos moutons.*

Imagine-se a minha estupefacçãõ ao saber que o inesgotavel escriptor detesta a nossa principal arteria. Do escriptorio parte directamente para casa. E' como se vê o talento alliado á modestia. Esse procedimento encheu-me as medidas, embora trazendo-me certo descontentamento pelo insuccesso do meu projectado interview.

Estava, escripto que eu o haveria de encontrar. Ha tres dias, entrando n'um bond de Humaytã, sentei-me precisamente ao lado do fulgurante prosador. Peço permissãõ para traçar aqui ligeiramente a sua figura. Põde nãõ ser muito verdadeira a reproducçãõ; garanto, porém, que empregarei nella toda a maior boa vontade.

Alto, magro, secco, barba a Andó, cabellos castanhos claros, cara fechada, ar resoluto e energico; C. de V. é, emfim, um homem de difficultosa abordagem. Abordei-o, porém, com um sorriso nos labios e uma extraordinaria dõse de commoçãõ na garganta:

— Creio que me nãõ engano... V. S. é o auctor do *Jornal de um celibatario*, essa delicada obra que o proprio Bourget nãõ hesitaria em assignar...



— Não tenho a honra de o conhecer.

— A Bourget?

— Não; ao senhor.

Declinei imediatamente o meu nome e a minha especialidade.

— Ah! o senhor pertence á *Cigarra*? Conheço; é um bom jornal. Como vae a illustrada redacção?

Fiz-lhe notar que a illustrada redacção passava bem, muito obrigado. C. de V. continuou:

— Com que então vae interviewar a metade do Rio de Janeiro, hein? E' detestavel a sua mania!

— Mas, na Europa é costume... Jules Huret...

— Ora não me venha cá com Hurets! Um mexeriqueiro!

— Não sou precisamente da sua opinião... E' um habil reporter que se dirige ás maiores notabilidades...

— Notabilidades? São frescas, as suas notabilidades! Dumas, Sardou, uns tantos *parvenus* em litteratura. O que me admira é que espiritos preparados e lucidos acceitem esses...

— Desculpe a minha temeridade... Eu desejaria saber como póde V. S. produzir tantos livros seguidos...

— Ah! quer saber, hein! — e elle piscava-me o olho — E' um truc que ainda ninguem descobriu. O que eu não sei é se convirá que lh'o explique...

— Um homem da sua tempera cousa nenhuma deve receiar...

— Homem, lá isso, é mesmo! Para que estar agora com luxos... O meu truc consiste n'um viveiro de reminiscencias...

— N'um viveiro de ..?

— De reminiscencias. E' como chamo ao meu systema. Tenho uma enorme pasta dividida em secções de A a Z. Em cada uma dessas secções conservo um pensamento, um dito, uma phrase de escriptor conhecido, prosador ou poeta. Os proprios libretistas de opereta lá figuram. Imagine que eu quero fazer uma dedicatoria, por exemplo; — abro a pasta, vou á letra que desejo e tenho o que quero. E' o que se póde chamar — *estyllo garrido*. Preciso de uma comparação poetica; abro a pasta e lá tenho a phrase prompta. Todo o meu trabalho está em accrescentar a isso alguma cousa minha, dois periodos que se repillam, uma contradicção que deixe atordoado o leitor. E está prompto; o meu editor tem mais um livro, e eu tenho mais um volume para a lista.

— Para a lista?

— Sim, para a lista dos meus volumes publicados... Hei de passar o Coelho Netto!

— E não será indiscrição perguntar quaes os escriptores que figuram na tal pasta?

— A enumeração seria longa... Bastará dizer-lhe que, entre elles, figuram os proprios a quem tenho sovado. E' uma honra que lhes dou; comprehende que passando por minhas as suas palavras, salvam-se ellas da mediocridade e do esquecimento.

— Com effeito.

Mas, nisto, C. de V. que consultava uma carta e se puzera a olhar para a numeração dos predios fronteiros, teve esta exclamação:

— Oh! diabo! Lá passei eu a casa!

E saltou do bond a correr



*Farcem.*



N'um destes dias ultimos, tendo acabado de me envenenar á bahiana n'um restaurante bahiano, e conservando nos labios um perfumado charuto da Bahia -- deixei-me estar, sentado á mesa, olhos vagos, absorto, como quem ao mesmo tempo se refizesse da fadiga do verão e do jantar.

Fóra, na rua, um realejo moía aquelle tango celebre — *Eu sou da terra do vatapá!*... Garotos apregoavam a grande da Bahia. Senhoras de flacidas mangas vistosas, e homens de largos chapéos de coco passavam, apressurados e suando. E, porque assim era, o meu espirito, assediado de pimentas, todo para as cousas bahianas se voltou.

E vi então, distinctamente, vi com estes dois olhos que já tantas extraordinarias cousas tem admirado e tem visto — vi que da azulada espiral diaphana e leve sahida do meu charuto duas esginas figuras, tambem leves e diaphanas sahiam. Cada figura trazia uma corôa na cabeça. E foram-se avolumando, e puzeram-se uma em frente da outra, e entraram a cantar em dueto, assim, com a musica dos *Tres barões*, no *Testamento da velha*.

O 1.º

Sou Geremoabo,  
D'isso me gabo;  
Vou-te ás do cabo,  
Vou!

O 2.º

Ai que esperança!  
Já, sem tardança,  
Na governança  
Stou!

O 1.º

O teu Senado,  
Falsificado,  
Foi debochado,  
Foi!

O 2.º

Cousa de nada!  
Conversa fiada!  
Olha que espada  
Dóe!

E eu ia adormecendo aquella musica que entoavam os dois velhos coroados e teimosos. E um vago torpor se me apoderava então dos membros lassos. Fóra, na rua, o realejo moía sempre o tango celebre:

*Eu sou da terra do vatapá.*

×

Fui para casa a pensar na razão por que a minha memoria poderia ter evocado aquellas duas avelhantadas e coroadas figuras que na Bahia se disputam o poder. Eu não sou bahiano, não pertenco ao partido do sr. Arthur Rios, não tenho nada



## SAUVE QUI PEUT!

PAGINA AMARELLA



Brrr! ella ahi vem! Tardava. Ao que parece não quiz antecipar-se aos manifestos monarchistas que desabrocharam nos primeiros dias de calor. Mas como os manifestos deram raia (nada periclitou)—ella apressa-se. Pessôas bem informadas affirmam que só ella pôde dizer se o dó do outro é *calante*, ou não. Já o Instituto de Musica nomeou uma commissão que será encarregada de arrancar de tão illustre dama a verdade, a verdade pela qual a America toda e toda a Europa esperam anciosamente, de olhos esbugalhados e bocca aberta.



Entre dois medicos.

— Que dizes? 300 contos, ao par, hein? Mettemos mãos á obra?

— Hum! Acho melhor entrarmos primeiro em negociações com os collegas e com a companhia dos carros funerarios...



Um que se safa para o Norte.

— Tenho pena de não poder ver a Moema, no Lyrico. Parece que é a Sertori quem fará a protogonista. Deve ser curioso, muito curioso! — ver o confronto entre a *Moema* do Delgado de Carvalho e a *Moema* do Bernardelli principalmente se a Sertori tiver de ser trazida á praia pelas vagas...



# A NOTA... COMICA



(1)  
 Sexta 22 de Novembro  
 Para mim a musica foi, e e  
 sera sempre como um dogma:  
 - escuto-a mas não a discuto.  
 A de Wagner, por exemplo, fa-  
 zia-me dores de cabeça; cahi-  
 am-me os cabellos dos ouvidos  
 quando a ouvia. Não discuto  
 Wagner - evito-o.

Eu queria que me descreves-  
 sem o prazer que um homem  
 pôde ter em ouvir uma ape-  
 ra se é forçado a levar pa-  
 um nivel d'agua (3)  
 e um afinador de pi-  
 anos - tudo isto para o fim  
 de voltar para olar plenamente  
 convencido de que o tenor deu o  
 do pelo peito e não pelas costas.

Parece que a critica musical  
 so deveria ser feita por prepa-  
 radores de physica. E d'ahi -  
 talvez fosse menos rereativa...  
 Eu que dava 7000\$ por uma  
 cadeira no Lyrico sem saber  
 que ha sis Brazil

folhas d'uma carteira achada  
 n'um bonde.

(2)  
 ra o theatro, além da  
 familia e do binoculo: um vo-  
 lume de Blaserna, outro de J.  
 Barreto de Aviz, outro de Hel-  
 matz, um diapasão antigo e  
 outro normal, uma loisa e  
 giz para equações, um clarine-  
 te frio e outro quente,



(6)  
 Sabbado 23.  
 O illustre X que se interessa vivamente por  
 todas as questões ventiladas na imprensa, que-  
 brou, afio, sete copos de crystal n'um restau-  
 rant conhecido. O gerente aproxima-se e  
 reprehensivo: - Senhor! Parece de proposito...  
 Não parece, é! Os seus copos são exereáveis!  
 Não ha meio de lhes amanejar o di natural!  
 Este ultimo deu apenas 1.039 vibrações e  
 dez nove cacos!... Mude de fabricante!

(perdão,) que ha sis 2 (!!) compre-  
 hendidos na tabella dos tubos de  
 dois pés (havia tubos de dois pés e  
 só agora o sei!) marcados com  
 nada menos de 990 vibrações -  
 creio que 991 nos annos bissex-  
 tos. Como eu fui ignorante! Entre-

vi-me a ir ao Lyrico ouvir a AIDA 5  
 A GIOCONDA, A LUCIA, O TROVADOR,  
 - sem saber esta coisa tão rudimentar:  
 - que um clarinete em funções aquece (em  
 bora não seja soprado por um padeiro à  
 hora em que elle, à bocca do forno, es-  
 pera que os pães se doirem) e que com  
 o aquecer sobe de tom. Quem pôde  
 adrinhar os caprichos do clarinete?

J. L. MAGALHÃES

Pela copia J.M.



com a dissidência politica dos *Tres Jacarés*. Por que diabo então me teria vindo ao espirito a duplicata de assembleas do sr. Geremoabo e do sr. Camaçary?

Achei a razão no jantar. E' um phenomeno que já se têm observado. Dize-me o que comes, dir-te-hei quem és. N'aquelle momento, empanturrado de umas tão apimentadas cousas, todo eu era convencidamente bahiano. D'ahi, a seguinte conclusão a que cheguei—ficam abolidos os restaurantes bahianos e vão com elles para o limbo os perfumados e modicos charutos de duzentos réis. Agora, para que se não diga que de uma vez por todas córto as minhas relações com o duplamente glorioso Estado do Sr. Arthur Rios,— a Bahia que me faça o favor de mandar para cá a grande da loteria do Natal — simples ou em duplicata.



Sabbado, na Camara, quando mais inflammado ia o debate de não sei que transcendente medida, ouvi que um deputado gritava assim para a mesa e para a maioria:

— Cidadão presidente! cidadãos deputados!

Era o Sr. José Timotheo, jacobino feroz. Para elle a excellencia do regimen republicano está precisamente n'isto — em não ter excellencia. Quando se muda manda cautelosamente ver se a casa pertence a individuo do sexo sem barbas, para não ter senhoria. E' cidadão e mais nada; tanto como o cidadão Polycarpo. De modo que para lhe não desagradar já a mesa da Camara resolveu corresponder aquelle extremado republicanismo. Ao conceder-lhe a palavra, o Sr. Rosa e Silva dirá de ora em diante:

— Tem a palavra o cidadão Timotheo.

Marcial.



Tivemos no Apollo as *Sete maravilhas do mundo*, magica em 3 actos, uma infinidade de quadros, não sei quantas apotheoses e nenhuma pilheria.

As sete maravilhas do Apollo são as seguintes:

1ª, a voz do tenor Augusto de Mesquita, que segundo nos consta vae ser classificada pelos Srs. Oscar Guanabario e Rodrigues Barbosa;

2ª, o sotaque da Sra. Blanche Grau;

3ª, o Araujo fazendo de Satanaz;

4ª, o casal Nunes (Deus os fez e o Diabo os ajuntou);  
5ª, os córos de mulheres, que estão a pedir accento circumflexo;

6ª, a musica, em que figuram Wagner, Saint-Saëns e Agostinho de Gouvêa;

7ª, o barytono Ayres, que faz de pharol de Alexandria e mais parece o de Juiz de Fôra.

Aconselhamos á sympathica empreza do Apollo que, quanto antes, lance mão de outra peça nova onde não haja tantas maravilhas.



No Recreio foi festejada a milésima do *Tim tim*.

Com as representações do *Tim tim por tim tim*, do *Fim de seculo* e do *Tim tim fim de seculo*, o Souza Bastos arranhou uma continha de chegar, que não lhes digo nada. O homenzinho conhece perfeitamente o seu publico...



Estiveram sabbado no Vellodromo Nacional (a taboleta diz *Bellodromo*) os poetas O. B., G. P., P. R., e A. de A. S.

Convenham em que *Nero* não é nome que se dê a um corredor, nem mesmo a um patamar; mas o caso é que n'um dos pareos figurava um corredor com esse nome.

Os poetas compraram de sociedade não sei quantas poules em *Nero*, e foram assistir á corrida de um camarote. *Nero* sahiu e durante algumas voltas se conservou na ponta.

Um dos poetas exclamou: — Bravo! já não podemos perder!...

Um sujeito que estava no camarote ao lado, observou como se dissesse a coisa mais natural d'este mundo:

— Não creia. *Nero* mandou fazer jogo no *Abel*.

Effectivamente, com mais uma volta, o famigerado imperador de Roma cedia visivelmente a victoria ao irmão de Caim, ficando em 3º lugar.

— Ai! o nosso rico dinheirinho! gemiam os poetas, sahindo do Vellodromo com b.

Bem feito! quem lhes mandou?



Não desagradou no Lyrico a representação da *Africana*, embora o tenor Vilalta seja um Vasco di Gama que não parece ter descoberto a... India.



Os srs. Rodrigues Barbosa e Oscar Guanabario estão perdendo uma boa occasião de ficar calados. Infelizmente os collegas não são *calantes* como os dós do tenor Vilalta.

João Piloto.



# VELHA ANEДОCTA.

SONETO DE  
ARTHUR AZEVEDO.



JOÃO MACHADO

TERTULIANO, frívolo peraltã,  
que foi um paspalhão desde fedelho,  
typo incapaz d'ouvir um bom conselho,  
typo que, morto, não fariã falta.

lá um dia deixou de andar à metã,  
e, indo à casa do pãe, honrado velho,  
à sós na sala, em frente de um espelho,  
à propria imagem disse em voz bem alta:

— Tertuliano, és um rapaz formoso!  
és sympathico, és rico, és talentoso!  
Que mais no mundo se te faz preciso?

Penetrando na sala o pãe sisudo,  
que por trãz da cortina ouvira tudo,  
serenamente respondeu: — juiso. —

ARTHUR AZEVEDO



Enquanto  
o  
universo treme  
de curiosidade



— E, afinal, o que é um dô calante?

— Ao que parece, um dô calante é, pouco mais ou menos, um dô... "GORDIO"

J. M. MAGALHÃES





# A CIGARRA

## CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

ANNO (52 numeros).	48000
OITO MEZES (até ao fim de 1895)	32000
SEMESTRE (26 numeros)	25000
TRIMESTRE (13 numeros)	13000
NUMERO AVULSO.	1500

Livre de porte para todos os paizes da União Postal.  
As assignaturas, cujo pagamento será adiantado, começarão em trimestre regular.

ESCRITORIO E REDACÇÃO  
115 Rua do Ouvidor 115

HEBDOMADARIO illustrado por *Julião Machado*

Redacção de *Pedro Rabello*

Propriedade de *Manoel Ribeiro*

Direcção de *José Barbosa*

ANNO I

Rio de Janeiro, Quinta-feira, 5 de Dezembro de 1895

N. 31

## A CIGARRA

Chamamos a attenção dos nossos leitores para as condições de assignatura que a Empresa da *Cigarra*, para satisfazer justas reclamações, resolveu alterar a partir d'este numero.



A empresa da *Cigarra* lembra aos srs. assignantes d'esta illustração que a 1 de Janeiro suspenderá todas as assignaturas que, terminando em 31 de Dezembro, até então não tiverem sido renovadas.



Para regularidade do serviço de administração da *Cigarra* pedimos aos nossos assignantes que conservem os recibos de assignatura e que quando tiverem de fazer reclamações, declarem o numero do recibo.



Toda a correspondencia de redacção deve ser dirigida a **PEDRO RABELLO**, director litterario, e todas as reclamações, pedidos de assignaturas, propostas de agencias nos Estados, e mais negocios relativos á gerencia da *Cigarra* devem ser tratados com **JOSÉ BARBOSA**, director-gerente.



- A estas horas!  
- O Juca instou tanto que fui com elle ver a Carmen  
- A Carmen!? Rua do Riachuelo, hein? Iratantes!





Que vos poderei eu dizer deste que me vae n'alma, inimitado espanto, pasmo jámais excedido? Notae bem que não é só o extraordinario do facto em si o que ora me põe para aqui de bocca aberta e de olhos arregalados e surpresos. Não é o extraordinario do facto em si, nem em dó. Uma grande parte, porventura a maior, do meu pasmo, vem da indiferença com que tamanha descoberta passou, caminho do Eterno Olvido e do Nada. Nenhuma palavra, nenhuma simples referencia elogiosa, nem ao menos um insignificante a pedido... Absoluto silencio! O Sr. Furquim Werneck deve ter um grande numero de adversarios para que assim lhe abafem, no nascedouro, a reclame e o encómio que a outras menores cousas sóe a imprensa prodigalizar.

De tamanha injustiça me não ha de accusar a Historia. Aqui eston eu, penna ao serviço das Grandes Idéas e das Sagradas Cousas da Humanidade, eu que me não recuso a prestar embora não toda a devida, mas pelo menos, toda a possivel homenagem á sapiencia com que o Sr. prefeito Werneck se propõe debellar o deficit municipal.

Onde a razão do meu pasmo?

N'uma, á primeira vista, insignificante local; nesta entrelinhada local da *Noticia*:

« Com o intuito de augmentar a renda municipal, sa beimos que a Prefeitura pretende em Janeiro vindouro adquirir do concessionario Sr. Camillo da Silva Lima a propriedade de todos os kiosques existentes nesta Capital.»

A *Noticia* é um jornal serio; isso exclue portanto a hypothese de que seja pilheria a noticia.

Pensar a gente que já cincoenta gerações de Leroy-Beaulien e de Oiticicas se empenharam, uma após outra na solução do magno problema — abarrotar de recursos a caixa forte dos governos quebrados. Com que esforço se não atiraram á tarefa! Annos decorriam; iam-se-lhe derretendo as banhas, foram-se-lhe os cabellos embranquecendo ou cahindo — a quantos não veiu uma prematura calvieci deixar de calva á mostra! — vergou-se-lhes o corpo, ao peso da curiosidade com que todo o Universo lhes seguia o trabalho insano de conseguir um prompto-allivio para o deficit...

Tudo em pura perda, debalde, á toa.

E entretanto, tão perto estava a solução! Eis que a Prefeitura a descobre, sem esforço, sem forceps, sem fadiga. O remedio era a exploração dos kiosques da Capital Federal.

Embora seja o Sr. Furquim Werneck o primeiro a lançar mão dos kiosques para os transformar em fonte de renda devo contudo declarar que já n'uma administração passada, o Sr. Valladares não deixava passar kiosque incolume.

Applaudo a medida. Mas, agora, diga-me a Prefeitura como diabo pretende pôr a sua idéa em acção.

Que me pareça, ha um meio unico, para tirar dos kiosques toda a renda que elles ainda podem dar—é não afugentar a freguezia. Ella está habituada a café, pão e queijo, jornaes, bilhetes de loteria. Dê-lhes tudo isso o Sr. Werneck. E á testa de cada kiosque ponha um empregado das repartições municipaes.

Tudo isso feito e funcionando tudo, haverá apenas que lamentar o destino dos empregados da Intendencia — condemnado cada um a ganhar o seu pão com o seu kiosque.

Viram já uma pequenita, descalça e trefega, que esmola no Café do Rio?

Tem sete annos. Um corrosivo qualquer deu-lhe aos olhos alegres o fundo sulco vermelho e magoado de olhos que se não cansam de chorar. Chega e pede assim, com a voz em pranto — «Esmola para mamãe!» Vela-lhe o corpo um esfarrapado vestido de chita negro. Tudo nella, á primeira inspecção, é miseravel e é pobre; e, a tanta miseria, homens compassivos estendem-lhe nickeis que ella corre a levar á porta, a uma pessoa que se não vê.

Falso, tudo isso! Neguem-lhe a esmola e olhem-n'a sempre, não lhe percam o minimo gesto, a minima contracção. O seu primeiro movimento, logo que lhe recusam o que implora, é como o de quem atira para longe uma pesada mascara que lhe custava a conservar e que não é mais precisa. Os olhos rebrilham, ao centro dos sulcos que o corrosivo abriu; o ar miseravel desaparece, o que lhe fica no rosto é apenas o ar expansivo de uma criança traquinas — alegre, sadia e forte. E salta para outra mesa, e ahi, compungida e humilde estende a mão.

..

Desta columna partiu já, por vezes, o protesto de Fantasio contra essa ignobil e torpe exploração de crianças. A' toa! a policia tem cousas mais sérias a que dedicar a sua inactividade. Não serei eu quem ainda lhe venha pedir um pouco de attenção para o caso. Registro-o, nada mais; — o que aliás me não impede de deplorar que ella ostente uma tão errada comprehensão do seu dever.

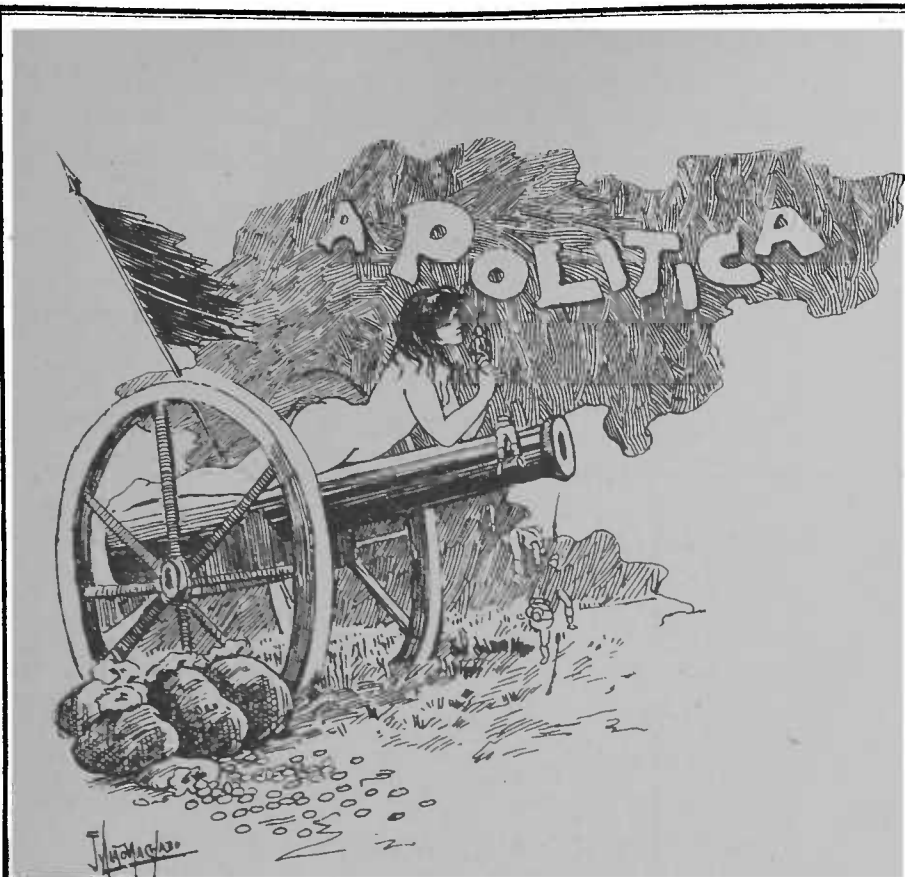
Pierrot.

A carta d'um amigo previne-nos d'esta perfidia: — corre em Lisboa que o desenhista da *Cigarra* está fazendo rios de dinheiro.

Ora, isto vem, talvez, do proprietario da *Cigarra* se chamar Ribeiro.

— O' ingenuos!..





Hontem, na Camara. Esquecido, atraz de uma columna, emquanto, fóra, todos os continuos o procuram para lhe entregar o seu chapéo, um deputado, tristonho, monólóga :

Ah! Godoy! Ah! Thomaz! Ah! Coelho Lisboa!  
Vamo-nos separar a vinte de Dezembro!  
Com que amarga paixão, com que ancia me não lembro  
De que quatro já são do mez... E o tempo vóa!

Mais um anno e terei concluido o mandato...  
Não me chamarão mais deputado e excellencia,  
E terei de ir passear, baldo de toda a influencia,  
E—quem sabe?—farão de mim gato-sapato.

Mais um anno... Depois, quem fará com que eu venha?  
Quem me poderá dar votos republicanos?  
Ah! quem me déra ser senador por nove annos  
Ou diplomata então, no logar do Lamenha!

Não me comprometti com palavras aereas,  
Não fallei para não pôr o governo abaixo,  
E na situação dolorosa em que me acho  
Nem me quizeram dar emprego para as férias!

Cupertino, Gaspar Drummond, Timotheo, Ovidio,  
José Carlos, a quem eu applaudia out'ora,  
Imaginae o meu pezar por ir embora,  
Sem recursos, sem ter emprego, sem subsidio!

O Glycerio ha de vir, ha de o José Mariano  
Voltar, ha de voltar a bancada mineira,  
E, entre tantos, eu só perco a minha cadeira  
E deputado sou apenas per um anno!

Ouvem-se-lhe soluços. Escurece. Fóra, garotos apre-  
goam a *Noticia*.

*Marcial*



## CONTOS INGENUOS

### A SÉRIE B.

(A JULIÃO MACHADO)

Foi um tanto temerosa que ella se dirigiu para o consultorio do Dr. Innocencio Velloso, clinico já meio entrado em annos, recommendado como especialista de senhoras, muito consciencioso, muito serio, pouco exigente nas suas contas.

Não sabia que diabo lhe havia de dizer; não sentia dôres, não se suppunha doente. Sentia-se apenas muito fraca. o corpo esfalfado, como se houvesse levado uma sova.

Quando falou do incommodo a uma vizinha, sacudida rapariga de trintá annos, morena de truz, que vivia, sem a benção do padre, com um empregado do commercio, esta sorriu maliciosamente e respondeu:

— Vocês estão abusando...

E, tomando um ar grave, disse-lhe que era bom ir ver um medico, que com a saude não se brinca e recommendou-lhe o Dr. Velloso, que já a tratara, ha tempos.

Rosinha seguiu o conselho. Durante a ausencia do marido, sem que o tivesse avisado para o não sobresaltar sahiu de casa, e lá foi consultar o delicado especialista.

Não era longe. Subiu, entrou e lá ficou á espera de que o doutor a interrogasse.

O Dr. Velloso percebeu-lhe um certo embaraço e tratou de lhe dar animo.

— Queira dizer, minha senhora...

— Eu... mesmo—titubeava, empallescencia—eu não sei como lhe explique... Só lhe posso dizer que me sinto muito... muito fatigada. Parece assim... uma pessoa... que não dorme...

— Vamos ver isso. Deixe-me examinar os olhos...

Hum!... Hum!... A senhora é casada?

— Sim, Sr. doutor,

— Ha muito tempo?

— Uns sete mezes.

— Que idade tem seu marido?

— Vinte e cinco annos.

— Hum!... hum!... é rapaz sadio... forte?

— Muito forte... muito córado... e bonito.

— Admirável ingenuidade! resmungou o medico.

E a senhora que idade tem?

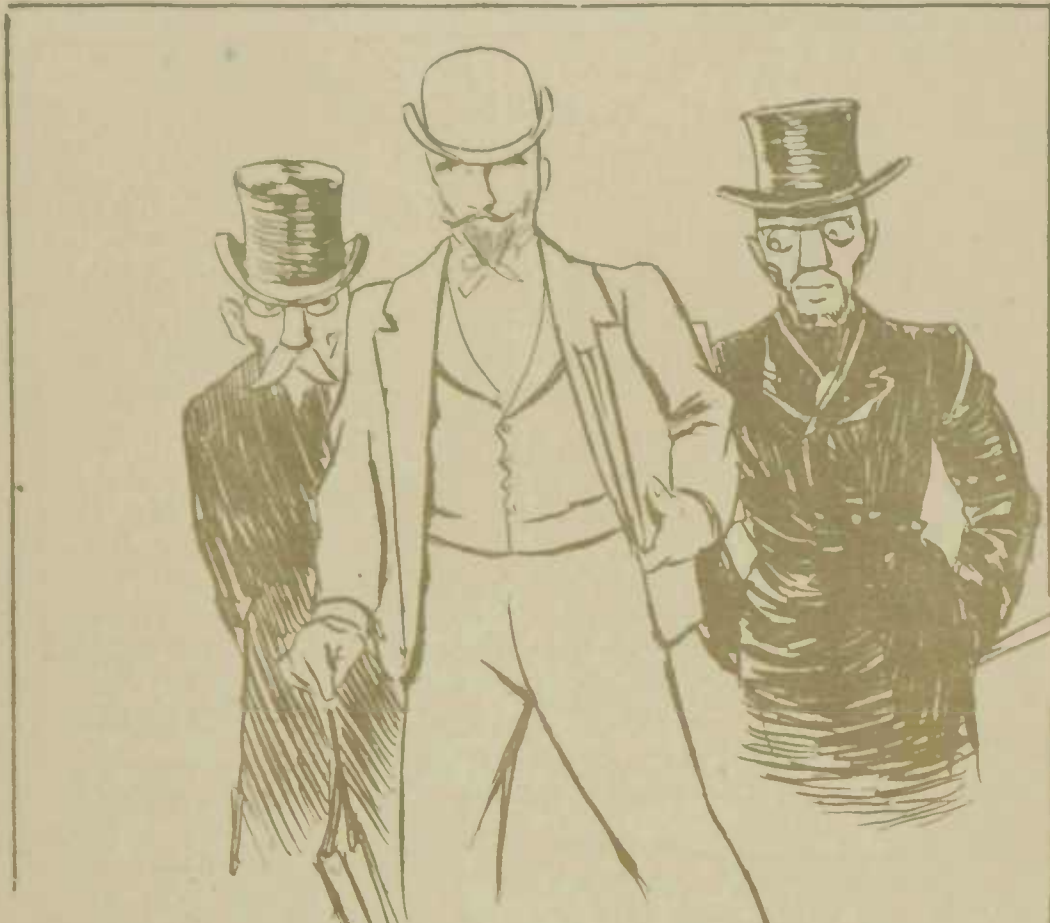
— Vinte e um, incompletos.

— Estes olhos são graves accusadores... Olhe, eu devo ser franco. Desculpe-me, se lhe fizer alguma pergunta indiscreta: Queira responder-me... Seu marido é exigente?

— Exigente... em que?

— Diabo! diabo! o interrogatorio vai ser difficil. Minha senhora... é necessario deixar de lado certas ceremonias. Já sou um velho, poderia ser seu pae. Faça de conta que é o seu pae que lhe está fallando. O que lhe pergunto é isto:—Seu marido abusa dos seus direitos?...





Consta-nos que o projecto do illustre deputado consiste nisto: seis meses antes das eleições o votante será estreitamente acompanhado por dois 'agentes da policia secreta' que zelarão dia e noite, para evitar que a corrupção o toque;



que não lhe permitirão longos colloquios com damas por ser evidente que as damas são hoje o meio mais efficaz de que a corrupção usa para se propagar.



que fiscalizarão a sua correspondencia o mais rigorosamente possível inutilizando as cartas que lhe chegarem perjurdadas (ha perfumes que perturbam!)



Dois meses depois, isto é, quatro antes do grande dia - o votante será convidado a entrar numa cellula da Detenção onde vivrã incomunicavel. Apenas lhe será consentido um instrumento de musica, se tocá ou não, se o instrumento por elle cultivado for o cu



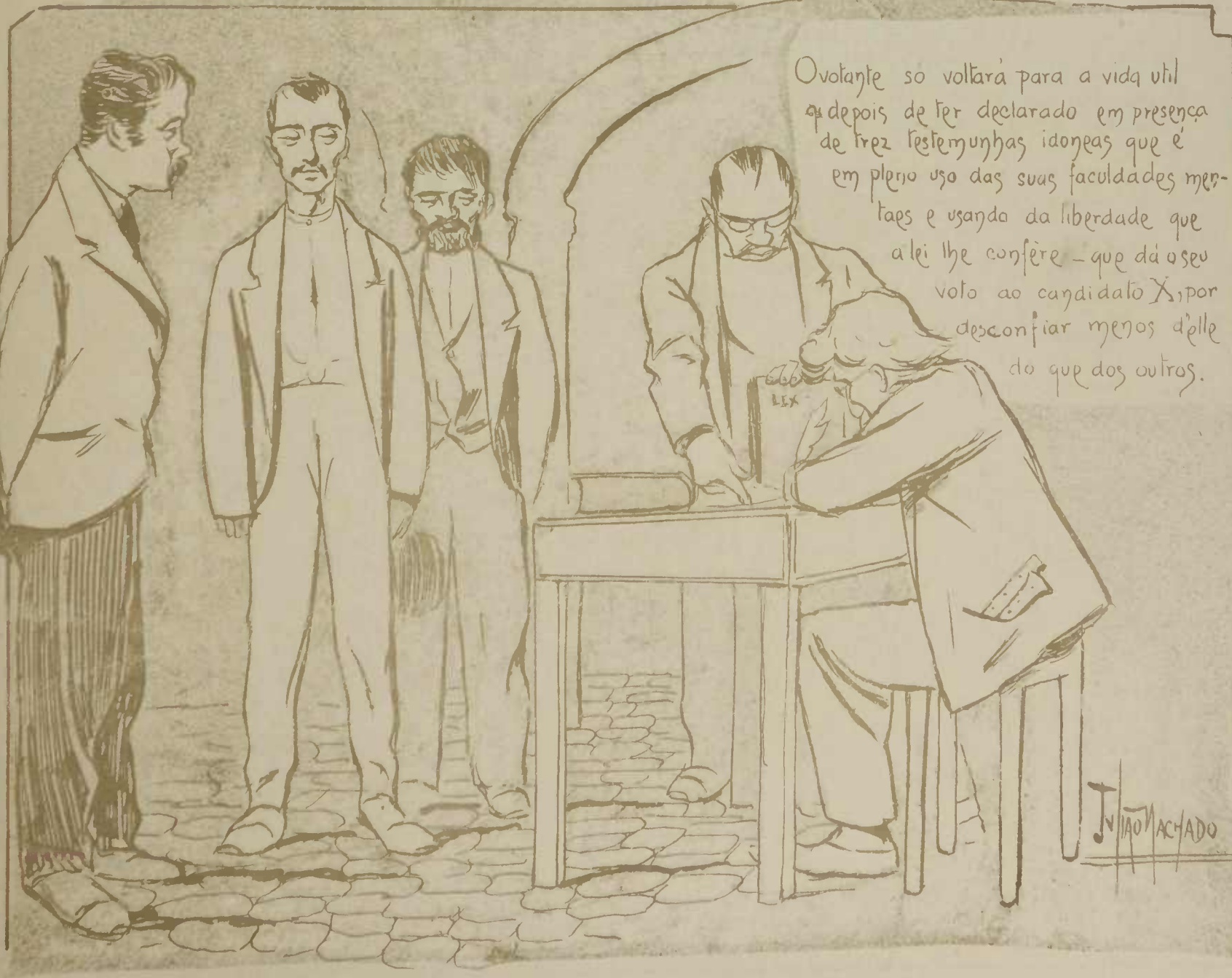
# O VOTO

« Foi hontém julgado objecto de deliberação, na camara dos deputados o importante projecto apresentado pelo Sr. Nilo Peçanha n'uma das ultimas sessões, e que obdece ao patriótico empenho de cercar o voto das mais seguras garantias contra a fraude ».

(O País, 3 de Dezembro)



que evitarão a todo o transe que beba o menor coq-tail ou qualquer liquido alcoolico, por ser o alcool propicio aos desvios da razão e da consciencia



O votante so voltará para a vida util q depois de ter declarado em presenca de trez testemunhas idoneas que e em pleno uso das suas faculdades mentaes e usando da liberdade que a lei lhe confere - que dá o seu voto ao candidato X, por desconfiar menos d'elle do que dos outros.

J. MACHADO



— III

— Não posso usar de termos mais recatados. Queira responder-me. Seu marido insiste no cumprimento dos seus deveres ou ambos...

— Sr. doutor!

— Então é elle que.

— Não lhe atire... toda a culpa!

— Ah! está explicado o caso. Ambos moços, ambos sadios... pensam que o mundo vai acabar... Não acaba. não; ainda... falta ainda muito tempo! E' preciso moderar esta... Compreende-me, não é?

— Mas... que é que eu tenho?

— Nada de grave, por enquanto. Não se alegre muito; as consequências podem ainda ser muito sérias, se não seguir o conselho que lhe vou dar... Um conselho, sim. Olhe, continue a ser uma esposa docil, obediente, carinhosa, mas não satisfaça todos os... Que diabo! não satisfaça todos os caprichos de seu marido. Dieta, rigorosa dieta, é de que a senhora precisa. Dieta de beijos e de caricias. De hoje em diante, divida as suas noites em duas séries: a série A e serie B.

Na primeira consinta em tudo.. Na segunda imponha uma certa privação ao seu esposo. Está nas suas mãos e é o melhor remedio para o seu estado. E' quanto lhe tenho a dizer. Lembre-se bem, série A e série B. N'uma, tudo; n'outra, nada! Se quizer, venha cá, d'aqui a um mez, para me trazer noticias do resultado.

\*\*

N'uma tarde de domingo passeava o Dr. Innocencio Velloso no Jardim Botânico, quando se encontrou face a face com a Rosinha pelo braço do marido.

Os dois estavam muito corados; riam-se como uns doidos...

— Bons olhos a vejam, exclamou o medico. Nunca mais me appareceu, já lá se vão cinco mezes... Como vai?

— Um pouco melhor.

— Seguiu o meu tratamento?...

— Pois sim! respondeu a Rosinha com uma enorme gargalhada, é excellente!

— Não lhe disse...

A endiabrada rapariga, não so poude conter, e com uma nova gargalhada acrescentou:

— Excelente! O diabo, Sr. doutor, é que, todas as vezes que nós queriamos ficar na série B... Não sei como... acabavamos na série A.

A. GASPARONI.

## STANCIAS D'UM LOUÇO

I

Recordo-me de ti, mal as palpebras cerro.  
Mal as palpebras cerro, a tua Imagem vejo;  
e surges, como outr'ora, em fulgido lampejo.

II

(Quem me arranca do pulso estes grilhões de ferro,  
estes grilhões de ferro, estes grilhões pesados,  
ac muro da prisão desde muito chumbados?!..

III

Tudo, em torno de mim, é Solidão e Treva!  
E' Solidão e Treva a masmorra onde vivo  
— miseravel galé! pobre negro captivo!

IV

A brisa para longe os meus soluços leva...  
Os meus soluços leva a brisa para longe...  
Soluços de Tristeza... agonias de Monge...

V

Já não existe Sol... O Mundo está vasio...  
O Mundo está vasio... A Noite sempre dura...  
Noite de Mansoléo... Noite de Sepultura...

VI

A Noite... a Escuridão... Néva... géla... faz frio...  
Néva .. géla... faz frio... Inverno frio e forte...  
... E' da Velhice o Inverno!... E' o frio da Morte...

*Figueiredo Simentel.*

## FLOR E FRUCTO

CANÇONETA

(MUSICA DE ABDON MILANEZ)

I

Foi Rosa o nome encantador  
Que me quiz dar o meu padrinho  
Justo é que para a mesma flôr  
Eu tenha extremos de carinho.  
Não ha quem d'isto idéa faça.  
Já é loucura verdadeira!  
Fatal paixão! Minha desgraça  
Nasceu no pé de uma roseira!  
Como a rosa em botão  
Eu tinha o coração,  
Annunciando a flôr.  
Bem se vê,  
Sim, porque  
Não conhecia o amor!

II

Mas, ai! a quadra virginal  
Não é de eterna florescencia ...  
Que succedeu? era fatal!  
A flôr abriu-se da innocencia.  
E ao mesmo tempo em que na vida  
Meu coração garboso entrava,  
Da bella planta estremecida  
Eis que o botão desabrochava!  
Tive no meu jardim  
E bem dentro de mim  
Alma e roseira em flôr,  
Bem se vê,  
Sim, porque  
Já conhecia o amor!



## III

Um pequenote vivo, audaz,  
Um dia assim me disse: O' Rosa,  
De te roubar eu sou capaz  
Na tua planta mais mimosa l...  
Logo depois eu reprehendia  
O rapazola cabisbaixo:  
— Colher a rosa poderia  
Sem a roseira pôr a baixo!  
O certo é que, afinal,  
D'ahi não veio mal  
P'ra mim nem para a flôr.  
Bem se vê,  
Sim, porque  
Assim, tudo era amor!

## IV

Porém de flôr, como de pão,  
Não vive n'este mundo a gente,  
E que do fructo ha precisão  
Vim a saber praticamente.  
O rapazola apaixonado  
Mais do que flôr p'ra mim não era.  
Foi, pois, em breve despachado  
Eu tinha o fructo á minha espera!  
E' bello respirar,  
A flôr; beijar, gozar  
Porém não basta a flôr.  
Bem se vê,  
Sim, porque  
Não é só isso o amor!

## V

Do amor submissa á dura lei,  
Por superior necessidade,  
Um bello dia desposei  
Certo doutor de meia idade.  
De minha mãe eu tinha ouvido  
Este conselho que é seguro:  
— Olha, pequena, que um marido  
Só sabe estando bem maduro!  
Buscar devemos, pois,  
N'uma união de dois,  
O fructo mais que a flôr.  
Bem se vê,  
Sim, porque  
— Sem fructo, adeus, amor!

## VI

— Mas a roseira? perguntaes,  
O caso seu que significa?  
— Da mocidade n'ella achais  
Comparação que tudo explica.  
Então? mais devo pôr na carta?  
Para o homem, como para o bruto,  
A vida é bella, a vida é farta,  
Quando ha na vida a flor e o fructo!  
Amar! amar! viver!  
E tudo está em ter  
Do fructo ao lado, a flor.  
Bem se vê,  
Sim, porque  
E' flor e fructo o amor.

Figueiredo Coimbra.

Os senhores tachygraphos do Congresso tem a mania de escrever em vez de:

— O Sr. X diz um áparte.

— O Sr. X dá um áparte.

Que grande cuidado na revisão para evitar esta bomba que a menor virgula pôde fazer estoirar:

— O Sr. X dá um, áparte.

## VIDA NOCTURNA

O acontecimento theatral mais importante d'estes ultimos dias foi o naufragio do *Urano*.

O Juca Florista sahio-nos o rei dos empresarios da America! Todos os generos de *réclame* estavam esgotados. Elle, sem olhar a sacrificios, lembrou-se de arranjar um naufragio e o conseguiu!

Vão ver agroa que enchente apanham os passageiros do *Urano*!

\*\*

Consta-nos que o intelligente empresario encommendou já uma revista que no final do 2º acto reproduzirá fielmente a scena do naufragio, representada pelos proprios naufragos.

\*

\*\*

No Eden-Lavradio tivemos a *Rainha* dos genios Vicente Reis e Azeredo Coutinho.

E' uma peça a que ha de acontecer o mesmo que aos bons cavallos: fazer uma bonita carreira por estar bem montada.

No desempenho dos papeis distingue-se um filho do empresario. Pae e filho são tambem dois genios.

\*

\*\*

A companhia Souza Bastos deu no Recreio Dramatico o seu ultimo spectaculo, e lá foi deliciar S. Paulo com os numerosos *Tin-tins* do seu repertorio. Parabens ao adiantado Estado.

\*

\*\*

Para commemorar o 255º anniversario da Restauração de Portugal, a companhia dramatica do S. Pedro representou os *Dous proscriptos*. Não consta que o Sr. conselheiro Thomaz Ribeiro protestasse em nome de seu governo.

Não sei para que servem os agentes diplomaticos.

\*

\*\*

A companhia lyrica está dando os ultimos spectaculos (iamos dizer *arrancos*.) Aproveitem, meus senhores, aproveitem, porque tão cedo não teremos outra. Já não ha doidos que se mettam a empresarios de opera no Rio de Janeiro. Demais, o cambio não parece disposto a abandonar o popular estribilho: Commigo é nove..

Sabemos de fonte insuspeita que o Sr. Sansone estava no firme proposito de suicidar-se; teve, porém, a franqueza, ou a franqueza, como quizerem, de communicar a sua triste resolução a alguns amigos, e estes o dissuadiram de fazer essa asneira.

D'esta vez a estação lyrica terminará sem derramamento de sangue. Antes assim.

JOÃO PILOTO.

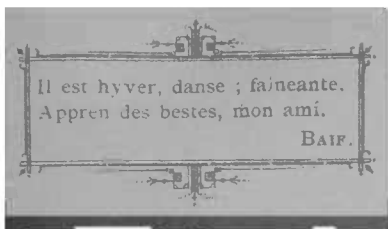




A *Carmen* foi cantada no Lyrico pela companhia Sansone com o brilho que era de esperar. A Sra. Sertori deu-nos uma *Carmen* um tanto... *ancha* — mas muito característica, concordemos! Os mestres da critica abstiveram-se de ofuscar o publico com a sua erudição, o que faz suspeitar que estão d'accordo sobre os *ds*, os *sis* e os *lds* do tenor e sobre o modo como o barytono cita o boi. No fim a *Carmen* é assassinada—e tão magistralmente que um hespanhol das galerias gritou em favor do tenor: *que se lá dê!*







# A CIGARRA

## CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

ANNO (52 numeros).	48.000
OUTO MEZES (até ao fim de 1895)	32.000
SEMESTRE (26 numeros).	25.000
TRIMESTRE (13 numeros).	13.000
NUMERO AVULSO.	1.500

Livre de porte para todos os paizes da União Postal.

As assignaturas, cujo pagamento será adiantado, começarão em trimestre regular.

ESCRITORIO e REDACÇÃO  
115 Rua do Ouvidor 115

HEBDOMADARIO illustrado por *Julião Machado*

Redacção de *Pedro Rabello*

Propriedade de *Manoel Ribeiro*

Direcção de *José Barbosa*

ANNO I

Rio de Janeiro, Quinta-feira, 12 de Dezembro de 1895.

N. 32

## A CIGARRA

Chamamos a atenção dos nossos leitores para as condições de assignatura que a Empresa da *Cigarra*, para satisfazer justas reclamações, resolveu alterar.



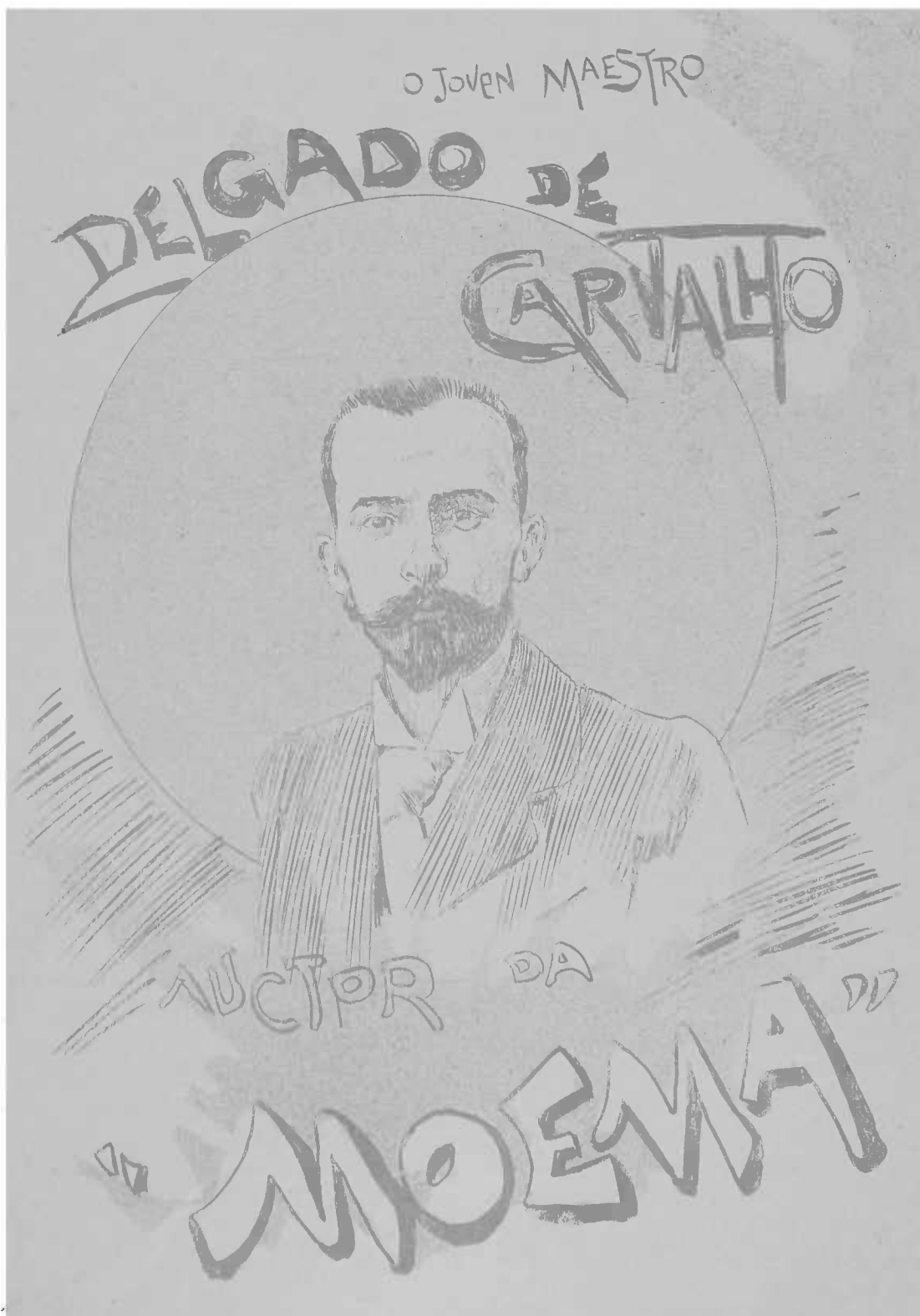
A empresa da *Cigarra* lembra aos srs. assignantes d'esta illustração que a 1 de Janeiro suspenderá todas as assignaturas que, terminando em 31 de Dezembro, até então não tiverem sido renovadas.



Para regularidade do serviço de administração da *Cigarra* pedimos aos nossos assignantes que conservem os recibos de assignatura e que quando tiverem de fazer reclamações, declarem o numero do recibo.



Toda a correspondencia de redacção deve ser dirigida a **PEDRO RABELLO**, director litterario, e todas as reclamações, pedidos de assignaturas, propostas de agencias nos Estados, e mais negocios relativos á gerencia da *Cigarra* devem ser tratados com **JOSÉ BARBOSA**, director-gerente.







Bate-nos a porta o Natal. Não é mais o Natal dos presepes, das consoadas, das Missas do Gallo — doce, poetico, inesquecido Natal

da tradição. E' agora um Natal a que a Civilização arrancou o chapéo de palha e o amplo costume alvo e leve de brim, e que se nos apresenta polido e gravê, cheio de *shake-hands*, de mesuras e de boas maneiras, de sobreca-saca e de cartola.

Já, á sua chegada, a alma nos não estremece de jubilo, nem na memoria se nos avivam recordações do que foi, ha precisamente um anno, aquelle suave Natal que passou. O tempo voa e a Civilização é inexoravel. Ha um anno dizia eu... Agora não ha só um anno; ha seis, ou doze, ou vinte. Debalde nos debruçamos do anno que corre para os que passaram, a ver se ainda lá descobrimos um pouco do que nos foi em certo dia a alegria maior. Os annos correm sempre, como um trem á disparada; e aos olhos de quem se deixou ficar á janella, a olhar para o caminho percorrido, mais e mais o terreno diminue, diminue, diminue...



Vocês sabem o que é um jantar de papas á portugueza? Pois ahi está como nós passavamos o Natal.

Com que delicia o não viamos chegar, vae para quatro annos. Elle tinha para meia-duzia dos nossos o esquisito encanto d'esses jantares com bacalháo de forno e com vinho verde de Basto, ao fundo escuro das tascas da rua da Uruguayana.

Galhos de mangueira pendiam das paredes, levantavam-se em arco, pelas portas, enchiam a casa toda de uma alegria e de um verde de campo, á sombra. E á entrada, nos largos, bojudos boiões de barro, castanhas assavam, estalando, rebentando de momento a momento.

Debochem-me, vocês que não sabem o que é um jantar d'esses. Debochem-me! Por mim, sempre lhes quero dizer que me vieram lagrymas aos olhos quando um Prefeito, homem de pequenina altura, irrequieto e trefego, feito de uma energia hysterica insufficientemente contida nas curtas dobras da sua sobreca-saca lustrosa e negra, arremetteu contra as tascas e deu cabo d'ellas a um golpe unico da sua poderosa e pesada durindana com que acabava de decepar uma celebre *Cabeça de Porco*.



Foi o Sr. Barata Ribeiro. Elle não admittia interior de taverna escuro, nem sem mesas envernizadas, nem mesas sem toalhas, nem toalhas que não fossem de linho, legitimo, garantido, e que não estivessem sem mancha.

E lá se foram as tascas, áquella postura que as mandou pintar todas, por dentro, e que lhes arrancou as folhas de mangueira e que lhes rasgou as paredes, para que a luz cahisse a jorros, do alto, e que as guarneceu de mesas envernizadas, em duas filas, como nos hoteis, e com toalhas limpas, ao contrario dos hoteis.

Foi-se-lhes todo o encanto. Agora, qualquer d'ellas tem o aspecto do « Restaurante do Papagaio » ou do « Grande Hotel de Pariz. »

Sierrot.

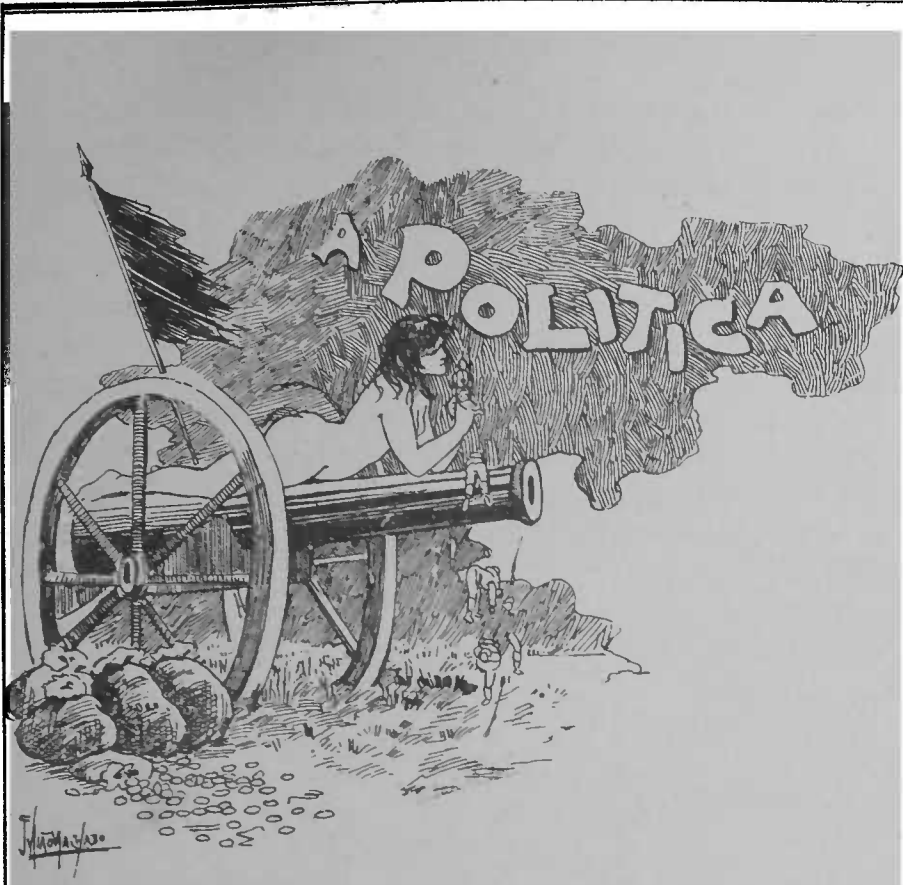


*A los toros!* foi a senha, no domingo ultimo. Não houve mãos a medir, para a venda dos bilhetes, nem para o recebimento delles; ou por outra, houve menos para os vender á porta, do que para os receber á entrada. Talvez por isso, por que eram insufficientes as mãos para a venda, não faltou quem se propuzesse comprar bilhetes a pontápés.

Dentro, na praça, foi um successo. Enchente á cunha, applausos, chamadas, ovações. Nem se devêra esperar menos do publico, attento o valor da *cuadrilla*.

O cavalleiro... Meus senhores, o cavalleiro é de tal ordem, que a muita gente lhe pareceu ouvir dizer, ufano, ao cavallo: — Assim ao menos, já vale a pena á gente deixar-se montar! »





Transbordaram da ultima semana para esta de que ora lhes fallo os trinta e quatro convites que publicou o *Jornal* para as missas pelo ex-imperador. Devem-se descontar desse numero os que lá apparecem repetidos, em normando e em redondo, o que é, porventura, meio para attrahir a attenção dos leitores re ractarios á politica. Pareceu por certo a quem quer que os mandou publicar, que um só poderia passar despercebido, e que em duplicata já o perigo de que se não lessem era naturalmente menor.

Mas não é dos convites, pelo seu numero, que ora lhes pretendo fallar. E' que, repetida em toda a lista delles, uma circumstancia me ferio muito particularmente a attenção. Na maioria, os convites insertos pelo *Jornal* denunciam uma tal e tão sincera unanimidade de vistas quanto ao modo de os redigir, que, se por acaso é igual quanto ao modo de entender a successão ao throno pelo Sr. do Grão-Pará ou pela Sra. D. Isabel, dá aos monarchistas fluminenses esta vantagem sobre os seus correligionarios paulistas — a de estarem todos plena e convencidamente de accôrdo para a campanha.

X

Veja-se, a começar do quinto convite, pela ordem de publicação no *Jornal*.

« Carlos de Laet e outros monarchistas, convidam para a missa... por alma do Sr. D. Pedro II, de gloriosa memoria »

« João Teixeira de Abreu faz celebrar, etc. por alma do imperador « de saudosa memoria ».

« Antonio José Alexandrino de Castro manda celebrar etc por alma do augusto finado « de saudosa memoria ».

« O barão de Miranda Reis manda resar, etc. por alma do magnanimo imperador « de saudosa memoria. »

« Terencio Leal Pimentel manda celebrar, etc... « de saudosa memoria. »

« Os monarchistas do bairro do Rio Comprido, etc. « de saudosa memoria. »

« Dr. João Fortunato Saldanha da Gama, etc. « de saudosa memoria. »

« Ernesto Thibau manda resar, etc. « de saudosa memoria. »

« Antonio José do Couto Junior manda resar, etc. « de saudosa memoria. »

« José A. C. Silveira manda resar, etc. « de immorredoura memoria. »

« O Dr. Francisco Augusto de Almeida e outros monarchistas, mandam resar, etc. « de saudosa memoria. »

O 33º convite ainda têm esta redacção — « Pelo descanso eterno da alma do grande patriota, « de saudosa memoria... » E' o que em eleições se poderia chapa batida.

X

Exame de direito constitucional na Faculdade Livre do Sr. França Carvalho :

— Perfeitamente. Agora tenha a bondade de dizer:— Que medidas de excepção pôde o governo empregar durante o sitio ?

— As medidas de excepção que o governo pôde empregar durante o sitio são duas — a Correccão...

— Como é ?

— Quero dizer, a detenção e... e...

— E ?

— E o dest.

— Hein ?!

— A detenção e o florianopolis.

Marcial.

## TÉNEBRAS

Porque mais te não vejo, mais te sinto  
Perto... Mais perto dos teus olhos ando.  
Diz-m'o não sei que delicioso e brando,  
Como os vagos instinctos, vago instincto.

'Stás perto, sinto-te... E de quando em quando,  
« Busca-a ! » — manda uma voz. « Busca-a ! » Consinto.  
E ando de labyrintho em labyrintho.  
Cégo, paredes humidas tacteando....

Quem me ha de os olhos descerrar ? Teus olhos,  
Pela doce alegria de trazer-m'os,  
Quem m'os ha de mostrar n'esta anciedade ?

E amontoam-me escolhos sobre escolhos...  
— Almas enfermas, corações enfermos,  
Qual de vós é que soffre esta saudade ?

Pedro Babello.

## AS EMPALMAÇÕES DO SANITARIO

— Mas como é que elles podem empalmar um homem !  
— Primeiro tiram-lhe os ossos todos, depois tapam-lhe a bocca, as ventas, os ouvidos, tudo emfim, e depois sopram a pelle. Estás percebendo ?

— Faço o possivel.

— Ora no momento opportuno desparafusam a rosca por onde sopravam, a pelle encolhe e a cousa faz-se como se fosse com uma luva descalçada.

— E por onde é que elles sopram ?

— Sei lá ! — Se o vento sahe por onde elles sopram, é claro que elles sopram... por onde o vento sahe !



# A FANTASIA

## A BESTA HUMANA



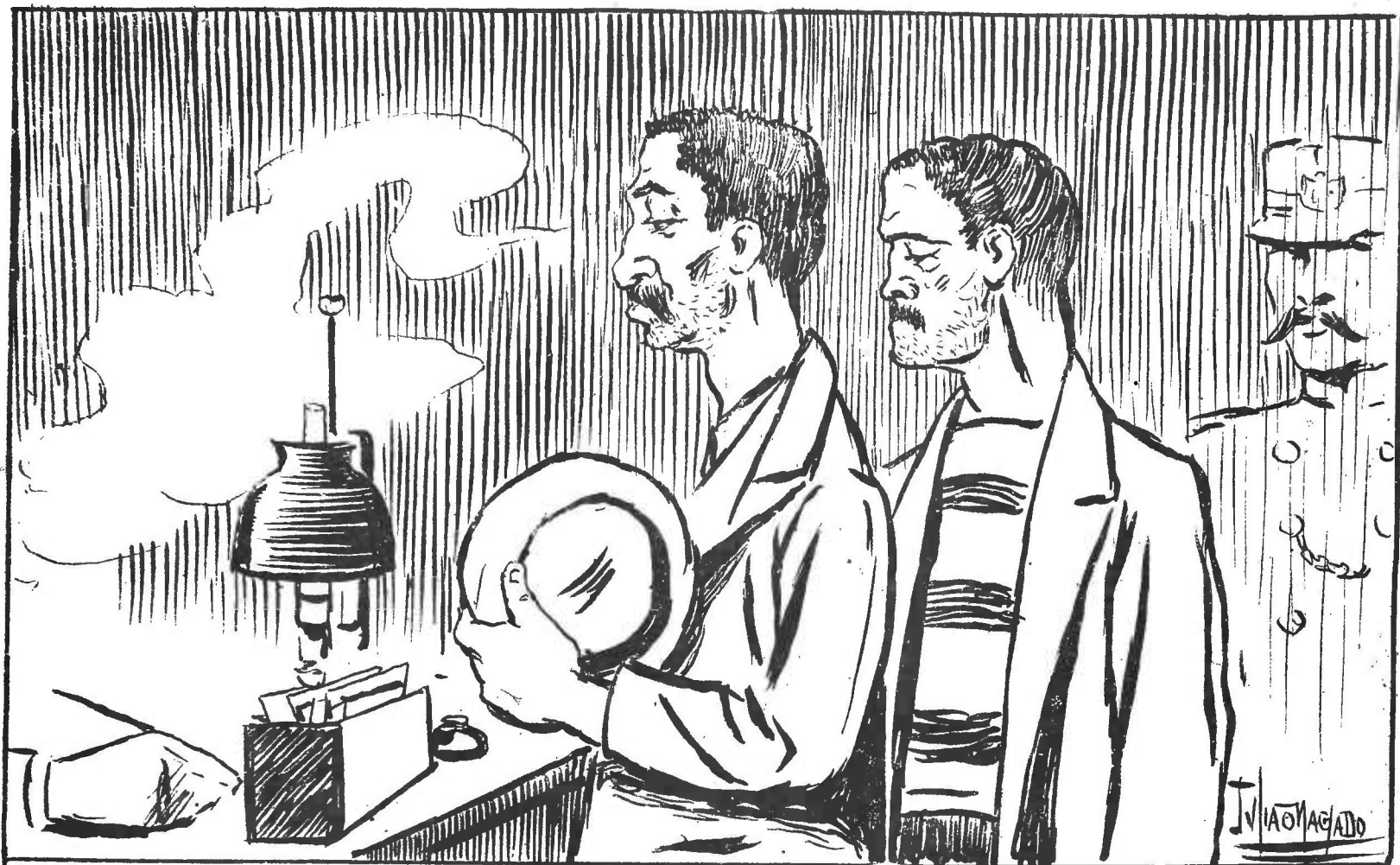
— Creal-o, eu?! *Lura!* Depois os senhorios não querem que a gente tenha creanças em casa.—



« Da casa da Detenção evadiram-se ante-hontem, ás 7 1/2 horas da noite, os sentenciados José Dias Fernandes e Angelino de Carvalho, aquelle condemnado a seis annos de prisão por crime de deffloramento, este condemnado a tres por tentativa de arrombamento.

Estando ambos ao serviço particular do Sr. Demetrio Temporal, administrador d'aquelle estabelecimento...

(Do País)



— Como estavam com medo do Temporal... a gente poz-se de capa. —



«Os gatunos assaltaram á noite passada o laboratorio de hygiene da faculdade de medicina».

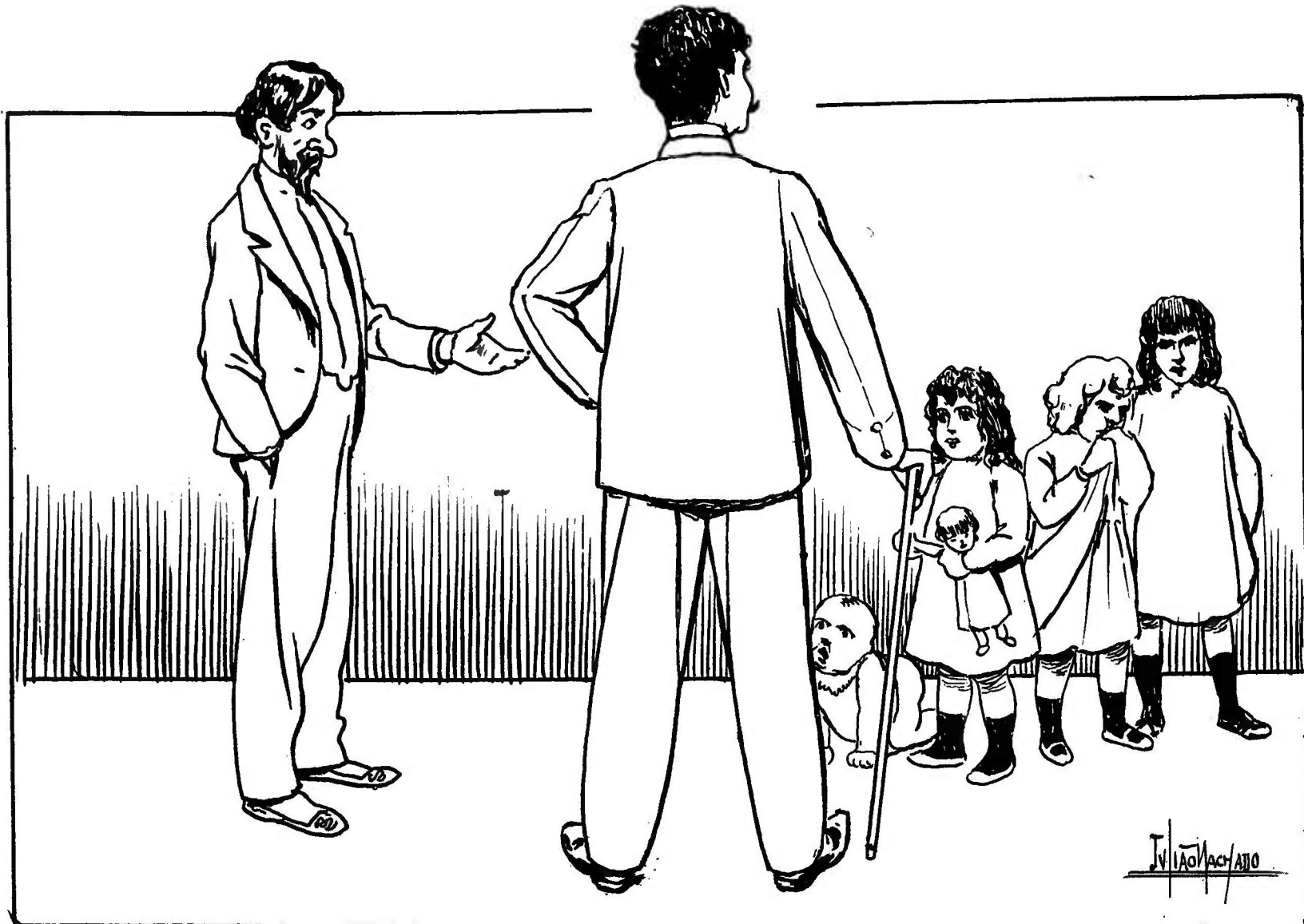
Não estão vendo a scena?

(Da Gazeta de Notícia de 10.)



## "TODAS FLORESCENTES"

(AO SR. REVISOR DO JORNAL DO COMMERCIO)



Pois, meu caro, d'isto é que se pôde dizer : — *todas florescentes e bem empregadas!*

(Da Gazeta de Noticias, de 9).

« Hontem ás 5 1/2 horas da tarde, na rua de Santa Luzia, o menor Antonio Ferreira Martins, de 13 annos de idade, dirigindo um gracejo ao portuguez Francisco Antonio Mesquita, no qual bateu levemente com uma bengala, foi por este gravemente ferido na cabeça com uma garrafa de leite que *condusiu* (o griphe é nosso) o que o fez cahir sem sentidos. O menor foi remettido para o hospital da Misericordia, sendo lavrado auto de flagrante contra o offensor ».

Afinal provou-se que a culpa não foi do Francisco Antonio mas da garrafa de leite que elle *condusiu* e que tomou o freio nos dentes.

### NOSSOS INTERVIEWS

Tendo acompanhado com o maior interesse a do... *mmant*, questão debatida actualmente pelos meus collegas Guanabarrino e Barboza e não sabendo até hoje qual dos dois tem razão, pelo labyrintho de argumentos em que se metteram, resolvi dar aos leitores da *Cigarra* a abalisada e esclarecida opinião de uma das mais distinctas *solistas* do nosso pequeno meio artistico.

Ante-hontem, pois, á tarde, fiz passar o meu cartão de visitas a M<sup>lle</sup> Olga de Roskoff, que não é uma desconhecida para o nosso publico. Estabelecida ha longos annos entre nós, essa talentosa professional tem feito as delicias do *tout Rio de Janeiro* scientifico, litterario, artistico e policial, fazendo de *la musique en chambre*.

Seu nome está feito de ha muito, o que torna desnecessarios mais longos commentarios.

Decorridos uns dez minutos, durante os quaes estivera a admirar a elegancia e o conforto da installação, assim como um rico *porte-biblot*, repleto de delicados presentes feitos por inumeros admiradores e alumnos (todos sabem que M<sup>lle</sup> Olga de Roskoff tem um curso n'esta cidade), appareceu-me a dona da casa, seguida de dois lindos e felpudos cachorrinhos brancos, dois animados flocos de algodão.

Logo que me viram saltaram-me em cima, afagando-me, lambendo-me as mãos.

M<sup>lle</sup> de Roskoff, sorriu-se da minha surpresa :

— O senhorr estar admirade desta réception, elles sont tan amorose e estar habituede a verr tante gente...

Depois de umas tantas banalidades, abordei o assumpto da



minha visita. E' preciso dizer que, para lhe facilitar o dialogo, eu declarara a M<sup>lle</sup> Olga de Roskoff que podia fallar em francez.

— Je suis enchantée de pouvoir mieux m'exprimer. Je trouve le portugais si difficile!

— Il y a, cependant, bien longtemps, que vous êtes parmi nous.

— Que voulez-vous? De la paresse. Et puis vos compatriotes, en général, parlent si bien le français. Ils adorent ma langue!

— En effet, elle est bien douce! Je n'en connais aucune meilleure pour la conversation.

Mais, me permettez-vous de vous rapeller le but.....

— Parfaitement. Vous désirez savoir mon opinion au sujet de la discussion entre les deux critiques. C'est une question demi..... comment vous dirai-je. ... pas tout-à-fait nette. Les points en sont obscurs. Il s'agit de savoir si le ténor a eu un do ou un si naturel. Entre nous, je vous dirai que ce si est devenu..... quelle scie!

— Mes compliments pour le double calembourg.

— Ce si à moi.....

— Encore!

— ..... ne me parait pas très clair. J'opine pour le do. J'ai travaillé longtemps sur le do. C'est une note des plus difficiles, elle exige beaucoup d'étude et de patience. Quand j' ai commencé mes études de clarinette — et vous savez si je suis forte aujourd'hui — l'échelle n'arrivait qu'au si. Je ratais toujours le do. Ce qui faisait dire à mon professeur, qui était italien: *Fa mi, si, il dó!*

— Et que me dites-vous de leur discussion sur l'instrument qui a fait votre réputation...

— Je préfère me taire.

Cela me mènerait trop loin. J' abomine les polémiques.

— Mais entre nous...

— Serez-vous discret?

— Autant qu'il me sera possible.

— Votre franchise me plait. Eh bien! vos fameux critiques n'en savent pas le premier mot! Quand et où ont-ils appris à jouer de la clarinette? Il suffit pour prouver qu'ils n'y connaissent rien du tout cette opinion émise dans un des articles; permettez-moi de vous la répéter en portugais: *o clarinete quante mais quante mais sobe de tom!!*

Mais, jamais de la vie! quand la clarinette est échauffée à ce point, c'est à dire quand elle a donné tout ce qu'elle avait à donner, la gamme en toute son ampleur, elle baisse sensiblement.

C'est ce que nous appelons *ralentando*....

N'este momento uma criada entrou annunciando a chegada do conselheiro X.

— Vous m'excuserez si je laisse là notre agréable conversation, disse-me então M<sup>lle</sup> Olga de Roskoff, mais voila l'heure des leçons qui recommence.

— Comment? le conselheiro X?

— Oui, il est veuf et il apprend pour se créer un pas-temps!

Despedi-me penhoradissimo, deixando a distincta profissional aos seus afazeres. Lastimei-a, entretanto. O termometro marcava 38° á sombra!

Farcem.

## VIDA NOCTURNA

Uma opera nacional! Oh! caso raro e digno de memoria!

Sobre o libretto *Moema*, de Assis Pacheco, libretto que não chega a ser precisamente um libretto, escreveu Delgado de Carvalho uma partitura que foi ouvida com prazer e até, digamol-o, com enthusiasmo.

Entretanto, não afoguemos n'um oceano de exagerados elogios um talento que surge. A musica de Delgado de Carvalho é bem feita, mas nada tem de original: a cada momento ouve-se uma reminiscencia... Por emquanto, só temos diante de nós uma grande esperanza que espero ver convertida em realidade.

A opera teve boa execução por parte dos artistas e da orchestra da companhia Sansone, mas a côr local foi muito sacrificada. *Moema* apunhala-se: não consta que o uso do punhal esteja adoptado entre os selvagens do Brazil. O sr. Rotoli deu-nos um indio barbado, tão barbado como um judeu de cartilha! E' verdade que a propria *Moema* tinha bigodes...

Os melhores papeis da sra. Bassi — já notaram? — são aquelles em que ella se pinta de vermelho: *Aida*, *Selika* e *Moema*. Ahi está uma cantora de quem não se pôde dizer: — Não a quero vêr nem pintada. — Antes pelo contrario.



A empresa do Apollo annunciando as *Sete maravilhas do mundo* e a do Eden annunciando a *Rainha dos Genios*, invocam ambas a opinião de Arthur Azevedo, que classificou as *Sete maravilhas do mundo*, como a rainha dos negocios, e a *Rainha dos Genios* como a 8ª maravilha do mundo.

Illudidos por esse testemunho, andam alguns espectadores indignados contra o gordo chronista, arriscado a pagar com uma tunda de pão a sua condescendencia.



Os naufragos do *Uranus* fizeram beneficio no Recreio com os *Lobos marinhos*, não porque sejam lobos, mas porque são marinhos, e lembram, por consequencia, o mar em que elles naufragaram. Boa idéa.



Os *furiosos* e os artistas que sabbado e domingo deram tiros no Variedades e no S. Pedro, acharam um meio muito simples de fazer dos *Dous proscriptos* ou a *restauração de Portugal* um drama novo: intitularam-no a *Restauração de Portugal* ou os *dous proscriptos*. No fim dá certo.

João Piloto.

(Do *Pais*, de 9).

«Hoje, na hora do expediente, é provavel que o sr. deputado Leovigildo Filgueiras, occupe a tribuna para tratar da exploração clandestina que lhe consta estar havendo nas areias do Prado».

Uma pequena pergunta, se não offende: — este caso não devia ser tratado por uma junta de medicos? Que têm que vêr os srs. deputados com a areia do Sr. Prado?



# À SEMANA ALEGRE



— Se eu te tenho dito que este jornal é só para homens.





# A CIGARRA

## CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

ANNO (52 numeros).	480000
OITO MEZES (até ao fim de 1895)	320000
SEMESTRE (26 numeros)	250000
TRIMESTRE (13 numeros)	130000
NUMERO AVULSO.	10500

Livre de porte para todos os paizes da União Postal.

As assignaturas, cujo pagamento será adeantado, começarão em qualquer epocha do anno e terminarão no fim de trimestre regular.

ESCRITORIO E REDACÇÃO  
115 Rua do Ouvidor 115

HEBDOMADARIO illustrado por *Julião Machado*

Redacção de *Pedro Rabello*

Propriedade de *Manoel Ribeiro*

Direcção de *José Barbosa*

ANNO I

Rio de Janeiro, Quinta-feira 19 de Dezembro de 1895

N. 33

## BRANCO E PRETO

# A CIGARRA

A empresa da *Cigarra* lembra aos srs. assignantes d'esta illustração que a 1 de Janeiro suspenderá todas as assignaturas que, terminando em 31 de Dezembro, até então não tiverem sido renovadas.



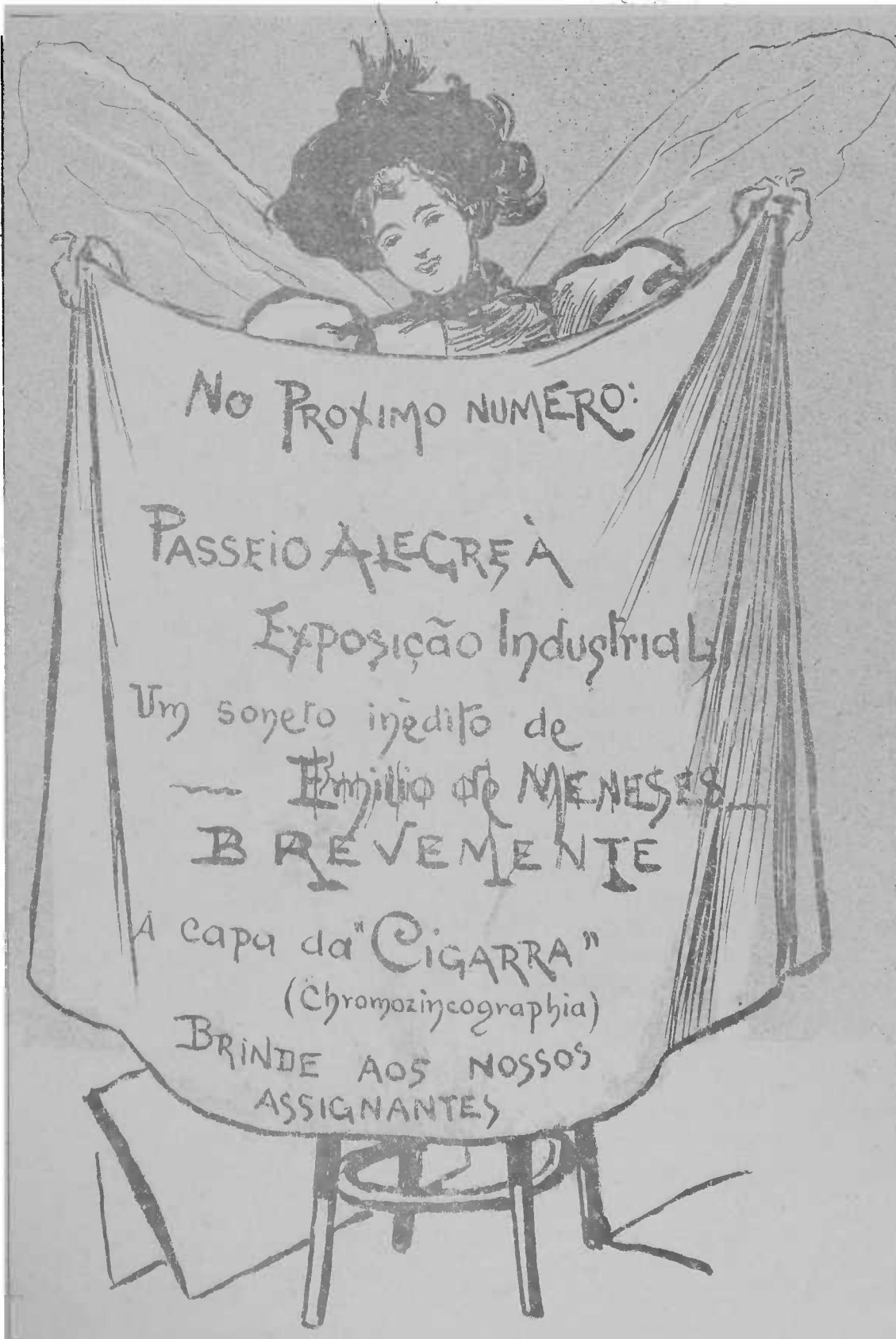
Chamamos a attenção dos nossos leitores para as condições de assignatura que a Empresa da *Cigarra*, para satisfazer justas reclamações, resolveu alterar.



Para regularidade do serviço de administração da *Cigarra* pedimos aos nossos assignantes que conservem os recibos de assignatura e que quando tiverem de fazer reclamações, declarem o numero do recibo.



Toda a correspondencia de redacção deve ser dirigida a PEDRO RABELLO, director litterario, e todas as reclamações, pedidos de assignaturas, propostas de agencias nos Estados, e mais negocios relativos á gerencia da *Cigarra* devem ser tratados com JOSÉ BARBOSA, director-gerente.







Vae para duas semanas, ahi n'uma confeitaria da moda— porque eu affirmasse entre uma empada e um Villar que, com effeito,

é uma bella cousa a Vida, e que, verdade, verdade, não se me dava de poder estar sempre alli, a ver passarem as horas e as mulheres; e porque toda a gente em roda, concordasse em que, realmente, a Vida ainda é o maior beneficio com que nos favorece o Senhor — notei que ao meu lado, abanando silenciosamente a cabeça, como um protesto, havia um homem de negro, desolado e tristonho, respirando aborrecimento pelo mundo.

Tudo nelle nos infundia piedade e respeito. E então, vi-mo-o arredar a ca-leira, chegar-se um bocadinho para nós, e dizer assim arrastando as palavras, como se tambem ellas estivessem aborrecidas de viver:

— Bella, a Vida? Que idade tem o meu amigo? Vinte annos, aposto. Pois é uma choldra, meu caro senhor; é uma choldra!

A gente levanta-se, almoça, vem para a rua, anda, volta para casa, janta, deita-se... Que mais? Sempre isso, iumutavel, eterno, fatal. Não ha uma cousa que nos saccuda os nervos, que vibre, que traga uma sensação nova á gente. Nada! nem uma grande explosão de dynamite, cinco quarteirões incendiados, uma conflagração européa... Nem um terremoto, meu caro senhor; nem um simples terremoto! E' uma choldra! Ah! se nós ao menos pudessemos pôr este mundo de pernas para o ar!



Estou d'aqui a fazer idéa do jubilo que lhe ha de ir agora n'alma, se é que ao seu modesto tugurio ainda chegam exemplares de jornaes. Em boa verdade, o facto de que me acaba de trazer noticia o *Jornal do Brasil* não é prova de que o mundo se proponha dar já a cambalhota que o meu desolado amigo deseja; é, entretanto, um grande passo para a Suprema Perfeição. E, além de tudo, demonstra que ás velhas praxes e á convenção em que tem assentado tuda, ha dois milhares de annos, succede agora o Espirito Moderno, reformador das antigas sociedades pacatas e com caruncho.



Que é que diz o *Jornal do Brasil*? Diz simplesmente isto, n'uma local — que o Sr. Fulano, roubado por dois industrioses, tendo levado a sua queixa á policia, foi preso e recolhido ao xadrez. Porque? Para não ser tolo, acrescentam, porventura,

as partès policiaes. Perdõem-me que as traga para aqui; faço-o não só attendendo ao extraordinario do facto, mas porque encontro nelle materia para considerações.

Esse caso lembra-me o *Commissario de Policia*. Recordam-se? Dizia o roubado: — « O ladrão fugiu; eu apitei e fui preso ». E logo o commissario intervinha: « Pois é isso mesmo; quem apita é porque quer ser preso, quem foge é porque o não quer ser. » Parece-me estar agora assistindo á reproducção da scena, e á consequente entrada da victima para o xadrez.

Mais alguns dias, e ter-se-ha invertido o noticiario dos jornaes. Dir-se-há, por exemplo: « Ficou hontem detido para averiguações o Sr. Eduardo Ribeiro da Silva, por haver deixado abertas as portas da casa em que reside á rua Tal. » Ou então: — « Ismael da Costa foi recolhido ao xadrez, gravemente offendido. E' homem de mãos costumes; já ha tres mezes levou quatro pontapés sem reagir. » Ou ainda: — « Não descansam os papalvos! Hontem foi preso mais um, por se ter deixado roubar em 2:500\$. E' preciso que a policia se recorde de que os Srs. gatuños não têm tempo nem para o necessario repouso ».



Haverá então, uma nova galeria policial, onde em cada um dos retratos, o distico respectivo se terá amoldado ao Moderno Espirito da época. Será, verbi-gratia, Fulano, ar ingenuo de pacovio, com estes dizeres — « *Perigoso; roubado duas vezes por semana!* » Um outro mostrará ao publico estupefacto, o letreiro seguinte: — « *Manoel dos Santos, nacional, armazem de pancadas!* » E grossos punhos de homens valentes e fortes indicarão na galeria esta ou aquella miseranda figura amarella de homem esbordado: — « Vê o senhor alli aquella cara de tísico, com dois lanhos no nariz? Pois desta mão lhe sahiram elles... Ah! que s'o pilho! » E a humanidade terá caminhado para a Suprema Perfeição.

Deuses de misericordia! — dado que a Civilização attinja a esse adiantado gráo, que vae ser de nós outros, homens fracos, pallidos fluminenses, incapazes de responder com um murro á petulancia de quem quer que nos entenda levar o relógio, deixando-nos de cara á banda? — á banda e quebrada, naturalmente para que, partida a cara, ainda nos saia mais cara a partida.



Outra noticia.

Não sei bem onde foi que á li; foi, porventura, no *Paiz*, ou na *Gazeta*, ou no *Jornal do Brasil*. Que sei eu? Os jornaes são tantos, e a minha memoria é tão fraca!

Mas não perde o caso por isso. Trata-se de um negociante que tem em casa um extraordinario *stock* de mercadorias. Dia e noite, corre-lhe a freguezia para lá, amontoa-se, pede reclama, exhibe dinheiro. E nada!

O extraordinario *stock* não se vende porque — é o jornal quem o diz — o dono delle sabe que, com os novos impostos de Janeiro em diante o que já lhe está depositado em casa dará o bonito lucro de 300 % para mais.

Aperto d'aqui a mão a esse honrado negociante. Os generos do seu negocio viéram-lhe por bom preço, a um cambio favoravel; vendidos pelo preço que tem hoje dariam de sobra para capital e lucros... Outro negociante qualquer, brasileiro ou portuguez, dar-se-hia pressa em vendel-os, desde que ha tanto quem os reclame e tanto quem se proponha pagal-os á vista. Elle não. Elle não deixará que lhe saia de casa uma unica das mercadorias do *stock* que possui.

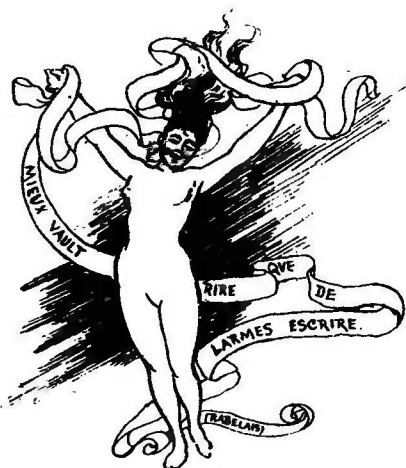


E quando Janeiro vier e os novos impostos se cobrarem vendel-os-ha com 300 % de lucro, e fallará, lacrymoso, do cambio, e insinuará que, de tudo aquillo, o culpado maior, se não é a Republica é, pelo menos, o governo do Brasil.



Esse negociante é certamente inglez. Não conheço senão os inglezes que tenham geito para isso. Rata britannico que seja, porém, ou que não seja, aperto-lhe d'aqui a mão honrada, habilidosa mão leve e lampeira que de Janeiro em diante nos promette vir dar uns passeios ao bolso. Aperto-lhe a mão, não porque, comprimindo-a, lhe pretenda impedir a pratica da louvavel acção a que se atira e é desgracadamente prevista pelo codigo penal; mas porque, — e é com vergonha que o digo — em toda a minha existencia de assiduo leitor de jornaes, nunca se me deparou caso como esse em que o impudor e o cynismo tão desfaçadamente se apresentam ao publico.

Tenho dito.



*Sierrrot.*

## ISCARIOTE

Pampanos fóra, biblicamente nús caminhavam sob o pallio azul do céo franjado d'oiro. Parado o olhar n'uma ternura de extasis, Satan, o Iscariote primévo, Satan, grande no Mal.

Eva pousou a cabeça no hombro de Adamus; sentia o odor de um corpo masculino. Elle, indagando da causa do seu pesar, viu no olhar da mulher a delicia do primeiro goso, o rócio da primeira lagryma.

Abraçaram-se, uniram-se para ser fortes na dor.  
Peccaram.

A noite cahiu, pesada como um anathema. Adamus viu, reflectido no olhar da mulhér, o olhar de Satan. A Tréva gerou, para espreital-os, a estrella — grande pupilla luminosa, a brilhar d'entre as palpebras da noite, a luzir diabolicamente, como uma luxuria que se accende em olhos raiados de sangue.

Quando accordaram do extasis já o rebanho ethereo das nuvens, conglobado na vastidão do campo azul, assignalava o limite do Paraiso perdido.

A terra e o céo fecharam-se como uma ambula immensa, para o mysterio da transfiguração.

A lagryma de Eva irisou-se, tornou-se flor. Da flor, gerou-se o fructo.

Maldita flor!

Maldito fructo!

*Collatino Barroso*



## VENTUROSOS

Mal desponta a manhã vamos juntinhos  
Correr as alamedas do castello,  
Atraz das borboletas e dos ninhos,  
Ao sol tão louro como o teu cabello.

E, curiosos, riem-se os visinhos  
Dos teus extremos e do meu desvelo  
Porque somos dois meigos passarinhos  
Que a ventura prendeu ao mesmo élo:

Tu vives para mim unicamente.  
Eu só perto de ti me sinto forte  
E julgo-me feliz e omnipotente;

Predisse um anjo a minha e a tua sorte,  
Pois vae crescendo o nosso amor ardente.  
E vivemos n'um céu, antes da morte.

*Alvares de Azevedo Sobrinho.*

Da empreza do « Paiz » recebemos o brinde que este collega distribue aos seus assignantes de anno — *O Paiz Illustrado*. Para encarecer o merito d'esta brochura bastaria citar os nomes dos escriptores e artistas que n'ella collaboraram. Outras publicações o fizeram, com a vantagem de ir a um publico mais amplo a noticia dada.

Por isso, limitar-nos-hemos a agradecer aos nossos distinctos collegas do *Paiz* a gentileza que dispensaram á *Cigarra*, e a apresentar-lhes as nossas felicitações pelo exito absoluto da edição do seu brinde.



Não foi só a boa escolha do gado o que houve a notar na tourada de domingo. Uma outra circumstancia é igualmente digna de nota.

Destá vez, as sobrecasacas foram em numero insignificante, e houve por toda a praça uma larga profusão de flanelas, de brins, de leves e diaphanas toilettes de verão.

Realmente, olhem que sobrecasaça para uma praça de touros merece, pelo menos, uma péga de cara, com o direito de opção por um par de ferros curtos.



## COMO ELLAS SE ARREGAÇAM

Toilettes pretas; penteado caniche; largo cha péo preto de plumas pretas, véu preto de *pontillé* grosso e sapato branco—tão branco que a gente ao vê-la supõe que ella por distracção sahira á rua em palmilhas de meias.

Passa ligeira, e olhar sempre em frente—Entretanto no labio vai constantemente esboçado um sorriso que se define e logo se apaga as portas das ourivesarias de nomeada.

Ao vê-la atravessar a rua, segura, no seu andar um tanto secco mas senhoril, ella lembra-me, não sei porque, uma firma commercial muito acreditada.



A IBSEN (!)

Tecidos claros, muito claros e muito leves, chaço titan em que ha todas as cores d'uma airo-guina; sapatos amarellos; véu branco. 20 annos e duzentos mil réis de *chicote*. De tanto copiar o gesto de certa *estudante* chegou a adquirir o mesmo embonpoint. Os peralhas da rua do Ouvidor quando ella passa segredam-se coisas e olham-na demoradamente até que desaparece na volta d'uma esquina ou na porta d'uma confeitaria. E como ella sabe que ha olhares que a seguem, persistentes, cingidos mais a sãta, a mão bem firme sobre o quadril redondo.

SANS FAÇON.

Cheia, muito cheia. Pallidez em desaccordo com a exuberancia do espiralho. Aos cantos dos olhos, uma rede de pequeninas rugas que o pó d'arroz e o véu quasi escondem. Olheiras que parecem reticadas a pincel.

Quando ella apparece os homens murmuram um nome d'homem muito conhecido na politica ou nas finanças d'na vinte annos. Só vem á rua do Ouvidor para fazer concertar as joias—coetas do grande homem—do bom tempo... d'antes quebrar que torcer.

J. V. ALMEIDA



## AS LUVAS DOS SRS. SENHORIOS

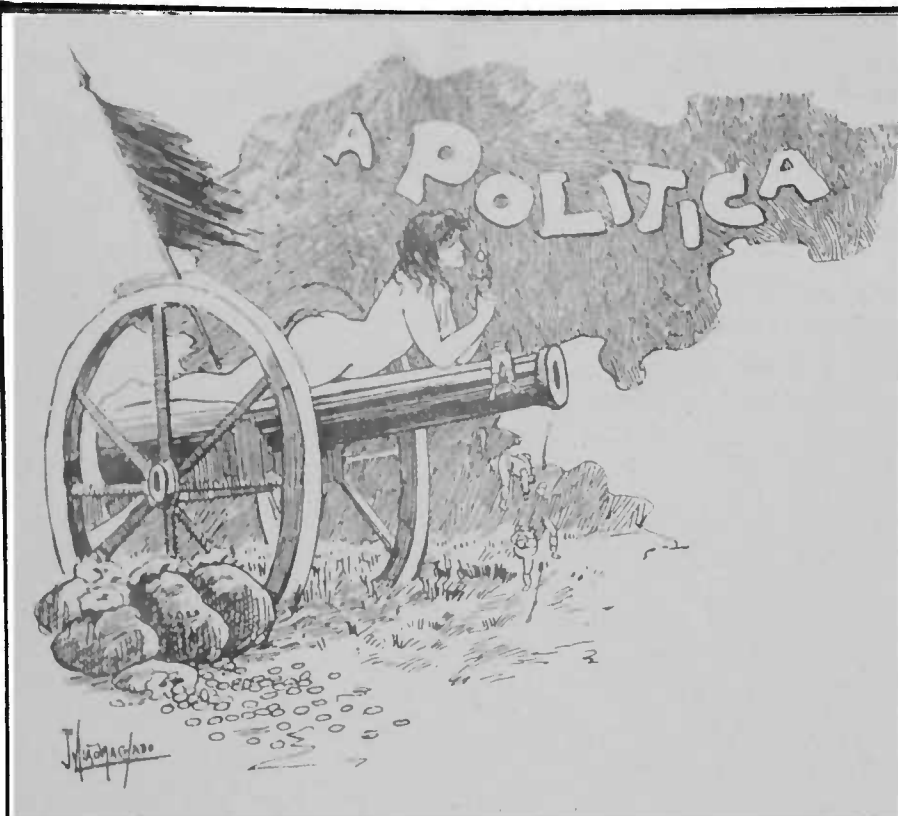
Alguns Srs. proprietários inventaram agora um meio de constringir a corda na garganta dos inquilinos e consiste em dividir a locação em aluguel e luvas.

O proprietário estabelece na carta de fiança: • alugo por 40\$ mensaes e mais 50\$ de luvas. Comprehende-se o alcance da coisa: o homem embolsa-se dos 90\$ e os recibos rezam apenas 40\$000...

(Do País de 17)



-50+000\$ de luvas, por mez! Onde se lê luvas, leia-se botas: -custando cada par 25+000\$ ..."dá certo!"



Leio que, ha quatro dias, no momento mesmo em que o Sr. Glycerio se sentava, depois de haver atirado á Camara a sua velludosa palavra fluente, um velho caboclo exclamou, subito das galerias :

— Isto é inqualificavel! E' ignobil!

Não nos diz o jornal a quem eram particularmente dirigidas as palavras do velho — se ao discurso, se ao orador.

O que accrescenta é que o pobre diabo, mal as acabára de pronunciar, foi posto fóra por dois continuos vigilantes, e— aqui fallo eu — voltou a guardar os jacarés de bronze da estatua do largo do Rocio.

×

Não vos está a entrar pelos olhos quem é esse velho caboclo que por tal fórma se dirige ao chefe do partido republicano federal?

Ha muito tempo que elle supporta, calado, tudo quanto lhe infingem de humilhação e de vergonha.

Tem aturado muito, pacatamente, servilmente, como um burro de carga que não é.

Agora chegou o seu dia. Envervou um paletot de alpaca subiu as escadas da Camara e, — zás — tome lá você para o seu tabaco, general!

×

A semana foi caipora para o Sr. Glycerio. O Sr. Valladares fel-o explodir a proposito da indemnisação aos bancos regionaes.

O caso recorda-me uma pilheria do Ney.

« Que foi aquillo? » perguntaram-lhe, alludindo a negocio em que o Sr. Glycerio se envolvera.

E elle, logo :

— Nada... Uma explosão de chico-glycerina!

ℓ. S.

### LIVROS NOVOS

Collatino Barroso distingue-nos com um exemplar dos *Anathemas*, o seu bello volume de estréa. São oitenta paginas cheias de originalidade e que affirmam o talento do sympathico escriptor.

Estão publicadas as *Festas do Natal*, de Mello Moraes Filho, desse operoso Mello Moraes que é a tradição em pessoa e a quem já tamanhos serviços deve a nossa litteratura mais positivamente *nacional*. O volume lê-se com prazer. *A Cigarra* agradece a gentileza da offerta.

—\*

G. do *Jornal do Commercio* annuncia para breve uma collectanea nacional, exclusivamente composta de trechos em prosa e verso, originaes de escriptores brasileiros vivos. E' seu auctor o Sr. Max Fleiuss, que foi ha algum tempo o director d' *A Semana*, desta capital

Será, portanto, o volume de estréa do Sr. Max Fleiuss. Pessoas que o conhecem affirmam que elle revela poderosas qualidades de analyse e de observação.



ℓ.

### AO ABANDONO

Como cahindo vão pelas quebradas,  
Tombando das escarpas dos rochedos,  
Os echos das cantigas namoradas  
É as flôres dos silvedos;

Como cahem, ás vezes, pela sésta,  
Na terra ardente as aves sequiosas,  
E, no outomno, dos ramos da floresta  
As folhas rumorosas;

Como cahem dos plátanos despídos  
Quando approxima a frigida estação,  
Pelos braços do vento saccudidos,  
Os ninhos pelo chão;

Como cahem as noites silenciosas  
Depois que o sol nas aguas se extinguiu,  
Como cahem as petalas das rosas,  
O seu amor... cahiu.

E como todo o aroma á flôr desmaia,  
Como desmaia um raio de luar,  
E róla e desfallece pela praia,  
Em ondas, todo o mar;

Como em noites de inverno, luctuosas,  
Das nuvens sob o escuro e denso véo,  
Se apagam as estrellas luminosas  
Na abobada do céu;



Tal como expira um cantico de festa,  
Ou como, pela tarde, ao pôr do sol,  
Se ouve morrer na sombrá da floresta,  
A voz d'um rouxinol;

Comô acaba depressa aquelle enleio  
D'um sonho em que a noss'alma adormeceu,  
E fenece a esperança em nosso seio,  
O meu amor... morreu.

Alvaro de Castellões.



## VIDA NOCTURNA

O *Marquez de Pombal* ou a *expulsão dos jesuitas* é o titulo, ou por outra, são os titulos de um drama representado no Recreio Dramatico por uma companhia também dramatica, sob a direcção do 1º actor comico Leonardo. 1º actor comico é o programma que o diz.

Está visto, meus caros senhores, que sendo a companhia dirigida por esse 1º actor comico, não pode o nome d'elle deixar de figurar nos annuncios em typo mais graúdo que o de todos os outros artistas; assim: LEONARDO!



Não me parece que o festejado creador do *Fandanguassú* tinha direito a essa distincção typographica, pois nem ao menos é naufrago do *Uranus*, como os seus collegas. Enquanto estes se debatiam com as ondas, elle embarcava tranquillamente n'um paquete que não naufragou nem nada. A que vem, pois, o typc graúdo?



Não assisti á representação do *Marquez de Pombal* ou a *expulsão dos jesuitas*. Não ha dever profissional que me obrigue a commetter actos de desespero.

Entretanto, pela simples leitura do annuncio, os leitores podem ficar edificados — e de pedra e cal — sobre o valor da peça:

No 1º acto ha uma scena de grande effeito em que Anas-tacia, a doida, deita fogo á casa de D. José (se fosse á Casa de S. José, lá se ia parte da Exposição Industrial!); no 2º acto se apresentam as razões pelas quaes o marquez é obrigado a expulsar os jesuitas do reino; no 3º os jesuitas combinam-se para assassinar o marquez; no 4º a doida mata o provincial — hoje diz-se o estadoal — dos jesuitas; no 5º fica o povo a vêr navios; — os navios que levam a bordo os jesuitas.

As cabelleiras são fornecidas pelo antigo cabelleireiro Coimbra.



O papel de Sebastião José de Carvalho e Mello, conde de Oeiras, depois marquez de Pombal, é desempenhado pelo actor Guilherme de Aguiar Filho, que eu já conheço de outros papeis.

Felizmente esse artista não estava a bordo do *Uranus*. Felizmente, digo, porque elle, apesar de ser filho de peixe, não sabe nadar.



O Apollo fez duas *reprises* que ninguem, absolutamente ninguem reclamava:

A opereta a *Ponte do diabo* é bem representada mas não é uma boa peça; a opereta os *28 dias de Clarinha* é uma boa peça mas não é bem representada.

Só se comprehendem taes *reprises* pela necessidade, que tem a companhia, de arranjar repertorio para alguma excursão projectada.



O Medeiros continúa a bombardear-nos com os seus tiros. Entretanto, a fortaleza do Variedades anda agora um tanto desprovida de canhões.

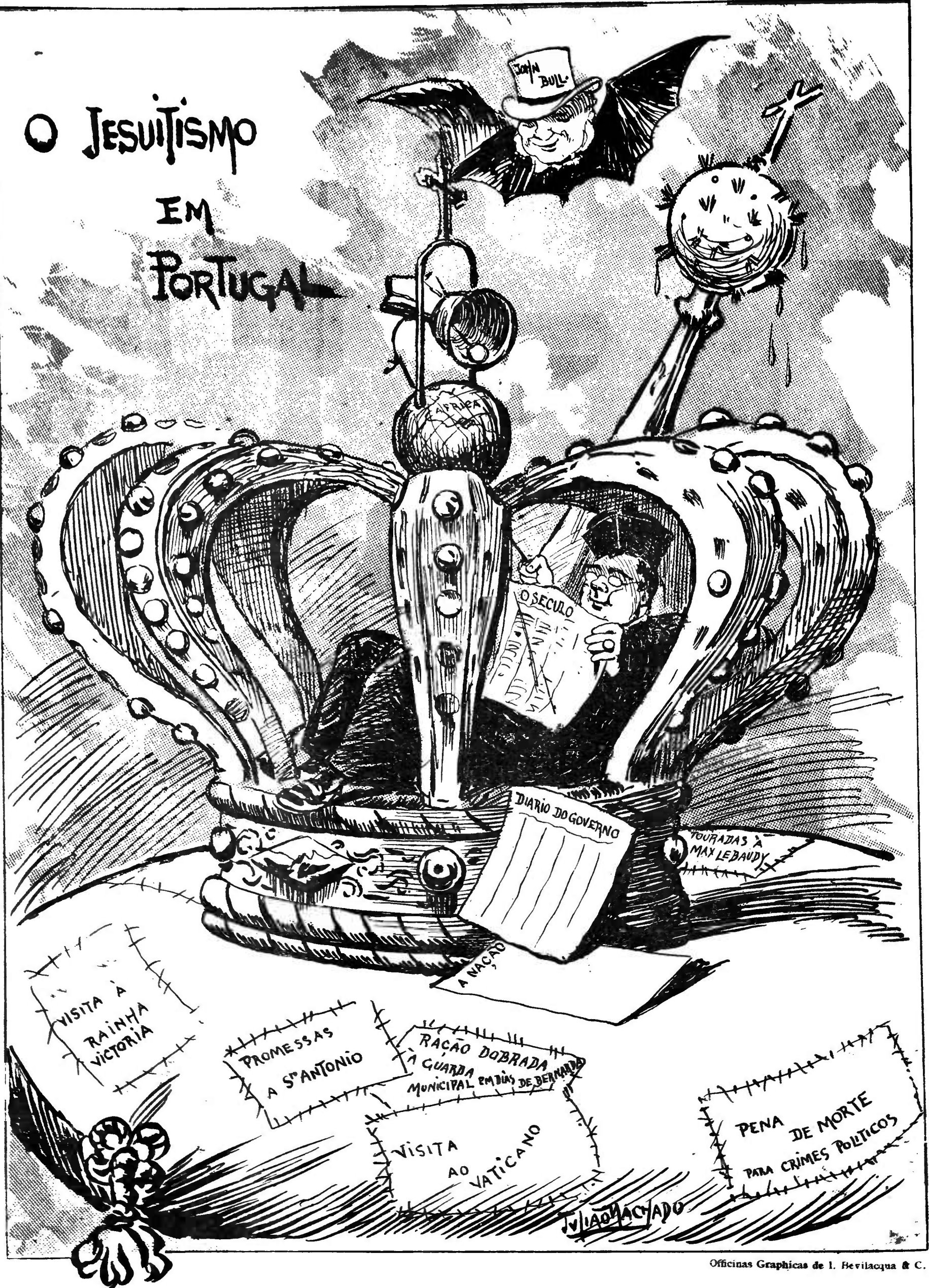


Chegou uma companhia de Zarzuelas para o Recreio. Espero que traga coisa mais nova que o *Jugar con fuego* e o *Campanone*.

João Piloto.

# O JESUITISMO

## EM PORTUGAL







# A CIGARRA

### CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

ANNO (52 numeros).	480000
OITO MEZES (até ao fim de 1895)	320000
SEMESTRE (26 numeros).	250000
TRIMESTRE (13 numeros).	130000
NUMERO AVULSO.	10500

Livre de porte para todos os paizes da União Postal.

As assignaturas, cujo pagamento será adeantado, começarão em qualquer epocha do anno e terminarão no fim de trimestre regular.

ESCRITORIO E REDACÇÃO  
115 Rua do Ouvidor 115

HEBDOMADARIO illustrado por *Julião Machado*

Redacção de *Pedro Rabello*.

Propriedade de *Manoel Ribeiro*

Direcção de *José Barbosa*

ANNO I

Quinta-feira 26 de Dezembro de 1895

N. 34

## A CIGARRA

A *Cigarra* dá as boas vindas a *Angelo Agostini*, o talentoso e querido artista do *Don Quixote*.



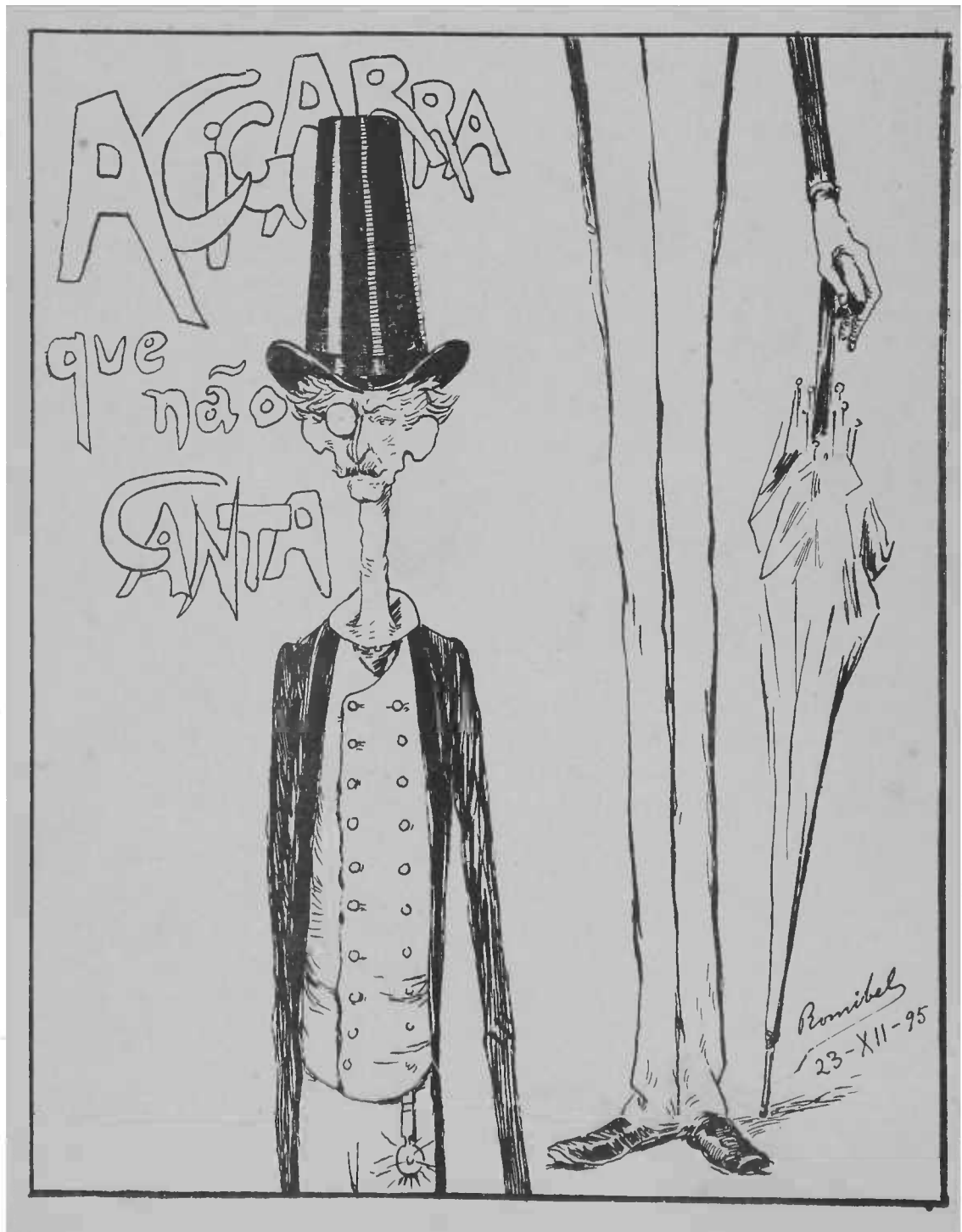
A empresa da *Cigarra* lembra aos srs. assignantes d'esta illustração que a 1 de Janeiro suspenderá todas as assignaturas que, terminando em 31 de Dezembro, até então não tiverem sido renovadas.



Para regularidade do serviço de administração da *Cigarra* pedimos aos nossos assignantes que conservem os recibos de assignatura e que quando tiverem de fazer reclamações, declarem o numero do recibo.



Toda a correspondencia de redacção deve ser dirigida a **PEDRO RABELLO**, director litterario, e todas as reclamações, pedidos de assignaturas, propostas de agencias nos Estados, e mais negocios relativos á gerencia da *Cigarra* devem ser tratados com **JOSÉ BARBOSA**, director-gerente.





Monrøe enche a semana; Monrøe, o da Doutrina Celebre, Monrøe, o da estatua no largo da Lapa — incompleta uma, ainda não

levantada a outra. Ditoso americano, esse, que com uma unica phrase ruim enche todo o final de um seculo pleno de cousas transcendentales e graves.

« A America é dos americanos » é a doutrina do protectorado. Ha longos annos que ella nos aborrece os ouvidos, como um desconjuntado realejo. E como se tamanha serra não bastasse, já o chauvinismo indigena, á imitação do *jingoismo* de lá, entendeu fazer della a sua estrellada bandeira de combate. Quer dizer, traduzindo ao pé da lettra o pensamento de Monrøe — na opinião delle e dos que lhe repetem a phrase, a America, Brazil inclusive, pertence de direito aos americanos do Norte.

E' fresca, a doutrina! E entretanto, parece acceita até pela representação nacional.



Não ha aqui logar para a politica, nesta primeira columna; mas sempre lhes quero dizer que ainda me não chegára idéa de exquisitez semelhante a essa de um paiz fraco que se congratula com uma Nação forte por haver mettido o bedelho em questões com que nada tinha a ver.

Attendam a que essas questões se são hoje as de Venezuela, podem ser amanhã as d'aquelle mesmo paiz prodigo de cumprimentos e de felicitações por atacado.

A muita gente se affigura que o acto de Cleveland não excede os limites de uma simples manobra eleitoral.

E' caso por discutir. O que é fóra de duvida é que o presidente Cleveland foi ainda mais crespo do que o presidente Crespo, de Venezuela.



Registraram os jornaes o caso de um perigoso Abalo, não perigoso abalo de terra, mas famigerado Abalo, da terra. E' a segunda vez que esse nome vem á tona, trazido pelos anzões da policia.

Abalo é spirita e cura *de minimis*, ao contrario dos pretres. Pequenas enfermidades, mazellas insignificantes, vocações erradas, amores ainda não correspondidos accodem-lhe á casa, a buscar o remedio santo da agua que elle benze e que é in-

fallivel dada a conveniente Jòse de fé!

Tanto como é a fé que salva, na agua que Abalo vende é tambem a fé que cura; se não cura, elle encolhe os hombros e lava d'ahi as suas mãos. Não curou porque não havia fé. E' claro como agua, e, francamente, já se me affigura um caso liquido, sem embargo de melhor opinião.



Natal!

Não sei que estranho encanto lhe encontro; mas adoro-o. Quando esse bello dia rompe, a alma toda se me innunda de uma consoladora luz suave que predispõe para a Alegria e para o Bem.

Ahi está elle, Natal querido, um pouco mudado do que era ha uma dezena de annos, mas ainda assim dando-nos ao espirito aquella mesma deliciosa sensação de outras épocas. Bemvindo seja o Natal!

Pierrot.



FRIO...

Noite. Pouco a pouco desce,  
Desce a neblina do céu...  
Nenhuma estrella apparece,  
E ha tanto que anoiteceu!

Noite. Tiritam lá fóra  
Os homens e os passarinhos...  
Com que amorosos carinhos  
Esperaremos a aurora!

Noite. Que frio o que deve  
Gelar-te... Chega-te mais!  
Lá fóra ha flocos de neve  
Suspensos pelos beiraes.

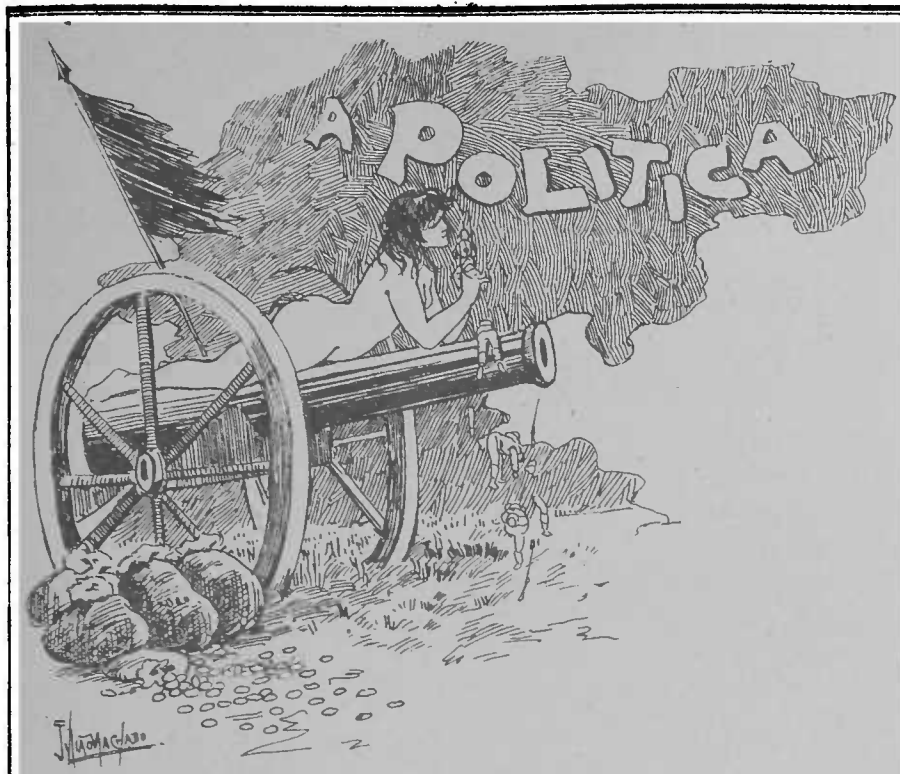
Noite. Osculo-te o cabelo  
E ardes, e dizes: — « Sou tua! »  
Nem parece que ha na rua  
Tantos pedaços de gelo...

Noite... Que esplendida noite!  
Que tem que o vento a bramir,  
Venha e as janellas açoite,  
E passe, e torne inda a vir?...

Noite. Estreitemos os laços  
Que nos magõam e prendem...  
Noite... As estrellas se accendem...  
Como são quentes teus braços!

Pedro Babello.





INDA aos meus olhos avidos se não desenrolára o quadro animado de um *meeting*.

Alma ingenua que sou, eu imaginára para elle o amplo scenario de uma praça, inundada de sol, onde se amontoasse toda uma multidão bellicosa e berrante.

Ao centro, sobre um pedestal de estatua, de pé, cabelleira ondeando ao vento, o orador; frenetica, borbulhando-lhe aos pés, a massa anonyma, poderosa e inconsciente.

Por toda a praça, uivos, applausos, imprecações, protestos — um ullular de alto Oceano em furia, uma agitação de vagalhões erguidos, subito, e cahindo do alto, com fragor.

X

Illudido que andava eu! Ha cinco días, n'uma roda, disse-me um camarada:

— Vamos ao *meeting*?

— *Meeting*? Pois hoje ha um *meeting*?

— Ha... — e o meu camarada tirou o relógio — A esta hora deve estar fallando o Nicanor.

Olhei em torno, a ver se os outros concordavam com a idéa.

— Concordo — disse um.

— Concordo — affirmou outro.

E foi então, eu respondi:

— Coneordo plenamente.

E fomos ver fallar o Nicanor.

X

Deserta, a praça. Agarrado á estatua do patriarcha da Independencia, um homem energico vociferava, suando. E tinha uns gestos largos, e dizia umas cousas fortes...

Perto, abrigados ao guarda sol que um delles, mais alto, sustinha, quatro homens ouviam o discursador violento.

Mas, nisto, o homem que fallava berrou esta phrase — « A America é dos americanos! » e parou, extenuado. Parou e pescou. Desceu e veiu para o grupo.

O grupo batia palmas. O homem perguntou assim:

— Que tal?

— Acachapaste-os!

E deram-se os braços e foram-se, com estas palavras:

— Agora, vamos passar o telegramma.

X

Nós ficámos á espera do *meeting*. E porque eram cinco e meia e o jantar esfriava em casa, um dos nossos lembrou que talvez nos houvessemos enganado de local.

E fomos ao despachante dos bonds:

— O amigo póde nos informar se não é aqui que ha hoje um *meeting*?

— Um que?

— Um *meeting*.

— Ah! o *mitingue* já foi!

— Já foi? Perdão! Nós estamos aqui ha duas horas.

— Pois se estão ha duas horas, viram-n'o. Foi alli ao pé da estatua... Que elle, p'ra bem dizer, não veiu cá o povo; foram-n'o os jacobinos.

— Ah! Então um homem que estava alli agarrado á estatua...

— Pois esse é que era o *mitingue*.

— Com um grupo ao lado, debaixo de um guarda-sol...

— Sim senhor... Que até desta vez, foi o que teve mais gente.

L. S.

## LES DIEUX S'EN VONT

SANTO nome de Deus! Porque será que essas e outras velhas rias têm tanto cabimento assim, como agora, quando se quer fallar do que hoje em dia nos succede? *Les dieux s'en vont...* Pobres de nós, os sentimentalistas; já não temos a nota festiva e alegre dos dias santos cahindo em meio á frieza implacavel da semana, turbando a monotonia dessa meia duzia de dias uteis, trazendo uma nota alacre áquella estupidez dos calendarios... *Les dieux s'en vont*, e — ai de nós! — vão se com elles os nossos dias de festa; fuge nos o Natal, fuge-nos o Anno Bom, fuge-nos a Paschoa...

*Desgraçados de nós, os sentimentalistas.*

Desgraçados de nós, com effeito. Olhamos para o que inda nos resta e já não vemos senão a aridez das commemorações officiaes — pobres diabos de commemorações misturadas ahi a uns tres dias de festa e que andam agora a fingir que são os nossos dias de gala. Temos agora apenas os dias em que se illuminam os edificios publicos, e em que se dão salvas, e em que se embandeiram em arco os navios surtos no porto. Não mais o dia da festa em familia, toda ella reunida no lar, sem o terrivel espectro do desconto nos ordenados — doce e expontanea commemoração do Natal, tocante festa da Paschoa, singela festa de Anno Bom...

\*

Agora abrem-se as secretarias — seja embora Natal, como hoje é; abrem-se as meias portas que rangem e que se costumavam unir nos dias santos para contar uma á outra o segredo das patotas amontoadas lá dentro. Correm-se os reposteiros novos talvez postos alli para metter figas á velhice das mezas. Entra o primeiro servente, mangas arregaçadas, espanador em punho. Na parede, ao alto do encosto da velha cadeira de molas do chefe, o calendario expõe a todas as vistas o seu horror de chromo ordinario. E o primeiro servente que chega rdianta-se, e vae direito a elle, e ao contrario de lhe arrancar a peste do chromo, arranca-lhe uma folha, mais uma, das trezentas e sessenta e cinco folhas que têm as datas do anno, e põe a descoberto uma pobre data qualquer que já foi uma data memoravel.

Sentimentalistas, ai de nós!

Fosse em outro tempo e essa pobre data memoravel ficaria para alli, muito bem occulta, á espera de que todos gosassem o nosso dia de festa, sem o maldito desconto nos ordenados. Fosse em outro tempo, e os serventes estariam em casa, de mangas arregaçadas — é exacto — mas sem o espa-



# AS SERPIAS

Foi pelo mar em fora. A recurva trirreme  
 ampla, em prata, estendendo um rastilho d'espuma,  
 leva, leguas além, a aurea canção que geme  
 da harpa que cantia em nas cordas, uma a uma.

Vibra sempre a canção; adelgaça-se a bruma;  
 Surge a lua e o luar à superfície treme  
 do mar, que a essa canção, em colo, a vaga apruma,  
 extreme de paixões, de coleras extreme.

Tão humano é esse canto, à proa, soberano,  
 e os golphins e dragões sorrem-lhe o echo em tal dose,  
 que pouco a pouco vão tomando o aspecto humano.

Cessa, brusco, a canção e as serpias em rima  
 quedam pasmas de ver essa metamorphose:  
 - monstros do ventre abaixo e deusas do ventre acima.

(Dos 'Versos Antigos')

EMILIO MENEZES



## PAGINA A CONCURSO

Premio: uma collecção dos numeros da *Cigarra* publicados até hoje.

— O que trarão os reis magos para os proprietarios d'estas botas?

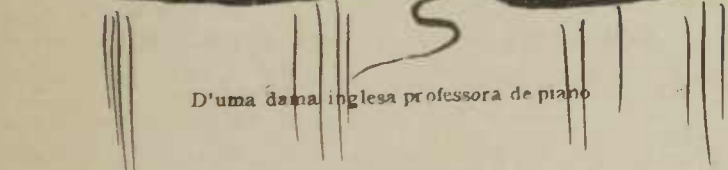
Enviar as respostas em carta fechada á Redacção da Cigarra.  
Tem preferencia — As respostas acompanhados de desenhos.

D'um logista darua dos Ourives



D'um empregado da Intendencia

D'uma dama inglesa professora de piano



D'uma actriz de revistas



D'um conego



D'um estudante de medicina

nador e sem a obrigação de desfolhar o calendario de chromo indecente. *Les dieux s'en vont*, e, agora, o que nos resta é o recurso das commemorações officiaes, com as luminarias e com os embandeiramentos em arco e com as salvas de artilharia.

—\*

Santo nome de Deus! Porque será que a gente vae assim, pouco a pouco, dia a dia, minuto a minuto, cahindo no prosaismo de todos os dias uteis. Pois então já não basta, deuses de misericordia! pois não é então bastante que tenhamos de ler o *Brasil*? Pois ainda é preciso mais do que aturar, no theatro, o sr. Vicente Reis?

E ahí está. *Les dieux s'en vont*. Partem com elles os nossos dias de festa, foge nos o Natal, foge-nos o Anno Bom, foge-nos a Paschoa. E, além de tudo, abrem-se as secretarias. Ai de nós, sentimentalistas que somos; pobres de nós, amanuenses de repartição publica! Porque a verdade é que nós não somos nem sentimentalistas, nem nada; somos amanuenses, ora ahí está — amanuenses que têm ha cinco annos,— para seu eterno supplicio — o terrivel espectro do desconto nos ordenados, aborrecido e ruim, muito mais aborrecido do que o *Brasil*, muito peor do que todas as producções do sr. Vicente Reis.

Diabolino

## A TORRADA DE DOMINGO

Foi o diabo!

Como o curro foi máo, isto é, como os touros não foram sufficientemente bravos para proporcionarem aos afficionados todas as commoções a que tem direito cada varão civilisado que paga 4\$000 (se vae para a *sombra*) ou 2\$000 (se vae para o *sol*) e como, por isso, a tarde ia expirar em bocejos:— uma duzia de espectadores, dos *entendidos*, encheu-se de brio e saltou para a arena com o unico fim de provar isto: — « se ha touros tão pacatos que, mesmo n'uma praça, affectam as maneiras correctas dos homens civilisados, tambem ha homens civilisados que, mesmo n'uma praça, se portam com a selvageria dos touros... intransigentes. Entretanto, existe esta atenuante para o boi que despedaça trincheiras: — *elle defende o seu lombo*, o que reputo absolutamente respeitavel. Os cavalleiros que quebraram trincheiras e cadeiras, que nunca lhes perteceram, só podem justificar-se pelo empenho de se *desferrarem* dos 2\$ ou dos 4\$000 dispendidos. o que me parece profundamente ridiculo.

Se os touros não *cumpriram* — ( como por lá se diz ) — a culpa, parece claro! — é apenas dos touros. Ora se é absolutamente precisa a Vingança — ( o prazer dos Deuses ) creio que mais coherentes se teriam mostrado os srs. *entendidos* se em vez de desfazerem as trincheiras em palitos, desfizessem os bois em *beefs*...

SS. SS. teriam ganho com isso, pelo menos, o almoço e o jantar do dia seguinte e a probabilidade de não assistirem senão a touradas boas — porque é de prever que o lavrador receioso de tornar a chorar sobre os ossos descarnados do seu curro, tratasse de abrir *um curso especial de bravura* em que se adexassem os touros destinados ao divertimento de SS. SS. nos domingos á tarde.

Calderon.

## VIDA NOCTURNA

QUERIDOS leitores, eu desobedeceria aos sacrosantos dictames da minha consciencia, se vos dissesse que é de primeira ordem a companhia de Zarzuela que estreou no Recreio Dramatico; entretanto, ella não me parece indigna da protecção do publico fluminense, que não tem, actualmente, coisa melhor que o attraia...

A menos que deseje passar as noites no Velodromo Nacional (decididamente não escrevo *Belloidromo*), onde, entre seis ou sete corridas, ha sempre uma sem *malu*.

Estamos, finalmente, diante de uma obra-prima de theatro: o *Burro de carga!* — mas uma obra-prima de semsaboria e de ineptia...

O auctor, que se assigna com o pseudonymo de *Victorio Matta*, é, provavelmente, o mesmo do *Holophote*, a celeberrima revista de 1893, representada no Polytheama.

Esse *Burro de carga* é um sendeiro tão reles, que nem o luxo dos arreios o salva!

Não nos admira que haja um homem para escrever semelhante enfiada de babozeiras; admira-nos, porém, que haja uma empresa que a ponha em scena, despendendo contos e contos de réis, um artista de talento que se preste a ensaiar-a, um compositor intelligente que lhe deite musica, uma companhia que se sujeite a representar-a, e, finalmente, um publico que tenha a paciencia de ouvir-a até ao fim!

Quer, nos parecer que, com a sna peça o *Victorio Matta*... a empresa do Lucinda.

Reabriu-se o Eldorado com espectaculos de cançonetas, trabalhos de acrobacia, etc.

Apresentaram se diversas *demoiselles*, a *melhor* das quaes nos pareceu mlle. De Dracy.

Mlle Delormel é muito magra e não é bonita, e Mlle. Placida é muito gorda embora não seja feia. Esta *demoiselle* aqui ha uns quinze aunos não cantava (antes pelo contrario); mas, se não se exhibia em nenhum café-concerto, era, em compensação, um delicioso café-com-leite.

Não mencionámos os artistas do sexo barbado, porque estes naturalmente não interessam aos *habitués* do Eldorado...

Uma innovação que aconselhamos á empresa é indicar, para commodidade do publico, a residencia das *demoiselles* servindo-se, para esse fim, do pequeno cartaz que ao lado do palco annuncia o nome da *chanteuse*.

Por falta d'essa indicação, uma d'ellas recebeu ante-hontem os seguintes versos, mettidos entre as flores de um bello ramilhete:

« Amor, do meu affecto não duvides!  
Tem compaixão de mim, de mim tem dó!  
Manda dizer-me a casa onde resides  
E a hora em que te posso encontrar só. »

Faço votos para que a empresa do Eldorado tenha muito boas noites... e todas floresentes.

João Piloto.

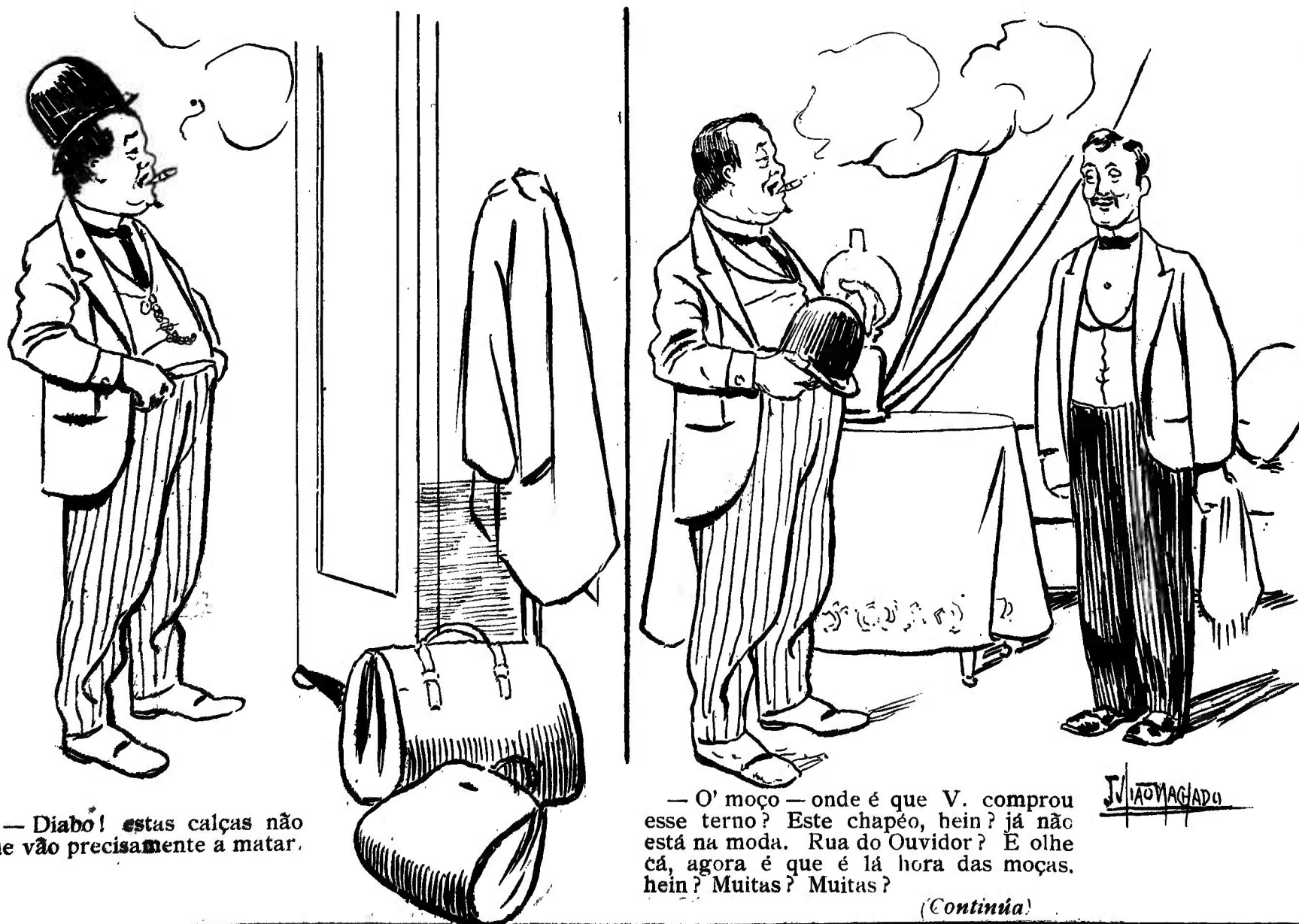


# A VIAGEM ALEGRE À EXPOSIÇÃO INDUSTRIAL



O Sr. X operoso e abastado cultivador de Cantagallo chega fresco e alegre à capital expressamente para visitar a Exposição.

— E' longe? E' tudo luz electrica como dizem os jornaes? E moças? muitas? muitas?



— Diabo! estas calças não me vão precisamente a matar.

— O' moço — onde é que V. comprou esse terno? Este chapéo, hein? já não está na moda. Rua do Ouvidor? E olhe cá, agora é que é lá hora das moças, hein? Muitas? Muitas?

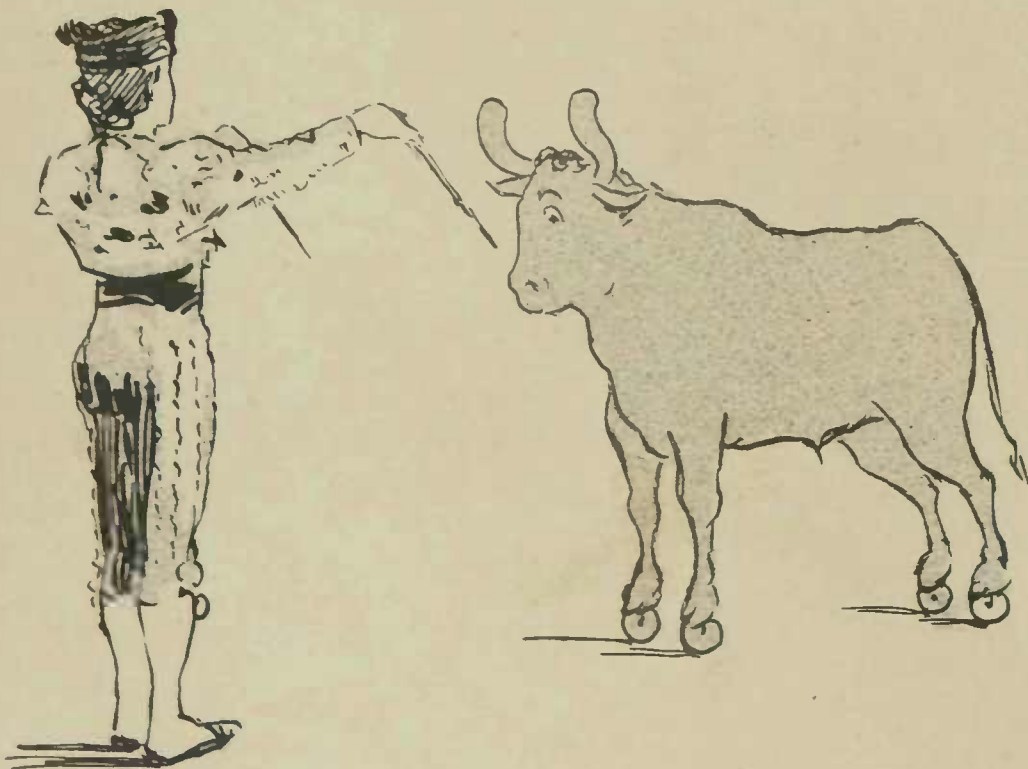
J. V. MAGALHÃES

(Continúa)

## NOS TOUROS



A gente vê-os na praça depois da embolacão e diz:  
 - Com aquelle had de ver-se azues, os toureiros. E com aquelle?  
 E então, com o outro? Hum! vamos ter uma tarde de boleões!



Mas sôa o clarim e a fera sabe com o ar de quem diz: - Bem te conheço!  
 Se o bandarilheiro insiste, ella ficase a reflectir: "se avanço mettes-me  
 esses páosinhos no lombo! No lombo!! Se não for n'um olho! E depois? Por mais  
 lambada que eu te dê as garrochas é que eu não tiro... Cego, talvez, para o  
 resto dos meus dias... As tradições da raça? Lérias! Valem bem a pena!.."  
 Se o homem torna a insistir: ella não hesita - safase e grita pela mãe.  
 Ora, um toureiro, antes de tudo, é um homem. Não ha nenhum que não se commova!









Pompeia... Ora ahí está um cadaver que era indiscutivelmente nosso. Roubaram-no-o, emtanto. O jacobinismo do Sr. Frederico Bor-

ges e do Sr. França Carvalho deu-lhe uma tão alta significação politica, que não houve senão abandoná-lo á vigília dessa guarda rubra do partidarismo intolerante. Nossas demonstrações de saudade e de amor pelo irmão morto tiveram que se circumscrever assim ás columnas estreitas dos jornaes.

Notaram entretanto que lhe faltou, na viagem para o tumulo, a romaria piedosa de tantos que com elle viveram na larga camaradagem do jornal e do livro. Sobrou-lhe, porém, a representação apparatusosa do elemento radical. Fizeram do nome d'elle uma bandeira de reacção. E na Camara, com umas phrases a que a religiosidade do momento se opporia, dada a ausencia do sentimento politico extremado que as dictou, o Sr. Medeiros e Albuquerque propoz que pela morte do Pompeia se inserisse na acta um voto de profundo pezar.

Um deputado disse-me, logo que a Camara adoptou a proposta do Sr. Medeiros e Albuquerque: — « Você não acha que é direito? Essas manifestações não podem ser só para os politicos... » E todo elle respirava protecção á arte indigena, amizade pela litteratura e pelos nossos. Fiquei a rir da ingenuidade que o meu caro amigo me suppunha.

Pompeia teve em acta da Camara uma manifestação de pezar pela sua morte. Por que? Por haver escripto o *Atheneu*? Não os considero tão ingenuos como áquelle deputado se affigurava que eu o fosse. O que a Camara do Sr. Glycerio fez a Raul Pompeia foi pagar-lhe a divida para com elle contrahida, n'uma agitada tarde lugubre e violenta, em pleno cemiterio de S. João Baptista da Lagoa.

O que o Sr. Medeiros pretendeu — e um jornal de facção o auxiliou nisso — foi atirar com o cadaver de Pompeia, ainda quente, á face do Sr. Prudente de Moraes.

Pompeia cahiu esmagado por uma campanha para que lhe faltava a força de resistencia.

Tinha talento de sobra para ella, vivacidade no ataque, armas terriveis, das quaes a menos poderosa não era por certo a sua penna adestrada e brilhante. Se aggreidia punha toda a força no ataque; feria largo e fundo. Mas o minimo golpe do adversario, quando lhe visasse a honra, atirava-o inutilisado, pelo chão.

Caracter intemerato, impolluto, sem jaça, essas qualidades de brio e de honra inatacaveis eram-lhe por uma contradicção o ponto fraco para a campanha. Atacal-o nellas era ter seguranças de exito pelo bem aproveitado do golpe, pela profundidade da ferida. Pompeia soffria com isso todo o incalculavel tormento, toda a dor amarga de as vér postas em duvida á face de uma sociedade que « poderia não estar convencida » de que elle fosse realmente o homem de brio e de caracter que era.

Aggressão desse genero foi a que soffreu n'um dos seus ultimos dias, em artigos de um jornal de S. Paulo — tres artigos de Luiz Murat, violentos, porventura crueis, todos cheios de uma ardente paixão politica, escriptos, pelo menos, com o direito que dão os longos mezes de tortura e de carcere. Artigos de combate. para serem respondidos com artigos de combate. Pompeia esqueceu, porém, que a época é de tamanha lucta politica que já todas as armas se empregam de um para outro dos dois campos em que se dividiu a Republica. Os jornaes citaram, a proposito, uma sua phrase que o define — « Ou eu mato este homem, disse elle, fallando de Murat, ou mato-me! » E matou-se.

Seria esse exactamente o motivo de sua morte? E' de uma espantosa futilidade que um homem se supprima pelo motivo unico de que alguém o aggreuiu em sua honra. Se me accusarem de roubo ou de covardia o que eu tenho a fazer não é metter uma bala nos míolos; resta-me antes demonstrar que não sou nem um covarde nem um ladrão. E Pompeia estava dispensado dessa prova; qualquer um de nós juraria, sem hesitar, na sua honra, no seu brio, na sua coragem e no seu valor.

Siemot.



ANNO BOM

Anno Bom!

Bom porque? Porque começa apenas e ainda não deu motivo para que agente o deteste?

Ou porque, por mais prodigo de dissabores que nos venha, ha de ficar áquem desse miseravel anno de 95?

Desgraçado anno, esse, o que ahí vae agora para a valla commum!

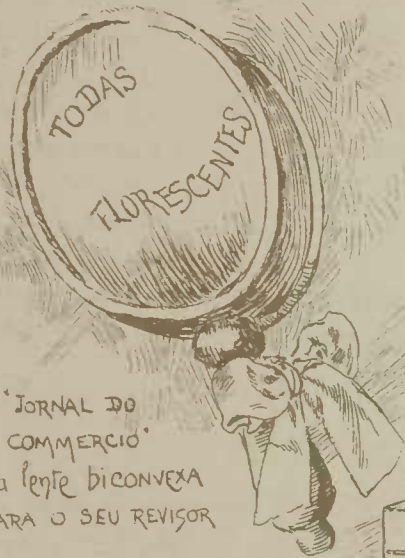
Começou por uma catastrophe — a da barca *Terceira*; acabou por outra — o *Burro de carga*, no Lucinda.

Anno Bom! Oxalá que o seja, o de 96 — e que lhes dê muito dinheiro, aos senhores, e que nos dê muitos assignantes, a nós.

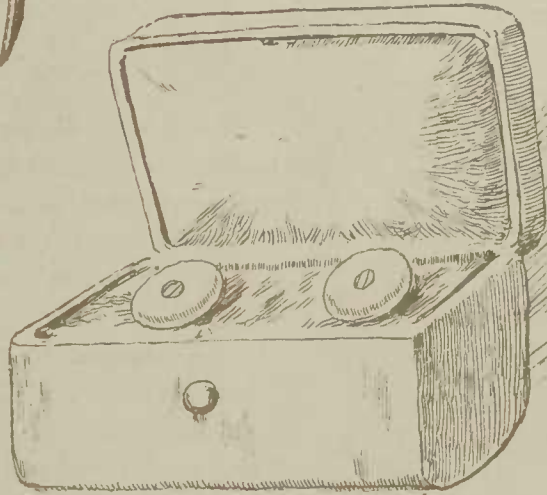
Porque nós não fazemos questão de dinheiro; só fazemos questão de assignantes... que paguem, está bem visto.



# AS RESTAS DA CIGARRA



Ao 'JORNAL DO COMMERCIO' uma lente biconvexa PARA O SEU REVISOR



Ao PAIZ, um par de botões de... marfim.



Ao Figueiredo Coimbra, o projecto de um "dialogo" sobre a ilha da TRINDADE entre um patriota surdo-mudo e um inglez que não saiba uma palavra de portuguez.

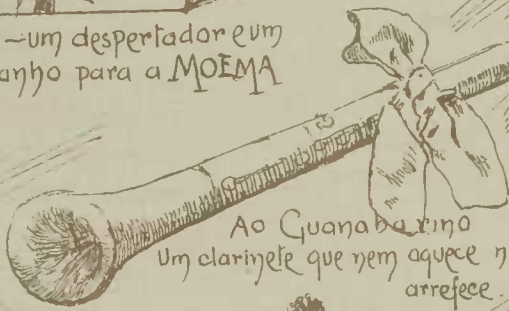


A BERNARDEU - um despertador e um lençol de banho para a MOEMA

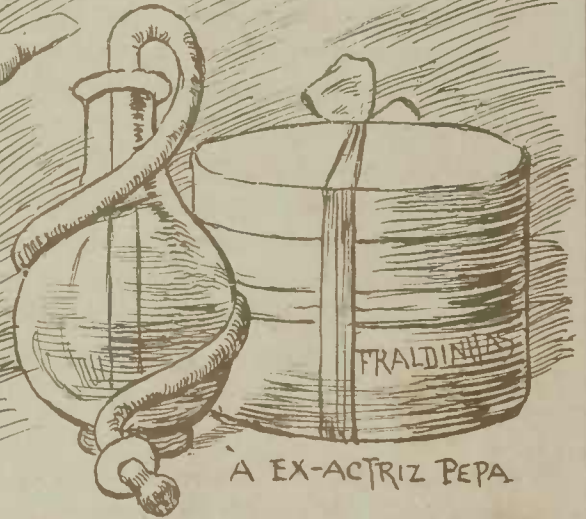


A HENRIQUE CHAVES

UM BIGODE NOVO.

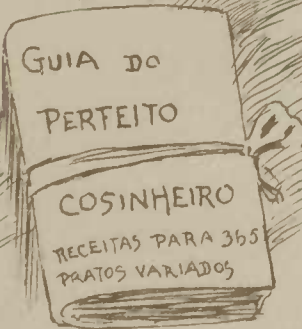


Ao Guanabara rino um clarinete que nem aquece nem arrefece.

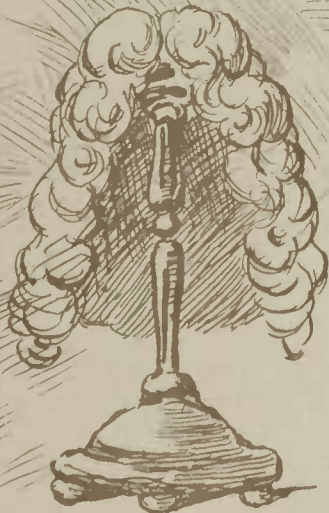


A EX-ACTRIZ PEPA

o selim é, talvez, pequeno...



A FIGUEIREDO PIMENTEL um livro... bom.

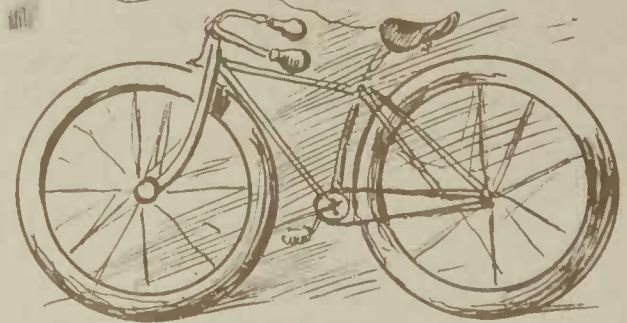


Ao JOÃO CHAVES

A CABELLEIRA DE MARQUEZ DE POMBAL



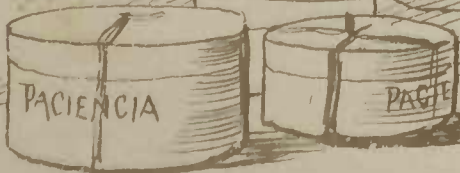
Ao ALUISIO D'AZEVEDO EM... VIGO.



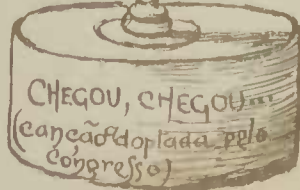
Ao ARTHUR D'AZEVEDO



Ao BRAVO collega D. Quixote



Ao Sr PORTA, chefe das officinas Bevilacqua, o mais valioso auxiliar da CIGARRA, uma provisoesinha de Paciencia para nos aturar.



Ao INSTITUTO DE MUSICA



A LULU SENIOR uma colleção de photographias de damas que frisam... obigode

JULIO HAGADO



# NO PAR



1  
No da inglesa — Um registro da santissima... Trindade.

2  
Quanto ao logista



3  
Se for de joias — Dr. Antonio



4  
Se for de botas — um pintor lauro



5  
No de um estudante de medicina — Um cadaver.



7  
No de um conejo:  
" Se é velho, põe-se uma galinha



# PAR DE BOTAS...



4  
De um empregado da Intendencia -  
Uma dentadura... pratica



3 - pintor laureado.



5  
- De uma actriz de revistas?  
- No de uma actriz põe-se um  
banqueiro.



2 - uma galinha assada

Se é moço põe-se uma crioula... crua."

Nota - Se houvesse uma  
outro par e se fosse de moça bo-  
nita, eu poria o Julião Machado.

Belmiro



# ANGELUS



ESTINGARDA DE... REPETIÇÃO

DIÁRIO DE NOTÍCIAS

RIO GRANDE

ILLUSÕES VIVORIO.  
ESPERANÇAS.  
PROJECTOS.  
DISCURSOS.  
FLORES DE LARANJEIRA  
ENTUSIASMOS.  
ODIOS.  
PROMESSAS.  
ESTANTES DE F. CENTO

CAMBIO  
PELA HORA DA MORTE

FREGOLI

um clarinete quente

um clarinete  
frio.

CONSPIRAÇÕES

1896

1896 — Eh! eh! E então ?...

1895 — Pinta o... caneco.— Viva a Republica !

JULIO MACHADO

31. Dezembro  
1895.



## AS SEREIAS

Foi pelo mar em fóra. A recurva trireme  
ampla, em prata, estendendo um rastilho d'espuma  
leva, leguas além, a aurea canção que geme  
da harpa que canta e ri nas cordas, uma a uma.

Vibra sempre a canção; adelgaça-se a bruma;  
surge a lua e o luar á superficie treme  
do mar, que a essa canção, em cólo, a vaga apruma,  
extreme de paixões, de coleras extreme.

Tão humano é esse canto, á prôa, soberano,  
e os golphins e dragões sorvem-lhe o echo em tal dóse,  
que pouco a pouco vão tomando o aspecto humano.

Cessa, brusco, a canção, e as sereias em rima  
quedam pasmas de ver essa metamorphóse:  
— monstros do ventre abaixo e deusas ventre acima.

(Dos Versos Antigos).

Emilio de Menezes.



## SONETO

NO ALBUM DE D. MARIA DE AZAMBUJA

Maria, ha no seu gesto airoso e nobre,  
Nos olhos meigos e no andar tão brando,  
Um não sei que, suave, que descobre,  
Que lembra um grande passaro marchando.

Quero, ás vezes, pedir-lhe que desdobre  
As azas; mas não peço, receiando  
Que, desdobradas, possam ir voando  
Leval-a ao tecto azul que a terra cobre.

E penso então, e digo então commigo:  
« No céo, que vê passar todas as gentes,  
Bastem outros primores de valia.

« Passaro ou moça, fique o olhar amigo,  
O nobre gesto e as graças excellentes  
Da nossa casta e lépida Maria ».

Machado de Assis

## VIDA NOCTURNA

Esperar, sempre esperar!

Ainda estamos á espera de que a companhia de zarzuela  
do Recreio Dramatico nos dê uma peça nova, em vez do  
estafado repertório que o nosso publico deve estar farto de  
apreciar!

Os espectaculos têm sido rendosos; muito mais o seriam,  
porém, se apresentassem alguma novidade interessante.

No Variedades, estreiou uma companhia que andou ulti-  
mamente por Cascos de Rolhas, da qual é empregaria a actriz  
Ismenia dos Santos (1820—19..?) e director o actor Dias  
Braga, e fazem parte os artistas Leolinda Amoedo, Ferreira,  
Adelaide Coutinho, Henriqueta Chaves, Rangel, Domingos  
Braga e outros em quem poder não teve... a vida.

A peça de estreia intitula-se os *Demonios da noite*, um  
dramalhão indigesto mas muito ao paladar das nossas platéas.

Não tardam ahí o *Guia da montanha* e o indefectível  
*Conde de Monte-Christo*.

No Apollo voltam á scena os *Sinos de Corneville*, em-  
quanto não se resolve a questão da *Ilha da Trindade*, peça  
de Eduardo Garrido.

Dar-se-há caso que tenhamos, enfim, n'um dos nossos  
theatros, alguma coisa de espirito?

Depois de um conflicto de bastidores, havido no Eden-  
Lavrado, conflicto que suspendeu por algumas noites as re-  
presentações da *Ranha dos gemos*, voltou á scena essa  
magica, que lá vae fazendo a sua obrigação.

Annuncia-se em ensaios um *poema* do Dr. Vicente Reis.  
Bem me quiz parecer que o Dr. Vicente Reis era poeta...

Eu sou um chronista theatral *sui generis*. Tanto assim é,  
que peço aos leitores noticias da serpe em tina debaixo d'agua  
do S. Pedro.

Já repararam que esse theatro, de tantas e tão gloriosas  
recordações, deu ultimamente em explorar a agua?

Eu preferia vel-o pegar fogo... pela terceira vez.

No Lucinda continúa em scena o *Burro de carga*.  
Nunca imaginei que essa borracheira desse mais de tres  
representações!

E' o caso de parodiar Boileau: um burro encontra sempre  
outros mais burros que o admiram.

A proposito:

Uma do Montaury, domingo, no Frontão Lavradio, depois  
de uma quinela que deu um pulão (\*):

— Tenho notado uma singularidade: todas as vezes que  
o rateio é graúdo, ha poucas *poules* vendidas!

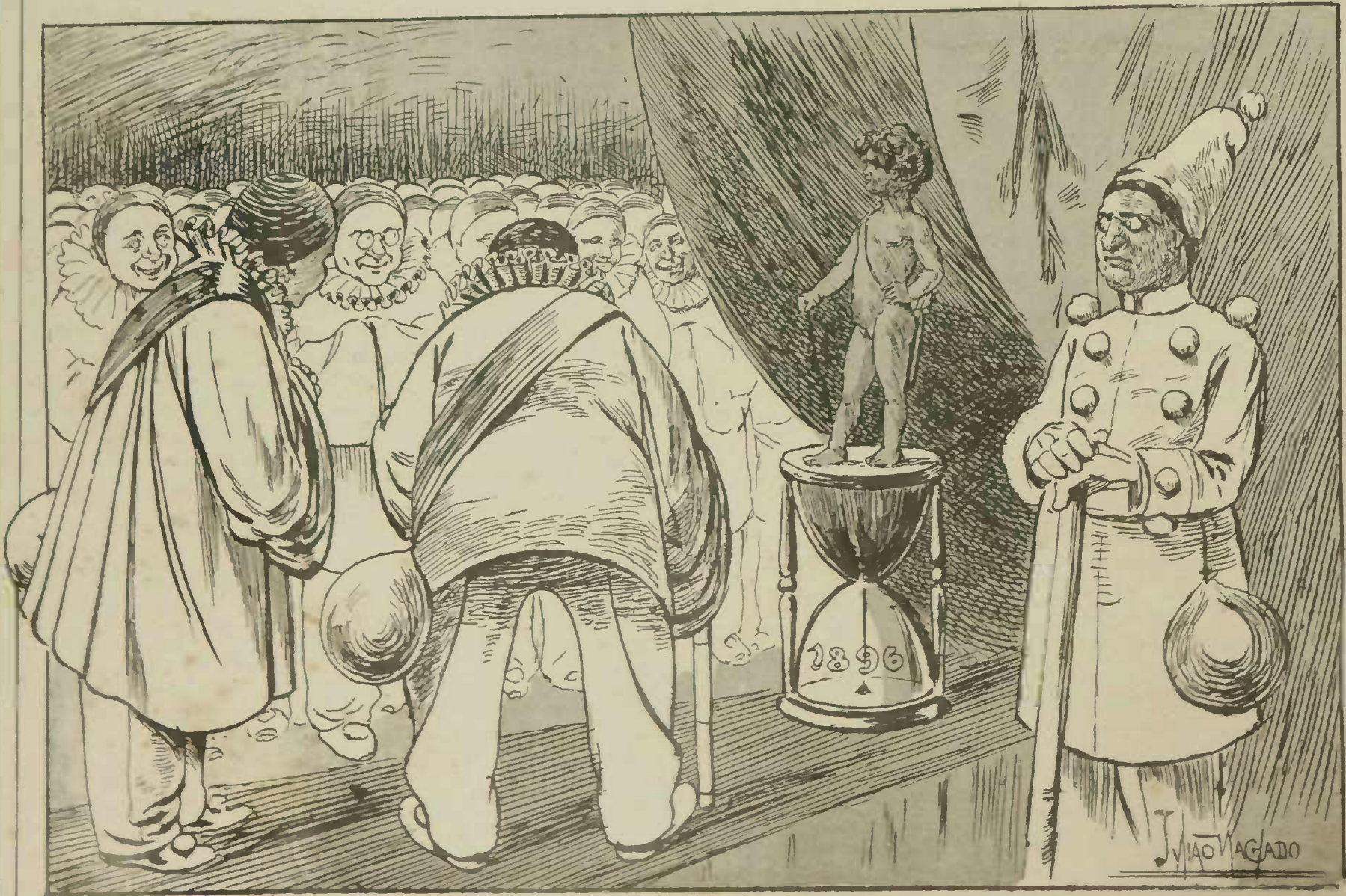
João Piloto.

(\*) Pulão, poule grande. Vid. Dicc da Acad.





LE ROY EST MORT!..



- VIVE LE ROY !..



















